

The background of the cover is a detailed illustration. It depicts a massive, dark, and heavily damaged industrial structure, possibly a ship or a large machine, that has been partially buried under a thick layer of sand or ash. In the background, a large, classical-style dome with columns is visible, suggesting a city or a significant building that has been overtaken by the industrial decay. The sky is a deep teal color, and there are small, dark silhouettes of birds or debris floating in the air. In the foreground, three figures are standing on the sandy surface. The central figure is a man in a dark suit, holding a glowing yellow light source. To his left, another figure is visible, and to his right, a smaller figure is crouching. The overall mood is one of mystery and post-apocalyptic horror.

PHILIP REEVE

LIVRO 4
ENGENHOS MORTÍFEROS

UMA PLANÍCIE
SOMBRIA

 EDITORIAL PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

PHILIP REEVE

LIVRO 4
ENGENHOS MORTÍFEROS

UMA PLANÍCIE
SOMBRIA

 EDITORIAL PRESENÇA

Table of Contents

Philip Reeve

Primeira Parte

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Segunda Parte

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Terceira Parte

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Quarta Parte

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Agradecimientos

Philip Reeve

Uma Planície Sombria
Mortal Engines

Editorial Presença

Primeira Parte

Capítulo 1

Supermosquitos Sobre Zagwa

Theo subia desde madrugada; primeiro as íngremes estradas, veredas e caminhos de cabras por trás da cidade, depois as encostas de cascalho solto e por fim a vertente nua da montanha, atendo-se onde podia a fendas e falhas por onde se estendiam sombras azuis. O Sol já ia alto quando chegou ao cume. Parou por um momento para beber água e recuperar O fôlego. À sua volta as montanhas tremiam tapadas pela névoa de calor que se elevava das pedras quentes.

Com muito, muito cuidado, Theo subiu para uma língua de rocha que se projetava do cume da montanha. De cada lado, penhascos abruptos desciam a pique centenas de metros para uma confusão de rochas pontiagudas; árvores; rios brancos. Uma pedra, deslocada, caiu silenciosamente, rebolando, para sempre. À sua frente, Theo via apenas o céu limpo. Endireitou-se, respirou fundo, correu os últimos metros para a borda da rocha e saltou.

Cortou o ar, sempre a descer, ofuscado pelo piscar de montanha e céu, montanha e céu. Os ecos do seu primeiro grito caíram no silêncio e ele só conseguia ouvir as batidas aceleradas do coração e a rajada de ar nos ouvidos. Tombando no vento, saiu da sombra do penhasco para a luz do sol, e vislumbrou em baixo — muito em baixo — a sua terra, a cidade estática de Zagwa. Dali de cima, as cúpulas de cobre e as casas pintadas pareciam brinquedos; os dirigíveis entrando e saindo do porto eram pétalas sopradas pelo vento; o rio serpenteando pelo desfiladeiro, um fio de prata.

Theo observou tudo com afeto, até ficar escondido por uma saliência na montanha. Houve um tempo em que julgara que nunca regressaria a Zagwa. No campo de treinos da Green Storm ensinaram-lhe que o seu afeto pela terra e pela família era um luxo; algo que tinha de esquecer se quisesse cumprir o dever numa guerra por um mundo novamente verde. Mais tarde, como escravo na cidade-jangada de Brighton, sonhara com a sua terra, mas julgara que a família não o iria querer de volta; eram antitracionistas à moda antiga, e ele calculou que ao fugir para se juntar à Storm se tornara proscrito para sempre. No entanto, ali estava, de novo entre

as suas montanhas africanas; agora, era a sua estada no Norte que lhe parecia um sonho.

E fora tudo obra de Wren, pensou ao cair. Wren; aquela rapariga estranha, corajosa e cómica que conhecera em Brighton, sua companheira de escravatura. — Volta para casa, para os teus pais — dissera-lhe Wren, depois de fugirem juntos. — Eles ainda te amam, e vão receber-te de braços abertos, tenho a certeza. — E não se enganara.

Um pássaro surpreendido passou disparado à sua esquerda, lembrando Theo de que estava a meio do ar sobre um monte de rochas de aspeto pouco simpático e que descia rapidamente. Abriu o grande planador que trazia preso às costas e soltou um grito de triunfo quando as asas o puxaram com um sacão para cima, transformando a sua queda vertiginosa num voo gracioso e planado. O rugido do vento a passar-lhe em torrente pelos ouvidos extinguiu-se pouco a pouco, dando lugar a ruídos mais suaves; o murmúrio das grandes asas de seda de silício, o rangido das cordas e das estacas de bambu.

Quando era mais novo, Theo trouxera muitas vezes o seu planador ali para cima, pondo a coragem à prova nos ventos e nas correntes aéreas ascendentes. Muitos jovens de Zagwa faziam o mesmo. Desde que regressara do Norte, havia seis meses, ele olhara ocasionalmente com inveja para as asas brilhantes planando junto às montanhas, mas nunca se atrevera a juntar-se-lhes. O tempo que passara fora mudara-o demasiado; sentia-se mais velho do que os outros rapazes da sua idade, e, no entanto, acanhava-se perante eles, com vergonha das coisas que tinha sido: piloto de Derrubantes, prisioneiro e escravo. Mas naquela manhã os outros planadores estavam na cidadela para ver os estrangeiros. Theo, sabendo que teria o céu só para si, acordara ansioso por voltar a voar.

Ele deslizava sobre o vento como um falcão, observando a sua sombra ondulante atravessar os contrafortes soalheiros da montanha. Falcões verdadeiros, pairando por baixo dele no ar vítreo, desviavam-se com gritos agudos de surpresa e indignação quando ele passava; um esguio rapaz negro debaixo de uma asa azul-celeste invadindo-lhes o espaço.

Theo deu uma volta completa no ar e desejou que Wren o pudesse ver. Mas Wren estava longe, percorrendo as Estradas dos Pássaros no dirigível do pai. Depois de fugirem da *Cloud 9*, o palácio

aéreo do Presidente da Câmara de Brighton, e de chegarem à Cidade de Tração de Kom Ombo, ela ajudara Theo a arranjar lugar a bordo de um cargueiro com destino ao Sul. No cais, enquanto o dirigível se preparava para zarpar, eles tinham-se despedido, e ele beijara-a. E apesar de Theo já ter beijado outras raparigas, algumas muito mais bonitas do que Wren, aquele beijo não lhe saía da cabeça; reaparecia continuamente em momentos inesperados como aquele. Quando Theo a beijara, ela perdera todo o seu riso e ironia maliciosa, e ficara trémula, séria e muito quieta, como se estivesse a tentar ouvir algo que ele não conseguia ouvir. Por um instante, ele quisera dizer-lhe que a amava, e pedir-lhe que fosse com ele, ou oferecer-se para ficar — mas Wren estava tão preocupada com o pai, que sofrera um acesso qualquer, e tão zangada com a mãe, que os abandonara e caíra com a *Cloud 9* no deserto, que ele teria achado que estava a aproveitar-se dela. A última recordação que tinha desse dia era de olhar para trás enquanto o seu dirigível subia para o céu e vê-la a acenar, tornando-se cada vez mais pequena, até desaparecer por completo.

Isso tinha sido há seis meses! Meio ano, já... Estava mais do que na altura de parar de pensar nela.

Então, durante um pequeno instante, ele não pensou em mais nada, brincando apenas no ar, inclinando-se para o lado de dentro, descendo e virando para oeste com uma montanha entre si e Zagwa; uma montanha verde onde farrapos e flâmulas de nevoeiro se descolavam do topo da floresta nublada.

Meio ano. O mundo mudara muito nesse tempo. Alterações súbitas e violentas como a deslocação de placas tectónicas; quando subitamente se libertaram as tensões acumuladas ao longo dos muitos anos da guerra da Green Storm. Para começar, a Caçadora Fang desaparecera. Havia agora um novo líder no Pagode de Jade, o General Naga, que tinha fama de duro. O seu primeiro ato como líder foi inverter o avanço da *Traktionstadtsgesellschaft* sobre os Pântanos de Água Ferrugenta e esmagar as cidades eslavas que há anos atormentavam as linhas da Storm mais a norte. Mas depois, para espanto do mundo, ele mandara regressar as suas frotas aéreas e fizera a paz com as Cidades de Tração. Os rumores que chegavam dos territórios da Green Storm diziam que prisioneiros políticos tinham sido libertados e leis severas revogadas; até se afirmava que Naga planeava dissolver a Storm e restaurar a velha Liga Antitração.

Agora enviava uma delegação para encetar conversações com a Rainha e o Conselho de Zagwa — urna delegação chefiada pela própria mulher, a Senhora Naga.

Fora por isso que Theo se levantara de madrugada e levava o seu velho planador para as terras altas sobre a cidade. As conversações começavam naquela manhã, e os pais e as irmãs tinham ido à cidadela para ver se vislumbravam os estrangeiros. Estavam animados e cheios de esperança. Zagwa retirara-se da Liga Antitração quando a Green Storm chegara ao poder, chocada com a sua doutrina de guerra total e com os seus exércitos de cadáveres reanimados. Mas agora (segundo ouvira o pai de Theo), o reanimado General Naga propunha uma paz formal com as cidades bárbaras, e havia até sinais de que estava disposto a dismantelar os Caçadores da Storm. Se isso acontecesse, Zagwa e as outras cidades estáticas africanas poderiam voltar a unir-se em defesa dos lugares verdes do mundo. O pai de Theo desejava muito que a esposa e os filhos estivessem na cidadela naquele momento histórico e, além disso, queria ver a Senhora Naga, que, segundo ouvira, era muito jovem e bonita.

Mas Theo já vira tudo o que desejava ver da Green Storm, e não acreditava em nada que Naga ou os seus emissários diziam. Por isso, enquanto o resto de Zagwa se amontoava nos jardins da cidadela, ele flutuava e planava no ar dourado, e pensava em Wren.

Depois, em baixo, viu movimento onde nada devia mexer-se; nada exceto pássaros, e aqueles eram demasiado grandes para serem pássaros. Subiam do nevoeiro branco sobre a floresta nublada, dois minúsculos dirigíveis, com balões às riscas amarelas e pretas, como vespas. Theo reconheceu imediatamente as suas barquinhas e as capotas aerodinâmicas dos motores, pois fora obrigado a memorizar as silhuetas de dirigíveis inimigos durante o treino na Green Storm. Aqueles eram Supermosquitos Cosgrove, que as cidades da *Traktionstadtsgesellschaft* usavam como bombardeiros.

Mas que faziam ali? Tanto quanto Theo sabia, as *Traktionstadts* nunca tinham enviado dirigíveis para África, e muito menos para uma região tão a sul.

De seguida pensou: *Estão aqui por causa das conversações.* Aqueles foguetões que via brilhando como facas nas armações debaixo das barquinhas seriam em breve lançados sobre a cidadela, onde se encontrava a mulher de Naga; onde se encontrava a Rainha;

e a família de Theo.

Ele tinha de os impedir.

Era estranho, como encarava aquilo com calma. Momentos antes sentira-se completamente em paz, desfrutando da luz do sol e do ar puro, e agora talvez estivesse prestes a morrer, e, no entanto, parecia tudo muito natural; outra porção da manhã, como o vento e a luz do sol. Inclinou o planador e desceu em direção ao segundo dos Supermosquitos. Eles ainda não o tinham visto. Os Mosquitos eram dirigíveis com dois aviadores, e Theo duvidava de que eles estivessem muito atentos. O planador aproximava-o cada vez mais, até ele conseguir ver a tinta descamar-se nas coberturas dos motores. Os grandes lemes de direção exibiam o símbolo da *Traktionstadts-gesellschaft*; uma manopla cerrada dentro de uma roda. Theo deu por si quase a admirar a coragem daqueles aviadores, que se haviam metido tão profundamente em território Antitracionista nos seus dirigíveis inconfundíveis.

Ele lançou o planador para trás e parou a meio do ar, como aprendera quando era mais novo, planando nas correntes térmicas sobre o lago Liemba com os amigos da escola. Desta vez, porém, desceu não para a água mas para o topo duro e arqueado do balão do dirigível. O barulho da queda pareceu-lhe terrivelmente alto, mas Theo disse para consigo que os homens na barquinha nada teriam ouvido além do ronco dos grandes motores. Soltou-se do arnês e tentou meter o planador por baixo dos cabos que se estendiam pela superfície do balão, mas o vento apanhou as asas e ele teve de as largar para não ser arrastado. Agarrou-se aos cabos e viu o planador tombar para trás sem poder fazer nada.

Theo perdera o único meio de fuga, mas antes que pudesse preocupar-se com isso, uma escotilha abriu-se de repente a seu lado e ele viu uma cabeça com capacete de pele a fitá-lo através de óculos protetores coloridos. Afinal, sempre o tinham ouvido. Atirou-se para a frente, e ele e o aviador caíram juntos pela escotilha e por uma pequena escada para um passadiço de metal entre dois dos cilindros de gás do dirigível. Theo levantou-se apressado, mas o aviador permaneceu imóvel, atordoado. Era uma mulher; tailandesa ou lauciana, pelo aspeto. Theo nunca ouvira falar de orientais a combater pelas *Traktionstadts*. No entanto, ali estava ela, num dos uniformes citadinos, voando em direção a Zagwa num dirigível citadino carregado de foguetões.

Era um mistério, mas Theo não tinha tempo para pensar nisso. Amordaçou a aviadora com o lenço que esta trazia ao pescoço, tirou-lhe a faca do cinto e cortou um bocado de corda da rede em volta

dos cilindros de gás que usou para lhe atar as mãos ao corrimão do passadiço. Ela acordou quando ele dava os últimos nós e começou a debater-se, olhando-o furiosa através dos óculos partidos.

Theo deixou-a a contorcer-se junto ao corrimão e correu pelo passadiço para outra escada, descendo por entre as sombras dos cilindros de gás. O ruído dos motores ressoava à sua volta, abafando rapidamente os palavrões amordaçados vindos de cima. Quando entrou na barquinha, a luz das janelas ofuscaram-no. Piscou os olhos e viu o piloto aos comandos, de costas para ele.

— Que foi? — perguntou o homem, em esperanto aéreo. (Esperanto aéreo? Era a língua franca dos céus, mas Theo julgara que as *Traktionstadts* usassem o alemão...)

— Um pássaro? — insistiu o homem, fazendo qualquer coisa aos comandos, e voltou-se. Também era oriental. Theo empurrou-o contra a antepara e mostrou-lhe a faca.

Lá fora, a cidade revelava-se além de um contraforte das montanhas. A tripulação do Supermosquito da frente, não fazendo ideia do que acontecia a bordo da nave gémea, virou os lemes e começou a descer em direção à cidadela.

Forçando o piloto a sentar-se, Theo procurou os comandos do rádio. O aparelho era idêntico ao da cabina do Derrubante que pilotara para a Storm. Berrou para o microfone: «Zagwa! Zagwa! Estão a ser atacados! Dois dirigíveis! Eu estou no detrás!», acrescentou depressa, quando tufos de fogo antiaéreo desataram a explodir no céu à sua volta, e estilhaços matraquearam a barquinha blindada e racharam as vidraças.

O piloto escolheu esse momento para tentar lutar, saltando da cadeira e marrando com força nas costelas de Theo. Este deixou cair o microfone e o piloto agarrou-lhe a mão que segurava a faca. Lutaram pelo domínio da faca, até que de repente apareceu sangue por todo o lado, e Theo olhou e percebeu que era o seu. O piloto voltou a esfaqueá-lo, e Theo gritou de ira, de medo e de dor, tentando desviar a lâmina. Fitando o rosto furioso e cerrado do

adversário, nem sequer reparou no dirigível que explodia à sua frente em chamas cor de açafão. A onda de choque surgiu de surpresa, estilhaçando todas as janelas da barquinha ao mesmo tempo; e depois os destroços batendo e sacudindo o balão. Uma pá da hélice soltou-se e rasgou a barquinha de uma ponta à outra, como uma foice. O piloto caiu às cambalhotas pelo rasgão enorme na parede lateral, deixando Theo com uma imagem residual dos seus olhos incrédulos e esbugalhados.

Theo precipitou-se para o rádio e agarrou no microfone caído. Não sabia se ainda estava a funcionar, mas, mesmo assim, pôs-se a gritar, até que a exaustão, o terror e a perda de sangue o venceram. A última coisa que ouviu, ao escorregar para o convés, foi uma voz a dizer-lhe que a ajuda ia a caminho. Duas plumas de fumo elevavam-se da cidadela. Por cima, azuis como donzelinhas, os dirigíveis da Frota Aérea de Zagwa subiam para o céu dourado.

Capítulo 2

Assuntos Do Coração

De: Wren Natsworthy
AM Jenny Haniver
Peripatetiaopolis
24 de abril de 1026 ET

Querido Theo,

Espero que a vida em Zagwa não seja muito aborrecida? Pelo sim pelo não, achei que devia sentar-me e escrever-te uma carta a sério para te contar tudo o que tenho andado a fazer. Parece difícil acreditar que já passou tanto tempo... parece que foi ontem — Brighton, Cloud 3, e a minha mãe...

Pouco depois de partires para Zagwa, o Professor Pennyroyal também nos deixou; ele tem amigos noutras cidades e foi visitar alguns deles — ou viver à custa deles, imagino, porque não levou nada consigo dos destroços da Cloud 9, apenas as roupas, demasiado extravagantes para vender no bazar de Kom Ombo. Quase tive pena dele. Afinal, sempre nos ajudou, levando-nos para Kom Ombo e depois arreliando aqueles médicos do hospital até eles tratarem o meu pai de graça. Mas vai ficar bem, suponho (o Pennyroyal, quero dizer). Disse-me que está a pensar escrever outro livro, sobre a batalha de Brighton. Prometeu-me que não iria mentir, sobretudo acerca de nós, mas calculo que seja uma daquelas promessas de que se esquecerá assim que se sentar à frente da máquina de escrever.

O meu pai também está bem. Aqueles médicos de Kom Ombo deram-lhe uns comprimidos verdes para tomar, que lhe aliviam um pouco as dores, e não teve mais nenhum ataque desde aquela noite horrível na Cloud 9. Mas parece muito velho, de certo modo, e muito triste. É por causa da minha mãe, claro. Ele amava-a de verdade, apesar do feitio dela. Estar sem ela, sem saber sequer se está viva ou morta, transtorna-o profundamente, embora tente ser corajoso.

Pensei que, depois de melhorar, ele quisesse levar-me diretamente para Anchorage-in-Vineland, mas ainda não o sugeriu. De maneira que desde então temos viajado pelas Estradas dos Pássaros, vendo um pouco

do mundo, e vendendo alguma coisa — sobretudo antiguidades e Tecnologia Antiga, mas coisas inofensivas, nada como aquele terrível Livro de Estanho! Temo-nos saído bem — o suficiente para darmos ao dirigível um nova demão de tinta e mandarmos fazer uma vistoria aos motores. Voltámos a batizá-lo Jenny Haniver, o nome que tinha antes de o Professor Pennyroyal o ter roubado aos meus pais há já tanto tempo. A princípio, perguntámo-nos se não seria perigoso, mas penso que já ninguém se lembra de que esse era o nome do velho dirigível da Caçadora Fang, e se se lembram, pouco se importam.

Já ouviste falar nas tréguas? (Sempre achei que o General Naga era boa pessoa. Quando fomos capturados pela Storm na Cloud 9, os soldados dele queriam empurrar-me e picar-me com as armas, e o Naga impediu-os. É bom saber que o novo líder da Storm se opõe firmemente aos empurrões.) Enfim, toda a gente anda muito entusiasmada com as tréguas, esperando que a guerra tenha acabado, e eu também espero.

Estou a adaptar-me muito bem à vida de mercadora aérea. Ias achar-me muito mudada se me pudesses ver. Cortei o cabelo ao estilo mais moderno, assim meio torto; mais comprido de lado, até abaixo do queixo, mas apenas até à orelha no outro. Não quero parecer vaidosa, mas está extremamente sofisticado, mesmo que às vezes me faça sentir como se estivesse num declive. Também tenho botas novas, altas, e um casaco de cabedal, não dos compridos que o meu pai e os outros aviadores antiquados usam, mas uma túnica, com forro de seda vermelha e tiras pontiagudas em baixo chamadas ínfulas ou lapelas ou coisa parecida. Neste momento estou sentada num café por trás da doca aérea aqui em Peripatetiapolis, sentindo-me uma verdadeira aviadora, e aproveitando simplesmente estar a bordo de uma cidade. Nunca conseguia imaginar como eram as cidades a sério, quando vivia na sonolenta e velha Anchorage, mas agora, que passo metade do tempo nelas, descobri que as adoro — as pessoas, o movimento, a vibração nos passeios provocada pelos motores, como se Peripatetiapolis inteira fosse um enorme animal vivo. Estou à espera do meu pai, que foi às plataformas superiores para ver se os médicos de Peripatetiapolis lhe arranjam comprimidos melhores do que aqueles que trouxe de Kom Ombo. (Ele não queria ir, claro, mas convenci-o!) E aqui sentada, comecei a pensar em ti, como costumo fazer tantas vezes, e pensei...

Não servia, decidiu Wren. Amachucou a folha e atirou-a para o caixote do lixo mais próximo. Estava a tornar-se uma excelente atiradora. Aquela devia ser a vigésima carta que escrevera a Theo, e

até agora não enviara nenhuma. Mandara-lhe um cartão no Natal, porque embora Theo não fosse muito religioso, vivia numa cidade crista e provavelmente celebrava aquelas estranhas festas antigas dos cristãos; mas escrevera apenas *Feliz Natal* e dera-lhe uma ou duas notícias dela e do pai.

O problema era que Theo talvez já nem se lembrasse dela. E mesmo que se lembrasse, era pouco provável que estivesse interessado nas roupas dela, ou no corte de cabelo, ou nas outras coisas. E aquela parte acerca de como ela gostava da vida citadina talvez até o chocasse, porque ele era um Antitracionista ferrenho e podia ser bastante altivo...

Mas não conseguia esquecê-lo. Nem de como ele fora corajoso, na *Cloud 9*. E o beijo de despedida, no cais aéreo de Kom Ombo, no meio daquelas pilhas de amarras oleosas e atrelagens de caravanas aéreas e estivadores ruidosos e motores ensurdecedores. Wren nunca tinha beijado ninguém. Nem sabia ao certo como o fazer; não sabia onde colocar o nariz. Quando os dentes deles se tocaram, ela temera que estivesse a fazer tudo mal. Theo rira-se, e comentara que aquilo era engraçado, o modo de beijar, e ela dissera que achava que poderia habituar-se com um pouco mais de prática, mas então o capitão do dirigível já gritava «Todos para bordo!» e soltava os ganchos de atracação, e não houvera tempo...

E isso acontecera há seis meses. Theo escrevera uma vez — uma carta que chegara a Wren em janeiro num miserável caravançaraí aéreo nas Tannhäuser — para lhe dizer que regressara são e salvo a casa e que fora recebido pela família «como o filho pródigo» (seja lá o que isso for). Mas Wren nunca conseguira escrever uma resposta.

— Bolas! — exclamou, e pediu outro café.

Tom Natsworthy, o pai de Wren, já enfrentara a morte muitas vezes, e todo o tipo de situações assustadoras, mas nunca sentira um medo tão frio como aquele.

Estava deitado, nu, numa fria mesa de metal no consultório de um especialista do coração na Segunda Plataforma de Peripatetiapolis. Por cima dele, uma máquina com um comprido pescoço hidráulico de múltiplas articulações virava a cabeça de metal de um lado para o outro e examinava-o com ar curioso. Tom tinha quase a certeza de que aquelas lentes verdes e incandescentes

na ponta haviam sido tiradas de um Caçador. Imaginava que hoje em dia seria fácil encontrar peças de Caçadores, e devia dar-se por feliz que tantos anos de guerra tivessem pelo menos produzido algumas coisas boas: novas técnicas de medicina e máquinas de diagnósticos como aquela. Mas quando a cabeça de aço rombuda se aproximou do seu peito, e ele ouviu o mecanismo a ranger e a zumbir por trás daqueles olhos brilhantes, a única coisa que lhe veio à cabeça foi o velho Caçador Shrike, que o perseguira e a Hester pelo Terreno Exterior no ano em que Londres morrera.

Com o exame concluído, o Dr. Chernowyth desligou a máquina e saiu da pequena cabina de paredes de aço. Mas nada podia dizer a Tom que este já não tivesse adivinhado. Ele tinha uma falha no coração. Fora causada pela bala com que Pennyroyal o atingira, em Anchorage, naquele ano longínquo. Estava a piorar, e um dia matá-lo-ia. Restavam-lhe um ou dois anos de vida, talvez cinco, não mais.

O médico franziu os lábios, abanou a cabeça e disse-lhe que levasse uma vida calma, mas Tom riu-se. Como podia levar uma vida calma, no comércio aéreo? Só se voltasse para Anchorage-in-Vineland, mas, depois do que descobrira acerca de Hester, nunca mais podia regressar. Não tinha nada do que se envergonhar — *ele* não vendera a cidade de gelo aos Predadores de Arkangel, nem assassinara ninguém naquelas ruas cobertas de neve —, mas sentia-se envergonhado por causa da mulher, e ridículo por ter vivido tanto tempo com ela, sem nunca desconfiar das mentiras que lhe contara.

De qualquer forma, Wren nunca iria perdoá-lo se a levasse para casa agora. Tinha o mesmo desejo de aventura que Tom tivera com a idade dela. Gostava da vida nas Estradas dos Pássaros e tinha tudo para ser uma boa aviadora. Ele ficaria com ela, viajando e negociando, ensinando-lhe os costumes dos céus e fazendo o seu melhor para a proteger, e quando a Senhora da Morte viesse buscá-lo para o País sem Sol, ele deixaria a Wren o *Jenny Haniver* e ela poderia escolher a vida que queria; a paz de Vineland ou a liberdade dos céus. As notícias que chegavam do Oriente pareciam animadoras. Se aquelas tréguas durassem, em breve surgiriam várias oportunidades para o comércio.

Quando saiu do consultório do Dr. Chernowyth, Tom sentiu-se logo melhor. Lá fora, sob o céu do crepúsculo, parecia impossível que estivesse prestes a morrer. A cidade balançava e roncava

levemente

ao dirigir-se para norte pela rochosa costa ocidental do Grande Terreno de Caça. Ao longe, no mar prateado e reluzindo com os últimos raios do sol, uma vila piscatória tentava acompanhar o andamento da cidade sob uma nuvem de gaivotas. Tom ficou durante algum tempo num miradouro a observá-la, depois tomou um elevador para a Plataforma Inferior e passeou pelo mercado movimentado por trás da doca aérea, recordando a sua primeira visita àquela cidade, com Hester e Anna Fang, vinte anos antes. Tinha comprado um lenço vermelho para Hester numa daquelas bancas, para lhe poupar o incómodo de estar sempre a esconder o rosto marcado com a mão...

Mas ele não queria pensar em Hester. Quando começava a pensar nela, lembrava-se da maneira como se haviam separado, e o que ela fizera deixava-o tão zangado que sentia o coração acelerar e torcer-se no peito. Não podia pensar em Hester.

Dirigiu-se para a doca, ensaiando na cabeça o que diria a Wren sobre a visita ao médico. («Nada que inspire grandes cuidados. Nem sequer vale a pena operar...») Quando passava pela Casa de Leilões de Tecnologia Antiga de Pondicherry deteve-se para deixar sair uma multidão de mercadores e julgou reconhecer um deles; uma mulher, mais ou menos da sua idade e bastante bonita. Parecia ter sido bem-sucedida no leilão, trazendo nas mãos um embrulho grande e pesado. Não reparou em Tom, e ele continuou a andar tentando lembrar-se do nome dela e de onde a conhecia. Katie, não era? Não, Clytie, era isso. Clytie Potts.

Ele parou, voltou-se e ficou a olhar. Não *podia* ser Clytie. Clytie também era Historiadora, mas andava um ano à frente dele no Grémio quando Londres fora destruída. Morrera na explosão da MEDUSA junto com o resto da metrópole. Não *era* possível que estivesse a passear pelas ruas de Peripatetiapolis. A memória de Tom pregava-lhe uma partida.

Mas era muito parecida!

Ele decidiu voltar para trás. A mulher subia rapidamente uma escadaria para o andar onde se ancoravam os dirigíveis.

— Clytie! — gritou Tom, e o rosto dela virou-se para ele. *Era* ela! De repente Tom tinha a certeza, riu-se alto de felicidade e surpresa, e voltou a chamar: — Clytie! Sou eu! O Tom Natsworthy!

Um grupo de mercadores passou bruscamente por ele, tapando-lhe a vista. Quando voltou a ver, ela tinha desaparecido. Desatou a correr para as escadas, ignorando as pequenas dores de aviso no peito. Tentou imaginar de que forma Clytie poderia ter escapado à MEDUSA. Estaria fora da cidade aquando da sua destruição? Ele ouvira falar de outros londrinos que escaparam à explosão, mas eram membros do Grémio dos Mercadores, e estavam em cidades estrangeiras quando tudo acontecera. Em Rogues' Roost, Hester conhecera o terrível Engenheiro Popjoy; mas este estava na Entranha Profunda quando a MEDUSA explodira...

Subiu a escadaria movimentada aos empurrões e viu Clytie fugir dele por entre as plataformas de atracação de longa estada. Não podia censurá-la, depois da maneira como lhe gritara. Ele devia estar longe demais para ela o reconhecer, e confundira-o com um maluco qualquer, ou com um mercador rival zangado por lhe ter levado a melhor no leilão. Tom correu atrás dela, ansioso por se explicar, e viu-a subir rapidamente outras escadas para a Plataforma Sete onde estava atracado um dirigível pequeno e aerodinâmico. Ele parou ao fundo das escadas apenas o tempo suficiente para ler as informações escritas a giz num quadro, e ficou a saber que o dirigível era o *Archaeopteryx*, registado em Airhaven e comandado por Cruwys Morchard. Depois, com cuidado, para não correr, nem gritar, nem fazer nada que pudesse assustar a mercadora aérea, subiu atrás dela. Claro, com formação de Historiadora, Clytie Potts não teria dificuldade em arranjar lugar a bordo de um dirigível mercador de Tecnologia Antiga. Esse Capitão Morchard certamente contratara-a como especialista, e fora por isso que ela estivera na casa de leilões.

Tom parou ao cimo das escadas para recuperar o fôlego, sentindo o coração martelar violentamente. O *Archaeopteryx* erguia-se sobre ele na penumbra. Estava camuflado. A barquinha, a parte inferior do balão e as capotas dos motores estavam pintadas de azul-celeste. As partes superiores exibiam um padrão ofuscante de verdes, castanhos e cinzentos. Junto à prancha de embarque, dois membros da tripulação esperavam por Clytie sob uma auréola de pálida luz elétrica. Pareciam homens rudes e pobres, como vasculhadores do Terreno Exterior. Quando Clytie se aproximou deles, Tom ouviu um perguntar:

— Conseguiu-as, então?

— Consegui — respondeu Clytie, acenando com a cabeça para o embrulho que levava nos braços. O outro homem avançou para a ajudar, e viu Tom surgir atrás dela. Clytie deve ter reparado na expressão do homem e voltou-se.

— Clytie? — perguntou Tom. — Sou eu, Tom Natsworthy. Aprendiz de Terceira Classe, do Grémio dos Historiadores. De Londres. Sei que provavelmente não me reconheces. Já lá vão... o quê?... quase vinte anos! E deves ter pensado que morri...

A princípio, Tom teve a certeza de que ela o reconheceria, e de que se sentira feliz por o ver, mas a sua expressão mudou; recuou um passo, afastando-se, e lançou um olhar para os homens junto à prancha de embarque. Um deles — alto e magro com a cabeça rapada — levou a mão à espada, e Tom ouviu-o perguntar:

— Este fulano está a incomodá-la, Senhora Morchard?

— Não faz mal, Lurpak — respondeu Clytie, fazendo-lhe sinal para que ficasse onde estava. Depois aproximou-se um pouco mais de Tom e disse, com simpatia: — Lamento, cavalheiro. Deve estar a confundir-me com outra pessoa. Eu sou Cruwys Morchard, dona deste dirigível. Não conheço ninguém de Londres.

— Mas tu... — começou Tom. Examinou-lhe o rosto, confuso. Tinha a certeza de que era Clytie Potts. Ela engordara um pouco, como ele, e o cabelo, que era escuro, estava riscado de branco, como se lhe tivessem caído teias de aranha em cima, mas o rosto era o mesmo... só que o espaço entre as sobrancelhas, onde Clytie Potts ostentara orgulhosamente a tatuagem com o olho azul do Grémio dos Historiadores, estava vazio.

Tom começou a ter dúvidas. Afinal, haviam passado vinte anos. Talvez estivesse enganado.

— Peço desculpa, mas é tão parecida com ela... — conseguiu dizer.

— Não faz mal — respondeu ela, com um sorriso encantador. — Eu tenho um daqueles rostos! Estão sempre a confundir-me com alguém.

— É tão parecida com ela — repetiu Tom, ainda com esperança, como se ela de repente pudesse mudar de opinião e lembrar-se de que afinal *era* Clytie Potts.

Ela fez-lhe uma vénia e voltou-se. Os homens continuaram a

olhar para Tom enquanto a ajudavam a subir a prancha de embarque com o embrulho. Não havia mais nada para dizer, e ele desculpou-se de novo e deu meia-volta, corando profundamente ao descer da plataforma. Começou a atravessar a doca em direção ao ancoradouro do seu dirigível, e não tinha dado mais de vinte passos quando ouviu os motores do *Archaeopteryx* ressoarem atrás de si. Observou-o a elevar-se no céu da noite, tomando velocidade e deixando rapidamente o espaço aéreo da cidade rumo ao Oriente.

O que era curioso, porque Tom tinha a certeza de que o quadro ao lado da plataforma dizia que o dirigível permaneceria em Peripatetiapolis durante mais dois dias...

Capítulo 3

A Misteriosa Senhora Morchard

— Tenho a certeza de que era ela! — exclamou Tom, durante o jantar naquela noite no Jolly Dirigible. — Estava mais velha, claro, e já não tinha a marca do Grémio na testa, o que me fez vacilar um pouco, mas as tatuagens podem ser removidas, não podem?

— Não se enerve, pai... — advertiu Wren.

— Não estou enervado; só curioso! Se for a Clytie, como é que ainda está viva? E porque não admitiu ser quem era?

Ele dormiu pouco naquela noite, e Wren também ficou acordada, na sua pequena cabina no interior do balão do *Jenny*, ouvindo-o percorrer discretamente o passadiço da cabina da popa e tentando não fazer barulho na cozinha enquanto preparava uma chávena de chá das três da manhã.

A princípio ficara preocupada. Não acreditara na sua versão do que o médico do coração dissera, e tinha a certeza de que ele não devia estar acordado a noite inteira a pensar em aviadoras misteriosas. Mas aos poucos começou a interrogar-se se o encontro com aquela mulher afinal não teria sido uma coisa boa. Ao falar dela ao jantar, parecera mais animado do que Wren via há meses; a apatia que se apoderara dele quando a mãe partiu desaparecera, e voltara a ser o mesmo de sempre, cheio de perguntas e teorias. Wren não sabia se era o mistério que o intrigava, ou a ideia de uma ligação à sua cidade natal perdida, ou se o pai simplesmente se sentia atraído por Clytie Potts; mas fosse o que fosse, não seria bom ele ter algo em que pensar além da ex-mulher?

Na manhã seguinte ao pequeno-almoço, ela sugeriu:

— Devíamos investigar. Saber mais acerca dessa autodesignada Cruwys Morchard.

— Como? — perguntou-lhe o pai. — A esta hora o *Archaeopteryx* deve estar a centenas de milhas.

— O pai disse que ela comprou qualquer coisa na casa de leilões — lembrou Wren. — Podíamos começar por aí.

O Senhor Pondicherry, um cavalheiro robusto e brilhante, pareceu tornar-se ainda mais robusto e brilhante quando levantou os olhos dos livros-mestres para ver Tom Natsworthy e a filha entrarem no seu pequeno gabinete. O *Jenny Haniver* já tinha vendido várias peças valiosas através da Casa de Leilões de Tecnologia Antiga de Pondicherry naquela estação.

— Senhor Natsworthy! — disse ele, com um riso abafado. — Menina Natsworthy! Que bom ver-vos! — Levantou-se para os cumprimentar e puxou uma manga comprida com bordados de prata para revelar uma mão morena e rechonchuda que Tom apertou. — Estão bem, espero? Os Deuses do Céu têm sido generosos convosco? O que têm para mim hoje?

— Apenas perguntas, lamento — confessou Tom. — Queria saber o que me poderia dizer acerca de uma arqueóloga *freelance* chamada Cruwys Morchard. Ela fez uma compra aqui ontem...

— A senhora do *Archaeopteryx*? — matutou o Senhor Pondicherry. — Sim, sim; conheço-a bem, mas infelizmente não posso divulgar esse tipo de informações...

— Claro — assentiu Tom. — Desculpe, desculpe.

Wren, que já esperava aquilo, tirou do bolso do casaco um pequeno embrulho de pano que pousou sobre o mata-borrão na secretária do Senhor Pondicherry. O leiloeiro ronronou como um gato ao abri-lo. Lá dentro estava um pequeno invólucro achatado de metal prateado com minúsculas teclas retangulares nas quais ainda se podiam ver uns números.

— Um telemóvel Antigo — esclareceu Wren. — Comprámo-lo no mês passado a um vasculhador que nem sequer sabia o que era. O meu pai ponderava vendê-lo a título particular, mas estou certa de que teria todo o prazer em vendê-lo através da Casa de Pondicherry se...

— Wren! — exclamou Tom, chocado com a astúcia da filha.

O Senhor Pondicherry já tinha baixado a cabeça, aproximando-a da relíquia e encaixando uma lupa de joalheiro no olho.

— Oh, muito bonito! — comentou. — Tão bem conservado! E o comércio de artigos como este está decididamente a aumentar, agora que a paz começa a vingar. Dizem que o General Naga já não tem tempo para guerras, dado que arranjou uma mulher jovem e bonita. Quase tão bonita como a Cruwys Morchard... — Ele voltou-

se para Tom e piscou um olho enorme ampliado pela lupa. — Muito bem. Só entre nós, a Senhora Morchard esteve de facto aqui ontem. Comprou um lote de bobinas *Kliest*.

— Que diabo quer ela fazer com isso? — ponderou Tom.

— Quem sabe? — sorriu o Senhor Pondicherry, radiante, e estendeu as mãos, como se quisesse dizer: *Depois de receber a minha percentagem, quero lá saber o que os meus clientes fazem com o lixo que compram!* — Não têm qualquer utilidade. São artigos para troca, suponho. É a profissão da Senhora Morchard. Mercadora de Tecnologia Antiga, e creio que muito boa. Anda nas Estradas dos Pássaros desde pequenina.

— Alguma vez lhe falou de onde vinha? — perguntou Wren, ansiosa.

O Senhor Pondicherry pensou durante um momento.

— O dirigível dela está registado em Airhaven — respondeu.

— Ah, já sabemos isso. O que queríamos saber era onde cresceu. Onde estudou. Achamos que ela vem de Londres.

O leiloeiro sorriu para Wren com condescendência e voltou a piscar o olho a Tom, metendo o velho telemóvel numa gaveta da secretária.

— Ah, Senhor N, que ideias românticas têm estas jovens! Francamente, Menina Wren! *Ninguém* vem de Londres!

Mais tarde tomaram café numa esplanada com vista para o Oriente e para as intermináveis planícies do Grande Terreno de Caça. Era um dia quente e dourado de primavera. Uma névoa verde preenchia os enormes sulcos e marcas de lagartas que as cidades em trânsito tinham aberto na terra em baixo, e o céu estava cheio de andorinhões aos círculos. Ao longe, no Oriente, uma cidade mineira devorava uma enfiada de colinas que por alguma razão tinha passado despercebida até ali.

— O estranho — refletiu Tom — é que tenho a certeza de que já ouvi aquele nome. Gostaria de saber onde. *Cruwys Morchard*. Deve ter sido nas Estradas dos Pássaros, nos velhos tempos... — Deitou mais café na chávena de Wren. — Deves achar-me muito tolo, por deixar que isto me afete tanto. Só que a ideia de uma Historiadora, ainda viva, depois de todos estes anos...

Ele não conseguia explicar. Nos últimos tempos, pensara cada vez mais nos seus anos de juventude no Museu de Londres. Entristecia-o pensar que quando morresse a memória do lugar morreria com ele. Se houvesse outro Historiador vivo, alguém que tivesse crescido entre as mesmas galerias poeirentas e corredores encerados que ele, que tivesse dormitado durante as aulas do velho Arkengarth e escutado Chudleigh Pomeroy queixar-se dos fracos amortecedores do edifício, então a responsabilidade de recordar tudo isso já não seria tão pesada; os ecos dessas coisas perdurariam noutras memórias, mesmo depois de ele desaparecer.

— O que não percebo — aventou Wren — e por que razão ela não o admite. Não devia ser uma vantagem, para uma mercadora de Tecnologia Antiga, dizer que veio de Londres e foi educada pelo Grémio dos Historiadores?

Tom encolheu os ombros.

— Sempre mantive isso em segredo, quando eu e a tua mãe fazíamos negócios. Londres era impopular naqueles tempos. O que o Grémio dos Engenheiros fez perturbou o equilíbrio do mundo. Assustou muitas cidades e levou à ascensão da Green Storm. Imagino que foi por isso que a Clytie adotou outro nome. Os Potts são uma família londrina famosa; produzem vereadores e presidentes de Grémios desde o tempo de Quirke. O avô da Clytie, o velho Pisistratus Potts, foi Presidente da Câmara durante muitos anos. Se quisesse fingir não ser londrino, não seria boa ideia manter um nome como Clytie Potts.

— E aquelas coisas que ela comprou na Casa de Leilões do Pondicherry — ponderou Wren.

— Bobinas *Kliet*?

— Nunca ouvi falar disso.

— Nem haveria motivo para teres ouvido — explicou Tom.

— Vem do Império Elétrico, que prosperou por estas bandas antes da ascensão da Cultura do Metal Azul, por volta de 10 000 a.T.

— Para que servem?

— Ninguém sabe — respondeu Tom. — Zanussi Kliet, o primeiro Historiador londrino a estudá-las, disse que serviam para concentrar energia eletromagnética, mas nunca ninguém lhes desco-

briu qualquer utilidade prática. O Império Elétrico parece ter sido uma espécie de «beco sem saída» tecnológico.

— Essas bobinas não têm grande valor, então?

— Só como curiosidades. São bastante bonitas.

— Então o que vai a Clytie Potts fazer com elas? — perguntou Wren.

Tom voltou a encolher os ombros.

— Deve ter um comprador, suponho. Talvez conheça um colecionador.

— Devíamos ir atrás dela — sugeriu Wren.

— Para onde? Informei-me no escritório da doca ontem à noite. O *Archaeopteryx* não deixou indicação do seu destino.

— Com certeza vai para o Oriente — aventou Wren, com a confiança de alguém que estudara o comércio aéreo durante uma estação inteira e julgava conhecer os meandros. — Toda a gente vai para o Oriente, agora que as tréguas parecem manter-se, e nós também devíamos ir. Mesmo que não encontremos a Clytie Potts, haverá bons negócios, e eu adorava conhecer o Terreno de Caça Central. Podíamos ir a Airhaven. A Conservatória deles deve ter alguma informação sobre a chamada Cruwys Morchard e o seu dirigível.

Tom acabou o café e disse:

— Pensei que quisesse ir para Sul esta primavera. O teu amigo Theo ainda está em Zagwa, não está? Tenho a certeza de que conseguiríamos autorização para aterrar lá...

— Ah, na verdade, nem tinha pensado nisso — respondeu Wren, casualmente, mas corando.

— Gostei do Theo — continuou Tom. — É um bom moço. Simpático e bem-educado. Bonito, também...

— Pai! — protestou Wren, severamente, advertindo-o para não a provocar. Depois cedeu, suspirou, e pegou-lhe na mão. — Oiça, o Theo é tão bem-educado porque vem de uma família muito fina. São ricos e vivem numa cidade que pertenceu a uma grande civilização quando os nossos antepassados ainda vestiam peles de animais e lutavam por migalhas nas ruínas da Europa. Porque estaria o Theo interessado em mim?

— Seria um idiota se não estivesse — rematou o pai —, e ele não me pareceu idiota.

Wren soltou um suspiro exasperado. Porque não era o pai capaz de perceber? Theo estava na sua cidade, rodeado de várias raparigas muito mais bonitas do que ela. A família provavelmente já o casara com uma delas, e mesmo que não tivesse, ele com certeza já se esquecera de Wren. Aquele beijo, que significara tanto para ela, provavelmente não tinha significado nada para Theo. Não queria fazer figura de parva correndo para Zagwa, batendo-lhe à porta e esperando que ele retomasse o que tinham deixado a meio.

— Vamos para oriente, pai. Vamos procurar a Clytie Potts — insistiu Wren.

Capítulo 4

A Senhora Naga

Theo, que estivera vários dias à deriva em lentas marés de dor e anestesiante, voltou finalmente à superfície num quarto branco e imaculado do Hospital de Zagwa. Através de véus de mosquiteiros e recordações confusas, conseguiu ver uma janela aberta e a luz crepuscular sobre as montanhas. Os pais e as irmãs, Miriam e Kaelo, reuniram-se à volta da cama e, ao recuperar lentamente os sentidos, Theo percebeu que os seus ferimentos deviam ter sido muito graves, porque em vez de troçarem dele e lhe dizerem como estava ridículo ali deitado cheio de feridas e ligaduras, as irmãs pareciam mais inclinadas a chorar, e a beijá-lo.

— Graças a Deus, graças a Deus — repetia a mãe. E o pai, inclinando-se sobre ele, disse:

— Vais ficar bem, Theo. Mas estiveste muito mal, durante uns tempos.

— A faca — disse Theo, lembrando-se, tocando na barriga, que parecia envolta em ligaduras limpas e frescas. — Os foguetões... Atingiram a cidadela!

— Explodiram nos jardins, sem provocar grandes estragos — assegurou-lhe o pai. — Ninguém ficou ferido. Só tu. Gravemente ferido, Theo, e perdeste muito sangue. Quando os nossos aviadores te trouxeram, os médicos estiveram prontos a dar-te como morto. Mas a embaixadora soube do teu estado... a embaixadora da Storm, a Senhora Naga... e veio tratar de ti pessoalmente. Ela era uma espécie de cirurgiã antes de se casar. E não há dúvida de que sabe uma coisa ou duas sobre as entranhas das pessoas. Vais ser famoso, hem, Theo? Foste tratado pela mulher do General Naga!

— Assim, salvaste-lhe a vida e ela salvou a tua — concluiu Miriam.

— Ela vai ficar contente por saber que melhoraste! — exclamou a Senhora Ngoni. — Demonstrou-se muito impressionada com a tua coragem, e revelou grande interesse por ti — acrescentou, apontando orgulhosamente para um enorme ramo de flores a um canto do quarto, enviado pela Senhora Naga. — Veio visitar-me em

pessoa, para me dizer que a operação corra bem. — A mãe de Theo parecia radiante, encantada com a visitante de Shan Guo. — A Senhora Naga é muito boa pessoa, Theo.

— Se é tão boa, que faz na Green Storm? — perguntou Theo.

— Um acidente do destino — sugeriu o pai. — A sério, Theo, ias gostar dela. Posso mandar um recado à cidadela para lhe dizer que estás melhor? Tenho a certeza de que ela quer vir falar contigo...

Theo abanou a cabeça e disse que ainda não tinha recuperado as forças. Estava feliz por ter detido os bárbaros, e grato à Senhora Naga por lhe ter salvado a vida, mas sentia-se incomodado por se encontrar em dívida para com alguém da Green Storm.

No dia seguinte foi autorizado a regressar a casa. E nas semanas que se seguiram, enquanto recuperava lentamente as forças, tentou não pensar na Senhora Naga, apesar de os pais falarem constantemente nela. Na realidade, Zagwa inteira só falava da Senhora Naga. Já toda a gente ouvira contar de como ela tirara as roupas finas e pusera uma bata de médica para salvar a vida do jovem Theo Ngoni, e, à medida que as semanas passavam, surgiam outras histórias acerca dela; de como visitara a antiga catedral, escavada na rocha do monte Zagwa nos Séculos Negros, e rezara com o bispo. Todos pareciam achar que isso era bom sinal, exceto Theo. Ele desconfiava de que aquilo não passava de mais um estratagema da Green Storm.

Dois dos conselheiros da Rainha vieram fazer-lhe perguntas sobre o dirigível que ele abordara. Disseram-lhe que a aviadora que ele capturara estava a ser interrogada, mas que se recusava a colaborar. Felicitaram-no pela coragem. Theo respondeu:

— Não estava a ser corajoso. Não tinha alternativa. — Mas por dentro sentia-se orgulhoso, e feliz, porque agora toda a gente em Zagwa pensaria nele como num herói, em vez de se lembrar apenas de que em tempos ele fugira para se juntar à Storm. — Fico contente por ter conseguido travar aqueles cidadãos antes que magoassem alguém — confessou aos conselheiros. Estes trocaram olhares estranhos e pensativos quando lhes disse aquilo, e o mais jovem parecia prestes a acrescentar qualquer coisa, mas o mais velho interrompeu-o; saíram pouco depois.

Do lado de fora da casa dos pais, Zagwa torrava ao sol. A cidade

já não era tão esplendorosa quando vista do chão; os edifícios, com os telhados descaídos, estavam degradados; a tinta brilhante soltava-se das paredes. Ervas daninhas cresciam nas fendas dos passeios. Até as cúpulas da cidadela estavam cobertas de verdete. Os dias gloriosos de Zagwa tinham sido há mil anos; o enorme império que dominara fora desbaratado por cidades famintas. À sombra da magnólia do outro lado da rua, alguns homens reuniam-se todas as tardes para comentarem com indignação as últimas notícias das atrocidades dos cidadãos do Norte. Talvez alguns dos jovens se indignassem tanto que um dia fugiriam para se juntarem à Storm, como Theo fizera. Ele observava-os da janela, às vezes, e tentava lembrar-se de como era ter a certeza das coisas, mas não conseguia.

Uma tarde, quase um mês após o ataque aéreo, ele estava a ler no pavilhão do jardim quando os pais lhe trouxeram uma visita. Theo mal desviou o olhar do livro quando eles entraram, pois já se acostumara às visitas dos seus muitos tios e tias, ansiosos por lhe verem as cicatrizes e lembrar-lhe o menino traquina que era aos três anos, ou apresentar-lhe as filhas bonitas dos amigos, o que o deixava muito embaraçado. Só quando a mãe disse: «Theo, querido, lembras-te do Marechal do Ar Khora?» é que ele percebeu que aquela visita era diferente.

Khora era um dos melhores aviadores de África, e o comandante da Frota Aérea de Zagwa. Era um homem alto e ainda bonito, apesar dos seus quase cinquenta anos e do cabelo grisalho. Envergava uma armadura de cerimónia e trazia aos ombros a capa tradicional da guarda pessoal da Rainha; amarela com pintas pretas, representando a pele de uma criatura mítica chamada leopardo. Fez uma grande vénia a Theo, saudando-o como a um igual, e trocaram palavras banais e inconsequentes que Theo não recordaria por se encontrar demasiado comovido. Khora era o seu herói desde sempre. Quando Theo tinha nove anos, passara uma estação das chuvas a construir um modelo da nave de Khora, o contratorpedeiro aéreo *Mwene Mutapa*, com um minúsculo Khora de dois centímetros na galeria da popa.

Era uma surpresa tão grande vê-lo ali, de tamanho real, no ambiente familiar da sua casa, que Theo precisou de vários minutos para notar que Khora não viera sozinho. Atrás dele estavam duas criadas estrangeiras trajando túnicas de seda cor de chuva, e atrás

destas, de trajas mais simples, outra mulher, baixa e franzina, que Theo reconhecia de fotografias nos jornais de Zagwa.

— Theo — disse o Marechal Khora —, trouxe a Senhora Naga para te ver.

Theo sabia o que devia dizer: «Não quero vê-la; não quero ter nada que ver com ela nem com o povo dela», mas continuava mudo na presença de Khora e, afinal, quando a embaixadora se aproximou e ele viu o rosto delicado e os óculos pretos e pesados (que ela não usava nas fotos dos jornais), percebeu que a conhecia.

— Estava na *Cloud 9*! — exclamou abruptamente, sobressaltando Khora e as criadas, que esperavam uma saudação mais formal. — Na noite em que a Storm chegou! É a Doutora Zero! Estava com o Naga e...

— E ainda estou com o Naga — respondeu a mulher, com um sorriso ténue e perplexo. Ela era jovem e bastante bonita, apesar do ar de rapaz. O cabelo, que usava curto e verde quando Theo a conhecera, estava mais comprido, e preto. Entre a gola aberta da sua túnica de linho, na cova do pescoço, pendia uma cruz de estanho barata que ela devia ter comprado numa das tendas junto à catedral. Ela levantou uma mão para tocar na cruz e disse: — Então esteve connosco a bordo do *Cloud 9* no ano passado, Senhor Ngoni? Lamento, mas não me lembro...

Theo acenou vigorosamente com a cabeça.

— Eu estava com a Wren. Afastou-nos da Caçadora Fang e perguntou à Wren sobre o *Livro de Estanho*... — Deixou a frase a meio. Acabara de se lembrar do uniforme que ela envergava naquela noite. «Ela era uma espécie de cirurgiã», dissera-lhe o pai, mas isso era apenas meia verdade; ela era cirurgiã-mecânica; uma construtora de Caçadores para o terrível Corpo de Ressurreição da Green Storm.

— Era você? — perguntou ela, ainda a sorrir. — Desculpe. Aconteceu tanta coisa nessa noite, e tanta coisa desde então... Como está a sua ferida? Está a sarar?

— Está melhor — respondeu Theo, decidido.

Khora riu-se e disse:

— Os jovens recuperam depressa! Eu próprio fiquei ferido uma vez, em Batmunkh Gompa, no ano 07. Um maldito londrino

espetou-me a sua espada no pulmão. Às vezes ainda me dói.

— Theo, meu filho — disse o pai —, porque não mostras os jardins à Senhora Naga?

Constrangido, Theo apontou para a porta aberta, e a Senhora Naga acompanhou-o pelos jardins, com as duas criadas seguindo-os a uma distância respeitosa. Olhando rapidamente para trás, viu Khora conversando com os pais, e as irmãs observando-o e rindo-se. Provavelmente estariam a perguntar-se por qual das criadas da embaixadora ele se iria apaixonar, pensou Theo. Eram as duas muito bonitas. Uma era *han* ou *shan* guonesa; a outra devia ter vindo de algures do Sul da Índia; tinha a pele tão escura como a de Theo, e os olhos, que se cruzaram com os dele, eram os mais negros que já tinha visto.

Theo desviou rapidamente o olhar e tentou disfarçar o embaraço apontando para o trilho que conduzia à sua zona preferida do jardim, o terraço com vista para o desfiladeiro. O acesso sombreado estava ladeado por árvores carregadas de flores cor de laranja, e a Senhora Naga baixou-se para apanhar uma flor que caíra e voltava-a nas mãos enquanto caminhava. Observando-a, Theo notou que os seus pequenos dedos estavam salpicados de manchas brancas e castanhas.

— Produtos químicos — explicou ela, percebendo que ele tinha reparado. — Trabalhei durante muito tempo para o Corpo de Ressurreição. Os químicos que usávamos...

Theo perguntou-se quantos soldados mortos ela teria transformado em Caçadores, e como seis curtos meses podiam ter transformado uma pequena e tímida funcionária do Corpo de Ressurreição na mulher do líder da Storm. Como se lhe adivinhasse os pensamentos, a Senhora Naga olhou para ele e disse:

— Fui eu quem matou a Caçadora Fang naquela noite. Reconstruí outro velho Caçador, o Senhor Shrike, e programei-o para a atacar. O General Naga ficou impressionado. Pareceu achar-me muito corajosa. E eu julguei que talvez precisasse de ser protegida, porque há muitas pessoas na Storm que adoravam a Caçadora Fang, e gostariam de me ver morta. E... bem, sabe como os militares podem ser sentimentais. Enfim, ele tratou-me muito bem na viagem para Tienjing e, depois de lá chegarmos e de garantir o seu comando, pediu-me em casamento.

Theo acenou com a cabeça. Era embaraçoso falar de assuntos tão privados com ela. Ele tinha visto Naga; um guerreiro feroz que se deslocava dentro de um ruidoso exosqueleto de metal motorizado para compensar a perda do braço direito e as pernas aleijadas.

Não conseguia imaginar a Doutora Zero a apaixonar-se por ele. O medo, ou o desejo de poder, devia tê-la levado a aceitar o pedido de casamento.

— O General deve sentir muito a sua falta. — Foi a única coisa que conseguiu dizer.

— Penso que sim — respondeu a Senhora Naga. — Mas ele é um homem bom, e deseja sinceramente a paz. Quer restabelecer a amizade entre Zagwa e a Storm. Convenci-o de que eu era a pessoa certa para conversar com os vossos líderes. Ele achou que aqui eu não correria perigo. Ainda há elementos da Storm que odeiam o Naga por tentar pôr fim à guerra, e que me odeiam por ter destruído a sua velha líder e permitido que Naga assumisse o poder. Ele achou que viajando para o outro lado do mundo eu pudesse livrar-me deles durante algum tempo. Parece que se enganou a esse respeito...

Theo não percebeu o que ela queria dizer. Mas naquele momento chegaram à orla das árvores; o terraço soalheiro abriu-se diante deles, e durante alguns minutos a Senhora Naga só conseguiu dizer «Oh!» e «Ah!» e «Que vista magnífica!»

E *era* magnífica. Até Theo, que a conhecera toda a vida, ficava estarecido às vezes quando entrava naquele terraço e olhava além da balaustrada. As encostas escarpadas do desfiladeiro de Zagwa desciam a pique para a curva verde-azulada do rio em baixo, e as montanhas elevavam-se, com a floresta nublada densa e verde a dar lugar à neve, continuando a subir para o céu ofuscante onde pairavam montanhas ainda mais altas; nuvens de tempestade gigantes, brancas e azuis à luz do Sol. Alguns planadores pairavam nas correntes térmicas por cima deles, lembrando a Theo o seu voo, e o planador que perdera. Ocorreu-lhe que a Senhora Naga ainda não lhe agradecera por a ter salvado do ataque aéreo dos cidadãos. Imaginara que era para isso que ela viera.

— O que o fez querer deixar tudo isto e juntar-se à Green Storm? — perguntou ela.

Theo encolheu os ombros, embaraçado e triste por ser lembrado do seu tempo como bomba voadora.

— Tudo isto, está em perigo — respondeu. — A Frota Aérea faz o que pode para defender as nossas fronteiras, mas todos os anos cada vez mais terras de cultivo e florestas são devoradas. As cidades do deserto deslocam-se para sul e trazem o deserto consigo. Ouvi durante tanto tempo o meu pai e os meus amigos falarem disso que me apeteceu *fazer* qualquer coisa. Julgava que a Green Storm era a solução. Era mais jovem. Quando somos jovens, achamos que as coisas são simples.

A Senhora Naga sorriu em silêncio.

— Que idade tens, Theo?

— Agora? Tenho quase dezassete. Oh, cuidado! — gritou para a criada morena, que, aparentemente bastante destemida e tão encantada com a vista como a patroa, se debruçara demasiado sobre a frágil balaustrada a fim de olhar para baixo. — Cuidado! — repetiu Theo.

— É muito velha! Pode ceder!

A rapariga não lhe prestou atenção, mas a outra criada disse baixinho: «Rohini», e estendeu a mão para a puxar delicadamente para trás. Os olhos negros de Rohini fixaram Theo, surpresos e confusos.

— A Rohini não te consegue ouvir — explicou a Senhora Naga.

— É surda-muda, a coitada. Foi-me oferecida como escrava; um presente de casamento do amigo mais velho do Naga, o General Dzhu. Não concordo com a escravatura, claro, por isso, agora, ela é livre, mas optou por ficar comigo. É boa rapariga...

Rohini fez uma vénia a Theo, agradecendo-lhe por a ter salvado ou pedindo desculpa por se ter exposto ao perigo.

— Tudo bem — disse ele —, não tem importância... — Depois lembrou-se de que ela não ouvia e tentou exprimir-se por gestos, o que levou as raparigas às gargalhadas. Eram tão mazinhas como as irmãs, pensou Theo, mas na verdade não se importava.

Nesse preciso instante, descendo uma escadaria do tabuleiro superior dos jardins, surgiu o Marechal Khora, com os pais de Theo. Traziam um ar muito solene. Khora lançou um olhar à Senhora Naga que parecia querer dizer algo, embora Theo não o pudesse adivinhar. As duas criadas pararam de rir e recolheram-se para o outro canto do terraço. Apareceram então alguns criados da casa com mesas, cadeiras, chá vermelho gelado e bolachas de mel. A

Senhora Ngoni inquietava-se com a disposição dos lugares e mandava trazer um guarda-sol, imaginando que uma pessoa da cor do marfim como a Senhora Naga poderia apanhar um ataque de insolação, e não queria que isso acontecesse no *seu* jardim.

— Ora bem — começou Khora, depois de tudo arranjado. — Ao trabalho, Theo. Tenho uma missão para ti. Poderá ser perigosa, interessante e extremamente importante tanto para Zagwa como para o mundo. Claro, não deves aceitá-la a não ser que o desejes; já cumpriste o teu dever para com Zagwa, e ninguém levará a mal se recusares.

— O que é? — perguntou Theo. Lançou um olhar aos pais. O pai parecia orgulhoso; a mãe, preocupada. — Que querem que faça?

Em vez de responder, Khora levantou-se e aproximou-se da balaustrada, olhando para o desfiladeiro brilhante.

— Theo — continuou —, quando abordaste aquele dirigível bárbaro, reparaste nalguma coisa estranha acerca da tripulação?

Theo não percebeu bem o que ele queria dizer.

— Eram orientais — respondeu, por fim. — Lembro-me de pensar que nunca ouvira falar em orientais a combater para a *Traktionstadtsgesellschaft*...

— Nem eu — disse Khora. — Ninguém ouviu. A aviadora que capturaste afirma que ela e os camaradas eram mercenários da cidade-jangada de Perfume Harbour, a soldo de uma das cidades alemãs. Ela tem documentos que parecem comprová-lo, e encontrámos uma carta assinada pelo Presidente da Câmara de Panzerstadt Koblenz nos destroços do outro dirigível. Não podemos provar que são falsificações. No entanto, nada disto parece convencer-nos. Alguns dos seus equipamentos também eram surpreendentes...

— O rádio no dirigível que abordei... — lembrou-se Theo. — Era um modelo da Green Storm.

Khora voltou para a sua cadeira, aproximou-se de Theo e falou baixinho.

— Creio que o que impediste não foi um ataque a Zagwa pelos bárbaros, mas uma tentativa de elementos da Green Storm para assassinar a Senhora Naga.

— Porquê? — começou Theo, e depois lembrou-se do que a

Senhora Naga lhe contara. — Por causa do que ela fez à Caçadora Fang?

— Porque eles me odeiam — esclareceu a Senhora Naga.

— Não é só isso — acrescentou Khora. — A Senhora Naga é demasiado modesta para o admitir, mas as recentes iniciativas de paz devem-se sobretudo à sua influência. O General Naga adora-a, e faz tudo o que ela lhe pede.

— Tento aconselhá-lo — disse a Senhora Naga, corando.

— Mas é evidente que há na Storm quem não suporte a ideia de tréguas com as Cidades de Tração — continuou Khora. — Ser-lhes-ia conveniente se a Senhora Naga fosse assassinada, e ainda mais se o fosse pelos Tracionistas. O General Naga dificilmente faria a paz com as pessoas acusadas de matar a amada esposa.

— Foi por isso que se deram ao trabalho de apresentar o seu ataque como obra das *Traktionstadt*s. Mas agora que o plano não resultou, quem sabe o que tentarão a seguir? Enquanto estiver aqui, a Senhora Naga não corre perigo, mas poderão atacar-lhe o dirigível quando voltar para Tienjing. Estarão à espera dela nas Estradas dos Pássaros a leste de Zagwa, a aguardar outra oportunidade para atacar.

— Então decidimos — continuou Khora — pregar uma pequena partida aos inimigos da Senhora Naga. As conversações deviam durar mais uma semana, mas aqui entre nós, já está tudo negociado. A Senhora Naga convenceu-nos das boas intenções do marido e nós concordámos em ajudá-lo. Daqui a alguns dias, um simples dirigível mercante partirá da doca aérea de Zagwa e voará para noroeste, atravessando o mar de areia para a cidade estática de Tibesti. Depois rumará novamente a norte em direção aos cumes de Akhegggar. Mas algures sobre o deserto mudará de rumo e seguirá para Shan Guo. A Senhora Naga irá a bordo desse dirigível, incógnita, com uma ou duas pessoas da sua comitiva para lhe fazer companhia. Ninguém esperará que ela siga esse trajeto, num dirigível daqueles, e quando o seu dirigível levantar voo, depois da conclusão oficial das conversações, já ela terá sido entregue sã e salva ao marido em Tienjing.

— Fala de mim como se fosse uma encomenda — queixou-se a Senhora Naga, envergonhada por ser a causa de tantos incómodos.

— O dirigível que transportará a Senhora Naga deve ter um

capitão africano — continuou Khora. — Se os nossos inimigos soubessem que um dirigível comandado por orientais tinha saído de Zagwa, poderiam descobrir o plano, mas com um zagwano no comando, ele parecerá apenas um mercador local. Claro, terá de ser alguém com provas da sua coragem e lealdade, e que saiba talvez falar um pouco de esperanto aéreo.

— Eu? — perguntou Theo, percebendo tudo, finalmente. Olhou para a Senhora Naga, depois para os pais, e viu que estavam todos à espera da resposta. O pai parecia imobilizado com uma bolacha de mel a meio caminho da boca, e Theo viu a bolacha desfazer-se lentamente em dois bocados e um deles cair pegajoso no colo do pai. — Quer que vá? — perguntou. Sentia-se ao mesmo tempo assustado e entusiasmado. Voar de novo para norte, ver o mundo, ser encarregado de uma missão tão importante... Olhou em volta para a casa agradável, para os jardins soalheiros, depois para o rosto sério dos pais. Ele já os desafiara uma vez, fugindo para se juntar à guerra da Green Storm. Será que o iriam deixar partir de novo?

— Pai? — perguntou, nervoso. — Mãe?

— A decisão é tua, Theo — respondeu o pai, abraçando a mulher. — Já mostraste ser mais do que capaz de cuidar de ti, e sabemos que tens andado irrequieto, preso neste lugar, ansioso por regressar aos céus.

— Como um pássaro numa gaiola — acrescentou a mãe.

— Vamos sentir a tua falta se decidires partir, e temeremos por ti, e rezaremos, como fizemos antes, pelo teu regresso em segurança, mas não te impediremos de partir, se é isso que queres — continuou o pai. — É uma grande honra o Marechal Khora ter-te escolhido.

— Não tens de decidir agora — acrescentou Khora, atencioso. — O dirigível só parte na terça-feira, na lua nova. Pensa no assunto esta noite, fala com os teus pais, e informa-me da tua decisão amanhã de manhã.

Mas Theo não precisou de tanto tempo para tomar a decisão, como esperara Khora. A Senhora Naga salvara-lhe a vida e, apesar de tudo o que lhe acontecera no ano anterior, o seu desejo de aventura continuava muito forte. E não conseguia deixar de pensar que, nas Estradas dos Pássaros do Norte, talvez fosse possível voltar a encontrar Wren Natsworthy.

Na terça-feira à noite, na lua nova, Theo percorreu, ao lado do Marechal do Ar, a doca aérea de Zagwa, que se situava num planalto baixo fora das muralhas da cidade. Num hangar bem iluminado, o *Primavera das Ameixoeiras em Flor*, o cruzador da Senhora Naga, brilhava em todo o esplendor. Era o dirigível mais bonito que ele já tinha visto, mas Theo mal reparou nele; a sua atenção fixava-se num dirigível atracado numa plataforma não iluminada na extremidade da doca. Não era um dirigível vistoso — com efeito, fora escolhido por não dar nas vistas —, mas Theo percebeu de imediato que era bem construído. Um *Achebe 1040* pequeno e robusto, com as coberturas dos motores afuniladas e lemes de direção compridos e elegantes. Dirigíveis semelhantes eram usados em toda a África como naves de carga e de transporte, e aquele tivera obviamente uma longa vida, durante a qual se tornara bastante sujo e esfarrapado, mas era o primeiro comando de Theo, e este estava convencido de que aquele dirigível era ainda melhor do que o *Primavera das Ameixoeiras em Flor*. Chamava-se *Nzimu*.

Theo já se despedira de toda a gente e, aparentemente, a Senhora Naga também, pois encontrava-se à sua espera ao pé da escada de embarque do *Nzimu* com apenas duas outras pessoas; um jovem oficial que trocara o uniforme da Green Storm pela toga simples de mercador, e a criada surda-muda, Rohini. Khora explicou que a outra rapariga, a Zhou Li, ficaria em Zagwa para vestir as roupas da patroa e substituí-la no banquete oficial da semana seguinte. Era mais alta do que a Senhora Naga, de etnia *han* e não aleúte, mas as duas eram suficientemente parecidas para que possíveis espiões pudessem ser levados a pensar que a embaixadora ainda se encontrava em Zagwa.

— Theo — cumprimentou a Senhora Naga, tomando-lhe as mãos quando ele se deteve diante do *Nzimu*. — Lembras-te da Rohini, não te lembras? E este é o Capitão Rasputra, que insiste em acompanhar-me como guarda-costas.

— A Senhora Naga é uma carga valiosíssima — afirmou Rasputra, lançando a Theo um sorriso branco e brilhante do seu rosto de barba preta. — Prometi ao General Naga que não a perderia de vista.

— Seremos apenas os quatro — informou a Senhora Naga.

— Quando reabastecerem em Tibesti — advertiu Khora —, tenta dar a entender a toda a gente que a Senhora Naga e o Capitão são teus passageiros e que a Rohini é a tua mulher.

— Certo — respondeu Theo, lançando um olhar à bonita criada e dando graças aos deuses por as irmãs não se encontrarem ali para se rirem dele.

— O vento está a aumentar — avisou o Capitão Rasputra.

A Senhora Naga virou-se para Khora:

— Têm um belo país, Marechal. Espero regressar um dia, quando a paz voltar ao mundo.

— Espero que esse dia chegue depressa — respondeu Khora, devolvendo-lhe a vénia. A brisa sacudiu-lhes os casacos. Khora endireitou-se e acrescentou: — Senhora Naga, queria agradecer-lhe especialmente por nos ter livrado da Caçadora Fang. Conheci a Anna Fang em vida e amei-a. A ideia de aquela coisa medonha andar por aí com o rosto dela...

— Compreendo — respondeu a Senhora Naga. — Sei o que é isso. O meu irmão... Mas não deve temer pela Anna Fang. Ela está em paz. — Depois olhou para Theo e voltou a estender a pequena mão. — Theo. Vamos subir?

Capítulo 5

Um Rapaz E A Sua Caçadora

Fishcake desceu rapidamente por um beco nas profundezas das plataformas inferiores de Cairo. Havia muita gente na rua, mesmo àquela hora tardia, mas isso não o preocupava. Ele só tinha dez anos, e dava apenas pela cintura da maioria dos transeuntes. Mal o viam quando ele ziguezagueava por entre a multidão, agarrando o seu saco de Tecnologia Antiga roubada debaixo da túnica. De vez em quando parava no meio dos grupos de homens que se reuniam para discutir e regatear diante de barracas apinhadas de restos de máquinas. Eles adoravam discutir, ali, no Souk Inferior, e se Fishcake calculasse bem o tempo e esperasse até a discussão atingir o auge, ninguém veria a sua mãozinha branca e magra surgir disparada e roubar um pedaço de circuito ou um fragmento de armadura amolgada.

Depois de conseguir o que precisava, parou junto a uma banca de comida e roubou um pastel pegajoso, que comeu enquanto descia o comprido labirinto de escadarias e passadiços de manutenção entre as plataformas que acabava por conduzir aos esgotos de Cairo. A cidade deslocava-se ruidosa através de terreno agreste em direção às margens do Middle Sea, e os fétidos desaguadouros do seu sistema de esgotos ressoavam com a chiadeira e o ronco dos enormes eixos das rodas. Ali em baixo existiam sobretudo sombras, exceto onde feixes de luz vermelha das fornalhas e refinarias se espalhavam através das grades. O cheiro pestilento, o barulho e os gases teriam sido de mais para a maioria das pessoas suportar, mas para Fishcake aquela era a sua casa. Sentia-se seguro nas entranhas barulhentas da cidade, onde quase ninguém aparecia.

Ainda assim, olhou para trás, a fim de se certificar de que não fora seguido, antes de levantar uma grade na parede do cano de esgoto principal e atirar o saco pesado pelo buraco, e depois entrar atrás dele.

Era escura a pequena câmara onde entrara. Escura e seca. Cem anos antes, Cairo tinha ido caçar muito a sul, em terras onde as chuvas caíam com força e bastante frequência. Precisara então do seu sistema de escoadouros, mas, desde que voltara para o deserto,

estes tinham sido selados e esquecidos. No Souk Inferior, Fishcake às vezes ouvia os homens dizer que os esgotos estavam assombrados por *djinni* e espíritos malignos, e isso fazia-o sorrir, porque tinham razão.

Pegou no saco e começou a remexer no monte de embalagens de comida oleosas e garrafas de água vazias no chão da câmara. Ao fundo, onde uma luz trémula entrava por outra grade, mexeu-se algo.

— Fishcake? — sussurrou uma voz.

— Olá, Anna — respondeu Fishcake. Ficou contente por ser ela. Acendeu o candeeiro, um globo de *árgon* roubado e alimentado pela energia desviada de um cabo no andar de cima. A sua Caçadora estava encostada a um canto. Abrira as garras quando o ouvira chegar e as lâminas compridas continuavam expostas, levantadas diante do rosto de bronze cego. Fishcake sentiu o que sempre sentia quando voltava para ela; orgulho, aversão e uma espécie de amor. Orgulho porque a reconstruíra, juntando as peças do corpo despedaçado que salvara do deserto. Aversão porque ela não ficara tão bem como ele esperara. A armadura, que em tempos devia ter sido lisa e prateada, estava baça e amolgada como um velho balde, com marcas de soldadura e remendos aparafusados que ele arranjara achatando latas de sopa. E embora nunca houvesse visto um Caçador em ação, tinha a certeza de que os rolamentos e as articulações não deviam ranger daquela forma sempre que ela se mexia...

Quanto ao amor, bem, toda a gente precisa de amar alguém, e a Caçadora era a única coisa que Fishcake tinha. Ela salvara-lhe a vida no deserto, dissera-lhe o que fazer, como reconstruí-la. Mostrava-se uma companheira estranha, e por vezes assustadora, mas era melhor do que estar sozinho.

— Encontrei uns parafusos de união — anunciou Fishcake, despejando o saco no canto da câmara onde guardava os artigos roubados. A câmara balançava e tremia com os movimentos da cidade. A luz entrava em longas espigas pelas grades, fazendo brilhar o rosto inalterável da Caçadora, o seu reconfortante sorriso de bronze. — Logo, logo ponho-te a funcionar de novo — prometeu Fishcake. — Hoje à noite...

— Obrigada, Fishcake. Obrigada por cuidares de mim.

— De nada.

Fishcake aprendera que a sua Caçadora tinha duas personalidades. Uma era a Caçadora Fang, um ser austero e implacável que comandara a Green Storm durante anos e agora comandava Fishcake. Mas, de vez em quando, ela sacudia-se, tremia e calava-se durante um momento, e quando voltava a falar era a Anna, bem mais delicada e um tanto confusa.

A princípio, Fishcake pensara que Anna era o resultado de um curto-circuito no cérebro complicado da Caçadora, mas, com o passar dos meses, percebeu que era mais do que isso. Anna lembrava-se de todo o tipo de coisas que tinham acontecido há muito tempo, e gostava de falar de pessoas e lugares que Fishcake desconhecia por completo. Muitas das suas histórias não faziam sentido; não passavam de listas de imagens e nomes sem ligação, como peças perdidas de uma centena de *puzzles*. Às vezes, ela fazia apenas ruídos parecidos com soluços, ou pedia a Fishcake que a matasse, o que ele não sabia fazer, e não faria mesmo que soubesse, com medo de que ela voltasse a transformar-se na Caçadora Fang durante a operação e resolvesse matá-lo. Mas ele gostava de Anna. Ficou contente por estar com Anna naquela noite.

Foi buscar as pernas dela, guardadas num canto por baixo de vários jornais. Tinha começado a reconstruí-las havia meses, e estava bastante satisfeito com o resultado, apesar de faltarem a parte inferior da perna direita e o pé direito, e de ele ter precisado de usar a perna de uma velha mesa de metal. Nunca conseguira ligá-las ao resto da sua Caçadora, porque não encontrara os parafusos certos, mas naquela tarde, no Souk, finalmente tivera sorte. Fruto das tréguas no Oriente; mercadores que tinham estado em zonas de guerra até há pouco tempo começavam a chegar ao Cairo vindos de todos os lados; do território da *Traktionstadts-gesellschaft* e dos campos de batalha do Altai Shan. (Não havia falta de peças de Caçadores no Altai Shan.) Fishcake bebeu um pouco de água e começou a trabalhar.

— Em breve sairemos daqui — prometeu.

— Arranjaste um dirigível? — sussurrou a Caçadora. Parecia ansiosa. (Uma coisa que a Caçadora Fang e Anna tinham em comum: chateavam constantemente Fishcake para terminar as reparações e levá-las para um lugar chamado Shan Guo. A Caçadora Fang tinha algo importante para fazer em Shan Guo. Anna queria

apenas regressar a casa.) — Em tempos tive o meu próprio dirigível — murmurou ela. — O *Jenny Haniver*. Fui eu que o construí, às escondidas, em Arkangel, roubando peças dos estaleiros de salvados de Stilton. Depois fugi...

— Um dirigível, não — respondeu Fishcake, que estava farto daquela história. — Como esperas roubar um dirigível? Os estaleiros aéreos ficam três plataformas acima; é demasiado perigoso.

— Mas não podemos ir a pé para Shan Guo. Levará muito tempo.

Fishcake pôs uma das pernas no lugar e começou a ligar os fios elétricos.

— Não temos de ir a pé — assegurou. — Ouvi uma notícia interessante hoje no Souk Inferior. Adivinha para onde se dirige Cairo? Brighton. Vamos estacionar na praia e negociar com Brighton. Haverá barcos e outras coisas a atravessar o mar. E aposto que ainda existem «lapas» em Brighton. Podemos ir para Shan Guo numa «lapa».

— Olhos — sussurrou a Caçadora. Voltou a cara para ele, mostrando-lhe as lentes partidas. — Vou precisar de ver, se quisermos chegar a Shan Guo. Vais arranjar-me olhos novos.

A voz dela tinha mudado. Era ainda um sussurro, mas mais áspero e sibilante, e Fishcake percebeu que estava na presença da Caçadora Fang. Manteve-se calmo.

— Sinto muito. Não há olhos. Não consigo encontrar olhos em lado nenhum. Talvez em Brighton, hem?! Talvez encontre uns olhos de Caçador em Brighton?

Mas tinha a sensação de que não os encontraria. Na verdade, várias das tendas que frequentava no Souk Inferior tinham olhos de Caçador à venda; grandes frascos de vidro cheios de olhos, como rebuçados. Fishcake decidira desde cedo que não iria roubar olhos para a sua Caçadora. Não era estúpido. Sabia que ela era mais forte, rápida e esperta do que ele. Mas enquanto fosse cega, teria de depender do seu pequeno Fishcake.

— Talvez em Brighton — repetiu, e começou a trabalhar na outra perna.

Capítulo 6

Seda Cor De Chuva

O *Nzimu* rumou toda a noite a nor-noroeste. De madrugada cruzava já o ar calmo sobre um deserto aparentemente interminável. Theo, que estivera numa pilha de nervos quando conduzira o seu pequeno dirigível sobre as montanhas a norte de Zagwa, depressa começou a sentir-se aborrecido. Corria tudo sem sobressaltos. A embaixadora permanecia no camarote, lá em cima no balão. De vez em quando a sua bonita criada descia a escada de convés com um ruje-ruje de seda cor de chuva para contemplar a vista das janelas da barquinha. Uma ou duas vezes naquele dia, ele voltou-se e apanhou-a a fitá-lo. Sempre que isso acontecia, os olhos escuros da rapariga desviavam-se, parecendo de repente muito interessados nos fios por cima da cabina de controlo principal, ou nos ponteiros trémulos do altímetro.

Havia qualquer coisa familiar nela, e isso importunou a mente de Theo ao longo das longas e monótonas horas de viagem para o Norte. Far-lhe-ia ela lembrar a Wren? Mas era muito mais bonita do que a Wren...

O Capitão Rasputra, entretanto, revelou-se afável, competente, educado e convencido de que era capaz de levar a Senhora Naga para Tienjing sem qualquer ajuda de Theo Ngoni.

— Escuta, meu caro — disse ele, quando desceu para render Theo naquela noite —, vamos lá esclarecer as coisas. Eu sou um aviador com doze anos de experiência na esquadrilha do General Naga. Tu, por outro lado, és o quê? Um amador. Um piloto de Derrubantes falhado. Não pretendo ser desagradável, mas és o comandante desta banheira apenas para fins oficiais, a fim de podermos manter a ficção de que é uma nave de Zagwa numa viagem comercial. Para efeitos *práticos*, enquanto estivermos aqui em cima no céu, penso que é melhor deixares as coisas comigo, hem?!

Naquela noite, antes de se deitar, Theo subiu ao topo do balão e postou-se ao vento na minúscula plataforma de observação, procurando sinais de perigo. Não viu nenhum; nada exceto algumas

pequenas povoações do deserto em movimento, deixando longos rastros de poeira, demasiado ocupadas com os seus problemas para prestar atenção a um dirigível de passagem. O céu também estava limpo, tirando uma distante caravana aérea dirigindo-se para sul, com a longa fila de balões cintilando como um colar de âmbar ao sol.

Theo suspirou, quase desejando que piratas do ar ou assassinos os atacassem para que ele pudesse demonstrar o seu valor à Senhora Naga e ao Capitão Rasputra. Imaginou-se a fazer algo heroico de novo (esquecendo-se convenientemente de como se sentira apavorado a bordo daquele Supermosquito) e a notícia do feito espalhando-se pelas Estradas dos Pássaros até chegar a Wren. No entanto, quando tentava imaginá-la, descobria que o único rosto que conseguia evocar era o da criada Rohini.

Sozinha no seu camarote na popa do balão do *Nzimu*, Oenone Zero, a Senhora Naga, ajoelhou-se, baixou a cabeça, juntou as mãos manchadas e começou a dizer as suas orações. Não esperava que Deus lhe respondesse, porque não acreditava que Ele atuasse dessa maneira. Mas já sentira a Sua presença de forma bastante clara, desde aquela noite na *Cloud 9* em que julgara que ia morrer. Ele dava-lhe força, consolo e coragem. Oenone achava que o mínimo que lhe podia oferecer em troca eram as orações.

Agradeceu-Lhe então a estada em Zagwa, a amabilidade da Rainha, do Bispo e do Marechal do Ar Khora. Agradeceu a coragem de Theo Ngoni e rezou para que ele não incorresse em qualquer perigo naquela viagem furtiva. E aí distraiu-se com um pensamento pouco espiritual. Que pena o marido não ser tão jovem e bonito como Theo...

Ela abriu os olhos e observou o retrato de Naga que colocara ao lado do beliche; o corpo mutilado preso numa armadura mecanizada, o rosto ocre e gasto contraído num sorriso desajeitado de alguém que não estava habituado a sorrir. Sempre que olhava para ele perguntava-se o que levava um homem daqueles a amá-la.

Ela não o amava. Sentia-se apenas grata pela sua proteção e satisfeita por a chefia da Green Storm ter passado para as mãos de um homem decente. Por isso não conseguira dizer não quando ele lhe pedira casamento. «Claro», respondera, e uma sensação de

assombro paralisante apoderara-se dela, esfumando-se apenas quando já estava de vestido de noiva vermelho e em bicos de pés para beijar o marido diante de uma vasta assembleia de oficiais, sacerdotes e damas de honor e de um nervoso pároco cristão, mandado vir a grande custo de uma cidade estática do Arquipélago Ocidental para conferir a bênção do novo deus de Oenone ao casamento...

Uma série de pancadas leves interrompeu-lhe os pensamentos. A porta abriu-se e Rohini entrou no camarote, tímida e silenciosa como sempre. Oenone sentou-se à mesinha do toucador portátil e soltou o cabelo para que a rapariga pudesse escová-lo. À luz do candeeiro, as pontas do cabelo irradiavam um leve brilho castanho-avermelhado; indício de que talvez alguns dos seus antepassados longínquos fossem americanos que fugiram para as remotas ilhas Aleútes depois da Guerra dos Sessenta Minutos. Mais uma razão para que os extremistas da Green Storm a odiassem...

Ela tentou esquecê-los e sentir prazer no toque delicado das mãos de Rohini e no ruído suave e sonolento da escova no cabelo. Sentia-se satisfeita por a rapariga se ter oferecido para a acompanhar naquela viagem. Rohini era muito mais sossegada e meiga do que as outras criadas, que ficavam um pouco melindradas quando Oenone procurava tratá-las como iguais. Rohini era a única que parecia gostar dela verdadeiramente, e apreciar a amabilidade que lhe mostrava.

Foi por isso com grande surpresa que ela viu Rohini deixar cair a escova, enrolar-lhe o cinto cor de chuva da túnica à volta do pescoço e, puxando-o com força, sussurrar numa voz que Oenone nunca ouvira:

— Sabemos o que fizeste, sua miserável amante das cidades! Sabemos como destruístes a nossa querida líder e seduziste aquele idiota do Naga! Agora vais ver o que a verdadeira Storm faz aos traidores...

Qualquer coisa acordara Theo, e ele não voltara a dormir. Estava frio na cabina; o beliche era desconfortável; sentia muitas saudades de casa. Acendeu o candeeiro e olhou para o relógio de pulso, mas ainda faltava muito para o momento em que deveria substituir Rasputa ao leme. Soltou um gemido, apagou a luz e enroscou-se

nos cobertores ásperos, procurando em vão adormecer.

Mas, enquanto esperava, convenceu-se lentamente de que o dirigível mudara de rumo. O ruído do vento contra o balão alterara-se de maneira subtil. Ele aprendera a prestar atenção a tais pormenores a bordo dos portadores do Corpo de Derrubantes, onde qualquer mudança de direção inexplicada podia significar que a unidade ia entrar em combate. O *Nzimu* não devia alterar a rota sem avistar as montanhas de Tibesti, e Theo não esperava que isso acontecesse antes do nascer do Sol.

O que estava a passar-se? Ele imaginou um bando de máquinas voadoras dos bárbaros aproximando-se de barlavento, um cúter de piratas saindo de uma toca qualquer no meio das dunas. Seria típico de Rasputra tentar fugir-lhes sem lhe dizer nada! Theo rebolou para fora do beliche, calçou as botas e vestiu o casaco, as únicas peças que tirara.

A meio caminho da escada central vislumbrou Rohini no passadiço em baixo, dirigindo-se para o camarote da Senhora Naga na popa. Estava prestes a chamá-la e a perguntar-lhe o que acontecera quando se lembrou de que ela não o ouviria. Além disso, não queria assustá-la por causa do que poderia ser uma inocente correção de rumo. Não antes de falar com Rasputra.

Esperou até ela passar, desceu os últimos degraus e saltou para a barquinha.

— Que está a acontecer? — perguntou.

Mas o Capitão Rasputra não podia responder-lhe, porque alguém lhe cortara o pescoço de forma tão profunda e hábil que ele morreria antes de poder indicar no rosto amável outra coisa além de uma expressão de leve surpresa.

— Capitão Rasputra? — chamou Theo. Um movimento a seu lado sobressaltou-o, mas era apenas a sua imagem refletida na janela, estupefacta e de olhos arregalados. Ele olhou para si mesmo. Quem teria feito aquilo? Haveria um intruso a bordo do *Nzimu*? Teria algum assassino abordado o seu dirigível como ele abordara aquele Supermosquito sobre Zagwa? Mas não; o cheiro a sangue e o horror de se encontrar sozinho com um homem morto naquele lugar envidraçado lembravam-lhe vivamente coisas que ele e Wren tinham visto na *Cloud 9*. Ele sabia agora por que razão Rohini lhe parecia tão familiar.

Arrancou um machado de emergência de um gancho na parede e obrigou-se a subir a escada. Enquanto corria pelo passadiço para a porta do camarote da Senhora Naga ouviu alguém lá dentro dizer qualquer coisa sobre traidores. Seguiram-se ruídos de luta e de coisas a cair e a rebolar. Theo gritou para ganhar coragem e lançou o machado contra a fechadura. Esta desfez-se com a primeira pancada e a porta abriu-se de repente.

Lá dentro, entre um emaranhado de cobertas do beliche revirado e o brilho dos frascos do toucador a rolar pelo chão ajoelhava-se a Senhora Naga, puxando com as mãos o cinto que Rohini usava para a estrangular. A expressão de triunfo no rosto de Rohini apagou-se apenas um pouco quando ela se voltou para ver Theo no meio da porta estilhaçada.

— Não sabes bater à porta? — perguntou, irritada.

— Cynthia Twite — declarou Theo.

— Surpresa! — respondeu a rapariga, sorrindo.

A Senhora Naga fez um terrível ruído gorgolejante, como o último fio de água escorrendo pelo ralo de uma banheira. Theo deu um passo em frente e brandiu o machado, mas ele era demasiado brando para o usar. E Cynthia sabia-o. Lembrando-se da vaidade da rapariga, disse:

— Estás diferente...

Resultou. Cansando-se da Senhora Naga por um momento, Cynthia deu um último puxão ao cinto de seda e largou-o. A vítima caiu para frente e ficou de cara virada para o chão, imóvel.

— Ficaram bem, não ficaram? — perguntou Cynthia, apontando para o seu cabelo preto, que era louro quando Theo a conhecera, e para a pele castanha, que era clara. Ela sorriu como se Theo lhe tivesse feito um elogio galante. Era a sua única fraqueza como agente secreta. Sentia-se tão satisfeita com a própria esperteza que nunca resistia à tentação de contar às vítimas como as enganara.

Theo esperava conseguir mantê-la a falar, até que algum deus prestável lhe metesse uma ideia na cabeça.

— O cabelo e a pele foram fáceis — continuou Cynthia. — Os olhos é que fizeram a diferença. Uso umas coisinhas de Tecnologia Antiga chamadas «Lentes de Contrato». — Ela levou um dedo ao olho e pestanejou. Quando afastou a mão, o olho voltara à velha cor

azul-violácea, fitando Theo de modo discordante a partir do seu rosto escuro. — Se prestasses para alguma coisa — provocou ela —, terias tentado atingir-me da última vez. Mas vejo que continuas um cobarde. Será um prazer matar-te, Theo Ngoni. Éi do por isso que te estava a guardar para o fim.

— Por favor — suplicou a Senhora Naga, arquejando no convés como se estivesse a afogar-se. — Não lhe faças mal...

Cynthia pôs-lhe um pé em cima.

— Estamos a *falar*!

— Cynthia — gritou Theo. — Porque estás a fazer isto?

Cynthia aproximou-se dele mais um passo, fixando-o com os olhos de cores diferentes.

— Esta cabra aleúte traiu a nossa líder para que o Naga pudesse tomar o poder. Achavas que aqueles que amavam a Caçadora Fang iam deixá-la escapar sem castigo?

— Mas porquê aqui? — insistiu Theo, desesperado. — Porquê agora? Vivias em casa deles; podias tê-la matado em Tienjing... E também o Naga.

Cynthia soltou um suspiro profundo, exasperada com a ingenuidade dele.

— Nós não queremos *matar* o Naga — explicou. — Isso resultaria em guerra civil, afastando-nos do que importa: matar cidadãos. Só pretendemos obrigá-lo a desistir destas tréguas. Se não te tivesses intrometido quando chamei os nossos dirigíveis para Zagwa, estaria tudo terminado. Mas sou paciente. Dentro de minutos, esta velha banheira ferrugenta vai desfazer-se em chamas. A Rohini será a única sobrevivente e contará ao Naga que Zagwa nos denunciou aos cidadãos e que estes nos atacaram. Isso deverá acabar de vez com qualquer aliança entre Naga e a tua gente. Quanto aos cidadãos, bem, ele dificilmente quererá falar de paz quando souber o que fizeram à sua bonita mulherzinha. Os canhões voltarão a disparar. A nossa líder vai recompensar-nos quando regressar a Tienjing!

— Falas da Fang? Mas ela está morta!

Cynthia sorriu, com ar misterioso.

— Ela *sempre* esteve morta, africano. É por isso que nunca pode ser morta. Ela está espera que acabemos com estas conversas traidoras de tréguas e condições. Depois regressará para nos

conduzir à vitória total!

— Estás louca! — exclamou Theo.

— Oh, que bonito, vindo de alguém que anda por aí a despedaçar portas com um maldito machado — ripostou Cynthia e, sem mais avisos, levantou de repente a perna e empurrou-o para trás com um pontapé, arrancando-lhe o machado pesado das mãos antes de ele voar através da porta aberta e tombar pela escada para o piso inferior.

Um passadiço gradeado bateu-lhe com força na cara e ele ficou deitado durante um momento, sentindo o sangue na boca e esperando ouvir Cynthia descer atrás dele. Escutou os passos dela ao longo do passadiço em cima e viu a sombra dela através do flanco de um dos cilindros de gás. Tentou esconder-se, rastejando. Decorrido um momento os passos cessaram.

— Theo? — chamou Cynthia. — Não penses que vou procurar-te. Teria muito prazer em matar-te, mas não estou para brincar às escondidas. De qualquer maneira, não importa. Há uma bomba por baixo do cilindro de gás central, programada para explodir à meia-noite. Por isso, vou pegar num dos vossos ridículos planadores zagwanos e sair agora; combinei encontrar-me com uns amigos no deserto daqui a pouco. Adeusinho!

Os passos recomeçaram e deixaram de se ouvir à medida que subiam. Theo calculou que ela se dirigisse para a saída de emergência no flanco do balão. Junto à saída havia um cacifo com meia dúzia de planadores, versões de trabalho daquele que ele tinha em Zagwa. Esperou, e ouviu uma escotilha a abrir-se. Os ruídos no interior do balão alteraram-se com a entrada súbita do vento. Rapidamente, ele trepou por um suporte lateral para um lugar onde uma vigia de poliéster tinha sido aparafusada à tela do balão. À luz das estrelas, bem ao longe, viu umas asas de morcego pretas surgirem por um instante sobre as ondas prateadas do deserto.

E os outros planadores? Conhecendo Cynthia, tinha-os destruído. Mas o atraso que Theo provocara não lhe dera talvez tempo para se desfazer deles. Ele olhou para o relógio e viu com alívio que faltavam oito minutos para a meia-noite. Ignorando a dor no peito e na cara, começou a subir para o cacifo dos planadores. Mesmo que não soubesse onde este ficava, conseguiria encontrá-lo procurando a fonte do vento frio que entrava ruidosamente pela escotilha aberta.

E claro, o cacifo estava vazio; Cynthia atirara os outros planadores escotilha fora antes de saltar. Mas quando Theo pôs a cabeça de fora viu um planador preso nos cabos apenas a alguns metros da escotilha, e foi-lhe fácil estender a mão e arrastá-lo de novo para bordo.

Ofegante, começou a prender o planador ao corpo. Depois lembrou-se da Senhora Naga. O planador era grande, e ela era pequena; Theo tinha a certeza de que aguentaria com os dois. Mas estaria ela ainda viva? Olhou rapidamente para o relógio. A subida ao cacifo dos planadores não demorara tanto tempo como ele julgara. Tinha de tentar salvar a Senhora Naga. Ele prometera.

Deixou o planador junto ao cacifo e lançou-se pela íngreme escada em direção ao camarote. Ela estava deitada onde ele a deixara, mas começou a gemer e a tentar arrastar-se quando o ouviu entrar, pensando que fosse a Cynthia.

— Está tudo bem — sossegou-a Theo, ajoelhando-se ao lado dela e voltando-a.

— Rohini — sussurrou ela.

— Foi-se embora — disse Theo, tentando ajudá-la a levantar-se. — De qualquer maneira, nunca foi Rohini. O nome dela é Cynthia Twite; pertencia à rede de espões particular da Caçadora Fang.

— Twite? — A Senhora Naga franziu o sobrolho e soltou um gemido. Pensar parecia causar-lhe dores. — Não, a agente da Caçadora na *Cloud 9* era uma rapariga branca... O Naga levou-a para casa a bordo do *Requiem Vortex*, mas ela desapareceu quando chegámos a Shan Guo... Oh, Theo, tenho de voltar para casa. Se não regressar, ela ou os amigos dirão ao Naga que os cidadãos me mataram e acabarão com a paz...

— Não tentes falar — advertiu Theo, temendo que ela se magoasse mais ao forçar aquelas palavras pela garganta ferida acima. — Levo-te para casa, prometo. Mas primeiro temos de sair deste dirigível. — Ele consultou o relógio de pulso. — Há uma b... — disse, e interrompeu-se.

Continuavam a faltar oito minutos para a meia-noite.

A queda pelas escadas, pensou. O relógio está avariado...

Teve apenas tempo de se lembrar do pai a dizer: «Não sei porque é que vocês, os jovens, usam esses relógios de pulso baratos. Um

relógio de bolso é mais distinto e muito mais fiável», antes de a explosão rasgar o dirigível por baixo deles.

Capítulo 7

Animação Em Brighton

Brighton tinha mudado para pior desde a partida de Wren e Theo. O palácio aéreo da *Cloud 9* desaparecera, levando consigo a maioria da classe dirigente da cidade. Brighton era agora governada pelos Meninos Perdidos. Arrastados a bordo como prisioneiros pela Empresa Shkin, tinham fugido das celas na noite do assalto da Green Storm e depressa tomaram a cidade, estabelecendo os seus pequenos reinos entre as elegantes ruas brancas de Queen's Park e Montpelier e os labirintos húmidos e frios das Laines, e reunindo exércitos particulares de pedintes e escravos rebeldes. Lutavam entre si, ou formavam alianças frágeis que podiam desfazer-se por causa de um par de sapatos roubados ou um olhar cobiçoso a uma bonita e jovem escrava. Nunca se sabia o que um Menino Perdido podia fazer a seguir. Eram maldosos e sentimentais, gananciosos e generosos. Muitos deles eram loucos. À noite, os seus seguidores travavam batalhas contínuas nas esplanadas cobertas de lixo, vingando negócios de drogas traídos e insultos imaginados.

No entanto, Brighton continuava a ser um destino de férias popular. Todos os visitantes de classe alta já a tinham abandonado (os hotéis de luxo encontravam-se em ruínas, ou convertidos em redutos pelos Meninos Perdidos) e deixaram de aparecer famílias felizes para encher as pensões mais baratas e brincar na Piscina Oceânica, mas havia determinado tipo de pessoas — artistas com posses das confortáveis plataformas intermédias de cidades que a guerra nunca tocara, e jovens mimados que gostavam de um pouco de aventura antes de se instalarem nas profissões que os pais haviam comprado para eles — que achavam a nova Brighton animada e emocionante. Adoravam cruzar-se com criminosos e piratas verdadeiros em clubes e bares; vibravam quando algum Menino Perdido e o seu séquito entravam arrogantes no restaurante onde estavam a comer; achavam que os dejetos dos esgotos batendo levemente nas esplanadas, a música destoante e interminável e os cadáveres atirados ao mar de madrugada eram sinais de que Brighton, de certo modo, era mais autêntica do que as cidades de onde vinham. Alguns eram assaltados durante a sua estada, todos

passavam pelo crivo da extorsão, e outros eram encontrados pelos becos de Moles Combe e White Orc com os bolsos vazios e o pescoço cortado, mas os sobreviventes voltavam para as suas casas em Milão ou Peripatetiapolis ou St. Jean Les Quatre-Mille Chevaux e aborreciam os amigos e parentes durante anos com as histórias das férias em Brighton.

Havia algumas dessas pessoas entre os passageiros da lancha que zarpou da praia onde Cairo se encontrava ancorada, mas a maioria tinha razões mais escusas para visitar Brighton. Eram traficantes decididos a vender anfetaminas e haxixe, ou ladrões, ou traficantes de armas, ou homens de aspeto manhoso que tinham ouvido dizer que em Brighton naquele momento era possível comprar *tudo*. E lá em cima na proa, encharcado na espuma que caía sobre a borda sempre que a lancha metia o nariz rombo numa onda, Fishcake olhava para a estância que se aproximava e desejava ter ficado são e salvo em terra.

No seu esconderijo a bordo de Cairo tinha sido fácil agradar à sua Caçadora prometendo roubar-lhe uma «lapa», mas agora, que os flancos enferrujados de Brighton se erguiam sobre as ondas do mar à sua frente, ele começava a ter sérias dúvidas. Lembrava-se continuamente de que os outros Meninos Perdidos o consideravam traidor. Da última vez que os vira, eles tinham deixado bem claro que queriam matá-lo de várias e inventivas maneiras, e ele vira-se obrigado a saltar ao mar e arriscar a vida nas ondas. Julgara entretanto que as autoridades de Brighton já os tivessem prendido, mas pela conversa dos outros passageiros, parecia que se enganara; os Meninos Perdidos *eram* as autoridades de Brighton.

A lancha deu a volta à popa degradada de Brighton, passando por imundos barcos com rodas de pás e esplanadas abandonadas e por um bairro chamado Plage Ultime onde se via uma fila de «lapas» atracadas num sujo cais de metal. Uma rapariga ao lado dele, turista de alguma cidade rica, exclamou para o namorado:

— Uf! Aquelas máquinas horríveis! Parecem aranhas gigantes!

— Submarinos dos Meninos Perdidos! — esclareceu o rapaz. — Podemos comprar passeios a bordo desses submarinos e ver a cidade por baixo. E não é só para isso que servem. No fundo, os Meninos Perdidos continuam a ser piratas. Já ouvi histórias de pequenas cidades que se cruzaram com Brighton e nunca mais foram vistas...

— Uf! — exclamou de novo a rapariga, mas parecia encantada com a ideia de embarcar numa cidade onde viviam autênticos piratas vivos.

Fishcake não partilhava do entusiasmo. Regressar a Brighton parecia-lhe cada vez menos uma boa ideia.

A lancha entrou num canal de águas calmas e sujas entre o casco central e o bairro de guigas de Kemptown. Passou por baixo de pontões de recreio abandonados cujos pórticos corroídos deixavam cair uma chuva de flocos de ferrugem sempre que Brighton balançava na ondulação. As vozes da tripulação da lancha ecoaram pelo canal estreito para os estivadores que esperavam nos degraus do cais. Cheirava a óleo e água salgada. Um gato morto boiava num tapete de espuma à deriva. A lancha desligou os motores e os passageiros começaram a recolher os sacos e a apalpar a roupa, verificando se as carteiras e os cintos com dinheiro ainda se encontravam em lugar seguro, mas Fishcake apenas subiu a gola e puxou a pala do boné sebo para baixo e desejou poder ficar a bordo da lancha e deixar que esta o levasse de volta para Cairo.

A sua Caçadora, sentada em silêncio ao lado, envolta na longa túnica com capuz que ele roubara no Souk Inferior, pareceu perceber o medo dele. Com os dedos de aço apertou-lhe delicadamente o braço e murmurou:

— Não tenhas medo. Estou contigo.

Hoje, ela era a Anna. Fishcake pegou-lhe na mão e apertou-a com força, sentindo-se um pouco mais afoito. Nem sequer se preocupou demasiado quando uma rajada de vento lhe arrebatou o boné, lançando-o em espiral para a luz do sol.

Duas plataformas acima, num hotel fortificado na Ocean Boulevard, um Menino Perdido chamado Brittlestar voltou-se de repente quando o boné perdido passou a rodopiar pela sua janela.

— Que foi aquilo? — perguntou.

Os amigos e guarda-costas levaram as mãos às pistolas nos cintos e responderam que não sabiam. Uma das escravas disse que achava que era apenas um chapéu.

— Apenas um chapéu? — barafustou Brittlestar. — Nada é apenas qualquer coisa! Tudo tem um significado! De onde veio? De

quem era?

Os guarda-costas, amigos e escravas trocaram olhares de enfado. Brittlestar estava a tornar-se cada vez mais paranoico, e às vezes à noite acordava o bando inteiro quando se agitava durante o sono e falava alto de Grimsby e de alguém chamado Tio. Os guarda-costas e amigos começavam a achar que talvez estivesse na hora de o lançar ao mar e oferecer os seus serviços a um Menino Perdido menos sensível, como Krill ou Baitball.

Brittlestar, com a bainha do roupão de seda rumorejando pelos tapetes caros, correu para a sala onde tinha os ecrãs de observação. Todos os Meninos Perdidos tinham ecrãs e *camaracnídeas* que espalhavam sorrateiramente por Brighton para espiar outros Meninos Perdidos. Já toda a gente se habituara ao esgaravatar dos pés das máquinas no interior das condutas de ventilação da cidade, e às lutas ressonantes e metálicas que eclodiam quando duas *camaracnídeas* rivais se encontravam. Às vezes, de madrugada, os passeios por baixo dos respiradouros encontravam-se cheios de pernas de metal e lentes partidas, os destroços de batalhas violentas travadas nas condutas durante a noite.

— *Tudo* tem um significado! — assegurou Brittlestar aos acólitos, que se reuniram à entrada para o ver manejar os comandos dos ecrãs. — Vocês dizem que é um chapéu, eu digo que é um sinal. Pode ser um recado do Tio! — Ultimamente, sonhara muito com o Tio. Ele estava sempre a sussurrar-lhe. Brittlestar começara a acreditar que o velhote ainda se encontrava vivo, e que em breve iria castigar os seus Meninos Perdidos por se terem deixado apanhar por Brighton.

Mas não foi o Tio que viu quando apontou uma das câmaras ao grupo de visitantes que desembarcava no cais de Kemptown. A princípio não teve a certeza de quem estava a ver, apenas que havia qualquer coisa familiar no rapazinho que conduzia o aleijado de túnica preta. Depois, uma das escravas, Monica Weems, que em tempos trabalhara para a Empresa Shkin e que tinha melhor memória para rostos do que Brittlestar, apontou de repente para o ecrã e exclamou:

— Olhe! Olhe, patrão! É o pequeno Fishcake!

O pequeno Fishcake apressou a sua Caçadora pelos passeios

cobertos de lixo sob as colunatas na margem da cidade, passando por cafés entaipados e salões de jogos saqueados, saindo finalmente para a luz metálica da Plage Ultime. *Para a Praia*, dizia um letreiro estampado num muro branco, e Fishcake e a sua Caçadora seguiram nessa direção, passando por hotéis abandonados e piscinas vazias, pelas gigantescas coberturas dos motores Mitchell & Nixon da estância e descendo para o desembarcadouro inclinado onde se encontravam as «lapas».

Havia uma vedação de arame em redor do desembarcadouro, e um cadeado no portão, mas vedações e cadeados não eram obstáculos para a Caçadora. Ela quebrou o cadeado e Fishcake abriu o portão e correu por entre as «lapas», sentindo uma estranha nostalgia dos velhos tempos de Grimsby. As cabinas blindadas e pernas articuladas, revestidas de bernacas e excrementos de gaivota, davam às «lapas» o aspeto de enormes caranguejos pré-históricos. Fishcake conhecia-as todas; a *Sea Louse* e a *Thermoclyne Girl*, a *Hagfish 2* e a *Finny Denizen*, mas escolheu a mais pequena, lustrosa e nova, a *Spider Baby*. Estava mais perto da água e tinha uma prancha encostada à perna dianteira anunciando passeios debaixo da cidade; indício de que talvez estivesse abastecida de combustível.

Fishcake procurou a Caçadora, mas deixara-a para trás. A coitada, coxeando com a perna de mesa, não conseguia acompanhá-lo! Ele retrocedeu, ziguezagueando pelas sombras das «lapas», e chamou:

— Anna! Vem cá! Preciso que abras a escotilha!

Com um uivo de motores elétricos, dois *buggies* surgiram a grande velocidade das ruas por baixo das casas das máquinas e entraram pelo portão aberto no desembarcadouro das «lapas». Vinham demasiado depressa, e sobrecarregados, com homens e rapazes amontoados nas pequenas cabinas, nos tejadilhos e nos estribos. Fishcake, reparando nas espadas, pistolas de sinalização e espingardas lança-arpões que lhe brandiam, voltou-se para fugir, mas a única saída era pelo portão, que os homens saindo aos magotes dos *buggies* depressa fecharam. Choramingando, Fishcake voltou-se para o mar, mas os homens cercavam-no por todos os lados e, com eles, fitando-o, estava um rapaz que ele conhecia; um rapaz alto, magro, nervoso e ruivo chamado...

— Brittlestar — anunciou Brittlestar. — Lembras-te de mim? Porque eu lembro-me de ti, Fishcake. — Ele trazia uma espingarda

de dardos. — És o bufo, não és? O que contou à Shkin onde estava

Grimsby? Não penses que me esqueci. Nenhum de nós se esqueceu, nós, os Meninos Perdidos. Talvez, quando lhes provar que te apanhei, eles me mostrem algum respeito. Talvez o Tio me perdoe, quando vier castigar-nos. Talvez...

Subitamente, sem que ninguém percebesse como, a Caçadora de Fishcake apareceu atrás de Brittlestar. Agarrou-lhe o queixo e o cabelo ruivo e torceu-lhe a cabeça com tanta força que o ruído do pescoço a partir-se ecoou pelo cais como um tiro. A última coisa que Brittlestar viu foi o seu rosto surpreendido refletido na máscara de bronze da Caçadora. O seu dedo puxou o gatilho da espingarda de dardos, que apontava para o céu. Um arpão prateado saiu disparado para a luz do sol, cortando o vapor dos motores em marcha lenta, subindo para o ar límpido por cima da cidade.

Fishcake teve apenas o juízo suficiente para se lançar ao lado do corpo estremecido de Brittlestar quando balas começaram a explodir e a assobiar por entre as «lapas» ancoradas. Viu o arpão subir cada vez mais alto, cada vez mais devagar, até parecer pairar por um instante no céu azul, como um floco de prata no meio de gaivotas em voo planado. A Caçadora abriu as garras. Quando o arpão iniciou a descida, ela começou a dizimar o bando de Brittlestar, um a um, encontrando-os pelo cheiro e pelo ruído das armas que disparavam. Quando o arpão caiu na placa do convés do lado oposto do desembarcadouro, já estavam todos mortos.

A Caçadora recolheu as garras e ajudou Fishcake a levantar-se, perguntando-lhe atenciosamente se estava ferido.

— Anna? — inquiriu Fishcake, surpreendido. — Pensei que te tivesses transformado na...

— A outra ainda está a dormir, acho — sussurrou a Caçadora, dando palmadas na túnica, que começara a arder quando alguém a atingira com uma pistola de sinalização.

— Nunca pensei que pudesses ser tão... — disse Fishcake, embaraçado, olhando para o sangue que manchava as mãos e as mangas dela. Na placa do convés ao lado dele, Brittlestar tinha parado de estremecer e quedara-se. Fishcake lembrou-se de que, em Grimsby, Brittlestar sempre fora bastante simpático para com ele. — Julguei que fosse apenas *ela* quem fazia coisas destas.

— Tive de matar pessoas, às vezes. Tinha-me esquecido, mas

agora lembro-me. Costumava ser muito boa. No meu trabalho para a Liga. E em Stayns, daquela vez, para salvar o pobre Tom e a Hester... — respondeu a Caçadora.

— Conheces o Tom e a Hester? — perguntou Fishcake, quase mais chocado com a menção daqueles nomes do que com as mortes súbitas de Brittlestar e dos seus homens.

Mas a sua Caçadora já lhe tinha pegado no punho e conduzia-o rapidamente para a «lapa» que ele escolhera. Não se dera ao trabalho de responder, e quando subiu a escada de embarque e começou a forçar as pesadas escotilhas sussurrou para si mesma qualquer coisa sobre Shan Guo e ODIN. A Anna simpática, mortífera, afundara-se mais uma vez na sua mente, e ela era de novo a Caçadora Fang.

Capítulo 8

Na Linha

Wren estivera a sonhar com Theo, mas não se lembrava do que ele dissera ou fizera no sonho; os pormenores, que lhe tinham parecido tão vivos e claros momentos antes, desapareceram num instante quando ela acordou. O pai estava a abaná-la levemente e a chamá-la.

— Bolas — resmungou. — Que foi?

Ela encontrava-se no seu beliche a bordo do *Jenny Haniver*, enroscada num monte de peles e cobertores porque, apesar de ser primavera, as Estradas dos Pássaros ainda estavam frias. Do lado de fora da vigia, o céu apresentava-se escuro. Ela sentou-se, esfregando os olhos.

— Que foi? — repetiu, agora com a voz mais clara. — Que se passa? Não está doente?

— Não, não — assegurou-lhe o pai —, e desculpa acordar-te tão cedo, mas não vais querer perder a vista que temos pela frente.

O pai de Wren acreditava firmemente que existiam certas vistas no mundo tão belas, espetaculares ou educativas que Wren nunca o perdoaria se ele não a acordasse para as testemunhar. Ele recordava-se com frequência da primeira vez que avistara Batmunkh Gompa, e do primeiro vislumbre da cordilheira de vulcões de Tannhäuser, e várias vezes na viagem para oriente arrancara Wren do beliche para ver um belo nascer do Sol ou a aproximação de uma magnífica cidade. Wren, que era adolescente e precisava de dormir, não se mostrava sempre tão grata como ele esperava.

Mas naquela manhã, quando entrou a resmungar no convés de voo e viu o que as janelas da proa do *Jenny* lhe mostravam, Wren perdoou-o imediatamente.

Eles voavam a baixa altitude, e em baixo estendia-se a mesma planície incaracterística e sulcada que atravessavam há dias. Para o Sul, uma mancha esbranquiçada de nevoeiro pairava sobre os Pântanos de Água Ferrugenta e o Mar de Khazak, mas não fora para isso que Tom a acordara. Em frente, como montanhas na bruma do

seu próprio fumo, erguiam-se mais Cidades de Tração do que Wren alguma vez vira na vida. Janelas iluminadas e respiradouros de fornalhas brilhavam como joias na escuridão pré-matinal. Vilas e cidades que Wren em tempos teria achado impressionantes circulavam de um lado para o outro, mas pareciam anãs diante das enormes metrópoles zigurates blindadas na orla oriental da aglomeração; zigurates cujos dez ou quinze andares de casas e fábricas se erguiam a partir de uma plataforma inferior com quase dois quilómetros de largura, todos couraçados como cavaleiros medievais e tachonados de canhões e torres de atracação de dirigíveis de guerra. O *Jenny Haniver* tinha chegado à linha que marcava a fronteira mais oriental do Darwinismo Municipal. Estava a entrar num dos grandes parques de cidades da *Traktionstadtgesellschaft*.

Catorze anos antes, enquanto Wren aprendia a gatinhar e alar-mava os pais comendo pedras, escaravelhos e pequenos ornamentos, a Green Storm descera dos seus redutos nas montanhas de Shan Guo para espalhar a guerra e a destruição pelo Grande Terreno de Caça. As suas frotas aéreas e os exércitos de Caçadores avançaram para oeste, espantando Cidades de Tração aterrorizadas à sua frente e destruindo as que não fugissem a tempo. Depois, Arminius Krause, o *burgermeister* da Traktionstadt Weimar, enviara emissários a onze outras cidades de língua alemã propondo que elas se unissem e se voltassem para enfrentar a Storm antes que todas as metrópoles e cidades móveis fossem lançadas da orla ocidental do Terreno de Caça para o mar.

Assim nasceu a *Traktionstadtgesellschaft*. As doze grandes metrópoles, às quais rapidamente se juntaram outras, juraram que não devorariam qualquer cidade móvel até que a Green Storm fosse destruída. Sobreviveriam devorando dirigíveis Musguentos, fortalezas e colónias estáticas até que o mundo se tornasse de novo um lugar seguro para a implementação do Darwinismo Municipal, que todas as pessoas civilizadas reconheciam tratar-se do modo de vida mais natural, sensato e justo alguma vez concebido.

Então voltaram-se, lutaram e forçaram a espantada Green Storm ao impasse. Agora, uma larga e sinuosa faixa de terra de ninguém estendia-se ao longo do Terreno de Caça, da margem sul dos Pântanos de Água Ferrugenta às orlas dos Desertos Gelados,

demarcando a fronteira entre dois mundos. Do lado oriental, a Green Storm esforçava-se por estabelecer novas colónias estáticas e recuperar para os seus agricultores terras escavadas e poluídas por séculos de Darwinismo Municipal. A ocidente, a vida continuava quase como antes, com as cidades caçando vilas e as vilas caçando aldeias; a única diferença era que a maioria dos presidentes de câmara enviava uma porção da sua captura para alimentar as *Traktionstadts*.

Ao longo dos anos, deflagrara toda a espécie de batalhas quando um dos lados tentava atravessar a linha. Extensões de lama revolvida e pântanos drenados trocavam de mãos repetidamente, à custa de milhares de vidas, mas sempre, quando o estrondo dos ataques e contra-ataques de vários meses se extinguia, a linha permanecia mais ou menos na mesma, um rio de terra sem vida serpenteando pelo continente.

Agora que as tréguas pareciam manter-se, algumas das metrópoles mercantes e plataformas industriais mais ousadas do Ocidente tinham vindo ver a linha, e várias aglomerações mercantis haviam-se formado em torno de cada concentração de *Traktionstadts*. O *Jenny Haniver* voava para uma delas. Tom conduzia-o a baixa altitude, sob o manto cinzento do fumo das cidades, e Wren observava as estruturas superiores das metrópoles e cidades mercantes e, mais abaixo, as pequenas cidades que seguiam apressadamente por entre as estreitas paredes dos sulcos profundos deixados pelas lagartas das cidades maiores. Viu pequenas cidades necrófagas, e velozes subúrbios de combate que Tom dizia chamarem-se ceifeiros. O céu estava repleto de outros dirigíveis, táxis-balões e pesadas caravanas aéreas. De repente, uma esquadrilha de ruidosas e desajeitadas máquinas voadoras passou insolentemente junto à proa do *Jenny*.

— Porcos do Ar! — exclamou Tom, e resmungou qualquer coisa sobre invenções fora de moda e pilotos que não tinham respeito pelas regras das Estradas dos Pássaros, mas Wren parecia radiante; as máquinas agitadas e acrobáticas fizeram-lhe lembrar os Furões Voadores, aqueles aviadores corajosos que ela tinha visto em ação sobre a *Cloud 9*.

Uma metrópole de guerra chamada Murnau passou rapidamente pelas janelas; um colosso blindado em forma de cunha e crivado de canhoneiras e portas falsas. As plataformas eram triângulos com-

pridos, cujas pontas formavam uma proa aguda onde um aríete de metal se projetava por baixo das mandíbulas da cidade. Parecia incrivelmente grande e forte, mas agora o céu aclarava depressa, e Wren conseguiu ver cinco ou seis cidades semelhantes ao longe, estendendo-se numa comprida fila ao longo da orla ocidental dos Pântanos de Água Ferrugenta. Algumas pareciam ainda maiores do que Murnau.

O destino do *Jenny* era bem mais pacífico. No céu, a algumas milhas de Murnau, pairava uma pequena placa de convés em forma de anel, atafulhada de pequenos edifícios e ladeado por plataformas de atracação. Era sustentada por uma nuvem brilhante de sacos de gás, como um cúmulo-nimbo prestável. Wren já estivera a bordo daquele anel algumas vezes durante a sua breve carreira nas Estradas dos Pássaros, em céus frios do Norte e céus quentes e húmidos do Sul. Encontrá-lo ali sobre aquela confusão de cidades couraçadas fê-la sentir-se um pouco como se estivesse a regressar a casa.

Airhaven!

O funcionário de rosto comprido no escritório da doca pareceu pensativo quando Tom lhe pediu informações sobre o *Archaeopteryx*, e afastou-se lentamente para ir remexer nas gavetas dos seus arquivos, regressando minutos depois com um livro-mestre bolorento que, segundo ele, continha os dados de todos os dirigíveis registados no porto-livre aéreo.

— Cruwys Morchard, mestre e comandante — disse ele, espreitando com as lunetas para uma fotografia desbotada da aviadora, presa com um *clip* à página com os dados do *Archaeopteryx*. — Ah, sim, já me lembro! Uma bela mulher. Compra Tecnologia Antiga.

— Que tipo de Tecnologia Antiga? — perguntou Tom.

— Sobretudo curiosidades magnéticas, a julgar pelos registos alfandegários. Engenhocas e futilidades antigas e inofensivas do Império Elétrico. Embora também compre material médico, e algum gado. Era apenas uma miúda quando se registou aqui. Há dezoito anos!

— Um ano depois da destruição de Londres — comentou Tom. Desprendeu a fotografia e virou-a. Tinha sido tirada há muito tempo, quando Clytie era ainda jovem; o cabelo encaracolado como uma nuvem negra. — *É* a Clytie Potts! — murmurou.

— Como? — O funcionário era um pouco surdo. Levou uma mão em concha ao ouvido e com a outra agarrou subitamente na fotografia. — Que disse?

— Penso que o verdadeiro nome dela é Potts — respondeu Tom. O funcionário encolheu os ombros.

— Seja o que for, os Deuses do Céu devem gostar dela. Não há muitos que durem dezoito anos no comércio aéreo. — E para comprovar o que dizia, voltou o livro ao contrário e mostrou a Tom e Wren as páginas do índice, no qual, entre uma longa lista de dirigíveis, havia muitos nomes riscados a vermelho, com pequenos e metódicos apontamentos ao lado dizendo coisas como «desaparecido», «acidentado» ou «explodiu em doca».

O funcionário achava que a Senhora Morchard tinha comprado o seu dirigível na Metrópole de Tração de Helsínquia, e quando Tom lhe meteu um soberano de ouro debaixo da capa do livro-mestre lembrou-se de repente que ela o comprara no estaleiro de Unthank. Mas não sabia de onde ela viera antes disso, nem onde arranjava o dinheiro para um dirigível, nem tão-pouco qual a natureza precisa dos seus negócios e, infelizmente, o velho Senhor Unthank e os seus registos tinham sido destruídos há dez anos, quando um dos seus aprendizes acendera um charuto no interior do balão de um Cloudberry Cosgrove surpreendentemente pouco estanque.

— Ainda podemos ver as marcas do incêndio nas margens da doca aérea de Helsínquia — acrescentou o funcionário, prestável, como se isso pudesse granjear-lhe mais um soberano, mas não.

Do lado de fora do seu pequeno escritório, a High Street ganhava vida, e os vendedores levantavam os estores das barracas e dispunham os tabuleiros de legumes e fruta, flores, queijos e rolos de tecido. Observando-os, Tom lembrou-se de seguir Anna Fang por entre aquelas barracas num fim de tarde cor de mel vinte anos antes. Era a sua primeira visita a Airhaven. Lembrou-se de como Hester caminhara encostada a ele, escondendo-se do olhar dos transeuntes por trás da mão erguida...

— Oh, deuses! — exclamou Wren, saindo do escritório de doca atrás dele e apontando para alguém num cais próximo. — Veja só quem é!

Por um instante, confuso com as recordações, Tom achou que pudesse ser Hester à sua procura. Sentiu-se estranhamente

desiludido quando viu uma aviadora elegante de fato de cabedal cor-de-rosa.

Wren saltitava animada e chamava:

— Senhora Twombley! Senhora Twombley!

A aviadora, que estivera imersa em conversa com alguns dos camaradas, olhou em volta surpreendida, depois atravessou graciosamente o cais para ver quem a chamava com tanto entusiasmo.

— É a Orla Twombley — disse Wren ao pai. — Costumava trabalhar para Brighton. — E quando a aviadora se aproximou, o seu semblante carregado e perplexo converteu-se num sorriso de reconhecimento. Ela e Wren não se haviam conhecido muito bem, mas ambas pareciam contentes por saber que a outra escapara com vida à batalha na *Cloud 9*.

— És a Wren, não és? — perguntou a Senhora Twombley, tomando as mãos de Wren nas dela. — A pequena escrava do Pavilhão? Imaginava-te morta, ou capturada pela Storm. Que bom ver-te sã e salva! E este distinto cavalheiro é o teu marido, imagino?

— Pai — corrigiu Tom, corando. — Sou o pai da Wren.

— E eu que sempre pensei que a Wren fosse uma daquelas Meninas Perdidas! — exclamou a Senhora Twombley, espantada. — Uma pobre órfã de mãe de algum lugar bem longe no mar ocidental...

— Órfã de mãe, mas não de pai — afirmou Wren. — EÉ uma longa história. Mas estou feliz por a ver tão bem, Senhora Twombley. Pensei que tivesse sido abatida...

— Foi uma noite péssima, aquela, não há dúvida — admitiu a aviadora, e abanou a cabeça ao recordar-se dos violentos combates travados à volta da *Cloud 9*. — Mas seria preciso muito mais do que uns pássaros Caçadores e uns reles e velhos Fox Spirits para abater o meu *Marsupial de Combate*. Voltei a formar os Furões Voadores. Trabalhamos para Adlai Browne, Presidente da Câmara de Manchester. Ele vai trazer a cidade para a linha, e mandou-nos à frente como guarda-avançada.

Wren acenou com a cabeça. Eles tinham passado por Manchester uma semana antes: uma cidade enorme e cinzenta deslocando-se pesadamente para sudeste, coberta de gruas que pareciam estar a

pôr novas chapas de blindagem antifoguetões sobre as plataformas superiores.

— Mas que vos trouxe aqui? — perguntou Orla Twombley. Olhou, expetante, para Tom, mas este nada disse. Ele estivera a pensar se não teriam sido as máquinas voadoras da Senhora Twombley a rasar pelo *Jenny Haniver* à chegada, e se não devia queixar-se disso, mas a Senhora Twombley era tão bonita que ele simplesmente não conseguia.

Wren interveio rapidamente:

— Viemos procurar uma velha amiga do meu pai. Chama-se Cruwys Morchard. Não a conhece, por acaso?

— A arqueóloga? — Orla Twombley acenou que sim. — Vi-a uma vez no Pavilhão, em Brighton. Costumava comprar Tecnologia Antiga ao Pennyroyal. A propósito, dizem que os dois até tiveram um caso a dada altura... mas o nome do Pennyroyal já esteve ligado a tantas mulheres! Até a mim!

— Mas pensei que você e o Professor Pennyroyal fossem... — confessou Wren.

— Oh, só na imaginação da mulher dele, e nas páginas de mexericos do *Palimpsesto de Brighton* — riu-se Orla Twombley. — Só namorisquei com o velho traste uma vez, para garantir a renovação do contrato dos Furões. No entanto, quando soube da sua coragem naquela noite, quase me arrependi de não ter sido sua amante. Quem diria que uma relíquia velha como o Pennyroyal pudesse levar a melhor sobre a Caçadora Fang...

Wren riu-se.

— É isso o que as pessoas dizem que ele fez?

— Não ouviste falar? — perguntou Orla Twombley, como se Wren tivesse confessado não saber que o mundo era redondo ou que os fatos de aviador de gola alta estavam fora de moda. — Não se falou de outra coisa durante esta estação aqui, na linha! Então não dizem que o Professor Pennyroyal é o grande herói do mundo? E não tem ele vivido à custa das histórias que conta sobre os seus feitos, a bordo de todas as *Traktionstadt*s?

— Ele está aqui? — perguntou Tom.

— A bordo de Murnau, neste preciso instante — confirmou a aviadora. — Já sei, têm de lhe perguntar sobre a sua amiga Cruwys

Morchard! Ele deve saber tudo acerca dela! Se bem o conheço, neste momento está a tomar o pequeno-almoço no Moon's, lá em baixo, na segunda plataforma de Murnau.

— Ah, sim, pai! — exclamou Wren, animada. — Vamos lá, vamos procurá-lo e perguntar-lhe!

Tom levou uma mão ao peito, à ferida que a bala de Pennyroyal lhe fizera. Não queria ir tomar o pequeno-almoço com o homem que tentara matá-lo. No entanto, Pennyroyal comportara-se decentemente a bordo de Kom Ombo, e agora que pensava nisso, lembrava-se vagamente de Pennyroyal lhe ter contado uma história sobre uma aviadora que ele conhecia e que se aventurara a entrar nos destroços de Londres. Seria o nome dela Cruwys Morchard?

— Eu levo-vos lá — ofereceu-se Orla Twombly, e estava decidido. Conduziu-os para o centro de Airhaven, onde havia táxis-balões à espera para transportar pessoas para as cidades e metrópoles lá em baixo.

Enquanto o táxi descia para Murnau, Wren tagarelava animadamente sobre as proezas dos Furões Voadores, contando como as pequenas máquinas voadoras se haviam lançado aos contratorpedeiros aéreos gigantes por cima de Brighton. Mas Tom não a ouvia. Estava demasiado ocupado a pensar no mistério de Clytie Potts. Onde ficava a doca particular do seu dirigível? Porque estava a comprar Tecnologia Antiga e medicamentos? Porquê gado?

Ocorrera-lhe uma resposta algumas noites antes, enquanto meditava acordado sobre o seu encontro com ela em Peripatetiapolis. Voltou a ocorrer-lhe agora, ao pensar no que o funcionário da doca lhe contara. Era uma resposta louca e improvável, e ele nem queria acreditar nela, porque temia que pudesse ter mais que ver com as suas saudades de Londres do que com uma análise fria dos factos. Tinha de esperar para ver o que Pennyroyal sabia, decidiu. Talvez ele se lembrasse de alguma coisa acerca do *Archaeopteryx* e da sua comandante que confirmasse, de uma maneira ou de outra, a teoria de Tom.

E notou então que estava bastante ansioso por voltar a encontrar-se com o seu assassino.

Capítulo 9

Pequeno-Almoço No Moon's

O táxi pousou numa plataforma junto a uma porta de entrada na couraça de Murnau, onde eles foram recebidos por inúmeros guardas e inúmeras perguntas. Os guardas eram educados, mas mostravam alguma relutância em deixar indivíduos de aspeto duvidoso como Tom e Wren subir à Segunda Plataforma, mesmo depois de Orla Twombly prometer que se responsabilizaria por eles e de lhes mostrar a espada ornamental que recebera por ter abatido três dos contratorpedeiros da Green Storm na batalha da Baía de Bengala. Por fim, exasperada, disse:

— Eles são velhos amigos do Professor Nimrod Pennyroyal! — Isso bastou; os guardas deixaram de ser meramente educados e tornaram-se bastante amáveis; um deles telefonou ao comandante e, um minuto depois, Tom, Wren e a Senhora Twombly estavam num elevador com destino à Segunda Plataforma.

Naqueles tempos de paz, durante o dia, Murnau começara a abrir as portinholas na sua couraça, para deixar entrar a luz do sol. Mesmo assim, a Segunda Plataforma parecia sombria. Várias vezes depois de saírem da estação de elevadores, Tom e Wren passaram por lugares desertos onde ruas inteiras tinham sido demolidas por foguetões e bombas voadoras. Os edifícios que ainda estavam de pé tinham Xs de fita adesiva nas janelas, o que lhes dava o ar de bêbedos em histórias de banda desenhada. As paredes encontravam-se quase completamente cobertas de cartazes e *slogans* estampados, e não era preciso falar alemão moderno para perceber que incentivavam os jovens de Murnau a alistar-se como voluntários nas *Abwehrtruppe*, as forças armadas de Murnau. A maioria dos homens que Wren via nas ruas seguira o conselho, e envergava elegantes uniformes azul-escuros. Os poucos que se vestiam à civil, os que tinham perdido um braço ou uma perna, ou metade do rosto, ou que eram transportados em cadeiras de rodas, exibiam medalhas para mostrar que haviam cumprido o dever contra a Storm. Muitas raparigas também usavam uniforme, mas não de modo tão soberbo como os homens. Orla Twombly explicou porquê:

— As mulheres de Murnau não estão autorizadas a lutar,

coitadas. Cumprem o seu dever trabalhando nas fábricas e na subdivisão de máquinas enquanto os homens manejam as armas.

Atravessaram a Walter Moers Platz, dirigindo-se para um café alto e estreito chamado Moon's. Uma portinhola fora aberta na cobertura blindada da cidade a algumas ruas de distância, deixando entrar a luz forte da primavera, embora demasiado tarde para as árvores e ervas do pequeno jardim no centro da praça, que estavam mortas, castanhas e secas depois de vários anos à sombra. Através dos ramos sem folhas, Wren vislumbrou fontes silenciosas e um coreto enferrujado. Achou que Murnau era a cidade mais triste que alguma vez visitara.

No entanto, quando seguiu Orla Twombly pela porta da frente do Moon's, a sensação que teve foi de sair de Murnau e entrar noutra cidade diferente. Os móveis gastos e contrastantes do café davam-lhe um ambiente vagamente artístico e decadente, e as paredes estavam cobertas de pinturas, desenhos e fotografias de pessoas a divertir-se. Lembrava-lhe Brighton, e a semelhança era intencional. Havia uma geração de jovens a bordo de Murnau que vivera toda a vida com guerra e serviço militar. Tinham ouvido falar das liberdades que as pessoas gozavam noutras cidades, e estavam decididos a experimentá-las. E então vinham ao Moon's; os pintores e os escritores e os poetas e os jovens de licença das *Abwehrtruppe* que sonhavam ser pintores e escritores e poetas, e esforçavam-se ao máximo por ser românticos e boémios.

Não o faziam muito bem, claro. Havia algo demasiado rígido nas poses desleixadas que adotavam, sentados nas pirosas e velhas poltronas de pele do Moon's. As suas roupas largas e informais estavam demasiado bem engomadas, e os cabelos compridos sempre bem penteados. Os poucos artistas genuínos entre eles, como o pintor Skoda Geist, pareciam-lhes demasiado assustadores. Assim, quando Nimrod Pennyroyal chegara a Murnau, haviam-no recebido com entusiasmo. Ali estava um homem que fizera fortuna tendo aventuras altamente românticas e escrevendo livros sobre as mesmas, e que fora em tempos

Presidente da Câmara de Brighton, a capital das cidades artísticas. No entanto, ao contrário de Geist, ele nunca se ria deles, nem troçava dos seus poemas e pinturas; pelo contrário; estava sempre disposto a louvar-lhes os pequenos esforços, e a deixar que lhe passassem bebidas e refeições.

Pennyroyal ia a meio de um enorme pequeno-almoço quando Tom e Wren o interromperam. Literalmente a meio, pois o sofá onde se sentava, numa sala do piso superior, encontrava-se rodeado de pequenas mesas cheias de pãozinhos, carnes cozidas, fruta, *croissants*, *waffles* de algas, ovos estrelados, cogumelos, torradas, *kedgeree*, omeletas, compotas e queijo. Uma cafeteira de prata soltava pequenas espirais de vapor para o funil de raios solares que entravam pelas janelas coladas com fita adesiva, e em redor do professor, amontoados nos outros sofás ou sentados displicentemente no chão, os jovens aspirantes a artista de Murnau escutavam-no a descrever o livro no qual estava a trabalhar.

— ... acabei de chegar à parte em que enfrentei aquela terrível Caçadora Fang — explicava, por entre uma dentada num pão de musgo. — Foi um episódio bastante difícil de escrever, pois tenho de admitir que me senti apavorado. Estremeci! Tremi! Nunca *planeei* enfrentá-la, compreendem... Não pretendo armar-me em herói. Não, encontrei-a por acaso quando corria pelos jardins à procura de uma maneira de escapar à Storm...

Os ouvintes acenavam vigorosamente com a cabeça. Alguns tinham feito o serviço militar nos fortes dos rebordos de Murnau, e enfrentado Caçadores, e a maioria lembrava-se das terríveis batalhas do ano 14, em que dirigíveis da Green Storm tinham desembarcado pelotões de Ressuscitados nas plataformas superiores de Murnau. Queriam todos ouvir como aquele corajoso e velho cavalheiro derrotara o mais terrível dos Caçadores.

No entanto, Pennyroyal, por uma vez, parecia não saber o que dizer. Ficou de boca aberta, pousou o garfo e, um a um, os ouvintes voltaram-se para ver os recém-chegados.

— Dois velhos amigos para falar consigo, professor! — anunciou Orla Twombly, encontrando um lugar para se sentar entre os jovens de Murnau.

— Tom! — exclamou Pennyroyal, levantando-se. — E Wren! Minha querida!

Foi cumprimentá-los de braços abertos. A aparição súbita dos dois surpreendera-o, mas sentia-se genuinamente feliz por os ver. Sempre se sentira culpado por ter ferido Tom, mas ao salvar Wren dos Meninos

Perdidos, ajudando-a a levar o *Arctic Roll* para Kom Ombo e

depois, magnanimamente, deixando-os ficar com o pequeno dirigível, ele esperava já os ter compensado por aquele infeliz acidente em Anchorage. Agora, que a terrível mulher de Tom desaparecera, Pennyroyal teria todo o prazer em incluir os Natsworthy entre os amigos.

— Meus queridos! — exclamou, radiante, abraçando um de cada vez. — Como estou contente por vos ver! Estava a contar aqui aos meus amigos as nossas aventuras na *Cloud 9*, que serão o tema do meu próximo livro. Uma respeitável editora de Murnau, a Werederobe & Spoor, deu-me um chorudo adiantamento por um modesto relato da minha participação na queda da Caçadora Fang e na ascensão do General Naga, aquele cavalheiro amante da paz. Aparecerão ambos na história, claro! Afinal, Wren, minha fiel escrava, não foste tu que levaste o *Arctic Roll* para a *Cloud 9* para me salvar quando toda a esperança parecia perdida?

— Fui? — perguntou Wren. — Não é bem assim que me lembro...

— Ela é a modéstia em pessoa! — exclamou Pennyroyal, olhando por cima do ombro para os jovens amigos. Depois, para Wren, e, num tom bem mais urgente, sussurrou: — Tive de alterar os factos um pouco, aqui e ali, para tornar a história mais plausível, percebes?

Wren olhou para o pai, e ambos encolheram os ombros. Ela imaginava como devia ser cansativo ser o Pennyroyal, e construir todo um passado a partir de tantas mentiras entrelaçadas. Ele devia despende muito tempo a trabalhar as suas histórias para garantir que tudo se encaixava, e com certeza devia viver com medo do dia em que aquele edifício periclitante se desmoronasse?

Mas talvez Pennyroyal pensasse que as recompensas valiam o esforço, e tudo nele indicava que estava a prosperar. Envergava um fato desenhado por si que lhe dava um ar importante e militar sem ser um uniforme: um curto dólman azul-celeste por cima de um colete vermelho (ambos cobertos de alamares e inúteis botões prateados), um cinturão lilás, calções roxos com bordados de ouro e uma risca carmesim de quinze centímetros de largura, e botas de cano alto e largo com borlas douradas. Comparado com o Pennyroyal que conhecera em Brighton, Wren até achava que ele parecia bastante elegante e comedido.

Ele arranhou lugar para Wren e Tom no seu próprio sofá e convidou-os a servir-se do pequeno-almoço enquanto apresentava os amigos. Wren não estava habituada a conhecer tantas pessoas novas tão depressa. Conseguiu reter apenas que o homem de óculos em trajes civis era Sampford Spiney, correspondente em Murnau de uma revista chamada *O Espelho*, que estava a escrever uma biografia de Pennyroyal, e que a jovem discreta e de óculos segurando uma máquina fotográfica enorme era a fotógrafa, a Menina Kropotkin. As outras apresentações passaram-lhe ao lado, numa confusão de nomes e postos militares. A única pessoa na qual Wren estava interessada — um jovem alto e magro que se encontrava sozinho junto à lareira —, Pennyroyal parecia não a conhecer, o que era uma pena. Ele não era tão atraente como alguns dos outros jovens oficiais, e o seu velho sobretudo azul parecia gasto e manchado, mas havia algo magnético no seu rosto irónico e atento que atraía constantemente o olhar de Wren.

Pennyroyal serviu café aos convidados e iniciou uma conversa educada e banal sobre as tréguas, o tempo e o generoso adiantamento que recebera da nova editora. Depois perguntou a Tom:

— Como está o velho *Arctic Roll*? E que te levou a trazê-lo para estas bandas?

— Chama-se novamente *Jenny Haniver* — respondeu Tom —, e viemos à procura de uma pessoa. Uma senhora.

— A sério? — Pennyroyal semicerrou os olhos, pensativo; ele considerava-se quase um perito no que dizia respeito ao belo sexo.

— Alguém que eu possa conhecer?

— Julgo que sim — respondeu Tom. — Chama-se Cruwys Morchard.

— Cruwys! — exclamou Pennyroyal. — Sim, por Poskitt, conheço-a bem. Mas, por todos os deuses, já passaram vinte anos desde que a conheci. — (O jornalista Spiney começou a rabiscar num caderno de apontamentos com um bico de lápis.) — Ela veio visitar-me na *Cloud 9* algumas vezes — continuou Pennyroyal. — Continua a pilotar aquele seu *Archaeopteryx* e tão misteriosa como sempre...

— Porquê misteriosa, professor? — perguntou um dos jovens.

— Ora, porque ninguém sabe de onde vem — explicou

Pennyroyal.

— Querem que vos conte o que sei dela? É uma história extraordinária...

— Sim, por favor, professor! — pediu Wren. — E conte-nos apenas a verdade, sem qualquer alteração dos factos ou...

— Ah, sim, por favor! — exclamou metade dos ouvintes de Pennyroyal; e «*Bitte!*», concordaram os restantes, depois de os amigos falantes de anglo terem traduzido as palavras do professor.

— Muito bem — anuiu Pennyroyal, mas o pedido de Wren deixara-o nervoso. — Talvez devesse começar por dizer que é uma história *muito* extraordinária. Penso que já conheci histórias mais estranhas, mas, ainda assim, Cruwys Morchard ficou-me na memória, por causa dos seus extraordinários encantos pessoais e da maneira como a conheci.

— Foi em Helsínquia, há cerca de dezanove anos — começou Pennyroyal. — A cidade andava a caçar colónias semiestáticas perto do Altai Shan. Eu estava lá em baixo na Entranha, visitando uma jovem e encantadora inspetora de salvados chamada Nutella Eisberg, quando a Menina Morchard apareceu a bordo com dois companheiros; homens de aspeto rude, mas de uma dedicação comovente à companheira. Tinham entrado diretamente a partir da tundra (as mandíbulas da cidade estavam abertas na altura para que as equipas de manutenção pudessem limpar-lhes os dentes), e pediram asilo ao Supervisor da Entranha.

»Aquilo causou alguma agitação, acreditem! Foi no ano seguinte à explosão de Londres. Já tinha havido algumas atrocidades cometidas por fanáticos da Green Storm, e as cidades do Terreno de Caça oriental começavam a ficar inquietas. Penso que a gente de Helsínquia teria banido a Menina Morchard e os amigos novamente para o Terreno Exterior, temendo que fossem sabotadores ou espões, mas por sorte eu estava a passar na altura e disse que me responsabilizava por ela. A sua beleza comoveu-me, percebem? E a juventude, claro, pois não devia ser muito mais velha do que a Wren.

Toda a gente se voltou para olhar para Wren, que corou.

— Levei a Menina Morchard comigo para a plataforma superior da cidade — continuou Pennyroyal —, e convidei-a a ficar na minha

suíte no Hotel Uusimaa, se conseguíssemos encontrar alojamento adequado para os seus rudes amigos. Mas ela disse: «Não preciso de esmolas, meu senhor. Tenho muito dinheiro e vim a esta cidade comprar um dirigível. Se quiser ajudar-me, talvez me possa apresentar a um negociante honesto de dirigíveis usados.» Bem, levei-a ao velho Unthank. E, sabem, ela tinha de facto muito dinheiro! Embrulhado num cinto secreto e, escondido em volta daquele corpo encantador, havia dezenas de moedas de ouro, e cada um dos companheiros carregava um fardo igual. Dei uma olhadela às moedas enquanto ela regateava com Unthank e reconheci-as; ouro de Londres, cada moeda estampada com o retrato de Quirke, o deus daquela infeliz cidade!

»Podem imaginar o meu espanto! Londres já não existia. Então não tinha visto com os próprios olhos o sinistro clarão da sua explosão? “Onde arranjou todos estes Quirkes, minha querida?”, perguntei, e a Menina Morchard, após um momento de embaraço, confessou que era arqueóloga, que andara a procurar salvados entre as ruínas de Londres!

Uma onda de comoção espalhou-se pelos ouvintes de Pennyroyal. As pessoas murmuravam, animadas, em alemão moderno (uma bela língua; as palavras eram afiadas). Tom inclinou-se para a frente, ansioso. Uma jovem num vestido decorado com centenas de olhos azuis disse:

— Mas, Herr Professor, as ruínas de Londres estão assombradas!

— Efetivamente — respondeu Pennyroyal. — Nos meses que se seguiram à destruição de Londres, uma dezena de diferentes subúrbios necrófagos correu para ir devorar os destroços retorcidos e enegrecidos. Nenhum regressou.

— Porque as frotas aéreas da antiga Liga Antitração os apanharam quando se aproximaram do campo de destroços e desfizeram-nos — disse uma voz clara e levemente trocista. O jovem que Wren vira mais cedo aproximara-se da beira do círculo dos amigos de Pennyroyal e pusera-se a escutar atentamente, com as mãos nos bolsos do casaco. Os seus olhos brilhavam. A boca larga torceu-se, num sorriso quase escarninho.

— Foi o que ouvimos dizer, jovem — anuiu Pennyroyal, olhando-o furioso. — Foi o que ouvimos dizer. Mas não ouvimos também rumores mais sinistros?

Os jovens de Murnau murmuraram e acenaram que sim com a cabeça. Parecia que todos tinham ouvido.

— A Cruwys Morchard era uma cientista, uma pessoa racional como o nosso amigo aqui — continuou Pennyroyal. — Não ligava a conversas de fantasmas. No entanto, viu coisas em Londres que lhe embranqueceram o cabelo! Mal o seu grupo aterrou no meio das ruínas, um misterioso raio de luz irrompeu dos destroços e destruiu-lhes o dirigível. Seguiram-se mais raios, saindo disparados do metal morto e atingindo tudo em volta dos exploradores, como se fossem atraídos pelo calor do dirigível em chamas ou talvez pelos corpos quentes da Menina Morchard e dos seus camaradas! Um deles ficou reduzido a cinzas. Os outros entraram em pânico e fugiram, mas as ruínas pareciam deslocar-se e torcer-se à sua volta, impedindo-os de encontrar a saída dos campos de destroços. Uma dúzia deles morreu durante a semana que o grupo demorou a voltar para o Terreno Exterior. E não foram só os raios que os mataram. Havia... *outras coisas*. Coisas que faziam empalidecer até a corajosa Menina Morchard quando falava delas. Coisas que enlouqueceram os homens, levando-os a atirar-se de sítios altos nas ruínas, só para não terem de as enfrentar.

— Que tipo de coisas? — perguntou a jovem, fixando o vestido, ansiosa.

— Fantasmas! — sussurrou Pennyroyal. — Eu sei, Fräulein Hinblick, vai dizer-me que essas coisas não existem; vai dizer-me que ninguém volta do País sem Sol. Mas a Menina Morchard jurou-me que viu fantasmas nas ruas arruinadas de Londres. E como a Menina Morchard é a única pessoa que pôs o pé naquelas ruas e sobreviveu para contar a história, penso que devíamos acreditar na sua palavra.

Abateu-se um silêncio sobre a sala. O ambiente parecia ter esfriado. Fräulein Hinblick aconchegou-se mais aos companheiros, e um jovem com medalhas ao peito e uma mão de madeira disse baixinho:

— É um lugar assombrado. Quando voei com as *Abwehrtruppe*, observei-o de longe. À noite, veem-se luzes estranhas a brilhar e a piscar. Até a Green Storm tem medo. No resto do velho Terreno de Caça oriental, eles estabeleceram colónias, florestas, quintas e

campos de moinhos de vento, mas num raio de duzentos quilómetros em volta das ruínas de Londres não há nada.

Tom inclinou-se para frente no sofá. Era o momento de tentar expor a teoria que andara a delinear durante os últimos dias. Tremia ligeiramente quando começou a falar.

— Penso que a Senhora Morchard talvez estivesse a enganar-te um pouco. Acredito que ela vem de Londres, percebes? Conhecia-a quando era Clytie Potts, membro do Grémio dos Historiadores. De uma maneira ou de outra, ela sobreviveu à MEDUSA. Talvez tenha inventado a história de fantasmas e raios para impedir que as pessoas se aproximem de Londres. A fim de afugentar vasculhadores que pudessem tentar pilhar os destroços. Não será possível que outros londrinos tenham sobrevivido à explosão e que ela use o *Archaeopteryx* para entrar e sair das ruínas, levando-lhes mantimentos?

Os jovens de Murnau eram demasiado bem-educados para dizer que não acreditavam nele, mas Wren percebeu isso pelas caras. Apenas o jovem mal-arranjado observava Tom com interesse.

— Medicamentos e gado — acrescentou Tom, esperançoso. — Foi o que o funcionário da doca de Airhaven nos disse que ela transporta...

Pennyroyal abanou a cabeça.

— Uma ideia interessante, Tom, mas algo improvável, não achas? Mesmo que alguém tivesse sobrevivido àquele terrível desastre, porque estaria ainda a viver nas ruínas, a centenas de quilómetros da linha, do lado da Green Storm?

Wren sentiu-se envergonhada por causa do pai. Desejava que ele lhe tivesse contado primeiro a sua ideia disparatada antes de deixar que os outros a ouvissem. Pobre pai! Sentia realmente muitas saudades da sua velha cidade, mesmo passados tantos anos; era por isso que se deixava levar pela imaginação.

O grupo do pequeno-almoço de Pennyroyal começava a dispersar-se, com a sala a encher-se de um burburinho enquanto Tom continuava a falar animadamente com o professor e Fräulein Hinblick explicava o que acabara de ser dito aos amigos que não falavam anglo. Alguns olharam incrédulos para Tom, e ouviram-se risos. Wren voltou-se para procurar Orla Twombly e deparou-se com o estranho mal-arranjado logo atrás dela.

— A imaginação do teu pai é quase tão fértil como a do Professor Pennyroyal — comentou ele.

— O meu pai também é londrino — respondeu Wren. — É natural que esteja interessado no que aconteceu a Londres.

O homem pareceu satisfeito. Era mais bem-parecido do que Wren julgara a princípio, e também mais jovem; na verdade, apenas um rapaz; com dezoito ou dezanove anos, pele pálida e transparente e alguns pelos no queixo e no lábio superior. Mas os olhos azuleiros pareciam pertencer a um rosto bem mais velho. Olhavam além de Wren, para o pai dela, quando ele disse:

— Gostaria de falar com ele. Mas não aqui. — Pensou por um momento, depois meteu a mão no bolso do casaco e tirou um cartão grosso e creme que entregou a Wren. Gravado em relevo, numa caligrafia arredondada, havia um endereço na *Oberrang*, a plataforma superior de Murnau. — O meu pai vai dar uma festa amanhã à tarde. Deviam aparecer os dois. Lá, podemos falar em privado.

Ele examinou o rosto de Wren durante um instante. Ela olhou para o convite e, quando voltou a levantar os olhos, o jovem já tinha partido; viu-lhe as abas do casaco a esvoaçar quando ele chegou às escadas e começou a descer; o seu cabelo cintilou dourado à luz dos candeeiros. Depois desapareceu.

Wren voltou-se para o pai, mas Tom conversava com Spiney, tentando não revelar toda a verdade quando respondia às perguntas do jornalista sobre o Professor Pennyroyal. Então Wren foi ter com Orla Twombly.

— Quem é aquele homem? — perguntou. — O que interrompeu a história do professor.

— Ele? — A aviadora olhou rapidamente em volta e, percebendo que o jovem já saíra, respondeu: — Chama-se Wolf Kobold. Filho do Kriegsmarshal von Kobold, o velho soldado que eles elegeram Presidente da Câmara de Murnau quando começou esta guerra. Olha, ali estão os dois naquela fotografia por cima da lareira... O Wolf é um combatente corajoso. Bonito também, não achas?

Wren achava que sim, mas era demasiado tímida para o admitir. Tentou não corar quando a aviadora a conduziu pela sala ainda cheia de gente para lhe mostrar a foto. Lá estava Kriegsmarshal, um cavalheiro sério e rígido cujos enormes bigodes brancos pareciam

um albatroz empoleirado no seu lábio superior. A seu lado estava o jovem com quem Wren acabara de falar, parecendo ainda mais novo — a fotografia devia ter cinco ou seis anos, apresentando Wolf como um menino bastante angélico. Wren perguntou-se o que teria acontecido ao rapaz entretanto que o tornara tão sisudo.

— Ele será Kriegsmarshal quando o velhote finalmente se reformar ou morrer — disse Orla Twombly. — Até então continuará a ser Presidente da Câmara de um dos subúrbios-ceifeiros de Murnau. Aparece no Moon's de vez em quando, quando vem a Murnau tratar de assuntos familiares, mas é um tipo solitário. Nunca falei com ele.

Wren mostrou a Orla o convite que recebera, e a aviadora assobiou baixinho.

— Wren, querida, não *paras* de subir na vida! Vejam só, ainda não estás há uma hora na cidade e já foste convidada para a festa do Kriegsmarshal...

Capítulo 10

O Anjo Negro

O que é isto? Aqui, no alto-mar do deserto, onde os horizontes ondulantes parecem mais líquidos do que térreos, surgiu algo sólido. É apenas um ponto negro a princípio; um triângulo escuro tremeluzindo sobre as miragens prateadas que atravessam as dunas, mas torna-se maior e mais nítido a cada instante; uma lâmina, uma barbatana de tubarão, uma vela preta enfunando ao vento do deserto. Escutem; podem ouvir a areia cantar sob as rodas velozes. Olhem; podem ver o reflexo do sol como diamantes numa fila de vigias.

Imaginem um patinador num lago, mas ampliem-no até ao tamanho de um iate. Fixem uma roda a cada uma das suas longas pernas e ergam um mastro em cima. Depois ponham-no a deslizar sobre a areia, não sobre a água. É uma nave-das-areias, o veículo preferido dos vasculhadores e caçadores de recompensas do deserto e, quando ele passar, se nos voltarmos para olhar, poderemos ver o que o trouxe para este oceano mineral. A região em frente está cheia de cidades, com as chaminés e os telhados ondulando por trás das cortinas de calor refletido que oscilam por cima das dunas.

É um acontecimento raro; o mais próximo de uma aglomeração mercantil que poderemos encontrar no mundo seco dos confins do deserto, onde as cidades se devoram. Um subúrbio grande e lento que devia estar a caçar aldeias de pescadores ao longo da costa distante meteu-se no mar de areia por engano, e foi imobilizado por um bando de velozes predadores. Os caçadores têm rodas enormes, mandíbulas enormes, motores enormes e apetites enormes a condizer. Encurralaram a presa numa poeirenta bacia de areia chamada baía de Betume, rodeada de colinas escavadas. Estão a despedaçá-la e, durante um dia ou dois, enquanto estiverem demasiado ocupados a digerir a presa para se devorarem uns aos outros, reina uma paz intranquila. Os mercadores deslocam-se de uma cidade feroz para outra, e dirigíveis aparecem de longe e de repente para vender Tecnologia Antiga e bugigangas. Até as velozes e ariscas cidades necrófagas se aproximam com cuidado para tentar vender a sucata que encontraram nas areias.

As velas pretas ondeiam e esvoaçam como pétalas de uma papoila quando o piloto volta a nave sem nome para o vento, abrandando, fazendo uma longa curva que a levará para junto das outras naves-das-areias em redor da aglomeração.

A pequena cidade de Cutler's Gulp estacionara nas encostas de uma duna enorme a um quilómetro do frenesi devorador das cidades maiores, e mantinha os motores em marcha lenta, pronta para levantar voo num instante se algum dos predadores mostrasse sinal de a desejar para sobremesa. Era baixa e comprida, composta sobretudo de motores, e dos grossos canos e condutas e tubos de escape que os serviam, e com o seu único convés ensombrado pelas grossas rodas de areia. Os habitantes tinham construído as casas no pouco espaço que restava, estendendo os toldos pelas condutas e erguendo pequenos abrigos de lama e pasta de cartão nos mínimos recantos vazios do convés entre as casas das máquinas. Naves-das-areias entravam e saíam das garagens nas suas entranhas, e um rápido dirigível mercador, às riscas pretas e brancas e chamado *Humbug*, surgiu a zumbir das dunas para pousar na doca; um espaço vazio na proa onde dois edifícios de lama se haviam desmoronado recentemente.

O dono do *Humbug* era um mercador chamado Napster Varley. *Varley & Filho*, diziam os dísticos nas coberturas dos motores do dirigível, mas o pequeno Napster tinha apenas três meses, e ainda não participava na administração do negócio. Varley esperara que uma esposa e um filho pudessem dar-lhe a respeitabilidade de que precisava para escapar àquelas reles cidades mercantes do deserto e estabelecer-se numa das grandes metrópoles. Mas até agora os dois só lhe tinham dado barulho, aborrecimento e despesas e, se não precisasse da mulher para o ajudar a pilotar o *Humbug*, já os teria atirado borda fora há meses.

Quando o sol se pôs a oeste e as sombras começaram a alongar-se, Varley deu por si a deambular pelos passadiços decrepitos da popa de Cutler's Gulp com a dona do lugar, a Avó Gravy.

Faziam um par estranho. Napster Varley era um jovem franzino e macilento com flocos de pele queimada pelo sol caindo-lhe do nariz arrebitado. Era um leitor interessado em livros de economia e, num deles (*Como Ter Êxito no Comércio Aéreo*, de Dornier Lard), lera que «um homem de negócios bem-sucedido deve sempre vestir-se de

modo distinto, para que os clientes se lembrem dele». Assim, apesar do calor, ele trazia uma sobrecasaca roxa, uma cartola de pele e *pantalonas* largas com um padrão axadrezado em amarelo e carmesim.

A Avó Gravy, por sua vez, cobria-se de tantas camadas de esvoacantes xailes, túnicas, saias e *djellabas* cor de ferrugem que parecia que uma das tendas dos nómadas do deserto profundo decidira levantar-se e começar a andar. Mas se espreitássemos de perto o espaço entre os seus ombros volumosos e o chapéu de abas largas, poderíamos ver, por trás da rede cerrada do seu véu à prova de moscas, um rosto gordo e amarelado e um par de olhos minúsculos e calculadores que cintilavam levemente ao examinar o Senhor Varley.

— Tenho uma coisa para vender — informou-o. — É verdade. Encontrei-a no meio do deserto, há umas semanas. Muito valiosa.

— Ah, sim? — Varley passou um lenço pelo pescoço e enxotou as moscas. — Não é Tecnologia Antiga, pois não? O preço da Tecnologia Antiga baixou de forma escandalosa desde que começaram estas tréguas...

— Mais valiosa do que Tecnologia Antiga — sussurrou a Avó Gravy. — Caiu de um dirigível Musguento que explodiu no ar. Os meus rapazes viram os fogos no céu. A minha cidade foi a primeira a chegar aos destroços. Não restava muito, não. Só algumas estacas e peças de motor, e esta mercadoria, esta valiosa mercadoria...

Ela conduziu-o por uma escadaria de metal acima e depois pela porta de uma das torres de lama e tijolo que se erguiam como termiteiras do emaranhado de condutas na popa da pequena cidade. No interior havia mais escadas, e a Avó arquejava e chocalhava ao subi-las. As bainhas das suas túnicas estavam adornadas com amuletos; um maxilar humano, a mão de um macaco, pequenos saquinhos de pele sebosos cheios de «sabiam-os-deuses-o-quê». A Avó Gravy tinha fama de bruxa, e usava-a para manter a sua gente na ordem. Até Varley se sentia um pouco nervoso ao segui-la pelas escadas de caracol, e tocou na medalha do Deus do Comércio que trazia ao pescoço por baixo do plastrão com desenho de cornucópias.

Chegaram a uma divisão superior; quente e, como o resto da torre da Avó, cheia de uma névoa acastanhada e um leve odor a gordura queimada. No meio da divisão havia alguém acorrentado

pelos pés a uma argola de metal. Um rapaz, pensou Varley, antes de o indivíduo levantar a cabeça e o fitar através de um emaranhado de cabelo sujo e ele perceber que era uma rapariga. Tinha a roupa em farrapos, e feridas no pescoço e nos tornozelos magros provocadas pelas grilhetas.

— Desculpe, Avó — disse Varley, rapidamente. — Não estou interessado em comprar escravos. — (Ele não tinha qualquer objeção moral ao comércio de escravos, mas o grande Nabisco Shkin, no seu livro *Investir em Pessoas*, aconselhava os aspirantes a traficante de escravos a comprar apenas a mercadoria mais saudável. E bastou a Varley olhar para aquela avezinha magricela para perceber que ela já estava meio morta.)

— Ela é muito mais valiosa do que uma mera escrava — assegurou a Avó Gravy, com a sua voz áspera e ofegante. Depois atravessou a cela, no seu andar bamboleado, e agarrou a prisioneira pelo cabelo, torcendo-lhe o rosto para Varley. — Quem acha que é?

Varley tirou um monóculo do bolso do lenço e espreitou os olhos baços e amendoados da prisioneira. A pele dela, por baixo daquela sujidade, queimaduras e feridas, pareceu-lhe da cor do marfim. Encolheu os ombros, começando a ficar farto do jogo.

— Não sei, Avó. Uma reles mestiça oriental. *Shan* guonesa? Aino? Inuíta?

— Aleúchhh! — espirrou a Avó Gravy.

— Santinho, Avó.

— Aleúte. — A Avó Gravy largou a cabeça da mulher e bamboleou de volta para onde Varley a esperava. Respirava com dificuldade por trás do véu à prova de moscas. — Sabe quem é ela, jovem mercador? É a mulher daquele general Musguento. É a rainha da Green Storm!

Varley nada disse, mas a sua postura mudou. Tirou as mãos dos bolsos, lambeu os lábios e o seu monóculo pareceu piscar. Ouvira contar que o dirigível da Senhora Naga se despenhara no mar de areia. Seria ela? Podia ser. Tinha visto há pouco tempo uma fotografia dela na *Gazeta do Aviador*, e esforçou-se por se lembrar, mas fora fotografada de vestido de noiva e, seja como for, aqueles orientais eram todos iguais para Napster Varley.

— Encontrámos isto nela — acrescentou a Avó Gravy, e tirou do interior da sua tenda de túnicas um anel de ouro com um sinete exi-

bindo uma folha de carvalho. — E está a ver aquela cruz no pescoço dela? É artesanato de Zagwa.

Varley tapou o nariz com um lenço de seda e aproximou-se da mulher.

— És a Senhora Naga? — perguntou, bem alto e devagar.

Ela fitou-o e acenou levemente com a cabeça.

— Que aconteceu ao Theo? — perguntou.

— Está a falar de um miúdo zagwano que viajava com ela — explicou a Avó Gravy. — Metemo-lo na subdivisão das máquinas. Já deve ter morrido, imagino. Mas enfim, mercador, o que quero saber é: que fazemos com ela? Não posso continuar a mantê-la neste luxo. Está demasiado fraca para a vender como escrava, mas deve valer alguma coisa para alguém, não? A Rainha dos Musgientos...

— Sim, de facto — anuiu Varley, pensativo.

— Tinha pensado em esfolá-la, percebe? — sugeriu a Avó Gravy.

— A pele dela deve valer um bom dinheiro, não? Podíamos transformá-la num belo tapete, ou numas almofadas.

— Oh, Avó Gravy, não! — exclamou Varley. — É o *cérebro* dela que tem grande valor!

— O quê, como pisa-papéis ou coisa parecida?

Varley chegou-se o mais perto da Avó de que era capaz e bateu levemente com o dedo na fonte.

— O que ela sabe. Podia levá-la para Airhaven e oferecê-la à *Traktionstadtsgesellschaft*. Eles talvez pagassem uma boa quantia.

— Então quer comprá-la inteira? Quanto me dá?

— Ah, bem, claro, terei de considerar o custo do transporte e outras despesas, e estas tréguas desgraçadas vieram perturbar o mercado, mas, vejamos...

— Quanto?

— Dez dólares de ouro — respondeu o mercador.

— Vinte.

— Quinze.

— Claro — ponderou a Avó Gravy. — Posso sempre fazer pequenos amuletos com os dedos das mãos e dos pés e vendê-los separadamente...

— Vinte, então — anuiu Varley, rápido, e começou a contar-lhe as moedas para as mãos antes que ela subisse mais o preço.

A nave-das-areias preta encontrou um ancoradouro numa das garagens dos flancos de Cutler's Gulp. O seu piloto de túnica comprida e capuz ferrou as velas e depois saltou para o cais a fim de amarrar a nave. Parecia apenas um criado ou ajudante, pois quando terminou o trabalho ficou pacientemente à espera até uma mulher descer da nave e se reunir a ele. Depois, juntos, subiram as escadas e meteram-se pelos passadiços de ferro que passavam por cima da subdivisão das fornalhas da pequena cidade, dirigindo-se para a confusão de cantinas e cafés junto à popa. Os pedintes estenderam-lhes as latas, depois viram-lhes o rosto e mudaram de ideias. Aqueles tipos rudes do deserto com prováveis intentos de roubo e violência alteraram-lhes os planos e enviaram-nos de volta para as sombras das condutas. Até os cães fugiram.

A mulher era alta e muito magra, e trazia uma espingarda comprida ao ombro. Vestia-se toda de preto; colete preto, calções pretos, botas pretas e um comprido casaco preto que esvoaçava atrás dela como asas pretas quando lhe batia o vento. Num lugar onde toda a gente andava de máscara ou véu, poder-se-ia esperar que ela também usasse um véu preto, mas decidira mostrar o rosto. O cabelo grisalho estava atado atrás, como se quisesse que toda a gente visse que era hedionda. A terrível cicatriz atravessava-lhe o rosto da testa ao queixo, fazendo lembrar um retrato que tivesse sido rasgado com violência. A boca torcia-se para o lado num sorriso escarninho permanente, o nariz era um coto esmagado, e o seu único olho espreitava daquele desastre tão cinzento e frio como um mar de inverno.

Ela chamava-se Hester Shaw, e matava pessoas.

Aparecera no deserto seis meses antes. O companheiro, um Caçador chamado Senhor Shrike, levava-a para bordo de El Houli, uma das cidades que se encontravam a devorar os destroços da *Cloud 9*. Ela estava doente, e Shrike exigira que os habitantes da cidade tratassem dela. Eles não quiseram discutir com um Caçador, por isso chamaram um médico, que examinou a mulher e declarou que ela não tinha nada de grave, apenas alguns cortes e arranhadelas e uma espécie de melancolia resignada que ele já vira noutros sobreviventes de calamidades.

— Ela perdeu alguém que lhe era querido, Senhor Shrike? — perguntara o médico.

— ELA PERDEU TUDO — respondera o Caçador.

Então a mulher ficara uma semana ou duas num dos cubículos cobertos de serapilheira que passavam por casas nos conveses inferiores, e o Caçador cuidara dela, alimentando-a a leite e pão que ele esmagava com as mãos de metal, e as pessoas espreitavam, murmuravam e tentavam imaginar que tipo de relação poderia haver entre aquela mulher aturdida e feia e o homem Ressuscitado.

Depois, um dia, o mestre de máquinas da cidade fora visitar Shrike e dissera:

— Caçador, quero que mates alguém para mim. O xequê que governa esta cidade é um homem velho e gordo. Ele guarda a maior parte dos salvados para si. Mata-o para mim, e prometo que viverás em conforto nas plataformas superiores, com boa comida e uma cama de penas para a tua... hã...

Ele procurava ainda uma palavra que pudesse descrever Hester quando Shrike respondera:

— NÃO MATAREI.

— Mas és um Caçador! Claro que matarás!

— NÃO POSSO, A MINHA MENTE FOI... ALTERADA.

O mestre de máquinas carregara o sobrolho, pensando em lançar aquele Caçador inútil para fora da sua cidade, só que não via como seria isso possível. Abanara a cabeça e estava prestes a sair quando a mulher da cicatriz dissera baixinho:

— Eu mato-o para si.

— Você?

— Sou Hester Shaw. O meu pai era Thaddeus Valentine, o famoso agente secreto e assassino — explicara. — Quer o seu xequê morto? Dê-me uma arma e diga-me onde encontrá-lo.

— Mas você é apenas uma mulher! — protestara o mestre de máquinas.

Então Hester Shaw arranjara uma forquilha e um pé de cabra e subira as escadas para a plataforma superior de El Houli. Abrira as portas da casa do xequê com um pontapé. Matara o xequê. Matara os guardas. Matara os cães. Atravessara as salas fumarentas como

uma peste, deixando apenas morte atrás de si. Parecia mais um Caçador do que o seu Caçador, que apenas cuidava dela e a servia.

Com o dinheiro que o mestre de máquinas lhe dera, ela tinha comprado uma nave-das-areias e algumas armas, e com o seu Caçador deixara El Houl para sempre, para grande alívio dos habitantes. Desde então, tornara-se uma das lendas do mar de areia; uma caçadora de recompensas e o seu companheiro, o Caçador que não matava.

Até Theo Ngoni ouvira uma versão truncada da história, labutando na subdivisão das máquinas de Cutler's Gulp, mas o homem que lhe contara falara parcialmente em arábico, e referira-se ao Caçador como um *djinn* e a Hester Shaw como o Anjo Negro. Foi por isso uma surpresa enorme quando, ao olhar para cima naquela tarde, ele viu os dois caminhar a passos largos pelo passadiço que conduzia à estação, e reconheceu-os.

Por um momento, Theo não conseguiu lembrar-se de onde os vira antes. O episódio da *Cloud 9* parecia ter acontecido há muito tempo. Mesmo a queda do *Nzimu*. Lembrava-se vagamente de como arrastara a Senhora Naga para fora através de uma fenda na parede do camarote enquanto o dirigível se enchia de fogo, e de como se haviam agarrado a um cabo nos lemes de direção enquanto os destroços caíam para o deserto, mas tudo isso parecia-lhe agora qualquer coisa que sucedera a outra pessoa; ou algo sobre o qual apenas tinha lido.

Ele trabalhava como escravo desde então, em turnos de dezoito horas, chicoteado, espancado e maltratado, recebendo pouca água e ainda menos comida. Começara a ter pesadelos mesmo acordado, e a princípio julgou estar novamente a sonhar quando viu a mãe de Wren passar por cima dele à luz ofuscante do sol. Mas abanou a cabeça e beliscou o suor dos olhos, mas ela continuava lá, com o terrível Caçador ao lado.

— Senhora Natsworthy! — gritou, largando as pegas da tremonha de combustível que empurrava para as fornalhas. Os capatazes da Avó caíram em cima dele quase de imediato, esmagando-o contra o convés com os cacetes de corda trançada. Mas a mãe de Wren ouvira-o, ele tinha a certeza, porque no instante antes de cair vira o rosto horrível voltar-se e olhar para ele.

— LARGUEM-NO — rugiu a voz do Caçador, mais alta do que o

ruído dos motores da cidade e não mais humana.

Os capatazes recuaram. A subdivisão das máquinas tornou-se quase silenciosa. Theo conseguia ouvir a respiração acelerada dos homens. Tentou levantar-se, mas sentia-se demasiado fraco; caiu de joelhos no convés quente e coberto de areia.

— Senhora Natsworthy — repetiu, fitando os olhos da mulher no passadiço. Na verdade, não achava que ela o pudesse ajudar, e sabia que assim que ela se afastasse os capatazes o matariam à pancada. Queria apenas que a mãe de Wren soubesse que ele estava ali. Talvez um dia pudesse contar à filha o que acontecera ao rapaz da Zagwa. — Conhecemo-nos. Lembra-se? Na *Cloud 9*? — insistiu.

— EU CONHEÇO-TE — afirmou o Caçador Shrike.

— Eu não — disse Hester Shaw. Ficara algo perturbada ao ouvir o seu velho nome gritado daquela forma. Fitou o rapaz na subdivisão em baixo; um rapaz negro e magro, como um feixe de paus queimados. Tinha os dentes descobertos no que ela imaginou ser a tentativa de um sorriso, e sangue a escorrer-lhe pela cara onde os capatazes lhe haviam batido. — Quem é? — perguntou ela a Shrike.

— É O MORTAL CHAMADO THEO, QUE ESTAVA COM A TUA FILHA NA *CLOUD 9*.

— Ah, é? — Hester lembrava-se vagamente de Wren estar com um rapaz na última vez que se tinham visto. Talvez até tivessem sido apresentados. Hester preferia que ele não a tivesse chamado. Ela tentava esquecer o passado. Só viera uma vez a Cutler's Gulp buscar água potável e mantimentos. Não queria envolver-se.

Mas quando começou a afastar-se, Shrike puxou-lhe o braço.

— NÃO PODES DEIXÁ-LO AQUI.

— Porque não?

— ELE VAI MORRER.

— Toda a gente morre — retorquiu Hester.

— NÃO PODES DEIXÁ-LO AQUI.

— Raios te partam, Shrike. O que te fez aquela bruxa da Green Storm para te deixar tão piegas?

— NÃO PODES DEIXÁ-LO AQUI.

— Pois bem, não vão levá-lo! — berrou uma voz por baixo deles.

O supervisor das fornalhas, Daz Gravy, saíra da sua toca escura para ver o que se passava. Os Caçadores não assustavam Daz; ele era o neto favorito da Avó Gravy e à volta do pescoço gordo trazia dúzias de amuletos que ela lhe dera para afastar as balas e o mau-olhado. A sua única preocupação era manter os motores da Avó a funcionar sem problemas. Ele agarrou em Theo pelo grilhão de ferro no pescoço, levantou-o e empurrou-o de volta para a tremonha abandonada. — Ele é nosso. Fomos nós que o encontramos, de forma limpa e justa. Tirámo-lo dos destroços de um dirigível Musguento. A Avó disse que podemos fazer o que quisermos com el...

Com um único movimento, Hester tirou a espingarda do ombro, soltou a patilha de segurança e abateu o homem a tiro. Ele caiu com um baque molhado e um estrépito de amuletos. Hester abateu os companheiros dele tão depressa que os tiros e os ecos dos tiros soaram todos ao mesmo tempo, como um rufar de tambores. Depois desceu as escadas de ferro a correr e estendeu a mão a Theo, mas este tremia demasiado para se conseguir levantar, e então o Caçador teve de pegar nele ao colo e levá-lo da subdivisão das máquinas como a uma criança. Hester seguiu-os brandindo a espingarda. No silêncio que se seguiu aos tiros, ela ouviu os passos e os murmúrios das pessoas que se afastavam rapidamente do seu caminho.

Por alguma razão, enquanto corria atrás de Shrike para a nave-das-areias, e este abria as garras e cortava as amarras, ela não conseguia deixar de pensar em Stayns; em como ela e Tom haviam fugido dos homens dos traficantes de escravos, e em como Anna Fang os salvara. Disparou um tiro de aviso para a garagem ao trepar pelo flanco da sua nave, e amaldiçoou-se por ser tão sentimental. Aquilo não era Stayns, e o Theo não era o Tom e, fosse como fosse, ela não queria pensar no assunto.

Napster Varley ouviu os tiros e os gritos quando preparava o dirigível para levantar voo, e praguejou por entre dentes, esperando que nada atrasasse a sua saída de Gulp. Os homens da Avó tinham atirado a Senhora Naga para o seu porão minutos antes, e ele tremia de entusiasmo perante a ideia do prémio que ela lhe poderia valer na linha. Se demorasse muito, a Avó Gravy poderia arrepender-se de a ter vendido. Por isso não correu lá fora para ver a nave-das-areias sair disparada para o deserto. Ele mandou a mulher deitar o

bebé e ir ligar os motores, e deu-lhe uma bofetada no olho quando ela não se apressou.

— Mexe-te, sua mula sonolenta! — gritou, mais alto do que o choro do bebé. — Deixemos estes vermes da areia com as suas brigas. Temos negócios sérios a tratar!

Capítulo 11

Wolf Kobold

Tom hesitou em aceitar o convite de Wolf Kobold; ele tinha sido educado de modo a conhecer o seu lugar em sociedade, e sabia que não era na *Oberrang*, que se erguia sobre o resto de Murnau como uma coroa ornamentada. Wren precisou de várias horas para o convencer.

— Tem de falar com esse tal Wolf — insistiu. — Ele parecia tão interessado no que o pai tinha a dizer sobre a Clytie Potts. De certeza que sabe alguma coisa.

Tom abanou a cabeça.

— Nem eu próprio sei se acredito no que disse. Foi uma ideia; não tenho provas. O Pennyroyal não acreditou, e ele é o homem que afirmou que os depósitos de lixo Antigos eram na verdade centros de rituais, e que os Antigos tinham umas máquinas chamadas *eye-pods*. (Incorreta referência aos iPods) onde podiam armazenar milhares de canções em minúsculos discos de gramofone. Se *ele* acha que a minha teoria de Londres é inverosímil, então, talvez seja mesmo apenas uma fantasia.

Wren tentou outra estratégia.

— Mas não acha que seria benéfico para a minha formação? Conviver um pouco com a alta sociedade? A Orla disse que tem um amigo que pode emprestar ao pai uma toga de cerimónia...

Foi difícil, mas no fim ela deu-lhe a volta. Na tarde seguinte, embarcaram em Murnau e apanharam um elevador para a *Qberrang*. Tom parecendo desconfortável na sua toga emprestada, e Wren usando o habitual traje de aviadora, porque achava que lhe ficava bem e porque sabia que nada do que pudesse comprar nos bazares de Airhaven poderia competir com os atavios que as senhoras ricas iriam usar. Olhando em volta para os outros passageiros no ruidoso elevador que os levava para cima, ela perguntava-se se tomara a decisão certa; atraiu alguns olhares estranhos dos elegantes oficiais de uniforme de gala azul e das senhoras com vestidos e chapéus enfeitados. Ouviu várias pessoas a murmurar:

— Quem é aquela rapariga extraordinária?

Foi um alívio quando o elevador parou e ela tomou o braço de Tom e saiu com ele da estação terminal para a forte luz do sol. Como as outras zonas de Murnau, a *Oberrang* era protegida por uma cobertura blindada, mas grandes secções da mesma tinham sido dobradas e abertas para deixar entrar a luz e o ar. Os convidados dirigiam-se para o enorme edifício de pontas da Câmara Municipal por uma avenida chamada *Über-den-Linden*, sobre um passeio de vidro através do qual se podia olhar para baixo e ver as árvores de um jardim na plataforma inferior. Devia ter sido muito bonito nos velhos tempos, antes da guerra, mas agora as árvores estavam mortas, e os ramos nus e rugosos que se estendiam para cima provocavam arrepios a Wren.

Uma larga faixa de terrenos ajardinados rodeava a Rathaus de Murnau, a Câmara Municipal com as suas pontas e torres góticas, e aí, sobre um relvado ralo, remendado e musgoso, desenrolava-se a festa ao ar livre do Kriegsmarshal. Tinham sido erguidos pavilhões e tendas de cores vivas, e penduradas filas de bandeiras coloridas entre as árvores mortas e as colunatas danificadas pela guerra, juntamente com lanternas chinesas que seriam iluminadas mais tarde, quando escurecesse. Uma enorme quantidade de pessoas passeava-se de um lado para o outro, pois o Kriegsmarshal de Murnau decidira receber os presidentes de câmara e vereadores de todas as outras cidades da aglomeração. Uma banda tocava num pódio decorado com bandeirolas, e as pessoas dançavam danças complicadas e formais que se pareciam mais com matemática aplicada do que com as antiquadas jigas e rodas do Norte que Wren aprendera em Vineland. Agora, ela desejava ter ouvido o pai e não ter posto os pés naquela festa. Só uma vez frequentara algo tão grandioso; mas isso fora na *Cloud 9*, e estivera lá como escrava, fazendo passar tabuleiros de bebidas e aperitivos...

Estava quase decidida a fugir de volta para os elevadores quando Wolf se afastou de um pequeno grupo de oficiais perto da banda e veio cumprimentá-la. Ele aperaltara-se um pouco, mas, mesmo de uniforme de gala e faixa escarlata, havia nele qualquer coisa de levemente descuidado. A espada à cintura era mais pesada e barata do que as armas de cerimónia ornamentadas que os outros homens exibiam; e parecia já ter sido *usada*. O seu sorriso largo mostrava dentes afiados.

— Meus amigos! — chamou, fazendo uma grande vénia a Tom e

pegando na mão de Wren para a beijar. — Estou muito feliz por terem vindo!

Wren não estava habituada a que lhe beijassem a mão. Corou e fez uma pequena vénia. O polegar de Wolf roçou-lhe a marca em relevo nas costas da mão; gravada a ferro quente pela Empresa Shkin, a proprietária de Wren em Brighton. Ela afastou rapidamente a mão, envergonhada, mas Wolf olhou-a apenas com curiosidade, como se não lhe fizesse qualquer impressão que ela tivesse sido escrava.

— Tem levado uma vida interessante, Fräulein Natsworthy — comentou ele, tomando-lhe o braço e conduzindo-os através do jardim movimentado.

— Nem por isso, Senhor von Kobold. Mas admito que nos últimos seis meses já passei por muito...

— Por favor, chame-me Wolf — pediu ele. — Ou pelo menos «Senhor Kobold». «Von» é um antigo título honorífico; os meus pais gostam de o usar, mas eu não tenho tempo para esses disparates. — Inclinou-se para mais perto de Wren e acrescentou: — Não precisa de se sentir nervosa no meio destas mulheres ridículas com vestidos ridículos. Desde que a guerra começou, a maioria passou a viver em cidades mais seguras do que Murnau, e só voltaram quando as armas se calaram. Olhe para elas! Parecem crianças. Não sabem absolutamente nada da vida real...

Wren sentia-se feliz com a companhia, e agradada com a maneira algo invejosa como as mulheres de Murnau os observavam a caminhar juntos, mas perturbava-a um pouco o facto de ele ter adivinhado com tanta facilidade o que ela estava a sentir.

— Tem de me desculpar por vos trazer até aqui — continuou Wolf, dirigindo-se a Tom. — Pensei que fosse uma boa oportunidade para conversarmos. Não sabia que a minha família dava festas tão grandes desde que começaram estas tréguas ridículas. Venham, podemos entrar...

Ele conduziu-os para lá do coreto em direção às imponentes paredes blindadas da Rathaus, mas a meio do caminho foram retidos por uma senhora de aspeto formidável num vestido de seda cinzento tão rígido e cheio de pontas que também ela parecia blindada.

— Wolf, meu querido — chamou, com voz melíflua —, toda a

gente me pergunta quem são os seus amigos...

Wolf fez uma vénia airosa e apontou para Wren e Tom.

— Mãe, permita-me que lhe apresente Tom Natsworthy, aviador, e a filha, Wren. Tom, Wren; a minha mãe, Anya von Kobold.

— Encantada! — exclamou a senhora, apesar da sua expressão penosa ao olhar Tom e Wren de alto a baixo, como se lhe doesse fisicamente conhecer pessoas tão vulgares. — O Wolf tem adquirido uns gostos tão bizarros e democráticos desde que o meu marido lhe passou o comando de Harrowbarrow! É impossível saber *quem* vai convidar a seguir. Aviadores. Que *interessante*...

— Ignorem-na — desculpou-se Wolf, quando a mãe se afastou para cumprimentar um grupo de vereadores e as esposas. — Ela não conhece nada da vida aqui na linha. Foge de Murnau assim que começam os combates e instala-se num hotel na plataforma superior de Paris. Só se interessa por roupa e pastelaria.

Ele falou suficientemente alto para que a mãe o ouvisse, e muitos dos outros convidados voltaram-se com ar chocado e reprovador. Tom, envergonhado, perguntou inocentemente:

— Harrowbarrow? É o nome do seu subúrbio? Creio que nunca ouvi falar nele...

Wolf desviou o olhar irado das costas largas da mãe e sorriu.

— É muito pequeno, Herr Natsworthy; mal chega a subúrbio; trata-se de um lugarejo especializado que caiu em poder de Murnau durante a guerra. Mas é meu, percebe, e espero muito dele, muito mesmo.

Enquanto Wolf os levava para a Rathaus, Wren perguntava-se que tipo de lugar seria Harrowbarrow. Os subúrbios de guerra que ela vira na viagem para oriente pareceram-lhe todos horríveis; baixos, ferozes e corajados, como bichos-de-conta. No entanto, Wolf falava do seu com afeto. Ela imaginou que fosse o mesmo tipo de orgulho que existia entre os aviadores, que nunca toleravam que se dissesse mal dos seus dirigíveis, mesmo que estes fossem apenas umas banheiras furadas...

Uma vez no interior do edifício, deixaram de ouvir os ruídos da festa no jardim. Wolf levou os convidados para uma sala ampla e silenciosa onde estreitas colunas de metal sustentavam o teto, dando a Wren a sensação de ter entrado numa floresta de ferro. Havia

cadeiras, e sentaram-se enquanto Wolf tocava um sino para chamar um criado e pedia bebidas e petiscos. Depois, esperou um momento, examinando Tom e Wren como se não soubesse se fizera a coisa certa ao trazê-los para ali.

— Londres — começou, por fim. O seu rosto adotou o mesmo sorriso irónico que mostrara no dia anterior, quando ele escutava a história de Pennyroyal. — Então, segundo percebi, também viveu em Londres, Herr Natsworthy?

Tom acenou que sim, e falou-lhe da sua formação no Grémio dos Historiadores e de como se encontrava fora da cidade quando a MEDUSA explodira.

— Interessante — comentou Wolf, quando Tom terminou. Depois, hesitante, acrescentou: — Eu também tenho uma história passada em Londres, sabia? Foi por isso que ontem me aproximei quando ouvi o que o velho Pennyroyal dizia. Veja... — Meteu a mão no bolso e tirou um pequeno disco de metal, que atirou a Tom. — Se de facto é londrino, Herr Natsworthy, saberá o que isso é...

Tom revirou o disco nas mãos; tinha o tamanho de uma moeda grande e um brasão gravado em relevo. Há quase vinte anos que ele não via uma coisa daquelas, mas reconheceu-a de imediato, e soltou uma pequena arfada de surpresa. Wren viu lágrimas nos olhos do pai quando ele voltou a olhar para Kobold.

— É uma cabeça de rebite de um dos suportes das plataformas de Londres — explicou. — Das plataformas inferiores, talvez; este é só de ferro, e os rebites das superiores eram de bronze...

Wolf mostrou um sorriso largo.

— A minha lembrança de Londres — afirmou.

— Esteve lá? — perguntou Tom.

— Durante pouco tempo. Há cerca de dois anos, antes de receber o comando do meu subúrbio, convenci o meu pai a deixar-me acompanhar um *kommando* das *Abwehrtruppe* numa incursão em território Musguento. íamos tentar destruir as principais fábricas de Caçadores. Infelizmente nunca lá chegámos; fomos atacados, e o meu dirigível teve de aterrar nas planícies perto de Batmunkh Gompa. Sozinho, procurei abrigo nas ruínas de Londres. Tive medo, claro, porque só ouvira histórias de fantasmas sobre aquele lugar horrível. Mas os Musguentos andavam à minha procura, e pareceu-me melhor arriscar a sorte com os fantasmas do que deixar-me

apanhar. Então aventurei-me naquela paisagem de ferrugem, procurando água e comida e um lugar onde pudesse abrigar-me...

Fez uma pausa. A música da festa infiltrava-se pelos corredores do antigo edifício, subtil e fantasmagórica.

— É um lugar curioso, o campo de destroços — continuou Wolf. — Estive apenas na parte mais a sudeste. Os destroços encontram-se completamente retorcidos e espalhados. É difícil acreditar que em tempos aquilo foi uma grande cidade, embora aqui e ali vejamos coisas familiares; uma porta, uma mesa, um carrinho de bebé. Essas cabeças de rebite, por exemplo; estavam espalhadas por toda a parte. Meti no bolso essa que tem nas mãos, pensando que, se alguma vez regressasse a casa, iria querer uma prova para mostrar aos meus amigos de que estivera nas ruínas de Londres.

»Ao cair da noite, quando rumava a norte para o interior, onde as ruínas se erguem altas e sinistras, aconteceu qualquer coisa. Não sei bem o quê. Percebi movimentos nos destroços. Demasiado afoitos para serem de animais. Pareciam seguir-me. Pouco depois surgiram também ruídos; gemidos e prantos sinistros. Saquei do revólver e disparei dois tiros para as sombras, e os ruídos cessaram. No silêncio, apercebi-me de outro ruído. Parecia barulho de máquinas, apesar de distante e nunca suficientemente nítido para ter a certeza. Sentei-me entre os escombros para descansar e... perdi os sentidos. Mais tarde, viria a lembrar-me de alguém surgir atrás de mim, mas talvez tivesse sido apenas um sonho; a lembrança é imprecisa.

»Quando voltei a mim estava a uns quinze quilómetros de distância, deitado no terreno aberto a oeste dos destroços, e escondido das patrulhas Musguentas por baixo da folhagem num antigo trilho de lagartas. Os meus ferimentos tinham sido tratados e ligados com material de campanha, a cantina enchida de água, e a mochila de pão e fruta...

— Por quem? — perguntou Tom, ansioso.

Wolf fitou-o bruscamente.

— Não acredita em mim?

— Eu não disse isso...

Wolf encolheu os ombros.

— Nunca contei isto a ninguém. Só sei que há alguém nas ruínas

de Londres. Não são Musguentos, pois ter-me-iam matado. Mas devem ter os seus segredos, e escondem-nos bem.

Wren olhou para o pai. Achava a história de Wolf bem mais arrepiante do que a de Pennyroyal.

— Quem poderia ser? — perguntou.

Tom não lhe respondeu.

— Tenho-me perguntado isso muitas vezes — admitiu Wolf. *Tentei* investigar. Alguns dos meus homens a bordo de Harrowbarrow são antigos vasculhadores que já andaram por sítios bastante inóspitos e viram coisas muito estranhas. Nunca ouviram *falar de* vasculhadores a viver nas ruínas de Londres. Mas já ouvi algumas histórias sobre o *Geistluftschiff*, o dirigível-fantasma. Atravessa a terra de ninguém em silêncio, quando o vento sopra de oeste, e mete-se em território Musguento. Sem deixar rasto. Não pertence a nenhuma unidade conhecida, nossa ou deles.

— Mais fantasmas — aventou Wren.

— Ou o *Archaeopteryx* — sugeriu Tom, com a voz ligeiramente trémula. Esforçava-se por não mostrar demasiado os sentimentos, mas estava comovido e entusiasmado com o que Wolf lhe contara, e com o que suspeitava que aquilo pudesse significar. — O *Archaeopteryx*, regressando a casa... a Londres.

Wolf inclinou-se para a frente.

— Eu acredito na sua teoria, Herr Natsworthy. Acredito que sobreviventes da MEDUSA continuam a viver escondidos no interior das ruínas.

— Mas porque quereria alguém viver lá? — perguntou Wren.

— Não há ali nada, ou há?

— Deve haver qualquer coisa — respondeu Wolf. — Algo que justifique a permanência deles naquele lugar, e a necessidade de o proteger. Fiz as minhas pesquisas sobre a Cruwys Morchard, desde que vos ouvi perguntar por ela. Os nossos serviços secretos mantêm ficheiros sobre a maioria dos dirigíveis que atravessa estes céus, e os registos sobre a Aeronave Mercante *Archaeopteryx* proporcionaram-me uma leitura muito interessante hoje ao pequeno-almoço. Parece que a Senhora Morchard comprou muita Tecnologia Antiga nos últimos anos.

— Ela é mercadora de Tecnologia Antiga — constatou Tom, sen-

satamente.

— É? Não me parece que *venda* muitas das peças de maquinaria Antiga que compra. Então que lhes acontece? Talvez ela as leve simplesmente para Londres. E Londres era conhecida por quê?

— Engenharia — admitiu Tom, com alguma relutância. Estava a lembrar-se do homem que vira com Clytie na plataforma de atracação de Peripatetiapolis; um homem com uma brilhante cabeça rapada.

— E Engenheiros — acrescentou.

Wolf concordou com a cabeça, observando-o.

— E se alguns desses engenheiros sobreviveram? E se estiverem a viver nos campos de destroços? E se estiverem a construir algo lá? Algo tão extraordinário e secreto que justifique viver vinte anos nas ruínas para o proteger! Algo que possa mudar o mundo!

Tom abanou a cabeça.

— Não, não. A Clytie nunca trabalharia para o Grémio dos Engenheiros...

— A Clytie que conheceu, talvez não. Mas ela pode ter mudado de opinião em vinte anos. — Wolf levantou-se e aproximou-se das janelas. Abriu-as de par em par, deixando entrar os ruídos da festa sobre o relvado. — Venham — disse, chamando-os para a varanda. Lá em baixo, os vestidos e uniformes coloridos dos convidados dos pais salpicavam o jardim como pétalas; como borboletas. Por um momento, enquanto os observava, o rosto do jovem assumiu uma expressão do que poderia aproximar-se do ódio.

— As tréguas não vão durar muito tempo — aventou. — Mas enquanto durarem, devíamos aproveitá-las ao máximo.

Que quer ele dizer, «devíamos»? , pensou Wren. Não percebera ainda muito bem como fora o sonho do pai de súbito absorvido pelo de Wolf Kobold, e não estava absolutamente certa de que gostava daquele jovem atraente.

— Pensei muitas vezes em regressar a Londres — continuou Wolf.

— Mas a guerra manteve-me demasiado ocupado. Agora vejo a minha oportunidade. Descobri umas coisas a seu respeito, Tom Natsworthy. Parece que é um excelente aviador. E aquele seu velho dirigível da antiga Liga podia ser o veículo perfeito para um passeio

além das linhas do inimigo...

— Quer dizer que eu devia ir a Londres? — perguntou Tom.

— Mas isso é impossível? Não é? Nunca conseguiria passar pelas patrulhas da Green Storm...

— Não conseguiria passar aqui — concordou Wolf, olhando além da festa e dos edifícios na borda da *Oberrang* em direção aos atoleiros sombrios da terra de ninguém e do território da Storm. — O nono exército do Naga está ali entrincheirado na lama, à espera que façamos um movimento. Mesmo que eles não o abatessem, o nosso lado iria presumir que estaria a negociar com o inimigo e abriria fogo. Mas há lugares a nordeste daqui onde a linha não é tão bem vigiada.

Ele voltou-se para Tom com um sorriso de rapaz traquinas.

— Harrowbarrow podia ajudá-lo a passar. Costumamos ir caçar na terra de ninguém. Levá-lo-íamos até aos limites do território da Storm, onde um avião com a sua experiência podia facilmente atravessar a linha e seguir as velhas marcas de lagartas em direção a leste. Afinal, é o que a Clytie Potts deve ter feito todos estes anos.

— E virá connosco, Senhor Kobold? — perguntou Wren.

Tom olhou rapidamente para ela.

— Tu não vais, Wren. É demasiado perigoso. Nem sequer sei se eu devia ir...

Wolf riu-se.

— Claro que vai! — exclamou. — Percebo-o nos seus olhos. Está ansioso por saber o que se passa em Londres. E irei consigo, porque esta paz aborrece-me e quero descobrir o que existe naqueles campos de destroços. Não se preocupe; trato de tudo, e estou disposto a pagar-lhe bem pelo incómodo. Que tal, cinco mil em ouro, transferidos para uma conta bancária em Airhaven?

— *Cinco mil?* — exclamou Tom.

— Venho de uma família muito rica — lembrou Wolf. — Prefiro ver a fortuna dos Von Kobold aplicada numa expedição como esta do que esbanjada em festas ao ar livre. Claro, por uma quantia destas, terei de insistir em levar a Wren como copiloto. Ela é uma jovem muito corajosa, e precisaremos da sua ajuda para voar uma distância tão longa. — Ele sorriu para Wren, que se sentiu a corar.

— Ainda não tenho a certeza — disse Tom, mas tinha. Como

podia recusar? Nunca possuía muito dinheiro, e nunca quisera muito, mas havia que pensar no futuro de Wren. A quantia que aquele rapaz lhe oferecia faria dela uma mulher rica, e se Wren *quisesse* estabelecer-se como mercadora aérea quando ele morresse, não lhe faria mal ser conhecida nas Estradas dos Pássaros com a aviadora que estivera nas ruínas de Londres.

Na verdade, estava ansioso por regressar à sua cidade e descobrir o que restava dela; ver com os próprios olhos se alguma coisa (ou *alguém*) sobrevivera. Também queria muito levar Wren consigo, para que ela pudesse conhecer o lugar onde tinham começado as aventuras do pai. Portanto, era-lhe fácil encontrar justificações para a sua ida e para a levar, e minimizar os perigos que iriam enfrentar. Afinal (disse Tom para consigo), ele e Hester tinham levado o *Jenny Haniver* para lugares bem piores, nos tempos de juventude...

— Está decidido, então — declarou Wolf. — Tragam o vosso dirigível para a doca aérea de Murnau. Encontramo-nos dentro de um dia ou dois para falarmos dos preparativos. Mas, por favor, não digam a ninguém para onde vamos; absolutamente ninguém. A Storm e as outras cidades têm espiões em todo o lado.

Selaram o acordo com um aperto de mão antes de voltarem a descer para o jardim, para os risos e a música e para as sombras que se alongavam. Pennyroyal chegara, rodeado de jovens animadas e acenando bem-disposto para Tom e Wren quando estes passaram por ele. Wolf pediu licença e foi falar com o pai. Parecia constrangido e um pouco nervoso ao lado do velho Kriegsmarshal, e Wren deu por si a gostar mais dele; ela também tivera problemas com os pais. Eram as experiências de Wolf na guerra que às vezes o faziam parecer insensível, pensou Wren; no fundo, provavelmente era tímido e afável, como o Theo.

Meditando sobre como seria viajar para leste com Wolf, Wren apertou a mão do pai.

— Se o pai for — declarou —, também vou. Como disse o Wolf Kobold. Não julgue que consegue obrigar-me a ficar aqui. Por isso, não adianta sequer tentar discutir o assunto. Sei cuidar de mim.

Tom riu-se, porque aquilo era algo muito parecido com o que Hester diria. Olhou para Wren e viu nela a força e a teimosia da mãe.

— Está bem — anuiu. — Veremos.

Entre Wolf Kobold e o pai, a conversa não corria tão bem. Por alguma razão, ao longo dos anos, eles tinham perdido a amizade agradável que haviam cultivado quando Wolf era pequeno. Pensavam de maneira diferente agora, Kriegsmarshal e o filho. No entanto, o velhote parecia achar que devia aproveitar a rara visita de Wolf para tentar ter uma conversa séria com ele. Conduziu-o para longe da festa por entre as árvores mortas e os canteiros castanhos e secos de arbustos mirrados que, antes da guerra, tinham sido uma das glórias de Murnau. Atravessaram uma pequena ponte sobre um lago para barcos (o lago estava vazio, claro, com o leito seco coberto de ferrugem) e subiram alguns degraus para um pequeno mirante com colunas onde uma estátua de uma deusa trajada à antiga contemplava a vista da borda da plataforma.

— Este era um dos teus lugares preferidos em miúdo — disse Kriegsmarshal, cofiando os bigodes, como sempre fazia quando se sentia nervoso. — Costumavas ficar fascinado com esta pequena senhora no pedestal...

— Não me lembro — respondeu Wolf.

— Ah, sim... — O rosto da estátua estava raiado de humidade, como se vertesse lágrimas verdes. Kriegsmarshal tirou o lenço do bolso e começou a tentar limpá-la. — Querias sempre saber quem era, e eu explicava-te como ela representava Murnau. Forte mas gentil.

Nobreza. Essas coisas. — Limpar a estátua musgosa implicava não ter de olhar o filho nos olhos. — Devias regressar, Wolf. A tua mãe sente a tua falta.

— A minha mãe volta a fugir para Paris assim que estas tréguas acabarem. Mas enfim, o senhor quer lá saber! Há anos que toda a gente sabe que o vosso casamento é uma farsa.

— Bem, *eu* sinto a tua falta.

— Tenho a certeza de que isso não é verdade.

— Quando sugeri que tomasses conta daquele subúrbio-ceifeiro, pretendia que fosse um mês ou dois. Não queria que ficasses lá para sempre! O teu lugar é aqui, Wolfram! Caramba, devias estar a preparar-te para assumires o meu lugar. Sou apenas um velho

soldado. Agora que a paz está a voltar, Murnau precisa de homens mais jovens para a governar. Homens de visão.

— A paz não vai durar — afirmou Wolf.

— Como podes ter tanta certeza? Acredito nas intenções do Naga. Lembra-te de que já lutei contra ele. Resistiu contra Murnau durante seis semanas no Saliente de Bashkir. Os seus homens lutavam como tigres, mas obrigava-os a poupar todos os prisioneiros nas cidades que capturavam. Nunca usava Derrubantes exceto se fosse necessário. E quando soube que eu tinha sido ferido por um dos seus franco-atiradores, enviou-me um presente para me desejar as melhoras; um colete de armadura de Tecnologia Antiga, com um bilhete que dizia: «Lamento termos errado no alvo.» Ele pode ser meu inimigo, mas gosto mais dele do que da maioria dos amigos.

— Muito comovente — bocejou Wolf, que já ouvira aquela história várias vezes. — Ainda assim, os Musguentos devem ser exterminados.

— Que disparate! — protestou o pai, zangado. — A *Traktionstadtsgesellschaft* não foi fundada para exterminar ninguém, apenas para defender cidades honestas da Storm. O Naga e os Antitracionistas que vivam em paz nas suas montanhas horríveis, desde que prometam não nos incomodar.

Wolf voltou-se indignado para o pai, mas não disse nada. Em vez disso, aproximou-se da borda do mirante e olhou por entre as árvores mortas para a paisagem irregular e rasgada pela guerra a oriente, imaginando Londres à sua espera algures nas planícies mais além.

Passado um momento, Kriegsmarshal von Kobold retomou a conversa:

— Manchester vem para oriente. Recebi um comunicado do Presidente da Câmara, o Senhor Browne...

— Ah! O nosso financiador.

— É verdade que Manchester tem ajudado a financiar a nossa luta... Ele quer fazer uma conferência a bordo da sua cidade assim que chegar à linha. Os presidentes de câmara das *Traktionstadts* devem reunir-se e decidir o que fazer. Pretendo defender uma paz duradoura com a Storm. Gostaria que estivesse presente, Wolfram. Ao meu lado, para que toda a gente veja que és o meu herdeiro...

— Volto para Harrowbarrow amanhã ou depois — respondeu o filho. — Tenho assuntos a tratar.

— Com os teus amigos aviadores, aqueles vagabundos dos céus? Wolf encolheu os ombros.

Kriegsmarshal voltou-se, hesitou, depois abanou a cabeça, desceu rapidamente os degraus e atravessou a ponte. Ele já travara inúmeras batalhas contra a Storm; enfrentara Caçadores em combate corpo a corpo nos degraus da própria casa no Inverno Vermelho de 14, mas o filho derrotava-o sempre.

Wolf ficou sozinho e observou-o a afastar-se. Passados alguns momentos, teve a sensação desagradável de que também era observado. Virou-se, e lá estava a estátua da deusa a fitá-lo de olhos calmos e cegos. Apesar do que dissera ao pai, Wolf lembrava-se de em criança gostar de se sentar ao colo da estátua e olhar para ela enquanto o pai lhe contava histórias do passado glorioso de Murnau. Ele puxou do sabre e dirigiu três golpes violentos contra o pescoço esguio da estátua, vendo as faíscas a saltar quando a lâmina cortou a pedra. Depois deu um pontapé na cabeça decepada, lançando-a escadas abaixo para o lago vazio, e saiu rapidamente dos jardins a fim de começar a tratar da viagem.

Capítulo 12

As Naves-Das-Areias

Parecia a Theo que chovia. Não podia sentir a chuva porque estava portas adentro, na cama. Não podia ver a chuva porque estava escuro. Mas podia ouvi-la; o suave ferver de uma chuva constante, e até o ruído era refrescante depois daqueles dias secos em Cutler's Gulp. A chuva escorria e suspirava e acalmava e embalava, e urdia os seus sonhos desconexos.

Às vezes, por breves instantes, ele despertava completamente, e percebia que o ruído sibilante da chuva era apenas a areia cantando por baixo das rodas da nave preta.

— Não tenhas medo — disse-lhe alguém.

— Wren? — perguntou.

— Ela estava contigo quando foste apanhado pelos homens da Avó Gravy? A Wren e o Tom estavam contigo?

— Não, não — respondeu Theo, abanando a cabeça. — Eles estão muito longe. No Norte, nas Estradas dos Pássaros. A Wren enviou-me um postal no Natal... Esperava encontrá-la quando chegássemos ao Norte... — Lembrando-se da queda do *Nzimu*, esforçou-se por se levantar. — A Senhora Naga... E a Senhora Naga?

Uma mão tocou-lhe no rosto, delicada e tímida. Uma boca roçou-lhe a testa.

— Não tenhas medo, Theo. Dorme.

Ele adormeceu, e voltou a acordar, e viu que a mulher sentada ao seu lado era a mãe de Wren. Por cima dela, um globo de árgon suspenso de um balanceiro chiava e oscilava, espalhando ondas de sombras pretas pelas paredes da cabina. Quando as sombras escondiam o rosto de Hester, Theo podia imaginar que era a Wren sentada ali, à beira do beliche, mas quando Hester percebeu que ele a observava, perguntou, ríspida:

— Ah, estás acordado? É melhor recuperares depressa. Não tenho espaço para sornas na minha nave. — Falava como se esperasse que Theo não se lembrasse das coisas delicadas que lhe dissera antes.

Theo tentou falar, mas tinha a boca mais seca do que a baía de Betume. Hester estendeu o braço bruscamente, levantou-lhe a cabeça e encostou-lhe uma caneca de lata aos lábios.

— Não bebas muito — advertiu. — Temos de poupar. Estava em Cutler's Gulp só para ir buscar comida e água, e graças a ti tive de partir sem uma coisa nem outra. Aquele palhaço que matei era o menino preferido da Avó Gravy. Ela não deve estar muito contente.

A areia continuava a raspar o casco da nave veloz. Theo adormeceu de novo. Hester levantou-se e subiu a escada para a carlinga aberta, onde Shrike segurava o leme, com os olhos verdes a brilhar. A nave encontrava-se a oeste do mar de areia, atravessando planícies de xisto queimado. Ao longe, a leste, uma faixa de luz pálida cintilava no horizonte. O vento fazia vibrar o cordame.

— Ele continua a perguntar por uma Senhora Naga — disse Hester. — Imagino que seja alguém que estava com ele quando os vasculhadores o encontraram. Já ouviste falar numa Senhora Naga?

— HÁ DIRIGÍVEIS ATRÁS DE NÓS — avisou Shrike.

— O quê? Que diabo!

Hester já esperava que a bruxa de Cutler's Gulp enviasse alguém atrás deles, e os homens da Avó provavelmente tinham mais medo da suposta magia negra da velha do que de Hester e do seu Caçador amansado. Semicerrou os olhos e sondou o horizonte até as conseguir ver; as formas finas e pontiagudas das velas, como dentes de peixe. Ela esperava uma ou duas, temera três, mas a Avó enviara seis, variando em tamanho entre um minúsculo cúter e um enorme corredor-das-dunas de casco duplo.

— Presumo que nos devíamos sentir lisonjeados — ironizou.

O Sol espreitou das colinas irregulares à popa, e os vigias nos mastros das naves de Cutler's Gulp viram a vela preta à frente. Um sinal luminoso elevou-se do corredor-das-dunas, indicando «cair a sotavento». Minutos depois, surgiu um bafo de fumo a bordo de uma das naves mais pequenas, e Shrike e Hester viram uma duna a algumas centenas de metros atrás deles explodir em chamas e areia.

— EM BREVE ESTAREMOS DENTRO DO ALCANCE DELES — avisou Shrike, calmamente. — SE ATINGIREM OS NOSSOS PNEUS A ESTA VELOCIDADE, O VEÍCULO SERÁ DESTRUÍDO.

— Que diabo! — repetiu Hester. Desceu ao cacifo das armas e

tirou algo que roubara a um bandido que matara no Djebel Haqir. Era uma *jezail* automática, mais alta do que ela, com bonitas gravuras prateadas na coronha de nogueira. Se o bandido não lhe tivesse aparecido embriagado, talvez ainda estivesse vivo; era uma boa arma, com um alcance de vários quilómetros. Hester enfiou enormes balas de bronze nas câmaras e encheu os bolsos com mais. Foi ver se Theo ainda dormia. Dormia; enroscado como uma criança, débil e vulnerável. Hester obrigou-se a desviar o olhar. Se não tivesse cuidado, começaria a gostar dele, e sabia muito bem que ao gostar de alguém estaria a expor-se a todo o tipo de sofrimento.

Voltou a subir para a luz dura e branca do exterior. O vento abrasivo soprava cheio de areia, e as naves estavam mais próximas. A que tinha disparado primeiro era a mais pequena e a mais veloz; aproximava-se rapidamente a estibordo, e Hester via os homens sobre o casco apontando para ela uma espécie de canhão montado num suporte giratório. Este soltou um fumo branco e ela sentiu o tiro a passar, e depois a explosão entre um monte de rochas cor de bolacha cem metros a bombordo.

Ela limpou o nariz à manga da camisa e apoiou a arma no anteparo da carlinga.

— Seria mais fácil se pudesses fazer isto — apelou a Shrike, empurrando os óculos protetores para a testa e espreitando pela mira telescópica da *jezail*. — Mal consigo vê-los...

— NÃO POSSO — respondeu Shrike. — JÁ TE DISSE MUITAS VEZES. FOI QUALQUER COISA QUE A DOUTORA ZERO ME FEZ; UMA BARREIRA QUALQUER NA MENTE...

— Gostava que a tua Doutora Zero estivesse aqui neste momento — resmungou Hester, tentando concentrar-se no pequeno grupo de homens atarefados com os escovilhões e varetas em torno do canhão giratório. — Enfiava uma barreira na cabeça *dela*. — Puxou o gatilho da *jezail* e praguejou quando a coronha lhe bateu no ombro. A cápsula vazia caiu para trás, mas para onde fora a bala, Hester não fazia ideia, só sabia que não acertara no alvo. Não era boa atiradora. O seu talento era apenas matar, não o tiro ao alvo.

Por sorte, os homens da outra nave não eram melhores do que ela; falhavam tiro após tiro, enquanto ela esvaziava um bolso de munições.

Estava prestes a mudar para o segundo bolso quando a outra

nave virou subitamente de rumo.

— Fui eu que fiz aquilo? — perguntou.

A nave inimiga descontrolara-se. Talvez um dos tiros perdidos de Hester tivesse cortado uma amarra ou furado um pneu. A nave virou e atravessou-se na linha das que vinham atrás, e um triciclo que o seguia de perto guinou descontrolado e colidiu com um pequeno iate armado. Enredadas uma na outra, as duas naveas tombaram e começaram a rodopiar de forma impressionante pela areia, perdendo cabos, rodas, velas e fragmentos de mastros partidos. A nave da frente também se voltara, levantando um lençol ondeckado de areia que escondeu as outras três durante alguns momentos, mas elas voltaram a surgir, indistintas a princípio, depois nítidas e impetuosas, e aproximando-se depressa. Balas de uma metralhadora a vapor montada a bordo de um grande corredor-das-dunas começaram a bater no casco perto de onde Hester se agachava. Ela gritou algo obsceno e deitou-se para se esconder.

— ESTÃO A TENTAR CAPTURAR ESTA NAVE, E NÃO A DESTRUÍ-LA — aventou Shrike. AGORA QUE PERDERAM TRÊS, A AVÓ GRAVY

NÃO QUERERÁ QUE ELES REGRESSEM SEM UM PRÊMIO.

— Bem, isso é reconfortante — escarneceu Hester, olhando para ele a partir do chão enquanto as balas tamborilavam na armadura do Caçador. — Que vais fazer quando eles subirem a bordo?

— NÃO CHEGARÁ A ISSO.

— E se chegar?

— ENTÃO PROTEGER-TE-EI COMO POSSO — respondeu o Caçador, paciente. — PROCURAREI DESARMÁ-LOS E DETÊ-LOS. COLOCAR-ME-EI ENTRE O TEU CORPO E AS LAMINAS DELES. MAS NÃO OS MATAREI.

— E se eles me matarem?

— ENTÃO CUMPRIREI A PROMESSA QUE TE FIZ NA ILHA NEGRA. Hester conseguiu atirar mais dois tiros ao corredor-das-dunas. Por cima dela, as velas começavam a encher-se de buracos, mas a seda de silício era resistente e não se rasgava. — Porque é que ela te fez isso? — gritou Hester. — Quer dizer, programar-te para destruíres a Caçadora Fang, tudo bem, mas porque não podias

voltar ao normal depois de cumprires a missão?

— ESTOU CERTO DE QUE A DOUTORA ZERO TINHA AS SUAS RAZÕES PARA ME DEIXAR COM UMA CONSCIÊNCIA.

— Bem, sinto falta do velho Shrike.

— E EU SINTO FALTA DA VELHA HESTER.

— Que queres dizer com isso?

Mas ela nunca soube, porque naquele momento o corredor-das-dunas encostou-se a eles, e arpêus de abordagem galgaram o espaço cada vez mais estreito entre as duas naves, e chegara o momento de largar a *jezail*, sacar das pistolas e lutar.

O matraquear das balas contra o casco entrou nos sonhos de Theo, tão desconcertante e deslocado nos tranquilos lugares verdes por onde navegava que teve de acordar para saber o que se passava. Ficou deitado no beliche durante um momento, tentando perceber onde estava e a razão daqueles solavancos. A fila de vigias na parede por cima dele tinha os estores fechados, escurecendo a cabina, mas por cima da sua cabeça alguém estendera um fio dourado de uma parede à outra. Theo perguntou-se porque haveria alguém de fazer isso. Seria uma corda para pendurar roupa? Se fosse, era a mais bonita que ele tinha visto; tão brilhante, tão tremeluzente. Estendeu a mão para tocar nela, mas sentiu apenas o ar. A corda era feita de luz quente.

Sentou-se. Havia mais fios estendidos pela cabina, como a cama de um gato. De vez em quando, surgia uma pancada surda contra o casco e estendia-se outro fio. Eram feixes de luz, entrando pelos buracos de balas que crivavam as paredes da cabina.

Tonto de sono, Theo rebolou para fora do beliche e caiu no convés. A madeira macia abanava por baixo dele à medida que a nave-das-areias corria pelo chão acidentado do deserto. Theo começou a rastejar para a escada de metal ao fundo da cabina. Ouviu gritos por cima dele, e os estalos e cliques de espingardas. Quando chegou à base da escada viu um homem cair pelos degraus de cabeça para baixo, morto, com o turbante a arder onde a bala da pistola de Hester o incendiara. Theo olhou para cima através da escotilha aberta. Uma confusão de silhuetas em luta ocultava o sol.

Subiu a escada. Lá fora no convés, à luz branca e ofuscante do

sol, travava-se uma batalha confusa, quase silenciosa, tirando o bater e arrastar de pés nas tábuas. Um corredor-das-dunas castanho e esfarrapado acompanhava a nave-das-areias, ligado a esta por amarras e ganchos de abordagem. Os seus homens tinham saltado para a nave, achando que seria fácil dominar uma mulher com um só olho e um Caçador que se recusava a matar, mas três deles já estavam mortos, presos nas amarras ou dobrados sobre o corrimão. Um quarto homem lutava com Shrike, que lhe tirara a arma e o mantinha afastado

de Hester. Um quinto andava à volta de Hester, que largara as pistolas vazias e brandia uma faca, levantando-a sempre que o homem lhe lançava uma estocada. Ele tinha uma espada muito mais comprida e pesada do que a faca de Hester, mas ainda não arranjava coragem para se aproximar o suficiente e usá-la.

Theo continuou despercebido na escotilha da cabina. A luta e o deserto rodopiavam à sua volta, o calor e a luz caíam-lhe sobre a cabeça como uma queda-d'água cintilante. No convés, a seus pés, havia um machado de bordo, e a luz parecia derramar-se da sua lâmina. Ele pegou no machado e começou a cortar a amarra do mais próximo dos ganchos de abordagem. A corda era velha e oleosa e desfez-se facilmente após alguns golpes. A nave-das-areias guinou de súbito, começando a afastar-se do atacante. Theo rastejou para o gancho seguinte.

— Theo! — ouvi Hester gritar. Olhou para cima. Um homem no cordame do corredor-das-dunas sorria para Theo e apontava-lhe um bacamarte. Um enxame de vespas passou a zumbir e ele sentiu uma picar-lhe o braço. Depois uma faca espetou-se no pescoço do homem e ele largou o bacamarte e caiu do cordame para a tempestade de areia entre as duas naves.

Theo olhou para Hester. Ela arremessara a faca ao homem do bacamarte, e agora estava desarmada. Sem pensar, Theo lançou o machado contra o homem que ameaçava Hester com a espada. O homem ainda não reparara em Theo e o golpe apanhou-o de surpresa. Embateu de lado contra o corrimão e caiu borda fora para o remoinho de poeira. Shrike atirou o homem que tinha capturado para junto do outro e Theo viu os dois levantando-se e cambaleando na esteira da nave, acenando para os colegas, que começavam a abrandar e a dar meia-volta, assustados com as perdas e desistindo da perseguição.

— Muito bem! — elogiou Hester.

Theo acenou com a cabeça, ainda zozzo, mas orgulhoso por lhe ter granjeado o respeito.

— Estás bem? — perguntou ela.

Ele olhou para a zona do braço onde a vespa lhe picara. Mas não era uma picada de vespa, claro, apenas uma arranhadela, não muito funda. Ajoelhou-se no convés e viu Hester pegar no machado e cortar as restantes cordas de abordagem. Quando o corredor-das-dunas sem piloto se afastou, ela voltou-se para ele e exclamou:

— Estúpido! Não te salvei para te suicidares logo de seguida! — Mas Theo viu naquela censura uma espécie de amabilidade rude, e lembrou-se do carinho que lhe mostrara durante a noite, e percebeu que afinal ela não era muito diferente de Wren.

A poeira começou a assentar. A nave preta seguiu em frente, mais devagar agora, porque as velas estavam crivadas de buracos. Começou a passar por entre as sombras de altas torres de pedra em torno de cujos cumes rondavam abutres esperançosos. Algumas das torres pareciam toscas estátuas corroídas pelo vento, e talvez fossem, porque várias civilizações tinham imprimido a sua marca na velha terra, e deixado ficar coisas estranhas. As torres preenchiam o deserto em frente, transformadas pelo vento em flautas através das quais gemia a brisa seca. Nas suas sombras entrecruzadas, Theo começou a sentir-se seguro de novo.

A nave-das-areias abrandou e parou num lugar sombreado onde cresciam acácias anãs. Shrike lançou a âncora e ferrou as velas. Saltou para a areia e subiu a uma das torres mais pequenas, trepando pela rocha fendida com rapidez e facilidade, como um lagarto de metal. Deteve-se por momentos no cume e depois desceu, anunciando que os perseguidores tinham fugido e que mais nada se mexia no deserto. A nave rangeu sob o peso quando ele voltou para bordo. Theo, que sempre odiara Caçadores, encolheu-se.

Shrike percebeu o receio do rapaz.

— NÃO TE VOU FAZER MAL — assegurou. — MESMO QUE QUISESSE, NÃO PODIA.

— Porquê? — perguntou Theo, lembrando-se de como Shrike poupava o homem que apanhara durante a luta. — É para isso que

servem os Caçadores, não é? Para fazer mal a pessoas?

Os dentes de aço de Shrike cintilaram quando ele tentou sorrir.

— NÃO NA OPINIÃO DA DOUTORA ZERO.

— A Doutora Zero? Foi *ela* que te construiu?

— FUI CONSTRUÍDO PELOS IMPÉRIOS NOMADAS. SOU MAIS VELHO DO QUE A STORM. MAIS VELHO DO QUE O DARWINISMO MUNICIPAL. O ÚLTIMO DA BRIGADA DE LÁZARO. MAS FUI RECONSTRUÍDO POR OENONE ZERO E ELA DEVE TER-ME ALTERADO. AGORA, QUANDO PENSO EM MATAR MORTAIS, A MINHA CABEÇA ENCHE-SE DE IMAGENS DE TODOS OS MORTAIS QUE MAGOEI E MATEI ANTES E NÃO CONSIGO FAZER-LHES MAL.

— A Doutora Zero está *aqui*! — exclamou Theo, agitado, lembrando-se da promessa de proteger Oenone. — Está a bordo de Cutler's Gulp! Ela agora chama-se Senhora Naga. Ouvi dizer que ia ser vendida àquele mercador Varney... Temos de voltar! Temos de a ajudar!

Hester, saindo da cabina com comida e lenha para uma fogueira, olhou-o friamente.

— Não *temos* de fazer nada, rapaz. Não vamos voltar. E se te referes a Napster Varney, vi o *Humbug* descolar de Gulp quando íamos a sair. O que quer que ele tenha comprado lá, levou-o consigo.

Shrike assobiou como uma chaleira pensativa.

— PODÍAMOS IR ATRÁS DELE.

— Também tu?! — protestou Hester, zangada. — Por amor de todos os deuses, Shrike, ela é a mecânica que te neutralizou! Que te importa se foi escravizada?

Surgiram sons sibilantes do interior do crânio blindado de Shrike. Theo perguntou-se se seriam pensamentos no cérebro do Caçador.

— SE CONSEGUIR ENCONTRÁ-LA, ELA DIR-ME-Á PORQUE ME FEZ ISTO. PODÍAMOS IR PARA NORTE, VENDER A NAVE-DAS-AREIAS E COMPRAR UM DIRIGÍVEL. O DIRIGÍVEL DO NAPSTER VARLEY É LENTO. OS SEUS MOTORES-AÉREOS WIDMERPOOL-I2 SÃO POUCO EFICIENTES. PODÍAMOS APANHÁ-LO APESAR DO SEU AVANÇO.

Hester virou-lhe as costas e deu um pontapé na borda da nave.

— Eu gosto do deserto — declarou, zangada. — É bom. É simples. É limpo. Posso ter uma vida aqui.

— NÃO ESTÁS MAIS VIVA DO QUE EU — afirmou Shrike.

— Não? — Hester lançou-lhe um olhar feroz. Ela era perita em lançar olhares ferozes; conseguia transmitir mais ferocidade com aquele único olho do que a maioria das pessoas com dois. — Bem, não era isso que querias? Não quiseste sempre transformar-me em Caçadora, para que pudéssemos vagar os dois por aí, mortos? — Dirigiu-se a Theo. — O Shrike quer tornar-me igual a ele. É a única razão por que ficou comigo desde que a *Cloud 9* foi abaixo. Já não tem coragem para me matar, então está à espera que um desses ratos da areia o faça por ele. Depois pega na minha carcaça e leva-a aos velhos amigos da Storm para me Ressuscitarem.

— Oh! — exclamou Theo, horrorizado. A Ressurreição era o pior destino que podia imaginar, e, no entanto, Hester falava nisso como se nada fosse.

— Não me importo — concluiu ela. — Estarei morta. Ele pode fazer o que quiser com o que restar.

— NÃO — disse Shrike. Se pudesse sussurrar, teria sussurrado, mas todas as palavras de Shrike saíam iguais, altas, agudas e ásperas.

Preferia que Oenone Zero lhe tivesse tratado da voz em vez de lhe mexer no cérebro. Continuou: — QUANDO CHEGAR A TUA MORTE, MANDAREI RESSUSCITAR-TE, COMO CONCORDAMOS HA MUITO TEMPO. MAS POSSO ESPERAR. QUERO VER-TE VIVA E FELIZ DE NOVO. NÃO SERÁS NEM UMA COISA NEM OUTRA ENQUANTO FICARES NESTE DESERTO.

Hester sentou-se e escondeu o rosto numa das mãos. Tinha apenas trinta e poucos anos, mas parecia ter mais dez, e estava muito cansada. Theo sentiu pena dela. Queria abraçá-la, mas achou que ela não iria gostar. Olhou então para Shrike. O Caçador parecia ter dito tudo o que tinha para dizer.

— Senhora Natsworthy — aventou Theo —, não é só a Doutora Zero que corre perigo. São muitas pessoas. As tréguas dependem dela. Quem sabe o que o General Naga poderá fazer se ela não voltar? Ele ama-a.

— É um idiota, então — resmungou Hester. — As pessoas não deviam amar-se. Isso só causa problemas. — Olhou para Theo. — Não quero saber das tuas tréguas. Não quero saber do General Naga nem dessa sua mulher.

Ela saltou para a areia e começou a afastar-se da nave, apanhando ramos de acácia secos para fazer uma fogueira. Embora se mantivesse de costas para Shrike e Theo, sabia que ambos a observavam. Sentiu arrepios, e frio, apesar do calor, como se estivesse a chocar uma febre; mas ela sabia que não era febre.

A princípio, quando dera por si sozinha com Shrike, Hester sentira-se aterrorizada. Lembrara-se dos planos macabros que ele tinha para ela, e imaginara que fosse logo matá-la. Mas quando percebera que ele não era capaz ou não a queria matar, decidira que Shrike era a pessoa certa para a acompanhar. Não fora Shrike que a salvara, no passado, depois de o próprio pai a ter tentado assassinar? Shrike tomara conta dela quando era criança, muito antes de conhecer Tom; agora, a sua vida com Tom terminara, e estava de novo com Shrike. Havia uma certa justiça nisso.

Mas na verdade sentia-se feliz por ter alguém com quem conversar. Durante aqueles meses no deserto, ela contara-lhe coisas que nunca contara a ninguém. Falara-lhe do seu primeiro encontro com Tom, e de como se apaixonara por ele; do *Jenny Haniver*, e da Wren. E contara-lhe como vendera Anchorage e assassinara Piotr Masgard, como afastara de si a própria filha.

Shrike nunca a julgou como um ser humano a teria julgado; escutara apenas, paciente. Hester achara que depois de lhe contar tudo, seria capaz de esquecer a vida anterior; tornar-se-ia despojada como a areia e as colinas de rocha vermelha, e as recordações já não seriam capazes de a magoar.

E agora aquele rapaz caíra na sua vida como um aguaceiro sobre o deserto, agitando uma data de coisas por baixo da superfície seca. Esperança, por exemplo. Pequenos sonhos. Ela esforçava-se por não os deixar crescer, mas não conseguia impedi-los. Theo mantinha-se ainda em contacto com Wren e Tom, e um dia poderia falar-lhes do encontro com Hester no mar de areia. Ela gostava da ideia de que ele pudesse ter algo bom para dizer a seu respeito. Imaginou o marido e a filha, numa doca longínqua qualquer, ouvindo dizer que ela voltara a fazer algo bom, apenas uma vez, para compensar todas as coisas más.

Voltou-se e transportou o feixe de ramos para a nave.

— Está bem, velho Caçador — disse ao aproximar-se. — Está bem, então. Vamos vender esta lata velha e comprar um dirigível.

Capítulo 13

Hora De Partir

AM Jenny Haniver
Doca Aérea de Murnau
21 de maio

Querido Theo,

Achei que devia escrever-te, porque estou prestes a iniciar uma viagem, e pode ser perigosa, e não queria morrer e desaparecer e deixar-te a pensar que não tinha escrito só porque não me dera ao trabalho. Um rico cavaleiro de Murnau, Wolf Kobold, contratou-nos para fazermos uma pequena viagem de exploração, e estamos na Doca de Murnau durante a última semana a prover-nos de mantimentos e a fazer planos. O Senhor Kobold já partiu; seguiu para norte para um subúrbio chamado Harrowbarrow, do qual é presidente da câmara (e importante o bastante para poder requisitar dirigíveis das Abwehrtruppe para lhe dar boleias, o que nos faz pensar porque precisa de nós, mas imagino que goste de fazer as coisas sozinho, sem usufruir de todos os privilégios que a sua posição lhe oferece). Amanhã partiremos para nos juntarmos a ele em Harrowbarrow, e começará então a nossa viagem. Assim, vou deixar esta carta no Mercado Aéreo e esperar que eles a entreguem a um capitão de um dirigível com destino ao Ocidente, que, por sua vez, a entregará a outra pessoa, e que antes do final do ano ela possa, com sorte, chegar a Zagwa, e às tuas mãos.

Isto é tudo muito complicado para explicar, mas vou tentar. Parece que alguns sobreviventes poderão ainda estar a viver entre as ruínas de Londres. Isto é uma novidade para mim, porque nem sequer sabia que Londres tinha deixado ruínas — pensei que tivesse sido reduzida a cinzas. Mas aparentemente restam muitos bocados, espalhados pelo Terreno Exterior a oeste da fortaleza da Green Storm em Batmunkh Gompa. Wolf Kobold esteve lá uma vez, e quer voltar e descobrir mais, e o meu pai está muito interessado em levá-lo, não só por todo o dinheiro que Kobold nos vai pagar, mas pelos velhos tempos. E eu também quero ir. Parece fascinante; exatamente o tipo de aventura que costumava imaginar quando estava presa em Anchorage. Já vi fotografias antigas

de Londres, e ouvi as histórias do meu pai, mas imagina estar mesmo lá, e conhecer as ruínas das ruas que o meu pai percorreu quando era pequeno! Sou filha de um londrino, o que também faz de mim londrina, de certo modo; no mínimo, é uma parte de mim, e desejo conhecê-la quase tanto como o meu pai.

Desculpa; não tenho tempo para escrever mais. O meu pai está no fornecedor de naves aéreas, a pagar a nossa conta, e prometi-lhe que iria preparar os Jeunet Carots para a descolagem antes de ele voltar. Quando esta carta te chegar às mãos, espero já estar de novo na segurança dos céus. Se não, procura-me em Londres.

Wren hesitou, depois escreveu com cuidado no fim da página:

+ + meio página

Com amor,

Wren

Passou o mata-borrão pela carta e começou a lê-la. Depois percebeu que, se a lesse, iria perder a coragem e amachucá-la, como fizera a quase todas as cartas para Theo. Dobrou-a rapidamente e meteu-a num envelope.

Alguns dias antes, enquanto examinava a lista de preços na montra da loja de um fotógrafo no Mercado Aéreo de Murnau, o amigo jornalista do Professor Pennyroyal, Sampford Spiney, aparecera por acaso e oferecera-se para a fotografar de graça. Ela sentara-se à luz do sol perto da entrada da doca enquanto a colega, a Menina Kropotkin, tirara meia dúzia de retratos. Spiney falara animadamente e escutara com interesse o relato de Wren das suas aventuras em Brighton. Ela fez o seu melhor para não denunciar nenhuma das pequenas mentiras de Pennyroyal, embora várias vezes Spiney a defrontasse com algo que contradizia uma das histórias de Pennyroyal.

— Ele de facto costuma exagerar um pouco — admitira por fim, e o jornalista parecera bastante satisfeito.

As fotos tinham chegado ao ancoradouro do *Jenny* naquela manhã. Wren achou que lhe davam um ar adulto e sério, não revelando muito os seus sinais, e resolveu meter uma no envelope juntamente com a carta antes de o selar. Agradava-lhe a ideia de

Theo ficar com uma fotografia dela para recordação no caso de nunca mais se voltarem a encontrar.

De carta na mão, Wren começou a atravessar a doca movimentada, dirigindo-se para o Mercado Aéreo. Não fora muito longe quando encontrou o pai, voltando do fornecedor onde estivera a pagar a conta do *Jenny*. Ela calculava que a conta tivesse sido avultada, pois, além de ter mandado pintar, reabastecer e vistoriar o pequeno dirigível, o pai também comprara um compasso e um altímetro novos e enchera os porões e cacifos com comida enlatada, água engarrafada, corda e tela para o balão, válvulas, tubos e peças de motor sobresselentes, rolos enormes de rede de camuflagem, e tudo o que ele calculou ser necessário para uma viagem em território hostil. No entanto, isso teria sido acessível, visto que seria Wolf Kobold a pagar, e Tom não parecia muito chocado.

Wren acenou-lhe, depois lembrou-se da carta e tentou escondê-la atrás das costas.

— Que é isso? — perguntou ele.

— É só uma carta — respondeu Wren. — Ia pedir a um dos homens dos táxis-balões para...

Tom pegou na carta e olhou para o endereço.

— Wren! — exclamou. — Por Quirke! Não podes enviar isto! Se as autoridades de Murnau descobrirem que estás a escrever para alguém em Zagwa, vão pensar que és espia, e vamos os dois parar a uma prisão na *Neiderrang*!

— Mas Murnau não está em guerra com Zagwa! Os zagwanos são neutros!

— Não deixam de ser Antitracionistas. — Tom pôs um braço nos ombros dela e começou a conduzi-la de volta para o *Jenny*.

— Sinto muito, Wren.

Nesse preciso momento, de uma plataforma vizinha, ouviram uma voz alta e familiar.

— Claro, costumava pilotar os meus próprios dirigíveis. Tornei-me um perito, a atravessar os ciclones boreais e outros. Mas aborrecem-me estes pequenos saltinhos entre cidades. Lembro-me de uma vez em Nuevo Maya quando...

Pennyroyal dirigia-se calmamente para um elegante e caro táxi dirigível, cuja tripulação esperava ao lado da prancha de embarque

para ele subir a bordo. A companheira do professor, uma bela senhora da alta sociedade de Murnau, num vestido que provavelmente custara mais do que o *Jenny Haniver*, escutava com grande atenção a história, e pareceu aborrecida quando ele se interrompeu para chamar:

— Tom! Wren! Como estão, meus caros? Já conhecem a minha querida amiga, a Senhora Kleingrothaus? Estamos de partida para Airhaven. Fomos convidados para jantar com Dornier Lard, o magnata dos dirigíveis, a bordo do seu iate aéreo.

— Airhaven! — exclamou Wren. — Então podia levar esta carta consigo, não podia? É só deixá-la no escritório da doca e pedir-lhes que a coloquem a bordo de um dirigível com destino a África...

Pennyroyal olhou para o envelope que ela lhe meteu nas mãos, junto com uma moeda de prata para pagar a franquia.

— Zagwa? — assobiou. — Oh diabo...

— Sei que os de Murnau não iriam aprovar, mas não tem medo deles, pois não? — instou Wren.

— Claro que não! — exclamou Pennyroyal de imediato, lançando um olhar à companheira para se assegurar de que ela percebia como era corajoso e prestável. Meteu a carta no bolso mais recôndito do casaco e, com um ar malicioso, piscou o olho a Wren. — Não te preocupes, Wren! Prometo que o jovem Ngoni receberá o teu *billet-doux*, nem que tenha de o entregar em pessoa! — Depois olhou para Tom. — Reparei no Mercado Aéreo que a vossa partida está marcada para esta noite.

Tom confirmou com um aceno de cabeça. Sabia que Pennyroyal queria saber o destino do *Jenny Haniver*, mas não fazia tenção de o revelar.

— Ouvi dizer que estás a trabalhar para o jovem Kobold?

— Conversámos — respondeu Tom, com indiferença. Pennyroyal acenou com a cabeça, radiante.

— Ótimo, ótimo! — exclamou. — Bem, não podemos fazer esperar o Senhor Lard, pois não, minha querida? — Fez a sua vénia e desejou *bon voyage* a Tom e Wren, mas, enquanto a amiga se dirigia com elegância para o táxi-balão, ele voltou-se e chamou: — Não percas o número de junho d'O *Especulo*, Tom! Disponível em todas as boas tabacarias, e o artigo principal será um trabalho de Spiney

sobre mim!

Tom acenou, perguntando a si mesmo onde estaria em junho. O *Espéculo* era publicado em várias línguas e vendido a bordo de várias cidades, mas ele duvidava que pudesse comprar um exemplar entre as ruínas de Londres.

Capítulo 14

O General Naga

A trinta quilômetros de distância, na orla mais ocidental do território da Green Storm, o General Jiang Xiang Naga observava as luzes de Murnau através de um periscópio num degrau de tiro de uma trincheira de primeira linha. Um ajudante de campo rodou os botões no tripé do periscópio e o instrumento girou lentamente, mostrando a Naga as luzes vizinhas de cidades mais pequenas e inúmeros subúrbios, e outra *Traktionstadt* mais ao longe.

— Quase todos os dias chegam novas cidades do Ocidente — afirmou um dos oficiais na trincheira. — Os serviços secretos dizem que até Manchester, uma das últimas grandes urbívoras, se dirige para a aglomeração de Murnau. Vossa Excelência, eles estão a preparar um ataque.

— Que disparate, Coronel Yu — resmungou Naga, afastando-se do periscópio. — São cidades mercantes, aproveitando as tréguas para virem fazer negócios com aquelas metrópoles de guerra.

— Sim, para lhes vender novas armas e mantimentos! — insistiu Yu. — Estas tréguas estão a oferecer aos bárbaros uma pausa; uma oportunidade para se rearmar...

— Oferecem-nos a mesma oportunidade — lembrou a colega ao lado, a General Xao, uma mulher baixa de rosto amarelo e enrugado como um velho porta-moedas. Ela sorriu. Tinha perdido três filhos na guerra da Green Storm, e há muito tempo que ninguém a via sorrir. — Mais de um mês agora, e ninguém morreu na linha — informou. — Mesmo que os cidadãos rompam as tréguas amanhã, terá valido a pena. Escutem.

Naga escutou. Conseguiu ouvir as vozes baixas dos soldados nas trincheiras vizinhas, o murmúrio do vento no seu capote de pele de lobo e, indistintamente, ao longe, o canto de um pássaro. Seria um rouxinol? Gostaria de saber. Gostaria de contar à esposa, quando ela regressasse de África: «Ouvimos um rouxinol a cantar, aqui mesmo na linha da frente!» Mas estivera demasiado ocupado com a guerra durante toda a vida para estudar coisas como os pássaros. Se a paz durasse, pensou, iria aprender tudo sobre essas coisas; pássaros,

árvores e flores. Passearia com Oenone em prados verdes e eles indicariam um ao outro os pássaros e as flores, e ele seria capaz de lhe dizer o nome de cada um...

— É isso! — exclamou, e a sua armadura mecânica quebrou o silêncio com um ruído sibilante e metálico ao descer do degrau de tiro. Deu uma palmada no ombro do Coronel Yu com uma mão de aço, parecida com a manopla de um Caçador. — É isso! É por isso que estivemos a lutar, Yu Wei Shan. Não fomos para a guerra porque queremos esmagar cidades, mas porque queremos poder ouvir os pássaros a cantar de novo. E se quinze anos de guerra não deram resultado, então talvez devêssemos tentar conversar com os bárbaros. — Ele acenou com o braço, indicando as terras desoladas que se estendiam além dos arames; as imensas crateras das bombas, as armadilhas de betão para cidades, os subúrbios arruinados entre as ervas daninhas, os milhões de ossos. — Devíamos estar a tornar o mundo novamente verde — concluiu —, e tudo o que temos feito é transformá-lo em lama.

Era algo que a mulher lhe dissera uma vez. Soava melhor quando dito por Oenone. Mais tarde, no dirigível, a caminho do quartel-general do setor no Comando Avançado, deu por si a suspirar por ela. Se Oenone estivesse ali, ele acharia mais fácil manter-se naquele difícil caminho que ela lhe propusera. Metade do seu povo achava-o louco por tentar fazer a paz com as cidades, e às vezes ele próprio perguntava-se se não teriam razão. Mas qual era a alternativa?

A Green Storm estava numa situação muito má. Naga não fazia ideia da gravidade até assumir o poder. Sob a Caçadora Fang, a Storm garantira sempre que a soldados como ele nunca faltassem a comida e o equipamento. Mas nas suas terras tudo parecia desmoronar-se; as pessoas que geriam as coisas nos velhos tempos da Liga tinham sido presas quando a Storm tomara o poder, e os jovens fanáticos que as haviam substituído não sabiam desempenhar as suas funções. Nas zonas que Naga e os camaradas tinham libertado das cidades móveis, com tanto esforço, ninguém parecia saber o que cultivar, nem como arranjar as canalizações e organizar os sistemas de transporte nas degradadas colónias estáticas. Ninguém sabia onde ir buscar dinheiro para pagar as coisas. O fim da guerra ajudaria; os velhos administradores que Naga estava a

libertar das colónias penais de Taklamakan talvez soubessem o que fazer, mas a tarefa era enorme. Grande de mais, pensava Naga às vezes, para um soldado ignorante como ele...

No entanto, sabia que, se pudesse falar com Oenone, ela num instante dissiparia todas as dúvidas. O céu branco passava veloz pela sua janela. Ele dormitava, e quase podia cheirar Oenone, e sentir o calor do seu pequeno corpo. Onde estaria ela?, pensou. Arrependia-se de a ter deixado oferecer-se para aquela missão a Zagwa. Mas ela quisera ir, e ele não conseguira pensar em ninguém mais apto a converter os zagwanos à sua causa do que a pequena Zero, com os seus modos pacíficos e aquele seu excêntrico e velho deus.

O Comando Avançado era uma Metrópole de Tração desativada, instalada numa colina baixa a norte dos Pântanos de Água Ferrugenta por trás de muralhas defensivas construídas a partir das suas próprias lagartas. Fora parte integrante da linha da frente da Storm durante as batalhas do ano anterior. Agora, que as *Traktionstadts* tinham sido empurradas para lá dos pântanos, estava a transformar-se numa colónia de grande envergadura; aglomerados de habitações civis brotavam como cogumelos nas encostas por baixo da cidade, mas nos campos em volta as plantações de tubérculos apresentavam um estado lastimoso. Turbinas de vento salpicavam a estepe, acenando com os braços compridos como gigantes idiotas.

Um grupo de oficiais aguardava numa plataforma de atracação, agitando-se em torno de uma criada de pele escura que Naga reconheceu vagamente. Ele percebeu a vinte metros que eles tinham más notícias.

— Vossa Excelência, chegaram notícias de África...

— Esta é a criada de vossa esposa, Excelência, a rapariga muda, Rohini...

— Chegou a pé à cidade estática de Tibesti, vinda do deserto, sozinha.

— A vossa esposa, Excelência... o seu dirigível foi atacado por naves de guerra citadinas a um dia de distância de Zagwa. Os zagwanos devem ter revelado a sua posição, Excelência. A Senhora Naga está morta.

Mais tarde, numa das salas do conselho da cidadela, Rohini contou-lhe tudo; três dirigíveis de guerra citadinos tinham cercado o *Nzimu*, cuja tripulação lutara para defender a esposa dele, sem êxito. Ela escreveu isto com cuidado em papéis que um ajudante de campo leu em voz alta.

Quando era menina, Cynthia Twite sonhava ser atriz. Os pais eram ambos atores; jovens com pretensões artísticas e Antitracionistas da Metrópole de Tração de Edimburgo que tinham fugido de casa em busca do que na sua imaginação seria uma vida idílica numa colónia estática em Shan Guo. Tinham incentivado a filha a mascarar-se e a representar, acreditando afetuosamente que um dia ela pudesse vir a ser uma estrela. E não se haviam enganado!

Como pessoas boas e tolerantes que eram, tinham sido apanhadas de surpresa pela súbita ascensão da Green Storm.

— Nem *todas* as pessoas das cidades são bárbaras — diziam a Cynthia, queixosos, enquanto os altifalantes que o novo regime instalara por toda a colónia cuspiam *slogans* ferozes da Green Storm. Mas Cynthia achava tudo aquilo empolgante; gostava das bandeiras e dos uniformes, das canções bélicas que tinha de cantar na escola, e adorava a Caçadora Fang, tão forte e brilhante. Depressa se fartou de ouvir os pais a lamentar-se e denunciou-os à Storm como elementos Tracionistas.

Depois da prisão dos pais, ela foi viver para um orfanato do governo em Tienjing. A partir daí, recrutaram-na para a divisão dos serviços secretos, e depois para a rede de espões privada da Caçadora Fang. Foi então que Cynthia descobriu que herdara dos pais o gosto pelo teatro. Colocar disfarces, adotar outros nomes, vozes e maneirismos, eram as coisas de que mais gostava, e sabia que as fazia muito bem. O único senão era que nunca podia reivindicar os aplausos que merecia. No entanto, era prémio suficiente ver as lágrimas escorrer pelo rosto de Naga enquanto este escutava as coisas terríveis que os citadinos tinham feito à mulher.

Naga provavelmente nunca chorara em público. Os seus ajudantes de campo e oficiais pareciam bastante espantados. Até o General Dzhu, que forjara o plano para matar a Senhora Naga e ajudara Cynthia a infiltrar-se no Pagode de Jade, pareceu inquieto quando ouviu o velho amigo fungar e viu as lágrimas pingar-lhe do queixo. Interrompeu a representação de Cynthia. Ele planeara a morte da

Senhora Naga porque queria abalar Naga e levá-lo a desistir das absurdas ideias de paz com as cidades, não destruí-lo.

— Basta! — exclamou, levantando a mão para calar o homem que lia as palavras de Cynthia. — Naga, não devias escutar mais. Duas coisas são bem evidentes. Não podemos confiar nos zagwanos. E as tréguas com os bárbaros Tracionistas têm de acabar. A minha divisão está pronta para atacar amanhã, se assim o ordenares.

— E a minha também — declararam vários outros oficiais em simultâneo.

— Destruam Todas as Cidades! — gritou outro, repetindo um *slogan* da Green Storm, de tempos mais simples, antes de começarem as tréguas.

— Não — insurgiu-se Naga, zangado.

Ouviu-se um murmúrio de surpresa na sala. Até Cynthia teve de se lembrar de que estava a fingir ser surda-muda para não exclamar.

— Não! — repetiu o pobre idiota, martelando no tampo da mesa com a mão mecânica. — Oenone não desejaria ver o mundo cair novamente na guerra por causa dela.

— Mas Naga — insistiu o General Dzhu —, ela tem de ser vingada.

— A minha esposa não acreditava na vingança — respondeu Naga, tremendo. — Acreditava no perdão. Se estivesse aqui, diria que os atos de alguns cidadãos no mar de areia não significam que não podemos confiar em *nenhum* deles. Temos de continuar a lutar pela paz, por ela. — Olhou para Cynthia, que desviou o olhar com modéstia. — E esta rapariga? Que recompensa podemos oferecer-lhe? Ela foi corajosa e leal.

Era aborrecido ter de esperar enquanto alguém escrevia a pergunta dele num papel antes de ela poder escrevinhar a resposta. Esboçou um pequeno sorriso ao escrevê-la, e agradava-lhe pensar que todos na sala achavam que ela sorria porque era uma rapariga boa e leal.

Peço apenas que me seja permitido servir o General Naga como servi a amada esposa.

Capítulo 15

O Subúrbio Invisível

O despontar do dia veio encontrar o *Jenny Haniver* sobre as rasgadas charnecas castanhas da terra de ninguém. A animada aglomeração de cidades em redor de Murnau desaparecera no horizonte a sudoeste durante a noite; agora, a única cidade à vista era um distante casco blindado chamado Panzerstadt Winterthur, arrastando-se para norte em serviço de sentinela. Tanto a *Traktionstadts-gesellschaft* como a Storm vigiavam aquela região por força do hábito, porque já tinha sido flanqueada antes, mas nenhum dos lados acreditava seriamente que o outro lançasse uma ofensiva através daquela extensão pantanosa e irregular, que apenas se tornava mais feia e menos convidativa à medida que o dia nascia. Não se via nada sob o nevoeiro exceto as enormes marcas das lagartas das cidades.

Alguns dos trilhos mais antigos tinham cem metros de largura; sulcos com ladeiras escarpadas estendendo-se a direito para o oriente, com os leitos cheios de xisto solto e de charcos pantanosos. Olhando para eles, Tom pensou reconhecer as marcas de Londres, que ele e Hester tinham seguido havia tanto tempo. Em breve voltaria a segui-las. Desta vez, querendo Quirke, iriam conduzi-lo a casa.

— Bem, não vejo um subúrbio em lado nenhum — comentou Wren, envolvendo o cabelo molhado numa toalha e saindo da cozinha, onde estivera a lavar-se no lava-louça. O perfume a limão do champô enchia o convés do voo consoante passava por todas as janelas, espreitando para as lajes e encostas de lama cintilando na aurora cinzenta em baixo. — Nada!

— Temos de ter paciência! — aconselhou Tom, mas não podia deixar de se sentir inquieto. Não achava normal Wolf Kobold chegar atrasado... Deu mais uma volta. O *Jenny* parecia leve e gracioso, como se estivesse contente por se encontrar de novo nos céus. Trazia os porões vazios, por ordem de Wolf; aparentemente este imaginava-se a regressar das ruínas de Londres com o dirigível cheio de despojos. Mas onde estava ele?

O rádio emitiu uma crepitação súbita. Fora sintonizado antecipadamente para uma frequência que Wolf lhes dera, por isso parecia seguro presumir que o ruído estridente e ensurdecedor que saía dos altifalantes fosse o indicativo de chamada do localizador de Harrowbarrow.

Tom apressou-se a baixar o volume, enquanto Wren voltava a correr para as janelas. A paisagem monótona em baixo não se alterara.

— Não consigo ver subúrbio nenhum — insistiu Wren. — Ainda deve estar do lado de lá do horizonte.

— Não pode ser — replicou Tom, estremecendo quando o sinal voltou a aumentar. — Parece que estamos mesmo em cima dele.

Foi Wren quem detetou os movimentos num trilho gigante cerca de dois quilómetros para leste. Os charcos de água no chão do trilho pareciam esvaziar-se, e as árvores e os arbustos em volta começaram a mexer-se, dobrando-se, torcendo-se e caindo uns sobre os outros. O chão elevou-se, formando uma abóbada de terra, que se abriu e desfez para revelar um conjunto de enormes brocas helicoidais e depois uma carapaça blindada e irregular. Um punho cinzento de fumo de escape ergueu-se no céu.

— Por Quirke! — murmurou Tom.

Na Wunderkammer de Anchorage-in-Vineland havia a carapaça de um animal chamado caranguejo-ferradura. Mais tarde, quando tentasse explicar o aspeto de Harrowbarrow, Wren iria compará-lo com aquele caranguejo. O subúrbio era pequeno, tinha pouco mais de trinta metros de largura e cem de comprimento, coberto pela carapaça blindada. A ponta da frente era um escudo largo e rombudo, para dentro do qual as brocas começavam a recolher-se agora que o subúrbio se encontrava à superfície. (O escudo escondia também as feias mandíbulas de Harrowbarrow, e podia ser levantado quando o subúrbio quisesse rasgar pedaços das pequenas cidades que caçava, ou devorar uma fortaleza da Green Storm.) Por trás do escudo, Harrowbarrow afinilava-se e terminava numa popa estreita, protegida por chapas de blindagem sobrepostas. Várias das chapas começaram a deslizar para o lado, e Wren vislumbrou pesadas rodas e lagartas por baixo. Uma plataforma de metal descia lentamente sobre carneiros hidráulicos, tremeluzindo com luzes orientadoras de aterragem.

— É ali que devemos aterrar? — perguntou Wren.

Tom respondeu que calculava que sim.

— O Wolf disse que o subúrbio dele era especializado — acrescentou, pensativo —, mas não fazia ideia...

Ele não gostava do aspeto daquele lugar, mas disse para consigo que era apenas o primeiro passo para a sua viagem a Londres, e conduziu o *Jenny* com cuidado até à plataforma de aterragem.

Wolf Kobold esperava-os, pronto para responder a todas as perguntas. Wren não o via há quase uma semana, e esquecera-se de como era atraente. A madrugada cinzenta, as luzes de aterragem e o vento agitando-lhe as abas do casaco davam-lhe um ar ainda mais de pirata e atraente. Mas Wren sempre tivera um fraquinho por piratas, e pelo menos o sorriso de Wolf era afável e acolhedor.

Mas não a sua cidade. Por baixo da blindagem recolhida, só se viam blocos de apartamentos cinzentos, crivados de janelas minúsculas. As pessoas, apressando-se para pegar nas malas dos viajantes, também tinham um aspeto cinzento e desleixado; vasculhadores atarracados e carrancudos de fato-macaco, capa curta e óculos protetores ou máscaras contra o pó para protegerem os olhos da nascente luz do sol.

— Não, Harrowbarrow não é propriamente uma broca — dizia Wolf, respondendo a algo que Tom lhe perguntara. — Não conseguimos perfurar leitos de rocha nem coisas parecidas... seria uma maneira lenta de nos deslocarmos! Mas existem muitos e bons trilhos de lagartas profundos cruzando o nosso mundo, e os seus leitos são compostos sobretudo de xisto solto, sedimentos e cascalho; mais do que suficiente para esconder este pequeno subúrbio.

Tom e Wren observaram os homens a amarrar o *Jenny Haniver* à plataforma de atracação e depois seguiram Kobold por uma rua estreita entre os edifícios de metal para a rua central de Harrowbarrow. Várias escadarias subiam para os segundos andares dos prédios, apartamentos acanhados e comprimidos sob o teto blindado. Outras desciam pela placa do convés para as casas das máquinas, cujo calor subia através dos passeios e aqueciam as solas das botas dos viajantes. Uma alcova entre as sinuosas condutas de ar continha uma imagem de oito braços de Thatcher, a deusa

devoradora do irrefreável Darwinismo Municipal.

— É a vossa primeira visita a um ceifeiro? — perguntou Wolf, observando o rosto dos convidados que caminhavam a seu lado. — Aqui, não temos pretensões à nobreza, ao invés das grandes cidades. Mas é um lugar bom e são. No passado, foi uma cidade necrófaga, até ser capturada por uma cidade-caçadora no Frost Barrens. Acharam que poderia ser útil para o esforço de guerra, então entregaram-na inteira a Murnau, e o meu pai deu-ma para a arranjar e organizar. Recrutei pessoas de outros subúrbios-ceifeiros para me ajudarem. Tipos grosseiros, mas dedicados.

O subúrbio inteiro emanava um cheiro a fomalha; fumo e metal quente. Wren pensou que, se tivesse de viver debaixo da terra, aproveitaria todas as oportunidades para sair e respirar ar puro, mas os habitantes de Harrowbarrow pareciam nem sequer querer aventurar-se a sair para a plataforma de aterragem; permaneciam nas zonas sombreadas do subúrbio, e aqueles cujas tarefas os traziam à luz do dia escondiam os olhos atrás de óculos de sol e óculos protetores e agasalhavam-se contra o frio com jaquetões e cachecóis de feltro cinzento.

— Há poucas mulheres a bordo — continuou Wolf, olhando de lado para Wren. (Ela não percebeu se lhe estava a pedir desculpa pela ausência de companhia feminina ou a insinuar que era agradável receber a visita de uma bonita aviadora. As duas coisas, talvez.) — Não vivem aqui famílias. A vida no Harrowbarrow é dura. Não liguem se os rapazes ficarem a olhar.

De facto, ficaram a olhar, de boca aberta e rostos barbudos, para o jovem presidente da câmara conduzindo as visitas por uma ruidosa escada rolante para a Câmara Municipal, um edifício em forma de crescente apoiado em estacas e com vista para os estaleiros de desmantelamento no interior das mandíbulas do subúrbio. Era feio e pequeno, mas Wolf mobilara-o bem. Havia colgaduras e tapeçarias para esconder as paredes de metal, obras de arte criteriosamente escolhidas. Depois de os criados fecharem os estores para esconder a vista das máquinas, o ambiente até se tornou acolhedor.

Wolf levou-os para uma sala de jantar estreita e comprida, com o teto pintado de azul e pequenas nuvens brancas imitando o céu.

— Ainda não tomaram o pequeno-almoço, pois não? — pergun-

tou, sem esperar pela resposta e indicando-lhes uma mesa de jantar.

Certificou-se de que Tom tomava o lugar de honra à cabeça da mesa. Um homem de certa idade, baixo e pálido, com a pele sardenta e óculos complexos, entrou na sala. Wolf cumprimentou-o calorosamente e estendeu-lhe também uma cadeira. — Este é Udo Hausdorfer, o meu navegador-chefe — explicou. — Quando estou fora, é ele que mantém as coisas em ordem. Um dos melhores homens que conheço.

Hausdorfer acenou com a cabeça e piscou os olhos a cada um dos convidados. Se aquele era um dos melhores homens que Wolf conhecia, Wren não gostaria de conhecer os restantes, pois parecia-lhe um vilão. Mas percebeu que Wolf gostava dele; ou mais do que isso — se não soubesse, tê-los-ia tomado por pai e filho. Ela não pôde deixar de notar que Wolf parecia mais à vontade com aquele velho vasculhador de aspeto manhoso do que com o pai.

Várias criadas, com olhos que pareciam pisaduras, circularam silenciosas pela sala transportando travessas, pratos e cafeteiras. Kobold sorriu para os convidados e ergueu a chávena.

— Meus amigos! Como é agradável ver caras novas à mesa! Tenho o prazer de vos dizer que temos café fresco e verdadeiro, tirado de uma cidade necrófaga que devorámos na terça-feira passada. Frutos da caçada!

— Continuam a caçar? — perguntou Tom. — Pensava que a *Traktionstadts-gesellschaft* prometera não devorar outras cidades até ganhar a guerra...

— Uma ideia idiota e sentimental. — Wolf riu-se.

— Achei-a bastante nobre — ripostou Tom.

Wolf fitou-o pensativamente ao sorver o café. Depois, pousando a chávena com ruído, disse:

— Pode ser nobre, Herr Natsworthy, mas não é Darwinismo Municipal.

— Que quer dizer? — perguntou Tom.

— Quero dizer que vivi a bordo de Murnau e vi como as nossas grandes Metrópoles de Tração se enlearam em mesquinhas regras e tabus. — Wolf espetou um arenque defumado com o garfo e apontou-o a Tom. — As grandes metrópoles estão acabadas! Mesmo que ganhem esta guerra, acha que as *Traktionstadts* voltarão a caçar

como verdadeiras cidades? Claro que não! Irão lamentar-se: «Oh, não podemos caçar Bremen; Bremen deu-nos fogo de cobertura quando nos atolámos no Saliente de Pripet» ou «Seria errado perseguir a pequena Wagenhafn, depois de tudo o que ela fez por nós na guerra.» É por isso que as cidades não vencem os Musgientos, percebe?

Insistem em ajudar-se mutuamente, e assim que começamos a ajudar outros, ou a contar com apoio perdemos a liberdade. Elas esqueceram-se do ato simples e belo que devia reger a nossa civilização: uma grande cidade perseguindo e devorando outra mais pequena. Isso é o Darwinismo Municipal. A expressão perfeita da verdadeira natureza do mundo; a lei da sobrevivência do mais forte.

— No entanto, pertencem à aliança — argumentou Tom. — Participam na guerra dela.

— Por enquanto, porque nos convém. A Storm deve ser destruída. Mas nunca deixo os meus homens esquecer-se de que somos livres. Caçamos sozinhos, e devoramos tudo o que conseguimos meter nas nossas mandíbulas.

Tom parecia desapontado. Wren esperava que ele não estivesse prestes a dizer algo que ofendesse Wolf.

— Então parece que Harrowbarrow não passa de um subúrbio-pirata — murmurou, por fim.

Wolf não se ofendeu. Riu-se.

— Obrigado, Herr Natsworthy! Sempre achei que a pirataria era a forma mais pura do Darwinismo Municipal!

— Mas é apenas o presidente temporário da câmara deste lugar, não é? — perguntou Wren. — Quer dizer, acabará por herdar Murnau...

Wolf encolheu os ombros e comeu o arenque.

— Nunca assumirei o lugar do meu pai. Nem que ele me implore. Que me interessa governar uma montanha pesada e cheia de mercadores e velhotas, quando posso estar aqui, a caçar, livre? Agora, os lugares como este são o futuro. Quando as grandes metrópoles e os Musgientos acabarem de se destruir nesta guerra interminável, Harrowbarrow e outros como ele herdarão a terra.

— Credo, bem, não pensei nas coisas dessa forma — gaguejou Wren. Tinha a certeza de que Wolf estava enganado, mas parecia

tão convencido, que ela não conseguiu pensar num argumento contrário.

Wolf riu-se de novo.

— Peço desculpa. Não devia falar de política ao pequeno-almoço! E ainda nem sequer vos informei dos detalhes da nossa viagem. Partimos em breve, rumando a leste através da terra de ninguém. Se tudo correr bem, devemos alcançar a linha defensiva exterior da Storm pouco depois da meia-noite. Já encontrei o lugar perfeito para o *Jenny Haniver* atravessar despercebido. Até lá, estejam à vontade. São meus convidados.

Ele fez uma vénia, e os seus olhos fixaram-se em Wren. Tom perguntou-se se ainda estaria a tempo de desistir daquela expedição; ou pelo menos de arranjar uma desculpa para levar Wren de volta para Murnau, para longe daquele jovem atraente e perigoso. Mas queria tanto que ela visse Londres...

De qualquer maneira, era tarde de mais. Através das paredes finas, ouviu o rangido e o estrondo da blindagem do subúrbio a fechar-se, e de novo o ronco surdo dos motores. Harrowbarrow começou a rastejar pelo leito do trilho de lagartas que havia escolhido, adquirindo velocidade, cravando o seu conjunto de brocas na terra, enterrando-se cada vez mais até se transformar num inverosímil morro móvel, como um rato debaixo de um tapete, arrastando-se para leste em direção ao sol-nascente.

Capítulo 16

Fishcake No Teto Do Mundo

Lembram-se de Fishcake e da sua Caçadora? Poucas pessoas se lembram. A morte de Brittlestar e o roubo da *Spider Baby* tinham sido uma surpresa para Brighton, mas os outros Meninos Perdidos começaram logo a lutar entre si pela posse dos escravos e das casas de Brittlestar, e quando as balas e os *frisbees* de combate pararam de voar já ninguém se lembrava dos estranhos acontecimentos que tinham originado aqueles distúrbios.

Alguns dias depois, uma cidade-jangada cruzando o labirinto de crateras a leste do *Middle Sea* comunicou ter perdido combustível dos seus tanques de armazenamento, e o capitão de um submersível que mergulhava nos leitos das crateras à procura de lixo explosivo afirmou ter visto uma estranha nave passar por cima dele, em silhueta na superfície iluminada pelo sol. Mas o capitão era bêbedo, e as poucas pessoas que acreditaram na sua história limitaram-se a abanar a cabeça e a resmungar que os Meninos Perdidos deviam estar novamente a tramar das suas.

De cratera inundada em cratera inundada, a *Spider Baby* rumou a norte e a leste. Atravessou um contraforte do Grande Terreno de Caça, flutuando pelos trilhos de lagartas alagados e esgueirando-se nervosamente por entre as vertentes, enquanto o chão tremia sob o peso de cidades vagueando em busca de presas. Atravessou os Pântanos de Água Ferrugenta e entrou por fim no mar de Khazak. Até há pouco tempo, o mar fora um campo de batalha, e havia subúrbios e dirigíveis afundados por todo o seu leito lodoso. Fishcake esvaziou-lhes os tanques de combustível ferrugentos e emergiu na costa rochosa da Ilha Negra para recarregar as baterias da «lapa». Depois voltou a submergir e continuou em direção a leste.

A *Spider Baby* ultrapassara os limites dos mapas dos Meninos Perdidos semanas antes, mas a Caçadora de Fishcake parecia ter um mapa daquelas terras na mente. Além do mar, um rio largo e sinuoso descia das colinas a leste. Fishcake fez o que ela lhe mandou, seguindo o curso do rio em direção ao Oriente, passando por bases aéreas da Green Storm e por baixo de pontes ressoando

com caravanas de semilagartas e comboios blindados. Havia pontes flutuantes estendidas sobre o rio para o caso de invasores citadinos tentarem penetrar no interior em barcos, mas a *Spider Baby* passou por baixo delas, atravessando como um fantasma as terras da Storm.

— Porque não te dás a conhecer? — perguntou Fishcake, olhando pelo periscópio para colónias estáticas, campos agrícolas e bandeiras com o raio verde ondulando altivas em fortalezas e templos. — Estas são as tuas gentes, não são? Quando virem que estás viva...

— Elas traíram-me — rangeu a Caçadora. — Os mortais desiludiram-me. Agora, apoiam o Naga. Tornarei o mundo de novo verde, mas sem eles.

— Mas eu estarei contigo, não? — perguntou Fishcake, inquieto.

— Posso ajudar-te, não posso?

A Caçadora não lhe respondeu. Mas mais tarde, enquanto descansava, ele acordou e viu-a sentada ao seu lado. Era de novo a Anna, e ela afagou-lhe o cabelo com a mão fria e murmurou:

— És um bom rapaz, Fishcake. Sinto-me tão contente por estares aqui. Devia ter tido um filho. Teria gostado de ver uma criança crescer, e brincar. Nunca te vejo brincar, Fishcake. Gostarias de jogar um jogo?

Fishcake sentiu-se corar de vergonha.

— Não conheço nenhum jogo — murmurou. — Eles não... no Furtário... quer dizer, não sei brincar.

— Pobre Fishcake — sussurrou a Caçadora. — E pobre Anna.

Fishcake aninhou-se no colo dela, envolvendo-lhe o corpo de metal amolgado com os braços e encostando a cabeça ao seu peito duro. Ouviu o murmúrio e o tiquetaque das estranhas máquinas dentro dela.

— Mamã — disse, baixinho, só para saber que forma assumia a palavra na sua boca. Não se lembrava de ter chamado isso a ninguém.

— Mamã. — Chorava, e a Caçadora consolou-o, acariciando-lhe a cabeça com as mãos desajeitadas e murmurando uma antiga canção de embalar chinesa que Anna Fang ouvira na infância, nas Estradas dos Pássaros, havia muito tempo.

Fishcake adormeceu, e só acordou quando ela se transformou de

novo na Caçadora Fang e se levantou, deixando-o cair.

Quilómetro após quilómetro, subindo rios, atravessando pântanos, arrastando-se nos seus oito pés de metal por vales vazios, a *Spider Baby* prosseguia em direção a leste. Uma noite, quando Fishcake saiu para o casco a fim de respirar ar puro, as montanhas de Shan Guo, iluminadas pelo luar, ergueram-se ao longo do horizonte à sua frente como um sorriso branco.

O rio tornou-se menos fundo, atravancado de pedras e rochas que as cheias da primavera tinham trazido das encostas escarpadas. A *Spider Baby* viajava apenas à noite, subindo furtivamente rápidos brancos e impetuosos à luz das estrelas, escondendo-se de madrugada nas densas florestas de pinheiros e rododendros que cobriam as margens do rio. A Caçadora Fang tornava-se impaciente durante estas demoras; abria as garras e escutava com inveja as caravanas de dirigíveis da Green Storm que de vez em quando passavam por cima. Mas quando era a Anna, gostava das florestas. Pegava na mão de Fishcake e conduzia-o pelos corredores por entre as árvores, rodeados de silêncio e cheiro a resina, ou tornava-se infantil e tola e atirava-lhe pinhas.

— Estamos a brincar! — dizia, animada, enquanto ele corria atrás dela, a rir-se, e também lhe atirava pinhas. — Fishcake, brincar é isto!

Fishcake existia para os momentos em que ela era Anna. Odiava a Caçadora Fang, e Anna também a odiava.

— Ela mete-me medo — disse-lhe Anna uma vez. — A outra. Tão fria e cruel. Quando aparece, nem consigo ouvir-me a pensar...

Mas a Caçadora Fang também tinha medo de Anna. Sempre que voltava a si, a primeira pergunta era:

— Quanto tempo estive avariada? Que fez o Erro? Que disse? — Era esse o nome que ela dava a Anna; *o Erro*. — Esta unidade está avariada — declarava. — Preciso de conserto.

— Não sei consertar-te — respondia Fishcake, com voz chorosa. — Não sei nada acerca de cérebros de Caçadores. — Se soubesse, teria desativado o lado da Caçadora Fang e ativado o lado de Anna para sempre. Então poderiam levar a *Spider Baby* para um lugar qualquer nas montanhas desertas, e viverem lá e serem felizes juntos, o Menino Perdido que queria uma mãe e a mulher morta que

queria um filho. Mas ele sabia que isso era impossível. Se a Caçadora Fang descobrisse que Fishcake tentara ajudar o Erro, matava-o.

Então ele rumou a leste e a norte com ela, seguindo as instruções murmuradas, enquanto o rio se tornava mais íngreme e mais estreito, até que, uma noite, a *Spider Baby* emergiu de uma queda-d'água branca e alta e Fishcake percebeu que a «lapa» não os levaria mais longe. A princípio sentiu-se aliviado. Mas a Caçadora Fang não se deixou desanimar nem por um momento.

— Deixamos a «lapa» aqui e seguimos a pé — sussurrou.

— Para onde? — perguntou Fishcake.

— Para falar com ODIN.

— Fica muito longe?

— A quatrocentos e setenta e três quilómetros daqui.

— Não consigo andar tanto! — protestou Fishcake.

— Então fica aqui — respondeu a Caçadora, saindo da «lapa» e começando a subir às apalpadelas a íngreme e molhada escada de rochas ao lado da queda-d'água. Fishcake encheu rapidamente um saco com mantimentos, pronto para ir atrás dela. Quando subiu para o casco, encontrou-a à espera. Era ainda a Caçadora Fang, mas decidira que afinal ele lhe poderia ser útil.

— Há um eremitério no Zhan Shan — sussurrou. — Interrompemos lá a viagem.

Zhan Shan era um vulcão tão grande e alto que Fishcake andara a pilotar a *Spider Baby* sobre as encostas mais baixas durante dias e nem sequer reparara. O mundo inteiro parecia formar o sopé do Zhan Shan, cujo pico se perdia por cima das nuvens. Os caminhos estreitos que serpenteavam pelos campos de lava acima estavam ladeados de santuários. Farrapos de bandeiras com orações batiam, agitavam-se e rasgavam-se em fios de seda e algodão, levando as orações para os domínios dos Deuses do Céu.

— Esta é uma montanha sagrada — informou a Caçadora de Fishcake, transformando-se de novo em Anna e pegando-lhe ao colo, porque o caminho era íngreme e o ar rarefeito, e ele estava perto do esgotamento. Perguntou-se por que razão ela teria voltado naquele momento. Teria sido o ruído das bandeiras a acordá-la?

— Ninguém sabe como se formou — continuou ela. — Talvez os deuses o tivessem colocado ali, talvez os Antigos. Qualquer coisa rasgou o chão e o sangue quente da terra jorrou e gerou Zhan Shan e todas as novas montanhas a norte daqui. Cinzas e fumo taparam o sol. O inverno durou décadas. Mas olha como é bonita esta terra agora!

— Não consegues vê-la.

— Lembro-me dela. Adorava estas montanhas quando estava viva. É bom regressar a casa.

Depois de um dia e uma noite, Fishcake viu uma luz, cintilando através do crepúsculo e da neve que caía em silêncio. Passaram por um campo onde algumas cabeças de gado muito peludo os observavam com os dorsos cobertos de neve. Do outro lado havia uma casa minúscula com um telhado inclinado e beirais com os cantos virados para cima, como papel a arder. Tinha sido construída com a pedra escura das encostas do vulcão, mas as persianas e o alpendre com colunas eram de madeira esculpida e pintada de vermelho, dourado e azul, o que lhe dava um aspeto bastante alegre. Um cão correu para saudar os viajantes, mas fugiu a ganir quando farejou a Caçadora.

— Que lugar é este? — murmurou Anna.

— Não sabes? — perguntou Fishcake. — Foste tu que nos trouxeste aqui.

— Nunca estive aqui. Segui apenas o caminho que a outra nos indicou.

Fishcake examinou a pequena casa.

— Ela disse que havia um eremitério, onde interromperíamos a viagem. Será isto?

A Caçadora não sabia.

A porta tinha dois olhos dourados para afastar o mal. Fishcake bateu com o pequeno punho nas tábuas entre os olhos. Ouviu um movimento atrás da porta, depois silêncio. Bateu de novo. Por cima deles, nos íngremes contrafortes da montanha, a bruma do entardecer desenhava fantasmas.

A porta abriu-se e surgiu uma pessoa numa tosca túnica vermelha de tecido grosso. Uma mulher, decidiu Fishcake. Tinha o rosto chupado e castanho, e olhos grandes, e o cabelo fora rapado,

deixando-lhe uma sombra no crânio ossudo.

— Precisamos de comida, senhora, e água — começou Fishcake, mas a mulher nem sequer olhava para ele. Fixava a Caçadora. Mexeu a boca, mas não lhe saíram quaisquer palavras, apenas uns gemidos.

Ela levou a mão esquerda à cara, e depois a direita, e Fishcake viu que a mão direita não era uma mão de verdade, apenas um brilhante gancho de metal.

— Anna? — perguntou a mulher. Recuou um passo para a escuridão da pequena casa. — Não! Não és ela! — exclamou. — Eu tentei e tentei, mas não és...

— Sathya! — murmurou a Caçadora, e passou bruscamente por Fishcake para envolver a mulher assustada nos braços de aço. Fishcake soltou um grito, porque pensou por um instante que ela se tivesse transformado de novo na Caçadora Fang e estivesse a matar a mulher. Quando viu que apenas a abraçava, sentiu-se aliviado, e depois ciumento.

— Sathya! — repetiu a Caçadora, percorrendo as linhas do rosto da mulher com a ponta dos dedos de metal. — Já não te via desde... oh, aquela noite em Batmunkh Gompa, a neve, e o fogo, e Valentine... Oh, Sathya, como envelheceste! E a tua pobre mão! Que lhe aconteceu?

Sathya olhou para ela, e olhou para Fishcake, e desmaiou com um pequeno suspiro, caindo no chão de lajes.

— Ela foi minha amiga, minha aluna — murmurou a Caçadora, inclinando-se sobre ela. O seu rosto de bronze cego voltou-se para Fishcake. — Que faz aqui? Que lhe aconteceu?

Fishcake abanou a cabeça, inquieto. Como poderia ele saber fosse o que fosse acerca daquela eremita? A Caçadora é que a conhecia.

— Devíamos roubar alguma comida e ir embora antes de ela acordar — respondeu.

— Não. Temos de a ajudar! Quero falar com ela!

— E se a tua outra metade voltar a aparecer? *Ela* não irá querer falar, pois não? Quererá apenas matar...

— Então tens de a vigiar — murmurou a Caçadora. — Tens de avisar a Sathya quando achares que a outra está prestes a surgir.

Mas talvez nem apareça. — Ela acariciou o rosto de Sathya. — Tantas recordações, Fishcake... todas as espécies de novas recordações! Tornam-me mais forte, sinto-o. Agora ajuda-me; onde está a cama dela?

Isso era fácil; o eremitério só tinha uma divisão e a cama ficava no canto oposto; uma cama grande, cheia de peles e cobertores, com um lume de estrume de vaca ardendo num espaço por baixo. Anna deitou Sathya e cobriu-a carinhosamente com uma colcha. Sathya começou a mexer-se.

— Anna, és mesmo tu? — perguntou.

— Acho que sim — murmurou a Caçadora.

Sathya começou a soluçar.

— Anna, a culpa é toda minha! Devia ter-te deixado descansar em paz, mas não conseguia suportá-lo! Fiz um acordo com o Popjoy.

— Quem é o Popjoy?

— Um Engenheiro. Foi ele que te Ressuscitou. Prometeu-me que voltarias a ser tu mesma, mas não te lembravas de mim, não te lembravas de nada, dizias que não eras a Anna...

— Pronto — murmurou a Caçadora, pegando na mão de Sathya e levando-a aos lábios frios de bronze. — Trouxeste-me de volta, Sathya. O teu amor trouxe-me de volta.

— Oh, oh — gemeu Sathya, e escondeu o rosto nos cobertores, enquanto Fishcake vigiava e esperava que Anna se transformasse na Caçadora Fang. Mas ela não mudou, e aos poucos ele começou a ter esperança de que aquele encontro com a velha amiga tivesse dado forças a Anna para manter a Caçadora Fang afastada para sempre.

Fishcake dormiu no chão naquela noite, deitado sobre um monte de tapetes e aquecido pelo estrume que ardia na salamandra. As vozes de Sathya e da Caçadora passavam-lhe vagamente por cima e em volta, falando de lugares onde ele nunca estivera e de pessoas que nunca vira, mudando de vez em quando para línguas que ele desconhecia.

Acordou horas mais tarde, com a luz do sol da manhã e o ruído constante de uma bomba de água. Esfregando os olhos, saiu lá para fora, para uma brilhante neblina matinal. A Caçadora estava sentada no alpendre, encostada à parede aquecida pelo sol e com a

máscara cega e inquiridora voltada para os ruídos que Sathya fazia dando à bomba no outro lado da casa. Parecia uma tarefa difícil para alguém com apenas uma mão, por isso, Fishcake foi ajudar. Depois de encherem o grande balde de pele de Sathya, pegaram cada um numa asa a fim de o levarem para a casa.

— Deves estar a pensar para que é isto, não? — perguntou Sathya. — Pois bem, é para tomares banho.

Fishcake soltou um guincho, protestou e quase deixou cair o balde. Não se lembrava de alguma vez ter tomado banho, e não via razão para quebrar agora o hábito. Mas Sathya e a Caçadora não quiseram saber das desculpas; trabalhando juntas, tiraram-lhe as roupas imundas e meteram-no na tina de zinco de Sathya, e raspam-no e esfregaram-no e lavaram-lhe o cabelo piolhoso.

Foi o dia mais feliz da infância de Fishcake, do qual ele se lembraria para sempre. O Sol subiu alto e dispersou a neblina, e em redor da casa solitária de Sathya os campos de neve brilhavam límpidos e ofuscantes, com o vento soprando de cada cume pequenos bafos de neve para o céu diamantino. Sathya lavou as roupas de Fishcake e emprestou-lhe algumas das suas enquanto as dele secavam; calças de lona gastas e uma camisa de lã. Ele foi cortar lenha para ela, arrastando toros grandes de uma pilha que tinha sido trazida para o eremitério, oferta das pessoas que viviam nos vales profundos, e rachando-os com um machado. A Caçadora ajudou-o a transportar a lenha para o telheiro atrás da casa, e depois Sathya levou-o a uma cerca de pedra onde se encontrava o gado. A princípio, os animais assustaram Fishcake, por serem tão grandes e vivos, mas Sathya mostrou-lhe como eram meigos. Ele achou-os cómicos; a maneira como as orelhas pretas peludas se contorciam como mãos enluvadas para afastar as moscas, e como as línguas cor-de-rosa se enrolavam nos bocados de feno que ele lhes estendia. Observou Sathya a ordenhar uma vaca, e depois levou-lhe a selha para casa, com cuidado, para não entornar nem uma gota do leite fumegante.

Entretanto, Anna abrira uma das garras e estava a esculpir um bocado de madeira que encontrara no telheiro. Quando terminou, meteu o que tinha feito nas mãos de Fishcake. Era um pequeno cavalo de madeira, a passo de trote, com a cabeça levantada e a cauda abanando atrás como uma bandeira.

— Para que é isto? — perguntou Fishcake, voltando-o nas mãos,

surpreendido.

— É para ti — sussurrou a Caçadora. — É um brinquedo. O meu pai costumava esculpir-me brinquedos quando eu era pequena.

Fishcake olhou para o cavalo. Se tivesse sido uma criança normal, teria tido muitos brinquedos; teria passado tardes inteiras deitado na alcatifa inventando os próprios mundos com animais e cidades de brincar. Se tivesse sido uma criança normal, talvez se achasse já velho de mais para brincar com pequenos cavalos de madeira. Mas ele era um Menino Perdido, e nunca tivera um brinquedo. E começou a chorar, porque o cavalo era tão bonito, e ele gostava tanto dele.

Mais tarde, Fishcake e Sathya desceram até ao rio; um lençol branco de água que corria por baixo da frágil ponte de cordas e bambus e seguia ruidoso e agitado para os vales cobertos de árvores. Atiraram pedras para os rápidos, enquanto o cão de Sathya ladrava e saltitava de uma margem para a outra. Fishcake encontrou a vara de uma velha bandeira de orações trazida pelo degelo da primavera anterior de algum santuário no alto do Zhan Shan, e atirou-a também à água, e eles ficaram a ver o rio levá-la para longe. O sol começava a pôr-se. Os vales enchiam-se de sombras e as montanhas resplandeciam em cores de âmbar e rosa.

— Devias ficar aqui, Fishcake — disse Sathya, fazendo-se ouvir sobre o bramido da água.

— Não posso — respondeu Fishcake, não querendo sequer pensar no assunto. — A Caçadora...

— Ela também pode ficar. — Sathya desviou o olhar, para longe, além das montanhas, para o seu passado conturbado. — Depois de eu perder a mão e de a Caçadora aparecer em Rogues' Roost e de a Green Storm tomar o poder, acho que enlouqueci um pouco. Estava sempre a tentar dizer às pessoas que ela não era a Anna, mas não me ouviam. A Storm queria executar-me, mas alguns oficiais, como o Naga, tiveram pena de mim e chegaram a um acordo para que eu viesse viver para aqui. A Caçadora Fang deve ter assinado a ordem, presumo: só assim saberia onde me encontrar. Imagino que os outros já se tenham esquecido de mim. Não posso sair daqui, mas as pessoas das colónias no vale tomam conta de mim; trazem-me lenha, mel e chá, e, em troca, subo ao Zhan Shan e cuido dos

santuários, e rezo por elas aos Deuses do Céu e aos Deuses da Montanha.

— Não se sente sozinha? — perguntou Fishcake.

— Claro que sim. É uma vida melhor do que merecia, depois do que fiz quando era jovem. Mas se quisesse ficar durante algum tempo, haveria espaço para ti. Só até estares pronto para partir, ou cresceres o suficiente para desceres às aldeias e construíres a tua vida... Fishcake, és apenas uma criança.

Voltaram juntos para casa. A Caçadora Fang aguardava-os como uma estátua, de rosto virado para as montanhas. Ao ouvi-los chegar, voltou-se e murmurou:

— Tenho de partir agora.

— Não! — exclamou Sathya.

— Não! — protestou Fishcake, sentindo fugir-lhe o seu dia perfeito. Perguntou-se se a Caçadora voltara a transformar-se, mas ela continuava a ser a Anna.

— Estive a pensar — revelou, pacientemente. — O Engenheiro que me Ressuscitou ainda está vivo, não está?

— O Doutor Popjoy é um homem importante agora — respondeu Sathya, com amargura. — A Storm deu-lhe uma mansão; aquela casa no promontório, em Batmunkh Gompa.

— Irei até lá — explicou Anna. — Vou pedir-lhe que me examine a cabeça e destrua a outra parte. A Caçadora Fang não pode sobreviver. Quem sabe o que estará a planejar?

— Ela quer falar com alguém chamado Odin — informou Fishcake.

— Foi por isso que veio para aqui.

— E quem é Odin? — perguntou a Caçadora. — Não confio nela. Obrigarei o Doutor Popjoy a silenciá-la para sempre. Se ele não conseguir, então terá de destruir as duas.

— Oh, Anna! — exclamou Sathya, tentando abraçá-la, mas a Caçadora afastou-se.

— Não posso ficar aqui — sussurrou. — Se voltar a mudar, poderei matar-te. Tenho de partir agora, antes que o outro eu regresse.

Sathya começou a chorar e a implorar a Anna que mudasse de ideias, mas Fishcake sabia que não valia a pena discutir. Convivia

há muito tempo com a sua Caçadora, e sabia que Anna era tão teimosa como a outra. Meteu a mão no bolso e agarrou no pequeno cavalo que ela lhe esculpira.

— Eu também vou — declarou.

— Não, Fishcake — disseram as duas mulheres, a morta e a viva, em perfeita sintonia.

— Precisas de mim — insistiu ele. — Até a *outra* precisa. A que distância fica Batmunkh Gompa? A vários quilómetros de marcha, imagino. Não consegues ir sozinha, cega... — Ele chorava, porque não queria abandonar o eremitério, mas também não queria que a sua Caçadora o abandonasse. Apertou com força o cavalo de brincar e esforçou-se por parecer corajoso. — Também vou.

Capítulo 17

Em Terras Da Storm

Crepúsculo na terra de ninguém. Harrowbarrow avançara lentamente para leste durante todo o dia, aguardando imóvel sob o xisto sempre que uma patrulha aérea passava por cima, emergindo por vezes quando o céu estava limpo para soltar dos respiradouros na popa ondas de fumo de escape, como um nevoeiro cerrado.

Viajar debaixo da terra num subúrbio-toupeira era uma daquelas coisas que pareciam terrivelmente excitantes, mas que depressa se tornavam aborrecidas quando as fazíamos, pensou Wren. Ela caminhava a passo rápido pelas ruas quentes e fumarentas de Harrowbarrow, e os cidadãos fitavam-na, e voltavam-se para poder continuar a olhar. Wren temia que o corte de cabelo e as roupas, que a haviam feito sentir-se tão em moda e adulta em Murnau, apenas lhe dessem um ar extravagante.

Ter-se-ia sentido mais feliz e segura na Câmara Municipal, mas Wolf Kobold convidara-a a juntar-se a ele na ponte. Também convidara o pai, mas Tom não se sentia bem, e como Wren não queria que Wolf pensasse que não apreciavam o convite, ali estava, passando pelas janelas de tijolo de vidro do Delvers Arms e virando à esquerda para a Rua Perpendicular, uma escadaria que descia para as entranhas do subúrbio.

A ponte era um edifício móvel, atravessando os estaleiros de desmantelamento de Harrowbarrow de uma ponta à outra, com grandes rodas oleosas de cada lado que corriam em carris nas paredes do estaleiro, podendo rolar para a frente, para as mandíbulas, a fim de supervisionar uma captura, ou para a popa, de modo a observar os trabalhadores nos montes de salvados. Tinha várias correntes suspensas, balouçando com os solavancos do subúrbio. Dois homens que deviam estar de sentinela encostavam-se indolentemente à base da escada que conduzia à ponte. Um deles avançou para barrar o caminho de Wren quando ela pôs o pé no primeiro degrau, mas o amigo disse:

— Calma, é a miúda de Sua Excelência.

— Não sou miúda de ninguém — ripostou Wren, mas os homens

não a ouviram. O rangido e a tritura do xisto contra o casco do subúrbio eram ensurdecedores, e qualquer coisa naqueles vasculhadores rudes e calejados fez com que a voz de Wren saísse baixinha e efeminada. Ela sentiu os olhares nas costas ao subir a escada, e ouviu um deles berrar qualquer coisa para o outro que deixou os dois a rir-se.

— Wren! — exclamou Wolf, contente, quando ela saiu pelo alçapão no chão da ponte e parou ofegante e confusa, olhando em volta para todas as filas de alavancas e instrumentos de medição, os conjuntos de mostradores e interruptores, os tubos acústicos pendendo como estalactites do teto baixo de metal. Ele saltou da cadeira giratória e foi cumprimentá-la, desviando-se agilmente quando Hausdorfer e outros navegadores passavam por ele apressados com mapas enrolados ou ordens para as casas das máquinas.

— Fico contente por ter vindo! Como está Herr Natsworthy?

— Está bem — respondeu Wren. — A dormir uma sesta, espero... — (O pai não se sentia bem desde que tinham embarcado naquele subúrbio-toupeira, e parecia pálido e fraco. Ela deixara-o com ordens rigorosas para que dormisse um pouco, mas, conhecendo-o, provavelmente estava na biblioteca de Wolf, a estudar os mapas das terras a oriente.)

Wolf tomou-lhe o braço.

— Está preocupada com ele.

— Acho que Harrowbarrow é demasiado quente e abafada para ele — confessou Wren. Não queria explicar os problemas de coração do pai. Tom esforçava-se tanto por convencer toda a gente, incluindo ele próprio, de que estava bem, que pareceria uma traição contar a Wolf toda a verdade. — Ele vai ficar bem — prometeu, forçando um sorriso animado.

— Ótimo — disse Wolf, como se tivessem resolvido algum problema. Conduziu Wren para um lugar perto da sua cadeira, onde um grande instrumento de latão coberto de botões e alavancas descia do teto. Havia dois óculos na base do instrumento. Wolf puxou-os até se encontrarem ao nível certo para Wren poder espreitar por eles. — Pensei que quisesse ver a vista.

Wren já quase se esquecera de que existiam coisas como vistas.

As horas passavam tão devagar a bordo do Harrowbarrow que lhe parecia que já não via o céu, ou a terra, há dias. No entanto, ao espreitar pelas lentes do periscópio, viu as duas coisas; o céu azul-escuro e quase limpo, uma lua em quarto crescente pairando brilhante sobre as paredes cobertas de ervas do trilho de lagartas pelo qual seguia o subúrbio.

— Onde estamos? — perguntou.

— Perto do território da Storm — respondeu Wolf.

— Então porque não se veem fortalezas? Nem povoações?

Wolf soltou um riso abafado.

— A Storm já não tem tropas suficientes para guarnecer todos os novos territórios que capturaram. Aqui têm apenas torres de vigia blindadas a cada meia dúzia de quilómetros. E também patrulhas aéreas, às vezes.

— Então será fácil fazer passar o *Jenny*?

— Razoavelmente. Preparei uma pequena manobra de diversão para manter os vigias da Storm ocupados.

Wren franziu o sobrolho. Ele não lhes tinha falado de qualquer manobra de diversão quando planearam a viagem, em Murnau. Mas antes que lhe pudesse perguntar o que queria dizer, Hausdorfer aproximou-se e Wolf voltou-se para falar com ele em alemão. Depois de algumas palavras, Wolf fez um sorriso largo e deu uma palmada no ombro do homem mais velho. Hausdorfer começou a gritar ordens pelos tubos acústicos numa língua que Wren nem sequer reconhecia. Eslavo? *Romani*? O subúrbio estremeceu e inclinou-se, mudando de rumo.

— Quando nos deslocamos devagar como agora, costumo enviar equipas de reconhecimento a pé à nossa frente. Alguns deles acabaram de chegar com informações. Estamos quase na linha da frente da Storm. — Wolf deu-lhe uma palmada no ombro e sorriu; parecia estar a divertir-se. — Devia ir buscar o seu pai. Vamos atravessar dentro de uma hora.

Nos lugares onde os trilhos profundos das lagartas de Londres, com quase vinte anos, atravessavam a linha da Green Storm, os sulcos tinham sido preenchidos com bancos de terra, encimados por gabiões de verga cheios de pedras, cabanas de ferro e baterias de

foguetões. Dez anos antes, um bando de subúrbios-ceifeiros tentara romper a linha naquele lugar, e as suas ruínas tinham sido acrescentadas às fortificações; bocados levantados de chassis e lagartas, trespassados por canhoneiras e pintados com os *slogans* irados da Storm: *Morte às Cidades! O Mundo Novamente Verde! Lavaremos a Boa Terra no Sangue dos Bárbaros Tracionistas!*

Na bateria de foguetões do Trilho 16, uma vigia julgou ouvir o roncar de motores terrestres e correu para o parapeito a fim de espreitar, mas viu apenas o nevoeiro. As patrulhas daquela manhã tinham informado que todos os bárbaros se encontravam sossegados e estacionários nas suas posições, quase como pessoas normais. Os motores pertenciam provavelmente a uma semilagarta da Green Storm transportando soldados para um posto de escuta avançado na terra de ninguém. Pobres diabos. O serviço de sentinela era uma seca, e o Trilho 16 um esgoto inútil. A soldado voltou para dentro, onde tinha à espera um fogão e macarronete quente, e cartas da família em Zhanskar.

Tom sonhava com Londres quando Wren veio acordá-lo. No sonho, já tinha chegado ao local dos destroços e, para grande alegria sua, a velha cidade não estava tão danificada como ele temera. Na verdade, só mudara uma coisa: a Segunda Plataforma encontrava-se aberta ao céu, e um sol forte iluminava as ruas de Bloomsbury, onde Clytie Potts o aguardava nas escadas do Museu.

— Porque esperaste tanto tempo para regressar a casa? — perguntou ela, tomando-lhe a mão.

— Não sabia — respondeu Tom.

— Bem, agora já cá estás — disse-lhe Clytie, conduzindo-o através do pórtico familiar. Os esqueletos de dinossauros no átrio principal voltaram as cabeças ossudas e olharam para ele, cumprimentando-o com mugidos. — Agora podes continuar com o resto da tua vida — declarou Clytie. Ele olhou além dela e viu o seu reflexo numa folha de estanho antiga pendurada numa das vitrinas, e não era velho nem doente, mas saudável e jovem.

— Pai? — chamou Clytie, transformando-se em Wren, e ele acordou com relutância para a escuridão abafada de Harrowbarrow, procurando os comprimidos verdes às apalpadelas.

— Está bem? — perguntou-lhe Wren. — Estamos quase na linha.

O Wolf disse para nos prepararmos...

A ideia de que iriam partir em breve fez Tom sentir-se um pouco melhor; assim como a recordação agradável do sonho. Vestiu-se e seguiu Wren para o hangar perto da popa do subúrbio onde o *Jenny Haniver* os esperava para retomar a viagem. Wolf foi ter com eles.

— Levem as vossas coisas para bordo — ordenou. — Estejam prontos para sair assim que eu voltar.

— Aonde vai? — perguntou Tom, surpreso por não partirem de imediato.

— À ponte. Ainda não estamos do outro lado da linha, Herr Natsworthy. Estou a preparar uma pequena diversão para que os Musquentos não nos vejam a atravessar.

Ele foi-se embora, avançando apressado por uma das ruas tubulares de Harrowbarrow. Tom e Wren arrumaram as malas na barquinha do *Jenny*, depois esperaram lá dentro, junto um do outro na agitação barulhenta do hangar. O ruído dos motores em marcha lenta mudou subitamente, de um murmúrio surdo para um grito, e Wren agarrou-se a Tom para se apoiar quando o subúrbio se precipitou para a frente.

— Que está a acontecer?

Tom não tinha a certeza, mesmo no hangar sem janelas a sensação de velocidade era enorme. Com todos os motores auxiliares a funcionar, Harrowbarrow corria pelo trilho de lagartas, levantando uma espessa onda de terra e vegetação à proa quando emergiu à superfície. Os espantados soldados da Green Storm tiveram apenas tempo de disparar algumas salvas de foguetões, que explodiram sem danos contra a blindagem do subúrbio. Depois as barreiras, as fortalezas e os lança-foguetões voaram violentamente pelos ares quando Harrowbarrow atravessou a linha da frente para o território da Storm. As suas portas falsas abriram-se de repente nos flancos e pelotões de ferozes vasculhadores saíram em enxame com espingardas, facas e maças para atacar os sobreviventes que rastejavam para fora das trincheiras. Com um grito agudo dos motores, Harrowbarrow guinou de súbito, deitando as paredes do trilho de lagartas abaixo e derrubando uma torre de vigia.

Um momento depois, Wolf corria para o hangar, gritando: «Agora! Agora!» e berrando ordens em *romani* e alemão para os homens que aguardavam junto aos comandos das portas do hangar.

Levantando com esforço os manípulos de latão, começaram a abrir as portas. Enquanto os cheiros a terra húmida e cordite invadiam o hangar, Tom e Wren viam pela primeira vez o que acontecia lá fora. Nas ladeiras íngremes e esmagadas do trilho de lagartas, sob o clarão vermelho de numerosos fogos, travava-se uma batalha. Harrowbarrow continuava a girar, por isso a cena passou depressa, mas houve tempo para ver os quartéis esmagados, a confusão eriçada de arame farpado, como aranhas entre as chamas, e vultos debatendo-se, deslizando e arrastando-se na lama; os clarões dos tiros; os reflexos das lâminas, os mortos escorregando e caindo.

— Todos para bordo! — gritou Wolf, empurrando Wren para a prancha de embarque do *Jenny*. — Temos de estar longe quando chegarem os reforços.

— Tudo isto só para podermos atravessar a linha? — protestou Tom. — Não nos disse...

— Eu prometi que vos colocava no outro lado — respondeu Wolf, encolhendo os ombros. — Não disse como. Pensei que soubesse que poderia haver alguns encontros menos agradáveis.

— Mas as tréguas... — lembrou Wren.

— As tréguas mantêm-se; eles não sabem que pertencemos à *Traktionstadts-gesellschaft*...

— Todas aquelas pobres pessoas...

Apressando-a para o convés de voo, Wolf sorriu com simpatia para Wren, como se a sensibilidade dela o divertisse.

— Não são pessoas, Wren; apenas Musguentos. Escolheram viver como animais na terra. Agora morrerão como animais...

Harrowbarrow já dera a volta completa; a proa apontava de novo para ocidente; a popa e as portas abertas do hangar estavam viradas para o território da Storm. Tom manejava freneticamente os comandos do *Jenny*. Wren sentiu os motores ganhar vida, mas não conseguia ouvi-los por causa do ronco mais forte dos motores de Harrowbarrow e da batalha que se travava lá fora. Algumas balas faiscaram contra a armação das portas do hangar, mas a maioria das defesas da Storm fora destruída. Wolf deu uma forte palmada nas costas de Tom e gritou:

— Vá! Arranque! Agora! — Tom lançou um olhar a Wren e depois, agarrando nas alavancas de comando, soltou os ganchos de

atracação do *Jenny* e fez subir o dirigível, para fora do hangar, para leste ao longo do chão enevoado do trilho de lagartas.

Wren saiu do convés de voo e correu para a cabina da popa. Através da janela comprida, viu Harrowbarrow a afastar-se, como um monstro marinho envolto em nevoeiro e fumo de guerra, empinando-se para esmagar e devorar outra fortaleza da Green Storm antes de mergulhar no trilho de lagartas e seguir para oeste. O *Jenny* navegava depressa, com os ramos das árvores no chão do trilho arranhando e batendo na quilha da barquinha. Pouco depois até o brilho dos fogos se dissipou no nevoeiro atrás deles, e não se ouvia nada além do ronronar familiar dos motores *Jeunet Carot*.

— Duvido que outros Musguentos nos tenham visto passar — assegurou Wolf. Há quanto tempo estaria atrás dela? Wren voltou-se. Ele observava-a com simpatia, ansioso por lhe acalmar os receios. — Se viram, os meus homens já os terão matado. O Hausdorfer destruirá mais algumas das suas defesas e depois voltará para a terra de ninguém antes de chegarem os reforços. A Storm julgará que foi uma cidade necrófaga gananciosa, sedenta de sucata de metal e sangue Musguento. Não virão à nossa procura.

— Não nos avisou — respondeu Wren, friamente. — Referiu que seria fácil atravessar a linha! Não disse que teríamos de travar uma batalha.

— E *foi* fácil — declarou Wolf. — Nem consegue imaginar como é uma batalha a sério, Fräulein Aviadora.

Wren passou por ele, empurrando-o, e voltou para o convés de voo. Tom olhava pelas grandes janelas dianteiras. Não via nada exceto o nevoeiro; às vezes um monte de terra e pedras onde a parede do trilho que seguiam se desmoronara parcialmente. Sempre que isso acontecia, fazia uma correção rápida e calma às alavancas da direção, guiando habilmente o *Jenny* em torno do obstáculo. Wren invejava-o por ter alguma coisa em que concentrar-se. Ela só conseguia pensar naqueles vultos em luta que vislumbrara através das portas do hangar. Sentia-se culpada por ter participado no ataque, e cada vez mais assustada. Apesar do que Wolf lhe dissera, tinha a certeza de que a Storm sabia que o *Jenny Haniver* atravessara a sua linha da frente; a qualquer momento, foguetões ou pássaros Caçadores surgiriam aos gritos do nevoeiro, e seriam a última coisa que ela veria.

— Desculpa — pediu-lhe o pai, baixinho, parecendo tão chocado e triste como ela. — Quando ele disse que conhecia um lugar onde podíamos atravessar, pensei que...

Wren interrompeu-o:

— Como pôde ele fazer aquilo? Todas aquelas pessoas?

— Há uma guerra em curso, Wren — lembrou-lhe Tom. — Wolf é um soldado.

— Não é só isso — acrescentou Wren. — Acho que ele sente prazer no que faz.

— Algumas pessoas são assim — anuiu Tom. Ele reconheceu o brilho nos olhos de Wolf durante a batalha; Hester exibira a mesma expressão, naquela noite no Pimenteiro, quando matara os guardas de Shkin. — O Wolf tem ideias estranhas, mas também teve uma vida estranha. É muito jovem, e nunca conheceu outra coisa senão a guerra. Acredito que, lá no fundo, ele seja um jovem decente.

— Deve ser bem lá no fundo — comentou Wren.

Tom sorriu.

— Há muito tempo conheci um homem chamado Chrysler Peavy. Um presidente da câmara pirata, chefe de um subúrbio quase tão feroz como Harrowbarrow, mas ele queria mais do que tudo ser um cavalheiro. O Wolf é o contrário; um cavalheiro que quer ser pirata. Mas possui outro lado. Tem-nos tratado bem, não tem? Agora que o afastámos do seu subúrbio, talvez voltemos a ver esse lado.

Wren acenou com a cabeça, hesitante, como se desejasse poder acreditar nele. Tom desejava acreditar em si mesmo. Fizera mal em aceitar a proposta de Wolf, disso tinha a certeza. Que seria de Wren se lhe acontecesse alguma coisa naquele voo e ela ficasse apenas com Wolf Kobold para cuidar dela?

Mas o *Jenny* seguiu em frente, sozinho, quilómetro após quilómetro, e não surgiram foguetões nem pássaros, e Tom começou a sentir-se mais esperançoso, lembrando-se da sensação de tranquilidade que experimentara ao sonhar com o museu. Não gostava do que Kobold fizera, mas pelo menos iam a caminho. De algures à sua frente, além daquelas planícies sombrias, ele sentia a força da gravidade de Londres, atraindo para si o *Jenny Haniver* e os passageiros, como uma estrela escura.

Capítulo 18

Aquelas Ruínas Colossais

Algumas horas depois, o nevoeiro começou a dispersar-se e Wren conseguiu ver, devidamente e pela primeira vez, a paisagem que sobrevoava — ou melhor, que rasava, pois Tom continuava a manter o dirigível o mais rente ao solo que podia, escondendo-o por trás das vertentes de lama seca que se erguiam entre os velhos trilhos das lagartas de Londres. Até onde Wren podia ver, a terra à sua volta não era muito diferente das planícies que as cidades atravessavam no lado ocidental da linha. A Green Storm livrara aquelas estepes orientais das Metrópoles de Tração, mas ainda não tinha construído as suas povoações. De vez em quando, através das aberturas nas paredes do trilho, surgiam as luzes distantes de fortalezas ou quintas, no extremo oposto da terra revirada e coberta de ervas daninhas; mas se, de facto, estavam de vigia, não procuravam um único e pequeno dirigível.

O rasto de Londres seguia a direito para leste. Cada uma das lagartas da metrópole abrira um sulco com sessenta metros de largura e, não raro, outros tantos de profundidade. Tom conduziu o *Jenny* pelo que ficava mais a norte até uma faixa de céu por cima dele começar a empalidecer. Depois pousou-o no chão, a aguardar os primeiros raios de sol.

Mais tarde, de vigia no silencioso convés de voo enquanto ele dormia, Wren olhou para o céu e viu dezenas de dirigíveis da Green Storm passar por cima; muito alto e dirigindo-se para oeste. Depois o bater de asas cadenciado de um bando de pássaros Caçadores, também voando para ocidente, chamou-lhe a atenção. Ela indicou-os a Wolf Kobold, mas ele disse:

— Nada que nos preocupe. São movimentos regulares de tropas.

Apesar de se ter zangado com Kobold na noite anterior, Wren sentia-se grata por ele estar ali; pela sua certeza de soldado; pela confiança. E à medida que Harrowbarrow ficava para trás, ele parecia amansar, como Tom prometera. A sua voz e a sua expressão tornavam-se mais suaves, e quando Wren lhe pedia que fizesse alguma coisa, ele obedecia, submisso, como se reconhecesse que, a

bordo do *Jenny Haniver*, era ela a especialista.

Ele tinha razão quanto aos pássaros. Nenhum desceu nem se aproximou o suficiente para ver a barquinha castanho-avermelhada do *Jenny* no meio da terra vermelha do trilho das lagartas.

Nessa noite, continuaram a viagem, e o dia seguinte decorreu da mesma forma, exceto que havia uma lagoa profunda e límpida perto do local onde Tom pousou o dirigível e Wren decidiu nadar um pouco. A água estava muito fria, com a superfície cheia de reflexos brilhantes que se estilhaçavam à sua frente. Ela voltou-se de costas e deixou-se boiar, sentindo o vestido de banho inchar à volta, escutando o silêncio. A sua vida passada, Vineland e Brighton pareciam incrivelmente distantes.

Algumas pedras rebolaram pela parede do trilho e caíram na água, enviando círculos sobrepostos de pequenas ondas na sua direção. Wolf escalava a ladeira por entre as árvores que se projetavam do trilho. Viu Wren e acenou.

— Vou só dar uma olhadela — gritou.

Wren nadou para a margem e vestiu apressadamente a roupa, certificando-se de que o *Jenny Haniver* se encontrava entre ela e Wolf. Quando saiu da sombra, de cabelo molhado e a tiritar, não o viu, mas quando subiu para o topo do trilho encontrou-o deitado numa saliência plana e coberta de erva, espreitando por um telescópio de bolso para o território da Storm.

— Que consegue ver? — perguntou.

— Nada de especial.

Passou o telescópio a Wren e ela encostou-o ao olho. A sul, uma planície de erva castanha estendia-se em direção a distantes montanhas azuis. Um conjunto de ridículas turbinas de vento da Storm cintilava à luz do sol por cima de uma pequena cidade estática. Mais para leste, outra coisa se mexia; uma cidade comprida e baixa, pensou Wren, e depois percebeu que não podia ser.

— Um comboio de carga rumando a oeste com abastecimentos para as tropas — explicou Wolf. — Eles construíram caminhos de ferro das montanhas de Shan Guo às Águas Ferrugentas. Foi assim

que regressei a casa, quando vim de Londres; escondido num vagão de mercadorias. A maior parte dos comboios não tem tripulação.

— O quê, nem sequer um maquinista? — perguntou Wren, focando a locomotiva elétrica de cor preta à frente do comboio; uma coisa romba e sem janelas, avançando como um touro.

— A locomotiva é o maquinista. Um Caçador de Marca Doze de Popjoy, comandado por um cérebro humano Ressuscitado. Um pobre dissidente ou soldado capturado que a Storm transformou em locomotiva. Não vale a pena sentirmos pena deles, Wren. São selvagens, e ou somos nós ou eles.

Wren sabia que ele se referia à batalha da noite anterior; pedindo desculpa, ou justificando-se. Tentou pensar numa réplica, mas nada lhe ocorreu.

— Olhe, está a reduzir a velocidade... — apontou Wolf, tirando-lhe o telescópio. — Deve ser uma ponte, ou uma extensão menos resistente da via. Será um bom lugar para subirmos a bordo, se precisarmos.

— Que quer dizer?

Wolf sorriu-lhe.

— Se acontecer alguma coisa ao vosso dirigível, teremos de ir a pé para casa. Uma boleia a bordo de um daqueles comboios encurtaria a viagem em semanas.

Ela acenou com a cabeça. Sabia que ele tentava inquietá-la, mas não deixou.

— Olhe — disse, apontando. — As árvores crescem junto aos carris naquele lugar. Podíamos esconder-nos ali enquanto esperávamos pelo comboio.

Wolf riu-se, satisfeito com a ousadia dela.

— Gosto de si, Wren! Nenhuma rapariga de Murnau conseguiria fazer uma viagem destas e permanecer tão calma. Você tem... como hei de dizer... sangue-frio.

— Devo sair à minha mãe — concluiu Wren.

— Falta pouco — anunciou Tom, quando ligou os motores nessa noite. Wren tinha subido para pôr o sono em dia na cabina da popa, mas Wolf passeava no convés de voo, parando de vez em quando para espreitar sobre os instrumentos de comando para a escuridão em frente, esperando impacientemente por um vislumbre de Londres.

— Estamos perto — disse baixinho, como se falasse sozinho.

— Estamos muito perto agora...

As paredes de lama seca levantadas pelo trilho de Londres escondiam o céu da noite. Por duas vezes, os ruídos dos motores acordaram pássaros, que passaram agitados pelas janelas da barquinha e assustaram Tom. Da segunda vez, ele soltou um grito, fazendo Wolf correr para o seu lado.

— Está tudo bem — assegurou Tom, envergonhado. — Não foi nada. Só uns pássaros. Há muitos anos, lutei com uns pássaros Caçadores da Storm. Desde então fico nervoso quando vejo pássaros...

— É um homem corajoso, Herr Natsworthy — afirmou Wolf, descontraindo e voltando para o passeio à volta do convés.

— Corajoso? — Tom riu-se. — Olhe para mim. Tremo como uma vara!

— Até os homens corajosos têm medo. E as coisas que o senhor já fez... A Wren contou-me algumas das suas aventuras maravilhosas, quando era jovem.

— Na altura não me pareciam maravilhosas — garantiu Tom.

— Morria de medo, na maior parte das vezes. Foi apenas a sorte que me manteve vivo. Sempre que tentava fazer alguma coisa, corria tudo mal...

A viagem prosseguiu. Passadas algumas horas, Wren substituiu Tom aos comandos. Ele ligou a máquina de café e abanou Wolf, que dormitava no lugar junto à janela.

— Café?

O jovem franziu o sobrolho.

— Que horas são? Já estamos nos campos de destroços?

— Ainda não.

— Pai? — chamou Wren, do lugar do piloto. — Pai, olhe!

Esquecendo-se do café, Tom foi colocar-se ao lado da filha, debruçando-se sobre as alavancas de comando para espreitar pelas janelas da proa. O céu estava pálido, com os primeiros sinais da alvorada a surgir por trás das montanhas distantes. Mais próxima, negra contra o céu, havia uma torre baixa e sem janelas, bloqueando o trilho em frente. Num instante de medo, Tom

perguntou-se se a Storm teria construído uma fortaleza ali para guardar os destroços de Londres.

— É uma roda — murmurou Wolf, olhando fascinado por cima do ombro de Wren.

Quando Wren puxou lentamente as alavancas de direção para trás e o *Jenny* subiu e a coisa arredondada passou por baixo deles, Tom viu que o outro homem tinha razão; estava deformada, corroída, coberta de ervas daninhas, mas era inequivocamente uma das rodas de Londres. Do outro lado, a lama do Terreno Exterior estava juncada de formas escuras e imensas; mais rodas, extensões de eixos retorcidos, estranhas massas de metal derretido, dispersas pela explosão da metrópole. As lagartas abandonadas estendiam-se por todo o terreno, como estradas arruinadas conduzindo à montanha de sucata que começava a vislumbrar-se através do nevoeiro em frente.

Tom susteve a respiração. Lembrou-se da última vez que tinha visto Londres, em chamas e abalada por explosões, na manhã seguinte à MEDUSA. Hester estava com ele; seguiam juntos no *Jenny*, à deriva, e ela consolara-o, e obrigara-o a desviar o olhar da cidade moribunda. Quando voltara a olhar, já o vento os levava para bem longe de Londres.

— Querem aterrar? — perguntou Wren.

Tom esfregou os olhos e voltou-se para Wolf, que respondeu:

— Ainda não. Isto é apenas a margem ocidental dos campos de destroços. Aqui só há rodas e lagartas e alguns subúrbios queimados que vieram à procura de salvados e foram bombardeados pela Liga Antitração...

— Ou destruídos pelas luzes-fantasmas — gracejou Wren, e depois arrependeu-se, porque as ridículas histórias de fantasmas que ouvira no Moon's já não lhe pareciam tão ridículas. As ruínas silenciosas de Londres passavam velozes ao lado da barquinha: esqueletos partidos de edifícios sem janelas elevando-se da noite como uma frota de navios-fantasmas.

— Seguimos para leste durante mais um bocado — decidiu Tom.

A paisagem por baixo do *Jenny Haniver* alterava-se rapidamente. Depressa chegaram ao campo de destroços principal, onde o chão estava coberto de pilhas altas e densas de sucata emaranhada. Passaram por cima de um subúrbio incendiado, com as rodas e os

motores dissolvendo-se nas ruínas maiores da metrópole que tinha vindo devorar. Algumas árvores agitavam-se levemente nas fendas entre extensões altas e inclinadas de placas de convés. Mais à frente, os destroços subiam e formavam colinas irregulares. Tom viu um local plano, meio escondido pelas placas levantadas de uma lagarta partida, deu meia volta para o examinar e pousou o *Jenny* com calma e cuidado nas sombras dos destroços.

— Credo! — murmurou Wren, no silêncio que se instalou quando Tom desligou os motores.

Wolf Kobold abriu a escotilha, deixando entrar ar frio e húmido e cheiro a terra molhada.

— Não vejo ninguém — anunciou. — Nenhuma comissão de boas-vindas...

Tom sentiu o coração a martelar. Tentou acalmar-se. Engolindo furtivamente um dos comprimidos verdes, arranjou desculpa para ficar no convés de voo enquanto Kobold e Wren se atarefavam lá fora, prendendo bem o *Jenny* com âncoras de atracagem e cobrindo as capotas dos motores e os lemes de direção com a rede de camuflagem que ele comprara em Murnau. O dirigível era demasiado grande para ocultar, mas com alguma sorte as naves ou os pássaros Caçadores que passassem por cima não dariam por ele, enfiado naquela caverna ferrugenta de placas de lagartas e com a rede disfarçando-lhe os contornos.

Juntaram as coisas de que precisavam: as mochilas de lona; lanternas; a velha espingarda que Tom nunca tinha usado, tirada do cacifo por cima do lugar do piloto. Lá fora, o céu sobre os campos de destroços começava a ficar cinzento; as estrelas extinguíam-se à medida que se aproximava o nascer do sol. Beberam chá, e *Wolf* tomou um *gole* de algo mais forte do seu pequeno cantil.

— *Talvez fosse melhor ficares aqui com o dirigível*, Wren — sugeriu Tom. — Pelo menos até termos *dado uma vista de olhos...*

— *Devíamos ir juntos* — afirmou Wolf, com firmeza, e ninguém discordou; estavam novamente em terra firme, no domínio dele. Depois de saírem para as sombras da cidade perdida, deixaram-no seguir à frente, com a lanterna numa mão e a pistola na outra.

A princípio parecia tudo silencioso. Um silêncio de cemitério, fantasmagórico e terrível, interrompido apenas pelos passos dos

recém-chegados. *Os jardins brancos da lua devem ser assim silenciosos*, pensou Tom. No entanto, à medida que avançavam com cuidado pelos caminhos estreitos e confusos, ele apercebia-se de pequenos ruídos. Gotas de água caindo de ferros salientes; um pedaço de cortina batendo numa janela vazia; flocos de ferrugem agitando-se e deslocando-se, amontoados entre os destroços.

— Ninguém por aqui — murmurou Wolf.

— Como é estar de volta à sua cidade, pai? — perguntou Wren.

— Estranho. — Tom parou para passar os dedos por um letreiro de metal retorcido que descobriu entre os restos ferrugentos debaixo dos pés, lendo o nome familiar de uma rua de Londres; *Finchley Road, Quarta Plataforma*. — Estranho e triste...

— Silêncio — advertiu Wolf, que se encontrava um pouco mais à frente, vigilante e de pistola na mão.

— Se houver pessoas aqui, devem ter ouvido os motores do *Jenny* quando aterrámos — lembrou-lhe Tom. — Já sabem que chegámos. Era bom que se mostrassem...

Um pássaro piou, ao longe nas ruínas. Eles continuaram em direção a leste, pondo os óculos protetores por causa do brilho cor de pêssego do sol nascente. Das janelas do *Jenny Haniver*, os campos de destroços pareciam grandes mas ao nível do solo eram simplesmente gigantescos. Londres era outro país; uma ilha montanhosa cujos picos centrais tinham muitas dezenas de metros de altura. Algumas zonas das ruínas eram ainda reconhecíveis como restos de uma cidade; havia ruas inteiras de edifícios vazios, e uma fila de lojas viradas ao contrário com os letreiros desbotados e estalados presos à parede por cima das portas. Noutras zonas, porém, estava tudo tão retorcido, misturado e deformado que se tornava difícil dizer o que era antes da MEDUSA. E por duas vezes, no meio dos enormes montes de ferrugem, Tom enxergou outros destroços; as carcaças de subúrbios. Lembrou-se de ouvir em Murnau que alguns subúrbios tinham vindo recuperar objetos dos destroços pouco depois da explosão e não haviam voltado, porque a Liga Antitração os bombardeara. Mas aqueles subúrbios, afundados nas ruínas, um com as mandíbulas ainda presas a um bom pedaço de ferro, não exibiam marcas de quaisquer explosões de bombas ou foguetões. Parecia a Tom que eles nunca regressaram a casa porque se tinham *derretido*.

No topo de um pequeno monte, ele parou e gritou:

— Olá!

— Chiu! — fez Wolf, voltando-se.

— Sim, pai! — concordou Wren. — Alguém pode ouvi-lo!

— Mas é isso que queremos, não é? — perguntou Tom. — Não viemos para encontrar pessoas, se é que elas existem neste lugar? E o próprio Wolf disse que não eram hostis... — Ele pôs as mãos em concha na boca e voltou a gritar: — Olá! — Os ecos espalharam-se e esconderam-se entre os destroços. Quando se extinguíram, ouviu-se um silvo agudo e trinado, mas era apenas outro pássaro.

O caminho seguiu por uma ravina sombria entre as escarpas de ferrugem e depois de novo para a luz do sol. Colunas de suporte de plataformas, pórticos partidos e fragmentos de placas de convés jaziam misturados, enegrecidos e fundidos por um calor inconcebível. Os viajantes treparam um emaranhado de cabos grossos e ferrugentos, como mosquitos atravessando uma tigela de esparguete coagulado. Do outro lado, uma faixa retorcida de chapa de convés formava um arco sobre o caminho. Ao passar por baixo, Wren sentiu um movimento por cima dela e olhou, mas era apenas um pássaro — simpático e normal, não um Caçador — planando cada vez mais alto nas correntes térmicas que se elevavam dos destroços aquecidos pelo sol. Eles seguiram em frente, passando pela sombra fresca do arco e saindo novamente para a luz do sol.

E atrás deles eclodiu de súbito uma explosão de gritos e uivos. Voltaram-se os três, Wolf praguejou e Wren agarrou a mão do pai.

As íngremes encostas de flocos de ferrugem que ladeavam o caminho ganharam vida com vultos esfarrapados e velozes, e outros desceram em cordas de esconderijos naquele arco retorcido. Wolf apontou a pistola a um deles, mas Tom gritou:

— Não, não dispare! — Bateu-lhe no braço e o tiro desviou-se para longe do alvo. Antes que Wolf pudesse voltar a disparar, foi cercado por jovens cobertos de fuligem e com armas caseiras, berlando: «Mãos ao ar!» e «Não te mexas!» e «Deita a pistola no chão.» Alguns tinham penas no cabelo e riscas de lama ferrugenta no rosto, lembrando pinturas de guerra. Uma rapariga, num casaco de bor-racha branco imundo, saltou para perto de Wren e apontou-lhe uma besta grosseira.

Desde que saíra de Anchorage, Wren já tivera toda a espécie de

coisas apontadas à cara; desde as velhas e pesadas pistolas de gás dos Meninos Perdidos até a metralhadoras novinhas em folha. Aquilo nunca se tornava aborrecido. Não conhecia nada tão desagradável como descobrir a vida de súbito nas mãos de alguém que nunca vira, que parecia não gostar muito dela, e que podia aniquilá-la num instante puxando um simples gatilho. Pôs as mãos no ar e sorriu timidamente para a rapariga com a besta, esperando que ela não tivesse dedos nervosos.

Tom tentava explicar aos captores que era londrino e Aprendiz de Terceira Classe no Grémio dos Historiadores, mas eles não pareciam interessados. Alguém agarrara na pistola de Wolf e apontava-lha. Wolf parecia tão indignado e envergonhado por ter sido capturado que Wren sentiu pena dele, e desejou poder pensar nalguma coisa que o consolasse. A culpa não fora dele, mas ainda bem que Tom o impedira de matar alguém.

O homem que parecia ser o chefe da emboscada aproximou-se a fim de olhar desconfiado para Wren. Era mais velho do que os outros, baixo e atarracado, com o cabelo grisalho muito curto e um pequeno compasso verde tatuado por cima do osso do nariz. Wren percebeu que o homem estava com medo dela, o que era surpreendente, visto que ele tinha uma dúzia de delinquentes juvenis fortemente armados do seu lado. Empunhava a própria arma; uma coisa estranha coberta de fios e tubos e com um disco de zinco no lugar da boca.

— Então, jovem? — perguntou, mal-humorado. — Que ideia é a sua? Que está a fazer em Londres?

Wren levantou o queixo e tentou parecer altiva.

— Viemos falar com a Clytie Potts — respondeu.

— O quê?! — O homem parecia surpreendido. — Conhecem a Clytie Potts?

— Este continua a dizer que é londrino, Senhor Garamond — berrou um dos rapazes que capturaram Tom.

— Tretas! — O homem voltou a olhar para Wren, mordendo o lábio inferior como se estivesse a pensar no que fazer.

— Muito bem, toda a gente — anunciou, por fim. — Atem as mãos dos prisioneiros. Vamos levá-los ao Presidente da Câmara.

Capítulo 19

A Holloway Road

Com as mãos atadas à frente, rodeados de jovens londrinos de aspeto feroz, os viajantes retomaram a viagem. Os captores não os conduziram para leste, para o centro do campo de destroços, como eles esperavam, viraram antes para norte. A rapariga que escoltava Wren apontou com a besta para os cumes centrais e disse:

— Há muitas zonas quentes ali. Aqui à volta, também, só que não são tão más. Se tivessem seguido em frente, teriam caído em cheio na Electric Lane. Muito mau.

Wren não fazia ideia do que a rapariga estava a falar, mas antes que pudesse perguntar, o Senhor Garamond gritou, furioso:

— *Silêncio*, Angie Peabody! Para de confraternizar com os vasculhadores!

— Não estou a confraternizar com ninguém! — berrou a rapariga, indignada.

— Não somos vasculhadores — insistiu Tom, educadamente.

— Somos apenas...

— Caluda! — insistiu Garamond, como um professor tentando manter uma turma indisciplinada na ordem. Levantou a mão pedindo silêncio. De um cordel que trazia ao pescoço, pendia uma curiosa maquina com muitas antenas, e ele olhava de sobrolho carregado para um indicador na parte de cima. — Espírito! — gritou de repente. — Toda a gente no chão!

Os jovens seguidores obedeceram-lhe de imediato, atirando-se para a lama e puxando Tom, Wren e Wolf com eles. Seguiu-se um leve zumbido que aumentou rapidamente de volume e estridência até ultrapassar o alcance do ouvido humano; depois, um gigantesco arco de luz crepitou sobre uma fenda entre duas torres de placas de convés derretidas.

— Que foi aquilo? — perguntou Wren, sobressaltada, tentando afastar a imagem dos olhos enquanto a rapariga da besta a ajudava a levantar-se.

— Eletricidade residual da MEDUSA — explicou o guarda de

Tom, animado. — Chamamos-lhes «espíritos». Este até foi patético, comparado com os monstros que costumávamos ver. Antigamente, Londres inteira era uma zona...

— Silêncio, *por favor*, Will Hallsworth — gritou o Senhor Garamond, fazendo sinal ao grupo para seguir em frente. Hallsworth lançou um olhar a Wren e fez-lhe uma careta, como um menino de escola atrevido. Ela sorriu, decidindo que já fora capturada por pessoas muito piores do que aqueles jovens londrinos.

O caminho que seguiam desviou-se do centro das ruínas e eles não atravessaram mais zonas quentes. Por duas vezes passaram por lugares quase sem destroços; extensões de campo aberto onde a terra tinha sido cultivada. Entre as pilhas de escombros erguiam-se moinhos de vento de ferro-velho como girassóis ferrugentos.

Desceram para um vale largo em forma de V, cujas encostas eram edifícios abandonados e cujo chão lamacento se encontrava à sombra. Olhando para cima, Wren viu o céu escondido pelos ramos de árvores altas e por uma rede complicada de cordas e cabos na qual tinham sido entrelaçados ramos mortos e bocados de tecido, formando uma espécie de teto. Os poucos raios de luz que conseguiam penetrá-la incidiam como holofotes no dirigível que se encontrava amarrado ao chão do vale.

— O *Archaeopteryx*! — exclamou Tom, reconhecendo o pequeno e elegante dirigível que vira pela última vez a descolar de Airhaven.

— Então é aqui que o escondem... — Wolf parecia impressionado, apesar de tudo. Começava a esquecer-se da indignidade de ter sido capturado e olhava em volta com tanto interesse e curiosidade como os outros.

Passaram pelo dirigível silencioso, depois por uma fila de tanques amolgados de combustível e gás de elevação e finalmente por um pequeno posto de vigia com cadeiras de bordo esfarrapadas e vistas da antiga Londres fixadas nas paredes de lata. O vale terminava num declive abrupto de metal, e Garamond mandou o grupo entrar num túnel.

O aspeto redondo do túnel, as paredes e o teto com nervuras deixaram Tom perplexo, até que os londrinos acenderam as lanternas e ele percebeu que estavam numa das velhas condutas de ar que jaziam enroladas como serpentes mortas por toda a ruína. Tinham montado carris ao longo do chão da conduta, e duas vagonetas de

madeira esperavam prontas junto aos amortecedores. Por cima deles, na parede curva, um antigo letreiro esmaltado cintilava à luz das lanternas. Era a placa identificadora de uma estação de elevadores de Londres; um anel vermelho no meio de um quadrado branco, atravessado por uma barra azul vertical. Em letras brancas sobre o azul liam-se as palavras: HOLLOWAY ROAD.

— É por aqui que transportamos as cargas pesadas do *Archy* para Londres — sussurrou Angie, a guarda de Wren. — Os pássaros-espiões dos Musgientos não nos conseguem ver dentro desta velha conduta. Costumamos dizer que vamos «apanhar o tubo».

— A Hollow-Way Road (Estrada Via Oca; ou Caminho Oco) — soletrou Wren, voltando a ler o letreiro. — Ah, tem piada...

— Bem, temos de nos rir um pouco, não achas?

Seguiram a Holloway Road pelo que lhes pareceu um quilómetro ou mais, às vezes à luz das lanternas, outras através de faixas de luz solar que se infiltravam por fendas na cobertura da velha conduta. O caminho era bastante sinuoso, e por vezes o chão descia a pique onde a conduta mergulhava numa cavidade na terra ou se estendia sobre outra porção dos destroços. No chão, a poeira entre os carris exibía marcas de botas.

No fim da conduta, passaram por mais vagonetas de carga improvisadas, outro conjunto de amortecedores, e surgiram de novo à luz do dia para uma passagem de pranchas de metal entre dois escarpados montes de sucata. Do outro lado dos montes estendia-se um espaço aberto limpo de destroços. Tinham sido plantadas hortas em canteiros elevados e cheios de solo turfosso, e as pessoas pararam de apanhar couves e desenterrar batatas para ver os prisioneiros.

Tom observou-as. Não havia apenas pessoas em Londres; havia *muitas* pessoas. Examinou-lhes os rostos, mas não reconheceu ninguém. Não importava; eram londrinos. Muitos exibiam marcas de velhos ferimentos; ele viu pessoas sem membros e dedos, um homem com a cara queimada, uma mulher cega sendo guiada pelos filhos, que lhe descreviam animadamente Tom, Wren e Wolf. Cicatrizes por todo o lado. *A Hester ter-se-ia sentido à vontade aqui*, pensou Tom, e desejou que naquela manhã depois da MEDUSA o vento tivesse soprado o *Jenny Haniver* para o lado oposto, e os tivesse empurrado para Londres, e não para longe dela. Como as coisas poderiam ter sido diferentes se ele e Hester tivessem vivido

nos campos de destroços...

Na extremidade da horta havia uma enorme extensão de placa de convés apoiada sobre as ruínas, formando uma caverna de teto baixo. Garamond conduziu o grupo pela comprida abertura em forma de caixa de correio. O teto de ferro era tão baixo que tiveram de se baixar, mas nas sombras havia dezenas de pequenas casas e cabanas, construídas com bocados de metal e madeira. Aguardava-os uma multidão, alertada pelas crianças que corriam entusiasmadas à frente da procissão.

— Onde está a Senhora Potts? — berrou Garamond, tentando fazer-se ouvir no meio do barulho, e um cavalheiro de cabeça rapada e casaco de borracha branco sujo (*Um Engenheiro!*, pensou Tom, apreensivo) respondeu:

— Ela está na Câmara Municipal, Garamond.

A procissão continuou a marcha, embrenhando-se cada vez mais na caverna de metal até a placa de convés se tornar tão baixa que eles quase tiveram de se agachar para não rachar a cabeça nos velhos parafusos e encaixes que sobressaíam do teto.

— É por isso que lhe chamam Crouch End (Ponta Agachada.) — explicou a simpática guarda de Wren. — Não é um lugar muito cómodo para se viver, mas antigamente, quando tínhamos de nos esconder dos espíritos, Musgientos e sabe Quirke que mais, um teto sobre as cabeças calhava mesmo bem...

— Angie Peabody — berrou o Senhor Garamond —, pensei que já tinha dito para fechares a matraca!

Enfiado no canto mais baixo da placa de convés havia um edifício construído a partir do antigo escritório do Supervisor da Entranha e bocados de muitas outras coisas; tudo pregado e aparafusado de modo muito eficiente e pintado de um alegre tom de vermelho. COMISSÃO DE EMERGÊNCIA DE LONDRES — escrevera alguém por cima da porta, em maiúsculas cuidadas. Garamond deixou a comitiva à porca e entrou para ter uma conversa abafada com alguém. Depois voltou a sair e escancarou a porta.

— Podem entrar, prisioneiros — anunciou. — E mostrem algum respeito. Estarão na presença do Presidente da Câmara de Londres!

O chão no interior do edifício fora escavado para que as pessoas não precisassem de se baixar. Tom entrou primeiro, com Will Hallsworth ao lado, avisando-o de que tivesse cuidado com as

escadas. Mesmo assim, tropeçou nelas e aterrou numa grande sala de teto inclinado onde um mapa dos campos de destroços cobria uma das paredes, marcado em todo o lado por etiquetas, bandeirolas e misteriosos pinos vermelhos. À volta de uma velha e amolgada mesa de estanho no centro da sala, reunia-se uma dúzia de pessoas, com o ar de quem tinha sido interrompido a meio de uma discussão pela chegada do Senhor Garamond e dos prisioneiros. Uma delas era Clytie Potts. Ela levantou-se quando reconheceu Tom.

— Oh, Quirke! — exclamou.

Ao lado dela, outro membro da comissão levantava-se para cumprimentar os recém-chegados, e a velha toga vermelha e o colar com insígnia distinguiam-no claramente como o Presidente da Câmara. Tom sentiu-se aliviado. Por um instante, temera deparar-se com Magnus Crone, o sinistro Engenheiro que governara Londres durante a sua juventude. Mas aquele velho e corpulento cavalheiro, com tufos de cabelo branco enrolando-se como vapor em volta das orelhas, não era Crome. Depois do alívio, surgiu o espanto, pois Tom percebeu que conhecia aquele rosto redondo e vermelho, e vê-lo ali foi um choque ainda maior do que o primeiro encontro com Clytie Potts.

— Chudleigh Pomeroy! — declarou.

— Eu... Por Quirke e Clio! — exclamou o velhote, com as sobrelhas brancas saltando de surpresa. — Pela Sagrada Flanela Preta do Diabo! Se não é o jovem Aprendiz Qualquer Coisa! O jovem Não Sei Quantos! O jovem, hum...

— Natsworthy — ajudou Tom. Sempre tivera um pouco de medo do Vice-presidente dos Historiadores, mas encontrá-lo ali, e perceber que ele sobrevivera todos aqueles anos e contra qualquer probabilidade, fê-lo chorar de alegria. Limpou as lágrimas e disse numa voz trémula: — Tom Natsworthy, Senhor Pomeroy; Aprendiz de Terceira Classe. Regressei a casa.

Capítulo 20

Os Filhos Da Medusa

Chudleigh Pomeroy mandou vir comida e bebidas da cozinha comunitária da colônia e barafustou com os colegas para arrumarem as pilhas de papéis e arranjar espaço à mesa para os visitantes. Tom, que começava a recuperar do choque, voltou-se para examinar os outros membros da comissão. Dois eram engenheiros — um homem baixo de tez morena e uma senhora de idade com ar bastante austero, tão carecas como dois seixos e envergando casacos de borracha brancos esfarrapados. Os restantes eram londrinos vulgares; pessoas de todos os tamanhos, feitios e cores, incluindo um homenzinho seco e duro que acenou com a mão a Angie, levando-a a acenar também e a dizer:

— Olá, pai! — Ele olhou para Tom como se tivesse sido um operário da Entranha antes da MEDUSA explodir; não era decididamente o tipo de pessoa que encontraríamos na sala do conselho de Londres nos velhos tempos.

Finalmente, arranjam-se três lugares para os recém-chegados. Chudleigh Pomeroy observava-os com um sorriso radiante enquanto se sentavam.

— Prazer em conhecê-la, Menina Natsworthy — disse, estendendo-se sobre a mesa para apertar a mão de Wren quando Tom a apresentou. — E Herr Kobold. Ouvimos muitas histórias sobre a coragem da sua cidade e dos aliados. Aqui a Senhora Potts mantém-nos a par das notícias da guerra. Seja bem-vindo a Londres.

— Obrigado, Senhor Presidente — respondeu Wolf, fazendo uma vénia elegante e levando a mão ao lugar onde estaria o punho da sua espada se o Senhor Garamond não lha tivesse confiscado. — Esta não

é a minha primeira visita. Da última vez que aqui estive fui expulso antes de poder conhecer a sua gente... — Sorriu maliciosamente para os rostos perplexos à volta e resumiu a história da sua primeira visita aos campos de destroços.

— Grande Quirke! — murmurou Garamond. — Já me lembro dele...

— Não é o primeiro soldado perdido a procurar abrigo aqui — explicou Pomeroy. — Às vezes, soldados perdidos e feridos de ambos os lados aventuram-se nos limites das ruínas. Não podemos correr o risco de os deixar partir e revelar os nossos segredos ao mundo exterior, mas não queremos matá-los, por isso tivemos a ideia de simplesmente afugentá-los. Alguns gemidos misteriosos costumam bastar para fazer fugir até os mais corajosos, mas de vez em quando encontramos uns mais curiosos. Quando acontece, anestesiámo-los com clorofórmio antes que consigam ver alguma coisa e largamo-los fora dos destroços. A maioria percebe o recado. Você é o primeiro a regressar.

— Então porque não nos anestesiaram e levaram para o Terreno Exterior? — perguntou Wren.

— Boa pergunta — resmungou um dos membros da comissão, lançando um olhar irritado a Garamond.

— Não era prático! — respondeu Garamond, mal-humorado. — Eles vieram de dirigível, não a pé. Pareciam vasculhadores, não perdidos. E aqui o Senhor Natsworthy não parece lá muito saudável. Se os meus rapazes o tivessem anestesiado com clorofórmio, talvez nunca mais acordasse...

Tom começou a protestar, dizendo que estava muito bem de saúde; que podia aguentar uma boa dose de clorofórmio. Felizmente, antes que a discussão se prolongasse, chegou a comida; pão e manteiga, tarte de maçã e bolachas caseiras, vinho de flor de sabugueiro em velhos jarros de estanho.

— Vejo que aprenderam a viver da terra — comentou Wolf Kobold, baixinho. — Como os Musguentos.

Clytie Potts sorriu-lhe, animada; estava impressionada com aquele recém-chegado bonito e jovem, e não percebeu o ligeiro tom de desprezo na sua voz.

— Oh, cultivamos todas as espécies de coisas nos nossos canteiros entre os montes de ferrugem. O solo é muito fértil. Alguns dos sobreviventes eram trabalhadores nos setores agrícolas antes da MEDUSA, e ensinaram-nos tudo acerca do cultivo de alimentos. E as nossas equipas de recuperadores encontram imensas coisas entre as ruínas: produtos enlatados; açúcar; chá. Existem menos de duzentas pessoas em Londres atualmente, por isso temos o suficiente para todos.

— Também caçamos — acrescentou Angie, ansiosa. — Coelho e pássaros e outras coisas que vivem nos campos de destroços... — Deteve-se quando o Senhor Garamond se voltou para lhe lançar um olhar reprovador; os outros jovens tinham sido obrigados a esperar lá fora, e Wren suspeitava que Angie não devia estar na sala da comissão.

— E a Clytie trouxe algumas cabras e ovelhas a bordo do seu dirigível — acrescentou a discreta Engenheira de idade.

— Mas não compreendo — meditava Tom. — Quer dizer, como conseguiram sobreviver? Como é possível estarem aqui? Pensava que...

— Pensavas que estávamos todos mortos — referiu Pomeroy, amavelmente —, a propósito, foi o que pensei que te acontecera; o patife do Valentine disse-me que tinhas caído de uma calha de escoamento na Entranha. Desde então senti-me culpado por te ter enviado lá abaixo naquela noite. Vinho?

Ele encheu uma série de taças de estanho e canecas esmaltadas de várias cores, e outro membro da comissão passou-as aos recém-chegados, com Pomeroy a olhar para eles com um sorriso radiante. Depois, enquanto eles comiam e bebiam, concentrou-se e começou a contar-lhes o que acontecera nas últimas horas de Londres; como a tensão entre o Grémio dos Historiadores e os Engenheiros de Crome, sedentos de poder, acabara numa guerra aberta nas salas do Museu, e como Katherine Valentine e o Aprendiz de Engenheiro Pod tinham subido a escadaria secreta chamada Cats Creep para tentar impedir a ativação da MEDUSA.

— Pouco depois — continuou Pomeroy —, os Engenheiros atacaram em força, e as coisas tornaram-se bastante confusas. Lutámos como tigres, claro, mas eles tinham Caçadores e outras coisas, e fizeram-nos recuar para a divisão de História Natural. Já não restávamos muitos nessa altura; o Arkengarth, o Pewtertide e a Doutora Karuna tinham sido mortos, e aqui a Clytie estava gravemente ferida. Decidi resistir mais um pouco atrás daquele velho modelo da baleia-azul. Fora retirado do teto, por alguma razão, e estava no chão, onde fazia uma barricada aceitável. E enquanto nos escondíamos atrás dele, à espera de que aqueles tipos Ressuscitados viessem terminar connosco, de repente, *bum!* O edifício começou a desfazer-se...

— O Senhor Pomeroy atirou-me para dentro da boca da baleia — acrescentou Clytie Potts, olhando tristemente para as mãos enquanto falava, como se as recordações ainda a perturbassem.

— Sim — confirmou Pomeroy —, e depois, com uma presença de espírito extraordinária, saltei atrás dela. Mesmo a tempo! A Segunda Plataforma inteira deve ter cedido naquele instante. Senti uma luz forte queimar-me através de cada fenda e buraco de bala na pele da baleia, que começou a escorregar, a rebolar e a cair pelo ar! Depois disso, não me lembro de grande coisa. Receio bem que deslizar dentro de uma baleia de fibra de vidro pelos flancos de cidades a desintegrar-se não *seja o meu* desporto favorito, e perdi os sentidos...

— A baleia *foi* parar entre dois suportes de plataforma caídos na orla sul do campo de destroços principal — explicou Clytie, retomando a história. — Alguns trabalhadores dos estaleiros de salvados encontraram-na ali, e ajudaram-nos a sair. Foi então que vi o que acontecera à cidade. Estava... Oh, nem consigo descrevê-lo. Havia fogo por todo o lado, e fumo negro subindo para o céu, e explosões constantes, de maneira que havia sempre destroços a cair, e cinzas, como neve preta. De vez em quando, do meio das ruínas, surgia uma enorme garra de luz branca, crepitando e rastejando pelo chão como se nos estivesse a farejar...

— Sim, foram tempos perigosos, aqueles — afirmou Pomeroy, acenando solenemente com a cabeça. — A Liga também andava a rondar, sedenta de vingança. Vimos alguns sobreviventes sair dos destroços para se entregarem a uma patrulha da Liga e foram fuzilados. Então, eu e a Clytie e os nossos amigos dos estaleiros de salvados decidimos ficar onde estávamos. Passado algum tempo, começámos a encontrar pequenos grupos de sobreviventes, juntámo-nos todos, e procurámos decidir o que fazer. Pensámos em voltar para ocidente pelos trilhos das lagartas, mas onde nos levaria isso? Provavelmente para os porões de escravos de uma cidade necrófaga, onde não teríamos melhor sorte do que com a Liga. Então decidimos ficar aqui. Londres podia ter-se tornado um barril de pólvora, mas continuava a ser Londres, hem? A nossa casa...

Os colegas acenaram com a cabeça e murmuraram a sua concordância. Pomeroy deu uma palmada afetuosa à parede da sala da comissão, que começou a oscilar perigosamente.

— Viemos para Crouch End porque parecia livre de espíritos —

explicou Clytie —, e estávamos escondidos aqui das patrulhas aéreas que a Liga continuava a enviar para cá naqueles primeiros tempos.

Há uma grande secção da Entranha razoavelmente incólume cerca de um quilómetro a leste daqui, e recuperámos muitas coisas úteis; até um baú cheio de dinheiro. Então, mais tarde, quando as patrulhas da Liga diminuíram um pouco, eu e mais alguns conseguimos sair para comprar o *Archaeopteryx* e começar a ir buscar outras coisas de que precisávamos...

— Deve ter sido perigoso — comentou Tom, pensando na experiência de atravessar as linhas da Green Storm.

— Impossível, às vezes — admitiu Clytie. — Mas normalmente conseguimos fazer algumas viagens por ano...

— Para ir comprar Tecnologia Antiga, presumo — aventou Wolf Kobold.

Clytie pareceu hesitar. Vários dos conselheiros mexeram-se incomodados nas cadeiras recuperadas.

— E estes Engenheiros? — continuou Wolf Kobold, acenando com a cabeça para o homem careca e para a mulher. — Parecem muito amigos deles, tendo em conta que foram eles que destruíram Londres.

A Engenheira respondeu, baixinho:

— Nem todos os membros do nosso Grémio apoiavam Magnus Crome e os seus planos insensatos. Aqueles que, como nós, se opunham eram banidos para trabalhos modestos nas prisões e fábricas da Entranha Profunda. Imagino que tenha sido isso que nos salvou. Todos os apoiantes de Crome estavam com ele na Plataforma Superior quando a MEDUSA explodiu.

— Estamos muito contentes com a ajuda que os nossos Engenheiros nos deram ao longo dos anos — assegurou o pai de Angie, o ex-operário seco e duro. — Construíram-nos toda a espécie de engenhocas úteis: chapas elétricas acionadas por bicicletas, coletores solares, moinhos de vento, mecanismos de elevação, pistolas elétricas capazes de abater os pássaros-espiões mecanizados da Green Storm. Aqui o Doutor Abrol — continuou, apontando para o outro Engenheiro, que sorriu modestamente — construiu um recetor que nos permite escutar as comunicações de rádio da Storm, para estarmos avisados se alguma vez eles vieram à nossa procura.

E a Doutora Childermass, a nossa Vice-presidente da Câmara, era a chefe da Divisão de Pesquisas Lev-Mag. É ela que...

— Cuidado, Len — interrompeu a Engenheira, em tom de aviso.

— A Green Storm deve saber que estão aqui — aventou Wolf. — Todos estes moinhos de vento, campos de cultivo e outras coisas. Já vos devem ter visto.

— Imagino que sim — respondeu Clytie Potts.

— No entanto, decidem deixar-vos em paz. Talvez pensem que são Antitracionistas, como eles?

— Bem, nesse caso, estariam enganados — ripostou o pai de Angie, percebendo a provocação na pergunta de Kobold e irritando-se. — Eles não conhecem os nossos planos, não mais que você...

— Len — advertiu a Doutora Childermass.

Chudleigh Pomeroy interrompeu apressadamente para dizer:

— Enfim, agora que o jovem Natsworthy e os amigos estão aqui, o melhor é dar-lhes descanso; decidir onde vão ficar e outras coisas.

— Oh, não queremos incomodar-vos — disse-lhe Kobold.

— Ficamos apenas alguns dias, damos uma vista de olhos e voltamos para o *Jenny Haniver*...

— Mas não podem partir já! — protestou Pomeroy. — Acabaram de chegar!

— O que o Senhor Presidente quer dizer é que não podem partir de todo — esclareceu o Senhor Garamond, que escutara tudo impacientemente do seu posto junto à porta. — Estes são momentos importantes para Londres. Não podemos correr o risco de vos deixar partir e dizer a toda a gente que estamos aqui.

— Ora, Garamond — protestou Pomeroy —, o Senhor Natsworthy é londrino, como nós!

— Talvez, mas a filha não é, e quanto a este cavalheiro... Como chefe da Subcomissão de Segurança, é meu dever lembrar-vos que não os conhecemos, e que não podemos confiar neles.

— Apoiado! — exclamou o pai de Angie, acenando energicamente com a cabeça. — Seria uma pena termos aguentado aqui durante todos estes anos só para depois um abelhudo qualquer ir vender-nos a uma cidade necrófaga quando estamos quase a...

— *Len!* — interrompeu rispidamente a Doutora Childermass.

— Receio bem que o Garamond tenha razão — concluiu Pomeroy, à guisa de desculpa. — Penso que seria melhor os nossos jovens montarem guarda vinte e quatro horas na Holloway Road e no parque de dirigíveis. Tom, Wren, Herr Kobold; espero que se considerem nossos convidados, mas infelizmente a vossa partida está fora de questão. Alguém quer mais uma bolacha?

Capítulo 21

Visita Ao Doutor Popjoy

A cem quilómetros das ruínas de Londres, onde as jovens montanhas de Shan Guo se erguiam abruptamente das planícies, situava-se a cidade-fortaleza de Batmunkh Gompa. Defendia um desfiladeiro através do qual, durante séculos, as Metrópoles de Tração haviam tentado entrar para os férteis reinos Antitracionistas do Oriente. Mas agora que a Green Storm deslocara a sua fronteira para ocidente, a cidade tornara-se uma sombra sonolenta e esbatida de si mesma, como um porto do qual o mar se havia afastado. Uma pequena guarnição continuava a defender a Muralha Escudo, mas a cidade servia sobretudo de base para os exércitos e comboios de abastecimentos fazerem uma pausa antes de seguirem viagem para os novos campos de batalha da linha a ocidente.

No vale por trás da cidade, ao longo das margens aprazíveis do lago chamado Batmunkh Nor, havia uma série de cabanas de pescadores sobre palafitas e belas mansões com telhados a pino e casas de fim de semana dos funcionários superiores da Green Storm. Uma delas, a mais bonita, situava-se no meio de um pinhal numa língua de terra que se projetava sobre o lago. As luzes das janelas em forma de lágrima lançavam longos reflexos sobre a água, e os telhados curvavam-se nas pontas como as biqueiras dos chinelos de um sultão num conto de fadas. Qualquer pessoa com coragem suficiente para espreitar por entre as barras dos portões altos e com pontas de ferro repararia nas estranhas estátuas dos jardins e numa placa ao lado da entrada calcetada que dizia:

Forte Ressurreição

Era a casa de outro sobrevivente da MEDUSA; o Doutor Popjoy, antigo membro do Grémio dos Engenheiros e, mais recentemente, chefe do Corpo de Ressurreição. A mansão era o prémio que recebera da Storm por todos os exércitos que construía.

— É essa a casa — disse a Caçadora de Fishcake, quando este

descreveu o que conseguia ver ao descer a estrada da montanha naquela noite. — Quando a Sathya estava de serviço em Batmunkh Gompa, fazíamos passeios de barco no lago e víamos essa casa a partir da água. Na altura pertencia a um artista; um mestre calígrafo. A Sathya costumava dizer que quando fosse velha e rica iria viver nela.

Fishcake deteve-se na última curva abrupta da estrada sobre a margem do lago. Estava com frio e cansado, tinha os pés doridos após a longa viagem desde o eremitério, e muito receio de que fossem abordados quando se aproximassem dos arredores da cidade. Insistira em andar a maior parte do caminho, apesar de a sua Caçadora se ter oferecido para o levar, porque não queria que ela pensasse que ele era um fraco. Uma dor surgira-lhe nos joelhos após alguns quilómetros, e agora espalhara-se pelo corpo, dificultando-lhe o passo. Sabia que devia estar feliz por a viagem ter terminado, mas sentia apenas medo.

Quando a Caçadora se voltou para saber porque tinham cessado os passos atrás dela, Fishcake suplicou:

— Não vás lá abaixo.

— Mas o Popjoy pode consertar-me — sussurrou ela. — Depois serei sempre a Anna.

— Não precisas dele! — afirmou Fishcake. Parecia-lhe que a Caçadora já estava consertada. Ela nunca deixara de ser a Anna desde o dia em que chegaram ao topo do Zhan Shan, e ele começara a perceber, vagamente, que Anna se fortalecia com recordações; as bandeiras esvoaçantes com orações oferecidas aos velhos deuses tinham-na despertado, e as montanhas familiares e as conversas com Sathya deixaram-na mais forte do que nunca; talvez a Caçadora Fang tivesse sido eliminada para sempre. Porquê arriscar confiar naquele Doutor Popjoy? Mas ele sentia-se demasiado cansado e tremente para explicar tudo isso à sua Caçadora. Ela pegou nele ao colo e disse:

— Não tenhas medo, Fishcake. O Doutor Popjoy vai consertar-me, e depois voltaremos para a Sathya. Agora sê de novo os meus olhos e diz-me: há alguém por perto?

Não havia ninguém, e ninguém os abordou quando ela o levou para o portão de Popjoy. Era tarde. Batmunkh Gompa era uma cortina cintilante de luzes que atravessava o céu do outro lado do

lago. Estava a nevar, e os flocos acariciavam o rosto de Fishcake como pequenos dedos gelados; como os dedos frios de fantasmas de crianças.

A Caçadora pôs Fishcake no chão e esmagou os fortes cadeados dos portões. Fishcake abriu-os, olhando com receio para as janelas iluminadas da casa que espreitavam através das árvores ao fundo de um caminho comprido. A Caçadora pegou-lhe na mão e transpuseram a entrada, com os portões fechando-se atrás deles. — Vamos pedir ao Doutor Popjoy para te dar de comer, antes de ele me consertar — sugeriu ela.

— E se ele recusar? — perguntou Fishcake. — Consertar-te, quero dizer.

— Obrigá-lo-ei — sussurrou a Caçadora. — Não te preocupes, Fishcake.

Fishcake olhou novamente na direção da casa e meteu a mão no bolso para agarrar o pequeno cavalo que ela lhe fizera. Continuava a não querer que a sua Caçadora se colocasse à mercê daquele Engenheiro sinistro. Esteve quase a puxá-la de volta para os portões, mas era tarde demais. No jardim à sua frente, onde as sombras se sobrepunham por baixo das árvores, havia coisas a mexer-se. As formas pontiagudas que lhe tinham parecido estátuas voltaram subitamente as cabeças; olhos verdes iluminaram-se como chamas.

— Caçadores! — sussurrou a Caçadora de Fishcake, ouvindo os silvos e os ruídos metálicos dos vultos que ganhavam vida. Ela parecia assustada.

— Mas *tu* és uma Caçadora — lembrou-lhe Fishcake.

— Ah, pois sou. Obrigada, Fishcake. As vezes esqueço-me... — Ela empurrou-o com cuidado para trás de si, para fora de perigo, e abriu as garras.

A casa tinha três guardas; Caçadores de combate grandes e brilhantes construídos pelo Doutor Popjoy, com barbatanas e espigões como dinossauros heráldicos. Enquanto corriam pelos relvados cobertos de neve, a luz dava-lhes um tom prateado às caras sem feições e em forma de pá. A Caçadora de Fishcake coxeou na sua direção. Eles eram mais fortes, mas ela era mais esperta. Esquivou-se dos golpes agitados e desajeitados dos atacantes e espetou-lhes as garras brilhantes pelos acoplamentos no pescoço. Choveram faíscas e esguicharam líquidos. Os corpos decapitados

cambaleavam sem destino, colidindo uns com

os outros e caindo, contorcendo-se e chocalhando no caminho lajeado como dançarinos de *break-dance* de armadura, enquanto a Caçadora se voltava para Fishcake. Estendeu-lhe uma mão e depois recolheu-a de repente, tocando no próprio rosto. Os seus olhos flamejaram; a cabeça sacudiu-se.

— Não! — sussurrou.

— Anna! — gemeu Fishcake. Enquanto ela parecia debater-se consigo mesma, ele encolheu-se e recuou para as barras frias do portão. A Caçadora abanou-se e aproximou-se dele. Agarrou-lhe no queixo, torcendo-lhe o rosto para cima. Já não era a Anna. O que a fizera mudar? Teria a luta com os outros Caçadores disparado algum circuito no seu cérebro? Ou teria Fishcake provocado a mudança, lembrando-lhe que era uma Caçadora? Ele estremecia com soluços, desejando que houvesse forma de poder trazer Anna de volta.

— Que lugar é este? — sussurrou ela, escutando o vento nas árvores e o bater das ondas na margem do lago. — Durante quanto tempo estive o Erro a controlar-me?

— O D... Doutor Popjoy — foi tudo o que Fishcake conseguiu dizer, através das lágrimas. — Ele mora aqui...

— Popjoy?

— A Anna pensou, ela pensou que...

— Pensou que ele poderia torná-la ainda mais forte — sussurrou a Caçadora, e soltou uma gargalhada sibilante.

— E a Sathya? — perguntou Fishcake. — E o meu cavaleiro? Lembras-te...

— Cala-te. — Ela largou Fishcake e aproximou-se dos Caçadores destruídos, que finalmente paravam de se mexer. Agachando-se, apalpou o chão até encontrar uma cabeça decepada. Depois desligou um dos cabos do próprio crânio e introduziu-o numa tomada na cabeça. Os olhos do Caçador morto começaram a brilhar de novo. Ela levantou a cabeça e segurou-a à sua frente como uma lanterna. Quando a apontou para Fishcake, este percebeu que ela o observava através dos olhos do Caçador morto. Fishcake perguntou-se se, depois de todo aquele tempo juntos, ela ficara desapontada ao ver como ele era pequeno e fraco.

— Anda — ordenou a Caçadora. — Vamos visitar o Popjoy, como pretendia o Erro. Obrigá-lo-ei a expungir-lo definitivamente.

Fishcake queria fugir, mas seguiu-a, como sempre. Não sabia o que queria dizer «expungir», mas era capaz de adivinhar. Queria dar a mão à Caçadora, na esperança de que o seu toque, de alguma maneira, pudesse trazer Anna de volta, mas ela não estava com disposição para andar de mão dada; afastou-o com uma pequena palmada e seguiu à frente, coxeando ferozmente com a cabeça sinistra nas mãos.

Quando se aproximaram da casa, uma dúzia de enormes pássaros Caçadores precipitou-se das árvores e começou a circundar os intrusos, deixando cair babas de luz dos bicos e das garras. Fishcake tentou esconder-se nas dobras da túnica imunda da sua Caçadora, mas ela apenas levantou os braços e sussurrou para os pássaros num código de guerra qualquer, e eles pousaram submissos e vigilantes sobre os relvados, à espera da ordem seguinte.

A porta principal era de pau-ferro, com reforços e tachões de ferro verdadeiro, mas desfez-se em estilhaços com alguns pontapés da perna boa da Caçadora Fang. Do outro lado havia um átrio com colunas onde um mordomo Ressuscitado saiu pesadamente de uma alcova para lhes barrar o caminho.

— QUE QUEREM? — rugiu.

— Vim falar com o meu criador — respondeu a Caçadora Fang, no seu habitual sussurro calmo. Depois desfez o mordomo em pedaços e deixou os destroços espalhados pelos ladrilhos do átrio. Fishcake correu atrás dela, passando por outra porta estilhaçada e descendo três degraus para uma sala afundada com paredes revestidas de tapeçarias finas e iluminada pela luz cor de caramelo de três altos candeeiros de pé. Um velhote baixo e careca levantava-se do sofá para perguntar o que era toda aquela agitação. Ficou muito quieto quando reconheceu a visita, deixando cair um copo da mão e espalhando vinho pela alcatifa.

— Afaste-se! Os meus pássaros vão buscar ajuda! Vão a Batmunkh Gompa e...

— Agora, os seus pássaros estão sob o meu comando, Doutor Popjoy — sussurrou a Caçadora. — São criaturas estúpidas, mas têm as suas vantagens. — Ela aproximou-se do velhote, movendo a cabeça na mão estendida de um lado para o outro a fim de

examinar a sala. Fishcake vislumbrou coisas a fugir — insetos e animais Ressuscitados, um cão com a cabeça de uma menina morta. Num prato equilibrado sobre o braço do sofá de Popjoy havia uma fatia inteira de bolo de frutas, que Fishcake roubou e enfiou na boca. Comendo sofregamente, abriu uma porta na parede oposta e espreitou para dentro de uma espécie de laboratório; cadáveres sobre mesas de mármore e prateleiras cheias até ao topo de engenhos curiosos.

— Não fui eu! — choramingava Popjoy, julgando que a Caçadora Fang viera para se vingar. — Não sabia que o Shrike estava programado para a atacar! Foi tudo obra daquela rapariga Zero! Ela já morreu; sabia? Os cidadãos apanharam-na em África. Ouvi dizer que o Naga está de rastos; não sei dos seus aposentos e recusa-se a dar ordens. Toda a gente ficará aliviada por saber que a Digníssima voltou! Está a caminho de Tienjing, presumo? Para retomar o poder? Posso ajudá-la...

— Tienjing já não importa — murmurou a Caçadora, levantando a cabeça que segurava nas mãos de modo a olhar para ele. — A Green Storm já não importa. O mundo nunca voltará a ser verde com frotas aéreas e armas e brigas dos mortais.

— Claro que não, claro que não. — Popjoy começou a recuar até ficar encostado a uma parede e não poder afastar-se mais. O seu rosto brilhava de transpiração sob a luz verde. — Então que posso fazer por si, Digníssima? Que pequeno serviço poderá este débil mortal oferecer-lhe...?

A Caçadora não respondeu de imediato. Agitou a cabeça decepada, seguindo o voo de uma abelha Ressuscitada em torno de um candeeiro numa mesinha de café. Depois, numa voz ainda mais baixa do que o habitual murmúrio de cemitério, disse:

— Lembro-me de coisas.

— Ah...

— Lembro-me de ser a Anna Fang.

— Ah, sim? Interessante.

Fishcake, que os observava atrás do sofá, percebeu que Popjoy estava realmente interessado, apesar do medo.

— Às vezes sou dominado pelas recordações — confessou a Caçadora. — Piorou desde que cheguei a Shan Guo. Às vezes, é

como se me transformasse nela...

— Então as coisas que instalei começaram a funcionar! — exclamou Popjoy, triunfante. — Os danos que sofreu devem ter deslocado alguma coisa, ou talvez o seu cérebro, ao restabelecer-se, fez alguma ligação que eu não conseguia fazer com os meus instrumentos rudimentares...

— Como é possível? — perguntou a Caçadora. — São recordações verdadeiras?

— E difícil dizer — matutou Popjoy. — Como definimos uma recordação verdadeira? Mas não há razão para ter medo. Creio que posso consertá-la... Posso dar uma olhada? Lá dentro? — Ele bateu na cabeça careca e sorriu. O medo tinha sido substituído por uma

agitação ansiosa. — Se pudesse esperar até amanhã de manhã, quando os meus assistentes chegarem para me ajudarem com os pequenos projetos de reforma...

— Não. — A Caçadora Fang já se dirigia para o laboratório de Popjoy. — Ninguém deve saber que estou aqui. Fará o trabalho agora. O rapaz pode ajudá-lo.

O laboratório tresandava a morte e químicos. Uma série de ganchos nas paredes sustentava uma coleção de brilhantes bisturis e serras cirúrgicas. Fishcake, que continuava a não confiar no velho Engenheiro, agarrou numa faca comprida de lâmina fina e escondeu-a dentro do casaco.

A Caçadora Fang empurrou um banco cheio de tralha para o lado e ajoelhou-se no chão, sob a luz de um globo de árgon pendurado do teto. A sua cabeça inclinada chegava a meio do peito de Popjoy. O Engenheiro circundou-a, lambendo os lábios e mexendo as mãos.

— Tu, moço — chamou bruscamente, estendendo a mão a Fishcake sem olhar para ele. — Passa-me aquele tabuleiro...

O tabuleiro era de metal, cheio de instrumentos delicados e sofisticados. Chocalhou nas mãos trémulas de Fishcake quando este pegou nele e o entregou ao cirurgião. Os instrumentos metiam a ridículo as ferramentas grosseiras que ele usara para reparar a sua Caçadora. Fishcake viu o Engenheiro fazer uma careta quando reparou nos parafusos de ferro baratos com que ele fixara a máscara mortuária.

— Quem fez estas reparações? Que grande borrada...

— O miúdo trabalhou muito bem — afirmou a Caçadora, e Fishcake sentiu-se orgulhoso.

Popjoy tinha dedos de cirurgião; esguios e destros. Em meio minuto, tirara a máscara, revelando o rosto da mulher morta. Outro meio minuto, e soltou-se a parte superior da carapaça do crânio, que ele colocou em cima de uma mesa

— Lanterna, moço — pediu, e prendeu a pequena lanterna que Fishcake lhe passou à volta da cabeça. Depois espreitou para o emaranhado de mecanismos e tecidos cerebrais conservados no interior do crânio da Caçadora.

— Às vezes ela é apenas a Anna, durante vários dias — informou Fishcake, esperando que Popjoy percebesse a sugestão, destruísse a Caçadora Fang e salvasse a sua Anna. — Foi a Anna que quis vir aqui, para que o senhor a pudesse ajudar. Acho que a Anna Fang está presa dentro dela algures, e às vezes quando se lembra de quem é, a parte da Caçadora desliga-se...

— O espírito na máquina... — Popjoy olhou para ele e piscou o olho. — Infelizmente, não é assim, moço. Ninguém regressa do País sem Sol, sabes? — Tirou uma sonda comprida e fina do tabuleiro e introduziu-a numa fenda no cérebro da Caçadora. A cabeça levantou-se bruscamente; os lábios secos mexeram-se; ela murmurou:

— Stilton... desculpa. Não queria magoar-te, mas era a única maneira...

— Anna? — chamou Fishcake, ansioso.

O rosto dissecado e sem olhos voltou-se para ele.

— Fishcake?

— É ela! — gritou Fishcake para Popjoy. — Guarde-a! Não a deixe fugir! Não deixe a outra voltar!

Popjoy continuava ocupado com as sondas e os instrumentos. Nem sequer se deu ao trabalho de olhar para Fishcake.

— Estás completamente enganado, moço — disse. — Estas recordações não são uma pessoa. São apenas resíduos que o cérebro-Caçador foi buscar às células mortas do cérebro da sua hospedeira. Dezoito anos depois, claro, mas isso é melhor do que nunca...

Qualquer coisa provocou uma faísca na cabeça da Caçadora; o

clarão iluminou-lhe o interior da boca, que se abriu. Ela voltou a sacudir-se, e avisou:

— Nada de truques, Popjoy.

— O quê, acha que eu seria capaz de sabotar a minha obra-prima? — perguntou Popjoy, magoado. — Estou só a fazer uns pequenos ajustamentos.

— Encontrou o Erro? As recordações? Elimine-as!

— Grande Quirke, nem pensar!

— Elimine-as!

— Mas, Digníssima, elas são o que a distingue dos Caçadores sem cérebro, dos modelos de combate... São o que a tornam o Caçador mais inteligente desta época; o auge da tecnologia da Ressurreição...

Ou as palavras de Popjoy ou o tom suplicante na voz deste chamaram a atenção da Caçadora. Ela acenou com a cabeça, cautelosa, disposta pelo menos a ouvi-lo.

— Essas memórias sempre estiveram presentes, submersas no seu interior — explicou o Engenheiro. — Fornecem-lhe níveis de experiência e emoção que nenhum outro meu Caçador é capaz de alcançar. Recentemente, graças aos danos que o Senhor Shrike lhe infligiu, elas tornaram-se mais fortes, dominando o consciente. Mas em breve conseguiremos estabelecer um equilíbrio saudável.

— O que são? — insistiu a Caçadora. — De onde vieram? Porque me lembro de ser a Anna?

— Na verdade, não tenho a certeza — admitiu Popjoy, procurando um minúsculo alicate e continuando a trabalhar. — O cérebro que lhe instalei é diferente de todos os que conheço. Não é nem um daqueles pesados modelos modernos que nós, os Engenheiros de Londres, construímos, nem igual ao do velho Senhor Shrike. É muito mais antigo, e muito mais estranho.

»Repare — continuou Popjoy —, quando a sua amiga Sathya me levou para Rogue's Roost, há tantos anos, e me ordenou que ressuscitasse a Anna Fang, quase entrei em pânico. Eu sabia que era impossível. Então, para ganhar algum tempo, organizei uma expedição e levei um dirigível da Green Storm para os Desertos Gelados, em busca de um sítio de Tecnologia Antiga do qual ouvira falar desde os meus tempos de Aprendiz na querida e velha Londres.

Os Engenheiros já o haviam procurado, mas nunca o encontraram. Eu tive melhor sorte. Viajámos até ao topo do mundo; tão a norte que a dado momento começámos a descer para sul. E lá, meio enterrado nas neves de uma pequena ilha congelada, encontrámos um complexo de edifícios construído por uma civilização perdida que deve ter prosperado na era anterior aos Impérios Nómadas. No interior da pirâmide central havia uma dúzia de homens e mulheres mortos em tronos de pedra. Alguns tinham sido esmagados por bocados do teto que cedera, ou cobertos de gelo, mas havia outros que, quando entrámos na sua câmara, começaram a sussurrar em línguas que não conseguimos identificar. Eram uma espécie de Caçadores, apesar de não terem armadura nem armas, e de obviamente não terem sido construídos para lutar.

— Então porquê? — perguntou a Caçadora de Fishcake.

— Penso que foram construídos para recordar — respondeu Popjoy. Depois remexeu numa gaveta à procura de um par de olhos de Caçador e começou a ligá-los às órbitas vazias da paciente. — Segundo percebi, quando um grande líder daquela civilização morria, os cientistas-sacerdotes levavam o corpo para a pirâmide no topo do mundo, enfiavam-lhe uma máquina na cabeça e deixavam-no lá, *recordando*. Recordavam todas as coisas que tinham feito em vida, e passavam essas recordações aos sucessores, e contavam as histórias dos tempos em que tinham vivido, para que nunca fossem esquecidas. Só que *foram* esquecidas, claro; aquela civilização desapareceu da face da terra e os Impérios Nómadas que vieram depois aproveitaram uma versão grosseira dessa tecnologia e usaram-na para construir guerreiros imortais como o velho Senhor Shrike.

»Aquela pirâmide era o único vestígio dos primeiros construtores de Caçadores, mas infelizmente os meus guardas da Green Storm dinamitaram-na porque temiam que outros vasculhadores descobrissem o segredo. Mas num dos edifícios mais pequenos, entre uma data de parafernália religiosa e textos antigos irrelevantes, descobri um cérebro de Caçador quase intacto. Levei-o para Rogue's Roost para estudo e reparações, liguei-o a um cérebro que eu tinha construído, que controlava as funções motoras, entre outras coisas, e instalei o conjunto todo na carapaça da velha Anna Fang.

A Caçadora inclinou a cabeça para o lado.

— Então *sou* a Anna Fang? — perguntou.

— Não, Digníssima — respondeu Popjoy. — É uma máquina capaz de aceder a algumas recordações da Anna Fang. E elas dão-lhe força. — Ele voltou a colocar-lhe a máscara e a cobertura do crânio, fixando-as com parafusos novos. — Quer tornar o mundo de novo verde; anseia por isso. Não porque foi programada para obedecer a ordens da Green Storm, como um Caçador de combate sem cérebro, mas porque recorda subconscientemente o quanto a Anna Fang o desejava; consegue lembrar-se do que os cidadãos lhe fizeram, e à família, e o que sentiu quando essas coisas aconteceram. As recordações dela, esses sentimentos, são o que a motivam.

— Lembro-me de morrer — disse a Caçadora, não com a voz hesitante de Anna, mas com o seu sussurro áspero. — Lembro-me daquela noite em Batmunkh Gompa. A espada no meu coração, tão fria e repentina, e depois aquele doce rapaz ajoelhando-se ao meu lado, dizendo o meu nome, e eu não conseguia responder-lhe... Lembro-me de tudo.

Ela desligou o cabo da cabeça de Caçador decepada e atirou-a ao chão. Quando reintroduziu o cabo no próprio crânio, os seus *olhos novos* encheram-se lentamente de luz verde.

— Agora está na hora de partirmos.

Levantou-se e voltou-se, e o sorriso de Popjoy esmoreceu.

— Digníssima, não pode partir agora! Preciso de fazer mais exames e observações! Com a sua *ajuda, posso construir* outros Caçadores iguais a si! Passei tantos anos a tentar *repetir o meu* sucesso, mas só fiz soldados de lata e umas curiosidades patetas...

— Tem um dirigível?

— Tenho. Um iate, no hangar por trás da casa. Porquê?

— Não sou a Anna Fang — afirmou a Caçadora, pensativa. — Mas estou aqui para fazer o que ela teria desejado. Levarei o seu dirigível e irei para Erdene Tezh. Lá falarei com ODIN!

— Não! — exclamou Popjoy. — Não!

— Estou a ver que já ouviu falar de ODIN.

— O meu velho Grémio... Mas nem mesmo eles... Era impossível, os códigos perderam-se...

— Encontrei os códigos — revelou a Caçadora. — Foram registados no *Livro de Estanho* de Anchorage. Vi-os na *Cloud 9*. Conservo-

os a salvo na minha cabeça desde então.

— É uma loucura! Quer dizer, ODIN... Não compreende o poder de ODIN?

— Claro. É o poder de tornar o mundo de novo verde. O que a Storm não foi capaz de fazer, fará ODIN com êxito.

Popjoy cerrou os punhos rechonchudos, como se estivesse prestes a atacá-la. — Mas, Digníssima, e se correr mal? Ainda mal compreendemos aqueles engenhos Antigos. Lembre-se da MEDUSA! ODIN seria incomparavelmente mais perigoso...

As garras da Caçadora saíram das pontas dos seus dedos.

— A sua opinião é irrelevante, Doutor. Já não preciso de si.

— Mas... mas *precisa* de mim! Os seus problemas de memória... Com o estímulo certo, eles podem surgir de novo... Não!

A Caçadora Fang apanhou-o quando ele tentou passar por ela e correr para a porta.

— Obrigada pela ajuda, Doutor — murmurou.

Fishcake fechou os olhos com força e tapou os ouvidos, mas não conseguiu abafar por completo os ruídos do esmagamento de Popjoy. Quando voltou a olhar, a Caçadora tirava coisas das prateleiras; fragmentos de circuitos, fios e tubos, cérebros de Caçadores menores. As paredes do laboratório tinham sido redecoradas com berrantes salpicos de vermelho.

— Procura comida e água para lewares, rapaz — murmurou ela.

— Vou precisar da tua ajuda quando chegarmos a Erdene Tezh.

Capítulo 22

Wren Natsworthy Investiga

Londres (!!!)

28 de maio

Sempre achei que só as pessoas presunçosas e cheias de si é que escreviam diários, mas aconteceram tantas coisas nos últimos dias que sei que me esquecerei de metade delas se não anotar tudo, por isso pedi este caderno à Clytie Potts e prometi a mim mesma fazer um registo diário dos meus tempos em Londres. Poderei talvez, se alguma vez voltarmos para o Terreno de Caça, transformá-los num livro, como um dos do Professor Pennyroyal. (Só que contando a verdade!)

Parece difícil acreditar que só passaram dois dias desde que chegámos aos campos de destroços. Aconteceu tanta coisa, e conheci tantas pessoas, e aprendi tanto, que parece que estou aqui há pelo menos um ano.

Vou tentar começar pelo princípio. Depois do nosso encontro com o Presidente da Câmara, o Senhor Garamond e alguns dos seus jovens guerreiros levaram o meu pai de volta ao local onde tínhamos deixado o Jenny Haniver e obrigaram-no a deslocá-lo para o mesmo hangar secreto onde se encontra o Archaeopteryx. Dizem que ali estará mais seguro, e que não será visto pelos pássaros-espiões da Green Storm que de vez em quando passam por cima. Mas acho que é também para que possam vigiá-lo; estão sempre a dizer que não somos prisioneiros, mas é evidente que não querem que fujamos. Parece terem muito medo de que contemos a outra cidade que eles se encontram aqui, o que me parece um pouco patético — quer dizer, que têm eles para devorar que levasse outra cidade a querer atravessar centenas de quilómetros de território da Storm?

Mais tarde, depois de uma refeição noturna na cantina comunitária, trouxeram-nos aos três para esta casa, que será a nossa morada

enquanto estivermos em Londres. Digo casa, mas na verdade é apenas uma espécie de cabana; uma data de chapas de metal antigo aparafusadas umas às outras e soldadas na base de uma das velhas maxilas de travão que sustenta o teto de Crouch End. Há grades de arame nos buracos das janelas, mas não sei se foram lá colocadas para nos impedir de fugir ou só porque não há vidros em Londres. O interior tem três divisões, ligadas por passagens sinuosas e com o chão escavado para que possamos estar de pé cá dentro. É um pouco húmida, mas razoavelmente confortável, e perto o suficiente da saída de Crouch End para deixar entrar o sol durante mais ou menos meia hora ao fim da tarde, o que é agradável. O meu pai tem o quarto maior, o Wolf fica ao lado dele, e eu escolhi uma pequena câmara semicircular nas traseiras; uma das paredes é feita a partir de um antigo painel publicitário de lata {Pasta cola-rápido — não aceite imitações}, e tenho uma janela que deixa entrar um pouco da luz do sol, e o luar nalgumas noites.

Pensei que o Wolf fosse tentar fugir ou coisa parecida, mas ele parece bastante satisfeito por enquanto, muito interessado neste pequeno mundo que os londrinos construíram para si mesmos, É uma pessoa estranha. É difícil adivinhar o que está a pensar.

O meu pai está apenas contente por ter regressado à sua cidade, claro. Eu esperava que ele encontrasse o Amor Verdadeiro com a Clytie Potts, mas, afinal, ela é casada {com um Engenheiro chamado Lurpak Flint, que lhe conduz o dirigível, de maneira que, além de Clytie Potts e Cruwys Morchard, ela chama-se também Clytie Flint — nunca conheci uma mulher com tantos nomes}.

29 de maio

Acho que gosto de Londres. É engraçado, viajei tanto e vim de tão longe para acabar num lugar tão parecido com Anchorage-in-Vineland. É misteriosa, escondida e tão pequena que todos se conhecem, o que é ao mesmo tempo bom e mau. Às vezes, penso que mal posso esperar por voltar às Estradas dos Pássaros, mas também penso que gostaria de ser uma londrina. E é bonita. Ninguém imaginaria que houvesse beleza num grande monte de entulho, mas há. Em todas as fendas e extensões de terreno aberto crescem árvores e fetos, e também em todos os recantos cheios de solo no meio dos destroços. Há pássaros a cantar aqui; insetos

a zumbir. A Angie diz que daqui a um mês os montes de sucata por cima de Crouch End estarão cobertos de dedaleiras cor-de-rosa.

A Angie é a minha melhor amiga. (O nome dela é um diminutivo de Ford Anglia — o pai, Len Peabody, pôs a todos os filhos nomes de automóveis de Tecnologia Antiga.) Ela é sensível e cômica (uma boa combinação) e faz-me lembrar um texugo ou uma toupeira ou algo parecido; pequena, atarracada e levemente peluda, sempre atarefada com qualquer coisa. Ela já esteve em todos os campos de destroços, porque sai em patrulha com a milícia de Garamond, atenta a intrusos e a Green Storm. Todos os jovens londrinos estão sempre a fazer patrulhas, ou a caçar, ou à procura de salvados nos recantos mais distantes dos destroços. Imagino que a Comissão de Emergência seja uma maneira de fazer gastar toda aquela energia adolescente. Gostava de ir com eles, e gastar alguma da minha, mas o Garamond diz que não posso, porque ainda não confia em mim. Mas que chato, aquele homem! Diz que eu e o Wolf temos de passar o dia a ajudar os velhotes a cavar os canteiros dos legumes ou a ouvir o meu pai a falar de história com o Senhor Pomeroy.

2 de junho

Apesar da sua amabilidade, tenho quase a certeza de que os londrinos nos escondem alguma coisa. O Wolf disse isso logo no início, mas achei que estivesse enganado. Agora começo a acreditar nele. São apenas pequenas coisas; a maneira como as pessoas olham para nós, e como a Doutora Childermass estava sempre a mandar calar o Len Peabody no primeiro dia — que temia ela que ele nos contasse? As vezes, quando eu, o meu pai e o Wolf entramos na cantina comunitária no meio de Crouch End, onde toda a gente toma as refeições, as pessoas que estão a meio de uma conversa séria qualquer calam-se e começam a falar do tempo. E quando o meu pai perguntou à Clytie Potts porque andara ela a comprar bobinas Kliet e outras peças de tecnologia do Império Elétrico, ela corou e mudou de assunto.

Ontem à noite, voltei a ouvir vozes lá fora quando tentava adormecer, então aproximei-me da janela e afastei a cortina (só um bocado de serapilheira velha, a bem dizer), e adivinhem o que vi? Engenheiros! A Lavinia Childermass e meia dúzia de outros! Saíam de Crouch End e seguiam em direção a leste sobre um monte comprido de

destroços.

Para onde iam? Parecia mais do que um simples passeio ao luar. Fariam aquilo todas as noites? Talvez seja por isso que quase nunca vimos os Engenheiros durante o dia — devem estar a dormir!

Pois bem, sempre sonhei ser uma rapariga-detetive corajosa, como a Milly Crisp dos livros que costumava ler em pequena. Então esta tarde aventurei-me sozinha pelo caminho que vi os Engenheiros tomarem ontem à noite. Do topo do monte vemos o caminho serpentear pelos campos de destroços ao longo de quase um quilómetro, em direção a uma ruína enorme em forma de cunha que parece ter sido uma secção da Entranha de Londres.

Não havia ninguém por perto, mas vi qualquer coisa brilhar num dos buracos ou aberturas para janelas no flanco daquele grande pedaço de destroços. Depois, subitamente, ouvi passos atrás de mim, e lá estava o Senhor Garamond com dois dos seus jovens guerreiros favoritos, o irmão da Angie, o Saab, e uma rapariga chamada Cat Luperini. «Que fazes aqui?», gritou ele, vermelho de raiva, quase tão zangado e feio como a minha mãe. Tentei explicar que me apetecera esticar as pernas, mas ele não me quis ouvir. «Estás à beira de uma zona quente!», gritou, e a Cat agarrou-me e conduziu-me de volta para Crouch End. O Saab aproximou-se e disse: «Não deves sair sozinha dessa maneira, Wren. Aquela é uma zona perigosa dos campos. Não queremos que sejas torrada por um espírito.»

Ele foi bastante amável, por acaso. Gosto do Saab. Mas se aquela zona dos destroços é tão perigosa, porque existe um caminho tão gasto a atravessá-la?

Mais tarde, falei um pouco do assunto com o Wolf. Ele não acredita nos espíritos. Quando lhe lembrei aquele que quase nos estorricou no nosso primeiro dia aqui, ele riu-se e disse que fora apenas «extraordinariamente bem calculado». Ele acha que os espíritos são uma espécie de truque que os Engenheiros inventaram para afastar as pessoas dos destroços. Tem alguma razão, não tem? Quer dizer, se são capazes de fabricar aquelas pistolas elétricas contra os Caçadores, porque não também os espíritos?

Bem, não vou deixar que o estúpido do velho Garamond me faça desistir. À noite, ele deixa dois jovens de vigia à porta da nossa cabana, com medo de que tentemos fugir para vender esta pequena colónia

estática a um predador, mas no fundo os vigias não acreditam nisso, e normalmente ficam apenas a conversar e depois adormecem. Esta noite, assim que estiver tudo em silêncio, vou sair e descobrir o que se passa naquela enorme e velha cunha de ferrugem que eles têm lá ao longe.

(Se este for o último registo neste diário, saberão que o Wolf estava enganado quanto aos espíritos e que fiquei mais torrada do que a Milly Crisp...)

Wren pôs o lápis de lado, meteu o caderno no bolso de dentro do seu casaco de aviador e ficou à espera. Ouviu a respiração suave e constante de Tom no quarto ao lado através das fendas na parede de lata, e perguntou-se com o que estaria ele a sonhar. Teria o pai alguma suspeita em relação aos londrinos? Ainda não dissera nada. Parecia apenas feliz por estar na sua cidade.

Do quarto à direita, ouvia Wolf a mexer-se. Pequenos ruídos metálicos; estalidos e rangidos. Que estava ele a fazer? Lá fora, os vigias de Garamond conversavam baixinho.

Wren não se lembrava, mas devia ter adormecido, porque acordou de repente e viu que os ponteiros luminosos do relógio de pulso marcavam três e meia.

— Oh, Clío! — gemeu, levantando-se atabalhoadamente.

Foi até à porta e espreitou para o corredor estreito. Por alguma razão, sentia-se apreensiva. A porta do quarto de Wolf estava entreaberta, deixando passar o luar. Ela aproximou-se com cuidado e espreitou. A enxerga estava vazia. Wren correu para a janela, e conteve um grito quando a rede se soltou nas suas mãos. Wolf conseguira despregá-la, e voltara a colocá-la no lugar depois de saltar para fora para que os guardas não reparassem em nada.

— Oh, Deuses! — murmurou Wren, pensando no *Jenny Haniver*. Ela não se esquecera do lado impiedoso do caráter de *Wolf*. E se ele já estivesse a escapular-se pelos campos de destroços para roubar o *Jenny*? Há quanto tempo teria saído do quarto? Teria sido o ruído da sua fuga que a acordara?

Ela saiu por baixo da grade solta e espreitou pelo canto da cabana. Os guardas estavam sentados nos degraus da entrada; um já ressonava e o outro cabeceava. Wren afastou-se em bicos de pés, depois correu por entre as barracas e cabanas silenciosas para fora de Crouch End. As ruínas de Londres eram um labirinto de luar

brilhante e sombras escuras. A oriente, um vulto surgiu por um momento na linha irregular do horizonte.

Wolf! Wren correu atrás dele, aliviada por saber que pelo menos não se dirigia para o *Jenny*. Então que estava a fazer? A bisbilhotar, calculou, tal como ela planeara fazer. Irritava-a pensar que ele tivesse chegado primeiro. Quisera descobrir os segredos de Londres sozinha, e impressioná-lo com as suas descobertas durante o pequeno-almoço...

Começou a segui-lo, subindo o caminho que tomara naquela tarde. Convenceu-se de que não havia razão para ter medo; os londrinos eram pacíficos, e mesmo que a apanhassem não fariam mais do que devolvê-la à prisão e aparafusar melhor as grades da janela. No entanto, não conseguia evitar o nervosismo, e quando um vulto saiu das sombras à beira do caminho para a agarrar, ela soltou um grito alto e estridente.

Um braço envolveu-lhe a cintura e uma mão forte tapou-lhe a boca. Virou a cabeça e viu o rosto de Wolf Kobold por cima dela ao luar.

— Chiu — disse ele, baixinho. A mão destapou-lhe a boca, mas deixou-a ficar durante um momento no rosto dela. — Wren... Que estás a fazer aqui?

— À tua procura, claro — respondeu, com a voz tremendo um pouco. — Aonde vais?

Wolf sorriu e soltou-a. Apontou ao longo do caminho iluminado pelo luar para o segmento enorme de destroços que se encontrava em frente. Nalgumas das aberturas, viam-se luzes a mexer-se, balouçando como candeeiros.

— Escuta! — disse ele.

Através do ermo de metal iluminado pelo luar, surgia um ruído surdo e prolongado, aumentando e diminuindo de volume, depois cessando. Uma luz branca flamejou e cintilou nas aberturas do segmento de destroços.

— Um espírito? — perguntou Wren.

Wolf abanou a cabeça.

— Uma máquina qualquer. O mesmo ruído que ouvi há dois anos.

— Os Engenheiros sobem por aqui à noite — murmurou ela,

esperando impressioná-lo com as suas descobertas.

Wolf apenas acenou com a cabeça.

— Também os vi. E vi pessoas trazer caixotes aqui para cima; cheios de coisas recuperadas dos campos de destroços. E Engenheiros a examinar plantas e desenhos. Porquê? Que estarão a construir ali dentro, Wren?

Wren sentia-se um pouco chateada por ele ter descoberto mais do que ela. A Milly Crisp nunca tinha aquele tipo de concorrência. Ela tentou dar a entender que as descobertas dele não a surpreendiam.

— Vamos descobrir?

Avançaram rapidamente, lado a lado, e logo chegaram ao segmento de Entranha. Era enorme; uma falésia crivada de inúmeras cavernas nos lugares onde condutas e corredores a haviam ligado em tempos ao resto de Londres. Wolf trepou para uma delas e estendeu a mão para puxar Wren.

— Parece uma espécie de fábrica da Entranha Profunda de Londres — sussurrou. — E parece ter sobrevivido quase intacta...

Embrenharam-se na caverna. O chão era ligeiramente inclinado, dificultando o andamento. Ruídos metálicos ressoavam pelos corredores pingados. Encontraram uma porta trancada, voltaram para trás e subiram um lanço de escadas de metal inclinado. Passaram por uma parede estampada com o símbolo de uma roda vermelha e as palavras *Grémio dos Engenheiros de Londres: Hangar Experimental 14*. Os corredores superiores estavam iluminados por feixes de uma luz branca e cor de laranja que se tornava mais forte à medida que Wren e Wolf avançavam para o centro do edifício. O brilho constante e animador de lâmpadas de árgon atravessava umas cortinas de plástico transparente.

Agora, Wren sentia-se mais entusiasmada do que assustada. Deixou a mão roçar a de Wolf, e ele agarrou-a e apertou-a tranquilizadamente ao afastar as cortinas.

Juntos, de mãos dadas, olharam para o imenso espaço aberto no centro do hangar em baixo.

— Grandes Deuses! — sussurrou Wren.

— Então é isto! — exclamou Wolf.

— Mãos ao ar, Senhor Kobold! — berrou outra voz, logo atrás

dele. — Você também, Menina Natsworthy. Os dois, ponham as mãos no ar e voltem-se muito devagar.

Capítulo 23

A Experiência De Childermass

— Hester! — murmurou Tom, acordando lentamente. Estivera de novo a sonhar com o velho Museu de Londres, mas desta vez tinha sido Hester a conduzi-lo pelas galerias cobertas de pó. No sonho, ele ficara contente ao vê-la.

Agora alguém estava agachado ao lado da sua cama, abanando-o. Ele lembrou-se de que não podia ser Hester, e sentou-se. Uma lanterna ofuscou-o. Desviou a cabeça e viu dois dos rapazes de Garamond à entrada. A pessoa que o acordara era Clytie Potts.

— Surgiu um problema, Tom. É o Kobold e a tua filha. Oh, eles estão bem, mas... Acho que é melhor vires...

Atravessaram as ruínas. Luar e sucata de metal. Clytie e Tom caminhavam lado a lado, rodeados de londrinos silenciosos, alguns de armas na mão.

— Que estava a Wren a fazer? — perguntou Tom, enquanto lhe apressavam o passo.

— A espiar — respondeu Clytie. — Ela e o Kobold foram encontrados... onde não deviam estar.

— A Wren é apenas uma rapariga! — protestou Tom. — Pode ser curiosa e insensata, mas não é espiar! Que estava ela a espiar, afinal? Que lugar é esse onde a encontraram?

— É mais fácil mostrar-to do que explicar — assegurou Clytie.

Tom apertou mais o casaco. Não era apenas o frio que o fazia tremer. Tinha a sensação de que estava prestes a descobrir o segredo da sua cidade. Wren já o teria descoberto? Seria por isso que o tinham ido chamar? Sentiu-se orgulhoso da coragem da filha, mas também receoso de que corresse algum perigo.

Numa porta aberta na base de uma parede de destroços, aguardavam-no a Doutora Childermass e cinco outros Engenheiros; seis cabeças calvas como uma ninhada de ovos.

— Senhor Natsworthy — disse a Engenheira, com um sorriso tímido e cansado. — Mais vale ver o projeto. De qualquer forma, a sua filha e o seu amigo decerto falar-lhe-ão dele. Isso se conseguir-

mos dissuadir os colegas mais exaltados de os fuzilar.

Subiram uma escadaria, transpuseram uma cortina de plástico e entraram numa estreita plataforma de observação de metal onde Garamond e um bando dos seus jovens cercavam Wren e Wolf Kobold. Estes tinham sido obrigados a ajoelhar-se e estavam com as mãos atadas. A Doutora Childermass exclamou:

— Oh, não seja ridículo, Senhor Garamond!

— Eles estavam numa zona proibida! A espiar! — queixou-se Garamond.

— Só porque os deixou entrar — retorquiu a Engenheira. — Francamente, Garamond, o seu pessoal é incrivelmente negligente. Agora solte-os.

Garamond e os jovens discípulos soltaram com relutância os prisioneiros e deixaram-nos ficar de pé. Tom correu para abraçar Wren, com a intenção de lhe dizer que fora muito insensata, mas, ao aproximar-se dela, reparou no que estava em baixo, preenchendo o hangar, e a surpresa tirou-lhe todas as palavras da cabeça.

Era uma cidade. Não muito grande, nem muito elegante (faltava-lhe a maioria dos edifícios no convés superior, e não tinha rodas nem lagartas), porém, uma cidade. Também não tinha mandíbulas. Fora isso, parecia a Tom corresponder à planta básica de um subúrbio de Londres; aqueles pequenos subúrbios como Tunbridge Wells e Crawley que Londres construía para transportar a sua população excedente durante a idade de ouro do Darwinismo Municipal.

— Bonita, não é? — perguntou Clytie, olhando com uma expressão de assombro e afeto para a cidade inacabada.

— E o produto de muitos, muitos anos de trabalho árduo, agora prestes a ser terminado — explicou a Doutora Childermass.

Uma serra gigante ressoava algures por baixo da cidade, que assentava numa carreira de suportes ferrugentos. Uma chuva de faíscas espalhou-se pelo chão do hangar como pirilampos agitados.

— Vocês *construíram* isto? — perguntou Tom, largando Wren e aproximando-se da borda da plataforma. Agarrou o metal corroído do corrimão para se convencer de que aquilo não era um sonho.

— Não totalmente — respondeu a Engenheira. — O chassis e a maior parte das estruturas superiores já existiam. A minha divisão

começou a trabalhar neste projeto muito antes da MEDUSA. Felizmente, este hangar experimental encontrava-se a uma profundidade suficiente na Entranha para sobreviver sem grandes estragos.

— Mas como é que eu não sabia? — interrogou-se Tom. — Quer dizer, se Londres estava a construir um novo subúrbio... isso com certeza teria sido notícia, não?

A Doutora Childermass encolheu os ombros.

— Era um segredo. O meu Grémio prezava muito o sigilo. De qualquer modo, este pequeno lugar seria apenas um protótipo. A sua designação oficial é Subúrbio Experimental M/L 1. Desenvolvemo-lo para responder aos problemas de Londres, mas o Magnus Crome nunca se mostrou muito interessado nele. Achava que a MEDUSA era uma solução melhor, e aos poucos foi retirando os fundos da minha Divisão de Pesquisas Lev-Mag, desviando-os para a MEDUSA. Eu e os que sobreviveram ao desastre da MEDUSA conseguimos prosseguir com os trabalhos. Já não é apenas um projeto dos Engenheiros, Tom. Toda a gente em Londres trabalhou nele, em conjunto.

»E por favor, não a vejas como um subúrbio — acrescentou Clytie. — Pode ser pequena, mas para toda a gente em Londres é uma cidade; a nossa nova cidade. Em breve embarcamos nela e deixamos estes campos de destroços para sempre.

Tom contemplava as minúsculas figuras dos londrinos que circulavam pela nova cidade; instalando cabos, soldando vigas, marcando a configuração das ruas e dos edifícios nas placas de convés vazias.

— Mas não tem rodas — salientou Wren.

— Estou a ver que não sabes o que quer dizer Lev-Mag, minha querida — constatou a Doutora Childermass.

— É um nome de código, não é? — perguntou Tom, que também não sabia.

— Ah, não — respondeu a Doutora Childermass. — Lev-Mag é apenas uma abreviatura de Levitação Magnética.

— Flutua! — exclamou Wolf, olhando fascinado para a nova cidade em baixo. — Como um *hovercraft* gigantesco...

A Doutora Childermass acenou-lhe graciosamente com a cabeça, satisfeita por ver que pelo menos um dos ouvintes a acompanhava.

— Bastante mais silenciosa do que um *hovercraft*, Herr Kobold, e menos exigente no que toca a combustível. É mais um dirigível muito grande que voa a baixa altitude. Estão a ver aqueles discos prateados nos flancos e na parte inferior?

Tom, Wren e Wolf acenaram com a cabeça ao mesmo tempo. Era quase impossível não reparar nos discos; sujos espelhos de metal com quinze metros de largura e montados em elos móveis como as capotas dos motores de um dirigível.

— São o que chamo Repulsores Magnéticos. Uma vez acionados, a cidade inteira conseguirá planar nas correntes do campo magnético da terra. Ficará suspensa poucos metros acima do chão; ou da água; não faz diferença. Os pequenos protótipos que construímos funcionaram lindamente. Agora só nos falta acabar o motor eletromagnético que aciona os repulsores...

— As bobinas Kliest! — exclamou Wren, como uma destemida rapariga-detetive fazendo uma dedução brilhante.

— Sim — admitiu a Doutora Childermass. — Estávamos com problemas em gerar energia suficiente, até que o Senhor Pomeroy me falou do trabalho do Doutor Kliest com as máquinas do Império Elétrico. Percebi que era de qualquer coisa desse género que precisávamos. A Clytie arranjou várias dúzias, junto com o material de que necessitamos para fabricar novas.

Wren olhou para Wolf, e viu-o agarrar o corrimão, fitando a pequena cidade com os olhos arregalados e brilhantes de alguém a quem foi concedida uma visão do futuro.

— Percebem agora porque nos preocupamos tanto com espões? — perguntou Clytie Potts. — Levámos quase vinte anos a construir a Nova Londres. Ficariámos muito aborrecidos se uma cidade necrófaga soubesse disso quando estamos quase a terminar.

— Nova Londres! — pronunciou Tom, baixinho. — Claro...

— Não podiam continuar a chamar-lhe «Subúrbio Experimental M/L 1»; não se quisessem viver a bordo dela e transportar a cultura e as memórias da cidade para novas terras. *Nova Londres*.

— Posso ajudar! — exclamou. — Quer dizer, se puderem aproveitar a minha ajuda. Não posso ficar aqui, comendo a vossa comida, atrapalhando-vos, fazendo nada enquanto todos fazem tanto. Sou londrino. Quero ver Londres de novo em movimento, como qualquer um de vós. Não sou Engenheiro, mas mantive o

Jenny Haniver em funcionamento durante muito tempo, e em Anchorage ajudei o Senhor Scabious a construir o sistema hidroelétrico. Fico a ajudar... isto é, se a Wren não se importar...

— Claro que não — declarou Wren, e Tom percebeu que ela estava tão impressionada com Nova Londres como ele. — E imagino que o Senhor Kobold também querera ajudar — acrescentou, voltando-se para incluir o companheiro na conversa.

Mas Wolf Kobold desaparecera. Enquanto toda a gente escutava a Doutora Childermass e olhava para Nova Londres, ele escapulira-se.

Garamond empalideceu e começou a berrar ordens para cercarem o perímetro e organizarem buscas. A Doutora Childermass lançou-lhe um olhar austero.

— Está a ver? — disse. — Negligentes.

A notícia da fuga de Wolf chegou antes de Tom e Wren. Quando se aproximaram de Crouch End viram equipas de busca a organizar-se, armadas com pés de cabra, bestas e até pistolas de raios.

— Vamos apanhá-lo! — jurou Angie Peabody, afivelando à cintura uma aljava cheia de setas de besta. — Não vai vender Nova Londres a nenhum subúrbio-pirata nojento.

— Oh, tenham cuidado — avisou Wren. — Ele é perigoso...

— Somos dezenas e o vosso amigo apenas um, Menina Natsworthy — retorquiu o Senhor Garamond. — E conhecemos estes campos de destroços muito melhor do que ele. É Kobold quem deve ter cuidado. Vamos, pessoal! Mexam-se!

— Vamos convosco — ofereceu-se Tom.

— Não me parece, Senhor Natsworthy. Quanto a mim, você e a sua filha são cúmplices do Kobold. Ficam aqui.

— Que disparate, Garamond — admoestou Chudleigh Pomeroy, saindo da sua cabana de roupão e barrete de dormir. — O Tom e a Wren têm tanto a perder como qualquer um de nós. O Kobold provavelmente está a pensar fugir naquele dirigível deles.

Wren abraçou o pai.

— Tu ficas aqui, pai — disse e, pegando numa lanterna, saiu a correr com Angie e o irmão, Saab. Tom viu-os partir; as lanternas

dançando e desaparecendo nos montes de sucata, o Senhor Garamond berrando ordens que ele queria militares, mas que pareciam ralhetes de um professor aflito supervisionando um passeio da escola. — Rápido! Trabalhem em pares! Vê para onde apontas essa pistola de raios, Spandex Thrale!

Espalhando-se em leque pelos escombros, os perseguidores afastaram-se de Crouch End, procurando sinais de Wolf em todos os caminhos e fendas dos montes de ferro-velho.

— Ele não pode ter ido muito longe — ouviu Wren as pessoas murmurar. *Mas podia, pensou; ele é um soldado; já tinha voltado para Harrowbarrow uma vez; atravessando centenas de quilómetros de território da Green Storm. Esconder-se de nós num labirinto do tamanho de Londres não será difícil.*

Pelo menos ainda não chegara ao hangar dos dirigíveis. O Jenny e o *Archaeopteryx* continuavam onde os tinham deixado, intactos. Garamond berrou a Saab e a outros para reforçarem a guarda dos dirigíveis, e as equipas de busca seguiram caminho.

— Não vale a pena — queixou-se Wren, desanimada, quando ela e Angie se afastaram do hangar. Seguiram o caminho estreito que os três recém-chegados tinham feito no primeiro dia. — Ele pode estar em qualquer lado. É perito em esconder-se. O seu *subúrbio* inteiro esconde-se.

— Uf! — fez Angie.

Parecia uma resposta estranha. Wren voltou-se para olhar para a amiga e deu por si, pela segunda vez naquela noite, inesperadamente, cara a cara com Wolf Kobold.

— Encontrei-te, Wren! — exclamou ele, animado. — Agora é a tua vez de te esconderes...

Wolf inclinou-se sobre Angie, que caíra aos pés dele. Tinha sido derrubada por trás com um objeto rombo; não havia falta de instrumentos rombos nos campos de destroços. Wren abriu a boca para gritar e pedir ajuda, mas antes que pudesse fazer sair um som, Wolf voltou a endireitar-se e apontou-lhe a besta de Angie.

Wren não sabia se devia pôr as mãos no ar. Agitou os braços, hesitante, tentando perceber se Angie estava viva ou morta.

— Nunca conseguirás escapar! — afirmou. — Há guardas no hangar dos dirigíveis, com pistolas de raios...

— Não preciso de um dirigível, Wren — retorquiu Wolf, rindo-se. — Pensei que o segredo dos Engenheiros fosse algo que pudesse levar a bordo do vosso *Jenny Haniver*, mas já vi que estava enganado. Terei de trazer Harrowbarrow para oriente... — Mantendo a besta apontada a Wren, começou a puxar o cinto de Angie, com a aljava de setas e cantina de água. — Vês? Tenho tudo o que preciso para uma viagem através do Terreno Exterior. Vou apanhar um daqueles oportunos comboios-Caçadores da Storm. Hausdorfer estará à minha espera com Harrowbarrow do outro lado da linha. — Ele sorriu para Wren e estendeu-lhe uma mão. — Porque não vens comigo?

— O quê?

— É uma perda de tempo a vida que levas, Wren, arrastando-te atrás do teu pai. Durante quanto tempo é que ele te vai manter aqui presa, a trabalhar para esta corja? Vem para Harrowbarrow comigo.

— Para o ver devorar Nova Londres? — perguntou Wren. — Penso que não.

— Então pensa bem. Esta nova tecnologia que a Engenheira desenvolveu é um desperdício nas mãos dos londrinos. São uns idiotas bem-intencionados! Nem sequer puseram mandíbulas na nova cidade. Vou apoderar-me dela e usá-la para tornar Harrowbarrow o predador mais poderoso na terra. Um predador *voador*, munido de armas elétricas! Pensa nisso!

Wren pensou, e não gostou.

Wolf riu-se de novo e atirou-lhe um beijo ao afastar-se.

— Haverá sempre um lugar para ti na minha Câmara Municipal, Wren.

Ela debruçou-se sobre Angie. A rapariga gemeu quando Wren lhe tocou na cara. Talvez isso fosse um bom sinal.

— Socorro! — gritou, o mais alto que pôde. — Socorro! Ajudem! Ele está aqui! Aqui!

Eles chegaram a correr: Saab, Garamond, Cat Luperini. Alguém com mais conhecimentos médicos do que Wren debruçou-se sobre Angie e declarou:

— Ela vai ficar bem, ela vai ficar bem. — Mas de Wolf não havia sinal, e apesar de outros terem continuado à procura dele até o céu sobre os destroços empalidecer com a manhã, não voltou a ser visto;

esvanecera-se, como se fosse apenas mais um dos fantasmas de Londres.

Segunda Parte

Capítulo 24

Manchester

O ruído metálico e a trepidação do engate dos ganchos de atracação sacudiram Oenone dos seus sonhos. Ela esforçou-se por voltar a dormir, mas a fome e a dor no estômago continuavam a incomodá-la, e acordou meio zozza. Estivera a sonhar com a sua terra; as ilhas Aleútes; pedra cinzenta e céu cinzento e mar cinzento de inverno, ela e o irmão Eno correndo encosta abaixo ao frio cortante. As imagens extinguíram-se rapidamente no calor abafado do porão do *Humhug*.

Era de manhã. O sol acabado de nascer espreitava pelas fendas do balão do *Humhug*. Oenone estava enroscada no chão de uma gaiola de arame, rodeada de grades de madeira e caixotes cheios de enghocas obscuras e mercadorias por vender; em tempos, Napster Varley devia ter esperado que elas fizessem a sua fortuna. Não havia colchão na gaiola, e Oenone estava tão hirta de dormir no convés duro que mal se conseguia mexer. Deixou-se ficar deitada durante algum tempo, tentando adivinhar o que havia na sua prisão que lhe parecia diferente naquela manhã. Depois percebeu. Os motores que lhe haviam perfurado os ouvidos com o barulho desde Cutler's Gulp tinham parado.

Ela ouviu vozes na barquinha. Varley gritava com a mulher como de costume. E o bebé chorava. Oenone nunca conhecera um bebé que chorasse tanto como o filho de Napster.

Bebeu água de um jarro de estanho que Varley lhe deixara, urinou no bacio de esmalte rachado e fez as orações da manhã. Quando terminou, já tudo estava calmo lá em baixo. Ela aguardou com medo para ver o que aconteceria a seguir.

Com alívio seu, não foi Napster quem surgiu pela escotilha, mas a mulher de Varley. A Senhora Varley não era propriamente simpática para com a prisioneira no porão, mas mostrava-se mais amável do que o marido. Era uma rapariga sardenta e robusta com cabelo ruivo desgrehado e olhos assustados, um dos quais estava inchado e rodeado de nódoas amareladas. Varley comprara-a algures, mas ela não se revelara uma esposa tão boa como ele

esperara. Espancava-a, e Oenone ouvia muitas vezes os gritos e os soluços dela ecoando pelo dirigível. Começara a sentir uma espécie de solidariedade para com aquela jovem exausta, como se fossem ambas prisioneiras.

— O Napster disse para lhe dar o pequeno-almoço — anunciou a Senhora Varley, na sua vozinha trémula, e empurrou uma tigela de pão através das grades, junto com metade de uma maçã.

Oenone começou a enfiar a comida na boca com as duas mãos. Sentiu-se envergonhada, mas não conseguia conter-se; algumas semanas de cativeiro haviam-na transformado numa selvagem; num animal.

— Onde estamos? — perguntou, entre bocados de comida.

— Airhaven — respondeu a Senhora Varley. Olhou em volta assustada, como se o marido pudesse estar escondido entre as pilhas de caixotes, pronto para saltar e esmagar-lhe o outro olho por ela ter falado com a mercadoria. Aproximou-se da rede da gaiola. — E uma cidade que voa!

— Já ouvi falar dela...

— E está por cima de uma coisa chamada aglomeração de Murnau — continuou a Senhora Varley, com a emoção levando a melhor sobre o medo. — Há mais cidades lá em baixo, mais do que alguma vez vi na vida. Uma metrópole de guerra, enorme, toda blindada, e também cidades mercantes, e Manchester! Napster diz que Manchester é uma das maiores metrópoles do mundo! Ele leu acerca dela num dos seus livros. Ele lê muitos livros, o Napster. Está a procurar melhorar-se. Mas enfim, foi uma sorte termos chegado aqui hoje, porque há uma grande reunião de presidentes da câmara e gente importante em Manchester e o Napster foi lá abaixo para... Para ver se algum deles a quer comprar, Menina.

Oenone julgava já estar habituada a sentir-se impotente e assustada, mas quando ouviu aquilo quase desmaiou de pavor. Passara grande parte da vida a ouvir falar da crueldade dos homens que governavam as Metrópoles de Tração. Meteu as mãos por entre as grades e agarrou as saias da Senhora Varley quando a rapariga se voltou para sair.

— Por favor — suplicou, desesperada. — Por favor, não pode deixar-me sair daqui? É só deixar-me em terra... Não quero morrer numa cidade...

— Lamento — disse a rapariga (e era mesmo uma rapariga).

— Não posso. O Napster matava-me se a libertasse. Já conhece o temperamento dele. Lançaria o meu bebé borda fora. Já muitas vezes disse que o faria.

O bebé, como se tivesse ouvido, acordou no berço na barquinha e começou a chorar. A Senhora Varley arrancou as saias das mãos de Oenone e afastou-se apressadamente.

— Lamento, Menina — repetiu, começando a descer a escada.

— Tenho de ir agora...

Manchester, que rumara a oriente durante toda a primavera, desviando-se de vez em quando para devorar uma cidade mais pequena, chegara finalmente à aglomeração de Murnau na tarde anterior. Maior e mais desabrida do que a vizinha metrópole de guerra, instalou-se como uma montanha ativa a alguns quilómetros da linha da frente. As suas mandíbulas continuaram abertas; oficialmente, para que as equipas de manutenção pudessem limpar as filas de dentes rotativos, mas a impressão que dava era de estar pronta a engolir algumas das pequenas cidades mercantes que se amontoavam em redor de Murnau.

Uma a uma, as cidades recolheram os seus cidadãos e começaram lentamente a afastar-se, pois sabiam que a chegada de Manchester significava sarilhos, mesmo que ela não as devorasse. Adlai Browne era um conhecido opositor das tréguas, e a maioria das cidades da *Traktionstadtsgesellschaft* estava em dívida para com ele. Ele investira muito dinheiro na guerra delas contra a Storm, e agora queria ver algum de volta. Os seus mensageiros, voando à frente da metrópole, tinham convocado os líderes das cidades para um conselho de guerra na Câmara Municipal de Manchester.

Por volta das nove daquela manhã, dirigíveis e iates aéreos começaram a chegar à plataforma superior de Manchester vindos de todas as cidades e subúrbios na linha. Observados a uma distância segura por multidões de mirones respeitosos, os presidentes de câmara e Kriegmarshals dirigiram-se para a Câmara Municipal, onde tomaram os respetivos lugares nos cadeirões almofadados da sala do conselho e esperaram que o Presidente da Câmara de Manchester subisse os degraus para o púlpito do orador. Por cima deles, na cúpula do teto, nuvens pintadas afastavam-se para deixar

passar raios de sol pintados, e uma jovem roliça que devia representar a Alma do Darwinismo Municipal brandia uma espada, afugentando os dragões da Pobreza e do Antitracionismo. Até os seus olhos pareciam fixos no pódio em baixo, como se também ela estivesse ansiosa por ouvir o que Adlai Browne tinha para dizer.

Browne apoiou as mãos no anteparo esculpido do púlpito e examinou o auditório. Era um homem atarracado e corado, cuja imensa fortuna o tornara permanentemente insatisfeito — parecia um sapo zangado.

— Meus senhores — começou, em voz alta. — E minhas senhoras — acrescentou, lembrando-se de que havia várias presidentes de câmara entre o público, além de Orla Twombly, chefe da sua própria força aérea mercenária. — Antes de iniciarmos esta nossa conferência histórica, queria apenas dizer como me sinto orgulhoso de poder trazer a minha cidade para este lugar, e transmitir-vos como o vosso sacrifício e esforço de muitos anos são apreciados no Ocidente, pelas gentes vulgares de cidades mais pacíficas.

Ouviram-se alguns aplausos comedidos. Kriegsmarshal von Kobold inclinou-se para o vizinho e murmurou:

— O que eles apreciam é o nosso dinheiro. Pagámos uma fortuna ao longo dos anos por todas as armas e munições que nos enviaram. Não admira que o Browne receie a ideia de paz...

— Ora bem, sou um homem direto — continuou Browne —, por isso não vou estar com rodeios. Não vim aqui apenas para vos dar uma palmadinha nas costas, mas para vos dar um pouco mais de força; um empurrão. Para vos lembrar, efetivamente... — Fez uma pausa, permitindo que o jovem que traduzia as suas palavras para alemão moderno o acompanhasse. — Para vos lembrar — continuou — que a Vitória está ao nosso alcance! Sei que receberam com agrado estas tréguas, esta oportunidade de voltar a abrir as vossas cidades ao tráfego aéreo e de desfrutar alguns meses de paz. Mas nós, que vivemos um pouco mais longe das linhas de batalha, e que combatemos a Green Storm à nossa maneira, talvez vejamos algumas coisas que vocês não veem. E o que vemos agora é a oportunidade de varrer para sempre da face da terra a ameaça do Antitracionismo. Uma oportunidade que não podemos deixar passar!

Seguiu-se outra série rápida de aplausos. O Presidente Browne

parecia estar à espera de mais, mas reconheceu-os, mesmo assim, voltando-se para ver quem eram os apoiantes — Von Neumann de Winterthur, Dekker-Stahl da Conurbação de Dortmund, e algumas dezenas de presidentes de câmara de subúrbios-ceifeiros endurecidos pela guerra. Ele fez sinal de silêncio antes que os aplausos pudessem extinguir-se por si.

— Alguns poderão achar que falo com demasiada audácia — admitiu. — Mas Manchester tem agentes em terras da Green Storm, e há várias semanas que eles nos dizem o mesmo. O General Naga está acabado. Aquela bonequinha aleúte por quem ele se apaixonou está morta, e o velho idiota perdeu a vontade de viver, de combater ou de fazer seja o que for senão isolar-se no seu palácio e censurar os deuses por lha terem levado. E sem o Naga, a Storm não tem guia. Meus senhores, este... oh, e minhas senhoras... este é momento para atacar!

Mais aplausos, e mais fortes desta vez. Algumas vozes exclamaram: «Muito bem, Browne!» e «Estaremos todos em Tienjing para o Festival da Lua!»

Kriegsmarshal von Kobold já tinha ouvido o suficiente. Levantou-se e berrou na sua melhor voz de militar:

— Isso não seria honroso, Herr Browne! Não seria honroso tirar partido do sofrimento do Naga dessa forma! Conhecemos o verdadeiro custo da guerra, aqui, na linha. Não se trata apenas de dinheiro, mas de *vidas*! E não apenas de vidas, mas de *almas*! Os nossos filhos estão a transformar-se em selvagens, fascinados com a guerra. Devemos fazer tudo o que está ao nosso alcance para garantir esta paz!

Algumas pessoas aplaudiram-no, mas muitas mais gritaram para ele se calar, para se sentar e parar de proferir disparates derrotistas e Musguentos. Von Kobold nunca imaginara que tantos dos camaradas estivessem dispostos a ouvir os incitamentos à guerra de Browne. Seria possível que aqueles poucos meses de paz tivessem bastado para que eles se esquecessem de como era a guerra? Achavam mesmo que alguém sairia vencedor, se deixassem os combates começar de novo? Eram piores do que Wolf! Olhou furioso em volta, sentindo-se indignado, corado e ridículo. Até os oficiais do seu estado-maior pareciam envergonhados com a sua intervenção. Começou a abrir caminho aos empurrões por entre filas de cadeiras em direção à saída mais próxima.

— Meus senhores — dizia Adlai Browne —, o que espero poder debater aqui hoje não é tanto um plano de batalha, mas uma ementa. As terras da Green Storm estendem-se diante de nós, defendidas por um exército cansado e mal equipado. Cidades estáticas inteiras como

Batmunkh Gompa e Tienjing, inúmeras florestas e depósitos minerais que a escumalha bárbara se recusou a explorar, aguardam todos para serem devorados. A única verdadeira questão que se nos impõe é como dividir os despojos? Que cidade devorará o quê?

Sentindo-se enojado, o velho Kriegsmarshal saiu bruscamente da sala do conselho. Os ruídos dos aplausos, das vaias e das discussões acaloradas seguiram-no pelos corredores da Câmara Municipal até ao jardim, mas pelo menos ali o ar era puro e a brisa fresca. Desceu apressadamente os degraus e passou por baixo das barreiras de segurança que os homens de Browne tinham erguido para afastar os mirones. As multidões já se haviam dispersado, excetuando algumas pessoas que faziam piqueniques nos relvados. Havia chapéus de papel e cartazes espalhados entre as flores caídas nos caminhos de metal. Um jornal abandonado passou a voar, com a fotografia de Nimrod Pennyroyal na primeira página. *Ridículo!*, pensou Von Kobold. O mundo inteiro mergulhando novamente no caos e a única coisa que interessava aos jornais era os últimos mexericos sobre aquele escritor absurdo...

Ele atravessou o relvado a passos largos e dirigiu-se a uma plataforma de observação. Encostando-se ao parapeito, respirou fundo, olhando para leste em direção às proteções blindadas da sua cidade, e depois de novo para leste, para a terra de ninguém. Já tinham passado três semanas desde que Wolf deixara Murnau. Que estaria ele a fazer naquele momento? Onde estava aquele seu terrível subúrbio? Que seria do filho se a guerra começasse de novo?

— Von Kobold? — chamou alguém atrás de si. — Kriegsmarshal von Kobold?

Ele voltou-se e viu um estranho impertinente de trajes extravagantes e suíças ruivas. O jovem pareceu-lhe algo demente. Kobold quase se arrependeu de ter deixado os seus oficiais na sala do conselho. Mas não ia amedrontar-se com um furão enfezado como aquele, por isso endireitou-se e afirmou:

— Chamo-me Von Kobold.

— Varley. — O estranho estendeu-lhe uma mão, e Kobold não viu razão para não a apertar. — Napster Varley — anunciou o homem, sorrindo-lhe. Um dente de ouro cintilou como um helióstato. — Vim até cá esperando falar para a vossa pequena conferência, mas não me deixaram entrar. Então fiquei à espera que tudo terminasse para poder falar-vos quando regressassem aos vossos dirigíveis, e reparei no senhor a passear por aqui. Isto é que é ter sorte, não é?

— É?

— Oh, se é, Herr Kobold! — A pronúncia defeituosa de Varley fez estremecer Kriegsmarshal. — Dedico-me ao comércio aéreo, percebe? Sou negociante de curiosidades. E curiosidade é a palavra certa para o pequeno artigo que tenho a bordo do meu dirigível, à espera do comprador certo. Então, quando o vi, Herr Kobold, a atravessar o jardim sozinho, disse para comigo: «Napster, os Deuses do Comércio puseram-no aqui para que pudesses ir falar-lhe do achado que o aguarda lá em cima, em Airhaven.

— Airhaven? — inquiriu Von Kobold, olhando para sotavento. A cidade voadora pairava sobre uma névoa de fumo a poucos quilómetros. Ninguém o levaria a um lugar daqueles! Um porto-livre, provavelmente um antro de espiões Musguentos e assassinos. Ele afastou-se de Varley e começou a voltar para a Câmara Municipal, dizendo por cima do ombro.

— Seja o que for que estiver a vender, Senhor Varley, não estou interessado.

— Oh, mas está, Herr Kobold! — afirmou o mercador, apressando-se para o apanhar. — Ou pelo menos estará quando souber o que é. Pode ser importante. Para o esforço de guerra, quero dizer. Estou apenas a contribuir com a minha parte, Kriegsmarshal.

Von Kobold parou. De que raio estaria o homem a falar? Todos os dias chegavam do Terreno Exterior vasculhadores suspeitos com bocados de Tecnologia Antiga que, segundo eles, poriam fim à guerra. Eram quase todos charlatães, mas nunca se podia ter a certeza...

— Se acha que pode ser importante — disse Kobold —, devia levá-lo às autoridades. Aqui em Manchester ou em Murnau. Eles saberão o que fazer.

— Ah, mas calculo que não me recompensarão pelo trabalho, pois não, Kriegsmarshal? E deu-me muito trabalho adquirir esta mercadoria, portanto, irei querer uma recompensa considerável.

— Mas se for um bom Darwinista Municipal e achar que essa coisa nos poderá ajudar...

— Eu sou o que o senhor poderia chamar um Darwinista Municipal em segundo lugar e um homem de negócios em primeiro — esclareceu Varley. Depois encolheu os ombros e resmungou, desconcertante. — Almofadas! A Avó tinha a ideia certa! Nunca pensei que fosse tão difícil arranjar um comprador...

Von Kobold voltou a afastar-se, mas antes que pudesse continuar, a mão do mercador agarrou-lhe a manga da túnica.

— Veja, Kriegsmarshal! — insistiu o homem, mostrando-lhe uma fotografia. Von Kobold, demasiado orgulhoso para usar óculos em público, não percebeu o que era. Afastou Varley com um empurrão, mas o mercador meteu-lhe a foto no bolso do lenço da túnica e acrescentou, insinuante: — Imagino que queira vir combinar um preço. Encontrará o meu dirigível na Plataforma 13 da Doca Principal de Airhaven. O nome é Varley, Kriegsmarshal. E o preço mínimo é dez mil moedas de ouro...

— Bem, por todos os diabos... — começou Von Kobold, mas foi interrompido pela voz do ajudante de campo, o Capitão Eschenbach. O jovem descia rapidamente as escadas da Câmara Municipal, e Varley, ao vê-lo, meteu-se nuns arbustos e escapuliu-se.

— Aquele fulano estava a incomodá-lo, Kriegsmarshal? — perguntou Eschenbach, aproximando-se de Von Kobold.

— Não. Era só um maluco; mais nada.

— Devia entrar, Kriegsmarshal — instou o jovem. — Estão a discutir planos de guerra. A decidir que cidade atacará que setor do território do inimigo. Browne já escolheu a fortaleza estática chamada Comando Avançado para Manchester; Dortmund vai ficar com tudo na margem leste do mar de Khazak. Não sobrá nada para nós, Kriegsmarshal, se não se apressar. Não queremos perder a favor de...

— Perder? — Von Kobold semicerrou os olhos, perscrutando o parque à procura de Varley. Não havia sinal dele, a não ser que estivesse naquele táxi-balão que descolava de um atracadouro na borda da plataforma. — Foi para isso que lutámos? — perguntou. — Só

para que homens como Adlai Browne pudessem transformar as terras da Storm num enorme bufê? Porque não podemos deixá-los viver em paz?

Eschenbach franziu as sobrancelhas, esforçando-se por compreender, mas sem conseguir.

— Mas são Musguentos, Kriegsmarshal.

Von Kobold começou a dirigir-se para a sala do conselho.

— Pobre Naga — resmungou. Subiu as escadas e entrou na sala para lutar pelo quinhão da sua cidade, esquecendo-se da fotografia que Napster Varley lhe metera no bolso.

Capítulo 25

Theo Em Airhaven

No final da tarde, o céu em redor de Airhaven zumbia de tráfego. Toda a gente sabia que Adlai Browne trouxera Manchester para leste com o propósito de reiniciar a guerra, e os mercadores aéreos ansiavam por fazer o maior número de negócios antes de partir para mercados mais seguros a ocidente. Havia um vaivém constante de cargueiros e balões sobrecarregados entre as metrópoles e a cidade voadora, enquanto bem acima deles, sempre atentos, os Furões Voadores circulavam como um bando de estorninhos. No entanto, o que os aviadores de Orla Twombly procuravam era naves de assalto da Green Storm, e não prestaram atenção a um oleoso e pequeno *Achebe 100* que chegava do Ocidente naquele fim de tarde para se meter num atracadouro barato nas docas aéreas de Airhaven.

O dirigível chamava-se *Shadow Aspect*, e fora capturado à antiga Liga havia muito tempo, e convertido numa nave mercante. Não era grande coisa, mas era o melhor que Hester conseguira comprar depois de vender a nave-das-areias. Desde que haviam saído de África, Hester não parara de se queixar dos cilindros rotos e dos motores barulhentos, amaldiçoando o negociante de dirigíveis usados que lhe vendera aquela ratoeira mortal. Mas Theo, que o pilotara durante a maior parte da viagem, já se habituara às pequenas manias do *Shadow*; no íntimo, achava que aquele era um belo dirigível, e no sossego das vigias noturnas murmurava-lhe palavras carinhosas, incitando-o:

— Vá lá; só mais um bocadinho; tu consegues...

E conseguira, de facto; a longa viagem terminara, e a visão de todas aquelas cidades dispostas na terra por baixo dele como peças de xadrez monstruosas encheu Theo de ira e de medo. As cidades eram as suas inimigas. Havia sido inimigas do seu povo durante mil anos. Onde tinha ele a cabeça, quando decidira vir meter-se naquela enorme aglomeração? Perdera a esperança de resgatar a Senhora Naga de qualquer prisão onde os cidadãos a haviam metido. Ela também não esperaria isso dele; não iria querer que alguém morresse por sua causa...

Os ganchos de atracação do *Shadow* ressoaram na plataforma. Theo desligou os motores, e os ruídos de Airhaven invadiram a barquinha; gritos de mercadores e estivadores, o chocalhar de correntes, um realejo tocando algures, um dirigível mercador acostando na plataforma ao lado. Um rapaz com um balde e um limpa-vidros de cabo comprido aproximou-se a correr para lavar as janelas do *Shadow*, mas Hester fez-lhe sinal com a mão para se afastar. Um vislumbre daquele rosto irado e hediondo bastou para o pôr a fugir.

Hester estava maldisposta. Esperara ultrapassar o *Humhug* no ar, onde achara que poderia abordá-lo e salvar a Senhora Naga com facilidade. Apesar de o *Shadow Aspect* não levar qualquer carga, e ter quatro motores, contra os dois do *Humhug*, Hester demorara demasiado tempo a descobrir para onde se dirigia Napster Varley, e ele chegara primeiro a Airhaven. Entrar a bordo do *Humhug* seria difícil ali, onde havia funcionários das docas, seguranças e transeuntes que podiam intrometer-se. Ela voltou-se para olhar para Shrike, que continuava imóvel como uma estátua ao fundo do convés de voo.

— É melhor esconderes-te, velha máquina — sugeriu.

— PODES PRECISAR DE MIM.

— Não aqui. Há muitos cidadãos a bordo. Se te veem, vão pensar que somos da Green Storm. Além disso, alguém pode lembrar-se da tua última visita, quando quase destruíste a cidade à minha procura e do Tom. Espera no porão; se precisar de ti, chamo-te.

Shrike acenou com a cabeça e subiu a escada para o balão. Hester levantou o véu, pôs os óculos de sol e abriu a escotilha.

— Vens? — perguntou a Theo.

A taberna chamada Balão e Barquinha sobrevivera a todas as mudanças de Airhaven, e continuava a ocupar o mesmo conjunto desordenado de cabanas frágeis que Hester recordava da primeira visita ao porto-livre. Contudo, nos anos que entretanto se haviam passado, o comércio aéreo dividira-se, como o mundo em baixo, em cidadãos e Musguentos, e o Balão e Barquinha tornara-se um poiso de cidadãos; *Nem Cães, Nem*

Musguentos, dizia uma mensagem rabiscada a tinta branca por

cima da porta. Os mercadores amontoados à volta das mesas pequenas e sujas vinham de Manchester, Dortmund e Peripatetiapolis, de zigurates a vapor de Nuevo Maya e de cidades-perfuradoras da Antártida. Caricaturas e cartazes emoldurados nas paredes escarneciam a Green Storm, e o alvo do jogo dos dardos era o rosto de bronze da Caçadora Fang.

Hester deteve-se junto ao altar dos Deuses do Céu, ao lado da porta, e suspirou irritada quando Theo esbarrou nela. Remexeu nos bolsos do casaco e encontrou alguns tostões que deixou cair na caixa de esmolas em forma de dirigível do Fundo de Beneficência do Aviador. Uma empregada de mesa roliça apressou-se a atendê-los, fitando-os maliciosamente como se achasse que Theo era o namorado de Hester e que esta se saía muito bem. Hester sentiu-se de súbito orgulhosa, como se aquilo fosse verdade.

— Estamos à procura do Varley — disse ela à mulher. — Mercador. Chegou há pouco tempo de África. Conhece?

— Estão com sorte. Está ali junto à janela. Mas cuidado, voltou de Manchester maldisposto.

Do lado de fora da janela circular que a empregada lhes apontou, as nuvens brilhavam à luz do crepúsculo, mas o jovem sentado à mesa não desfrutava da vista. Lia um livro, estendendo a mão de vez em quando para petiscar, sem grande entusiasmo, de uma tigela de gafanhotos grelhados.

— Napster Varley?

— Quem quer saber? — Os olhos de Varley semicerraram-se desconfiados, examinando Hester de alto a baixo. Ele fechou o livro, que se chamava *A Arte de Bem Regatear de Dornier Lard*. Uma dúzia de páginas tinha sido marcada com tiras sujas de papel. Quando viu Hester ler o título, Varley virou apressadamente o livro de cabeça para baixo. — Não vos conheço — disse. — Qual é vosso dirigível?

— *Shadow Aspect* — respondeu Hester.

— Nunca ouvi falar. — Ele examinou Theo, e perguntou-lhe:

— De que cidade vêm? Qual é vosso negócio?

— Somos de... — começou Hester.

— Eu perguntei ao rapaz — interrompeu Varley.

Theo, que não era bom ator, desejou que Wren estivesse ali no seu lugar. Lembrava-se ainda de como em Brighton ela dera a volta

ao velho Pennyroyal e a Nabisco Shkin com as suas histórias. Esforçando-se por a imitar, mentiu:

— Somos de Zanzibar.

— Ouvimos dizer que tinha uma mercadoria que talvez quiséssemos comprar — informou Hester.

Varley pareceu interessado, mas ainda desconfiado.

— Sentem-se — convidou, empurrando uma cadeira com o pé.

— Comam uns gafanhotos. Então, que ouviram dizer da minha mercadoria? Quem vos contou?

— A Avó Gravy — respondeu Hester.

— Negoceiam com a Avó?

— Somos velhas amigas. Ela disse-me que tinha uma prisioneira muito importante a bordo.

— Chiu! — sussurrou Varley. Debruçou-se sobre a mesa e disse num murmúrio malcheiroso: — Não fale da minha mercadoria dessa maneira, mulher. Não sei quem poderá estar a ouvir. As autoridades de Airhaven não gostam do comércio de escravos. Se soubessem que estou a tentar passar carga viva em território deles, iria pagar caro.

Theo sentiu-se tão furioso e enojado que espancaria o homem de bom grado. Ainda trazia as marcas e feridas do seu tempo em Cutler's Gulp, e a ignomínia do cativeiro na *Cloud 9* nunca desaparecera por completo; sabia muito bem o que queria dizer aquela expressão aparentemente inofensiva; «carga viva».

Hester permaneceu impassível.

— Já arranjou comprador?

— Encetei negociações com Kriegsmarshal de Murnau há algumas horas — respondeu Varley, soando a falso. — Não ficou nada acordado.

— Estou interessada em comprar — anunciou Hester.

Varley resfolegou, abanou a cabeça e voltou para os gafanhotos, devorando-os gulosamente agora, como se falar de negócios lhe tivesse devolvido o apetite.

— Nunca poderia pagar o que estou a pedir — declarou, entre dentadas crocantes.

— Talvez possa.

Varley levantou bruscamente a cabeça, cuspidando um par de asas.

— Não são de Zanzibar! — exclamou. — O teu amiguinho pode ser muito bonito, mas mente pessimamente. Quem são vocês?

Hester não respondeu, e deu um pontapé no tornozelo de Theo por baixo da mesa, avisando-o para também ficar calado.

Varley fez um sorriso largo.

— Deuses do Céu! — Depois voltou a baixar a voz para um murmúrio. — São da Storm, não são? Já me tinha perguntado se alguém da vossa banda iria aparecer. Não se preocupem; sou bastante tolerante. Ouro é ouro, aqui para o Napster Varley, quer venha dos cofres de uma *Traktionstadt* ou das tesourarias de Shan Guo. Então, quanto estão dispostos a pagar pela vossa imperatriz? Mas terão de se apressar. Anda toda a gente a dizer que a guerra rebentará de novo dentro de dias. Vão querer levá-la para a Musgolândia antes de isso acontecer, não?

— Quanto está a pedir? — perguntou Hester.

— Dez mil em ouro. Nada menos.

— Dez mil? — Theo sentiu escavar-se um buraco na boca do estômago. Por um momento ainda imaginara que seria possível resgatar a Senhora Naga, mas... Dez mil em ouro! Varley estava a pedir-lhes a lua!

— Vou pensar — respondeu Hester, calmamente, empurrando a cadeira para trás. — Vamos, Theo.

Varley acenou-lhe com um gafanhoto.

— Pensa bem, querida. O meu dirigível é o *Humbug*, está na Plataforma 13. É só trazer o dinheiro e entregá-lo com bons modos.

— Vamos querer ver a mercadoria primeiro — acrescentou Hester.

— Não antes de eu ver o dinheiro. E tenho três moços grandalhões de vigia, por isso nem pensem em tentar alguma graça.

Na High Street, os candeeiros elétricos já estavam acesos. Mariposas enormes zumbiam à luz do crepúsculo, perseguidas por rapazes empreendedores que tentavam apanhá-las com redes para depois as assar e vender como saborosos petiscos. Algum instinto maternal residual fazia Hester estremecer sempre que um dos miúdos se aproximava das bordas desprotegidas dos desembarcadouros. Ela disse para consigo para não ser tão sensível;

aqueles miúdos nasceram no céu; eram demasiado astutos para caírem; de qualquer maneira, as autoridades de Airhaven tinham estendido redes protetoras entre as plataformas de amarração para apanhar qualquer pessoa que caísse pela borda fora.

Hester encostou-se ao corrimão na curva externa da rua e fingiu estar a observar os últimos laivos do pôr do Sol desaparecendo a ocidente. Na verdade, examinava a Plataforma 13, onde o vulto às riscas brancas e pretas do *Humbug* se encontrava atracado. Havia de facto três homens encostados no cais junto à única escotilha do dirigível. E eram, como advertira Varley, bastante grandes.

— Ele está completamente atrapalhado — disse Hester.

— Quem? — perguntou Theo. — O Varley?

— Claro! Tem o maior prémio da sua carreira e não faz a menor ideia do que fazer com ele. Está cheio de medo de que alguém saiba da sua prisioneira e tente roubá-la; foi por isso que contratou aqueles pesos-pesados. Não se atreve a abordar diretamente as *Traktionstadts* com receio de que lhe confiscuem simplesmente a Senhora Naga e não lhe ofereçam nada senão uma medalha pelo esforço, e quando tentou fazê-lo confidencialmente, mandaram-no passear; razão por que regressou «maldispuesto» de Manchester. E que procura ideias novas nos livros. Nós termos aparecido foi como uma resposta às suas preces. Ele não passa de um amador, Theo.

— Mas quer dez mil em ouro — lembrou Theo.

— Vai aceitar menos. Metade, até.

— Isso continuaria a ser uma enorme quantidade de dinheiro, e não temos um tostão! Estamos aqui para salvar a Senhora Naga, não para a comprar! Podemos tratar do Varley e dos três homens à vontade. Você salvou-me, não salvou? E já ouvi contar o que fez na empresa do Shkin no ano passado...

Hester desviou o olhar, lembrando-se dos homens que matara para libertar Tom da torre do traficante de escravos em Brighton, e da maneira chocada e traída como Tom olhara para ela depois. Tinha sido a sua última noite juntos.

— Não se trata apenas de tirar a Senhora Naga dali — explicou. — Temos de fugir com ela; imediatamente, passar por todas estas metrópoles sofisticadas e atravessar em segurança as linhas da Green Storm. Se provocarmos estardalhaço ao tirá-la do dirigível do Varley, não conseguiremos avançar cem metros sem que aquelas

máquinas voadoras nos caíam em cima e...

Ela estendeu a mão e apanhou uma mariposa que ia a passar, deitando o corpo amachucado do inseto na rede de um dos miúdos de rua, que disse:

— Fixe, senhora!

— Está a dizer que devíamos desistir? — perguntou Theo, quando o rapaz se afastou

Hester ficou calada, olhando para o outro lado da High Street.

— Senhora Natsworthy?

— Não — disse ela, baixinho. Não olhou para ele. Tinha os olhos fixos num homem que acabara de sair pela porta de um edifício grande e degradado chamado Hotel Empíreo. Ela estendeu a mão para trás, encontrou o braço de Theo e apertou-o. — Não — repetiu, num tom mais animado. — Não temos de desistir. Só temos de encontrar alguém que nos possa dar uma enorme quantidade de dinheiro.

Capítulo 26

Arruinado!

A conferência a bordo de Manchester arrastara-se durante dias, com os líderes da *Traktionstadtsgesellschaft* a ultimar os pormenores da nova ofensiva. E a palavra era mesmo «ofensiva», pensou Kriegsmarshal von Kobold, saindo da barquinha do seu iate aéreo e caminhando rigidamente para a Rathaus. A esposa já partira para Paris a bordo do paquete *Verónica Lake*, assustada com os boatos de guerra. Ele não sentia a sua falta. Vira-a tão pouco nos últimos anos que achava que já nem a conhecia. Feliz por não ter de passar outra noite com ela na suíte oficial excessivamente decorada e perfumada, subiu as escadas para o pequeno quarto no último andar onde se refugiava quando ela e Wolf estavam fora. As paredes brancas, decoradas apenas com um retrato do filho, concentravam-lhe a atenção nas janelas, nos vultos negros dos morcegos esvoaçando lá fora ao crepúsculo, no céu pintado com os rastros dispersos pelo vento das máquinas voadoras.

Que noite tão tranquila, pensou Kriegsmarshal, tirando papéis dos bolsos da túnica e atirando-os para cima da cama. No entanto, de manhã teria de assinar as ordens que levariam a sua cidade outra vez para a guerra. Os jovens seriam chamados para as suas unidades; os canhões da proa e os dirigíveis preparados... As mulheres e as crianças já iam a caminho de cidades pacíficas a ocidente. E naquela noite a blindagem seria encerrada. Talvez tivesse de esperar meses até poder voltar a olhar para o céu da noite da janela do próprio quarto.

Pendurou a túnica e usou o telefone por cima do toucador para falar com a governanta, informando-a de que jantaria no quarto e pedindo-lhe que mandasse pão, carne fria e um copo de cerveja. Ao voltar para a porta a fim de se certificar de que não a fechara à chave, reparou num rosto a olhar para ele da pilha de papéis em cima da cama.

Pegou na fotografia, perguntando-se que diabo estava ela ali a fazer, no meio das enfadonhas transcrições datilografadas do discurso de Browne. O rosto de uma mulher. Levou um momento a perceber que a fotografia era o que Varley lhe metera no bolso no

jardim. Na tristeza das sessões de planeamento daquela tarde, quase se esquecera do estranho mercador aéreo. De repente, sentiu-se furioso; só de pensar que existia um traficante de escravos a operar no raio de alguns quilómetros de Murnau, cidade que nunca tivera nada que ver com a escravatura, e que sempre fizera ponto de honra de libertar os escravos das cidades que devorava! E pensar que Varley pudesse imaginar que ele, Von Kobold, estava interessado em comprar aquela pobre criatura!

De fotografia na mão, voltou para o telefone, rodando, furioso, o manípulo e berrando à assustada telefonista para ligar imediatamente ao chefe de segurança. Enquanto esperava que o homem atendesse, pôs atabalhoadamente os óculos e inspecionou melhor a foto. A rapariga era oriental; suja, ferida, com os olhos arregalados de medo. Parecia-lhe vagamente familiar, mas Kobold não imaginava porquê. Aquela boca pequena e vulnerável, aqueles dentes tortos...

De repente, lembrou-se de onde a vira. Os serviços secretos tinham-lhe enviado fotografias do casamento do General Naga. A noiva de finos trajes vermelhos. Sobrancelhas espessas e negras e maçãs do rosto salientes. Aquela boca.

— Herr Kriegsmarshal? — crepitou o telefone. — Que se passa? Kobold hesitou, continuando a olhar para a fotografia.

— Nada, Schiller — respondeu, baixinho. — Não tem importância. Pousou o auscultador devagar, tirou uma pistola da gaveta do

toucador, afivelou a pesada espada de combate ao cinto e vestiu o precioso colete de *Kevlar* que o inimigo lhe enviara havia tanto tempo. Normalmente não se preocupava com armaduras, mas pareceu-lhe apropriado que o presente de Naga lhe servisse de proteção quando ele fosse salvar a Senhora Naga.

Vestiu um sobretudo por cima e desceu apressadamente as escadas, passando pela criada que subia com o seu jantar.

— Desculpe, minha querida — disse-lhe. — Mudança de planos. — Mas pegou na cerveja, bebendo-a enquanto descia para o atracadouro particular. O pessoal de terra estava a empurrar o iate *Die Leiden*

Des Jungen Werthers para o hangar, onde deveria passar a noite. — Não é preciso, pessoal — chamou Kobold, atirando a caneca de

cerveja vazia para o lado e dirigindo-se para eles ao longo da plataforma.

— Vou sair de novo.

— Hoje à noite, Kriegsmarshal?

— Não tem muito combustível nos tanques, Kriegsmarshal.

— Não preciso de muito — respondeu Kobold. — Vou só a Airhaven.

— Não temos cá ninguém com esse nome — afirmou o rececionista do Hotel Empíreo. Um globo de árgon coberto de pó zumbia e tremeluzia, iluminando tapetes gastos e paredes da cor do tabaco. As escadas subiam para a escuridão.

— Que lugar agradável — murmurou Theo.

Hester debruçou-se sobre o balcão da receção. Por trás do véu, o seu perfil embotado parecia duro como um punho. Theo temia que ela fosse fazer algo terrível ao jovem insolente de chapéu redondo, mas ela disse apenas:

— Tem a certeza? *Nimrod Pennyroyal*. É um escritor.

— Oh, eu sei quem é, minha senhora — assegurou o rececionista, com o mesmo sorriso pateta. — Toda a gente já ouviu falar de Pennyroyal. Mas não temos ninguém com esse nome hospedado neste hotel.

— Acabei de o ver sair — insistiu Hester. — Um homem gordo. Velho. Careca.

— Esse era apenas o Senhor Unterberg — explicou o rececionista.

— Um cavalheiro mercador de Murnau, hospedado no quarto 128. Disse que ia ao escritório da doca para... Olhe, ali está ele!

Hester e Theo voltaram-se quando a porta do vestíbulo se abriu, deixando entrar o ruído das festas arruaceiras dos bares da High Street, algumas mariposas perdidas e o homem que procuravam. Ele tinha rapado a barba, usava óculos de lentes azuis e trocara as habituais roupas finas pela deselegante toga às risquinhas dos mercadores viajantes, mas Hester e Theo reconheceram-no de imediato.

— Oh, grande Poskitt! — exclamou, quando eles foram cumprimentá-lo. — Oh, Clio! Oh, maldita Nora!

— Gostaríamos de ter uma pequena conversa consigo — explicou Hester.

Ela esperava que ele fosse gritar por ajuda, chamar a polícia e a milícia de Airhaven. Afinal, da última vez que se haviam encontrado, ela tentara matá-lo, e apenas o coração sensível da filha a impedira. Mas Pennyroyal parecia estar com mais medo do empregado da receção do que dela. Espreitou nervosamente para o jovem (que os observava de olhos esbugalhados e boca aberta) e disse por entre dentes:

— Não podemos conversar aqui!

— No seu quarto então — sugeriu Hester.

Pennyroyal obedeceu com resignação, indo buscar as chaves ao rececionista espantado e fazendo sinal a Hester e Theo para o seguirem pelas escadas. Hester não conseguia afastar a sensação de que lhe escapara alguma coisa. Nunca conhecera ninguém tão satisfeito consigo mesmo como Nimrod Pennyroyal. Porque estaria ele a fingir ser outra pessoa?

O quarto 128 ficava no último andar; teto inclinado, uma torneira pingando para um sujo lavatório de metal, garrafas de vinho vazias em todas as superfícies planas. Pennyroyal deixou-se cair numa cadeira de verga junto à janela. Hester esperou que Theo entrasse e fechou a porta com o pé.

— Se vieram à procura do Tom e da Wren — choramingou o velhote —, eles já partiram há dias. Foram para norte, num trabalho qualquer para um fulano chamado Wolf Kobold.

— O Tom e a Wren estiveram aqui? — perguntou Theo.

Hester pareceu desconcertada com aquela notícia inesperada da família. Fitou Pennyroyal durante um momento, começou a dizer qualquer coisa, parou, e depois recompôs-se e ripostou:

— Não foi para isso que viemos. Precisamos de dinheiro, Pennyroyal.

Pennyroyal soltou um latido triste, como uma foca com bronquite.

— Dinheiro? Vieram pedir-me dinheiro? Ah! Nunca foi uma grande leitora, pois não, Hester? Não sabem?

— O quê?

— Porque acham que estou a esconder-me nesta espelunca? —

Ele agachou-se e tirou um jornal esfarrapado de debaixo da pilha de garrafas vazias e peúgas abandonadas por baixo da cama.

Estendendo-o a Hester e Tom disse, desolado:

— Estão a ver? Estou arruinado! Arruinado! E tudo graças àquela sua filha!

O jornal chamava-se *O Espéculo*. Uma fotografia de Pennyroyal preenchia a maior parte da primeira página. Por baixo do seu rosto enfatuado e sorridente, letras pretas e gordas gritavam:

MENTIROSO!

O VERDADEIRO NIMROD B. PENNYROYAL DESMASCARADO!

Do nosso enviado especial em Murnau, SAMPFORD SPINEY
(ver páginas 1-24)

Theo pegou no jornal e folheou rapidamente as primeiras páginas.

— «Há muito tempo que vários especialistas achavam que o trabalho arqueológico do “Professor” Pennyroyal era suspeito...» — começou a ler. — «Nunca surgiram provas para sustentar as histórias do “Professor” Pennyroyal sobre as suas aventuras na América e Nuevo Maya...» — Depois olhou para o fim do artigo e soltou um pequeno grito de surpresa, pois lá estava Wren. A fotografia era pequena, e ela fizera qualquer coisa ao cabelo desde a última vez que ele a vira (ou estaria ela num declive quando a fotografia fora tirada?), mas era ela. Ele examinou os parágrafos por baixo da fotografia e olhou nervosamente para Hester antes de os ler em voz alta.

— «O Senhor Thomas Natsworthy, respeitável mercador aéreo, é o marido de Hester Shaw, cuja morte Pennyroyal descreve de forma tão comovente nos últimos capítulos do seu *bestseller*, *O Ouro do Predador*. Os fãs deste livro talvez fiquem surpreendidos ao saber que a Senhora Hester Shaw se encontrava viva e de boa saúde no último Festival da Lua, quando ela e o marido se separaram, e que o casal tem uma filha encantadora, a Menina Wren Natsworthy (15), que diz de Pennyroyal: “Ele de facto costuma exagerar um pouco.”»

— «Na opinião deste vosso escritor, e de um número cada vez

maior de leitores de Pennyroyal, o professor exagera mais do que um pouco; na realidade, ele não passa de uma fraude; um charlatão; um vigarista; um vadio profissional e um mestre do engano cuja presença nas plataformas superiores de Murnau ofende todas as tradições daquela nobre metrópole».

Hester riu-se com gosto por trás do véu.

— Estão a ver? — queixou-se Pennyroyal. — A serigaita! A falar dessa maneira com o Spiney nas minhas costas! Ou será que ele a enganou? Será que lhe deturpou as palavras? Ele era bem capaz

disso. Usará todas as armas para me atingir. Eu podia lançar os meus advogados contra ele, mas infelizmente todas as provas das minhas aventuras arderam com a *Cloud 9*. Agora Werederobe e Spoor dizem que os enganei e querem que eu devolva o adiantamento pelas últimas memórias. E não posso! Já o gastei! Já foram emitidos mandados para a minha prisão em Murnau e Manchester! Para onde devo ir? Que devo fazer? Fugi para aqui na esperança de que o meu amigo Dornier Lard me levasse no seu iate aéreo, mas ele fingiu não me conhecer! E não me atrevo a tentar comprar uma passagem num dirigível mercante vulgar, com medo de que os aviadores me reconheçam e alertem os credores. A não ser que... — Ele olhou de boca aberta para Hester, tentando disfarçar o medo que tinha dela e parecer lamentoso e suplicante. — Tem um dirigível, Senhora Natsworthy? Talvez, em nome dos velhos tempos... Theo, meu caro rapaz, lembras-te de como saímos juntos da *Cloud 9*; tu e eu revezando-nos para pilotar o velho *Arctic Roll*...

— Dinheiro — insistiu Hester, firmemente.

— Ah, claro, posso pagar a passagem! — Pennyroyal começou a abrir desajeitadamente a roupa, expondo a barriga bojuda e peluda e um cinto de lona com muitas bolsas de dinheiro. Ele tirou o cinto e começou a despejar as moedas para o chão. — São umas pequenas poupanças portáteis que trago comigo em caso de emergências — explicou. — Para despesas miúdas, na verdade, mas podem ficar com elas se me tirarem daqui, e não disserem nada...

— Despesas miúdas? — Hester remexeu as pilhas de moedas com a biqueira da bota. — Devem estar aqui umas quatrocentas moedas, Pennyroyal.

— Quinhentas! — corrigiu o velhote, avidamente, tirando um rolo de moedas da bainha do casaco e atirando-o para o chão.

— Até admira como consegue andar.

— Bem, são todas suas, se puder ajudar-me.

Hester acenou com a cabeça, agradecendo-lhe.

— Apanha-as, Theo — ordenou.

— Mas não chega...

— Chega para me colocar a bordo do *Humbug*. Depois de passar por aqueles brutamontes no cais, logo improviso.

Theo continuava a não perceber como é que ela pretendia satisfazer a ganância de Varley com quinhentas moedas de ouro, mas agachou-se e começou a meter as moedas nos bolsos.

Pennyroyal observava com uma expressão estranha, ao mesmo tempo dolorosa e esperançosa.

— Em que cais está o vosso dirigível? É rápido? Estava a pensar em Nuevo Maya; não creio que *O Espéculo* tenha muitos leitores em Nuevo Maya...

— Você não vem connosco — declarou Hester.

— Mas disse...

— Eu não disse nada, Pennyroyal. Foi você que estive a falar, como de costume. Não confiaria em si a bordo do meu dirigível, e mesmo que confiasse, não iria querer uma passagem para onde eu vou.

Pennyroyal começou a choramingar.

— Mas o meu dinheiro! O meu dinheiro!

— Não podemos fazer isto! — exclamou Theo, voltando-se para Hester. Ele fora escravo de Pennyroyal, e sabia que devia sentir-se contente por os deuses finalmente terem castigado o professor por todas as mentiras. Mas não se sentia contente; sentia que estava a roubar um velhote indefeso e assustado. — Não podemos simplesmente tirar-lhe o dinheiro!

— Faz de conta que é uma doação para caridade — respondeu Hester, abrindo a porta.

— Vou informar as autoridades! — queixou-se Pennyroyal.

— O quê?! E revelar o seu esconderijo? Não me parece.

— É para uma boa causa, professor — prometeu Theo, deixando-se ficar para trás quando Hester saiu do quarto. Tocou na mão trememente do velhote e disse, gentilmente: — Depois devolvemos-lhe o

dinheiro. A Senhora Naga está presa num dirigível aqui. Vamos levá-la para Shan Guo. Quando chegarmos, o General Naga ficará muito grato... pagará dez vezes o que nós lhe tirámos.

— A Senhora Naga? — perguntou Pennyroyal, com voz chorosa.

— De que estás a falar? Ela está morta!

— Theo! — gritou Hester, já a meio caminho das escadas.

Com um último olhar preocupado a Pennyroyal, Theo voltou-se e saiu do quarto, seguindo Hester para fora do Hotel Empíreo e para a noite fria e estrelada.

O empregado na receção viu-os sair, depois rodou a manivela do telefone do hotel e pediu à telefonista para lhe ligar ao irmão, que trabalhava na estação radiotelegráfica de Airhaven.

— Lego? — sussurrou. — Sou eu, o Duplo. Podes enviar uma mensagem para Murnau, urgente?

Sozinho no Quarto 128, Pennyroyal respirou fundo para se acalmar. A curiosidade começava a levar a melhor sobre a autocomiseração. Que quisera dizer o jovem Theo? Seria possível que a mulher de Naga ainda estivesse viva? Estaria mesmo em Airhaven? E se estivesse, o que não dariam as *Traktionstadts* para a ter nas mãos? O homem que a capturasse seria um herói, quaisquer que fossem as alegadas irregularidades do seu passado...

Pennyroyal serviu-se de um *brandy* para acalmar os nervos e afastou a cortina manchada para olhar para as formas grandes e sonolentas dos dirigíveis ancorados na doca aérea. *Humbug*; era o nome que Hester deixara escapar. Não o conhecia, mas seria fácil descobrir em que plataforma se encontrava. E haveria com certeza cidadãos corpulentos nas tabernas da High Street que poderiam ajudá-lo se as coisas dessem para o torto.

Na sua imaginação, as histórias horríveis que *O Espéculo* publicara sobre ele começaram finalmente a desvanecer-se, surgindo uma manchete nova e mais favorável; qualquer coisa como: *Pennyroyal Captura Musguenta Importante...*

Capítulo 27

A Plataforma 13

Nuvens baixas, trazidas do ocidente pelo vento da noite, estendiam-se como um tapete branco quinze metros abaixo de Airhaven, ocultando a terra e as plataformas inferiores das maiores metrópoles. Um iate aéreo azul-escuro de Murnau atravessou o topo das nuvens e virou para um ancoradouro na extremidade da doca aérea; provavelmente um janota qualquer da *Oberrang* que vinha jogar a herança nos casinos. Ao debruçar-se sobre o corrimão de um palanque de observação na High Street e cheirando o nevoeiro, Hester lembrou-se de uma noite muito distante em Rogues' Roost.

Por baixo dela estava a Plataforma 13. Os três guardas encostavam-se indolentemente à prancha de embarque do *Humbug*. Havia luz na barquinha, e na janela na parte inferior do balão.

Hester virou-se para Theo.

— Volta para o nosso dirigível. Prepara-o para levantar voo. Se tudo correr bem, estarei a bordo com a Senhora Naga dentro de alguns minutos.

— Não pode ir lá abaixo sozinha! — protestou Theo. — E se alguma coisa correr mal?

— Então partes sem mim. Segue para oriente e diz ao General Naga o que aconteceu à mulher. — Hester estava ansiosa por afastar Theo dali para começar a fazer o que ela fazia melhor. Inclinou-se para ele e deu-lhe um beijo na face, sentindo o calor da pele dele através do véu. Sentia tudo de forma muito mais intensa naqueles momentos antes da ação, como se o seu cérebro quisesse abarcar tudo; todos os ruídos, todos os cheiros.

Theo assentiu e começou a dizer qualquer coisa, depois mudou de ideia. Atravessou rapidamente a High Street, esquivando-se das multidões de aviadores que circulavam entre os bares e os cafés. Hester ficou a observá-lo até ele desaparecer de vista, imaginando como se apaixonaria perdidamente por ele se tivesse menos vinte anos. Depois, amaldiçoando-se por ser tão sentimental, desceu apressada a escadaria para a Plataforma 13.

Os homens de vigia estavam tão aborrecidos e sonolentos como

ela esperava. Eram daqueles aviadores pobres e miseráveis que andavam pelos bares da High Street à procura de trabalho. Varley contratara-os para guardarem a sua carga preciosa, mas eles preferiam estar noutro sítio a beber do que ali de pé ao frio. Ela pensou em simplesmente matá-los, e ficar com o ouro de Pennyroyal, mas não podia abatê-los todos sem luta, e não queria ainda correr esse risco. Então chamou:

— Onde está o Varley?

Os homens ganharam vida, esforçando-se por parecer duros e competentes.

— Quem quer saber? — perguntou um, apontando-lhe uma espingarda de dardos carregada.

Hester agitou o saco que trazia na mão e deixou-os ouvir o tinido do ouro de Pennyroyal. *Seria tinido uma palavra?*, perguntou a si mesma. Ela ficava sempre muito calma em momentos de tensão, e pequenas perguntas como aquela pareciam-lhe curiosas. *O Tom saberia...* Mas ela não devia pensar no Tom.

Um dos guardas subiu a prancha de desembarque do *Humbug*, chamando através de uma escotilha aberta por alguém no interior. Depois acenou a Hester com a espingarda e os outros afastaram-se para a deixar subir a bordo.

Na barquinha do *Shadow Aspect*, Theo começava a aquecer os motores, testando os comandos do leme e esperando que ninguém a bordo de Airhaven reparasse, pois não pedira autorização para zarpar. Atrás dele, Shrike andava de um lado para o outro, abanando o convés com os seus passos pesados.

— ELA NÃO DEVIDA TER IDO SOZINHA — queixou-se o Caçador.

— Já te disse...

— A CULPA NÃO É TUA, THEO NGONI, MAS ELA NÃO DEVIDA TER IDO SOZINHA. — Ele soltou um rangido mecânico que Theo calculou ser a versão Caçadora de um suspiro. — EU DEVIDA ESTAR A AJUDÁ-LA A LIBERTAR A DOUTORA ZERO. NOUTROS TEMPOS, TÊ-LO-IA FEITO FACILMENTE. TERIA AVARIADO A CENTRAL ELÉTRICA DE AIRHAVEN, SEMEADO A CONFUSÃO E SUBIDO A BORDO DO *HUMBUG* ENQUANTO OS MORTAIS NÃO ESTIVESSEM A OLHAR... MAS NÃO PODIA FAZER ISSO SEM MATAR.

— Também não irias muito longe depois — comentou Theo.

Shrike não parecia ouvi-lo. Parara junto a uma vigia, olhando para a noite e para os dirigíveis silenciosos no cais.

— vou AJUDÁ-LA.

— Mas não podes! Se te virem...

— TEREI CUIDADO.

Antes que Theo o pudesse impedir, Shrike abriu a escotilha e saltou para a plataforma de atracação. Não havia ninguém por perto. Ele atravessou a plataforma com dois passos largos e desceu pela borda. A sua armadura refletia as luzes da doca como se fosse feita de mercúrio. Na parte inferior da plataforma, as sombras eram tracejadas pelas vigas. Shrike seguiu-as até se encontrar por baixo dos cais de atracação, e esperou enquanto um táxi-balão passava a caminho do centro da doca. Depois começou a deslocar-se pelo baixo-ventre de Airhaven em direção à Plataforma 13.

O táxi-balão encostou a uma das plataformas no centro de Airhaven e a sua barquinha de verga rangeu quando Sampford Spiney começou a sair, seguido pela Menina Kropotkin com a sua enorme máquina fotográfica. O jornalista estivera num jantar na *Oberrang* quando recebera a mensagem de Airhaven, e não tivera tempo de despir os trajes formais. Vacilou ligeiramente ao atravessar a plataforma de atracação para onde o rececionista do Empíreo o aguardava.

— Então? É você que afirma ter visto Pennyroyal?

— Ele está hospedado no meu hotel.

— Está lá agora?

— Não, senhor. Saiu a correr pouco depois de lhe enviar a mensagem...

— Saiu para onde?

— Não sei. Vieram umas pessoas falar com ele. Depois ele saiu a correr. Posso mostrar-lhe o quarto dele?

— O quarto dele? O quarto? Grande Trovejador! Não posso entrevistar um quarto! Encontre-me o Pennyroyal em pessoa, ou não verá um cêntimo d'O Espéculo

O rececionista correu para as escadas que conduziam à High

Street e Spiney partiu atrás dele, berrando à fotógrafa para os seguir.

— E tome nota, Menina Kropotkin — acrescentou, enquanto subiam. — Tenho quase a certeza de que aquele iate aéreo com que nos cruzámos ao entrar era do Kriegsmarshal. Que andarás o velhote a fazer em Airhaven? Veio jogar? Encontrar-se com uma mulher? Podemos ter aí uma boa história...

A barquinha do *Humhug* cheirava a fraldas molhadas. Os aposentos da popa estavam cheios delas, penduradas em cordas presas nas condutas de aquecimento. Estantes mal construídas revestiam as paredes, vergando-se sob o peso dos livros de autoajuda de Varley. A um canto, um bebé ranhoso fungou e começou a chorar.

— Chiu, chiu — fez a mãe, olhando, nervosa, para cima quando um dos homens de Varley empurrou Hester para dentro.

Varley estava à espera dela, parecendo mais febril e furão do que nunca, com um jantar meio comido na mesa à sua frente. Tinha tirado o casaco, revelando os suspensórios de pele de cobra que lhe seguravam as calças.

— Vem sozinha desta vez? — perguntou a Hester. — Trouxe os meus dez mil?

— Cinco — respondeu Hester. — Foi tudo o que arranjámos.

— Então terei de vender a vossa Senhora Naga a outro comprador.

— Ah, sim, reparei na fila enorme junto à prancha de embarque quando subi a bordo — respondeu Hester. — Estava a ser irónica — acrescentou, quando Varley se levantou de repente para espreitar pela vigia. — Enfrente os factos, não tem outros compradores. Terás de negociar comigo, antes que alguém mais poderoso descubra a carga que tem no porão e venha cá buscá-la sem pagar.

Varley fitou-a furioso e não respondeu. Ela abriu a mochila sobre a mesa da cozinha e sacudiu para fora uma pilha de pequenos e gordos sacos de moedas. Estes agitaram-se ruidosamente, como seria de esperar; dois estavam cheios das poupanças de Pennyroyal e os outros oito de porcas e anilhas que Hester e Theo tinham comprado numa drogaria de conveniência na High Street. — Dez sacos —

declarou ela, abrindo um e despejando uma cascata de ouro. — Duzentos e cinquenta moedas em cada um. O Capitão Ngoni trará as restantes quando eu lhe puder garantir que a carga está viva e de boa saúde.

Varley olhou para o dinheiro com avidez, mas não estava contente.

— Aquele teu miúdo preto é capitão? A Green Storm deve andar com falta de homens, e com falta de dinheiro...

Hester escolheu outro saco e despejou uma segunda e brilhante cascata de moedas sobre o tampo da mesa.

— Olha! Lindo! — disse a Senhora Varley ao bebé que balançava sobre o joelho.

— É pegar ou largar — insistiu Hester.

Varley continuava a hesitar.

— Quero ver a sua cara — exigiu, carrancudo.

— Ah, não quer mesmo, acredite em mim.

O mercador fungou, afastou um brinquedo com um pontapé e disse ao capanga:

— Vigia-a, e nada de roubar o meu dinheiro. — Depois passou bruscamente por Hester e subiu uma escada para o balão do *Humhug*. O outro homem despregou com relutância os olhos da pilha de ouro em cima da mesa e concentrou-se antes em Hester. O bebé gorgolejava. A mulher cantava-lhe uma canção que Hester recordava vagamente de um passado distante, mas parou de repente quando Hester olhou para ela.

— É da Ilha dos Carvalhos? — perguntou Hester.

A mulher abanou a cabeça.

— Cervos.

Quando estava bom tempo, era possível ver a Ilha dos Cervos das colinas por cima da casa de infância de Hester na Ilha dos Carvalhos. Não admira que ela tivesse reconhecido a canção. Esperava não ter de matar aquela mulher e o seu bebé.

— O Napster comprou-me no leilão de esposas... — começou a explicar a mulher, e depois voltou a parar, porque ouvira os passos do marido descendo a escada. Aproximou-se da mesa para lhe dar espaço quando ele entrou na cabina arrastando a carga assustada.

Pennyroyal espreitou para dentro de meia dúzia de bares apinhados na High Street antes de encontrar o que procurava. Na verdade, foram eles que o encontraram; um bando de ruidosos e jovens oficiais da milícia de Manchester em licença de vinte e quatro horas, agarrados a raparigas e garrafas, saindo a cambalear de um casino por cima da Plataforma 1, onde tinham estado a apostar o soldo em jogos de azar Antigos como o *Mikado* e o *Buckeroo*. Pennyroyal correu ao lado deles chamando «Por favor, cavalheiros» e «Olá, amigos», mas eles não lhe prestaram atenção até ele gritar:

— Sou o Nimrod Pennyroyal!

Os naturais de Manchester voltaram-se para o fitar.

— Desanda daqui! — exclamou um deles.

— Torce-lhe o pescoço! — sugeriu outro.

— Atira-o borda fora! — bradou um terceiro.

— Hurra!

— Não — disse um quinto homem, um pouco mais sóbrio do que os restantes. — Ele é o Nimrod Pennyroyal. Reconheço-o dos jornais.

— Atira-o borda fora, mesmo assim!

— Hurra!

— É aquele tipo explorador, o impostor, não é? — perguntou uma das raparigas, olhando para Pennyroyal como se ele fosse um animal vagamente interessante num jardim zoológico.

— Não sou impostor! — berrou Pennyroyal. — Vim pedir a vossa ajuda! Há uma personalidade importante da Green Storm escondida a bordo de um dirigível na doca aérea, e preciso da ajuda de alguns fiéis Tracionistas para a prender!

— Ah, ah, ah, ah! — fazia um dos homens, rindo-se de uma piada pessoal. Os restantes esforçavam-se por seguir o que Pennyroyal dizia. Um ou dois levaram a mão à espada. — Uma Musguenta? Aqui?

— A própria Senhora Naga! Tenho andado a trabalhar clandestinamente para descobrir o seu paradeiro. Tudo o que leram nos jornais foi apenas um estratagema, para o inimigo pensar que caí

em desgraça. Na verdade, estive sempre a trabalhar para a *Murnauer Gebeimdeinst*.

Os homens olharam para ele sem perceber. Nenhum deles conhecia o nome alemão dos serviços secretos de Murnau. Pennyroyal amaldiçoou a ignorância dos jovens (mas apenas para si) e sacou do bolso o velho envelope no qual anotara os detalhes do *Humbug* que tirara do quadro das chegadas no Mercado Flutuante. Semicerrou os olhos para decifrar a sua caligrafia complicada durante um momento e depois brandiu o envelope como uma bandeira de guerra.

— Venham, cavalheiros! — exclamou. — Acompanhem-me à Plataforma 13, e à nossa glória!

Um rosto pisado; um emaranhado de cabelo oleoso, um corpo magro tremendo dentro de um vestido de serapilheira. Hester ficou espantada com a vaga de compaixão que sentiu ao ver a Senhora Naga descer lentamente a escada do *Humbug*. *É pouco mais velha do que a Wren*, pensou, e por um instante quis precipitar-se para a frente e abraçar a pobre criatura assustada e consolá-la e dizer-lhe que já estava fora de perigo.

Mas não estava fora de perigo, ainda não; e, de qualquer maneira, não teria desejado ser abraçada; parecia ter tanto medo de Hester como tinha de Varley. Quando este a empurrou para a frente e disse: «Esta senhora simpática veio comprar-te», ela recuou e soltou um gemido como um animal assustado. Hester, de casaco e véu pretos, parecia a Deusa da Morte.

— É a Senhora Naga? — perguntou ela.

— Oenone — respondeu a jovem, pestanejando com medo. Tinha os óculos colados com adesivo e uma das lentes estava rachada.

— Claro que é a Senhora Naga — bufou Varley. — Olhe para o anel de sinete, e aquele penduricalho zagwano. As joias são extras, a propósito. Agora pode ir buscar o resto do meu dinheiro.

Hester acenou com a cabeça e olhou para trás dele, avaliando a distância entre si e o homem com a espingarda de dardos à entrada da antepara. Voltou-se de costas para a parede, procurando lentamente a faca dentro do casaco, e viu pelo canto do olho o bebé estender uma mão para a pilha de sacos de moedas na mesa de

Varley.

O que aconteceu desenrolou-se muito devagar, mas não o suficiente para que ela tivesse tempo de o impedir. A mão gorda da criança agarrou no saco; o saco caiu; o saco abriu-se. Pelo convés, aos pés de Varley, espalhou-se uma profusão de porcas e anilhas. Varley, percebendo que fora enganado, soltou um grito. Hester sacou da faca e lançou-a por baixo do braço ao homem que estava à porta, atingindo-o no pescoço. A espingarda de dardos disparou quando ele caiu, e o dardo passou por cima da cabeça de Hester e bateu na antepara. A Senhora Varley estava a gritar. O bebé berrava. Hester sentiu um golpe súbito e entontecedor no topo da cabeça. Um raio de luz púrpura atravessou-lhe o crânio. Ela praguejou e tentou voltar-se, confusa, pensando que alguém se metera atrás dela. Começaram a chover coisas à sua volta, batendo-lhe nos ombros, estatelando-se no convés. Ela caiu de joelhos no meio delas e viu que eram livros. A espingarda de dardos do homem morto soltara uma das prateleiras caseiras de Varley da parede, e a tábua atingira Hester. Era um ferimento meio estúpido, mas não menos grave. Os livros pareciam rodopiar à volta dela. *Negócios Arriscados para Principiantes. Investir em Pessoas. Como Fazer Fortuna nas Estradas dos Pássaros — e Sobreviver para a Gastar!* Ela tinha a certeza de que ia desmaiar.

Varley tinha um braço à volta do pescoço de Oenone.

— Venham, rapazes! — gritou. — Apanhem-na! Apanhem-na! — Hester lembrou-se dos homens lá fora. Semicerrando os olhos por causa da dor na cabeça, tentou levantar-se. A barquinha abanou com os passos dos homens que subiam da plataforma de atracação para bordo. Hester meteu a mão no bolso e sacou da pistola, alvejando-os quando eles entraram de rompante na cabina. A pistola de gás emitia sopros baixos que, esperava ela, não se ouviriam lá fora na High Street. Os homens caíram em cima do corpo do colega, mas um continuou a debater-se, e ela atirou nele de novo. Sentiu o sangue escorrer-lhe pela cara. Virou a pistola para Varley, mas desmaiou antes de conseguir puxar o gatilho.

Quando voltou a acordar, o mercador tentava arrancar-lhe a pistola. Ele tinha um sorriso estúpido e demente na cara e as narinas dilatavam-se. Arrancou o véu de Hester e o seu sorriso tornou-se ainda mais largo, como se a fealdade dela fosse para ele uma espécie de triunfo. Cuspiu-lhe na cara

— Bem — disse, pondo a pistola de lado (algo perigoso para usar a bordo do seu próprio dirigível) e tirando uma faca do cinto.
— Ninguém vai sentir a tua falta.

Pareceu surpreendido quando a sua mulher pegou na pistola e disparou contra ele. Levou um momento a perceber que fora assassinado. Perdendo lentamente o sorriso, caiu de joelhos ao lado de Hester, baixou a cabeça e ficou-se, ajoelhado, morto.

— Oh, meu Deus — murmurou Oenone.

A Senhora Varley baixou a pistola. Tremia. O bebé não parava de gritar. Oenone atravessou a cabina e ajudou Hester a levantar-se.

— É melhor irem agora — advertiu a Senhora Varley. Tirou uma fralda de uma das cordas e começou a guardar o ouro nela.

Hester tocou no ponto quente e latejante onde a prateleira a atingira e ficou com a mão molhada e vermelha. Sentia-se tonta. Agarrou-se a Oenone e disse:

— Viemos salvá-la. Eu e o Shrike.

— O Senhor Shrike? Ele está aqui?

— E o Theo também. Temos um dirigível à espera. — Com a ajuda de Oenone, ela começou a coxear para a escotilha de saída, que lhe pareceu subitamente a quilómetros de distância. — Deuses, como dói — resmungou. Conseguiram chegar ao topo da prancha de desembarque. Na plataforma de atracação, um homem esperava-as. Estava sozinho. Provavelmente ouvira aquele último tiro. O vento abriu-lhe o comprido sobretudo azul e o luar fez brilhar o punho do pesado sabre que ele trazia à cintura.

Hester gemeu, agoniada e cansada. Já não tinha forças para lutar com ele.

— Senhora Naga? — perguntou o estranho. — Estou a ver que cheguei mesmo a tempo.

Oenone encostou-se a Hester quando o estranho se dirigiu para ela, colocando uma bota na prancha de desembarque. À luz fraca da escotilha do *Humbug*, o seu rosto parecia austero, mas não hostil. Ele estendeu uma mão.

— Sou o Kriegsmarshal von Kobold. Tem de vir comigo para Murnau. Depressa, por favor.

Hester agarrou-se ao corrimão da prancha de desembarque e lançou-lhe um olhar feroz.

— Primeiro terá de passar por cima do meu cadáver.

Kobold fitou-a, respeitosamente. O rosto dilacerado não o assustou, nem o sangue que cobria o cabelo dela e lhe caía do queixo. Ele fez-lhe uma pequena vénia.

— Perdoe-me, jovem, mas isso não me parece um grande desafio. Presumo que seja agente da Storm, e que tenha vindo libertar a vossa imperatriz? Mas mesmo que não estivesse ferida, nunca a conseguiria tirar daqui. Há uma dúzia de cidades entre este lugar e o vosso território, e nem todos os líderes citadinos são tão compreensivos como eu. Venham comigo para Murnau e arranjurei maneira de vos fazer chegar ao General Naga.

Uma explosão de ruído na doca aérea fê-lo voltar-se. Havia alguém a gritar; silhuetas passando a correr pelas janelas iluminadas de um salão de jogos *Ker-Plunk*.

— Temos de confiar nele — murmurou Oenone, e ajudou Hester a descer a prancha de desembarque. Mas quando alcançaram Von Kobold já era demasiado tarde; as placas do convés vibravam com o estampido de botas. Pela plataforma, corriam em direção a eles seis homens de casacos vermelhos e de espada em punho e, por trás, incitando-os, a figura roliça e saltitante de Nimrod Pennyroyal.

— Lá estão eles! — gritou Pennyroyal. — Estão a fugir! Detenham-nos!

— Quem são vocês? — bradou Kriegsmarshal von Kobold, com voz de militar que fez parar os homens de repente. Na High Street, os transeuntes começavam a reunir-se num palanque de observação para ver o que se passava na Plataforma 13.

— Somos oficiais da Guarda Civil de Manchester — respondeu o mais alto e mais sóbrio dos recém-chegados. — Fomos informados de que uma Musguenta perigosa está escondida a bordo deste dirigível...

— Caraças! — exclamou um dos camaradas, apontando. — É ela! A mulher do Naga, tal como disse o velho!

— O quê, naquela vestimenta? — perguntou outro.

— É ela. Vi a fotografia dela no *Evening News*. Caraças!

— A senhora está presa! — declarou o líder, dirigindo-se a passos largos para Oenone.

— Alto aí! — berrou Von Kobold, brandindo o sabre. — A se-

nhora é minha prisioneira, e não vou entregá-la ao arruaceiro do vosso Presidente da Câmara.

— Ora, ora, espere aí! — exclamou Pennyroyal, que não queria que uma briga entre Murnau e Manchester estragasse a sua oportunidade de conseguir umas boas manchetes. Mas antes que pudesse continuar, a luz de um *flash* ofuscou-o. Um homem baixo em traje de cerimónia entrou na plataforma, que estava cada vez mais cheia. Havia uma rapariga atrás dele, tentando colocar outra lâmpada de *flash* no topo da máquina fotográfica.

— Senhor Pennyroyal! — chamou o recém-chegado, num tom agradável. — Sampford Spiney, d'O Espéculo. Andei à sua procura por toda a parte. Tem algum recado para os seus muitos fãs desiludidos? — A voz dele era afável e ligeiramente afetada; esmoreceu quando viu os oficiais de Manchester de espada em punho, Von Kobold com o sabre, Oenone apoiando Hester, que se dobrara sobre os joelhos na base da prancha de desembarque do *Humbug*. — Bem! — murmurou, animado. — O que vem a ser tudo isto?

Mas o líder dos milicianos estava farto de conversa. Levantou a espada e tentou passar por Von Kobold. Kriegsmarshal barrou-lhe o caminho e saltaram faíscas quando as suas espadas se cruzaram, transgredindo as severas leis de prevenção de fogos de Airhaven. Na High Street, as pessoas começaram a gritar. O espadachim de Manchester também gritou, afastando-se aos tropeções com sangue a escorrer-lhe do braço. Von Kobold voltou-se para enfrentar os outros.

— Defendam-se! — berrou, mas a maioria começou a recuar, com medo daquele velho e feroz soldado que parecia disposto a lutar com cinco deles ao mesmo tempo. Apenas um se manteve firme. Era um jovem gorducho de faces rosadas. Além da espada regular, trazia um revólver. Apontou-o a Von Kobold e disparou duas vezes.

Theo, esperando a bordo do *Shadow Aspect*, ouviu os tiros. Vinham da direção da Plataforma 13. Correu para a escotilha. Tentou convencer-se de que aqueles ruídos não tinham sido tiros, mas em vão.

Um sino de alarme começou a tocar. Theo saltou para a plataforma de atracação e desatou a correr para a doca aérea. Um

pelotão de homens nos uniformes azul-celestes de Airhaven descia uma escadaria da High Street, de bestas prontas a disparar. Um dirigível vermelho de combate a fogos levantava voo de uma plataforma perto da Câmara Municipal, pronto para apontar as mangueiras a qualquer fogo que deflagra-se.

Parado entre o *Shadow Aspect* e a doca aérea, Theo não sabia o que fazer. Como poderia ajudar?

Um grito apavorado chegou-lhe aos ouvidos, trazido pelo vento. Outro. Mais tiros. Ele voltou-se e começou a correr para o *Shadow*.

Quando Kriegsmarshal von Kobold caiu, o homem que disparara contra ele precipitou-se para a frente, tentando agarrar a Senhora Naga. Hester levantou-se para o enfrentar e subitamente, apesar de ela não lhe ter feito nada senão fitá-lo, ele deixou cair o revólver e gritou:

— Aaah! — Olhando para baixo, Hester viu as lâminas afiadas que tinham atravessado o convés. Eram cinco, e duas tinham rasgado a bota do miliciano, perfurando-lhe o pé. Ele voltou a gritar, libertando-se bruscamente, e as lâminas recolheram-se, deixando buracos irregulares.

— Apanha isto, Menina Kropotkin! — ordenava Spiney à fotografa.

A placa do convés elevou-se. Um punho blindado furou o cais por baixo; as garras alargaram o buraco, e Shrike trepou. Encheu-se de luz quando outro *flash* disparou, prateando a sua armadura, as pontas das suas garras e o seu terrível sorriso de metal.

— Caçador! — berrou o homem do revólver, tentando fugir aos saltinhos. Shrike pegou nele e atirou-o pela borda da plataforma; o homem esbracejou e esperneou no ar durante uns instantes e depois caiu com um grito horrível até começar a ressaltar na rede protetora. Shrike lançou outro miliciano; os restantes voltaram-se para fugir, e colidiram com o primeiro pelotão da milícia de Airhaven que chegava da High Street.

Hester voltou a desmaiar e caiu no chão duro do cais, acordando segundos depois, quando o dirigível dos bombeiros de Airhaven apareceu por cima deles, encharcando toda a gente com água gelada. Parecia haver a convicção generalizada de que pelotões inteiros de Caçadores tinham sido desembarcados na Plataforma 13.

Ouviam-se dezenas de sinos de alarme a tocar, produzindo dissonâncias horríveis. Na ponta da plataforma, os homens de Manchester lutavam com os milicianos de Airhaven, que julgaram que os primeiros eram invasores da Green Storm disfarçados.

— Não, não, não! — gritava Pennyroyal. Por baixo da plataforma, os homens que Shrike lançara borda fora trepavam pela rede protetora para o cais vizinho, onde aviadores de um paquete florentino se inclinavam para os içar.

Por baixo disso, sobre a camada de nuvens, a forma escura e arredondada de um dirigível subia na direção do cais.

— O *Jenny Haniver* — disse Hester, vendo-o através dos buracos na placa do convés. Depois percebeu que não podia ser; não era o Tom que vinha salvá-la desta vez, mas Theo, no *Shadow Aspect*.

Shrike também o vira; ou ouvira o rumor dos motores. Meteu Oenone por baixo do braço, como se ela fosse um embrulho. Depois voltou-se para pegar em Hester, mas esta arrastava-se em direção a Von Kobold.

Na confusão ao fundo da plataforma, um dos milicianos de Manchester berrava:

— Foi o Pennyroyal! O Pennyroyal atraiu-nos para aqui! Para as garras dos Caçadores da Storm!

— Não é verdade! — gritou Pennyroyal, saltando para trás quando um soldado de Airhaven se voltou para o agarrar. — Eu sou a vítima aqui! E o meu dinheiro?

O *Shadow Aspect* emergiu como uma baleia na extremidade da Plataforma 13. Hester viu Theo no interior da barquinha quando voltou Von Kobold ao contrário. O revólver do miliciano gordo abriu dois buracos pretos no peito do casaco de Von Kobold.

Mas este estava apenas atordoado. Por baixo do casaco, ela viu o brilho mate do colete de Tecnologia Antiga. Ele levantou uma mão para lhe tocar na cara.

— Eles produzem gente corajosa nas terras da Green Storm — murmurou.

— Não sou... — começou Hester, mas não havia tempo para explicar.

— Diga ao Naga que nem todos nós queremos esta guerra — disse Von Kobold a Hester. Depois desmaiou, e Shrike pegou nela e

correu para o *Shadow* com as setas das bestas de Airhaven matraqueando nas suas costas blindadas.

Pennyroyal escapuliu-se da confusão de homens na ponta da plataforma e esbarrou em Spiney. O jornalista estivera a orientar a Menina Kropotkin enquanto ela tirava as fotografias que iriam aparecer na primeira página dos jornais do dia seguinte por baixo do cabeçalho, *Homens de Manchester lutam com valentia contra atacantes da Storm!* Ele precipitou-se para Pennyroyal com um sorriso manhoso.

— Qual é então o seu envolvimento nisto tudo, Nimrod? Há quanto tempo trabalha para a Green Storm?

Pennyroyal empurrou-o para o lado. Um dirigível fazia manobras para sair da plataforma com um rugido ensurdecedor de motores, e ele sentiu um receio súbito e terrível de que fosse o *Humbug*, partindo com o seu ouro ainda a bordo.

— E o meu dinheiro? — gritou.

— Quanto lhe pagaram, Pennyroyal? — perguntou Spiney, voltando a cruzar-se-lhe no caminho e acenando à Menina Kropotkin para trazer a máquina fotográfica.

Pennyroyal soltou um débil rugido de raiva e empurrou Spiney bruscamente com as mãos. Spiney ripostou batendo na cara de Pennyroyal e agarrando-o pelo colarinho. Havia tanta confusão na Plataforma 13 que ninguém viu os dois escritores tropeçar pelo cais e cair borda fora. Os seus gritos harmonizaram-se durante um breve instante após a queda.

No convés de voo do *Shadow*, Theo colocou todos os motores em potência máxima, preparando-se para lançar o dirigível para o céu aberto além da sombra de Airhaven, mas quando ia puxar as alavancas de direção uma mão de aço prendeu-lhe o punho.

— HÁ DUAS BATERIAS DE ARPÕES ANTIAÉREOS NA HIGH STREET DE AIRHAVEN — anunciou o Caçador Shrike. — ASSIM QUE SAIRMOS DO SEU ESPAÇO AÉREO ELES VÃO ABRIR FOGO.

— Mas não podemos ficar aqui! — gritou Theo, acenando com as mãos para as janelas. O vidro já estava marcado com bocados de uma dúzia de setas de besta, se bem que ainda ninguém se atrevera a disparar algo mais perigoso, temendo provocar uma chama que pudesse consumir Airhaven inteira.

— DESCE — ordenou Shrike. — MERGULHA NAS NUVENS, ELAS
PODEM ESCONDER-NOS.

Theo assentiu, furioso consigo por não ter pensado nisso antes. Um momento depois, o *Shadow* voltou as capotas dos motores para cima e mergulhou nas ondas brancas por baixo de Airhaven.

«Aaaaaaaaah!», gritaram Pennyroyal e Spiney, e depois, «Oh!» quando a rede protetora por baixo da Plataforma 13 os apanhou ile-sos. Ressaltaram juntos, como se tivessem caído na cama de rede de um gigante.

— Grande Poskitt! — choramingou Pennyroyal, afastando o jornalista com um empurrão e tentando pôr-se de pé. Esquecera-se da existência da rede até sentir a malha grossa interromper a sua queda! — Julgava que tínhamos ido desta para melhor! — exclamou, arfando.

— Pois já estive melhor, Nimrod! — gozou Sampford Spiney. Ele sentira tanto medo como Pennyroyal, mas não ia mostrá-lo. — Associação com a Storm; participação em rixa; cúmplice na tentativa de assassinio de um Kriegsmarshal... a propósito, aquela fulana na Plataforma era mesmo a mulher do Naga? Era o que os seus amigos de Manchester estavam a dizer... — Animado com a ideia de todos os surpreendentes relatórios que em breve iria enviar, o jornalista começou a saltitar alegremente sobre a rede.

— Pare de fazer isso, meu velho — implorou Pennyroyal. — Está a pôr-me tonto...

— Não tão tonto como ficará quando ler a próxima edição d'O Espéculo, — Spiney riu-se, saltando ainda mais. Começaram a sair ruídos estranhos da rede; pequenos rangidos e vibrações metálicas.

— Spiney, acho mesmo que devia parar! Esta rede parece velha, e já suportou o peso de um par de milicianos gordos esta noite...

Com um ruído parecido ao toque de cordas de harpa, os parafusos que prendiam uma ponta da rede à parte inferior da Plataforma 14 começaram a soltar-se. Spiney parou de saltar, e soltou um ganido abafado.

— Socorro! — gritou Pennyroyal, o mais alto que pôde, mas, apesar de a Plataforma 13 estar apinhada de pessoas, a única que o ouviu foi a fotografa de Spiney, a Menina Kropotkin. O seu rosto

surgiu por cima da borda da plataforma. Ela estendeu uma mão para os homens encalhados, mas não os alcançou. Pennyroyal começou a tentar trepar a rede inclinada em direção a ela, mas conseguiu apenas soltar mais alguns parafusos daquele lado. — Oh, Poskitt!

— Menina Kropotkin! — gritou Spiney. — Vá buscar ajuda! Imediatamente, senão vou pô-la a fotografar exposições caninas e *cocktails* para o resto da sua inútil...

E com uma presença de espírito que lhe asseguraria nunca mais ter de fotografar outra exposição canina na vida, a Menina Kropotkin levantou a máquina quando a rede cedeu e tirou a fotografia que apareceria na primeira página da edição seguinte d'O Espéculo por baixo do cabeçalho: *Terrível Mergulho para a Morte em Airhaven*.

Capítulo 28

Os Pássaros Da Storm

Quando o *Shadow Aspect* mergulhou nas nuvens, Shrike dirigiu-se para a popa da barquinha. Na cabina separada com cortinas, Oenone debruçava-se sobre Hester, usando os dedos para tentar estancar o sangue que derramava da ferida no cimo da sua cabeça. Ela levantou os olhos para Shrike.

— Há algum armário de medicamentos aqui? Ou uma caixa de primeiros-socorros?

Shrike fitava o rosto cinzento e abalado de Hester. *Deixe-a morrer, queria dizer a Oenone, depois use a sua perícia para a Ressuscitar No lugar daquele rosto marcado e arruinado coloque-lhe uma máscara de aço, mais perfeita do que a da Caçadora Fang. No lugar do seu corpo frágil construa-lhe um corpo tão forte como o meu.* Ela iria esquecer-se da sua vida, mas Shrike tinha a certeza de que o espírito sobreviveria. Nos milénios que teriam juntos, ele ajudá-la-ia a recuperá-lo. A sua filha imortal.

— Primeiros-socorros! — gritou Oenone. — Depressa, Senhor Shrike!

Shrike voltou-se e encontrou a caixa de primeiros-socorros do *Shadow* no cacifo por cima do beliche. Quando a entregava a Oenone, um pancada sacudiu o dirigível. Ele voltou rapidamente para o convés de voo. Theo estava agarrado aos comandos, olhando pelas janelas molhadas.

— ESTAMOS A SER ATACADOS — disse Shrike.

— O quê?! — O rapaz voltou-se para ele, com os olhos esbugalhados e muito brancos no rosto escuro.

— FOMOS ATINGIDOS. UM PROJÉTEL...

Theo voltou-se de novo para a janela. — Não consigo ver outro dirigível. Não vejo nada. Esta nuvem...

E então o *Shadow Aspect* desceu das nuvens e eles viram os flancos de várias cidades erguendo-se à sua volta, e o céu entre elas cheio de luzes de navegação de dezenas de dirigíveis. Chovia, e os pingos salpicavam as janelas e transformavam tudo num

caleidoscópio de pontos brilhantes, mas Shrike percebeu pelas suas trajetórias que os outros dirigíveis não estavam a perseguir o *Shadow Aspect*. Não eram naves militares, mas cargueiros e paquetes, rumando a ocidente.

— MURNAU ESTÁ A EVACUAR MULHERES E CRIANÇAS — informou Shrike.

— A preparar-se para a guerra... — murmurou Theo, e depois, lembrando-se da sua situação, perguntou: — E nós?

— A NOTÍCIA DA NOSSA FUGA TALVEZ AINDA NÃO TENHA CHEGADO ÀS OUTRAS CIDADES.

— Bem, não deve demorar muito — aventou Theo. Parecia-lhe inútil virar o *Shadow* para oriente, pois não acreditava que agora pudessem escapar da aglomeração de Murnau. Mesmo assim, virou-o, espreitando através da chuva quando o dirigível entrou num desfiladeiro profundo cujas paredes eram os flancos gigantescos de Manchester e Traktionbad Braunschweig. Conduziu o *Shadow* a baixa altitude, vendo as rodas altas das cidades passar ao lado da barquinha. Outros dirigíveis atravessavam o desfiladeiro mais acima, a maioria rumando a ocidente. Em frente, além de uma extensão de quilómetros de lama cheia de pequenos subúrbios de aspeto feroz, esperava Murnau. A grande metrópole de guerra tinha fechado a couraça. Theo começou a orientar o *Shadow Aspect* em torno do flanco norte de Murnau, ainda ao nível das rodas. Os comandos do leme de direção pareciam-lhe emperrados. — Acho que os lemes de direção estão danificados — queixou-se, puxando as alavancas com irritação.

Lembrando-se da pancada que sentira quando o dirigível se afastava de Airhaven, Shrike foi de novo à popa. Hester estava consciente, gemendo enquanto Oenone lhe limpava a ferida.

— Tom! Oh, Tom! — Shrike sentiu um cheiro forte a álcool. Subiu a escada, baixando-se ao sair para o passadiço axial que se estendia pelo centro do balão. Do lado da popa havia uma pequena escotilha, construída para mortais e quase demasiado pequena para ele fazer passar o seu corpo de Caçador. Lá fora, as hélices posteriores do *Shadow*, molhadas pela chuva, brilhavam prateadas à luz das janelas dos fortes da orla de Murnau. Segurando-se aos cabos, Shrike dirigiu-se para o leme lateral. Na parte traseira do leme havia qualquer coisa entalada entre os cabos dos comandos. No

meio do roncar dos motores e do martelar da chuva na curva do balão por cima dele, Shrike detetou outro ruído, um tinido cadenciado. Seria alguma arma nova? Largou um dos cabos e abriu as garras.

O vulto entre os cabos dos comandos mexeu-se subitamente, reagindo ao lampejo molhado das lâminas. Um rosto branco e assustado olhava de boca aberta para Shrike.

— Grande Poskitt! — gemeu.

Shrike percebeu o que acontecera. Aquele mortal devia ter caído de Airhaven quando o *Shadow Aspect* ia a sair. Ele recolheu as garras e estendeu a mão para o arrastar para lugar seguro, mas o mortal não percebeu; aterrorizado, largou os cabos e começou de novo a cair, gritando ao voltar-se para o céu. Shrike atirou-se para a frente e agarrou-o pela gola do casaco, voltando-o e puxando-o de novo para cima do leme. O *Shadow Aspect* inclinou-se e roncou quando Shrike puxou o homem pelas bordas móveis e começou a arrastá-lo ao longo do leme para a escotilha aberta.

O movimento súbito e vacilante do dirigível atraiu a atenção de vigias nos fortes de Murnau. Quando Shrike e o seu fardo molhado e quase inconsciente chegaram ao convés de voo, as canhoneiras dos fortes desataram a piscar. Pareceu-lhes muito bonito, até que as primeiras balas começaram a furar a barquinha. As janelas estilhaçaram-se, e os manómetros vacilaram quando os cilindros de gás foram atingidos. Os motores uivaram, continuando a impulsionar o dirigível para leste, passando por mandíbulas gigantes e atravessando extensões de lama fustigada pela chuva e pelas granadas. Os tiros cessaram. Theo espreitou pelo periscópio. À popa, três pontos de luz saíam da imensa metrópole blindada; três vultos pretos como morcegos crescendo sob o manto de nuvens cinzentas.

Lá bem no alto, Orla Twombly limpou a chuva dos óculos protetores e voltou a sua máquina voadora, *O Marsupial de Combate*, para um voo picado que a aproximaria da cauda do *Shadow*. Atrás dela, o ornitóptero *Zip Gun Boogie* e um triplano acionado por foguetões chamado *Não Quero mais Ovos Mexidos* fizeram o mesmo, com as asas cortando o ar húmido como lâminas.

Theo gritou de medo e frustração. Sabia que o seu dirigível vagaroso e danificado não era capaz de escapar aos Furões Voadores. Viu Shrike voltar-se para ele e pensou que o Caçador ia avisá-lo de que as máquinas se aproximavam.

— Eu sei! — gritou.

Mas Shrike disse:

— HÁ PÁSSAROS-CAÇADORES EM FRENTE.

— O quê?! — Theo tentou espreitar através dos pingos de chuva na janela dianteira, mas viu apenas escuridão e o seu reflexo aterrorizado. Depois, um foguetão de uma das máquinas que os perseguiam passou disparado pela barquinha e explodiu à sua frente, e ele percebeu que a escuridão era constituída sobretudo por asas. Pelos céus vazios da terra de ninguém, da direção das linhas da Green Storm, um bando imenso de pássaros Ressuscitados voava na sua direção.

— Céus! — exclamou Theo, e bateu nas alavancas de direção, tentando em vão fazer virar o dirigível, porque preferia os foguetões a enfrentar as garras e os bicos das aves de rapina da Storm. Mas os comandos do leme de direção do *Shadow* tinham sido atingidos; a nave respondeu lentamente, e muito antes de conseguir virar o céu do outro lado das janelas da barquinha encheu-se com as asas esvoaçantes e os olhos verdes dos pássaros mortos.

Atrás deles, fustigada pelo vento e encharcada na carlinga aberta do *Marsupial de Combate*, Orla Twombly viu a nuvem de asas. Praguejando inventivamente, virou de forma brusca a sua máquina e fez sinal aos companheiros para fazerem o mesmo. Já perdera gente suficiente para os pássaros Caçadores na *Cloud 9*; nada a levaria a enfrentar um bando daquele tamanho. Verificou se os seus homens estavam com ela, depois voltou para os fortes de Manchester, enquanto a multidão de pássaros, como os dedos de um deus sombrio, cercava o *Shadow Aspect*.

No convés de voo, Theo esperou que os bicos e as garras comessem a rasgar as paredes finas. Mas, apesar do rumor dos motores do *Shadow*, ele ouvia o bater das asas, o esvoaçar de penas, quando os pássaros se voltaram, acompanhando o rumo e a velocidade do pequeno dirigível.

— Não vieram para nos atacar — disse Oenone, baixinho, colocando-se atrás de Theo e tocando-lhe no ombro. — Acho que são uma escolta...

Theo inclinou-se para a frente, olhando além do bojo do balão. O dirigível danificado voava dentro de uma escura nebulosa de asas, onde os olhos de centenas de pássaros brilhavam como estrelas verdes. Os pássaros eram enormes; papagaios, condores, águias e abutres ressuscitados. Quando os cilindros de gás esburacados do *Shadow* ficaram vazios, centenas de pássaros agarraram na armação do dirigível e levantaram-no, transportando-o para leste sobre os trilhos de lagartas e crateras de granadas da terra de ninguém.

Por uma das janelas de estibordo estilhaçadas entrou um pássaro mais pequeno. Tinha sido um corvo em vida. Empoleirou-se no cabo de uma alavanca de comando e voltou a cabeça, com os olhos verdes a zumbir, para se concentrar em Theo. Abriu o bico, e a voz indistinta e crepitante de um remoto comandante da Green Storm saiu do minúsculo transmissor dentro do seu corpo. Falava num código de guerra que Theo não reconheceu, mas que Oenone conhecia. Ela respondeu na mesma língua áspera e o corvo abriu as asas, passou a voar por ela e saiu pela janela.

Oenone olhou para Theo.

— Um dos postos de observação avançados da Storm viu-nos ser atacados. Presumiram que fôssemos agentes seus. Contei-lhes a verdade; que sou a Senhora Naga, regressando a casa. O pássaro deu-me as coordenadas do aeródromo onde querem que aterremos.

Theo ouviu os números que ela lhe ditou, mas mal precisou de alterar o rumo; os pássaros já conduziam o *Shadow Aspect* na direção certa. Ele deixou-se cair na cadeira e olhou para Shrike. Estava demasiado abalado pelo choque para sentir grande surpresa quando viu que o homem encharcado e choroso que o Caçador agarrava era Nimrod Pennyroyal.

— Que faz *ele* aqui? — perguntou.

— Foi um acidente! — exclamou Pennyroyal, receoso, como se achasse que estava prestes a ser acusado de entrar clandestinamente a bordo do *Shadow Aspect*. — Caí. Eu e o Spiney... caímos de Airhaven e ficámos presos no vosso leme traseiro. Bem, eu fiquei. O Spiney continuou a cair, o coitado. Mas é bem feito! — A ideia da morte do

inimigo pareceu reanimá-lo um pouco, mas apenas por um instante; os seus olhos desviaram-se de Theo e concentraram-se no tumulto de pássaros lá fora. — Ngoni, sou prisioneiro?

— Penso que somos todos prisioneiros, professor.

— Mas vocês são da Green Storm; eles não vos vão fazer mal! Eu fui Presidente da Câmara de Brighton. Vais dizer-lhes, não vais, que no íntimo fui sempre um Antitracionista? Só aceitei um cargo público para poder subverter o sistema por dentro. E tratava bem os Musgientos capturados, não tratava? Podes responder por mim; tiveste uma vida fácil na *Cloud 9*... três boas refeições por dia, e nunca tiveste de carregar nada mais pesado do que um guarda-sol.

— Eu posso dizer-lhes para o tratarem bem — respondeu Oenone.

— Pode? Obrigado!

— Mas não sei se me darão ouvidos. A questão é saber se as unidades que controlam estes pássaros são leais ou se me querem ver morta.

— Oh, Poskitt!

Oenone apertou o ombro de Theo e disse:

— Tenho de ir ver a tua amiga.

— Como está ela? — perguntou Theo, envergonhado por perceber que se esquecera de Hester.

Oenone olhou-o com ar sério.

— Vai ficar bem? — insistiu ele.

— Espero que sim. Ela tem uma lesão grave na cabeça. Farei tudo o que puder. Quem é o Tom? Ela está sempre a perguntar por ele.

— É o marido. O Tom Natsworthy. Pai da Wren.

Oenone acenou gravemente com a cabeça e voltou para a popa. Shrike deixou cair Pennyroyal no convés e foi atrás dela. Sozinho com o velhote, Theo pôs-se a pensar se deveria amarrá-lo ou trancá-lo no quarto de banho ou coisa parecida. Mas Pennyroyal parecia demasiado trémulo e encharcado para tentar alguma coisa, e o bando de pássaros Caçadores do outro lado da janela bastava com certeza para o manter no lugar. Theo recostou-se na cadeira, lambendo o sangue que lhe escorrera para o canto da boca de um

pequeno corte na testa. Pensou em Zagwa e na família, e perguntou-se se alguma vez os voltaria a ver. Acontecesse o que acontecesse quando eles aterrasssem, tinha de tentar enviar-lhes notícias.

— Uma carta para ti — disse Pennyroyal, com um ar bastante acanhado.

Theo voltou-se. Pennyroyal estendia-lhe um envelope sujo e amarrotado.

— Ela deixou-a comigo para eu ta enviar, mas esqueci-me, confesso. Encontrei-a no bolso do sobretudo quando procurava um bocado de papel para anotar o número do atracadouro do *Humbug*. Achei que devia entregar-ta. Mais vale tarde do que nunca, hem?!

Theo virou o envelope ao contrário e reconheceu a letra cuidadosa de Wren. Abriu-o e tirou a carta, bufando de frustração quando o papel húmido se rasgou. A fotografia dela sorria para ele; a mesma que ele vira no jornal; aquele rosto comprido e inteligente, não tão belo como ele o recordava, mas verdadeiro, e encantador. Abriu a carta na mesa dos comandos e tentou lê-la. A chuva manchara e deformara as letras e apenas algumas frases eram legíveis. *Estou prestes a iniciar uma viagem... prover-nos de mantimentos... nem sequer sabia que Londres tinha deixado ruínas, mas...* Algumas linhas mais à frente uma palavra que podia ter sido *sobreviventes*. Depois, no fim da página: *Procura-me em Londres*.

— Londres? — murmurou ele. Tentou não exclamar, mas não conseguiu evitá-lo. — Ela foi para Londres?

— O quê?! — perguntou Pennyroyal, surpreendido. — Não, não; leste mal; eles foram fazer um trabalho para o Wolf Kobold, o filho do Kriegsmarshal. Londres? Ninguém vai para Londres: é uma ruína; assombrada...

Havia apenas mais uma linha que Theo conseguia ler: *Com amor, Wren*.

A cabina cheirava fortemente a sangue e a óleos antissépticos. Hester estava deitada com a cabeça inclinada para trás e tinha o rosto mais branco do que a almofada na qual descansava. Observando-a, Shrike esperava que ela morresse sem acordar. Quando fosse uma Caçadora, ele não teria de se preocupar tanto. Os mortais eram tão frágeis; tão descartáveis. Amar uma mortal era uma agonia.

Oenone ajoelhou-se para medir o pulso da paciente, depois olhou para Shrike. No caos da luta na Plataforma 13 e da fuga de Airhaven não tivera tempo para lhe dizer: «Senhor Shrike! Que faz aqui?» ou «Senhor Shrike, que prazer voltar a vê-lo!» e agora era tarde demais. Então perguntou:

— Ela é a Hester Shaw, não é?

— SABE DELA?

— Claro. Estudei o seu passado antes de o voltar a acordar.

Shrike sentiu o dirigível descer. Aproximou-se de uma vigia e olhou para fora. Através da escuridão das asas dos pássaros, vislumbrou longos fios de luz cintilando na terra em frente; lanternas e tochas na linha da frente da Green Storm. Armadilhas para cidades e refletores acústicos de betão erguiam-se da lama como pedras tumulares. Sabendo que talvez não houvesse tempo para uma conversa depois de aterram, ele falou para o reflexo de Oenone no vidro.

— PORQUE ME DEIXOU ASSIM?

— Assim como? — perguntou Oenone, sentindo-se culpada.

— Não voltou a ter as suas recordações? Não apaguei nada; depois de destruir a Caçadora Fang, quis que tornasse a ser o mesmo...

— NÃO CONSIGO LUTAR — queixou-se Shrike. Virou-se para a encarar, sentindo as garras estremecer dentro das mãos de aço. Uma centelha da velha fúria de Caçador acendeu-se algures dentro dele, como uma brasa chamejando numa lareira fria. Queria matá-la pelo que ela lhe fizera, mas isso impedia-o de a matar. — TORNOU-ME FRACO — explicou. — OS FANTASMAS DE TODOS OS MORTAIS QUE

MATEI ANTES PAIRAM NA MINHA CABEÇA COMO LENÇÓIS MOLHADOS. ODEIO AS COISAS QUE FIZ. PORQUE ME FEZ SENTIR ASSIM?

Oenone aproximou-se dele e tocou-lhe na armadura.

— Não fui eu que fiz isso. Nem saberia como o fazer. Esses sentimentos vêm de dentro de si.

— QUANDO O MORTAL NATSWORTHY ME MATOU, NA ILHA NEGRA, LEMBREI-ME DE COISAS. ELAS DESAPARECERAM ASSIM QUE ME CONSERTOU, MAS ACHO QUE ERAM RECORDAÇÕES DO

TEMPO ANTES DE SER CAÇADOR; QUANDO ESTAVA VIVO, COMO VOCÊ... SERÁ DAÍ QUE VEM ESTA FRAQUEZA?

— É possível... O Doutor Popjoy tinha uma teoria acerca da origem dos Caçadores... — Sorriu. Shrike viu-lhe os dentes brancos e tortos; a primeira coisa de que se lembrava ter visto quando ela o tirara da sepultura. — Penso que é mais provável que tenha desenvolvido uma consciência e sentimentos próprios. Afinal, teve tempo suficiente para o fazer! É inteligente e autoconsciente. Penso que iniciou o processo muito antes de eu o conhecer. Sei que salvou a Hester quando ela era criança, e que a procurou durante muito tempo depois de ela sair de casa. Isso foi uma das coisas que me levaram a perceber que não era um Caçador normal. Ama a Hester desde que a encontrou, não é verdade?

Shrike desviou o olhar. Ele continuava a ser um Caçador, e era-lhe difícil falar de coisas como o amor

— SERA QUE AS RECORDAÇÕES DA MINHA VIDA DE MORTAL VOLTARÃO A APARECER? — perguntou.

— Talvez. Talvez, da próxima vez que morrer. Mas isso vai demorar muito, muito tempo. Construí-o para durar, Senhor Shrike.

Aproximavam-se da terra. Shrike olhou para Hester, pensando que não queria saber quanto tempo iria viver, desde que ela estivesse com ele. Depois disse:

— QUERO MANTÊ-LA FORA DE PERIGO E FORTE PARA SEMPRE. VAI AJUDAR-ME?

Oenone não percebeu o que ele queria dizer.

— Claro que sim — prometeu. Depois pôs-se em bicos de pés e deu-lhe um beijo na cara. O óleo protetor do Caçador manchou-lhe os lábios e a ponta do nariz. — Parabéns, Senhor Shrike. Ganhou uma alma.

Capítulo 29

Reunião Na *Oberrang*

Junto ao flanco de estibordo de Murnau, sob a chuva iluminada por árgon, Harrowbarrow ergueu-se da lama como um submarino gigantesco emergindo num mar muito sujo. Depois de lhe estenderem uma ponte de embarque, Wolf Kobold atravessou-a a passos largos e entrou na cidade maior, onde um elevador expresso o transportou rapidamente para a *Oberrang*. Tinha um *buggy* à sua espera, junto com um funcionário que começou a gritar-lhe assim que ele saiu do elevador:

— Senhor, senhor, venha depressa! O seu pai está ferido!

— Sim, recebi a vossa mensagem de rádio — disse Kobold, enfasiado, instalando-se no banco traseiro do *buggy*. Que estupidez, deixar-se arrastar até ali só para fingir preocupação com um velho que já não lhe dizia nada! Ansiava por estar de novo a bordo de Harrowbarrow, longe daquelas convenções lamechas. Escutou sem interesse o motorista tagarelar sobre Airhaven e espiões da Green Storm enquanto o pequeno veículo percorria a Úber-den-Linden em direção à Rathaus. No exterior, jovens oficiais despediam-se das namoradas e trabalhadores fechavam os últimos segmentos abertos da couraça da cidade, mas Wolf mal reparou neles. Olhava para o seu rosto magro refletido no capô do *buggy* e pensava na longa viagem que acabara de fazer através do território da Storm, no sentinela que estrangulava ao atravessar as linhas inimigas para a terra de ninguém, onde o velho Hausdorfer tinha Harrowbarrow à sua espera. Pensava com orgulho em Londres, e nas máquinas fantásticas que em breve seriam suas.

Na Rathaus, os criados conduziram-no ao salão de receções principal. O pai estava sentado numa poltrona, com o peito ligado e pessoal médico de bata atarefado à volta. Adlai Browne observava-o de pé, tendo vindo de Manchester com flores e uvas e um documento que ele queria que Kriegsmarshal assinasse, isentando a Guarda Civil de Manchester de qualquer responsabilidade pelos ferimentos. Ao lado dele estava a comandante da sua força aérea mercenária. Em tempos, Wolf achara a Senhora Twombley atraente, mas agora parecia-lhe demasiado berrante; com todo aquele rímel e

cabedal cor-de-rosa. Lembrou-se saudosamente de Wren Natsworthy, da sua beleza inocente e mente jovem, inteligente e maleável.

— Wolfram! — exclamou o pai, mandando embora os médicos e levantando-se com dificuldade para o abraçar. — Disseram-me que tinhas ido para longe...

— Foi só uma pequena viagem de negócios — mentiu Kobold, enojado com os sinais nos braços do velhote e os caracóis de pelos brancos por cima da ligadura no peito. — Cheguei a Harrowbarrow anteontem.

O pai examinou-o.

— Estás magro, rapaz.

Magro, com a barba por fazer e olhos febris. Wolf minimizou as palavras do pai com um aceno de mão.

— Devia era preocupar-se consigo. Disseram-me que está ferido.

— Só algumas pisaduras, uns ossos partidos.

— Parece que cheguei mesmo a tempo.

— Que queres dizer?

— Grande Thatcher! Os Musguentos tentaram matá-lo, pai! Foi um ato de guerra! Temos de retaliar de imediato!

— Precisamente o que estava a dizer-lhe! — exclamou Adlai Browne, com o ar de quem esperava, impaciente, retomar uma conversa interrompida. — Não podemos deixá-los escapar impunes!

— Que disparate, Browne — protestou Von Kobold, estremecendo de dor ao sentar-se de novo na cadeira. — Foi um dos *seus* labregos bêbedos que me alvejou!

— Exuberância da juventude — alegou Browne. — Se não tivesse insistido tanto em ficar com a prisioneira... — Ele dirigiu-se a Wolf. — Já sabe o que se passou? A mulher do Naga estava em Airhaven, com um bando de Caçadores para a proteger. Ao que parece, a tramar uma conspiração com aquele traidor Pennyroyal...

— Estou a ver. — Normalmente Wolf teria escarnecido desse tipo de conversa; histórias alarmistas e exageradas que circulavam sempre que cidadãos anafados tinham um cheirinho de guerra a sério.

Mas naquele momento um pouco de alarme até lhe convinha.

Quanto mais depressa recomeçasse a guerra, mais depressa Harrowbarrow poderia iniciar a viagem para Londres. — E escaparam com vida, presumo?

Browne voltou-se para a aviadora a seu lado.

— Conte-lhe você, moça.

Orla Twombly fez uma vénia e explicou:

— O dirigível foi rodeado sobre a terra de ninguém por mais pássaros Caçadores do que alguma vez vi num único lugar. Devia haver alguém ou algo de muito valor a bordo. Nada podia fazer para o impedir de escapar.

Na opinião de Wolf, havia muito que ela podia ter feito, se não prezasse mais a vida do que o dever. Mas acenou com a cabeça e disse:

— A situação parece-me crítica. Quem sabe o que os Musguentos andam a tramar, ou o que descobriram acerca dos nossos planos? Só há uma coisa a fazer.

— Quer dizer... atacar? — perguntou Adlai Browne, esperançoso.

— É a melhor forma de defesa. Os Musguentos atacaram primeiro. Temos de retaliar. Atacar imediatamente, ao longo de toda a linha.

Von Kobold esfregou os olhos.

— Deve haver outra maneira, com certeza...

— Se não te sentires à altura de comandar esta cidade... — atalhou Browne, fingindo-se solícito.

— Cumprirei o meu dever — prometeu o velhote, aborrecido. — Não irás chamar-me cobarde, Browne. Se as outras cidades avançarem, Murnau também avançará, e irei comandá-la. A menos que o meu filho queira assumir o seu lugar na ponte?

Ele olhou para Wolf, que abanou firmemente a cabeça.

— Lamento, pai. Tenho de voltar para Harrowbarrow. Quando começar a ofensiva posso escavar-lhe um belo buraco nas defesas dos Musguentos.

Apertou a mão do pai, fez uma vénia a Browne e à Senhora Twombly e saiu da sala, deixando o silêncio e uma sensação de tristeza, como um cheiro duradouro.

— Bem — disse Adlai Browne, batendo as mãos. — Tenho de informar os outros presidentes de câmara e Kriegsmarshals. Senhora Twombly, vai precisar de levar as suas máquinas lá para cima. A eliminação da Green Storm começa esta madrugada!

Capítulo 30

Ela Ressuscitou

O aeródromo Cumprir a Visão da Flor do Vento era um retângulo de terreno aplanado por buldózers no meio da lama a alguns quilômetros da linha da frente da Storm. Estava rodeado de luzes de aterragem, abrigos subterrâneos e enormes hangares para dirigíveis. Canhões antiaéreos assentavam vigilantes em plataformas feitas com barris de verga cheios de areia. Os holofotes estendiam os seus dedos incolores para roçar o balão do *Shadow Aspect* enquanto a nuvem de pássaros o conduzia para o posto de atracação.

Vários soldados aproximaram-se a correr quando o dirigível aterrou e entraram na barquinha quando Theo abriu a escotilha. Uniformes brancos; capacetes parecidos com carapaças de caranguejo; espingardas. Oenone saiu de trás da cortina ao fundo do convés de voo e eles recuaram e levantaram as armas, alarmados com as suas roupas imundas e ensanguentadas e o Caçador atrás dela. Ela estendeu a mão, mostrando o anel de sinete brilhante.

— Antes de me matarem — disse, educadamente —, gostaria que cuidassem dos meus companheiros. O Senhor Ngoni e o Professor Pennyroyal não são inimigos da Storm.

O oficial subalterno à frente do pelotão fez uma grande vénia, pondo o punho direito na palma da mão esquerda na saudação da velha Liga.

— Agora, está em segurança, Senhora Naga.

Oenone devolveu a vénia, nervosa. Não sabia ainda se podia confiar nele.

— Está uma mulher na cabina que precisa de cuidados. Há aqui algum hospital de campanha?

O soldado apontou para um monte de búnqueres camuflados no horizonte.

— Quer que mande vir maqueiros?

— EU LEVO-A — anunciou Shrike. Afastou a cortina e ergueu Hester com facilidade e cuidado nos braços. Theo e os outros começaram a segui-lo quando ele se dirigiu para a escotilha aberta, mas o

oficial subalterno, achando que as coisas começavam a escapar ao seu controlo, avançou rapidamente para os impedir, barrando-lhes o caminho com a mão levantada.

— Ela será bem tratada, Vossa Senhoria — prometeu a Oenone.
— Mas Vossa Senhoria e estes estrangeiros têm de vir comigo. Tenho ordens para vos levar à comandante do setor.

O setor da linha onde o *Shadow Aspect* aterrara era comandado pela maternal General Xao. De olhos sonolentos mas sorridente, recebeu Oenone e o seu séquito no abrigo subterrâneo onde funcionava o seu quartel-general. Era um lugar agradável, apesar de tudo; não muito húmido, o chão coberto com ardósia, as paredes de madeira caiadas e decoradas com fotografias. Nos aposentos privados da general, as fotografias dos seus familiares mortos encontravam-se entre as estátuas dos deuses caseiros num altar elaborado. Uma salamandra libertava um calor seco que fez as roupas encharcadas de Pennyroyal deitar tanto vapor que a general sugeriu que ele as despisse, e mandou um dos oficiais mais rechonchudos emprestar-lhe um uniforme e um elegante casaco cinzento. Oenone também vestira um uniforme da Green Storm, e lavara a cara e o cabelo; ainda não parecia uma imperatriz, mas pelo menos já não parecia tanto uma menina de rua.

Os criados da general trouxeram vinho de arroz, pãozinhos aquecidos a vapor e chá. Theo tirou o casaco de aviador e esforçou-se por não adormecer na cadeira articulada que outro criado abrira para ele. Depois do que haviam experimentado naquela noite, aquilo parecia incrivelmente luxuoso. Apesar de ele ter vindo a odiar a Green Storm, nunca duvidara da força e da coragem do seu exército, e era um alívio pensar que entre si e a gente das cidades existiam aqueles soldados corajosos e armas poderosas. Nem estava preocupado com Hester, sabendo que ela se encontrava a salvo no hospital de campanha.

— O meu pessoal está a preparar um dirigível para vos levar para Tienjing, Vossa Senhoria — informou a general. — O capitão é meu amigo; apoiante do General Naga; a tripulação é toda de confiança. Um pássaro Caçador já partiu para oriente a fim de transmitir as boas novas ao vosso marido. Espero que isso lhe devolva o ânimo.

— Ele está doente? — perguntou Oenone, assustada.

A General Xao parecia preocupada.

— Há semanas que não chegam ordens precisas de Tienjing. Avisámos o vosso honrado marido da aglomeração de cidades do outro lado da linha, e do subúrbio-ceifeiro que atacou o Trilho 16 no mês passado. Informámo-lo de que não seríamos capazes de manter estas posições se as cidades atacassem; ele parece não se importar. A impressão que temos é que, quando ouviu a notícia da vossa morte, perdeu toda a esperança.

Por um instante, Oenone parecia que ia chorar, mas perguntou, com voz rouca:

— Não podemos contactá-lo mais depressa? Podia falar com ele por rádio de longo alcance...

Xao abanou a cabeça.

— Não podemos arriscar, Senhora Naga. Os bárbaros podiam intercetar a mensagem e tentar matar-vos de novo.

— Não foram os bárbaros que tentaram matar-me da primeira vez — esclareceu Oenone. — Foram os bárbaros que me salvaram, com a ajuda do Theo.

— É verdade — anuiu a general, sorrindo para Theo, e depois para Pennyroyal. — Ouvimos falar da valentia do Professor Pennyroyal.

— A valentia do *Professor Pennyroyal*? — Theo quase se engasgou com o pãozinho que mastigava. Perguntou-se se a general não estaria um pouco bêbeda. Primeiro, a conversa derrotista acerca de não ser capaz de manter a linha, e agora aquilo! — O que ouviu, precisamente? — perguntou.

— Temos postos de escuta no interior da terra de ninguém que apanham as transmissões de rádio dos cidadãos — explicou a general, pegando nuns papéis que tinha sobre a secretária. — Isto é um boletim informativo que saiu nos ecrãs públicos de Murnau há umas horas. — Passou os olhos pelos primeiros dois parágrafos da transcrição, depois pigarreou e leu: — «Os assaltantes foram ajudados por um agente infiltrado em Airhaven; o famoso escritor, charlatão e antigo Presidente da Câmara de Brighton, Nimrod B. Pennyroyal. Quando o dirigível-espião da Green Storm levantou voo, várias testemunhas viram o traidor Pennyroyal correr atrás dele e gritar: “E o

meu dinheiro?”»

— Traidor? Eu? — Pennyroyal parecia indignado.

— Só para os bárbaros Tracionistas — explicou a General Xao.

— Para o nosso povo, o senhor será um herói.

— Mas... credo! Serei?

— Quem diria que o presidente da câmara de uma cidade-jangada bárbara viria a perceber de forma tão clara o seu engano e arriscar a vida para libertar uma prisioneira da Green Storm? — continuou a general. — A sua estátua figurará no Corredor dos Imortais Incomparáveis em Tienjing. Naga irá recompensá-lo abundantemente. Ele...

Um oficial subalterno entrou na sala, fazendo uma vénia agitada e murmurando qualquer coisa em *shan* guonês. A general franziu o sobrolho e levantou-se.

— Com licença; precisam de mim lá fora.

— Que está a acontecer? — perguntou Oenone.

— Os nossos refletores acústicos estão a detetar ruídos de motores de cidades... Esperávamos um ataque, mas não tão cedo. Meus Deuses, ainda não recebi os reforços que pedi no mês passado! — Uma campainha começou a tocar na mesa de telefones de campanha na sala ao lado; depois outra, e mais outra. A General Xao berrou uma ordem ao subalterno e disse a Oenone: — Excelência, tem de embarcar de imediato. Não vou correr o risco de...

Um enorme estrondo prolongado abafou o resto da frase. O chão abanou, e caiu poeira das tábuas do teto baixo. Pennyroyal começou a invocar de novo os seus deuses peculiares. Theo olhou para a mesa onde tinha pousado a chávena de chá, e esta saltitava, ao ritmo do trovão. Um soldado entrou de rompante no abrigo, e apesar de gritar o relatório em *shan* guonês, Theo e os companheiros perceberam o que queria dizer, mesmo antes de a General Xao se voltar para eles e traduzir:

— Começou a guerra! Todas as cidades estão em marcha! Dezenas de cidades! Centenas de subúrbios!

Eles levantaram-se, indignados por se verem metidos noutra aventura antes de terem a oportunidade de recuperar da última.

— E a Hester e o Senhor Shrike?

— Mandarei levar os vossos amigos para o aeródromo — berrou a General Xao. — Agora saíam depressa, e que os deuses nos acudam...

Eles saíram do quartel-general atrás de um oficial subalterno e seguiram por trincheiras onde centenas de soldados corriam para as suas posições. O estrondo contínuo que vinha do Ocidente parecia terrivelmente alto. O céu por cima das trincheiras da linha da frente pulsava de luz. Pennyroyal estava aterrorizado. Theo, estremecendo com o ruído das explosões, dizia para consigo que provavelmente grande parte do ruído era da artilharia da Green Storm a disparar contra as cidades; qualquer investida seria logo travada.

Só Oenone já estivera na linha da frente. Reconhecia aqueles abalos de terra complicados da mesma forma que um cidadão percebia o que cada movimento nas placas do convés queria dizer. Sabia que algures, não muito longe, os subúrbios de combate avançavam a grande velocidade atrás de uma barragem móvel de fogo de artilharia. Rezava enquanto corria, perguntando-se se mesmo Deus seria capaz de a ouvir com todo aquele barulho.

Eles ziguezaguearam por uma trincheira de comunicação e chegaram por fim ao aeródromo. Uma corveta esperava-os numa plataforma central, enquanto dezenas de Fox Spirits se faziam ruidosos ao céu amarelo-pálido a partir dos hangares escavados nas encostas. A corveta chamava-se *Fúria* e os seus motores já se encontravam em posição de descolagem, com as hélices resplandecendo de prata. Quando atravessavam a plataforma lamacenta, uma semilagarta com o símbolo caduceu do corpo médico aproximou-se deles a grande velocidade, parando junto à prancha de embarque da *Fúria*. Shrike saiu do veículo e voltou-se para ajudar os maqueiros a tirar a maca de Hester.

O oficial subalterno começou a instar com Oenone para que subisse para o dirigível, e Pennyroyal, não precisando de incentivo, subiu a correr ao lado dela. Theo estava prestes a segui-los quando se lembrou da carta de Wren, que continuava no bolso do casaco de aviador que deixara na cadeira junto à salamandra do quartel-general de Xao.

— Tenho de voltar! — gritou.

Apenas Shrike o ouviu, quando subia a prancha de embarque

com Hester nos braços. Voltou-se para ver Theo desaparecer de novo no labirinto de trincheiras.

— THEO NGONI! — berrou. Às vezes mal conseguia acreditar na tolice dos mortais.

— Caçador! Traga-a para bordo! — instou um aviador da escotilha aberta da *Fúria*.

— TEMOS DE ESPERAR — insistiu Shrike. — O MORTAL THEO NGONI NÃO ESTÁ CONNOSCO...

Um tiro de canhão explodiu perto do perímetro ocidental do aeródromo, apanhando um dos Fox Spirits e salpicando o balão da *Fúria* de lama e cascalho. Shrike olhava para as trincheiras, mas só via fumo. As explosões eram constantes, e ele percebeu outro ruído entre o martelar dos canhões — o ronco surdo dos motores das cidades e a chiadeira aguda das suas lagartas em movimento.

— Tens de embarcar, Caçador, senão partimos sem ti! — berrou o aviador, assustado, segurando o capacete enquanto ondas sucessivas de explosões atravessavam as plataformas de atracação.

— THEO NGONI! — gritou Shrike mais uma vez para a tempestade de sons. Depois voltou-se contrariado, subiu a prancha de embarque e entrou com Hester pela escotilha. Oenone correu para ele no corredor.

— Onde está o Theo? Pensei que ele estivesse connosco?

A *Fúria* sacudiu-se e subiu repentinamente para o ar. Shrike levou Hester para a enfermaria e deitou-a num beliche.

— CUIDEM BEM DESTA MORTAL — disse ele aos auxiliares, e atravessou a cabina para uma janela. Máquinas voadoras circulavam no ar lá fora, martelando a blindagem da *Fúria* com as balas das metralhadoras. Em baixo, explosões de granadas salpicavam o chão. Ao longo de toda a linha da Green Storm, as armas pesadas abriam fogo, enquanto trabucos a vapor estendiam os longos braços e lançavam bombas para as cortinas de fumo que cobriam a terra de ninguém.

— Naga, a guerra começou!

O General Naga estava esparramado na sua cadeira preferida, ao lado da janela dos aposentos que costumava partilhar com Oenone. As escadarias em espiral do Pagode de Jade ressoavam como os

tubos de um órgão quando as rajadas de vento atingiam a velha fortaleza, soprando a neve para as janelas de Naga.

O velho amigo, o General Dzhu, aguardava à porta, transferindo inquieto o peso de um pé para o outro, infeliz por trazer notícias tão más.

— Temos informações de fortes combates numa dúzia de setores. Os fortes das Águas Ferrugentas estão a ser atacados, e perdemos o contacto com o posto de comando da Xao...

— Ah — suspirou Naga, sem olhar para cima.

Na mesa baixa ao seu lado estavam uma chávena e um bule de chá verde. A rapariga Rohini trazia-lhe o chá todas as manhãs àquela hora, e tocava para ele no *shudraga* (Uma espécie de alaúde da Mongólia), mas Dzhu mandara-a sair, afirmando que tinha de falar com Naga a sós. Uma pena! Ela era boa rapariga, e às vezes Naga achava que a amabilidade dela era a única coisa que o mantinha vivo. A música que tocava lembrava-lhe a adolescência; a caça aos patos nas crateras inundadas no Sul da China (deixadas pelas bombas atômicas), o ingresso na frota aérea da Liga naquele verão antes de Londres avançar para oriente. Na academia da Montanha dos Sete Tigres havia uma rapariga chamada Sathya de quem ele gostara muito, mas ela estava apaixonada pela Flor de Vento.

— Que aconteceu à Sathya? — meditou. — Achas que ela ainda está naquele eremitério que lhe arranjámos no Zhan Shan?

— Naga, estamos em guerra! — berrou o amigo. — Quais são as tuas ordens? Digo aos nossos comandantes para se manterem ou para se retirarem?

— O que achares necessário, Dzhu.

Dzhu soltou um suspiro; voltou-se para partir; depois regressou.

— Outra coisa; parece pouco importante, mas Batmunkh Gompa tem dado conta de muita atividade nas ruínas de Londres...

Naga acenou-lhe com a mão, desprezando as suas palavras.

— Londres? Uns pobres bárbaros, Dzhu; já sabemos disso há anos. São inofensivos.

— Tens a certeza? E se forem uma quinta coluna, esperando para ajudar o inimigo quando este avançar? Mande aumentar a vigilância...

Naga tentou encolher os ombros, mas a sua armadura mecânica não o permitia.

— Estou doente, velho amigo. Dói-me tudo. Não consigo dormir, mas nunca estou completamente acordado. Sinto a cabeça a zumbir, como um enxame de abelhas. Devias assumir o comando.

— As pessoas querem-te a ti, Naga! Esmagaste os bárbaros na primavera passada, e elas sabem que podes voltar a fazê-lo! Não irão confiar em mim!

— Tenho saudades da Zero — murmurou Zaga. — Tantas saudades.

Dzhu ficou a olhar para ele.

— Vou dizer à Xao para se manter firme, se conseguir contactá-la.

Ao sair dos aposentos, viu Cynthia Twite esperando-o, observando-o nas sombras. Obrigou-a a descer uma escadaria estreita e sair para uma varanda. Os flocos de neve salpicavam-nos, e o vento despenteava-lhes o cabelo.

— O que está a acontecer-lhe? — perguntou Dzhu, irado. — Pensei que, quando nos livrássemos da Zero, ele recuperasse o juízo e nos conduzisse à vitória, mas não faz outra coisa senão ficar ali sentado! Será apenas o desgosto? Estará a morrer? Diz-me!

Cynthia sorriu.

— Chá verde — respondeu. — Um bule todas as manhãs, como a sua pobre mulher costumava fazer.

— Estás a *envenená-lo*?

— Só um pouco. Não o suficiente para o matar. Só para o manter inativo.

— Mas precisamos dele!

— Não precisamos nada, idiota.

Dzhu ficou estupefacto. Nos reinos das montanhas, as mulheres respeitavam os homens e os jovens respeitavam os mais velhos, mas aquela rapariga falava com ele como se ele fosse uma criança!

— Não ouviste os boatos, Dzhu? Um Caçador matando Meninos Perdidos em Brighton. Uma «lapa» abandonada encontrada por baixo de uma queda-d'água na Província de Snow Fan. O assassinio do Doutor Popjoy. Tudo se conjuga. Está tudo ligado. Estarás tão

cego que não vês o que isso significa?

Dzhu limitou-se a olhá-la. A neve era tão espessa que o rosto dela parecia desintegrar-se como a imagem de um ecrã gigante de baixa qualidade.

— Ela ressuscitou! — exclamou Cynthia, triunfante. — Em breve irá mostrar-se e salvar-nos dos bárbaros. Até isso acontecer, temos de manter o Naga fraco. Quando ele deixar os bárbaros destruir as suas divisões e devorar as nossas colónias ocidentais, o povo estará pronto para o abandonar e acolher de volta a sua verdadeira líder!

— Estás louca! — exclamou o General Dzhu, voltando-se para ir avisar o amigo.

Um dos ganchos compridos que prendiam o penteado de Cynthia tinha veneno na ponta. Ela guardara-os para uma emergência daquelas. A ponta afiada deixou apenas um pequeno arranhão no pescoço de Dzhu, mas ele morreu antes de poder gritar. Gemendo com o esforço e amaldiçoando a barriga gorda do general, Cynthia içou o corpo para a borda da varanda e observou-o a cair através dos flocos de neve para a encosta escarpada ao longo de centenas de metros. Sempre tivera as suas dúvidas acerca de Dzhu, e já forjara o seu bilhete de suicídio. Não demoraria um instante a colocá-lo na secretária dele.

Pensou na líder, a Caçadora Fang, algures nas montanhas, à espera. Se ao menos ela se mostrasse! Cynthia percebia por que razão a Caçadora queria punir os cobardes que se haviam passado em massa para o lado de Naga, mas ela devia saber, certamente, que ainda podia contar com os fiéis agentes pessoais. Durante um momento, quando voltou para dentro e se dirigiu para os aposentos do General Dzhu, sentiu-se quase zangada com a velha líder. Mas o sentimento passou depressa. O que quer que fosse que a Caçadora Fang estivesse a planear, seria terrível e maravilhoso, e não cabia a Cynthia julgá-la.

Theo sempre tivera um bom sentido de orientação. Percorreu rapidamente o labirinto de trincheiras e estava quase a chegar ao abrigo quando eclodiu uma explosão a pouca distância da vedação de arame farpado, lançando leques de terra e fumo para o céu da madrugada. Agachou-se quando a lama começou a cair. Um mar de fumo encheu a trincheira. Soldados assustados e em fuga passaram

por ele a correr, deixando cair as armas, desembaraçando-se de mochilas e bandoleiras. Tinham as bocas abertas como se estivessem a gritar, mas Theo não conseguia ouvi-los; a explosão deixara-o surdo.

Aturdido, subiu ao degrau de tiro para ver do que fugiam. Do outro lado da vedação frente à trincheira, aproximavam-se vultos gigantescos. Quando as rajadas de vento afastaram as nuvens de fumo, ele conseguiu ver Murnau, apenas a algumas milhas, avançando sobre as armadilhas para cidades que tinham sido bombardeadas. Uma dúzia de subúrbios-ceifeiros vasculhava o terreno à procura de minas ou outras armadilhas. Uma fortaleza próxima lançava foguetões na direção da metrópole, mas o chão começou a tremer lentamente e Theo viu surgir da lama na base da fortaleza um enorme nariz de aço, soerguendo-se para expor as suas brocas gigantes e mandíbulas complicadas. Num instante, a fortaleza foi despedaçada e devorada, BEM-VINDOS A HARROWBARROW, diziam as toscas letras brancas pintadas no flanco blindado. Theo teve muito tempo para as ler enquanto o estranho subúrbio passava por ele, esmagando búnqueres e plataformas de canhões com as lagartas. Luzes de sinalização piscaram na plataforma superior de Murnau, parecendo indicar ao subúrbio para se afastar, mas este ignorou-as, voltando a mergulhar na terra lamacenta e seguindo adiante para território da Green Storm.

Theo desceu do degrau e tentou seguir em frente, desorientado pelo fumo e pelas íngremes paredes de terra levantadas pelas explosões na trincheira. Surgiram novas explosões, salpicando-o de lama e água lamacenta, mas aconteceu tudo num silêncio sibilante e submarino, como num sonho. Ele mal percebia o que se passava. Como é que as cidades tinham atravessado a linha com tanta facilidade? Onde estavam os indómitos contratorpedeiros aéreos e as unidades de reação rápida de milhares de Derrubantes que ele vira nos filmes de propaganda da Green Storm?

Um dirigível passou lentamente por cima dele, ardendo de tal maneira que Theo não conseguiu perceber a que lado a nave pertencera. À luz das chamas, viu a entrada do abrigo e entrou nele a correr. O posto de comando já fora evacuado, mas o casaco de Theo continuava pendurado nas costas da cadeira articulada onde o deixara. Vestiu-o, sentindo a carta de Wren amarfanhar-se no bolso, a fotografia dela contra o seu coração.

Ele não ouviu o assobio da granada a cair. Só deu conta dela quando as mãos quentes da explosão o levantaram do chão. Depois transformou-se tudo em luz.

Capítulo 31

A Casa De Erdente Tezh

A Caçadora Fang parou junto à plataforma de atracação onde o iate aéreo do Doutor Popjoy estava amarrado e voltou o rosto de bronze para ocidente.

— O quê? — perguntou Fishcake. — O que é? — Olhou também para ocidente, mas não conseguiu ver nada; só as montanhas. Como estava farto de montanhas! Elas erguiam-se como gigantescas sentinelas de neve à volta daquele vale alto e verde, e os seus reflexos cintilavam no lago varrido pelo vento por baixo da plataforma de atracação.

— Tiros — murmurou a Caçadora.

— Quer dizer que a guerra já começou? — Fishcake forçou os ouvidos sujos de mortal para tentar escutar o que ela conseguia ouvir.

— Tenho de trabalhar depressa. Vamos.

Ela começou a coxear para o passadiço, e Fishcake seguiu-a, levando ao ombro um dos caixotes de equipamento que ela o obrigara a trazer do Forte Ressurreição. Por cima deles, os pássaros mortos que os haviam seguido desde a casa de Popjoy passaram a voar, atentos a movimentos no céu ou no desfiladeiro na extremidade ocidental do vale.

O passadiço tinha uns trezentos metros de comprimento. No lado oposto ficava uma ilha rochosa onde se erguia um edifício, escuro e frio como um túmulo. Noutros tempos, era um mosteiro, consagrado aos deuses e demónios da montanha, cujos rostos continuavam a espreitar dos nichos nas paredes exteriores. Mais tarde, foi a casa de Anna Fang, lugar de luz e risos onde ela descansava entre missões para a Liga Antitração. Anna pensara retirar-se para ali quando se reformasse e criar cavalos nas pastagens verdes das encostas, antes de a espada de Valentine lhe ter estragado os planos.

Nos primeiros anos do regime da Green Storm falara-se muito em transformar Erdene Tezh num museu, onde os alunos das escolas pudessem ir ver relíquias da Flor do Vento e pisar o mesmo chão que ela pisara. Mas a Caçadora em que se tornara proibira-o.

Mandara fechar a casa e deixara-a ruir.

O portão chiou quando a Caçadora o abriu. Fishcake entrou atrás dela por tapetes de neve que se estendiam azuis nas sombras. No interior resguardado dos grossos muros de pedra havia um jardim; árvores mortas, erva castanha e uma fonte decorada com pingentes de gelo. Fishcake correu atrás da sua Caçadora pelo caminho gelado em direção à casa. Ela não deitou a porta abaixo como ele esperava, mas estendeu uma das lâminas das garras, introduziu-a no buraco da fechadura e rodou-a até o trinco estalar. Ao abrir a porta, voltou-se e olhou para Fishcake.

— Novamente em casa! — murmurou.

Ele entrou atrás dela para o escuro. Já não sabia se era Anna ou a Caçadora Fang. Achava que talvez fosse as duas, como se a intervenção de Popjoy tivesse misturado de alguma forma as duas personalidades. Ela não tinha sido rude com Fishcake, e continuava a contar-lhe as suas recordações, mas já não brincava com ele; não lhe dava a mão, nem lhe despenteava o cabelo, nem o ia abraçar à noite quando ele acordava de um pesadelo. Tudo o que lhe restava de Anna era o cavalinho esculpido, que agarrava com força sempre que ia dormir.

Quem quer que fosse, a Caçadora parecia feliz por ter regressado a casa.

— Ah — suspirou, passando por uma sala de receções onde o teto desabara e excrementos de pássaros cobriam o fino chão ladrilhado. — Oh! — exclamou, atravessando o átrio e espreitando para dentro de uma sala comprida cujas janelas partidas davam para os cumes brancos do Erdene Shan. — Ela teve tantas festas aqui! Tantos momentos felizes...

O vento uivava através de buracos nas paredes. Do outro lado do salão de festas havia um quarto, com uma cama de dossel afundando-se como um navio torpedeado num mar de cobertas que se desfaziam em pó. Ao fundo do quarto havia outra porta fechada à chave. E por trás dessa porta...

O quarto exalou um cheiro a bafio quando a Caçadora abriu a porta. Fishcake, entrando devagar atrás dela, calculou que aquela zona da casa tivesse sido selada. O cheiro lembrava o de Grimsby. As paredes e o chão eram revestidos de metal. Os tapetes eram de borracha. Teias de aranha e plástico cobriam uma misteriosa monta-

nha de maquinaria; fios e tubos, ecrãs e caixas, válvulas e mostradores, fios elétricos coloridos e teclados arrancados de máquinas de escrever.

— Os Engenheiros não eram os únicos que sabiam construir coisas, nos bons velhos tempos — sussurrou a Caçadora. — A Anna tinha talento para as máquinas, como tu, Fishcake. Ela construiu o seu dirigível com restos que encontrava. Estava a tentar montar um transmissor de longo alcance aqui. Nunca funcionou muito bem, e desde então outros têm tido mais êxito. Mas é um começo. Com o que trouxemos do laboratório do Popjoy, e o rádio do iate dele, tenho a certeza de que conseguiremos ampliar o sinal.

— Com quem vais comunicar? — perguntou Fishcake.

A Caçadora soltou uma risada sibilante. Pegou-lhe no braço, arrastou-o para o quarto em ruínas e apontou através de um buraco no teto, a direito para o azul-escuro no topo do céu.

— Lá em cima. É lá que está o recetor. Vamos enviar uma mensagem para o céu.

Terceira Parte

Capítulo 32

Diário De Londres

19 de junho

Já passaram dezassete dias desde que Wolf Kobold fugiu. Toda a gente parece estar a esquecê-lo. Até eu, a maior parte do tempo. Até a Angie, agora que já não lhe dói tanto a cabeça e o galo começa a desinchar. A maioria acha que o Wolf nunca conseguirá atravessar todos aqueles quilómetros de território da Green Storm e regressar a Harrowbarrow. Mesmo que conseguisse, jamais seria capaz de trazer Harrowbarrow para oriente a fim de devorar Nova Londres, a menos que começasse de novo a guerra. De qualquer maneira, os trabalhos em Nova Londres prosseguem ainda mais depressa, pelo sim pelo não.

Para ser franca, quando descobri o que estavam a construir, achei-os um pouco loucos. Mas ao ver o esforço que põem no trabalho, e o quanto acreditam nesta nova cidade de loucos que os Engenheiros inventaram, percebo como deve ter sido em Anchorage quando a Freya Rasmussen decidiu atravessar o gelo para a América. Essa também tinha sido uma ideia de loucos, e tenho a certeza de que houve muita gente que achou que nunca iria resultar — a minha mãe estava tão certa disso que vendeu a cidade a Arkangel quando não conseguiu convencer o meu pai a partir. Mas ela estava enganada, porque aquilo resultou, não resultou? E eu não quero ser como a minha mãe, por isso decidi acreditar na Nova Londres.

O meu pai demonstra grande vontade em colaborar. A princípio parecia decidido a tentar ajudar os Engenheiros, mas as máquinas de Childermass são tão diferentes da tecnologia que ele já conheceu que penso que acabava apenas por atrapalhar. Então começou a ajudar os homens a transportar salvados para o hangar, mas eu tive uma conversa discreta com a Doutora Childermass e expliquei-lhe os problemas de coração do meu pai, e ela teve uma conversa discreta com o Chudleigh Pomeroy, que chamou o meu pai e disse-lhe que Nova Londres precisava de um Museu, para que, mesmo na hipótese de ela se deslocar para o outro lado do mundo, as pessoas que vivessem a bordo nunca se

esquecessem da velha Londres e do que lhe aconteceu. «E como nenhum de nós tem tempo para isso, Tom», disse, «talvez não te importasses de organizar uma coleção?» Então, o meu pai foi nomeado Historiador-Chefe e passa os dias a vasculhar os montes de ferro-velho à procura de artefactos que digam qualquer coisa às futuras gerações sobre a sua Londres — tudo, de velhos tampos de esgotos e tirantes de suportes de plataformas a uma pequena estatua da deusa Clio do santuário caseiro de um londrino qualquer.

Entretanto, tenho feito patrulhas com os outros jovens londrinos. A princípio, o Senhor Garamond opôs-se veementemente, mas o Senhor Pomeroy disse-lhe para não ser um idiota de m---a, e a Angie e os amigos são muito simpáticos, e ficaram bastante impressionados quando lhes contei que estivera numa batalha a sério e vira Caçadores e Derrubantes e outras coisas. (Não lhes contei como me sentira aterrorizada, pois isso poderia ser mau para o moral.) Enfim, já estive por todo o campo de destroços principal várias vezes. É assustador, sobretudo à noite, mas a Angie e a Cat e os outros são boa companhia, e recebi uma besta para usar se formos atacados — não sei se seria capaz de atirar em alguém, mas pelo menos faz-me sentir um pouco mais corajosa.

Do que eu gostaria era de uma daquelas pistolas de raios que os Engenheiros construíram para lidar com os Caçadores, mas existem poucas, e só os guerreiros de confiança do Senhor G. podem usá-las; o Saab e a Cat e outros. Os pássaros Caçadores da Green Storm têm-se mostrado muito curiosos nas últimas semanas, e o sino de alerta em Crouch End está sempre a tocar, avisando toda a gente para se esconder, porque um pulguento e velho abutre morto anda aos círculos no céu a espiar-nos. Na maior parte das vezes, decidimos simplesmente ignorá-los, mas quando um deles se aproxima demasiado da Matriz, os rapazes de serviço nos cestos de vigia abatem-no com as pistolas de raios; neste momento, há meia dúzia deles pendurados à entrada de Crouch End; pretos e chamuscados.

Há outra maneira de nos vermos livres deles; é mais perigosa, mas a Angie e os amigos encaram-na como uma espécie de desporto. Na semana passada, quando fazíamos uma ronda, um Pássaro-caçador apareceu a voar por cima de nós. Devemos esconder-nos quando isso acontece, mas a Angie disse: «Vamos divertir-nos um pouco!» Saltou para o terreno descoberto, e eu fui atrás dela. Tomamos um dos

caminhos que serpenteiam pelos montes de destroços, e o pássaro foi atrás de nós. Estava com medo de que ele atacasse, mas a Angie disse que eles nunca atacam; são espiões, e ela queria castigá-lo por andar a bisbilhotar.

Seguimos em frente, depressa, e logo percebi que nos dirigíamos para o meio do campo de destroços, da zona que eles chamam Electric Lane. Até então inclinara-me a concordar com o Wolf acerca dos espíritos — que eram apenas uma fantasia. Mas lá em cima no meio de Londres, onde tudo parece meio chamuscado e derretido, de repente não tinha assim tanta certeza. Perguntei à Angie se não havia perigo, e ela disse «mais ou menos», o que não me deixou muito tranquila, mas não queria que ela pensasse que eu era cobarde, por isso continuei.

Passado um bocado, subimos um monte e à nossa frente vi uma espécie de vale que se estendia através do campo de destroços. Parecia bastante tranquilo, com lagoas e árvores no leito, mas os destroços dos dois lados estavam queimados e retorcidos. A Angie diz que é o lugar onde caiu o núcleo da MEDUSA, depois de perfurar e derreter as sete plataformas de Londres, e que é por isso que os resíduos da MEDUSA são ali mais fortes. Não sei se é verdade. Seja como for, só consegui dar-lhe uma olhadela antes de a Angie me empurrar para um buraco nos destroços coberto de hera. «Esconde-te!», disse ela. O estúpido do Pássaro-caçador não nos viu e continuou a sobrevoar o vale. Não tinha avançado quinze metros quando um grande raio de eletricidade saltou dos destroços e o estorricou num instante; só ficou uma baforada de fumo e umas penas chamuscadas que foram levadas pelo vento!

Depois disso, senti alguns arrepios, imaginando o que teria acontecido ao Jenny se tivéssemos entrado na Electric Lane naquele primeiro dia.

P.S.: O Saab Peabody pediu-me em namoro. Eu respondi que teria de pensar no assunto, e ele disse que imaginava que eu tinha um namorado algures nas Estradas dos Pássaros, e eu disse que talvez tivesse. Ridículo, não?

E agora, porque é tarde, e amanhã é um grande dia — o primeiro ensaio da nova cidade —, vou deitar-me.

Capítulo 33

O Ensaio

A manhã do ensaio despontou nublada e sombria, ameaçando chuva. O vento soprava do ocidente em rajadas indignadas, espalhando uma chuva de pétalas das árvores em flor que cresciam no meio dos destroços de Londres.

Não querendo abusar da companhia de Wren, que ia a subir para a Matriz com os novos amigos, Tom fez a caminhada a partir de Crouch End sozinho. Sondava os montículos de destroços enquanto caminhava, pois caíra no hábito de procurar em toda a parte fragmentos que pudessem figurar no Museu de Nova Londres e proporcionar às crianças que um dia iriam nascer na nova cidade alguma ideia de como era a velha Londres. Para quem soubesse onde procurar, as pilhas de ruínas ferrugentas estavam cheias de relíquias; placas com nomes de ruas, maçanetas, dobradiças e samovares. Viu uma colher de peltre com o brasão do Grémio dos Historiadores no cabo e meteu-a no bolso. Tinha comido com colheres daquelas na infância; era um fragmento de memória solidificado, e ele gostava de pensar nos futuros londrinos a observá-la e a imaginar como fora a vida dele.

Claro, nunca saberiam os pormenores; o que ele sentira e os seus sonhos; as suas aventuras nas Estradas dos Pássaros, nos Desertos Gelados e na América. Não se podia esperar que uma colher de peltre transmitisse esse tipo de pormenores.

Recentemente, ao observar Wren a escrever no diário à noite, Tom perguntara-se se não devia tentar passar a escrito algumas das coisas que lhe tinham acontecido, antes que fosse demasiado tarde. Mas ele não era Thaddeus Valentine. Nem sequer um Nimrod Pennyroyal.

Não tinha muito jeito para a escrita. Em todo o caso, teria de escrever sobre Hester, e ele achava que não conseguiria. Nem sequer pronunciara o nome da mulher desde que chegara a Londres. Se os novos amigos alguma vez se perguntaram quem era a mãe de Wren, não lhe haviam dito; talvez presumissem que ela morrera, e que Tom acharia doloroso falar dela — o que não estava longe da

verdade. Como poderia escrever sobre Hester para as gerações futuras quando ele próprio não compreendia por que razão ela fizera o que fizera, nem o que o levava a amá-la?

Ao aproximar-se da Matriz, juntou-se a um grupo de concidadãos, todos seguindo na mesma direção. Clytie Potts estava entre eles, e cumprimentou-o calorosamente, feliz por ter a sua companhia; o marido encontrava-se a bordo de Nova Londres com os Engenheiros.

— A Doutora Childermass está com medo de que o seu sistema de levitação magnética funcione bem *de mais* — informou. — Quer um avião a postos para voltar a trazer Nova Londres para baixo se ela subir demasiado.

— A sério?

— É uma piada, Tom.

— Ah... — Tom riu-se apesar de não achar graça. — Desculpa. Mudou tanta coisa desde que éramos jovens... Tantas invenções... Na verdade, não faço ideia do que Nova Londres é capaz. — Ele pensou nos protótipos Lev-Mag que a Doutora Childermass lhe mostrara; plataformas do tamanho de mesas de sala de jantar que se moviam pela Matriz como que por magia, pairando vários metros acima do solo. Se a nova cidade sobrevivesse, os Engenheiros planeavam aplicar a mesma tecnologia a mesas, cadeiras e camas flutuantes, e fabricar brinquedos Lev-Mag, que venderiam como curiosidades a outras pequenas cidades. Tom até ouvira falar em veículos Lev-Mag, o que o deixou estranhamente triste, porque, se eles funcionassem, acabariam decerto com a era dos dirigíveis, e o seu velho e querido *Jenny Haniver* tornar-se-ia obsoleto.

A ideia provocou-lhe uma dor no coração — ou talvez fosse o resultado da subida desde Crouch End. Engoliu um dos comprimidos verdes e entrou com Clytie pela porta da Matriz.

No interior do hangar sombrio, Nova Londres aguardava-os, descansando pesadamente nos seus suportes bem oleados. Tom nunca vira nada que lhe parecesse menos capaz de levantar voo. Pequenos vultos corriam de um lado para o outro sobre o casco, gesticulando. Os Engenheiros pareciam estar com problemas num dos repulsores magnéticos. Tom examinou a multidão à procura de Wren e viu-a perto da frente com Angie, Saab e outros jovens cujos

nomes ele nunca conseguia fixar. Sentia-se orgulhoso dela, e contente por estar a adaptar-se ao lugar, e a fazer amizades. Ao longe, ela lembrava-lhe Katherine Valentine; tinha alguma da sua graciosidade e vivacidade; o mesmo sorriso rápido e deslumbrante. Não reparara nisso antes, mas também nunca pensara muito em Katherine antes de regressar a Londres. Agora, a estranha aparência era indiscutível.

Wren pareceu sentir que ele a observava; voltou-se e viu-o, pondo-se em bicos de pés para lhe acenar por cima do mar de cabeças. Tom acenou-lhe também, esperando que não fosse sinal de azar compará-la à pobre e malfadada Katherine.

Uma campainha começou a tocar.

— É agora — anunciou Clytie. Os Engenheiros correram por entre a multidão, pedindo às pessoas que recuassem para as paredes do hangar. Toda a gente se calou, olhando expectante para cima. No silêncio, ouviram a Doutora Childermass chamar a bordo da nova cidade:

— Todos prontos? Agora!

Surgiu um zumbido que aumentou rapidamente até se tornar demasiado agudo para se ouvir. Nada mais aconteceu. Um dos suportes junto à proa da nova cidade soltou um longo gemido, como se compartilhasse da decepção de todos. Depois, os outros suportes começaram também a chiar, e Tom percebeu que estavam a sentir menos pressão; Nova Londres, cujo peso morto eles haviam sustentado todos aqueles anos, já não lhes pesava. Bocados de ferrugem soltaram-se como folhas de novembro. Um pincel esquecido caiu do cavalete de uma grua e rebolou pelo chão da Matriz. Os repulsores magnéticos giraram ligeiramente quando os Engenheiros nas salas dos comandos da cidade os alinharam, mas continuavam a parecer enormes espelhos baços; não surgiram faíscas crepitantes; nem incandescências místicas; apenas um leve sopro no ar, como uma névoa de calor.

Lentamente, muito lentamente, como um inseto pesado e desajeitado a levantar voo, Nova Londres elevou-se do seu berço de sucata de metal e virou-se um pouco, primeiro para um lado, depois para o outro. Começou a avançar lentamente, e Tom tornou a sentir aquele zumbido indistinto.

— Funciona! — começaram a murmurar as pessoas, olhando

para as caras umas das outras, assegurando-se de que não sonhavam.

Deve ter sido assim quando o primeiro dirigível levantou voo, pensou Tom, ou quando o divino Quirke ligou os motores terrestres de Londres pela primeira vez. Os motores de Lavinia Childermass iam mudar o mundo de forma que ele não era capaz de imaginar. Talvez quando os netos de Wren nascessem já *todas* as cidades flutassem assim. Talvez até já nem houvesse necessidade de cidades...

OuvIU-se um estalido agudo. Esguichou fumo de alguns dos respiradouros na quilha de Nova Londres. A ondulação da névoa de calor em torno dos repulsores desapareceu e a cidade flutuante voltou a cair sem graça sobre os suportes com um rugido de metal forçado. Os espetadores gemeram desiludidos, encostando-se às paredes da Matriz quando os suportes oscilaram e os trabalhadores correram para os segurar.

— Não funciona! — queixou-se uma mulher ao lado de Tom.

— É um fiasco! — disse outra.

Lavinia Childermass apareceu entre os edifícios inacabados à beira do convés superior de Nova Londres. A acústica da Matriz e o nervosismo da Engenheira tornaram o seu discurso quase inaudível, mas, ao dirigir-se para a saída, Tom apanhou alguns excertos:

— Um pequeno problema com as bobinas Kliest... não devemos desistir... ainda muito trabalho para fazer... afinação... ajustamentos de precisão... esperar mais algumas semanas...

Mas será que temos mais algumas semanas?, pensou Tom. Pois quando saiu lá para fora, ouviu o zumbido de dirigíveis da Green Storm rumando a oeste, e outro ruído, que a princípio julgou ser um trovão, e depois percebeu tratar-se do rumor longínquo de canhões enormes, algures além do horizonte ocidental.

Capítulo 34

Deslocados

— Vejo que te sentes melhor.

— Isto é *melhor*?

— Bem, consciente. É uma melhora.

Hester esfregou os olhos e tentou focar devidamente o teto. Sentia-se magra como água; como se todo o seu corpo fosse apenas uma mancha húmida secando lentamente naquela cama dura de pelo de cavalo. Um fantasma inclinou-se sobre ela e solidificou-se em alguém que devia conhecer. Começou a lembrar-se de Airhaven; da rapariga que resgatara do dirigível de carga de Varley; a Senhora Naga. Recordou-se da pancada na cabeça, da luta na Plataforma 13.

— Estiveste muito doente. — Oenone falava como médica e trocara o vestido de serapilheira por uma espécie de túnica militar branca, mas continuava a parecer um rapazinho de escola. Hester fitou-lhe os óculos colados com fita adesiva e os dentes tortos.

— Vais ficar bem agora; a ferida está a sarar.

Hester lembrava-se de dirigíveis; o *Shadow Aspect* e depois aquela coisa enorme da Green Storm. Levantando voo para a tempestade. Pessoas gritando umas para as outras; *ela* a gritar; Shrike segurando-a. Shrike devia estar desapontado por ela ter sobrevivido. Levantou a cabeça da almofada para o procurar, mas não o viu. Encontrava-se sozinha com Oenone num quarto quadrado e da cor do marfim. Os estores de metal estavam abertos para deixar entrar a luz da tarde por uma grande janela. Numa cadeira ao canto repousavam as suas roupas, muito bem dobradas, com a mochila e as botas no chão ao lado. Duas das suas espingardas encontravam-se encostadas à parede, sólidas e tranquilizadoras, de certo modo, naquele espaço estranho.

— Que lugar é este?

— Estamos no Comando Avançado — informou Oenone. — É uma velha Cidade de Tração que a Storm tomou há muitos anos.

— Não estamos em Shan Guo, então?

— Ainda não. A *Fúria* ficou muito danificada quando saímos da

linha. As cidades avançaram mais depressa do que se poderia imaginar e as suas máquinas voadoras andavam por todo o lado. Conseguimos chegar até aqui e estamos à espera desde então. A General Xao também está aqui. A tentar organizar uma segunda linha de defesa, e prometeu deixar-nos seguir viagem logo que a *Fúria* possa ser reparada. Mas neste momento os mecânicos estão demasiado ocupados com os dirigíveis de combate. Travam-se fortes combates a norte e a sul daqui. Este lugar é apenas uma ilha num oceano de cidades famintas...

Hester só ouvia metade do que ela dizia, esforçando-se por ordenar as vagas recordações da sua doença e da viagem para oriente. Sabia agora como Theo se sentira depois de ela o salvar em Curlers Gulp. Desejava agora ter-lhe mostrado mais compreensão.

— E os outros? — perguntou.

— O Senhor Shrike está connosco, são e salvo. Ficou aqui sentado todo o tempo em que estiveste doente, mas hoje a General Xao convenceu-o a ir para as trincheiras de linha de frente para ajudar a construir as defesas. Manchester e uma dúzia de outras metrópoles estão cada vez mais próximas, por isso, ela precisa de toda a ajuda possível. Já mandei dizer ao Senhor Shrike que acordaste; deve estar quase a chegar. Vai ficar muito contente quando souber que recuperaste.

— Duvido — comentou Hester. — E o Theo?

Oenone hesitou.

— O Professor Pennyroyal também está aqui. Anda a namoriscar descaradamente com a General Xao...

— O Theo? *E o Theo?*

Oenone baixou o olhar, escondendo-se atrás da irritante franja preta.

— Por todos os deuses e deusas! — Hester soergueu-se e voltou-se para sair da cama. Tentou levantar-se, mas sentiu a cabeça às voltas. Algo puxava-lhe o braço, baixou os olhos e viu um tubo de plástico transparente a sair-lhe da carne sob o cotovelo, ligado a um frasco virado ao contrário num suporte ao lado da cama. Soltou um grito de horror e aversão.

— Não faz mal — assegurou Oenone, impedindo-a quando ela estendeu a mão para puxar o tubo. — É uma técnica Antiga; uma

maneira de te alimentar. Estiveste inconsciente durante vários dias; tivemos de...

A tremer, Hester sentou-se na borda da cama, olhando pela janela. O seu quarto parecia situar-se na plataforma superior da cidade desativada; lá fora, telhados e chaminés desciam a pique para uma planície verde-cinza onde circulavam grupos de soldados; semilagartas arrastando canhões para as respetivas posições.

— Ela veio buscá-lo, não veio? A Senhora da Morte...

Atrás dela, Oenone respondeu:

— Ele voltou para as trincheiras, por alguma razão... —

Aproximou-se da cama e a sua mão roçou o ombro magro de Hester.

— Quando soubemos, ele já tinha partido, era tarde de mais. Deve ter sido apanhado pelo bombardeamento das cidades...

Hester estendeu a mão e agarrou no fio ao pescoço de Oenone, do qual pendia o crucifixo barato de Zagwa. Puxou-o com força, aproximando do seu o rosto assustado da mulher mais nova.

— Devias ter ido atrás dele! Devias tê-lo salvado! Ele salvou-te!

Mas era a si própria que culpava. Nunca devia ter deixado Theo iniciar aquela missão de salvamento disparatada. Agora ele estava morto. Largou Oenone e cobriu o rosto, assustada com as lágrimas que lhe caíam dos olhos; com o terrível gemido que não era capaz de sustentar. Ela prometera a si mesma nunca mais amar ninguém, e devia ter cumprido a promessa, mas não, abrira o estúpido coração a Theo, e agora ele morrera, e ela pagava o preço por o ter amado. Gritou para Oenone:

— Devias ter rezado ao teu velho Deus! Para o proteger! Para o trazer de volta!

Na planície da cidade, as tropas da General Xao escavavam com frenesi novos abrigos e armadilhas. As pás e picaretas tremeluziam ritmadamente como um cardume sinuoso de peixes brilhantes. Pelo chão do quarto subiam os ruídos de botas a marchar e ordens gritadas das plataformas inferiores, onde oficiais subalternos cansados tentavam formar novas unidades de combate com os sobreviventes que chegavam enlameados e exaustos de derrotas a ocidente e a norte. Oenone e Hester ficaram sentadas lado a lado na cama. Passado um bocado, Oenone disse:

— Se Deus pudesse fazer essas coisas, o mundo não teria o

aspeto que tem. Ele não pode vir cá abaixo e mudar as coisas. Não nos pode impedir de fazer o que escolhemos fazer.

— Para que serve então?

Oenone encolheu os ombros.

— Ele vê. Compreende. Sabe como te estás a sentir. Sabe como o Theo se sentiu. Sabe como é morrer. E quando morremos, vamos ter com ele.

— Para o País sem Sol? Como fantasmas?

Oenone abanou a cabeça, paciente.

— Como crianças. Lembras-te de como era ser pequena? Quando tudo era possível e tudo te era dado, e sabias que eras amada e protegida, e os dias duravam para sempre? Quando morremos, será novamente assim. É o que está a acontecer ao Theo agora, no Paraíso.

— Como sabes? Foi um daqueles cadáveres que ressuscitaste que te contou?

— Sei, simplesmente.

Oenone abraçou Hester, e esta deixou. Havia qualquer coisa naquela jovem zelosa e séria que a comovia, apesar do seu esforço em contrário. Era a sua bondade, e a sua esperança tonta e inabalável. Fazia-lhe lembrar o Tom. Ficaram sentadas na cama à espera do Senhor Shrike, imaginando Theo no Paraíso. Do outro lado da janela, o dia transformava-se lentamente num crepúsculo cinzento. As luzes das cidades, cada vez mais próximas, cintilavam ao longo do horizonte ocidental.

Theo não estava no Paraíso. Arrastava-se penosamente por uma estepe imensa e fustigada pelo vento algures a nordeste do Comando Avançado. Caminhava há tanto tempo que as suas botas tinham começado a desintegrar-se, e ele atara-as com tiras de pano, que estavam sempre a desatar-se, deslizando na lama.

Não estava sozinho. À sua volta, os que restavam das divisões avançadas da Green Storm seguiam para oriente, incitados por histórias de subúrbios-ceifeiros famintos e aviadores mercenários invadindo o território da Storm atrás deles.

Quando se arrastara para fora das ruínas do abrigo da General Xao no primeiro dia de guerra, a intenção de Theo era voltar de

qualquer maneira para Zagwa. Mas as cidades avançavam ao longo de toda a linha. Ao fugir delas, juntara-se a uma multidão de soldados derrotados e em fuga e seguira na única direção que parecia isenta de perigo; o Oriente. Tinha arranjado lugar numa semilagarta, mas dias depois os dirigíveis citadinos bombardearam as pontes na estrada em frente e ele fora obrigado a descer e a caminhar com os que se deixavam ficar para trás, os feridos, os ensurdecidos ou enlouquecidos pelo que tinham visto na linha.

Às vezes, sentia-se meio louco. Não raro, à noite acordava a tremer, sonhando com os dias que passara sob os canhões das cidades.

Na maior parte do tempo, porém, sentia-se apenas desolado. A paisagem não ajudava. Fora território da Storm durante mais de uma década, mas eles nunca souberam bem o que fazer com ela. Uma facção tentara estimular o crescimento natural das ervas daninhas e arbustos enfezados que enchiam os velhos trilhos de lagartas, e depois outra tentara aplinar os trilhos e plantar trigo. O resultado era um terreno ondulado de vegetação esparsa que se transformava rapidamente em lamaçal sob as botas do exército desbaratado. De vez em quando passavam por aglomerações de turbinas de vento ou pequenas colónias estáticas; mas os colonos tinham fugido, os edifícios estavam vazios, os campos e as casas despojados pelos soldados que seguiam na dianteira da coluna.

Theo pensava em Hester e Oenone e no Professor Pennyroyal, e perguntava-se se eles teriam conseguido fugir. A princípio tivera alguma esperança de que pudessem vir à sua procura, mas à medida que a dimensão da derrota da Storm se tornava mais clara, perdia a esperança. Como poderiam saber onde procurar? Se metade dos boatos fosse verdadeira, exércitos inteiros tinham sido destroçados, e o Terreno de Caça oriental devia estar cheio de colunas de refugiados como aquela a que ele se juntara, procurando todos alcançar um local seguro antes que as cidades famintas os apanhassem.

Chegou ao topo de uma longa encosta e viu, no Norte distante, uma mancha recortada na planície. Alguns dos companheiros (não podia chamar-lhes amigos; estavam demasiado aturdidos e cansados para perguntar sequer os nomes uns aos outros) tinham parado para a observar, apontando e falando.

— O que é? — perguntou Theo.

— Londres — respondeu um oficial subalterno *shan* guonês.

— Uma poderosa metrópole bárbara que os deuses destruíram quando tentou romper as muralhas de Batmunkh Gompa.

— Os deuses estavam connosco então — disse outro. — Agora viraram-nos as costas. Estão a castigar o Naga e a puta dele por terem derrubado a nossa Caçadora Fang.

Um oficial dos sapadores-telegrafistas, com os olhos enfaixados, comentou:

— Ainda bem que não consigo ver Londres. É um lugar de má sorte. Só olhar para ele traz pouca sorte.

— Achas que a nossa sorte ainda pode piorar? — escarneceu o oficial subalterno.

Um grito de «Dirigível!» surgiu mais à frente na coluna, e toda a gente se atirou ao chão, alguns rastejando para debaixo de arbustos, outros tentando escavar abrigos na terra molhada. Mas o dirigível que passou a roncar por cima deles era apenas uma Esfinge Zhang-Chen, com o raio verde da Storm nos lemes traseiros. Pousou na planície alguns quilómetros mais à frente.

As tropas em torno de Theo calaram-se. Aquele era o primeiro dirigível da Storm que viam há vários dias, e perguntavam-se o que poderia significar. Mas Theo estava mais interessado em Londres. Olhava através da neblina para os seus contornos espinhosos e pouco atraentes, tentando, mas não conseguindo, imaginá-la como uma cidade móvel. Estaria Wren algures ali dentro? Meteu a mão no bolso e tirou a fotografia, examinando-lhe o rosto como já o examinara tantas vezes naquela marcha para oriente, recordando aquele beijo de há muito. *Com amor*, escrevera ela no fim da carta, mas seria a sério, ou uma daquelas saudações com que terminamos as cartas, casualmente, sem tentar sugerir qualquer desejo ou saudade?

Fosse o que fosse, pensar que Wren podia estar tão perto dava-lhe alguma esperança. Os fantasmas de Londres não lhe metiam medo; bem, não muito. Ele já sobrevivera às Águas Ferrugentas, à Linha e a Cutler's Gulp, e não imaginava fantasmas mais aterradores. Como o camarada *shan* guonês, não acreditava que a sua sorte pudesse piorar.

Um oficial num trenó motorizado surgiu a percorrer toda a linha, parando junto a cada grupo de soldados para berrar através

de um megafone:

— Novas ordens! Vamos para sudoeste! A General Xao vai tentar resistir no Comando Avançado.

Theo ouviu os soldados à volta resmungando as suas dúvidas. Não acreditavam que o enclave no Comando Avançado pudesse resistir durante muito tempo. Queriam continuar para a segurança das montanhas. Talvez em Batmunkh Gompa, que resistira tanto tempo às cidades, pudesse haver esperança...

— Mexam-se! — gritava o oficial, com o trenó batendo e roncando ao longo da coluna. — Animem-se! Vamos juntar-nos à General Xao e derrotar os bárbaros! Temos comida e abastecimentos à espera na estrada para o Comando Avançado!

Nem ele parecia acreditar no que dizia, mas todos conheciam o castigo por desobediência a uma ordem da Storm. Cansados, os soldados agarraram nas mochilas e nas espingardas, alguns resmungando, outros praguejando, e uns poucos animados e jurando que desta vez iriam travar os bárbaros para sempre.

Não o Theo. Ficou feliz por saber que a General Xao estava viva, mas aquela não era a sua guerra; por baixo do sobretudo roubado nem sequer tinha o uniforme da Storm. Guardou a fotografia de Wren no bolso e afastou-se, descendo despercebido para um trilho alagado quando eles começaram a avançar.

Era quase noite quando decidiu que não havia perigo em voltar a mostrar-se. Atravessou o chão lamacento do trilho de lagartas e trepou pela parede oposta para terreno plano. Nada restava do exército com que viajara para oriente, excetuando algumas mochilas abandonadas, um cavalo morto e algum lixo varrido pelo vento. Os canhões a ocidente ressoaram de novo quando ele começou a atravessar a planície em direção à silhueta distante da cidade destruída.

Procura-me em Londres.

Capítulo 35

Ligação Ascendente

A casa de Erdene Tezh zumbia com a energia das máquinas antigas. Alimentados por um gerador hidroelétrico na cave, os ponteiros estremeciam, as luzes cintilavam e os componentes tirados de antigos cérebros de Caçadores pareciam taramelar entre si. O quarto estava coberto por um emaranhado de cabos. No meio daquele ninho de máquinas encontrava-se a Caçadora Fang, martelando nos teclados de marfim. Uma série de pequenos e reluzentes pirilampos dançava por trás do vidro de um velho ecrã. Ela murmurava para si mesma; sequências de números, letras e códigos secretos transcritos das suas recordações do *Livro de Estanho*; a língua esquecida de ODIN.

Nada daquilo tinha qualquer significado para Fishcake. Quando a Caçadora não queria que ele arranjasse ou transportasse alguma coisa, vagueava pelas salas mortas, ou saía para o jardim e olhava para os peixes congelados no gelo do tanque, ou dormia, agarrado ao seu querido cavalo de madeira. Dormia muito, quando o corpo e a mente se esqueciam da fome e do frio. Tinha pouca coisa para comer, pois, apesar de ter trazido um saco de comida de Batmunkh Gompa, este estava quase vazio. Sentia dores no estômago por causa da fome. Já falara do problema à Caçadora, mas ela ignorara-o. Agora que acabara o transmissor, já não se interessava por Fishcake.

Às vezes, pensava em fugir daquele lugar. Lançava olhares esperançosos às chaves do iate aéreo do Doutor Popjoy, as quais, por razões suas, ela pendurara ao pescoço num cordel. Mas não se atrevia a roubá-las; sabia que não daria mais de três passos antes de ser apanhado.

Naquela noite, porque o resto do velho edifício era tão frio, Fishcake dirigiu-se de novo para o quarto das máquinas, esperando enroscar-se no calor débil do corpo da Caçadora. Ela ainda trabalhava, tecendo as suas sequências de números. O ruído dos dedos de aço lembrava a Senhora da Morte a jogar aos dados com os ossos de homens mortos no País sem Sol. A hidráulica algures por cima do teto agitou-se, fazendo cair uma neve de estuque esfarelado. Lá fora, onde a neve verdadeira rodopiava em torno do

telhado e os pássaros Caçadores se mantinham atentos a dirigíveis espiões, uma antena parabólica girava e inclinava-se para focar um ponto bem alto a noroeste do céu.

Muito, muito acima, um objeto grande, velho e frio navegava a longa escuridão; coberto de poeira espacial, salpicado de micrometeoritos. Painéis solares emitiam um brilho fraco, como janelas poeirentas. No interior do casco blindado, um recetor escutava pacientemente o mesmo alívio de estática que escutara durante milénios. Mas algo estava a mudar; entre a estática, como destroços de um naufrágio lançados à praia pela rebentação, chegava uma mensagem familiar. O antigo cérebro de computador detetava-o, e respondia. Muitos dos seus sistemas tinham-se avariado ao longo dos séculos, mas outros ainda funcionavam; com sistemas de deteção de falhas de segurança. Células de energia zumbiam; brilhantes faixas de luz começavam a serpentear pelas bobinas da câmara do armamento; cristais de gelo soltavam-se numa nuvem brilhante, aumentando à medida que os pesados escudos se abriam.

ODIN olhava para o azul da terra e esperava pelas suas ordens.

Capítulo 36

Intrusos

22 de junho (julgo...)

Estou a escrever isto num lugar muito sombrio no extremo oeste das ruínas de Londres, ouvindo os tiros dos canhões no Ocidente. Que distância poderá percorrer o ruído de um tiro de canhão? Ninguém aqui tem a certeza. Mas é evidente que a guerra recomeçou, e que a Green Storm está a perder. Alguns refugiados já passaram pelas orlas dos campos de destroços — seguiram caminho de moto próprio, ou com algum incitamento dos londrinos, que se escondem nos destroços e fazem ruídos fantasmagóricos, mas, e se vierem mais?

E se os subúrbios e as metrópoles vierem atrás deles? E se o Wolf Kobold já estiver a caminho daqui a bordo de Harrowbarrow?

Uma coisa tenho de reconhecer; os londrinos não desistem facilmente. Decidiram que Nova Londres tem de estar pronta para partir até ao final da semana, e embora a Lavinia Childermass e os seus Engenheiros tenham dúvidas, sabem que não existe alternativa.

Enquanto os Engenheiros trabalham na Matriz, os restantes começam a encaixotar as coisas que serão necessárias a bordo da nova cidade, e tem sido enviadas mais patrulhas para vigiar as orlas ocidentais do campo e detetar a tempo qualquer sinal de perigo. É isso que explica estar aqui à chuva, e não aconchegada e confortável na minha cama em Crouch End. Montámos um acampamento entre os montes de sucata, e esta noite vamos dormir à luz das estrelas (ou pelo menos sob uma espécie de toldo ferrugento, pelo qual estamos muito gratos, pois proteger-nos-á dos chuviscos). A Cat Luperini, a chefe do nosso pequeno bando, diz que nos devemos revezar no serviço de sentinela. Ela é a primeira, e devo substitui-la às...

Wren largou o lápis e fechou o caderno. Através do tamborilar constante da chuva, ouvira distintamente o grito de um pássaro; o sinal usado pelas patrulhas para comunicar umas com as outras nos destroços. Ela foi chamar a Cat, mas a outra rapariga já tinha ouvido.

— É o grupo do Hodge — disse. — Precisam de nós...

Os outros membros da patrulha — Angie Peabody e um rapaz pequeno e tímido chamado Timex Grout — estavam a acordar, contorcendo-se para saírem dos cobertores e pegar em lanternas e bestas. O coração de Wren começou a bater depressa; parecia encravado algures na região das amígdalas. *Pode ser agora*, pensou. E se a patrulha de Ron Hodge a sudoeste da orla do campo vira as luzes de Harrowbarrow? E se as equipas de reconhecimento de Harrowbarrow já estivessem a atravessar os campos de destroços, prontos para matar todos os que encontrassem? Desajeitadamente, ela tirou uma seta da aljava no cinto e encaixou-a na besta.

O grito soou de novo. Cat respondeu, e a patrulha partiu através da chuva fina. A lua brilhava fraca por trás das nuvens. Wren dava graças pela sua luz, mas temia perder-se dos outros e ser deixada a vaguear sozinha naquele terrível campo de ferrugem. As histórias que escarnecera em Crouch End pareciam bem reais ali nas sombras da noite. Começou a lembrar-se dos trechos arrepiantes do folclore londrino que aprendera com o pai; os vultos escuros e sobrenaturais que assombravam os pesadelos da velha cidade; os fantasmas de Boadiceia e de Spring-Heeled Jack; os terríveis Wombles, ladrões de salvados.

Quase gritou quando uma silhueta se ergueu no caminho à sua frente, mas era apenas Ron Hodge, com o resto da patrulha atrás.

— Que se passa? — perguntou Cat.

— Um intruso — respondeu Ron, com a voz tremente. — Conseguimos vê-lo de relance, depois perdemo-lo. Anda por aqui algures.

— Só um?

— Não sei.

Cat assumiu o comando, mandando toda a gente dispersar em forma de leque e procurar. Comunicavam à medida que atravessavam os montes e as esquinas das ruínas, e além dos gritos de pássaros, agora também usavam palavras. Às vezes, apenas o ruído de vozes saindo dos montes de sucata era suficiente para levar os intrusos a dar meia volta e fugir.

Não havia sinal de ninguém.

— O que é aquilo? — guinchou Timex. Wren correu para ele, atravessando tapetes de flocos de ferrugem tão estaladiços como cereais de pequeno-almoço. — Ali! — sussurrou, quando ela o alcançou, e Wren também o viu, apenas por um instante, um

movimento entre dois blocos vizinhos de destroços. Tentou chamar Cat e os outros, mas tinha a boca demasiado seca. Procurou a patilha de segurança da besta, dizendo para consigo que, se o intruso fosse um dos homens de Harrowbarrow, teria de o matar antes que ele a matasse.

— Quem está aí? — gritou uma voz. Um sotaque familiar; o sotaque de Theo. Wren estremeceu de alívio. Não era um atacante; apenas um aviador africano perdido, mais um desertor dos exércitos da Green Storm em retirada que os vigias tinham visto. Cat dissera que meia dúzia deles passara pelas margens do campo de destroços nos últimos dias e que fora fácil afugentá-los. Wren perguntou-se qual seria a melhor maneira de convencer aquele de que os destroços estavam cheios de espíritos desassossegados. Deveria saltar e agitar os braços e fazer «Buuuuuu»?

Então, aconteceram várias coisas ao mesmo tempo. O estranho, que estava mais perto do que parecera, surgiu de repente à esquina de um velho bloco de motor. Cat e Angie, descendo do cume dos destroços por trás dele, descobriram as suas lanternas, as ofuscantes luzes fantasmagóricas que haviam afugentado tantos intrusos. O estranho, assustado, correu a direito na direção de Wren e Timex, e este caiu para trás, embatendo em Wren, cuja besta disparou acidentalmente com um tremor assustador e um coice que quase lhe partiu o braço. O estranho caiu no círculo de luz das lanternas e Wren, vendo-lhe o rosto, percebeu que ele não parecera apenas o Theo, *era* o Theo.

— Au! — queixou-se ele, sem forças.

Ouviu-se um ruído de flocos de ferrugem a deslizar quando os outros londrinos chegaram a correr. Wren abanava a cabeça, esfregando o braço dorido, à espera de acordar. Aquilo era um sonho, e nada agradável. O Theo não podia estar ali. Estava em Zagwa. Aquele não era o Theo, deitado ali a morrer sobre o metal à sua frente.

Mas quando ela se aproximou, e Cat levantou a lanterna, reconheceu inequivocamente o rosto castanho-escuro de Theo, bondoso e bonito.

— Theo? — perguntou. — Não queria... Oh, Quirke!

Ela começou a apalpar o casaco encharcado de Theo, à procura da seta da sua besta.

Ron Hodge chegou, ansioso por se afirmar agora que o intruso se revelara inofensivo.

— Deixa-o, Wren — ordenou.

— Oh, sai daqui! — gritou Wren. — É um amigo! E acho que o atingi...

Mas não havia qualquer buraco no casaco de Theo; nem sangue, nem seta espetada. O tiro dela passara bem longe.

— Escorreguei apenas — murmurou Theo, olhando para Wren como se não acreditasse que pudesse ser ela. Sentou-se e fitou prudentemente os jovens londrinos à sua volta. Wren não conseguia despregar os olhos dele. Como estava magro, sofrido e cansado, e como ela estava feliz por o ver!

Theo esboçou um sorriso.

— Recebi a tua carta — disse.

Regressaram ao acampamento, onde Angie fez uma pequena fogueira e aqueceu um pouco de sopa para Theo, que tremia de frio e cansaço. Wren sentou-se ao seu lado enquanto ele bebia a sopa. Era uma sensação estranha, estar de novo com ele. Imaginara-o são e salvo na soalheira Zagwa. Como se envolvera nas derrotas da Green Storm? Já tinha perguntado, mas ele respondera apenas:

— É complicado. — E não quisera pressioná-lo.

Perguntou-se se Theo ainda se lembrava de a ter beijado na doca aérea de Kom Ombo, e calculou que sim; afinal, ele viera a Londres para a procurar.

— Não devíamos estar a apapará-lo — resmungou Ron Hodge, andando de um lado para o outro nas franjas da luz da fogueira. — Ele é da Green Storm.

— Não é nada! — exclamou Wren.

— Tem o uniforme da Green Storm.

— Só o casaco — explicou Theo, abrindo-o para mostrar as roupas de aviador por baixo. — Roubei-o a um soldado morto, a caminho daqui. Não sou da Green Storm. Não sei de onde sou.

— É de Zagwa — disse um do grupo de Ron. — Os zagwanos são Antitracionistas. Não podemos deixar um Antitracionista entrar em Londres. A Wren e o pai já trouxeram um espião para cá; agora está

a pedir-nos que aceitemos um Musguento...

— Então que achas que devemos fazer com ele? — perguntou Cat Luperini. — Matá-lo?

Os rapazes pareciam envergonhados.

— Quando amanhecer, eu e a Wren levamo-lo para Crouch End — decidiu Cat.

Wren dormiu mal, enroscada ao lado de Theo. O chão de destroços não era confortável, mas mesmo sem os rebites e os flocos de ferrugem a espetar-lhe o corpo, ela não teria conseguido dormir; tinha de examinar constantemente o rosto adormecido de Theo para se certificar de que não sonhava. E depois despertou de repente com o amanhecer, e eram horas de partir.

Caminharam para leste, Wren e Theo juntos, Cat atrás com a besta. Pelo caminho, Theo contou a Wren a sua história, e ela ficou a saber como ele conhecera a mãe, e como tinham viajado juntos até às linhas da Green Storm.

— E depois disso? — perguntou Wren.

— Não sei. Acho que ela está fora de perigo. Provavelmente em Shan Guo.

Wren não sabia bem o que pensar. Já se habituara à ideia de que a mãe morrera. Era inquietante descobrir que ainda estava viva, e ouvir a maneira como Theo falava dela, como se a *admirasse*. E que andava a viajar com aquele horrível Caçador, o Senhor Shrike — Wren não gostava de pensar no assunto, e quase se sentiu aliviada quando Cat gritou de repente «baixem-se!» e ela pôde concentrar-se em arrastar Theo para um abrigo.

Um pássaro Caçador planava baixinho sobre as ruínas, tão perto que Wren ouviu o ruído das penas das asas varrendo o ar; e viu a cabeça demasiado grande virando mecanicamente de um lado para o outro.

Cat veio juntar-se a Wren e Theo.

— Vi-o às voltas lá no alto quando deixámos o acampamento — informou. — Estive de olho nele enquanto conversavam, esperando que se fosse embora, mas continua a vigiar-nos. Deve ter visto a fogueira que fiz ontem à noite.

Wren espreitou por baixo da placa de convés que os escondia. O pássaro subira mais alto, voando em círculo. Depois bateu as asas

desajeitadas e desceu rapidamente sobre os campos de destroços em direção a Crouch End.

— Estão cada vez mais bisbilhoteiros — comentou Cat.

— Pássaros espiões — explicou Wren a Theo, achando que ele parecia assustado. — Vêm até aqui e tiram fotografias da gente, para o álbum do General Naga.

Theo abanou a cabeça.

— Aquilo não era um pássaro espião, Wren. Era um Lammergeyer. Tínhamos um bando deles a bordo do meu portador quando estava na Storm. São usados em patrulhas de reconhecimento. — As raparigas olharam-no sem perceber, como faziam as raparigas quando ele usava o jargão militar da Storm. — São pássaros de assalto, Wren! Parece que os teus amigos correm perigo...

Naquela manhã, os pássaros da Green Storm mostravam-se muito interessados nos campos de destroços. Enquanto Tom se atarefava a embrulhar e encaixotar os tesouros que encontrara entre as ruínas para os levar para bordo de Nova Londres, ouviu várias vezes o toque metálico do sino de alarme, avisando todos os londrinos que se encontrassem ao ar livre para terem cuidado. À hora do almoço, havia mais três carcaças ainda fumegantes de pássaros-espiões penduradas junto à cantina, expostas como troféus pelos zelosos vigias que tinham abatido os pássaros com pistolas de raios quando eles se mostraram demasiado interessados na Matriz.

Tom sentia-se contente com o modo como o reassassínio dos pássaros animava os concidadãos, mas não podia deixar de se interrogar se abatê-los teria sido sensato. Não poderia isso tornar os seus mandantes ainda mais desconfiados em relação ao que se passava nos destroços?

Chudleigh Pomeroy disse-lhe que não se preocupasse:

— Aqueles pássaros não viram nada que possa levar a Storm a desconfiar. Mesmo que tenham visto, a Storm tem coisas mais importantes com que se preocupar. Quando decidirem enviar dirigíveis para cá, já Nova Londres terá partido.

Tom bateu sub-repticiamente num bocado de madeira. Sabia que os Engenheiros se estavam a esforçar ao máximo para aperfeiçoar os

motores de Childermass, mas não deixava de pensar no ensaio falhado do dia anterior. E se o próximo ensaio também fosse um fracasso?

Ele desejava poder fazer mais para ajudar. Sentira-se comovido quando Chudleigh Pomeroy lhe pedira que fosse Historiador-Chefe, e levava a recolha de relíquias a sério, mas sabia que era um trabalho inventado para si, não verdadeiramente necessário. Nova Londres tinha que ver com o futuro, não com o passado.

Depois do almoço, Pomeroy anunciou que ia para a Matriz, e Tom ofereceu-se para o acompanhar. Afinal, reparara o *Jenny Haniver* várias vezes; tinha a certeza de que os Engenheiros encontrariam algum pequeno trabalho de soldadura ou eletricidade para ele fazer a bordo da sua nova cidade. No entanto, não se haviam afastado mais de vinte metros de Crouch End quando o sino de alarme começou novamente a tocar.

— Por amor de Quirke! — exclamou Pomeroy, voltando para a entrada. — Como vamos conseguir fazer alguma coisa com estas interrupções constantes? Estou a pensar em escrever uma carta bem dura ao General Naga para lhe dizer que isto não é próprio de um bom vizinho...

Tom já estava habituado a ver os pássaros Caçadores ao longe, mas aquelas novas carcaças penduradas junto à cantina deixavam-no inquieto. Olhou para o céu enquanto apressava Pomeroy para se abrigar, e ainda bem que o fez. Os pássaros tinham regressado em força, e desta vez não eram pequenos pontos a circular, mas vultos negros descendo como mísseis a partir do sol.

— Abaixo-se! — gritou, empurrando Pomeroy para o chão precisamente quando um pássaro se precipitou sobre eles, com as garras de aço passando rente à cabeça do velhote. O sino de alarme ressoava de novo, e no caminho para a Matriz as pessoas dispersavam-se e gritavam. Saab Peabody, que já abatera um pássaro-espião, saiu a correr de Crouch End com a pistola de raios pronta a disparar, ansioso por acrescentar outro à conta. Um pássaro lançou-se sobre ele, batendo-lhe com as garras afiadas no rosto. Ele deixou cair a pistola e caiu cego e a gritar. Outros pássaros derrubavam as varas dos feijoeiros nas hortas, atormentando um pequeno grupo de crianças aterrorizadas que os professores tentavam conduzir para a segurança de Crouch End. Mesmo aí, entre as cabanas resguardadas, as asas mortas agitavam-

se.

Tom observou tudo, tremendo, fazendo o melhor para proteger Pomeroy. Saab parecia ter perdido os sentidos; a pistola de raios caíra apenas a alguns metros, e, nos seus dias de juventude, Tom talvez tivesse tentado alcançá-la e fazer algo heroico, mas receava ter outro ataque, e estava com tanto medo dos pássaros que mal se conseguia mexer.

Wren, Theo e Cat tinham saído das colinas de ferrugem a oeste de Crouch End quando começou o ataque. Ouviram o sino tocar, e as duas raparigas pararam para observar, sem perceber, as pessoas em baixo a dispersar-se perante os vultos velozes que desciam do céu.

— Aquele é o meu pai! — exclamou Wren, vendo Tom pregado ao chão ao lado de Pomeroy, a cerca de dez metros. Voltou-se para Theo, mas este já vira Tom e corria para ele através da luz do sol toldada pelos pássaros.

Cat começou a soluçar de pânico. Wren tirou-lhe a besta e soltou a patilha de segurança. Eles gostavam de se armar em militares, aqueles jovens londrinos, mas até então aquilo tudo não passara de uma brincadeira; nunca tinham visto violência a sério. Wren, sim, e embora soubesse que depois ficaria a tremer como gelatina, naquele momento sentiu-se calma. Fez pontaria a um pássaro que se precipitava sobre Theo e trespassou-lhe o corpo com uma seta mesmo antes de ele atacar. Uma seta de besta não destruíra um pássaro Caçador, mas o golpe bastou para o afastar, e Theo continuou a correr sem sequer se aperceber do perigo que correra.

A atenção do pássaro desviou-se para Wren. Virou de súbito na sua direção. Ela tirou outra seta da aljava, mas o pássaro estaria em cima dela muito antes de a conseguir recarregar. Deixou cair a besta, pegou na extensão retorcida de um tubo de escoamento de ferro dos montes de destroços ao lado do caminho e derrubou o pássaro quando este lhe estendia as garras. Depois, Cat pegou também num bocado de metal, e as duas desfizeram-no.

Theo ia a meio caminho do lugar onde Tom se encontrava quando percebeu que não tinha qualquer plano. Só começara a correr porque queria que Wren visse que era corajoso, e porque sempre achara que o senhor Natsworthy na verdade não sabia

defender-se. As sombras dos pássaros riscavam o chão; os reflexos das asas dispersavam-se nas poças de água. Ele nem sequer estava armado...

A pouca distância de Tom e do velho Pomeroy havia uma pistola prateada no chão. Theo precipitou-se para ela, sentindo garras rasgar o ar. Rebolou, mexendo desajeitadamente na pistola, procurando um gatilho no meio da confusão de fios e tubos. Desejou que fosse algo mais simples

— qualquer soldado sabia que não se podia contar com aquele tipo de lixo de Tecnologia Antiga reaproveitado —, mas lembrou-se do ditado «a cavalo dado não se olha o dente» e apontou a pistola a um pássaro que passava. Quando apertou o que esperava ser o gatilho, um puro raio de luz fez cair o pássaro estorricado aos seus pés. Espantado, levantou-se e voltou a pistola para outro pássaro. Depois de abater quatro, os outros começaram a reparar nele, mas então os londrinos também já os alvejavam

— vistosos raios de eletricidade crepitando e saltando de outras pistolas como a dele, pássaros fumegantes e chuva de penas por todo o lado.

Depois, de repente, o ataque terminou. Um pássaro solitário voava para leste, demasiado alto para ser atingido pelos raios que o perseguiram. O sino de alarme continuou a ressoar até alguém ir dizer à rapariga que o tocava que podia parar. As pessoas saíram nervosas dos buracos e fendas onde se haviam escondido, sacudindo a ferrugem da roupa, silenciosas e pálidas do choque. Os feridos gemiam; os amigos pediam ajuda...

— Porque atacaram? — perguntavam as pessoas. — Porque agora? Depois de todos estes anos...

— Isto não foi um ataque a sério — esclareceu Theo, começando a tremer um pouco ao imaginar o que lhe podia ter acontecido se aqueles fossem pesados pássaros de assalto em vez de um bando de reconhecimento. — Vieram apenas sondar; querem avaliar a vossa força... — Ele olhou em volta, examinando finalmente o lugar inacreditável onde se encontrava.

Os londrinos devolveram-lhe o olhar, perguntando-se de onde surgira aquele jovem trajando o uniforme do inimigo.

Tom levantou-se devagar e ajudou Chudleigh Pomeroy a levantar-se também. O seu coração batia com muita força, mas ele

não se sentia doente; o único sintoma preocupante era uma alucinação que teimava em não desaparecer; parecia ver Theo Ngoni à frente, agarrando uma pistola de raios.

— Olá, Senhor Natsworthy — disse a alucinação, com um aceno nervoso.

Depois Wren apareceu a correr — suja, e com um corte na testa, mas, fora isso, sã e salva, graças a Quirke —, a correr para o abraçar e perguntar se ele estava bem, e explicar:

— É o Theo, pai; o Theo está aqui; lembra-se do Theo; ele veio de África para nos encontrar.

Capítulo 37

Amor Entre as Ruínas

Não era uma boa altura para um jovem Antitracionista, sobretudo da Green Storm, aparecer em Londres. As pessoas estavam assustadas e zangadas, agitando os punhos na direção de Shan Guo e perguntando o que tinham feito para levar os Musgientos a atacá-las. As coisas podiam correr mal para Theo, se não tivesse abatido cinco dos sinistros pássaros.

— Isso não quer dizer nada — insistiu o Senhor Garamond. — Pode fazer parte do plano deles, para nos levar a aceitá-lo e permitir que nos assassine enquanto dormimos! — Mas Pomeroy disse-lhe que se deixasse de disparates; o jovem salvara-o, e a muitas outras pessoas, e ele, pelo menos, estava disposto a acolhê-lo.

Tom e Wren também falaram, explicando que Theo viajara com eles durante um tempo a bordo do *Jenny*, e visitara a Metrópole de Tração de Kom Ombo sem mostrar qualquer desejo de assassinar alguém. E aos poucos, com relutância, as pessoas começaram a admitir que Theo afinal talvez nem fosse agente da Storm; apenas um estrangeiro perdido que devia ser bem recebido.

Os feridos foram tratados, as patrulhas reforçadas, as pistolas de raios recarregadas. Chudleigh Pomeroy, que parecia bastante abalado mas insistia em afirmar que estava bem, fez muitas perguntas a Theo acerca do desenvolvimento da guerra, às quais Theo não podia responder, porque Chudleigh Pomeroy tinha uma noção de batalhas típica de um Historiador, envolvendo táticas e planos e decisões de generais; tudo coisas a que Theo na verdade nunca poderia ter acesso durante a fuga através da lama.

Ao final da tarde, quando a luz do sol começou a entrar obliquamente em Crouch End e pelas janelas da pequena barraca, Tom e Wren puderam finalmente ficar a sós com Theo. Entre uma refeição de bolo e chá de urtigas que Wren foi buscar à cozinha, eles contaram-lhe as suas aventuras, e escutaram a dele. Foi então que Tom ficou a saber do encontro de Theo com Hester; de como ela o salvara no mar de areia, e do que se seguira, até ao momento em que ela embarcara naquela corveta com a Senhora Naga.

Wren pegou nas mãos do pai. Ele tinha lágrimas nos olhos, mas perguntou apenas:

— Onde está a Hester agora?

Theo abanou a cabeça.

— Era uma confusão tão grande na linha! Acho que o dirigível dela conseguiu escapar ileso. Mas onde quer que esteja, ficará bem. Nunca conheci ninguém tão corajoso e resistente. E o Senhor Shrike cuidará dela...

— Shrike — pronunciou Tom, e abanou a cabeça. — Então foi mesmo ele que vocês os dois viram na *Cloud 9*. Julguei que tivesse acabado com ele para sempre na Ilha Negra. Odeio pensar naquele velho bruto a andar novamente por aí.

— Eu não estaria aqui agora se não fosse ele, Senhor Natsworthy — explicou Theo. — Ele mudou muito desde que a Oenone o Rerressuscitou.

Tom não duvidava do que Theo lhe dizia, mas não conseguia ainda livrar-se das recordações do velho Shrike, perverso e louco, que o tinha perseguido pelos Pântanos de Águas Ferrugentas havia vinte anos. E agora Shrike e Hester estavam de novo juntos, como quando ela era menina. Apoderou-se dele um sentimento raro e amargo. Sentia ciúmes do velho Caçador.

Ao fim do dia, depois de o Sol se esconder na neblina do ocidente e o céu por cima dos campos de destroços se colorir de lilás, Wren levou Theo à Matriz para que ele pudesse ver com os próprios olhos o que os londrinos estavam lá a fazer. Ela sentia-se nervosa, pois, embora Theo fosse um Antitracionista moderado e civilizado, não deixava de ser Antitracionista, e fora criado a odiar e a temer todas as cidades móveis. Mas Nova Londres tornara-se tão importante para Wren que ela tinha de lhe mostrar; tinha de saber o que ele achava.

Quando chegaram ao hangar, ele ficou a olhar durante muito tempo para a cidade, enquanto Wren lhe explicava, nervosa, como tudo começara, e o que aquelas coisas esquisitas parecidas com espelhos deviam fazer. Não conseguia perceber o que ele pensava, nem se a escutava.

— Mas não tem rodas — constatou ele, por fim.

— Já te disse, não precisa — lembrou Wren. — Por isso escusas de olhar para ela desse modo tão antiquado; ela não vai revolver a tua preciosa terra verde nem esmagar flores e coelhinhos. Na verdade, nem sequer é uma Cidade de Tração. Pensa nela como um dirigível muito grande que voa a baixa altitude.

Caminharam pelas sombras debaixo de Nova Londres. Por cima deles, os Engenheiros trepavam como aranhas pela barriga da cidade, fazendo ajustamentos e reparações. Em toda a volta, no chão do hangar, barris de água e caixotes de carne salgada esperavam para serem armazenados a bordo, junto com cestos cheios de aves domésticas e pilhas de comida enlatada desenterradas por equipas de recuperação das mercearias e armazéns perdidos nos campos de destroços. Até as barracas onde as pessoas de Londres tinham vivido durante tanto tempo eram desmanteladas e colocadas em carros de mão e trenós de ferro-velho para serem transportadas para os porões do novo subúrbio. Quando Wren e Theo saíam da Matriz viram uma fila inteira deles descendo o caminho de Crouch End, enchendo o crepúsculo de poeira e flocos de ferrugem. Da extremidade norte da Matriz chegavam as vozes de Len Peabody e dos amigos, ocupados a limpar os destroços da entrada do hangar e instalando os explosivos de demolição que abririam as portas quando chegasse a hora de Nova Londres partir.

— Então, que achas? — perguntou Wren, preocupada com o silêncio de Theo. Afastou-o para um corredor estreito entre os destroços onde havia algumas macieiras. Achou que um Musguento talvez se sentisse mais à vontade ali, rodeado do murmúrio suave das folhas, e que ele se animasse com a forma como a natureza se apoderava das ruínas de Londres. — Diz-me — insistiu.

— Estás decidida a ir com eles? — perguntou Theo.

— Sim — respondeu Wren. — O meu pai quer ir. Eu também quero. Quero estar a bordo de Nova Londres e senti-la a deslocar-se, correndo para novos lugares...

— Caçando?

— Comerciando, como Anchorage costumava fazer.

— As metrópoles maiores irão caçar-vos.

— Não nos apanharão.

Um pássaro esvoaçou entre a vegetação rasteira. Era apenas um melro, mas eles assustaram-se, e aproximaram-se um do outro.

— É que não esperava nada disto — explicou Theo. — Pensei que estivessem aqui apenas a explorar...

— A culpa é do Pennyroyal — queixou-se Wren, que falava sempre demais quando estava nervosa. — Se não tivesse deixado a minha carta ficar toda encharcada, terias sabido da teoria do Wolf...

— Chiu... — Theo tocou nos lábios dela para a calar. Depois disse: — Pensei que estivesse em perigo, agora que os bárbaros avançam de novo para o Oriente. Esperava poder encontrar-te e levar-te e ao teu pai comigo para Zagwa, de alguma forma...

Ora bolas! pensou Wren, porque tivera quase a certeza de que ele ia beijá-la, e depois percebeu que aquilo não iria funcionar. Ele era um Musguento e ela era uma cidadina. Ele nunca iria aceitar Nova Londres. Mas pensou: *Bem, que importa?* No pé em que as coisas estavam, podiam ambos ser devorados por Harrowbarrow ou despedaçados por pássaros Caçadores antes da noite seguinte.

Então, foi ela quem o beijou.

Um olho eletrónico focou-se por um instante em Wren e Theo; fazendo *zoom* sobre a mancha de calor dos seus corpos no meio da fria extensão dos destroços. Um cérebro de computador considerou-os durante uma fração de uma fração de segundo, depois esqueceu-os. ODIN voltou o olho para ocidente, retraindo-o, esforçando-se por compreender o mundo incompreensível para o qual acordara. Onde estavam as vastas cidades dos seus construtores, Nova Iorque e San Angeles, para a defesa das quais ele fora posto em órbita? Todos aqueles novos mares? E o que eram aqueles veículos enormes que rastejavam pela Europa, arrastando longas e negras caudas de fumo de escape?

A antiga arma agarrou-se à única coisa familiar que o mundo mudado lhe podia oferecer; a sequência de dados codificados elevando-se como um fio de seda de um lugar qualquer nas terras altas da Ásia Central.

Capítulo 38

As Infinitas Vozes Do Vento

A guerra das cidades corria de feição. A Panzerstadt Winterhur perdera-se e Darmstadt e a Conurbação de Dortmund estavam atoladas algures nas Águas Ferrugentas, mas as restantes tinham encontrado uma resistência surpreendentemente fraca. Nos céus cheios de fumo, as suas máquinas voadoras giravam e rodopiavam, atormentando os bandos de dirigíveis da Green Storm em retirada, enquanto as suas naves e as plataformas de canhões aéreas suspensas de balões de gás blindados atraíam pássaros Caçadores para perto e depois desfaziam-nos em tornados de muco e penas.

Quando se tornou evidente que os exércitos da Storm tinham sido desbaratados, Adlai Browne decidiu que chegara a hora de Manchester dar a sua pequena contribuição. Dentro de poucas semanas, os bons velhos tempos do Darwinismo Municipal estariam de volta, e ele pretendia garantir Manchester no topo da cadeia alimentar quando isso acontecesse. Reuniu uma guarda de subúrbios-ceifeiros à volta da sua cidade e avançou para oriente de mandíbulas abertas, enchendo as entranhas com os escombros de torres de vigia e fortalezas, celeiros e quintas e turbinas de vento.

Enquanto Wren beijava Theo nas ruínas de Londres, Manchester atravessava quilómetros de florestas recém-plantadas em direção à colónia estática chamada Comando Avançado. À sua volta seguiam os Furões Voadores, metralhando os lança-foguetões dos Musguentos. Os subúrbios blindados de Werwolf e Evercreech corriam à frente da cidade-mãe como cães bem adestrados.

Uma esquadrilha de Fox Spirits levantou voo de algures na cidade Musguenta e seguiu em direção a Manchester. Orla Twombly fez sinal ao resto da esquadrilha e os Furões juntaram-se, subindo em bando uivante para os dirigíveis, que se voltaram desorientados e lançaram foguetões em todas as direções. Orla praguejou quando uma máquina a estibordo (o giroplano de verga *Big Blue Plymouth*) esbarrou num foguetão e explodiu, ofuscando-a com o fumo. Ela aproximou-se da cauda do Fox Spirits que disparara o foguetão e perseguiu-o em direção a oeste, rasgando-lhe bocados dos lemes de direção com o canhão do *Marsupial de Combate*. Perfurou-lhe o

flanco com balas incendiárias e viu os cilindros de gás começarem a arder. Balões de fuga brancos soltaram-se da barquinha quando a tripulação decidiu abandonar a nave. Alguns aviadores encaravam os balões de fuga como um bom exercício de tiro ao alvo, mas Orla sempre afirmara que os Furões abatiam dirigíveis, não pessoas, por isso deu a volta à nave destrozada e regressou para ajudar os camaradas a tratar das restantes.

Estava a cerca de cinco quilómetros de Manchester quando o céu se abriu em dois. Ouviu um guincho e um rugido. Esforçando-se por manter o nariz do *Marsupial* para cima quando ele começou a descer para terra, ela viu uma lança de fogo branco atravessar o céu. As asas de lona do *Marsupial* começaram a arder lentamente. Orla invocou vários deuses e deusas, e apontou o extintor para os bocados que ardiam. O céu encheu-se de fumo e luz. Ela julgou ver a lança de fogo dirigir-se para norte, na direção de um dos subúrbios de Manchester. Quando a luz se afastou e o guincho e o rugido esmoreceram, percebeu que os motores do *Marsupial* estavam parados, e que não conseguia voltar a ligá-los.

Planando nas correntes aéreas por cima das florestas em chamas, virou para Manchester, mas esta estava imóvel, com a blindagem perfurada, as lagartas destruídas, as plataformas arruinadas lançando chamas para o céu chamuscado. Orla nunca imaginara que pudesse haver tanto fogo no mundo. Deu uma volta à carcaça, chorando, horrorizada com a visão de tantas pessoas mortas ou a morrer. Não havia nada que pudesse fazer para as ajudar. Virou em direção a noroeste, procurando um lugar para aterrar. A luz no céu apagara-se, mas desenhara uma faixa enorme de incêndios através das planícies, e em vários pontos ao longo da linha ardiam piras enormes onde antes existiam cidades e subúrbios.

Por fim, quando o *Marsupial de Combate* começou a perder altitude no ar mais frio, surgiu em frente uma cidade couraçada. Era Murnau, imóvel mas intacta, e os vigias reconheceram a máquina de Orla e abriram uma portada na blindagem da plataforma superior para a deixar entrar. Quando o *Marsupial* pousou na Über-den-Linden, ela sentiu as rodas ceder, e depois o trem de aterragem partiu-se; ela parou de repente numa tempestade de lascas de madeira e fios partidos e lona rasgada. Não se apercebera da dimensão das queimaduras do seu velho planador. Não se apercebera das *suas* queimaduras, até ver os olhos esbugalhados dos

homens que correram para a ajudar. O seu fato de aviador cor-de-rosa estava preto; o rosto também, excetuando as marcas dos óculos à volta dos olhos.

As luvas deitaram fumo quando ela afastou o pessoal médico com um aceno de mãos e se dirigiu a tossir e cambaleante para a Rathaus. Tinha de contar a alguém o que vira; tanto quanto sabia, fora a única que escapara com vida.

— Tenho de falar com o Kriegsmarshal... — cuspiu.

Von Kobold correu ao encontro dela nos degraus da Rathaus.

— Senhora Twombly? — Aquela luz... Aqueles fogos... Perdemos contacto com Manchester, Breslau, Moloch-Maschinenstadt... Que diabo se passa?

— Manchester morreu — anunciou Orla Twombly, deixando-se cair. Von Kobold apanhou-a, manchando a túnica branca de fuligem e sangue. — Morreram todos — continuou. — Mande a sua cidade voltar para trás. Dê o toque de retirada! Fuja! A Storm tem uma arma nova, e destrói tudo...

— Um mensageiro, meu general! Um mensageiro da frente!

A voz do ajudante de campo de Naga ressoa pela sala de guerra do Pagode de Jade, ressoa na cabeça do general. Ele não consegue imaginar por que razão o homem está tão agitado. Durante toda a semana não recebeu outra coisa senão mensageiros da frente, e estes só trazem más notícias. Naga já nem sequer sabe onde fica a frente. Toda a sorte que tivera abandonara-o. Talvez tivesse morrido com Oenone.

— General Naga!

Bem, lá está ele, o famoso mensageiro, de aspeto pouco famoso; um oficial subalterno de cara redonda de um dos postos de escuta nas montanhas ocidentais.

— Sim?

O rapaz faz uma vénia tão baixa que os lápis caem-lhe dos bolsos da túnica e espalham-se pelo chão.

— Mil perdões, General Naga. Tive de vir em pessoa. Todos os nossos pássaros Caçadores foram requisitados para a frente e há qualquer coisa a interferir nos sinais de rádio...

— O que foi? — berra Naga. Tenta berrar, pelo menos, mas sai-lhe um suspiro irritado.

— A Senhora Naga, meu general! — (Como tem os olhos brilhantes, este rapaz. Já teria nascido quando as guerras começaram?) — Ela está viva! Chegou um pássaro Caçador da divisão da General Xao. Vinha muito danificado, mas decifrámos a mensagem. A Senhora Naga vem a caminho de casa.

O rapaz, que parecera ter feições tão papudas e desinteressantes momentos antes, é na verdade invulgarmente bem-parecido; valente; inteligente. Em que estava a Storm a pensar quando obrigou um jovem daquele calibre a levar mensagens para postos de escuta tão distantes? Naga levanta-se bruscamente e deixa a armadura transportá-lo para a mesa dos mapas.

— Promovam este homem a tenente. Não, a capitão. — Sente-se quase jovem de novo. Oenone está viva! Dezenas de novas estratégias brotam-lhe na cabeça como flores de papel deitadas à água. Uma delas irá com certeza travar o avanço dos cidadãos!

Ela está viva! Está viva! Está viva!

Sente-se tão feliz que deixa passar quase um minuto antes de se lembrar da jovem que chegou do deserto com descrições tão pormenorizadas da morte de Oenone.

Pega na espada de um dos seus generais. Os oficiais e os Caçadores afastam-se para deixar a armadura marchá-lo para fora da sala, e depois escadas acima.

— General Naga? — chama um dos homens atrás dele.

— A rapariga Rohini, idiota! — berra, ou tenta berrar. (Começa a perceber a verdade; *O que andou ela a fazer-me?*) — Chamem os guardas! — Mas na verdade não quer que os guardas se ocupem dela; quer ser ele a lidar com ela, com aquela bela espada; quer cortar-lhe a cabeça como a um melão.

Não se dá ao trabalho de bater à porta quando chega aos aposentos dela, na distante ala ocidental. A sua armadura atravessa-a sem dificuldade, espalhando fragmentos e lascas de madeira antiga à volta. Sobe os cinco degraus para o quarto dela. Quando alcança o último degrau, ela levanta-se da cadeira para o cumprimentar, encantadora e recatada como sempre. Uma grande janela atrás dela abre para uma varanda iluminada pelo luar.

— A minha mulher está viva — declara Naga. — Vem a caminho de casa. Vais continuar a fingir-te muda ou queres dizer as tuas últimas palavras?

Por um momento, ela fica apenas a olhar para ele, magoada, assustada, confusa. Depois, percebendo que já não adianta fingir, ri-se.

— Seu velho idiota! Ainda bem que está viva. Agora vai ver onde a paz dela nos colocou! À beira da destruição! Nem sequer tu vais acreditar mais nas suas mentiras Tracionistas.

— Que queres dizer?

— Continuas a não perceber? — Rohini volta a rir-se, de um modo algo demente. — Ela está a trabalhar para eles! Esteve sempre! Porque achas que se casou contigo? Não és propriamente o sonho de uma rapariga, pois não, Naga? Metade homem, a chocalhar dentro de uma armadura. E em breve nem sequer isso. Vou matar-te, general, e o teu povo irá sublevar-se e matar a tua mulher traidora. Depois estará pronto para acolher de volta a *verdadeira* líder, quando ela se revelar.

— De que estás... — começa Naga a dizer. E detém-se, porque naquele momento Rohini arranca o cabelo, que, afinal, é uma peruca, e revela o que está por baixo: o cabelo curto e loiro, que destoa estranhamente do rosto cor de ocre, e uma pequena pistola de gás, com a qual atira nele. A couraça de Naga protege-o da bala, mas o impacto obriga-o a recuar um passo e ele escorrega e cai escadas abaixo.

— ... a falar? — pergunta ele ao teto, deitado sobre as lascas da porta destruída, aturdido.

Rohini — ou quem quer que seja — aparece ao cimo das escadas. Ainda tem a pistola na mão. Desta vez faz pontaria à cara dele, não à armadura. Continua a sorrir. — Cynthia Twite, do grupo secreto especial da Caçadora Fang. Alguns de nós mantiveram-se fiéis, General. Nós sabíamos que ela voltaria a aparecer.

— Andaste a envenenar-me! O chá! Tu...

— Foi isso mesmo! — exclama a rapariga, orgulhosa. — e agora vou acabar...

Só que não acaba a frase, porque nesse momento um raio de luz entra disparado pela janela, tão brilhante que parece sólido, tão

quente que num instante incendeia Cynthia e o resto na sala. Um ruído estridente e rugidor abafa os gritos dela. Nas sombras da caixa das escadas, Naga sente o calor no rosto como o bafo de uma fornalha aberta. Por cima dele, Cynthia Twite é um ramo preto, ardendo. Segue-se um ruído de alvenaria a cair. O Pagode de Jade inclina-se para o lado, como se hesitasse em permanecer ali empoleirado na encosta da montanha. Naga tenta levantar-se, mas a armadura não lhe obedece. As cinzas de Cynthia pousam nele quando a luz se apaga.

— Socorro! — grita para o fumo. — Socorro!

Atrás dele, a antiga parede de pedra abre-se como uma cortina. A estrutura principal do Pagode de Jade desapareceu. Ele está a olhar para o vale onde Tienjing, a capital do Antitracionismo, existiu durante mil anos. Não há lá nada senão fogo, e as infinitas vozes fúnebres do vento.

Capítulo 39

A Luz De Fogo

Wren começou a sentir-se envergonhada quando ela e Theo desceram para Crouch End. Tinham ficado sozinhos naquele recanto dos destroços durante mais tempo do que ela planeava. Estava convencida de que finalmente dominara a arte de beijar, mas não parava de pensar que toda a gente perceberia o que tinham estado a fazer. Mesmo depois de largar a mão de Theo, havia uma espécie de corrente elétrica no ar entre eles, e não deixavam de olhar um para o outro.

No entanto, embora metade de Londres parecesse encontrar-se no espaço aberto diante de Crouch End, ninguém reparou em Theo e Wren. Olhavam todos para ocidente. E quando Wren se juntou a eles, notou que o céu por cima das cristas dos destroços tremeluzia de vermelho, como se um incêndio enorme deflagrasse no horizonte.

— O que é aquilo, Senhor Luperini? — perguntou Wren, vendo o pai de Cat perto dela. — É a guerra?

Luperini abanou a cabeça; encolheu os ombros. Ruídos indistintos e arrepiantes sopravam no vento; guinchos e rugidos. Uma névoa fantasmal de luz empalidecia a metade ocidental do céu, ofuscando as estrelas. Wren voltou a dar a mão a Theo.

— Faz-me lembrar aquela noite em que bombardeámos a velha Bayreuth — disse alguém.

— Wren! — Tom veio ter com eles, apressado. — Estava a ver para onde tinham ido. Que achas disto, Theo?

Theo abanou a cabeça.

— Há quanto tempo dura?

— Há cerca de meia hora... não viram o primeiro clarão?

— Hum... — engasgou-se Wren.

Theo olhou para o céu, franzindo as sobrancelhas.

— Se for tiros de canhão, nunca vi nada igual.

O Doutor Abril chegou a correr do posto na orla do campo de

destroços onde escutava as mensagens de rádio da Green Storm e das cidades que se aproximavam. Os londrinos juntaram-se à volta, perguntando-lhe o que conseguira ouvir no ar.

— É difícil dizer — respondeu, agitado, com os óculos a refletir as luzes do céu. — Há uma interferência qualquer nos sinais. Mas parece... Parece que...

— O quê? O quê? — instaram as pessoas à volta.

Ele engoliu em seco, com o pomo de Adão subindo e descendo como um êmbolo.

— Foram destruídas cidades inteiras — disse, e teve de levantar a voz para se fazer ouvir no meio das exclamações, das maldições, dos bufos de indignação. — Manchester. Várias *Traktionstadts* e subúrbios...

— Tecnologia Antiga! — exclamou Chudleigh Pomeroy, que saíra da sua cabana de roupão para ver o motivo de tanto alvoroço. — Tem de ser. A Green Storm tem uma arma qualquer de Tecnologia Antiga...

— Mas porquê esperar até agora para a usar? — ponderou Clytie.

— Quem sabe. Talvez até eles tenham medo dela. Deve ser tremendamente poderosa.

— Mas onde a encontraram? — perguntaram outras vozes. — O que é?

Lurpak Flint estava atrás de Clytie, com os braços a envolvê-la.

— Talvez não seja daqui da terra. Lembrem-se, os Antigos deixaram armas no espaço. E se a Green Storm descobriu uma maneira de ativar uma delas?

— Também há chamadas de socorro nas ondas da Green Storm — acrescentou o Doutor Abril. — Notícias de uma explosão em Tienjing. É muito confuso. Lamento.

— Talvez as *Traktionstadts* tenham enviado dirigíveis para Tienjing com o intuito de destruir o transmissor que controla essa arma — aventou Pomeroy.

Outra onda de luz branca iluminou o céu.

— Não me parece que o tenham destruído — comentou Len Peabody. — Isso é mau, não é? Quer dizer, o que impedirá os

Musguntos de apontarem esse novo brinquedo a Nova Londres assim que nos virem sair do campo de destroços?

Pomeroy suspirou; encolheu os ombros.

— Bem, nada — respondeu. — É de facto um problema, como dizes, mas não há nada que possamos fazer. Só rezar a Quirke e a Clio e a todos os outros deuses para que a Green Storm não ache que valha a pena gastar um tiro da sua sofisticada e nova superarma connosco. Afinal, Nova Londres é pequena. Querendo Quirke, talvez ainda consigamos escapar. Ir para norte, para longe deste mundo horrível que as cidades e a Green Storm criaram. Gostava de ver os Desertos Gelados antes de morrer...

Ele levantou um pouco a voz, para que toda a gente deixasse de olhar para o céu e se voltasse para ouvir.

— Isto não altera os nossos planos. Até nos pode ajudar, de forma terrível; pode atrasar a chegada de Harrowbarrow. Por isso, vão dormir e tentem descansar. Não ganhamos nada em assistir a esta festa de fogo de artifício. Amanhã, temos muito trabalho pela frente. Cá por mim, preciso de dormir uma soneca.

Os londrinos começaram a dispersar-se, voltando sozinhos ou em pares para as suas casas. Tom reconheceu a expressão nos rostos daqueles que passaram por ele. Vira-a em Batmunkh Gompa; dezanove anos antes. Era a expressão de pessoas que acabaram de saber que uma civilização completamente oposta à sua se tornara a mais poderosa da Terra. Apesar das palavras corajosas de Pomeroy, estavam com medo.

Apenas Wren e Theo, caminhando com as cabeças juntas e os braços enlaçados na cintura um do outro, pareciam calmos. Não acreditavam que uma arma antiga pudesse interpor-se entre eles; imaginavam que os sentimentos que partilhavam eram mais fortes do que a Storm e as cidades e toda a Tecnologia Antiga no mundo. Tom deixou-os passar e observou-os, lembrando-se de como em tempos ele também se sentira assim com Hester.

Dirigiu-se para Crouch End ao lado de Chudleigh Pomeroy. O velhote andava devagar, como se os pássaros Caçadores o tivessem abalado de forma mais grave do que queria admitir, mas quando Tom lhe ofereceu o braço, ele afastou-o com um aceno de mão.

— Ainda não estou totalmente incapaz, Aprendiz Natsworthy. Se bem que, desde que tu e a tua filha chegaram, as coisas têm andado

bastante animadas. Pássaros e subúrbios e armas apocalípticas... Não temos um minuto de sossego.

Outro pálido clarão surgiu do céu a ocidente. Desta vez parecia mais forte, e Tom julgou ver uma lâmina de luz branca cruzar as estrelas, atingindo a terra de uma altura incomensurável. Ouviu de novo aquele guincho e rugido distantes.

— Grande Quirke! — sussurrou.

— Eles não brincavam em serviço, aqueles Antigos.

— Será que o Lurpak tinha razão? Estará algures no espaço?

— É possível — respondeu Pomeroy. — Ainda há muita coisa em órbita lá em cima. Os registos antigos enumeram algumas armas que os Antigos suspenderam no espaço. O Morcego Diamante, o Jinju 14, as Nove Irmãs, ODIN. A maioria deve ter sido destruída na Guerra dos Sessenta Minutos, ou caído do céu ao longo dos milénios desde então. Mas imagino que possa estar lá alguma, e que o pessoal do Naga a tenha acordado.

— ODIN — repetiu Tom. — Ouvi esse nome algures...

— Quirke nos guarde! Afinal, sempre prestavas atenção nas minhas aulas, Natsworthy! — riu-se Pomeroy, mas parecia cansado, e Tom recomeçou a andar, achando que não seria bom para o velho Historiador estar ali ao frio. De qualquer modo, a luz branca já desaparecera; restava um sinistro brilho vermelho a ocidente.

— ODIN era a sigla da Iniciativa de Defesa Orbital (Orbital Defence Initiative) — continuou Pomeroy, enquanto caminhavam os dois. — Fez parte da última e feroz corrida aos armamentos entre o Império Americano e a China Maior. Gostaria de saber onde é que os nossos amigos Musguentos descobriram os códigos de acesso.

— Quirke Todo-Poderoso! — exclamou Tom, de repente, com tanta preocupação na voz que Pomeroy parou de novo e voltou-se para o fitar.

— Está tudo bem, Natsworthy?

— Sim, sim — respondeu Tom, mas mentia. Lembrara-se da razão por que o nome ODIN lhe parecera familiar. Era a única palavra legível entre os milhares de números e símbolos gravados nas páginas do *Livro de Estanho* de Anchorage, a relíquia que Wren ajudara os Meninos Perdidos a roubar de Vineland. Tom quase se esquecera do livro; presumira que tivesse sido destruído quando a

Cloud 9 caíra. Os homens de Naga deviam tê-lo levado para Shan Guo, usando-o depois para despertar a terrível arma no céu.

— Por favor — pediu —, não conte nada disto à Wren.

Pomeroy voltou a rir-se, dando-lhe um pequeno toque com o cotovelo.

— Não queres estragar-lhe o namoro, hem? Não te censuro, Natsworthy. É bom ver de novo os jovens ocupados com o assunto sério de se apaixonarem, apesar destas frívolas distrações. E gosto do Theo Ngoni. Serão perfeitos um para o outro.

— Se sobreviverem a tudo isto — acrescentou Tom. — Se qualquer um de nós sobreviver.

— As forças da História decidirão — afirmou Pomeroy. — Estudei História toda a vida, e uma das certezas que adquiri é que não podemos lutar contra ela. É como um rio numa enchente, e somos levados pela corrente. Os grandes, como Naga, ou aqueles tipos das *Traktionstadt*s, poderão tentar nadar contra a corrente durante algum tempo, mas o peixe miúdo como nós, o melhor que pode esperar é manter a cabeça à tona da água enquanto conseguir.

— E quando nos afundarmos? — perguntou Tom. — O quê, então?

Pomeroy riu-se.

— Então é a vez dos outros. Da tua filha e do seu jovem amigo, por exemplo. A filha de um Historiador londrino e um Antitracionista. Talvez eles sejam o futuro.

Aproximavam-se da pequena e confortável cabana de Pomeroy, forrada de livros. Quando ele se voltou e apertou a mão de Tom, este disse de repente:

— Senhor Pomeroy, se me acontecer qualquer coisa, o senhor cuida de Wren, não cuida?

Pomeroy franziu as sobrancelhas. Parecia prestes a dizer algo jocoso, mas percebeu a expressão séria de Tom e acenou com a cabeça.

— A Wren tem o Theo para cuidar dela — disse. — Mas, claro, farei o que puder, se ela precisar de mim. Como faria a Clytie; e todos os londrinos. Não precisas de te preocupar com ela, Tom.

— Obrigado.

Continuaram lado a lado, durante um momento. Depois Pomeroy disse:

— Bem, boa noite, Aprendiz Natsworthy.

— Boa noite, Senhor Presidente. Tem a certeza...

— Não chateies — interrompeu Pomeroy, carinhosamente. — Sou bem capaz de me deitar. E não te preocupes demasiado com a Storm, nem com Harrowbarrow, nem com o resto. Londres aguenta com tudo.

Ele afastou-se, arrastando os pés, e Tom voltou lentamente para a sua cabana, onde Theo também iria ficar agora. Mas ao aproximar-se da porta ouviu as vozes de Wren e de Theo lá dentro, onde deviam estar à espera que Tom regressasse. Conversavam demasiado baixo, mas Tom sabia o que diziam. Diziam um ao outro todas as coisas que ele e Hester tinham dito no passado; aquilo que os amantes sempre disseram um ao outro, imaginando que eram as primeiras pessoas a dizê-las.

Não querendo interromper, Tom voltou a sair para o ar livre. Subiu para os montes de ferrugem, lentamente, para poupar o coração. O céu a ocidente parecia uma nódoa negra. *Devia fazer alguma coisa*, pensou. *Fiz tão pouco pela Nova Londres; só trouxe problemas, na verdade. Devia tentar fazer alguma coisa com relação à última ameaça. De certo modo, é a minha responsabilidade; um assunto de família. Mas como poderia esperar travar ODIN? Nem sequer sei a partir de onde a Storm a controla...*

Depois pensou: *Poderei não conseguir travar ODIN, mas talvez pudesse impedi-los de a usar contra Nova Londres.*

O General Naga era um homem bom. Wren falara muitas vezes da forma como ele a tratara na *Cloud 9*; como fora justo e civilizado. Talvez só usasse a arma porque estava com medo, e desesperado. Talvez fosse o tipo de homem capaz de ouvir os outros. Se ele pudesse conhecer um londrino, e ouvir em primeira mão a história de Nova Londres, certamente perceberia que a Storm não tinha razões para a temer.

Tom tremia tanto que teve de se sentar. Seria possível fazê-lo? Acreditava que sim. Havia combustível suficiente nos tanques do *Jenny Haniver* para chegar a Batmunkh Gompa. E depois lembrou-se de Theo lhe contar como Hester salvara a Senhora Naga. Estaria *ela* em Shan Guo, naquele momento? Poderia ajudar a convencer o

General Naga a ouvir o que Tom tinha para dizer?

Voltou para Crouch End. Estivera lá fora mais tempo do que pensara; Wren e Theo tinham adormecido à espera dele. Tom passou silenciosamente por eles em direção à sua mochila, encontrou papel e um lápis e escreveu uma carta à filha. Deixou-a ao lado dela, e ficou a olhá-la durante algum tempo, ouvindo-a respirar, observando os pequenos movimentos dos seus dedos sonolentos, exatamente como costumava fazer quando era bebé. Deu-lhe um beijo na testa, e ela sorriu no sono e aconchegou-se mais a Theo.

— Boa noite, pequena Wren — disse Tom. — Dorme bem. Dorme bem.

Depois saiu da cabana, meteu a mochila às costas, afastou-se de Crouch End e dirigiu-se pela Holloway Road para o lugar onde estava atracado o *Jenny Haniver*.

Nas planícies a oeste de Londres, Wolf Kobold encontrava-se no seu posto de observação preferido, no cume blindado de Harrowbarrow. O ceifeiro estava parado, enterrado numa colina comprida de xisto solto com apenas algumas plataformas de canhões e torres de vigia bem camufladas. Viajara durante a noite desde que se separara do ajuntamento de Murnau, pois embora os exércitos da Green Storm se encontrassem destroçados, aquelas terras continuavam a ser território inimigo: Wolf não queria que a sua viagem até Londres fosse interrompida por batalhas desnecessárias.

Mas naquela noite, quando o subúrbio se preparava para arrancar, ocorrera uma interrupção diferente.

Wolf moveu os binóculos de campanha de um lado para o outro e contou sete... nove... doze imensas fogueiras a arder no Ocidente. Ele era novo de mais para se lembrar da MEDUSA, mas foi esse o nome que lhe veio à cabeça. Os vigias — homens de confiança — descreveram-lhe uma lâmina de luz descendo do céu e desencadeando aquelas tempestades de fogo. Ele inclinou a cabeça, olhando para as estrelas. Pareciam bastante inocentes naquele momento.

Uma escotilha ao lado dele abriu-se com um rangido, revelando Hausdorfer.

— Então?

— Falei com os rapazes das comunicações — informou Hausdorfer. — Estão a tentar contactar Manchester, Winterhur, Coblenz. Nada. Detetaram um sinal de socorro de Dortmund, depois disso também desapareceu.

Wolf olhou para o horizonte em chamas.

— E Murnau?

— Não sabemos. Há interferências em todas as frequências agora. Mas parece que os Musguentos têm um novo brinquedo. — Ele esperou por uma ordem. Nada. — Voltamos para trás, ou quê?

— Voltar para trás? — questionou Wolf. A ideia pareceu-lhe algo surpreendente. Pensou nela por um momento, depois abanou a cabeça. — Sabes o que sobreviveu melhor depois da Guerra dos Sessenta Minutos, Hausdorfer? Ratos e baratas. É verdade. Li isso num livro de história. Baratas e ratos. Portanto, que ardam as velhas cidades! Agora é a vez de Harrowbarrow. A vez das coisas astutas e rastejantes. Manda ligar os motores. Seguimos diretamente para Londres.

Quarta Parte

Capítulo 40

Que Fizeram Ao Céu?

Hester e os companheiros tinham visto das canhoneiras do novo quartel-general da General Xao o fogo do céu descer e atingir as cidades que se aproximavam do Comando Avançado, transformando-as em plumas de combustível em chamas e gás incandescente. Shrike estava com eles, mas não viu nada. As pulsações de eletricidade da misteriosa arma desorientaram as máquinas igualmente misteriosas dentro da sua cabeça, ofuscando-lhe a vista e fazendo estremecer incontrolavelmente o seu corpo coraçado. Os Caçadores menores, que não tinham a força de Shrike, nem Oenone por perto para tratar deles, sofreram ainda mais. Ao nascer do dia, os defensores do Comando Avançado encontraram os seus Caçadores de combate espalhados pelas trincheiras como soldados de chumbo caídos. Mas então isso já pouco importava, porque nas planícies ocidentais, onde cidades e subúrbios e bandos de dirigíveis se haviam juntado, não havia nada senão fumo.

— Que fizeram ao céu? — perguntou Hester, olhando pela janela à hora do pequeno-almoço. Ela ainda se sentia fraca, por causa do ferimento na cabeça. Pensou a princípio que a neblina cor de mármore que pairava sobre os telhados fosse o primeiro sinal de uma recaída; algum problema no olho ou no cérebro. Mas quando olhou para os rostos assustados de Oenone e Pennyroyal percebeu que também eles a viam.

O Sol nasceu, cor-de-rosa e mirrado. Flocos que pareciam neve caíam por todo o lado.

— Neve? — queixou-se Pennyroyal. — No verão?

— É CINZA — anunciou Shrike. — o CÉU ESTÁ CHEIO DE CINZA.

A General Xao aproveitou a pausa nos combates para mandar consertar a *Fúria*.

— Não conseguimos entrar em contacto com Shan Guo — informou os convidados. — A nova arma parece ter interferido nos aparelhos de rádio. Por isso, vou mandar-vos para Naga com uma mensagem. Precisamos de ordens. Devemos avançar? Reconquistar

o território que eles nos tomaram? Ou esperamos simplesmente que eles se rendam?

Oenone olhou para as colunas de fumo que se elevavam das Cidades de Tração destruídas. Depois disse:

— Não consigo acreditar que Naga tivesse uma coisa dessas e nunca me tivesse contado. Não consigo acreditar que a tenha usado. Todas aquelas pessoas mortas. É horrível!

Xao fez uma vénia.

— Pessoalmente, concordo. Mas não falemos muito alto, Vossa Excelência. As minhas tropas estão demasiado impressionadas com a nova arma.

Era verdade; ao dirigirem-se para a plataforma de atracação onde a *Fúria* se encontrava, os quatro companheiros ouviram as aclamações e os cantos de vitória surgindo dos níveis inferiores do Comando Avançado e das trincheiras e fortificações em volta. Tiros de espingardas estalaram como rolhas de champanhe quando soldados da Green Storm, aliviados, disparavam para o céu algumas das munições que tinham andado a guardar para as cidades. Quando uma bala saltou do passeio de metal poucos metros à sua frente, eles pensaram que fosse um cartuxo vazio a cair.

— Por Poskitt! — exclamou Pennyroyal, indignado. — Daqui a nada, ainda arrancam um olho a alguém!

Só quando um soldado corado e furioso se lançou de repente no caminho deles, enfiando outro cartuxo na câmara da carabina, é que perceberam que o tiro tinha sido para Oenone.

— Aleúte! — gritou o soldado. Apontou para Oenone, indicando-a aos camaradas que se apressavam a juntar-se a ele. — Ali está ela, amigos! A traidora aleúte que tentou destruir a Flor do Vento e colocou o Naga no lugar dela!

Shrike colocou-se diante de Oenone e abriu as garras. Os companheiros do soldado recuaram rapidamente, mas ele manteve-se firme, continuando a gritar.

— O teu tempo chegou ao fim, aleúte! Ela ressuscitou! Já todos ouvimos as histórias! Uma Caçadora matando mil cidadãos em Brighton! Uma «lapa» anfíbia encontrada na montanha sagrada! A Caçadora Fang voltou!

Hester sacou da pistola, mas Oenone apanhou-lhe o punho antes

que ela pudesse alvejar o soldado enfurecido.

— Não. Deixa-o. Quem sabe as dificuldades por que passou?

Alguns homens da General Xao já corriam das plataformas de atracação para levar o desordeiro. Quando o agarraram, o homem gritou:

— O Naga não seria capaz de fazer as cidades arder desta maneira! Esta vitória é *dela*! A Caçadora Fang regressou a Tienjing e matou aquele cobarde aleijado! Vai para casa, aleúte, para que ela também te possa matar.

Os homens de Xao afastaram-no. Oenone tremia. Hester tomou-lhe o braço e conduziu-a para a plataforma de atracação.

— Não te preocupes. Ele está louco. Ou bêbedo.

— OUVI OS MESMOS BOATOS DE OUTROS MORTAIS AQUI — informou Shrike. — A IDEIA DE QUE A ANTIGA LÍDER TINHA VOLTADO FOI PARA ELES UM CONSOLO QUANDO A DERROTA PARECIA INEVITÁVEL...

— Mas Fang morreu, não morreu? — perguntou Pennyroyal, tentando proteger-se atrás do Caçador. — Tu desfizeste-a.

— Ela está morta — afirmou Oenone. — Tem de estar...

Mas meia hora depois, enquanto a *Fúria* subia para o céu manchado e iniciava a viagem para Tienjing, ela ainda tremia ligeiramente.

Londres. A noite dando lugar à madrugada sem luz. Nevoeiro em toda a parte. Nevoeiro na orla das ruínas, onde os escombros se misturam com arbustos verdes; nevoeiro no coração dos destroços, ondulando entre os montes escarpados de placas de convés corroídas. Nevoeiro no caminho para a Matriz, nevoeiro nas colinas de ferrugem. Nevoeiro entrando lentamente nas cabinas e cabanas de Crouch End, nevoeiro pairando em torno de postos de vigia cegos e moinhos de vento sem energia, nevoeiro pousando nos lemes de direção e no cordame do *Archaeopteryx* no seu hangar secreto. Nevoeiro em montes tão densos sobre a planície que os pássaros Caçadores de vigia por cima de Londres nada viam além de algumas torres altas de destroços que se erguiam do vapor como ilhas pontiagudas irrompendo de um mar branco.

Wren acordou de sonhos perturbadores com a humidade pin-

gando dos beirais; Theo estava ao lado dela (então, pelo menos *ele* não tinha sido um sonho); o pai ainda não chegara. Afastou-se com relutância do calor de Theo e atravessou a cabana fria, espreitando para dentro de todos os quartos.

— Pai? Pai?

Sentiu a carta dele amachucar-se debaixo dos pés quando voltava para Theo. Ainda tinha a cabeça cheia de sono; teve de ler a curta mensagem duas vezes antes de começar a perceber.

O grito dela acordou Theo, e ela meteu-lhe a carta nas mãos.

Minha querida Wren,

Quando leres isto já estarei no ar. Perdoa-me por partir sem me despedir, mas, como me escreveste uma vez, «só irias tentar impedir-me». Não quero ser impedido, e não quero recordar-te a chorar e triste, nem zangada comigo. Recordar-te-ei sempre como te vi esta noite, segura com o Theo.

Vou tentar explicar à Green Storm que Nova Londres não constitui uma ameaça para eles. Esta nova arma mudou tudo, mas acredito que o General Naga é um homem bom, e talvez, se conseguir fazer-lhe perceber que os londrinos não são muito diferentes do seu povo, ele nos deixe partir em paz. Talvez até o convença a parar de usar a arma. Tenho de tentar.

Espero regressar dentro de alguns dias, para ver Nova Londres partir, mas se morrer, isso, na verdade, não importa: a verdade, Wren, é que já estou a morrer. O médico que consultei em Peripatetiapolis disse-me isso. Há muito tempo que estou a morrer, e em breve estarei morto, com ou sem a ajuda da Green Storm.

O estranho é que não me importo muito, porque sei que tu continuarás a viver e verás coisas maravilhosas e, espero, um dia terás os teus filhos, que serão tanto uma preocupação como uma alegria para ti como foste para mim. É isso o que a história nos ensina, penso, que a vida continua, apesar de os indivíduos morrerem e civilizações inteiras se desmoronarem; as coisas simples perduram; repetem-se continuamente em cada geração. Pois bem, eu já tive a minha vez, e agora é a tua, e quero tentar garantir que vivas num mundo livre de pelo menos uma ameaça...

Wren já tinha vestido o casaco e ia a meio caminho da porta antes de Theo acabar de ler. Ele ficou grato por ter uma desculpa para parar; a carta era pessoal, e ele achava que não era próprio lê-la.

— Aonde vais? — perguntou.

— Ao hangar, claro!

— Ele já partiu... Ele diz...

— Eu *sei* o que ele *diz*, mas não sabemos quando escreveu isso, pois não? Ele está doente; provavelmente demorou mais tempo a percorrer a Holloway Road do que esperava. — Não estava chorosa, apenas muito zangada com Tom por lhe ter escondido um segredo daqueles. E como diabo esperava voar até Shan Guo sem ela para o ajudar?

Wren e Theo saíram a correr juntos, parando apenas para pedir uma cantina de água na cozinha. Angie estava a ajudar a preparar o pequeno-almoço. Wren meteu-lhe a carta nas mãos e disse:

— Acorda o Senhor Pomeroy e mostra-lhe isto! — Depois saiu a correr antes que a outra rapariga comesse a fazer perguntas.

O dia estava cinzento e triste. Parecia a Wren cheirar a cinza, como se o imenso manto de fumo de todas aquelas cidades destruídas se tivesse deslocado para oriente durante a noite para cobrir Londres. À medida que avançavam, a névoa adensava-se, escondendo as zonas mais distantes do campo de destroços. As torres e lâminas de destroços que se erguiam de cada lado do caminho assumiam um aspeto fantasmagórico.

— O que o teu pai disse é verdade? — perguntou Theo, enquanto corriam. — Ele está mesmo assim tão doente?

— Claro que não! — respondeu Wren. — Só diz isso porque acha que assim não me sentirei tão mal por ele ter ido a Shan Guo. Ele sente dores no coração às vezes, mas tem uns comprimidos para isso. Verdes.

O nevoeiro tornou-se mais cerrado. Quando chegaram ao terminal na ponta leste da Holloway Road, já não conseguiam ver três metros à frente, e quando saíram da velha conduta deram por si num mundo branco onde mal viam o rosto um do outro apesar de estarem lado a lado e de mãos dadas.

A princípio, julgaram que os dois dirigíveis tinham desaparecido,

mas quando Theo chocou com a hélice inferior do *Archaeopteryx*, perceberam que apenas faltava o *Jenny Haniver*.

— Quem vem aí? — gritou uma voz nervosa.

— Sou eu! A Wren!

Uma mancha acinzentada apareceu no nevoeiro e condensou-se em Will Hallsworth e Jake Henson.

— É mesmo, não vê? — disse Jake.

— Palavra de passe, amiga — exigiu Will.

— Onde está o meu pai? — perguntou Wren, que não tinha tempo para brincadeiras de soldados.

— Ele apareceu de manhã cedo — respondeu Jake.

— Muito cedo — concordou Will. — Disse que o Senhor Pomeroy lhe pedira que levasse o *Jenny* numa viagem de reconhecimento e que estaria logo de regresso. Imagino que ande às voltas lá em cima neste momento, por causa deste nevoeiro.

— É mesmo típico de Londres! — acrescentou Jake.

— Porque não o impediram, seus idiotas! — berrou Wren.

— Calma aí!

— Ele disse que eram ordens da comissão. Não podíamos discutir com isso.

— Ele estava armado? — perguntou Theo.

Will e Jake pareciam envergonhados.

— Não quando chegou aqui, não.

— Mas obrigou-nos a dar-lhe uma das nossas pistolas de raios. Disse que poderia precisar dela se encontrasse um daqueles pássaros Caçadores por cima deste nevoeiro.

Wren voltou-se para Theo, quase caindo em cima dele. Sentia-se cansada por causa da longa viagem através da Holloway Road, e achava que nunca mais veria o pai. Estava prestes a chorar.

— Ele foi-se embora. Para sempre!

Ecos de ruídos surgiram da garganta húmida da Holloway Road. Passos e vozes. Aproximavam-se mais pessoas, e o ruído flutuava à sua frente túnel abaixo. Theo abraçou Wren e tentou consolá-la enquanto esperavam que surgissem os recém-chegados. Os raios duros das lanternas elétricas atravessavam o nevoeiro, iluminando

cada pequena gota de água sem iluminar nada.

— Zagwano? — chamou uma voz nervosa, por atrás do brilho da lanterna.

— Eu? — perguntou Theo.

— Põe as mãos no ar! Afasta-te desse dirigível!

— Nem sequer estou perto dele — protestou Theo.

— Não, esse sou eu — esclareceu Will Hallsworth.

— Ah, és? — Um vulto materializou-se a partir do nevoeiro. Era Garamond, brandindo o revólver que tirara a Wolf Kobold. — Onde está a Wren?

— Aqui — respondeu Wren. — O que se passa?

— Estou a ver que vos apanhámos mesmo a tempo — declarou Garamond.

— Mesmo a tempo de quê?

Outros vultos começavam a aparecer por trás de Garamond; cercaram Wren e Theo no nevoeiro como um círculo de pedras. Wren pensou reconhecer Ron Hodge e Cat Luperini entre eles.

— Eles iam roubar o *Archaeopteryx*! — exclamou Garamond, em voz alta e triunfante. — O Natsworthy levou o seu dirigível para Oriente e agora manda a filha e o cúmplice da Green Storm roubar o *Archie*. Planeavam deixar-nos sem qualquer meio de fuga para quando os Caçadores da Storm chegassem.

— De que está a falar, homenzinho ridículo? — gritou Wren. — O meu pai foi tentar falar com o Naga...

— Precisamente! Para nos vender aos seus mandantes da Storm; sim, já lemos a carta. Sempre achei que era coincidência a mais, o teu amiguinho africano aparecer no momento em que os pássaros atacaram! Vocês combinaram esse ataque só para que ele pudesse ser visto a salvar-nos, achando que isso nos levaria a confiar nele. Pois bem, Wren Natsworthy, tenho novidades para ti; não confio nele; não confio em ti e não confio no traidor do teu pai!

O punho de Wren atingiu-o em cheio no nariz. Ele recuou para o nevoeiro com um guincho abafado («Au! O beu nariz! O beu nariz!»). Theo segurou Wren quando ela tentou lançar-se sobre ele, apesar de já nem sequer o conseguir ver. Soluçando, ela gritou para o nevoeiro que o escondia.

— Quem te mandou ler a minha carta? Era pessoal! Do meu pai! Disse à Angie para a mostrar ao Senhor Pomeroy, a mais ninguém!

— Wren — chamou Cat, vindo ajudar Theo a contê-la. — Wren, Wren...

— O Garamond é o verdadeiro traidor! Quando o Senhor Pomeroy souber que ele tentou prender o Theo vai...

— Wren...

— O quê?

Cat baixou a cabeça, com a humidade do nevoeiro pingando-lhe do cabelo.

— O Senhor Pomeroy morreu.

— O *quê?*!

— A Angie encontrou-o quando levava a carta do teu pai à cabana dele. Aquela agitação de ontem deve ter sido de mais para ele. Morreu durante o sono.

Garamond saiu bruscamente do nevoeiro, com uma mão agarrada ao nariz e sangue a escorrer-lhe pelo queixo.

— Lebemb os dois! — ordenou, falando pelo nariz. — Atemb-lhes a bãos! Lebemb-nos para Crouch End. O Cobité de Ebergência pode decidir o que fazer comb eles.

Capítulo 41

De Volta A Batmunkh Gompa

O *Jenny Haniver* seguiu ronronando para leste através do céu envenenado, em direção à parede de montanhas que marcava os limites orientais de Shan Guo e ao amplo desfiladeiro no meio que se encontrava obstruído e guardado por Batmunkh Gompa. Ao aproximar-se da cidade-fortaleza, Tom ligou o canal geral do rádio e voltou a enviar a mensagem que estivera a emitir desde que saíra de Londres, explicando que ia em paz. Continuava a não obter resposta. Girou os botões na frente do aparelho, sondando as ondas hertzianas. A estática crepitava como uma fogueira de pinhas, e pelo meio estridulava uma espécie de interferência. Ao longe, entre as rajadas de ruído branco, alguém falava em *shan* guonês, depressa e em tom de desespero.

Mais quinze quilômetros para as montanhas. Tom já tinha voado naqueles céus, com Hester, de Batmunkh Gompa para Londres na tentativa de travar outra arma Antiga. Esforçava-se por não pensar na forma como a viagem terminara, mas não conseguia impedir o jorro de recordações. A dúvida começou a corroê-lo. Ele falhara então, e voltaria a falhar. O plano de interceder junto de Naga, que lhe apresentara tão prometedor na noite anterior, começava a parecer cada vez mais uma loucura. Não devia estar ali! Devia ter ficado com Wren...

Começou a virar o *Jenny* para trás, mas, ao fazê-lo, viu as pontas de três vultos pretos à sua espera no céu. Sentiu o coração cerrar-se como um punho. As recordações do ataque do dia anterior e dos pássaros na longa escadaria de Rogues' Roost rodopiavam-lhe na cabeça. Tirou a pistola de raios de Jake Henson do lugar do copiloto, tentando preparar-se para o ataque. Os pássaros destruiriam facilmente o *Jenny*, mas pelo menos levaria consigo algumas dezenas deles.

Os Caçadores mantiveram-se em posição. Tom começou a perceber que não iam atacar, só o vigiavam. Talvez já ali estivessem desde que ele surgira das nuvens de nevoeiro sobre Londres. Era tão difícil ver naquela luz brumosa e castanha...

Então, finalmente, a voz por que ele esperava surgiu sussurrante do aparelho de rádio; uma voz austera, falando em *shan* guonês. Ele olhou para oriente, e viu os balões brancos de dois Fox Spirits brilhando no céu sombrio. A voz traduziu a sua ordem para anglo.

— Dirigível bárbaro, desligue os motores. Prepare-se para ser abordado. Somos da Green Storm.

Tom teve apenas tempo de guardar a pistola de raios num esconderijo no alto do balão antes de eles entrarem a bordo. Eram tão antipáticos como os soldados da Green Storm que recordava de Rogues' Roost, mas já não eram arrogantes; pareciam assustados.

— Como sabia que o General Naga está em Batmunkh Gompa? — perguntaram, zangados, quando Tom tentou explicar o que fazia nos arredores aéreos da cidade.

— Não sabia. Está? Pensei que estivesse em Tienjing. É a vossa capital, não é? Julguei que a partir de Batmunkh Gompa pudessem levar-me para Tienjing.

— Tienjing desapareceu — informou a chefe da patrulha da Storm, andando, nervosa, de um lado para o outro no convés de voo do *Jenny*.

— Desapareceu? Que quer dizer, desapareceu?

A jovem oficial não respondeu. Depois continuou:

— O dirigível de Anna Fang chamava-se *Jenny Haniver*. Vi um filme sobre a vida dela na recruta.

— Este é o mesmo dirigível — afirmou Tom, ansioso. — A Anna era minha amiga. Herdei o *Jenny* quando ela foi, quando ela...

— Silêncio! — berrou a oficial em *shan* guonês, voltando-se para debelar a explosão de sussurros que eclodira entre os seus homens. Estes pareciam ser originários de meia dúzia de países diferentes, e traduziam as palavras de Tom uns para os outros. A oficial berrou mais ordens e dois deles avançaram para segurar em Tom e algemar-lhe as mãos.

— Vem connosco para Batmunkh Gompa — anunciou ela.

— Só queria uma oportunidade para falar com o General Naga — explicou Tom, esperançado. — Tenho algo importante para lhe dizer.

— Sobre a nova arma?

— Bem, em parte, suponho...

Mais sussurros, mais ordens, nenhum em qualquer língua que Tom pudesse perceber. Alguns dos homens voltaram para o dirigível e recolheram a ponte de embarque. A oficial assumiu o comando do *Jenny Haniver* e Tom espreitava por cima do ombro dela enquanto seguiam em direção a Batmunkh Gompa, lembrando-se de como viera ali parar da primeira vez com Anna e Hester havia já tantos anos. A Muralha continuava alta e negra como sempre, e protegida com as placas de convés de cidades destruídas, enormes discos de metal como os escudos de guerreiros antigos. Mas no cume, onde antes esvoaçavam as bandeiras com a folha de carvalho da Liga, pendiam agora ao sol avermelhado os estandartes compridos com o raio da Storm, e no meio deles uma enorme estátua de Anna Fang apontava para ocidente, chamando os povos das montanhas para a guerra contra as Cidades de Tração. Quando o *Jenny* passou pela estátua, Tom reparou que ela era muito mais bonita do que a verdadeira Anna Fang, e que o seu rosto estava coberto de excrementos de pássaros.

Galgaram então a muralha e desceram pelo lado oriental junto à cidade vertical, com bonitas escadarias e casas parecidas com ninhos de andorinhas, todas, como Tom as recordava; exceto que mais plataformas de atracação tinham sido construídas nos pisos inferiores, e centenas de casernas de betão cobriam agora o chão do vale junto à margem ocidental do lago. O *Jenny* sobrevoou-os, dirigindo-se para um conjunto de edifícios fora da cidade e sobre um despenhadeiro que se projetava da parede norte do desfiladeiro. Tom viu um velho convento empoleirado no cume plano rodeado do que lhe pareceu um acampamento de tendas. Os estandartes com o raio verde estavam por todo o lado, com alguns retratos gigantes do General Naga pelo meio. Na plataforma no sopé do penhasco onde o *Jenny* aterrou, alguém pintara diversos caracteres chineses em tinta branca, e depois, por baixo, em anglo, ELA RESSUSCITOU!

— Que quer dizer aquilo? — perguntou Tom.

— Nada — respondeu bruscamente a captora. — São mentiras de desordeiros anti-Naga. — Ela era uma jovem carrancuda, e com pouca ou nenhuma disposição para conversar, mas pelo menos permitiu que Tom ficasse com os comprimidos verdes para o coração quando os seus homens o arrastaram para uma das casas

baixas atrás da plataforma, e depois para dentro de uma minúscula cela de betão caído.

Enquanto lhe haviam dado ordens ou obrigado a marchar; enquanto outros se encarregavam dele, Tom sentira-se destemido; o que aconteceria a seguir não dependia dele, e pouca importância teria. Mas assim que a porta reforçada a ferro se fechou atrás de si e ele ficou sozinho, os medos voltaram a inundá-lo. Que fazia ele ali? Como estaria a Wren a lidar com aquilo, em Londres? E que pretendia dizer aquela rapariga da Green Storm quando lhe respondera que Tienjing *desaparecera*? Teria ouvido mal? Teria ela empregado a palavra errada?

A cela era silenciosa. Estranhamente silenciosa, pois da última vez que estivera em Batmunkh Gompa uma das coisas que lhe ficaram na memória foi a variedade de ruídos; o roncar dos motores dos táxis-balões, os gritos dos vendedores ambulantes, a música dos bares e dos salões de chá de fachada aberta. Pôs-se em cima do catre ao canto da cela e espreitou pela pequena janela gradeada. A cidade estendia-se à sua frente, uma encosta de escadarias e casas onde nada se mexia exceto as bandeiras. Não havia fumo a sair das chaminés; nem dirigíveis à espera na doca, apenas alguns vultos correndo pelas ruas íngremes. Parecia uma cidade abandonada, e que as pessoas que restavam tinham armado tendas no despenhadeiro. Um mistério...

Passos, vozes, no estreito corredor que dava para a porta da cela. Saltou do catre, surpreendido. Imaginara que iria esperar horas ou dias até que a Storm resolvesse tratar dele. Mas a porta abriu-se, guardas armados de uniforme branco assumiram posições de cada lado, apontando as armas para Tom e, com um rangido de armadura, entrou um homem alto e amarelado que Tom identificou como o General Naga, encolhendo-se quando o seu exosqueleto o fez passar pela porta baixa. Tom sentiu-se aliviado por o seu pedido de audiência ter sido levado a sério, mas espantado com a rapidez; em pânico, também, porque ainda não decidira o que iria dizer àquele soldado de aspeto feroz.

Os olhos estreitos de Naga estreitaram-se ainda mais ao analisar Tom lentamente de alto a baixo, reparando nas roupas sujas da viagem e no cabelo desgrenhado. A armadura do general estava riscada e amolgada e, quando ele se mexia, os servomotores no interior gemiam e moíam de modo pouco saudável. Ele tinha uma ferida

recente na cara, com um curativo de linho e adesivo.

— É o enviado dos bárbaros?

Tom foi apanhado de surpresa. De que falava o homem?

— Veio no antigo dirigível da Flor do Vento e diz trazer notícias da nova arma. Mas parece um vagabundo do céu. Nem sequer envergava o uniforme. Será que as *Traktionstadts* estão tão certas da vitória que esperam que me renda a um bobo?

— Render? Mas a nova arma...

— Sim, sim! — berrou Naga. — A nova arma! Destruíram Tienjing e Batmunkh Gompa; quase destruíram a minha pessoa!

Tom sentiu-se como se um mapa que estivera a orientá-lo através de território traiçoeiro se revelasse de repente errado. Uma sensação de pesadelo. Se Naga não controlava a arma ODIN, quem a controlava? As cidades? Mas aqueles fogos a ocidente na noite anterior... Será que a Storm não as vira a arder? Não teriam ainda recebido as notícias?

Ele fechou os olhos e respirou fundo durante um momento. Aquilo ultrapassava-o. Mas ainda podia fazer o que viera fazer.

— Não tenho nada que ver com as *Traktionstadts* — afirmou. — Venho de Londres.

— Londres?

— Vim pedir-lhe... implorar-lhe... Os sobreviventes lá... sei que já sabem deles... eles estão a construir uma coisa; há muitos anos que constroem uma coisa... uma nova cidade; uma cidade que voa baixinho, e que não fará mal à terra, e que não tem qualquer intenção de devorar as vossas cidades estáticas. Estou aqui para vos dizer que eles... nós... não vos queremos mal; não temos questões com a Storm. Se pudessem retirar os pássaros e deixar-nos partir em paz quando abandonarmos os campos de destroços...

Naga franzia o sobrolho.

— Uma cidade que voa baixinho?

— Chama-se levitação magnética — explicou Tom. — É como se flutuasse... — Procurou ilustrar com as mãos, movendo-as, e depois lembrou-se de algo que Lavinia Childermass dissera: — Na verdade, não é bem uma cidade, é mais um dirigível muito grande que voa a baixa altitude... A minha filha está lá...

Naga virou-se para um dos oficiais e berrou qualquer coisa em *shan* guonês. Tom não percebeu a maior parte das palavras, mas reconheceu o tom. O general perguntava: «Este tipo é louco? Porque me fazem perder tempo com ele?» Um instante depois, sem voltar a olhar para Tom, saiu a passos largos da cela, com os guardas atrás.

— Por favor — gritou Tom —, a sua esposa responderá por mim! Ela está aqui? Os companheiros dela estão aqui? — (Ocorreu-lhe de súbito que, se Tienjing fora destruída, Hester também podia ter morrido.) Acrescentou: — Por favor, sou amigo de Theo Ngoni e de Hester...

— A minha esposa? — Naga voltou-se, fitando-o, furioso. — Ela vem a caminho. E esteja descansado que lhe falarei de si quando chegar. — Mas aquilo parecia mais uma ameaça, não uma promessa.

A porta fechou-se com estrondo. Tom estava de novo sozinho.

Lá fora, Naga parou um momento para pensar. Os homens reuniram-se à sua volta, olhando receosos para os cumes altos e brumosos de Batmunkh Gompa. Sabia o que eles recebiam. Parecia inacreditável que, depois de destruírem Tienjing, os bárbaros não tivessem apontado a arma diabólica para a Muralha Escudo e aberto um caminho para os reinos das montanhas. No entanto, quando os poucos dirigíveis que ele conseguira salvar do desastre de Tienjing ali chegaram de madrugada, encontraram o lugar intacto, embora a população e metade da guarnição militar já tivessem fugido para as montanhas. De que estavam os cidadãos à espera? (Naga rejeitara os relatórios que diziam que as Cidades de Tração também tinham sido destruídas na noite anterior. Devia ser engano, ou mentiras veiculadas pelo inimigo para aumentar a confusão da Storm.)

E que significava a chegada daquele louco chamado Natsworthy, a bordo do velho dirigível da Flor?

— Londres — murmurou. — O pobre Dzhu disse-me qualquer coisa sobre Londres.

Um dos oficiais, um capitão da guarnição de Batmunkh Gompa, fez-lhe continência e informou:

— Tem havido aumento de atividade entre os habitantes de Londres, Excelência. Estamos a vigiá-los com pássaros-espiões.

— Temos relatórios?

— Há uma pasta no Gabinete de Informações da Avenida dos Mil Degraus.

— Então vai buscá-la, depressa.

O capitão fez continência e afastou-se a correr, cinzento de pavor e temendo que a qualquer instante o fogo do céu caísse sobre Batmunkh Gompa. Naga ficou a vê-lo partir. Pensou por um momento em Oenone, saudosamente. Depois reprimiu o pensamento e murmurou.

— Londres...

Lembrou-se da noite seguinte à morte da Flor do Vento; de estar no topo da Muralha Escudo enquanto o fumo do incêndio da Frota Aérea do Norte subia dos hangares; de ver as luzes de Londres cintilando ao longe. Até parecia que todos os problemas do mundo começavam em Londres.

Capítulo 42

O Tambor Fúnebre

Naquela tarde, enquanto o nevoeiro se dispersava e a suja luz do sol irrompia pelos campos de destroços, o povo de Londres enterrava o seu Presidente da Câmara. Sem chapéu, com crepes pretos nas mangas dos casacos, oito membros da Comissão de Emergência transportavam o corpo amortalhado do velho Historiador por um caminho sinuoso e pouco usado entre os montes de ferrugem. Os outros londrinos seguiam atrás, e Timex Grout batia uma cadência solene e constante num tambor feito a partir de uma velha lata de óleo. *Bum, bum, bum*, os ecos espalhavam-se através dos destroços, pelas planícies mais além, subindo para o céu mosqueado onde alguns pássaros Caçadores continuavam a circular, muito alto, sempre na mira dos vigias com pistolas de raios carregadas.

Em Putney Vale, um espaço musgoso entre os montes de destroços, onde um arvoredado cerrado lançava as suas sombras sobre as campas dos londrinos que tinham morrido desde a noite da MEDUSA, eles pousaram o corpo, e deitaram-lhe terra por cima, e assinalaram o lugar com uma placa de metal, gravada com o símbolo do seu Grémio, o olho que olhava fixamente para o passado. Lavinia Childermass proferiu uma oração a Quirke, pedindo ao criador de Londres que acolhesse o velhote quando a sua alma chegasse ao País sem Sol. (Ela não acreditava em deuses nem em paraísos, sendo Engenheira, mas era amiga de Pomeroy, e a sua delegada, e compreendia a necessidade daquele ritual.) Depois Clytie Potts deu um passo em frente e cantou com voz fina e vacilante um cântico de louvor à deusa Clio.

— Ele devia estar aqui para conduzir Nova Londres para fora dos campos de destroços — lamentou-se Len Peabody, indignado com a injustiça de tudo aquilo.

— Ora bem — anunciou Garamond —, chegou a hora de eleger um novo Presidente da Câmara.

— A Lavinia será a nova Presidente — disse Clytie Potts. — Era esse o desejo do Senhor Pomeroy.

— O Senhor Pomeroy está morto — contrapôs Garamond. — A comissão tem de decidir. E depois temos de decidir o que fazer com os prisioneiros.

Wren não fora autorizada a ir ao funeral. Outros londrinos tinham intercedido por ela, mas Garamond, com o nariz ainda bastante inchado e da cor de uma beringela, manteve-se firme; ela e Theo eram perigosos agentes da Green Storm, e ele exigiu que fossem os dois encarcerados. Foram então metidos em duas velhas jaulas, recuperadas dos destroços muitos anos antes, e que outrora tinham abrigado animais nos jardins zoológicos de Circle Park. Estavam guardadas num canto húmido e frio de Crouch End à espera de receber intrusos, assassinos e loucos que Garamond imaginava pudessem pôr em perigo a segurança de Londres. Nunca tinham sido usadas, e ele pareceu contente consigo mesmo quando os seus guerreiros empurraram renitentes Wren e Theo lá para dentro, fechando as portas gradeadas a cadeado.

Assim, nas sombras da prisão, no colchão que constituía a sua única mobília, Wren disse as suas orações para Chudleigh Pomeroy enquanto o *bum, bum, bum* abafado do tambor fúnebre ecoava pelos destroços como o batimento de um coração.

— E agora? — perguntou Theo, da sua jaula. Apesar da escuridão naquela zona de Crouch End, Wren conseguia vê-lo a olhar para ela através das barras. Se ambos se esticassem, podiam tocar-se; apenas na ponta dos dedos. — O que nos vai acontecer?

Wren não sabia. Magoava-a ser acusada e presa daquela maneira, mas achava difícil ter medo do velho e ridículo Garamond ou dos amigos de Londres. De certeza que, mais cedo ou mais tarde, tudo se resolveria. Entretanto, mal tinha forças para pensar nisso; estava demasiado ocupada a chorar o Senhor Pomeroy e a pensar no pai.

Dormiram um pouco; conversaram um pouco; Wren fez desenhos com a palha no chão da jaula. O dia passou lentamente. Ao final da tarde, quando o sino do jantar chamava toda a gente para a cantina comunitária, Angie Peabody trouxe-lhes comida e água potável. Passou as tigelas de lata através das barras da jaula, evitando os olhos de Wren.

— Angie? — perguntou Wren. — *Tu não acreditas no que o*

Garamond disse de nós, pois não? Sabes que não sou espia.

— Já não sei no que acreditar — respondeu a rapariga, bruscamente. — Só sei que desde que chegaste não param de surgir problemas. Aqueles pássaros que vieram ontem, e o teu amigo aparecendo... O Saab ficou gravemente ferido, Wren; nem sequer sabemos se voltará a ver, e ficará para sempre com as cicatrizes, e tu não te importas nem um pouco; desapareceste ontem à noite com o teu namorado, ou lá o que é... Não parece bem, pois não?

Wren sentiu-se aturdida de vergonha. Era verdade que não pensara em Saab nem nos outros feridos durante o ataque; estivera demasiado ocupada com Theo.

— Isso não foi correto da minha parte — admitiu. — Mas não faz de mim espia da Green Storm. Angie, há uma semana, o Garamond dizia que éramos cúmplices de Harrowbarrow; fui eu e o meu pai que trouxemos o Wolf Kobold para aqui? Lembras-te?

— Como sabemos que Kobold era o que dizia ser? — retorquiu Angie. — Disseste que ele voltou para Harrowbarrow. Mas *ele* também pode ser da Green Storm, e estar a salvo em Batmunkh Gompa neste preciso momento.

Isso fez Wren pensar no pai. Ela estendeu as mãos através das barras, tentando tocar em Angie, que se afastou rapidamente.

— Angie, tens de me tirar daqui! Tenho de arranjar maneira de ir atrás do meu pai...

Angie recuou mais um passo, desaparecendo nas sombras.

— O Senhor Garamond disse que não devemos falar contigo — rematou.

Wren deixou-se cair no colchão, que a recompensou rebentando e espetando-lhe uma mola aguçada e ferrugenta no lado.

— Desculpa, Theo — disse ela.

— A culpa não é tua.

— É sim. Se não te tivesse escrito aquela carta, terias ficado junto do teu povo. Nunca terias vindo para aqui.

— E se não tivesses falado comigo naquela tarde junto à piscina do Pennyroyal na *Cloud 9*, eu teria sido morto ou capturado quando a Storm atacou, e agora não terias de te preocupar comigo.

Wren estendeu a mão para fora da jaula e tocou-lhe nos dedos.

Acariciou-lhe as curvas duras e quentes das unhas, os pequenos bocados duros de pele ao lado, as espirais na ponta dos dedos, como curvas de nível num minúsculo mapa em *braille*,

Mais tarde nessa noite, foram acordados pela última pessoa que Wren esperava poder ir visitá-los.

— Wren? — chamou uma voz, e ela abriu os olhos e viu Lavinia Childermass agachada junto à porta da jaula. A Engenheira trazia uma lanterna elétrica com um quebra-luz de vidro azul. Aquela luz fraca, a sua cabeça rapada brilhava como uma lua de outro mundo. Wren sentou-se, magoando-se de novo na mola do colchão, e ouviu Theo mexer-se na jaula ao lado.

— Wren, querida, estás acordada?

— Mais ou menos. Que está a acontecer? É o meu pai?

— Ele não voltou, filha.

— Então...

— Temos um novo Presidente da Câmara — anunciou a Engenheira. — A comissão elegeu-o esta noite.

— Mas pensei que você fosse substituir o Senhor Pomeroy? Pensei...

— A comissão achou que não seria prudente ter uma Engenheira como Presidente — explicou a Doutora Childermass, calmamente. — Ainda não esqueceram o regime de Crome. E com a guerra a aproximar-se, acharam melhor eleger alguém com experiência em *segurança*...

— Não quer dizer...

— O Senhor Garamond é agora o novo Presidente da Câmara de Londres, Wren. Ele aproveitou os medos da comissão para os levar a apoiá-lo. E infelizmente virou muita gente contra vocês. Penso que a maioria dos londrinos acredita que tu e o Theo e o teu pai tiveram alguma coisa que ver com aqueles pássaros e a morte do pobre Chudleigh.

— Mas...

— Chiu! Acho que eles irão perdoar-te, Wren; afinal, és filha de um londrino. Mas o Garamond vai propor que o Theo seja morto, e, pelas conversas que ouvi esta noite na cantina, julgo que a maioria

da comissão irá apoiá-lo. Ele alega que não podemos deixar um Antitracionista viver entre nós, ficando a conhecer os nossos segredos.

— Ele é louco!

— Talvez seja, um pouco. Paranoico, não há dúvida. Pobre Garamond; não era mais velho do que tu na noite da MEDUSA. Sobreviveu porque estava numa das prisões da Entranha Profunda, onde o Magnus Crome o colocara por ser simpatizante Antitracionista. No dia seguinte ao desastre, ele conduziu um bando de sobreviventes para oriente, imaginando que os Antitracionistas que ele sempre admirara os ajudariam. Mas os soldados que encontraram nas planícies abateram-nos a tiro; o pobre Garamond só escapou porque se fingiu de morto, escondido por baixo dos corpos dos amigos.

— Percebe-se porque não confia nos Antitracionistas — comentou Theo.

— Mas isso não é pretexto para começar a matar pessoas! — queixou-se Wren. — Nem para os outros o deixarem!

— Concordo — respondeu a velha Engenheira. — Mas eles estão com medo; os pássaros, a guerra, a nova arma. Até a ideia de abandonar os campos de destroços é suficiente para os inquietar, depois de tantos anos. E o medo faz sobressair o pior nas pessoas. É por isso que vou deixar-vos fugir. Tenho a certeza de que o Theo será capaz de encontrar um refúgio para ti numa das colónias da Storm. Não acredito que a guerra dure muito mais tempo, agora que a Storm tem essa arma de terror orbital; portanto, correrás menos perigo com eles do que conosco aqui.

Ela meteu a mão no casaco de borracha e tirou um dispositivo de Tecnologia Antiga; o tipo de coisa que os Engenheiros provavelmente traziam sempre nos bolsos. Parecia um abre-latas e zumbia como um moscardo, e abriu o cadeado da jaula de Wren com um estalido.

— Trouxe a tua mochila comigo, Wren — acrescentou a Doutora Childermass, deslocando-se para a jaula de Theo, e Wren, não conseguindo ainda acreditar que iriam fugir, passou os braços pelas alças da mochila e atirou-a para trás dos ombros.

— Eu devia levar isso — insistiu Theo, saindo apressadamente da jaula.

— Eu consigo. Depois revezamo-nos.

Lavinia Childermass conduziu-os para uma pequena saída nas traseiras de Crouch End; um buraco na placa do telhado no seu ponto mais baixo, onde quase tocava no chão. Ela saiu com eles e ficou a vê-los meter-se juntos pelos destroços, aproximando-se um do outro à medida que se afastavam, como se achassem que a velha Engenheira não aprovaria que dessem as mãos e quisessem esperar pela segurança das sombras antes de se tocarem.

Lavinia sorriu. Ela também tivera uma filha, outrora, mas naqueles tempos o Grémio dos Engenheiros levava os bebés diretamente para os infantários comunitários, e ela nunca conhecera a pequena Bevis. *Morta há muito tempo*, pensou, e a tristeza súbita fez-lhe lembrar o tambor fúnebre, e Chudleigh Pomeroy jazendo na terra fria em Putney Vale. Se não fosse uma Engenheira racional e disciplinada, teria achado o mundo um lugar demasiado triste para habitar.

Ficou a observar Wren e Theo até as sombras e as ruínas os esconderem. *Bem, pensou, é menos uma coisa com que me preocupar.* Depois atravessou rapidamente Crouch End e subiu o caminho para a Matriz, regressando ao trabalho em Nova Londres.

Capítulo 43

O Regresso A Casa

A *Fúria* chegou a Batmunkh Gompa pouco depois do pôr do Sol, atravessando a Muralha Escudo à luz de uma lua manchada e ensanguentada. Dirigia-se para Tienjing quando o capitão de um cargueiro que passava aconselhou o piloto a mudar de rota.

— Tienjing está a arder! Os bárbaros têm uma nova arma! Uma lança de fogo que desce do céu! Batmunkh Tsaka também foi destruída! Naga fugiu para Batmunkh Gompa, mas nem Batmunkh Gompa poderá resistir ao fogo do céu! Salvem-se!

— Que está a acontecer? — resmungou Hester, cansada e irrequieta depois da longa viagem e pressionando a cabeça dorida com a mão. — Não me digam que as cidades também têm uma superarma?

— Que típico! — exclamou Pennyroyal. — Esperamos anos por uma arma de raios orbital todo-poderosa e depois aparecem duas ao mesmo tempo...

— TALVEZ A STORM NÃO CONTROLE A NOVA ARMA — aventou Shrike.

— Mas fez explodir cidades! Nós vimos! Quem mais iria querer fazer isso?

— UMA TERCEIRA FORÇA — Sugeriu Shrike. — ALGUÉM QUE ODEIE AS CIDADES E A STORM E QUEIRA ESPALHAR A CONFUSÃO.

— Quem? — perguntou Hester.

— A CAÇADORA FANG.

— Mas ela morreu! — exclamou Pennyroyal. — Não morreu?

— TALVEZ OS BOATOS QUE OUVIMOS DAQUELE MORTAL NO COMANDO AVANÇADO SEJAM VERDADEIROS — respondeu Shrike. — EU FUI RERRESSUSCITADO. E SE ALGUÉM A RERRESSUSCITOU?

— E achas que ela está por trás destas calamidades? — perguntou Oenone. Ela parecia assustada, mas também algo esperançosa, como se fosse um alívio saber que o marido não era o responsável.

Shrike respondeu:

— QUANDO SURTIU A NOVA ARMA, LEMBREI-ME DE UMA COISA QUE A CAÇADORA FANG DISSE ANTES DE EU A NEUTRALIZAR. ELA FALOU DE UMA COISA CHAMADA ODIN. «A MAIOR DAS ARMAS QUE OS ANTIGOS SUSPENDERAM NO CÉU.» ACREDITO QUE A TENHA DESPERTADO, EXATAMENTE COMO PLANEAVA. ELA ATINGIU TIENJING PORQUE O NAGA ESTARIA LA, E BATMUNKH TSAKA NA ESPERANÇA DE TE MATAR, OENONE ZERO.

— Mas ela *morreu* — insistiu Pennyroyal.

— Ele tem razão, para variar — anuiu Hester. — Arrancaste-lhe a cabeça, Shrike. Atraste o que restava dela para fora da *Cloud 9*. Isso devia ter acabado com ela.

Mas Oenone parecia inquieta. Desde o Comando Avançado que parecia inquieta, e então disse:

— Talvez não. Ela era um modelo muito avançado. O Doutor Popjoy introduziu-lhe sistemas experimentais que nem eu talvez tivesse percebido. Se alguém reunisse todas as peças do corpo dela, é bem possível que conseguisse...

A sua voz esmoreceu. Ela encolheu os ombros, desolada.

— Ah, fantástico — queixou-se Hester.

— Posso estar enganada... — Oenone aproximou-se da janela, olhando para sul, para a nuvem de fumo sujo de Tienjing. — Espero estar enganada. Temos de perguntar ao Doutor Popjoy. Assim que atracarmos em Batmunkh Gompa, vou mandar chamá-lo. O Popjoy saberá.

A cidade por trás da Muralha Escudo estava mergulhada no silêncio, com apenas algumas dezenas de candeeiros acesos nas ruas escuras. No chão do vale brilhavam mais luzes; um rio de lanternas estendendo-se para oriente, refletido nas águas do Batmunkh Nor. A população fugia, como fugira da ameaça da MEDUSA da última vez que Hester ali estivera. Ela pensou que devia ser estranho viver num lugar em que tivesse de estar sempre a encaixotar e a carregar os pertences em carroças e a fugir, e depois lembrou-se que a MEDUSA fora há quase vinte anos e que toda uma geração crescera desde que ela e Tom tinham deixado aquela cidade no *Jenny Haniver*.

— Deuses — resmungou, esfregando de novo a cabeça. — Estou a ficar velha de mais para isto...

Uma esquadrilha de Fox Spirits conduziu a *Fúria* para um aeródromo improvisado por baixo de um velho convento num despenhadeiro. O antigo edifício estava rodeado do que à primeira vista parecia líquenes gigantes; uma massa amorfa de cinzento, castanho e branco. Eram pessoas. Refugiados da cidade, e sobreviventes de Tienjing trazidos a bordo da velha frota de cargueiros e transportes militares atracada nas orlas do aeródromo. Amontoavam-se para se protegerem do frio, envoltos em peles e cobertores, resguardando-se em toldos e tendas. Quando Hester, ainda a coxear um pouco, conduziu os companheiros por entre as pessoas, estas começaram a levantar-se e a afastar-se, formando uma avenida de rostos curiosos. Algumas apontavam a Senhora Naga e o seu Caçador aos vizinhos e filhos, e um murmúrio, como o vento nas árvores, atravessou a multidão.

Talvez estivessem a dizer que ela era responsável por aquele desastre; que, se não tivesse destruído a Caçadora Fang, seriam os cidadãos a sofrer, e não eles. Talvez tivessem ouvido dizer que estava morta. Talvez, vendo Shrike e Hester caminhando ao lado dela, pensassem que era um fantasma vindo dos Corredores das Sombras com dois demónios para a proteger.

Oenone mal reparou na agitação que provocava. Não conseguia deixar de pensar na Caçadora Fang. *Tenho de falar com o Popjoy*, pensou, e olhou para leste, para a margem do lago, onde o velho construtor de Caçadores tinha a sua mansão — mas a névoa da noite pairava densa sobre o lago, e ela nem sequer tinha a certeza de que a casa de Popjoy pudesse ser vista dali.

À porta do convento, um oficial subalterno de aspeto cansado saudou-os.

— Senhora Naga! Está a salvo! Graças aos deuses!

A *salvo*, pensou Oenone. Sim; mesmo que Fang tivesse regressado, Naga resolveria tudo. Ela estava a salvo, finalmente. Devolveu a saudação ao jovem, lembrando-se de já o ter visto entre o pessoal do marido em Tienjing; um rapaz simpático com um tufo de cabelo preto a cair-lhe para os olhos. Ela ficou contente por ele ter sobrevivido. Depois perguntou:

— O meu marido está aqui?

— O general vai ficar radiante! Eu levo-a até ele!

Oenone seguiu-o pela entrada alta e esculpida. Hester, Shrike e Pennyroyal, não sabendo o que fazer, entraram com ela.

— Vou precisar de falar com o cientista Popjoy — disse Oenone ao guia. — Pode mandar chamá-lo para mim?

O oficial subalterno pareceu nervoso.

— Ele morreu, Senhora Naga. Foi assassinado na sua casa junto ao lago, há cerca de três semanas. Julgamos que um dos seus Caçadores tenha avariado e... — Ele encolheu os ombros. — Ouvi contar o que lhe fizeram. Nenhum ser humano teria tamanha força...

Oenone olhou para Hester. Shrike perguntou:

— ENCONTRARAM O CAÇADOR QUE O ASSASSINOU?

O rapaz pareceu assustar-se ao ser interpelado pelo Caçador, mas recuperou e respondeu:

— Não. Mas o iate aéreo de Popjoy foi roubado. Se o assassino fosse um modelo experimental, é possível que tivesse inteligência para fugir. Parece que a casa de Popjoy estava cheia de... coisas horríveis.

Ele dirigia as palavras a Oenone, mas olhava para os companheiros, como se estivesse a vê-los pela primeira vez e a perguntar-se se fizera bem ao permitir a sua entrada no quartel-general de emergência de Naga.

— São meus amigos — disse Oenone, apressadamente, e apresentou-os: — O Senhor Shrike; o Professor Pennyroyal; a Senhora Natsworthy.

O jovem franziu as sobrancelhas.

— Natsworthy?

Ele chamou Oenone à parte e os dois conversaram durante um momento em *shan* guonês. Hester ouviu o nome Natsworthy várias vezes. Levou a mão à pistola que trazia ao ombro e soltou a patilha de segurança; perguntou a Shrike:

— Que estão eles a dizer?

Antes que o Caçador pudesse traduzir, Oenone voltou para junto deles, sorrindo.

— Hester — disse —, o teu marido está aqui.

Ela bem podia ter continuado a falar na sua estranha língua, pensou Hester, porque o que dizia não fazia sentido.

— O Tom Natsworthy — acrescentou Oenone. Pegou nas mãos de Hester e sorriu. — Chegou esta manhã, a bordo do velho dirigível da Anna Fang...

— Não — disse Hester, não acreditando; não querendo acreditar.

— Está detido numa cela junto às plataformas de atracação no sopé deste penhasco. Mas não te preocupes; direi ao Naga para o libertar imediatamente. Devias ir ter com ele, Hester.

— Eu? Não.

— Vai ter com ele. — Oenone tirou o anel que usava e meteu-o na mão fechada de Hester. — Leva isto; diz aos guardas que fui eu que te enviei. O Senhor Shrike pode traduzir para ti. Eles deixam-te falar com ele. Diz-lhe que em breve chegarão ordens do meu marido para o libertar.

— Mas ele não vai querer falar comigo. Manda outra pessoa.

— Continuas a ser a mulher dele.

— Não sabes as coisas que fiz.

Oenone pôs-se em bicos de pés e deu-lhe um beijo.

— Nada que não possa ser perdoado. Agora vai, enquanto falo com o Naga.

Hester voltou-se e saiu, com Shrike ao lado. Toda a gente no caminho se voltou para os fitar, querendo saber quem eram.

Pennyroyal deixou-se ficar.

— Então o Tom está aqui, hem? — perguntou. — Estes Natsworthy têm o dom de aparecer nos sítios mais improváveis. Mas eu fico consigo, se me permitir, Imperatriz. Há aquele pequeno assunto da recompensa de que falou...

— Com certeza, professor — assentiu Oenone, permitindo que ele a acompanhasse e ao oficial subalterno pelo labirinto de corredores. O deus que era adorado naquele convento tinha um nome diferente do seu, mas, mesmo assim, ela sentia que o velho cheiro a incenso e os séculos de orações embrenhados nos tetos esculpidos e paredes caiadas a tranquilizavam. Freiras de túnicas cor de laranja juntavam-se às portas, observando. Oficiais da Green Storm passavam apressados, fitando-a. A maioria não parecia

contente por a ver, mas ela não se importava. Dava graças a Deus por ter vindo parar àquele lugar! Sentia-se feliz por ter sido capaz de reunir Hester com o marido, e ansiava agora com alegria pela sua reunião com Naga.

Subiram três degraus para uma entrada antiga. O oficial subalterno bateu à porta, depois abriu-a para deixar Oenone passar. Pennyroyal seguiu-a. Com a sua capa cinzenta, parecia um oficial superior da Green Storm, e os guardas fizeram-lhe continência quando ele entrou atrás de Oenone na sala de guerra improvisada do General Naga.

Em volta de uma grande mesa coberta de mapas encontravam-se várias dezenas de pessoas; os restos vencidos do governo de Naga. Algumas pareciam contentes por ver Oenone. Naga, levantando os olhos dos mapas, limitou-se a olhar para ela. Tinha feridas e cortes no rosto, e mossa na armadura, e a sua mão sã envolta em ligaduras sujas. Mas estava vivo.

— Graças a Deus! — exclamou Oenone, com alegria. Queria abraçá-lo. Mas não seria decoroso abraçar o líder da Storm em público, diante dos capitães e dos conselheiros, por isso, ela controlou-se e baixou os olhos e fez uma grande vénia e disse:

— Vossa Excelência.

Naga não respondeu. À sua volta, pessoas sensatas que sabiam como ele suspirara por ela acotovelaram os colegas paralisados e pasmados e começaram a reunir mapas, espadas e capacetes e a dirigir-se lentamente para as várias portas da sala, mas Naga mandou-os voltar. Ainda não tinha falado com a mulher.

— Já soube de Tienjing — adiantou-se Oenone.

— Veio do céu — respondeu o marido, observando-lhe o rosto.

— De uma daquelas antigas armas diabólicas em órbita, segundo dizem. Um dedo de luz... de eletricidade... destrói tudo o que toca... mas eu não sou a pessoa mais indicada para explicar. Quando atingiu Tienjing, eu estava estirado de costas ao fundo de umas escadas. — Ele tentou gesticular, mas as engrenagens no ombro do seu exosqueleto amachucado rangeram e emperraram. — Raios! — resmungou.

— Permita-me — disse Oenone, grata por um pretexto para lhe tocar. Os oficiais atentos afastaram-se mas quando ela estendeu a mão para desapertar os parafusos que seguravam a ombreira o

punho ligado de Naga atingiu-lhe o lado da cabeça. Ela dobrou-se, bateu na mesa e caiu no chão entre uma confusão de chávenas de chá e compassos. Alguns dos oficiais gritaram, e ela ouviu um dizer:

— General! Por favor!

— Naga... — murmurou Oenone. Mal conseguia acreditar no que acontecia. Pensou que o exosqueleto dele tivesse avariado, levando-o a bater-lhe sem querer. Mas quando levantou os olhos para ele percebeu que a pancada fora intencional.

— Isto é tudo culpa tua! — berrou Naga. A sua mão mecânica desceu subitamente e agarrou um punhado do cabelo dela. Puxou-a para cima, como a um saco, endireitando-a. — Olha o que a tua paz provocou! Disseste-me para tratar os bárbaros como seres humanos, e agora eles estão a destruir-nos!

Oenone nunca imaginara aquilo. Não sabia como lidar com a ira dele.

— Não, não, não, não — insistiu —, as Cidades de Tração também foram destruídas; eu vi-as a arder. Deves ter recebido informações...

— Mentiras!

— Naga, a Caçadora Fang voltou! Ela controla essa arma!

Um burburinho na sala; exclamações de alarme; de incredulidade.

— Pensa — implorou Oenone. — As informações de Brighton. A «lapa» encontrada na Província de Snow Fan... Ela quer que pensemos que os cidadãos têm a arma, para poder usá-la contra nós todos! Está louca! Temos de encontrar o transmissor que ela usa para comunicar com a arma e...

— Mentiras! — repetiu Naga. — Já descobri a partir de onde controlam a arma. São os Engenheiros de Londres outra vez, como aconteceu com a MEDUSA. Aqueles refugiados inofensivos que ignorámos durante tanto tempo começaram a afadigar-se como formigas há algumas semanas, e agora acontece isto. — Ele tirou bruscamente uma fotografia das pilhas em cima da mesa, uma vista aérea de Londres captada por um pássaro-espião. — Olha! Podemos ver as cabeças rapadas! Eles infestam aqueles destroços como larvas num cadáver! E hoje chegou aqui um londrino com uma história descabelada para tentar despistar-nos. É a MEDUSA outra vez! Tudo

começa e termina em Londres!

— Então, e o Doutor Popjoy? — gaguejou Oenone. — A Fang deve ter precisado dele para a consertar, e depois de ele terminar, matou-o...

— Popjoy era outro Engenheiro! Julgávamos que ele tinha vindo para o nosso lado, mas esteve sempre a trabalhar para o seu velho Grémio! Aquele corpo que encontraram na mansão estava tão mutilado que podia ser qualquer um! O teu antigo chefe encenou a sua morte e fugiu para Londres a fim de ajudar os amigos Engenheiros a usar a arma.

— Não — murmurou Oenone. Mas a teoria dele até fazia algum sentido. Como poderia esperar mostrar-lhe que estava enganado?

Naga olhava fixamente para ela, arquejando.

— E tu também fazias parte do plano deles, não fazias, Zero? — perguntou. A voz tornara-se mais baixa e fria. — Foste sempre a espia deles, sua bruxa aleúte. Foi o Popjoy que te trouxe para o Pagode de Jade. Como parecias tímida e meiga! Mas destruístes a Fang e depois deste-me a volta à cabeça, com falinhas mansas de paz, de amor... — Ele sacou da espada. — E, afinal, estavas só a ganhar tempo para os cidadãos, até eles terem a sua nova arma pronta!

Oenone tentava controlar os tremores. Estendeu as mãos para o marido.

— Por favor, acredita em mim. Eu nunca te trairia. Tudo o que sempre quis foi a paz.

Naga voltou a bater-lhe; uma pancada entontecedora do seu punho mecânico. Ela caiu de joelhos, chorando, com as mãos em concha para apanhar o sangue do nariz. Ele empurrou-lhe a cabeça para baixo e levantou a espada. Mas a fina haste do pescoço da mulher, exposta à luz das lanternas, parecia tão frágil e pálido que não teve coragem de o cortar. Ela tinha uma crosta de sujidade ao longo da linha do cabelo, e sujidade por trás das pequenas orelhas, como uma criança.

Naga baixou a espada, espetando a lâmina na madeira da mesa dos mapas. Quando Oenone caiu a soluçar aos seus pés, ele voltou-se e berrou para os oficiais.

— Levem-na daqui! Prendam-na! Não quero ouvir mais falar de

paz!

Ele procurou não olhar quando a arrastaram para a porta. Alguns dos mais intransigentes, velhos opositores das tréguas, gritaram:

— Matem-na! — Um deles puxou pela espada, e teria chacinado Oenone ali mesmo se os amigos não o tivessem impedido.

— Não! — berrou Naga. A porta pesada fechou-se atrás de Oenone. Era mais fácil ser forte agora que ela não lhe conseguia ver o rosto assustado. — Eu próprio decapitarei a traidora Zero, em público, na praça principal de Batmunkh Gompa.

Alguns dos ouvintes pareciam quase tão aflitos como Oenone, mas a maioria ficou contente com o anúncio; alguns até aplaudiram.

— Primeiro — disse-lhes Naga —, temos de reunir todas as naves que conseguirmos e voar para Londres. Vamos capturar o transmissor dos bárbaros e voltar a nova arma contra as suas cidades! Esta guerra não está perdida! Sigam-me, e tornaremos o mundo de novo verde!

Capítulo 44

A Coluna De Fogo

«Nada que não possa ser perdoado», dissera Oenone, mas parecia a Hester, enquanto descia ao vento frio as longas escadarias para as plataformas de atracação, que ela fizera coisas que ninguém podia perdoar. Não sabia o que poderia dizer a Tom; e não lhe agradava pensar no que ele lhe poderia dizer. No entanto, também não gostava de o imaginar preso num daqueles pequenos edifícios, cujos telhados ela conseguia ver em baixo à luz dos grandes candeeiros em redor das plataformas. Havia muita atividade ali; dirigíveis sendo abastecidos de combustível e víveres, e o *Jenny Haniver*, um balão vermelho enferrujado e familiar entre o branco dos dirigíveis de guerra da Storm.

Parecia-lhe tudo desfocado, e Hester teve de limpar o olho com a manga da camisa. Ainda bem que Oenone e Pennyroyal não estavam ali para a ver fungar. Apenas Shrike a acompanhava (ela conseguia ouvir os passos pesados e reconfortantes nas escadas atrás de si) e Shrike já a vira chorar.

As ruelas estreitas por trás das plataformas estavam cheias de ruído e confusão; o pessoal da Storm parecia embriagado, e a simples tarefa de preparar dirigíveis provocava discussões e brigas entre as diferentes unidades que falavam línguas e dialetos diferentes. Abrindo caminho através da multidão, Hester sentiu um aperto no peito e na garganta, um pânico crescente perante a ideia de ver Tom.

Perguntou a um aviador o caminho para as celas, e ficou satisfeita com a forma como ele começou a fazer vénias e continências quando ela lhe mostrou o anel com a folha de carvalho da Senhor Naga.

Mas quando subia as escadas de pedra para o edifício que ele indicara, ouviu alguém correr atrás dela.

— É O MORTAL PENNYROYAL — anunciou Shrike.

— O que quer *ele*? — resmungou Hester, embora no íntimo agradecesse a oportunidade de adiar o encontro com Tom.

Pennyroyal subiu os degraus, ofegante. Ela percebeu assim que o

viu que alguma coisa estava muito mal.

— Hester! Shrike! — exclamou, sem fôlego. — Graças a Poskitt! Temos de voar! Quer dizer, de fugir! Aquele malvado do Naga...!

— Que aconteceu? — perguntou Hester.

Pennyroyal agitava os braços, procurando um gesto suficientemente amplo que descrevesse o desastre.

— Eu não sabia o que estava a acontecer; não conheço o dialeto; mas alguns dos homens lá dentro falavam anglo uns com os outros, e diziam que ela era uma traidora...

— Quem é uma traidora? — Hester agarrou-lhe pela gola da capa e abanou-o. — Que aconteceu, Pennyroyal? Onde está Oenone?

— É isso que estou a dizer! Ela está na prisão! Ele partiu-lhe o narizinho, o bruto! Responsabiliza-a por esta arma de terror. Dizem que ele jurou cortar-lhe a cabeça quando as cidades forem derrotadas. Oh, a coitadinha! Oh, Clio Misericordiosa...

Pennyroyal estava genuinamente abalado, e Hester sentiu também uma pontada de dor e compaixão quando começou a perceber o que ele dizia. Escondeu os sentimentos, como de costume, mostrando-se irritada.

— Quer dizer que foi tudo para nada? Todas estas viagens e maçadas? O desaparecimento do Theo? Acabámos de a tirar de uma prisão para a meter noutra? Será que não podemos deixar aquela tonta um minuto sozinha sem que se deixe prender? — Ela olhou para Shrike, que estudava em silêncio os edifícios por cima deles. — Achas que podemos fazer alguma coisa? Libertá-la?

— Nem pensar! — disse Pennyroyal. — Prenderam-na numa torre alta. Têm Caçadores e homens com canhões de mão a guardá-la.

— HÁ MUITOS MORTAIS LÁ EM CIMA — concordou Shrike. — TERIA DE MATAR DEZENAS DELES. NÃO PODIA FAZER ISSO, E A DOUTORA ZERO NÃO IRIA QUERER QUE O FIZESSE.

— Ela iria querer que nos salvássemos! — afirmou Pennyroyal, firmemente. — E se alguém vier procurar-nos? Eles andam a correr de um lado para o outro como abelhas loucas lá em cima, preparando-se para zarpar e atacar uma cidade qualquer. E não nos vão deixar à solta, pois não? Se acham que Oenone é uma traidora,

devem pensar que nós também somos, e vão querer as *nossas* cabeças para completar o serviço... — Ele bateu nas costas de Hester, choramingando de terror, quando ela se voltou. — Hester, o seu dirigível está aqui; tem de me tirar daqui...

Hester voltou-se e empurrou-o. Ele tombou para trás com um guincho de indignação, rebolando escadas abaixo.

— Já viajámos juntos tempo de mais — gritou ela. — Já lhe disse em Airhaven; não o quero no meu dirigível. Pode fazer os seus próprios planos.

Pennyroyal gritou-lhe qualquer coisa; mas não olhou para trás. Sobre o barulho das plataformas de atracação ouviu outros ruídos; vivas e toques de trombeta vindos de algures por cima dela. Os poucos que restavam da Storm celebravam a prisão de Oenone. O guarda à porta do bloco de celas também ouviu o barulho, e Hester ficou aliviada por ver que ele parecia confuso. As comunicações eram más naquela doca decrepita; não havia sinal de telefones nem de tubos acústicos, apenas rapazes correndo de um lado para o outro com mensagens. A notícia da desgraça de Oenone, seguida das descrições dos companheiros, talvez ainda levasse alguns minutos a chegar lá abaixo.

Como seria de esperar, o anel com a folha de carvalho arrancou mais vénias e continências do pessoal da prisão. Deixaram Hester entrar, e Shrike explicou a razão da visita numa língua que ela não conhecia. Um homem apressou-se a abrir uma porta pesada.

— Espera aqui — disse ela a Shrike, e entrou. A fraca luz de um candeeiro a petróleo, Hester viu o prisioneiro sentar-se num catre e voltar o rosto para ela.

O guarda disse qualquer coisa na sua língua, mas nenhum dos dois reparou.

— Tom? — chamou Hester.

Tom levantou-se e aproximou-se. Não falou, e Hester calculou que fosse por estar tão surpreendido por a ver; imaginou que ele conseguisse acreditar que era realmente ela.

Hester desconhecia que Tom sabia que ela estava em Shan Guo; na verdade, pelo que Theo lhe dissera, Tom achava que ela já ali estava havia alguns dias. Foi uma surpresa quando a porta da cela se abriu e ela entrou, mas não total; a surpresa não era a razão por que ele não falava. Hester magoara-o profundamente, e quando

pensava nela sentia-se zangado. Mas agora, com ela ali, a alguns passos dele, o seu cheiro familiar chegando-lhe na corrente de ar da porta aberta, ele descobriu que ainda a amava. Se não conseguia falar, era apenas porque tinha demasiadas coisas para dizer.

— Bem — começou Hester, hesitante. — Cá estamos nós outra vez!

— Deixei a Wren em Londres — informou ele, adivinhando a primeira pergunta de Hester.

— Em *Londres*?

— Está com o Theo; está tudo bem; ela não corre perigo, mas...

— Theo Ngoni? Quer dizer que ele está vivo?

— Ele conseguiu chegar a Londres. Contou-nos que esteve contigo. Como foste corajosa... Salvando a Senhora Naga...

O guarda olhava para eles. Hester tirou a pistola do ombro e apontou-a na direção de Tom, dizendo ao guarda no seu fraco esprento aéreo:

— Solta o prisioneiro; ele vem comigo.

O guarda encolheu os ombros. Hester não sabia se ele tinha percebido, mas pareceu entender a intenção, soltando os grilhões que prendiam Tom à parede. Hester agarrou em Tom pelo braço e conduziu-o para fora, acenando com a cabeça aos outros guardas. Tom perguntou-se se devia recusar-se a ir com ela; dizer-lhe que já não confiava nela, depois do que fizera. Mas não lhe pareceu o momento certo e, além disso, parte dele sentia-se contente por ela estar de novo a tomar conta dele.

Shrike esperava-os lá fora. Tom recuou quando o rosto morto do Caçador se voltou a fim de olhar para ele.

— Não faz mal — assegurou Hester. — Ele agora é um amigo.

— Pois — disse Tom, lembrando-se do que Theo lhe contara sobre o velho Caçador, mas tendo alguma dificuldade em acreditar. — Olá, Senhor Shrike. Desculpe tê-lo matado.

Shrike fez uma pequena vénia e respondeu:

— NÃO O LEVEI A MAL.

De repente, por cima das suas cabeças, com um guincho e um rugido, o céu rasgou-se em dois. Foram mergulhados numa luz branca e brilhante como a morte. O chão abanou. Shrike apertou a

cabeça e os seus olhos flamejaram e tremeluziram. As alterações dos soldados e dos estivadores nas docas de atracação transformaram-se em gritos assustados, e Hester gritou também e lançou os braços em volta de Tom, apertando-o com força. Mas a lança de luz que brilhava por cima deles não se dirigia a Batmunkh Gompa. Pairou sobre as montanhas mais a sul, flamejando e guinchando, demasiado intensa e alta para o alcance da percepção humana. O céu encheu-se de vapor, e raios azuis crepitaram e cintilaram.

— Que está a fazer? — gritou Tom. — Não há cidades ali...

O clarão diminuiu de intensidade; o guincho terminou num trovão, e a noite voltou. O chão continuava a tremer. Hester continuava a segurar Tom com força. Shrike assobiava e sacudiu-se, recompondo-se. Uma coluna de nuvens marcava o lugar onde pairara a luz, e na sua base reunia-se um brilho vermelho, um braseiro ardendo entre as montanhas.

— Zhan Shan! — Tom ouviu as pessoas dizer. — Zhan Shan! — repetiu ele. Estava muito assustado. O abraço de Hester foi reconfortante durante um momento, até se lembrar e a afastar. — Eles voltaram a arma contra Zhan Shan! A montanha sagrada está a entrar em erupção!

— Quem iria querer fazer explodir um vulcão? — perguntou Hester, zangada consigo mesma por ter abraçado Tom. À volta deles, os sinos e os apitos tocavam, dirigíveis brancos levantavam voo para a noite. Quem poderia dizer qual seria o próximo alvo da arma?

— Vamos — instou Hester.

Atravessaram a doca movimentada para a plataforma onde o *Jenny* estava atracado. Um grupo de aviadores da Green Storm corria para o dirigível. Hester gritou-lhes que ia levá-lo. A escotilha na popa do balão estava aberta; ela berrou para a surpreendida tripulação de terra para a fechar e afastar-se. Os homens encolheram os ombros e fizeram continência, mas quando se afastaram apareceu um funcionário da doca a correr e a gritar em esperanto aéreo:

— Onde estão as vossas autorizações? Qual é a vossa unidade? Todos os dirigíveis foram requisitados para a ofensiva do General Naga contra os bárbaros!

— Não. — Hester estendeu a mão, mostrando-lhe o anel de Oenone. — Eu levo este; ordens da Senhora Naga.

O homem começara a fazer continência, mas deteve-se quando ouviu de quem era o anel.

— A Senhora Naga é uma lacaia da conspiração Darwinista Municipal! — gritou, voltando-se. — Camaradas! Aqui! Os cúmplices da traidora Zero estão...

Hester cerrou o punho e o anel cintilou quando ela esmurrou o homem com toda a força na barriga e de novo na cabeça quando ele se curvou. Pensou em matá-lo, mas não o queria fazer com Tom a ver.

Deixando-o a arquejar na borda da plataforma, apressou Shrike e Tom pela prancha de embarque acima. Outros dirigíveis descolavam das plataformas vizinhas; grandes naves de transporte subiam para ir recolher tropas ao planalto. Ninguém reparou no *Jenny* subindo entre eles, e o seu balão vermelho esvaneceu-se na noite quando começou a sobrevoar o lago de Batmunkh Nor, Lá em baixo, quando o funcionário da doca recuperou o suficiente para começar a gritar por ajuda, já nada havia para ver do dirigível exceto uma espiral de fumo de escape dissolvendo-se no ar sobre a plataforma.

Voavam sem luzes, mas o brilho da erupção no distante Zhan Shan entrava pelas janelas da barquinha, vermelho e mórbido e suficientemente forte para permitir a leitura. Enquanto Hester pilotava, Tom encostava-se à janela e olhava para a fenda em forma de crescente que tinha sido rasgada no flanco nordeste do vulcão. A montanha em si estava escondida na escuridão e na distância, de forma que a fenda parecia pairar no céu como uma lua em chamas.

— Continuo sem perceber — murmurou Tom para si mesmo.

— Porquê atingir uma montanha?

Shrike ouviu-o.

— O ZHAN SHAN PODE CONTINUAR EM ERUPÇÃO DURANTE SEMANAS — disse. — AS NUENS DE CINZAS PERTURBARÃO O TRÁFEGO AÉREO AO LONGO DE MILHARES DE QUILOMETROS. PROVÍNCIAS INTEIRAS FICARÃO DEBAIXO DE CINZAS. É UM GOLPE DO QUAL A GREEN STORM NÃO CONSEGUIRA RECUPERAR.

— Então é verdade que as cidades controlam ODIN...

— A CAÇADORA FANG CONTROLA ODIN.

— A Caçadora Fang está *vivai*

Shrike acenou que sim com a cabeça.

Hester, que estivera concentrada em fazer passar o dirigível por um pico alto e esguio, descontraíu-se um pouco quando entraram em céu aberto e voltou-se para olhar para os passageiros.

— Vamos dar a volta e seguir para ocidente — anunciou. — Posso deixar-te em Londres, Tom.

— E a vossa amiga, a Senhora Naga? — perguntou Tom. Não conhecia a infeliz jovem, mas sentia-se culpado por a deixar encarcerada. — Depois de os dirigíveis de Naga partirem talvez pudéssemos...

— ELA CONTINUA PRESA — lembrou Shrike. — NÃO NOS DEIXARIAM LEVÁ-LA COM VIDA. SE O NAGA A RESPONSABILIZA POR ODIN, HÁ UMA MANEIRA MAIS SIMPLES DE A SALVAR: ENCONTRAREI A ESTAÇÃO TERRESTRE DE ODIN E MOSTRAREI QUEM DE FACTO É RESPONSÁVEL.

— Mas a estação terrestre pode estar em qualquer lado — protestou Hester.

— A CAÇADORA FANG REGRESSOU A SHAN GUO— aventou Shrike, voltando-se, cheirando o ar bafiento como se esperasse detetar o odor da Caçadora. Encontrou um mapa das Montanhas Divinas e estendeu-o sobre a mesa dos mapas. Colocou o dedo sobre a Província de Snow Fan, depois Batmunkh Gompa. — ELA ABANDONOU A «LAPA» AQUI. MATOU O POPJOY AQUI. ESTÁ ALGURES NESTAS MONTANHAS. DEIXA-ME EM TERRA E EU IREI ENCONTRÁ-LA.

— A Anna Fang tinha uma casa num lugar chamado Erdene Tezh — informou Tom. — Encontrámos a escritura entre as coisas dela quando ficámos com o *Jenny*. — Ele apontou para o lugar no mapa. — Talvez tenha regressado a casa.

— É POSSÍVEL. A CAÇADORA FANG AFIRMAVA TER RECORDAÇÕES DA SUA VIDA ANTERIOR. TALVEZ A TIVESSEM ATRAÍDO DE VOLTA.

Tom ficou contente por o Caçador Shrike gostar da sua sugestão.

— Não acham que devíamos regressar a Batmunhkh Gompa e contar isto a alguém? — perguntou.

— Nem pensar! — exclamou Hester.

— NÃO ACREDITARIAM EM NÓS — assegurou Shrike. — PENSAM QUE SOMOS FANTOCHES DOS INIMIGOS. TENHO DE IR A ERDENE TEZH E PROCURÁ-LA.

— Isso é ideia tua? — perguntou Hester, desconfiada. — Ou um dos programas secretos da Oenone continua a comandar-te o cérebro?

Shrike voltou-se e olhou para ela.

— NÃO SEI. MAS A DOUTORA ZERO RECONSTRUIU-ME PARA UM FIM. EU SOU O ÚNICO CAPAZ DE DESTRUIR A CAÇADORA FANG. TENHO DE A PROCURAR E REASSASSINÁ-LA.

— Pensei que não pudesses matar ninguém.

— OS CAÇADORES NÃO ESTÃO VIVOS, POR ISSO NÃO SERÁ MATAR — explicou Shrike, paciente. — E MESMO QUE FOSSE, TERIA DE SER FEITO. — Ele acenou com uma mão enorme para as janelas, para as montanhas que ardiam a sul. — SE A DEIXARMOS PROSSEGUIR COM ESTA DESTRUÇÃO, MILHÕES DE MORTAIS MORRERÃO.

Tom engoliu em seco e disse, nervosamente:

— Posso levar-te a Erdene Tezh.

— Isto não nos diz respeito, Tom — avisou-o Hester.

— Diz sim — respondeu-lhe Tom. — Porque, se tiverem razão, somos as únicas pessoas a saber quem é responsável pelo que está a acontecer. Que espécie de mundo restará para a Wren se deixarmos isto continuar? Temos de fazer qualquer coisa. — Ele ia explicar a ligação entre ODIN e o *Livro de Estanho*, mas isso só levaria Hester a pensar que a culpa era de Wren, o que ele não pretendia de todo.

— Tenho de fazer qualquer coisa — insistiu, baixinho.

— Está bem — anuiu Hester. Ele continuava encantador e irritante, como sempre. Ela nunca resistiria à coragem insensata de Tom.

— Está bem. Vamos lá a esse Erdene não Sei Quantos. De qualquer maneira, não tenho nada melhor para fazer. Mas quando lá chegarmos não vais armar-te em herói, não vais pôr a vida em perigo, nem tentar falar com a Caçadora Fang. Ficas sossegado no

dirigível e deixas que o Shrike a mate. E desta vez convém que o faça como deve ser.

Capítulo 45

A Ceifa

Wren, acordando, interrogou-se por um instante onde estava, lembrou-se do que acontecera, sentiu medo, e depois decidiu que não se importava, porque Theo estava ali com ela, respirando suavemente, com o rosto apoiado na curva do seu pescoço e o peso pesado e reconfortante do braço estirado por cima dela.

Eles tinham rumado a ocidente depois de saírem de Crouch End, porque todas as estradas e caminhos que Wren conhecia através dos destroços conduziam a ocidente. Isto durante horas, atentos a ruídos e sinais de perseguição. Tinham visto a lança de fogo mergulhar nas montanhas e ficaram em silêncio, de mãos dadas, observando o clarão vermelho reunir-se no céu por trás de Zhan Shan, realçando em silhueta o pico do vulcão gigante. Por fim, haviam parado para descansar na ponta mais ocidental do campo de destroços, onde este se desintegrava em retalhos mais pequenos, bocados espalhados de lagartas e placas de conveses e rodas gigantes. Tinham-se abrigado numa das rodas, numa caverna cilíndrica com quase quatro metros de altura, à qual em tempos devia estar ligada uma manivela. (Ou uma barra de ligação, ou outra coisa qualquer; nenhum deles sabia o suficiente sobre rodas de cidades para dizer ao certo.) Pelo menos estava seca, e não muito fria, e eles tinham-se aconchegado, com a mochila de Wren a servir de almofada, e adormecido rapidamente.

Agora, uma luz matinal acanhada preenchia o círculo à entrada da caverna. Wren acordou Theo, delicadamente, e rastejou à volta dele para a entrada. Espreitando, viu as margens abandonadas das ruínas estendendo-se na distância à luz difusa do sol. Ela avançou um pouco mais.

Havia demasiado nevoeiro para distinguir Zhan Shan, mas era possível ver a torre de fumo, cinzenta, e tão alta como o céu. O chão parecia tremer ligeiramente, e ela julgou ouvir um trovão ao longe.

— Bem, não foi um sonho — constatou. — Porque haveria a Storm de voltar a arma contra o próprio território?

— Deve ser outra guerra civil — aventou Theo, tirando um pouco de água para os dois da cantina que Lavinia Childermass lhes

dera. — O Naga provavelmente está a atacar os rivais.

— Que encanto! — comentou Wren. — E são essas as pessoas à mercê das quais nos vamos colocar?

— Ou isso ou voltamos para o Senhor Garamond.

— Tens razão. Que temos para o pequeno-almoço?

— Cascalho — respondeu Theo, abrindo uma caixa que Lavinia Childermass pusera dentro da mochila de Wren. — Devia ser uma espécie de panqueca em tempos. Provavelmente é muito nutritivo...

— Chiu!

O ruído do trovão tornava-se mais forte. Decididamente, o chão tremia, e as vibrações soltavam pequenas lascas de ferrugem da velha roda.

— O vulcão? — interrogou-se Wren.

Theo abanou a cabeça.

Eles rastejaram para fora do abrigo e puseram-se em cima do aro da roda, olhando para ocidente. Os estrondos vinham e desapareciam, levados pelo vento. Depois viram um monte elevar-se e estremecer, mudando lentamente de contornos. Um brilho de metal apareceu por baixo dos arbustos, e depois um punho de fumo de escape ergueu-se triunfante no ar.

— Oh, Quirke! — exclamou Wren.

— Harrowbarrow — murmurou Theo.

Wren acenou com a cabeça. Quase se esquecera de Wolf Kobold. O primeiro pensamento foi: *Graças a Quirke saímos do campo de destroços antes de ele chegar!* Mas imediatamente pensou: *E os outros?*

— Temos de os avisar! — exclamou.

— Porquê? — perguntou Theo. — Depressa saberão. Se ele se desloca tão depressa como quando o vi a atravessar a linha, dentro de instantes em Londres já estarão a ouvir os motores.

— Mas poderão não ouvir — contrapôs Wren. — Os vigias são novos, nunca ouviram os motores de uma cidade; pensarão que é o vulcão, como nós... — Ela tentou dizer a si mesma que era bem feito para os londrinos, por acusarem pessoas sem provas e prenderem-nas em jaulas, mas só conseguiu pensar nos amigos: Angie e Saab, Clytie, a Doutora Childermass. Nem o Senhor Garamond merecia ser devorado por Harrowbarrow. A ideia de que todos aqueles anos de

pensamento, esforço e trabalho árduo seriam um desperdício apavorava-a.

— Temos de o atrasar — sugeriu. — Eu subirei a bordo e tentarei desviá-los, de qualquer maneira. Mesmo que ganhe apenas meia hora, isso pode ajudar. Não percebes? Nova Londres tem de partir hoje, agora, quer esteja pronta ou não! Depois de sair dos destroços, deve ser capaz de deixar Harrowbarrow para trás.

— Não, não vais sozinha — protestou Theo.

— Vou sim, porque não posso levar-te, tu és o Musguento mais Musguento no mundo inteiro e não tens jeito para mentir, e o Wolf Kobold acha que pessoas como tu nem sequer merecem viver. Por isso, tens de ir embora para um lugar seguro qualquer.

— Wren — insurgiu-se Theo. Ela abraçou-o com muita força. Seria tão fácil fugir apenas de Harrowbarrow e fingir que nada daquilo lhe dizia respeito, mas dizia; que pensaria o pai da sua atitude se soubesse que tivera uma oportunidade de salvar a cidade dele e não fizera nada? Que pensaria ela de si mesma? Beijou Theo e disse:

— Agora vai. Harrowbarrow costuma enviar batedores à frente, a pé. Se te apanharem, não param para fazer perguntas. Vai, por favor.

— Como voltarei a encontrar-te?

— Não sei — respondeu Wren, afastando-se dele. Os motores de Harrowbarrow rosnavam. — Pensarei nalguma coisa — prometeu. Não conseguia largar-lhe as mãos. — Olha, os deuses deram-se a todo este trabalho para nos juntar; não vais achar agora que iriam permitir que um suburbiozinho blindado e idiota e imensamente perigoso se metesse entre nós, pois não? — Ela deteve-se, porque estava a começar a falar demais. Tinha sido assim na doca aérea de Kom Ombo. Ela parecia capaz de dizer tudo menos o que queria.

No fim, foi Theo que o disse.

— Amo-te.

— Credo, a sério? Eu também! A ti, quero dizer. Eu, eu amo-te. — Ela começou de novo a aproximar-se dele, depois afastou-se. *Pronto, pensou, já lhe disse; agora terei menos um arrependimento quando descer ao País sem Sol.* Voltou-se e começou a afastar-se aos

tropeções pelos silvados e bocados de destroços ferrugentos, em direção a norte e ao trajeto de Harrowbarrow. — Esconde-te! — gritou-lhe, vendo-o ainda a observá-la, parado e impotente, da sombra da roda abandonada. — Vai esconder-te! — Continuou a correr, meio receosa e meio esperançosa de que ele insistisse em ir com ela.

Quando voltou a olhar para trás, já não o viu.

Theo correu para as matas de amieiros que cobriam o vale escavado de um velho trilho de lagartas ali perto. Depois parou. Queria estar com Wren, mas sabia que, se os harrowbarrovianos fossem tão perversos como ela os descrevera, estaria apenas a suicidar-se, e a complicar ainda mais a situação de Wren, levando Kobold a perguntar-se porque estava ela com um Antitracionista.

No entanto, não podia apenas esconder-se.

Virou para oriente e correu em direção ao campo de destroços. Os londrinos não eram maus. Mereciam que alguém os avisasse. Iria para o hangar na ponta ocidental da Holloway Road e diria aos rapazes que estavam lá de vigia que Harrowbarrow ia a caminho.

Wren abria caminho por entre ervas daninhas que lhe chegavam à cintura. O dia escurecia à medida que o manto de fumo do vulcão distante se espalhava pelo céu. O tempo do fim do mundo. Os motores de Harrowbarrow tinham-se calado. Ela perguntou-se se Wolf Kobold estaria na ponte, observando a paisagem pelo periscópio. Despiu o casaco e virou-o do avesso. O forro de seda vermelha estava gasto e desbotado, depois de todas as aventuras, mas, mesmo assim, era a cor mais berrante à sua volta. Ela subiu para um monte de destroços indefiníveis e começou a agitar o casaco por cima da cabeça, gritando:

— Wolf! Wolf! Sou eu! A Wren!

Após alguns minutos, saltou dos destroços e recomeçou a andar. Sentia o chão tremer. O subúrbio-ceifeiro aproximava-se. De vez em quando, agitava o casaco e gritava, mas já nem conseguia ver Harrowbarrow; o subúrbio tinha descido para uma vala profunda. Wren olhou para o céu. Não havia pássaros Caçadores. Francamente, pensou, onde estavam a Green Storm e a superarma destruidora de cidades quando precisavam delas? Aquilo era

incompetência pura, deixar Harrowbarrow passar tão para lá das suas linhas.

Um pequeno monte de terra acinzentada à sua frente revelou-se subitamente não ser um monte, ao levantar-se e apontar-lhe uma espingarda e gritar:

— Alto! — Wren soltou um grito e deixou cair o casaco. À sua volta, outros homens vestidos de cinzento surgiam da vegetação rasteira. Ela não lhes reconheceu os rostos, mas percebeu pelas vestimentas e pelos óculos de proteção que pertenciam a uma das equipas de batedores de Harrowbarrow. Pôs as mãos no ar e tentou não deixar a voz tremer ao dizer:

— Chamo-me Wren Natsworthy! Sou amiga do vosso presidente da câmara.

Um dos homens revistou-a à procura de armas, com mais zelo do que Wren achava necessário (sabiam decerto que era impossível esconder algo *muito* perigoso dentro de um sutiã!). O chefe deles disse-lhe: «Tu vem», e eles partiram todos, correndo depressa pelo terreno agreste e acidentado, metendo-se por fendas nas paredes dos trilhos de lagartas e chafurdando pelos leitos alagados. Os homens deslocavam-se com rapidez e facilidade, e empurravam Wren sempre que ela mostrava sinais de abrandar. Quando avistaram o flanco blindado de Harrowbarrow, meio submerso em lama e arbustos arrancados, ela estava exausta.

Uma escotilha abriu-se. Os batedores conduziram Wren para dentro e fecharam com força a tampa da escotilha. Depois Harrowbarrow seguiu roncando em direção aos campos de destroços.

Era estranho estar de novo nas ruas do subúrbio escavador depois do que acontecera; muito estranho mesmo estar na Câmara Municipal de Wolf Kobold, sobre tapetes macios, entre cortinas de veludo e pinturas finas e o brilho suave de candeeiros de árgon. Wren examinou-se a um espelho, e mal reconheceu a jovem londrina desgrenhada e tisonada que olhava para ela.

— Wren!

Deviam ter ido chamá-lo à ponte. Ele trazia botas e calções e uma camisa sem colarinho com grandes manchas de suor nos sovacos. Parecia mais magro, e ela perguntou-se se a viagem que ele

fizera sozinho pelo Terreno Exterior teria sido difícil. Apenas por um instante, sentiu-se contente e aliviada por o ver, e aproveitou o sentimento para forçar um sorriso; um sorriso tímido e caloroso.

— Herr Kobold...

— Porquê tão formal, Wren? — Ele veio ter com ela e pegou-lhe nas mãos. — Estou muito contente por teres vindo ao nosso encontro. Que te traz aqui? Vens sozinha? Onde está o teu pai?

— Ele continua em Londres — mentiu ela.

— Os londrinos já sabem da nossa chegada?

— Ainda não — disse-lhe Wren.

— Então o que fazes aqui?

— Estive à tua espera. Sabia que virias... — Ela deixou esmorecer o sorriso; parecendo prestes a chorar, a desmaiar. Kobold ajudou-a a sentar-se. — Oh, Wolf — continuou. — O meu pai está preso! Depois de partires, os londrinos meteram na cabeça que devíamos ser teus cúmplices. Prenderam-nos numas jaulas horríveis; velhas jaulas para animais do jardim zoológico. O meu pai não está bem, mas eles recusam-se a libertá-lo. Então fugi, e tenho vivido nas margens do campo de destroços, à tua espera, e pensei que nunca mais viesses!

Os braços de Kobold envolveram-na, encostando-lhe o rosto ao peito dele. Wren forçou algumas lágrimas, e depois descobriu que, se pensasse muito no pai ou em Theo, conseguia chorar a sério. Acrescentou, com a voz trémula:

— Harrowbarrow é a minha única esperança. Podes salvar o meu pai, não podes, quando devorares Nova Londres?

— Claro, claro — respondeu Kobold, afagando-lhe o cabelo. — Hoje à noite já estaremos em Crouch End; os londrinos e tudo o que possuem serão o nosso prémio; o teu pai ficará a salvo.

Wren afastou-se bruscamente, parecendo horrorizada.

— Esta noite? Mas será tarde demais! Eles planeiam partir esta tarde! A data do lançamento foi antecipada por causa da guerra... Oh, têm de ir mais depressa!

Wolf abanou a cabeça.

— Impossível. Temos de contornar os campos de destroços...

— Mostra-me — exigiu Wren, limpando a cara com as costas da

mão suja.

Seguiu Kobold ao longo dos passadiços abafados através dos estaleiros de desmantelamento, onde equipas de trabalhadores preparavam pesadas máquinas de corte e laceração. Subiram a escada para a ponte e encontraram Hausdorfer ao leme. Os seus óculos esquisitos faiscaram quando ele cumprimentou Wren com um aceno de cabeça. Começou a dizer qualquer coisa a Kobold em alemão, mas o jovem presidente da câmara fez-lhe sinal para se afastar e conduziu Wren para a mesa dos mapas, onde se encontrava um enorme desenho do campo de destroços. Devia ter sido feito por Wolf, depois de ele regressar a Harrowbarrow. Wren reparou logo em vários erros, além de grandes espaços em branco no centro do campo, onde Wolf nunca estivera.

Ele apontou para o mapa com um compasso, percorrendo uma linha que contornava sinuosamente o lado norte do campo principal e depois seguia em direção a Crouch End.

— O meu plano é este...

— Porque não seguir diretamente pelo meio? — perguntou Wren.

— Não sei o que está lá. Os destroços podem ser intransponíveis. E há aquelas descargas elétricas de que falam os londrinos...

— Contos de fadas — escarneceu Wren. — É exatamente como desconfiavas. Os espíritos são uma história que nos contaram para nos impedir de bisbilhotar. Aquele que vimos no primeiro dia foi forjado por um dos rapazes do Garamond escondido nos destroços com uma pistola de raios. — Ela lançou-lhe um sorriso. — Olha. Se queres chegar a Crouch End antes de colocarem a nova cidade em movimento, vai por aqui. Há uma espécie de vale que atravessa os destroços e que te leva quase até à Matriz. Também não há vigias nessa zona, portanto, passarás despercebido durante mais tempo.

Ela pegou num lápis pendurado num cordel esfiapado ao canto da mesa e traçou a linha no mapa que Harrowbarrow devia seguir; de ocidente para oriente através do campo de destroços; a direito pela Electric Lane.

Os rapazes de vigia perto do *Archaeopteryx* já tinham ouvido o ruído abafado dos motores a ocidente quando Theo chegou. Encontravam-se num promontório alto dos destroços no lado de

fora do hangar, olhando para o nevoeiro. Quando se aproximou deles, Theo ouviu um dizer: «Não consigo ver nada. É o vulcão», e o outro responder: «Ou talvez seja o motor de um dirigível. Talvez haja um dirigível às voltas por cima deste nevoeiro...»

— Não é um dirigível! — gritou Theo, e baixou-se quando eles se voltaram na sua direção, temendo que disparassem contra ele com as bestas. Mas limitaram-se a olhar. Os mesmos rapazes com quem falara no dia anterior. Ele tentou lembrar-se dos nomes; Will Hallsworth e Jake Henson.

— Will — chamou, caminhando para eles de braços abertos para mostrar que não estava armado. — Jake, vem aí um subúrbio. Harrowbarrow. Têm de avisar os outros. A vossa nova cidade tem de partir agora.

— Não lhe dêis ouvidos — Jake avisou o companheiro. — Ele é um Musguento! O Senhor Garamond disse...

— O Senhor Garamond está enganado — insistiu Theo. — Se fosse um Musguento, porque viria avisar-vos de Harrowbarrow?

— Talvez não haja qualquer Harrowbarrow — ripostou Will, meditando. — Talvez seja uma mentira Musguenta.

Um ronco de motores, vindo de algures a sudoeste, abafou-lhe a voz. E também um estrondo metálico de destroços a cair. Os londrinos ficaram a olhar. Fumo e nuvens de poeira e ferrugem flutuaram pelo céu a sul.

— Vem aí! — gritou Theo. — Já chegou à margem dos destroços! Vamos!

— E o *Archy*? — perguntou Jake. — Não podemos deixá-lo aqui!

— Temos de ir chamar o Lurpak ou a Clytie...

— Não há tempo! — berrou Theo. A placa de convés ferrugenta debaixo deles abanou e mexeu-se, deslocada pelas vibrações do subúrbio faminto que abria caminho através dos destroços a menos de dois quilómetros a sul.

— Mas não sabemos pô-lo no ar! — lamentou-se Will.

— Eu sei.

— Pois, para os pulhas dos teus amigos Musguentos; não vamos cair nessa!

— Will — gritou Theo —, eu não sou da Green Storm! Acredita!

— Entrou apressadamente no hangar, olhando para o *Archaeopteryx*.

— Tem combustível?

— Acho que sim. O Lurpak Flint esteve aqui ontem a trabalhar nele.

Theo abanou a porta da barquinha. Estava fechada, e quando perguntou pelas chaves Will e Jake olharam-no confusos. Ele pegou num pedaço de metal e arrombou a porta, depois tirou uma faca do cinto de Will e começou a cortar as amarras que ancoravam o dirigível.

— Os comandos provavelmente estão travados — berrou, enquanto trabalhava. — Mas não importa. O vento está a nosso favor; mesmo que não consiga ligar os motores, será sempre mais rápido do que correr até Crouch End.

Will e Jake começaram a protestar, depois desistiram e juntaram-se a ele. O dirigível estremeceu quando as amarras se soltaram. Theo viu dois foguetões assentes em suportes debaixo das capotas dos motores dianteiros. Se conseguisse chegar a Crouch End e convencer a tripulação do *Archaeopteryx* a regressar com ele, teriam uma hipótese de retardar ou travar Harrowbarrow; ele já ouvira histórias de como um foguetão bem dirigido, lançado a um tubo de escape ou a um suporte de lagarta, podia travar uma cidade inteira. Então Nova Londres teria tempo de fugir, e talvez Theo conseguisse embarcar no ceifeiro danificado e encontrar Wren.

Os três rapazes meteram-se rapidamente na barquinha quando o dirigível desamarrado começou a subir. No convés de voo, Theo descobriu que podia acionar as rodas dos lemes de direção e de profundidade, apesar de não ser possível ligar os motores. A luz do sol entrou pelas janelas da barquinha quando o *Archaeopteryx* se elevou acima do hangar, arrastando redes de camuflagem e árvores desenraizadas. O vento forte bateu no balão, empurrando-os para ocidente, e Theo virou a roda do leme para que o nariz do dirigível apontasse para Crouch End.

O primeiro foguetão perfurou a proa do balão e atravessou o dirigível, explodindo no cilindro de gás central e lançando uma língua de fogo pela popa. Theo ouviu os gritos de Jake e Will quando a barquinha guinou. Debatendo-se com os comandos inúteis, viu outro dirigível passar por trás das cortinas de fumo lançadas pelo balão do *Archaeopteryx*; um pequeno cargueiro

armado com a cobertura branca e o raio verde da Storm. Ao passar, o cargueiro abriu as plataformas de metralhadoras nos lemes posteriores e as balas começaram a martelar na barquinha inclinada do *Archaeopteryx*, atirando Will para trás e por uma janela que se estilhaçava.

— Will! — gritou Jake, enquanto Theo o arrastava para o convés. Espreitando através do fumo, ele viu vagamente o campo de destroços. No céu em cima, um bando de dirigíveis brancos e ameaçadores circulava a baixa altitude. A Green Storm chegara.

Capítulo 46

O Atalho

Os dirigíveis de guerra circulavam a baixa altitude sobre Crouch End; tão baixo que toda a gente conseguia ver os foguetões cintilando nos seus suportes e os canhões *Divine Wind* vibrando nas torres giratórias. Alguns dos londrinos mais corajosos correram à procura de bestas e pistolas de raios, mas o Senhor Garamond gritou-lhes para não serem estúpidos. Ele odiava a Storm, mas sabia que tentar combatê-la era uma loucura.

Alguém atou um lençol branco a um velho cabo de vassoura e Len Peabody agitou-o freneticamente quando o dirigível da frente começou a descer. Era a *Fúria*, a única nave de guerra genuína da frota, mas nenhum dos londrinos reparou no aspeto gasto dos outros dirigíveis; estavam demasiado ocupados a olhar para os soldados e Caçadores de combate que saltavam das escotilhas da *Fúria* enquanto esta aterrava.

O General Naga foi o primeiro a saltar, contando com a armadura para amortecer o choque da queda. Endireitando-se, de espada na mão, inalou o ar ferrugento e terrento do campo de destroços, e ouviu as tropas a desembarcar atrás de si. Olhou para a direita. Dois dos seus dirigíveis tinham pousado em cima de um grande monte de destroços em forma de cunha, e outros continuavam a circular. Um grupo dos seus homens conduzia mais londrinos pelo caminho que descia do monte.

— O local está seguro, Excelência — anunciou o segundo-comandante, o Tenente-general Thien, correndo para junto dele e colocando um joelho na terra para o saudar.

— Resistência?

— Um dos nossos cargueiros armados abateu um dirigível que surgiu da orla ocidental das ruínas. E a canhoneira aérea *Vingar a Flor do Vento* foi atingida por uma espécie de descarga elétrica e destruída com toda a tripulação a bordo. Registaram movimentos na zona ocidental dos destroços antes de serem atingidos. Mandeí o *Fantasma Faminto* investigar.

Naga dirigiu-se a passos largos para os londrinos que o aguarda-

vam. Os seus pés enterravam-se nas camadas de flocos de ferrugem com ruídos triturantes, cada passo lembrando-lhe de forma desagradável o ruído que o nariz de Oenone fizera quando ele lhe batera. Tentou de novo não pensar nela. Era traidora, disse para consigo, severamente. Metade dos homens da sua frota ter-se-ia revoltado se ele não tivesse mostrado firmeza ao lidar com ela. Tinha de ser forte, se queria salvar a boa terra daqueles bárbaros e da sua nova arma.

Mas os bárbaros foram uma decepção. Andrajosos, desleixados, sem armas, excetuando algumas bestas e espingardas feitas à mão que eles tinham deitado ao chão quando viram a força de Naga aterrar. Eles tinham *hortas*, por amor dos deuses, como pessoas normais! O líder era um homenzinho assustado com uma insígnia de sucata de metal pendurada ao pescoço.

— Chesney Garamond — apresentou-se, em anglo. — Presidente da Câmara de Londres. Estou aqui para negociar em nome do meu povo.

— Onde está o transmissor? — berrou Naga.

— O quê?! — Garamond olhou-o de boca aberta, assustado.

Naga levantou a espada, mas o rosto ferido e nariz inchado do homem fizeram-lhe lembrar Oenone, e voltou a baixá-la. A armadura rangeu e zumbiu, tentando compensar o movimento súbito do braço.

— Onde o escondem? — insistiu. — Sabemos que a estação terrestre se situa em Londres. Por que outra razão se esconderiam aqui todos estes anos? Por que motivo destruíram um dos nossos dirigíveis agora mesmo com a vossa arma elétrica?

— Não fomos nós — respondeu outro homem, com sinceridade.

— Tratou-se de uma descarga de eletricidade do ferro-velho. Os vossos aviadores aproximaram-se demasiado da Electric Lane. Lamento.

— E os movimentos que a tripulação disse ter detetado nos destroços além?

— Não há lá nada senão os nossos jovens de vigia — asseverou Garamond. — Por favor, não lhes façam mal; são apenas miúdos...

Naga voltou-se para se dirigir às suas tropas.

— Este selvagem não sabe nada! Tragam-me os Engenheiros!

— É para já, meu general! — Um oficial subalterno aproximou-se rapidamente liderando um pelotão de Caçadores, cada um transportando um prisioneiro de cabeça rapada. Largaram uma velhota no chão aos pés de Naga. Ele fez sinal aos homens para se afastarem e observou-a a levantar-se com dificuldade.

— Onde está o transmissor?

A Engenheira examinou-o com curiosidade. Naga teve a incómoda sensação de que ela percebia o turbilhão de culpa e medo por trás do rosto austero que ele exibia.

— Não há nenhum transmissor aqui, general — respondeu ela.

— Então como comunicam com a vossa arma orbital?

O modo como os olhos dela se dilataram levou Naga a interrogar-se, apenas por um instante, se estaria enganado. Os londrinos começaram a murmurar, até que os homens dele os silenciaram com socos e ameaças.

A Engenheira explicou:

— Eles estão surpreendidos, general, porque julgavam que era o senhor quem controlava essa nova arma. Nós não a controlamos, seguramente. Não temos questões com ninguém; estamos apenas a construir uma nova cidade.

— Ah, sim, a vossa cidade flutuante! Não acreditei nessa história quando o vosso agente me foi falar dela a Batmunkh Gompa, e não acredito agora. Calem-me esses bárbaros! — berrou, voltando-se para os seus homens. Os bárbaros olharam assustados para ele. Um rapazinho começou a chorar e foi rapidamente silenciado pela mãe. Naga sentiu-se envergonhado.

Quando se virou de novo para a Engenheira, esta estendia-lhe uma mão magra com veias lilases.

— Venha ver com os seus próprios olhos...

O dirigível de assalto *Fantasma Faminto* pairou sobre os destroços fumegantes do *Archaeopetryx* para se certificar de que não havia sobreviventes, depois virou para sudoeste a fim de investigar os movimentos que a tripulação do *Vingar a Flor do Vento* registara antes daquele laço de eletricidade ter saltado do campo de destroços para a apanhar. O capitão do *Fantasma Faminto* fez subir o dirigível, não querendo conhecer o mesmo fim. Quase ao mesmo tempo, viu

os montes de destroços por baixo dele mexer-se e a resvalar. Fixou os movimentos, não conseguindo entendê-los, até que uma lagarta velha tombou para o lado e revelou a carapaça amolgada e blindada empurrando a terra.

Os vigias do subúrbio viram o dirigível por cima deles no mesmo instante. Abriram-se os silos na couraça e uma salva de foguetões trespassou o *Fantasma Faminto*, rebentando-lhe as capotas dos motores, dividindo a barquinha a meio, arrancando uma hélice posterior. Ardendo e descaindo, o dirigível foi arrastado pelo vento, enquanto Harrowbarrow seguia em frente, sulcando a terra.

— Que diabo! Era só o que nos faltava!

O berro irritado de Wolf Kobold fez Wren encolher-se. Ela tinha a certeza de que Harrowbarrow já devia estar perto da extremidade ocidental da Electric Lane, e estava à espera de que o primeiro espírito os atingisse. Quando isso acontecesse, Wolf saberia que Wren o traía. Mas por enquanto parecia que ainda não corria perigo. Ele viu-a encolher-se e foi ter com ela ao canto da ponte, para onde se deslocara para não atrapalhar a tripulação.

— Não é nada de mais, Wren — garantiu ele. — Parece que as minhas baterias de foguetões dianteiras acabaram de abater um dirigível de guerra da Green Storm. Os selvagens já estão em Londres.

— Oh!

— Não te preocupes! — Ele riu-se perante a expressão de medo no rosto dela. — Já lidámos com a Green Storm antes. Os meus vigias dizem que estes dirigíveis são velhos; um amontoado de naves de carga e transporte a cair de podre. O Naga obviamente não acha que valha a pena enviar uma unidade a sério contra os teus amigos londrinos. Vamos esmagá-los com facilidade.

Ele gritou ordens para Hausdorfer, e o navegador gritou por sua vez pelos tubos acústicos ao lado do leme. O subúrbio tomou velocidade. O convés e as paredes da ponte abanavam à medida que bocados enormes de metal ferrugento e placas de lagartas e secções de edifícios antigos caíam sobre a carcaça ou eram esmagados e triturados sob as pesadas lagartas. Wren agarrou-se à mesa dos mapas. Wolf Kobold pôs um braço à sua volta.

— Vai correr tudo bem — prometeu. — Mais uma hora e estamos lá. Obrigado por nos teres indicado este atalho, Wren. Não me

esquecerei.

Talvez não surgissem espíritos, pensou Wren. Ou talvez já estivessem a atingir o casco grosso do Harrowbarrow, dezenas deles, sem causar dano. Talvez a única coisa que ela conseguira com o seu estratagema fora assegurar que Nova Londres fosse devorada ainda mais depressa.

E seria assim tão mau se isso acontecesse? Era bem feito para os londrinos, por causa do que lhe tinham feito. E podiam até surgir vantagens. Ela imaginou Harrowbarrow tornando-se forte e gloriosa graças à tecnologia da Doutora Childermass; uma cidade imponente com várias plataformas. E ela seria a senhora de tudo aquilo. Talvez viesse a ser Frau Kobold, a primeira dama da sua nova cidade. Depois da temporada que passara nos campos de destroços, a ideia de uma vida rodeada daqueles móveis e daqueles livros, daquela decoração de bom gosto, parecia atraente. E ela domaria o Wolf, obrigando-o a tratar os trabalhadores e prisioneiros de forma mais humana...

— Estamos a entrar no teu vale, Wren — anunciou Wolf, calorosamente, escutando outro relato de Hausdorfer, que o substituíra ao periscópio. — O caminho está livre, como prometeste.

Theo e Jake atravessaram a correr um emaranhado labiríntico de destroços, abrindo caminho por entre arames, cordas, vigas e suportes de plataformas tombados. Traziam a roupa chamuscada pelos fogos de que haviam escapado quando o *Archaeopteryx* caíra. Não sabiam onde estavam, nem para onde iam, e não se conseguiam ouvir por causa do enorme ruído de motores e de metal a ser raspado, rasgado e triturado que parecia vir de todo o lado, e do céu por cima deles, e debaixo dos pés.

Uma fenda entre dois montes de escombros. Uma espécie de carreiro — ou apenas o leito de um ribeiro, onde a água deslizava pelas encostas quando chovia. Jake seguiu em frente, gritando qualquer coisa. Theo começou a correr atrás dele, e depois vislumbrou um letreiro, meio escondido pelos flocos de ferrugem que deslizavam dos montes quando estes abanavam e se deslocavam empurrados pelo subúrbio que se aproximava. Uma tosca caveira e dois ossos cruzados. PERIGO.

Theo lembrou-se de algo que Wren lhe contara sobre a Electric

Lane.

— Jake!

À sua frente, Jake entrava aos tropeções através da fenda para um vale largo e chamuscado.

— Cuidado! — gritou Theo, tentando fazer-se ouvir no meio daquele barulho que lhe abafava os pensamentos. — Volta para trás! Os raios vão atingir-te!

— O quê?!

Algo atingiu Jake, mas não foi um raio. Uma enorme proa de aço irrompeu da encosta íngreme de destroços no lado oposto do vale. Jake começou a correr para trás em direção a Theo, e o segmento denteado de uma lagarta de aço desceu sobre ele como uma pata gigante; uma roda com dois andares de altura passou por cima dele e continuou a rolar, e outra e mais outra. O subúrbio rinchava e roncava, libertando-se dos destroços, e depois começou a virar, preparando-se para seguir para leste ao longo do vale. Era apenas um pequeno subúrbio, mas do lugar onde Theo se encontrava parecia conter o mundo inteiro; uma escarpa blindada e crivada de janelas minúsculas, canhoneiras, respiradouros, tampas de escotilhas e um rendilhado de rebites; as pessoas algures lá dentro não sabendo que tinham acabado de esmagar um rapaz sob as suas lagartas.

Theo voltou para trás quando os destroços que pisava começaram a deslizar e a revolver-se, transformando-se em ondas agitadas. Tentou correr, mas o fragmento largo e plano de placa de convés que ele escolheu atravessar começou a inclinar-se cada vez mais, até ele estar a subir uma colina, a escalar uma falésia, lutando para se segurar pelos dedos a uma parede vertical. Depois caiu, bateu noutra peça de ruína, rodopiou, escorregou pela encosta do vale e aterrou com força na lama e na água.

Ficou ali a tremer, grato pela água salobra infiltrando-se na sua roupa porque a sensação fria dizia-lhe que estava vivo.

— Graças a Deus! — murmurou. — Graças a Deus! — E depois, abrindo os olhos, percebeu que afinal não havia muito por que estar grato.

As árvores enfezadas nas margens do charco onde ele se encontrava eram estátuas de carvão. Atrás delas estava Harrowbarrow. Uma onda de aço gigante, rolando para ele, levando

à frente destroços caídos que pareciam espumar e fervilhar. Theo levantou-se e começou a correr, mas dos destroços à sua frente irrompeu um clarão imenso, crepitando por cima da cabeça dele, lançando a sua sombra agitada sobre os flocos de ferrugem na margem do charco.

A eletricidade, em meadas ofuscantes, colou Harrowbarrow às paredes do vale. A luz percorreu a carapaça de metal, entrou por janelas e aberturas de silos, incendiou bocados de vegetação agarrados às lagartas e ao escudo da proa. O rugido dos motores vacilou e falhou, e no seu lugar surgiu um ruído crepitante de celofane, como se Deus estivesse a amarrotar papéis de rebuçados.

Sob a luz azul trémula, Theo chapinhou através dos baixios e atirou-se à única coisa que não era de metal — um grande bloco de pedra, dragado da terra pelas lagartas de Londres. Trepou para o seu topo seco, rezando para que os seus movimentos e roupas molhadas não atraíssem as vagas de eletricidade. Por cima dele, o céu estava escondido por uma gaiola de fogo azul; Harrowbarrow estava riscada de luz. As faíscas perseguiam os destroços em torno da rocha, e a lama silvava e fervia. Uma árvore incendiou-se com um sopro e consumiu-se como um fósforo.

Depois, de forma abrupta, a tempestade parou. Umas últimas faíscas, assobiando como ricochetes, atravessaram os intervalos entre Harrowbarrow e as paredes do vale. Os destroços resvalaram ruidosamente em volta das lagartas do subúrbio. O fumo ondeou devagar, cheirando a ozono. Theo lembrou-se de respirar.

Harrowbarrow quedou-se, silencioso, imóvel, com a couraça marcada por chagas fumegantes onde fora atingida pelos espíritos.

— Wren? — chamou Theo, para o silêncio. — Wren?

Capítulo 47

A Batalha De Crouch End

O General Naga equilibrava-se sobre o chão inclinado da Matriz e olhava para Nova Londres. Viu a sua imagem refletida na longa curva da parte inferior da pequena cidade, e também num daqueles estranhos espelhos baços suspensos por baixo. Porque haveria alguém de construir uma coisa daquelas? Teria Natsworthy contado a verdade? Os londrinos acreditavam que aquela maquineta era capaz de voar?

Ele tentou reprimir as dúvidas. Era um soldado; estava habituado a fazer isso; mas naquele dia, por alguma razão, as dúvidas não desapareciam, importunando-o. Se aquela cidade maluca era de facto tudo o que os Engenheiros de Londres tinham andado a construir, então onde estava o transmissor que controlava a nova arma? Será que Oenone também falava verdade? Será que a humilhara e agredira por razão nenhuma?

Os soldados que ele enviara a bordo de Nova Londres estavam a voltar, descendo uma das íngremes escadas de embarque. O jovem oficial de comunicações que ele encarregara da busca atravessou rapidamente o chão oleoso e fez continência.

— Excelência, não encontrámos qualquer sinal de transmissor. Pelo menos nada com poder suficiente para alcançar a arma orbital.

Naga voltou-se. Fechou os olhos e viu Oenone sorrir timidamente e dizer: «Eu bem te disse.» *E agora?*, pensou. *E agora?*

— Destruímos o subúrbio bárbaro? — perguntou o oficial.

Naga olhou para Nova Londres. Todas as cidades móveis eram uma abominação; o mundo tinha de voltar a ser verde. Mas naquele momento, por alguma razão, ele não conseguia dar a ordem. Ficou grato pela interrupção quando outro homem entrou a correr na Matriz, gritando:

— General Naga! O *Fantasma Faminto* foi abatido! Há qualquer coisa a aproximar-se do Ocidente!

Naga desembainhou a espada e saiu lá para fora para o dia cinzento e carregado, com soldados e londrinos assustados saindo

em grupo atrás dele. Ao longe, do outro lado das colinas de ferrugem e pilhas de escombros, ele ouviu o ronco de motores terrestres *Super-Stirling C50*. *Graças aos deuses*, pensou. *Um subúrbio-ceifeiro!* Finalmente algo que ele podia destruir sem escrúpulos. Voltou-se para o oficial recém-chegado para ordenar um ataque aéreo, mas, antes que pudesse falar, os ruídos dos motores cessaram abruptamente, e no seu lugar surgiram crepitações, chicotadas... Ele voltou-se e protegeu os olhos, e viu a linha do horizonte a ocidente fervilhar de luz.

— Espíritos! — gritou um dos londrinos. — Devem ter entrado diretamente na Electric Lane, pobres diabos! Foram atingidos!

Na ponte de Harrowbarrow o fumo agitava-se lentamente, rodopiando e enlaçando-se. Wren estava deitada de costas no chão a observá-lo. As luzes vermelhas de emergência piscavam, fracas. Alguém gemeu. Ela começou a ouvir outras vozes; gritos e berros irados vindos de outras zonas do subúrbio. Já não havia o ruído dos motores para os abafar.

Wren tentou perceber se ficara ferida. Parecia que não. Alguém colidira com ela, deitando-a ao chão; talvez tivesse perdido os sentidos durante uns segundos. Estava a tremer, e tinha a cabeça cheia de recordações das coisas que acabara de ver — as faíscas saltando dos instrumentos avariados e painéis de controlo explodindo; o homem do leme gritando quando a roda de metal que segurava se transformou numa mandala de luz azul.

Presumiu que o seu plano tivesse funcionado. E que devesse sentir-se satisfeita consigo mesma.

Wolf Kobold levantou-se aos tropeções. Tinha sangue na cara; negro à luz vermelha.

— Levantem-se! — berrou, com a voz rouca. — Toda a gente de pé! Levantem-se! Quero os motores de emergência a funcionar imediatamente! Hausdorfer, desce à subdivisão das máquinas e traz-me um relatório de danos! Lorcas, tira-nos deste maldito buraco de electricidade... Zbigniev, organiza equipas de batedores; manda-os para fora *agora, já!*

— Mas os raios...

— O que quer que tenha sido, já se foi; por enquanto. Não podemos deixar que este atraso dê aos londrinos tempo para escapar.

Zbigniev começou a berrar ordens para os tubos acústicos, enquanto Lorcas afastou o corpo do homem do leme da roda e atirou-o para o chão. Wren começou a arrastar-se lentamente para a escada entre o ruído e a agitação dos homens aturdidos de Kobold; gemidos e perguntas assustadas; maldições. Alguém perguntou, em anglo:

— Em nome de Thatcher, que aconteceu?

— Ela — afirmou Hausdorfer. Estava de pé, agarrando as costas da cadeira de Kobold para se apoiar. Apontou para Wren, com as mãos a tremer quase tanto como as dela. — Ela conduziu-nos para aqui!

Kobold olhou para ela.

— Não.

— Foi ela, Wolf! — rosnou Hausdorfer, abrindo o coldre no cinto. — Pensa com a cabeça, não com o coração. Ela sabia que isto ia acontecer! Esperava fritar-nos e salvar os amigos!

— Não — repetiu Wolf, esforçando-se por continuar a acreditar que ela era inocente. Mas não conseguiu, e Wren viu-lhe o rosto mudar.

Wren desatou a correr. Um homem perto do topo das escadas tentou agarrá-la, mas ela deu-lhe um forte pontapé no meio das pernas, contorceu-se para passar e desceu pelo chão da ponte. Sob as suas mãos, os degraus de aço continuavam a vibrar de eletricidade, dando-lhe pequenos choques que lhe faziam levantar os braços. Ela ouviu Wolf gritar: «Apanhem-na!», e os homens correndo a obedecer, mas eram lentos de mais para Wren, que já descia para o fumo e as sombras dos Estaleiros de Desmantelamento.

Saltou os últimos degraus, aterrou em algo macio, espreitou através do fumo e percebeu que era o cadáver de um homem, queimado pelas correntes que tinham atravessado as placas de convés do subúrbio. Por um momento, sentiu-se desgostosa e culpada. Foi assim que a mãe se sentiu quando matou os predadores?, perguntou-se.

— Wren! — gritou a voz de Wolf, algures por cima dela. — Não achas que consegues escapar, pois não?

Ela esqueceu-se da culpa e fugiu. Se alguém era responsável,

pensou, ao atravessar os estaleiros, era Wolf Kobold, por ter trazido para ali o seu subúrbio caçador. À sua frente, umas escadas conduziam ao labirinto das ruas residenciais de Harrowbarrow. Ao correr para elas, Wren sentiu o metal debaixo dos pés começar a trepidar, a princípio com força e depois num ritmo constante e vibrante.

— Já estão a ligar os motores de emergência, Wren! — chamou Wolf.

Escondendo-se atrás de um triturador de cidades abandonado, ela espreitou através das sombras e viu-o a atravessar os estaleiros, chamando-a cautelosamente, como se estivesse a brincar às escondidas.

— Não estavas à espera disto, pois não? Achavas que podias destruir Harrowbarrow trazendo-nos para os raios, mas o Barrow é mais forte do que imaginas, Wren. Vamos partir de novo e devorar os teus queridos amigos de Londres ao jantar. Se fores *muito* boazinha comigo, deixo-te viver o tempo suficiente para os veres morrer...

Um acoplamento danificado perto dele soltou faíscas e Wren viu a espada na mão dele a reluzir. Ele desapareceu por trás de um suporte de plataforma e ela aproveitou e correu, subindo as escadas para as ruas fumarentas e sombrias.

Já estavam menos sombrias; havia fendas enormes no casco de Harrowbarrow, como se alguém tivesse aplicado à blindagem um abre-latas gigantesco. Faixas de luz fumarenta entravam pelos buracos, e os harrowbarrovianos, amantes da sombra, tentavam evitá-las apressando-se a fazer reparações. Pelotões de homens armados passaram por ela a correr, mas não procuravam Wren. Ela seguiu pela sombra, como todos os outros, e correu para a popa, procurando uma saída. Algumas das portas falsas estavam abertas, mas os vasculhadores, saindo apressados para o campo de destroços, não deixavam passar mais ninguém. Wren tentou não pensar no que fariam quando chegassem a Crouch End. Pelo menos os londrinos já estariam avisados; o ruído daqueles espíritos deve ter alcançado Batmunkh Gompa. Mesmo que tivessem tempo para se preparar, como poderiam enfrentar os cruéis batedores de Harrowbarrow?

— Wren! — chamou uma voz atrás dela.

Ela virou para uma rua tubular sombria chamada Canal Monte

Sete. Ia a meio caminho quando ouviu os passos apressados.

— Wren! — A voz era inumana, distorcida pelos ecos. Tentou correr mais depressa, mas mãos fortes apanharam-na e voltaram-na.

— Theo!

— Estás ferida? — perguntou Theo.

Wren abanou a cabeça. Tentou falar, mas só conseguiu gemer. Abraçou-o.

— Entrei por uma escotilha lá em baixo perto da proa — explicou ele. — Abriu-se quando foi atingida por um raio. E comecei a explorar, e ouvi-os à tua procura. Vim para a popa, vi-te e chamei...

— Eu ouvi. Pensei que fosse o Wolf Kobold. Pensei que já estivesse longe, fora de perigo...

— Não podia deixar-te.

Ela abraçou-o com mais força e disse:

— Theo, não podemos ficar aqui. Temos de encontrar uma saída. Vão começar a andar de novo. Não serviu de nada. Pensei que pudesse travá-los, mas só consegui pô-los furiosos...

Naga desceu o caminho para Crouch End enquanto a sua frota aérea improvisada se lançava de novo aos céus por cima de Londres. As grandes sombras dos dirigíveis passavam sobre os prisioneiros amontoados. Ele procurou Garamond, e encontrou-o sentado e amuado na borda de um canteiro de legumes elevado.

— Manda esconder a tua gente — ordenou. — Há um ceifeiro nos destroços para aqueles lados. Decerto enviaram equipas de batedores. Leva-os para a Matriz; podemos defendê-los.

Garamond olhou para ele, aturdido e assustado e sem perceber. Como que para o convencer, rápidos sopros de fumo irromperam de uma dezena de pontos nos destroços e algo zumbiu sobre a sua cabeça e bateu no colete blindado de Naga, fazendo o general cambalear e recuar alguns passos antes de a armadura o estabilizar. Dois dos soldados da Green Storm perto dele rodopiaram e caíram, agitando os braços e as pernas de tal forma que várias das crianças se riram. Os outros soldados correram a fim de se abrigarem, de espingardas prontas a disparar e gritando aos londrinos assustados para saírem do caminho. Garamond começou a gritar:

— Todos para a Matriz, por favor! Para a Matriz, toda a gente! Rápido!

Por cima dos montes de ferrugem, um dos dirigíveis de Naga explodiu em leques de fumo e chamas escarlates. Outro disparou foguetões contra um alvo qualquer no chão e estancou-se bruscamente quando tiros de canhão vindos de baixo lhe rasgaram os motores e os lemes. Era agora evidente que o subúrbio sobrevivera à armadilha elétrica na qual caíra. «Harrowbarrow», tinham dito os londrinos. Naga lembrava-se vagamente do nome; um lugar escuso que os serviços secretos da Storm conheciam apenas de rumores. Mas Naga já enfrentara muitos ceifeiros na vida; Evercreech e Werwolf, Holt e Quirke-Le-Dieu. Eram robustos; mesmo depois de se lhes arrancar as lagartas e destruir os motores, eles continuavam a avançar, estendendo rodas sobresselentes e ligando motores de emergência. Naga protegeu os olhos da luz e observou os seus dirigíveis a arder — quatro deles agora, e vários balões de fuga afastando-se ao sabor do vento, graças aos deuses. Percebeu que tinha uma verdadeira batalha em mãos.

Virou-se para verificar se os londrinos estavam a fazer o que ele mandara e viu-os subir apressados para a Matriz. Alguns levavam trouxas com pertences, outros agarravam as mãos de crianças assustadas, ou ajudavam os velhos e os doentes a caminhar. O Tenente-general Thien enviara pelotões de Caçadores de combate para os montes de ferrugem com o intuito de travar qualquer harrowbarroviano que tentasse dar a volta e intercetá-los.

Naga tirou uma carabina de um dos soldados mortos e atirou-a ao primeiro londrino que viu; uma rapariga de olhos arregalados.

— Fogo de cobertura — ordenou. Por um instante, perguntou-se se não fizera um disparate, e se ela não iria voltar a arma contra ele, mas a rapariga correu para se juntar às tropas da Storm, agachadas entre as pilhas de sucata a oeste das hortas e atirando em qualquer cidadão que subisse os montes de ferrugem.

— E a nova cidade dos londrinos, Excelência, destruímo-la? — perguntou o Tenente-general Thien, correndo para se agachar ao lado dele.

Naga olhou para a longa cunha da Matriz enquanto as balas passavam por ele como vespas. Como seria viver todos aqueles anos num monte de escombros, trabalhar tanto, e depois ver a coisa que

tínhamos quase construída ser roubada?

— Não podemos correr o risco de deixar a tecnologia dos Engenheiros cair nas mãos destes parasitas da *Traktionstadt* — disse o tenente-general.

Naga deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Tens razão. Procura aquela Engenheira e diz-lhe que ligue os motores. A nova cidade tem de partir imediatamente.

Thien olhou para ele de boca aberta e olhos esbugalhados por trás da viseira.

— Vai deixá-la partir? Mas é uma cidade móvel! Jurámos destruir todas as cidades móveis...

— Não é uma cidade, tenente-general — justificou Naga. — É um dirigível muito grande que voa a baixa altitude, e não quero que lhe aconteça nada de mal.

Thien ficou mais um momento a olhar, depois pareceu compreender. Acenou com a cabeça, fez continência e partiu. Naga viu que ele sorria, baixando-se e ziguezagueando para fugir às balas. Por baixo da armadura, sentiu-se estremecer; não era fácil agir contra tudo o que acreditara durante tantos anos. Mas Oenone ensinara-lhe que às vezes surgiam momentos em que as crenças tinham de ser abandonadas, ou alteradas para se adaptarem a novas circunstâncias. Sabia que ela aprovaria o que ele estava a fazer.

Correu de novo para as hortas e agachou-se ao lado da jovem londrina a quem entregara a carabina.

— Como te chamas, moça?

— Angie, senhor. Angie Peabody.

Apertou-lhe o ombro com a mão mecânica, compartilhando com ela a coragem, como fizera tantas vezes com outros jovens assustados em situações complicadas como aquela.

— Bem, Angie, vamos recuar para a Matriz e manter estes diabos à distância até a tua gente conseguir pôr a nova cidade em movimento.

— Vai ajudar-nos, general? É para já!

O rosto jovem e o sorriso radiante e espantado da rapariga trouxeram à memória de Naga uma imagem tão forte de Oenone que, quando se deslocou para transmitir a mesma mensagem às suas

tropas, teve de fechar a viseira para que não lhe vissem as lágrimas. Agradeceu aos deuses a chegada do ceifeiro; o facto de ter uma batalha para travar e pessoas para defender; sem política para o confundir, sem super-armas com que se preocupar, apenas a oportunidade de morrer como um guerreiro, de espada na mão, enfrentando os bárbaros.

Capítulo 48

Viagem A Erdene Tezh

Por cima dos picos brancos das montanhas, o céu estava cheio de recordações. Tom e Hester falavam pouco enquanto o *Jenny* se afastava de Batmunkh Gompa, mas não precisavam, pois cada um sabia o que outro pensava: todas as viagens feitas naquele pequeno dirigível; todos os castelos de nuvens que haviam atravessado, os mares cintilantes que tinham visto, as cidades minúsculas, como brinquedos, os comboios e os entrepostos comerciais, as montanhas de gelo de glaciares antárticos... As recordações ligavam-nos, aproximando-os, mas estavam manchadas e corrompidas pelas coisas que Hester fizera.

Por isso não conversavam. Revezavam-se a dormir; a comer; e quando se encontravam no convés de voo, falavam apenas das montanhas, do vento, da baixa pressão no cilindro de gás número três. Tom tirou a pistola de raios do esconderijo e explicou como funcionava. Sobrevoaram pequenas cidades, terrenos de pastagem altos e dispersos e fios de estradas. Não viram outros dirigíveis. Tom manteve o rádio ligado, mas ouviram apenas alguns fragmentos confusos de códigos de guerra; pedidos de socorro truncados em frequências fugidias, intercalados de oscilações de interferência, como ondas numa praia de seixos. A luz do sol esvanecia-se. O céu estava coberto de cinza vulcânica e fumo das cidades. O *Jenny* atravessou um planalto alto. Em frente, erguiam-se os cumes de neve do Erdene Shan.

Um pensamento triste e indesejável surgiu na cabeça de Tom: aquela era a última viagem da sua vida.

E como se adivinhasse o que ele pensava, Hester pegou-lhe na mão.

— Não te preocupes, Tom. Vai correr tudo bem. As missões impossíveis são a nossa especialidade, lembras-te?

Tom olhou para ela. Hester observava-o solenemente, esperando um sorriso, algum sinal de perdão ou aprovação. Mas porque haveria ele de a perdoar? Afastou bruscamente a mão.

— Como pudeste fazer aquilo? — gritou. Toda a raiva

acumulada desde que ela partira saiu num jorro que a fez recuar como se ele lhe tivesse batido. — Vendeste Anchorage! Entregaste-nos todos aos Predadores!

— Por ti! — Hester tinha o rosto corado, a cicatriz escura e feroz. A voz perdeu a clareza, como acontecia sempre que se zangava, tornando difícil ouvir o que ela disse a seguir. — Por tua causa, foi por isso que o fiz, porque tinha medo de que ficasses com a Freya Rasmussen...

— Devia ter ficado! A Freya não mata pessoas, nem sente prazer nisso, nem mente sobre isso depois! Como foste capaz de me mentir, todos aqueles anos? E em Brighton, também... Abandonando aquele pequeno Menino Perdido... Como consegues?

Hester levantou uma mão para esconder o rosto.

— Sou filha do Valentine — disse.

— O quê? — Tom achou que ouvira mal.

— O Valentine era o meu pai.

Tom continuava zangado. Achou que era outra mentira.

— O *David Shaw* era o teu pai...

— Não. — Hester abanou a cabeça, com o rosto escondido pelas mãos. — A minha mãe e o Valentine foram amantes antes de ela se casar. O Valentine era o meu pai. Descobri isso há muito tempo, em Rogues' Roost, só que nunca te contei porque achei que se soubesses irias odiar-me. Mas odeias-me de qualquer forma, por isso mais vale saberes a verdade. O Valentine era o meu pai. Tenho o sangue dele, Tom; é por isso que consigo mentir, roubar e matar pessoas sem sentir que estou a fazer algo de errado; *sei* que é errado, mas não *sinto*. Sou filha do Valentine. Saio a ele.

O olho cinzento de Hester espreitava-o por entre os dedos, como se ela tivesse voltado a ser aquela rapariga tímida e magoada por quem ele se apaixonara havia tantos anos. Veio-lhe à cabeça uma recordação, clara como a luz do sol, do décimo terceiro verão de Wren, quando ela e Hester tinham começado a brigar; Hester aos pés da escada na casa de Dog Star Court e a gritar para a filha, amuada: «Sais ao teu avô!» Na altura, julgara que ela se referia a David Shaw, e achara-o surpreendente, porque ela sempre dissera que David Shaw era um homem sossegado e gentil. Mas era evidente agora que pensava no *verdadeiro* pai.

Tom sentiu escoarem-se-lhe os últimos vestígios de ira, deixando-o trémulo e envergonhado. Como devia ter sido difícil guardar um segredo daqueles durante tanto tempo!

— E a Wren também — fungou, chorando agora. — Também tem o sangue dele. Por que outra razão haveria ela de roubar aquele *Livro de Estanho*? Porquê fugir de nós? Foi por isso que tive de me ir embora, Tom. Se ela tivesse apenas o pai, talvez ficasse bem, e o lado de Valentine dentro dela não sobressaísse...

— Não é a *Thaddeus* Valentine que a Wren sai — disse Tom, ternamente. Aproximou-se dela e pegou-lhe nas mãos, puxando-as para o lado e para baixo de modo a ver-lhe a cara. — Se pudesses vê-la agora, Het; é tão corajosa e bonita. Exatamente como a Katherine.

Ele julgara que não a queria beijar, mas de repente percebeu que não desejara outra coisa desde que se haviam separado. As coisas que ela fizera e que o deixaram tão zangado, as mentiras que lhe contara e os homens que matara, só faziam com que a desejasse mais. Ele tinha amado Valentine quando era rapaz, e agora amava a filha de Valentine. Beijou-lhe a face, o queixo, a boca desfigurada e molhada de lágrimas.

— Eu não te odeio — confessou.

Do seu posto no alto do balão, onde estava de vigia, à espreita de perseguidores, Shrike ouviu os ruídos do convés de voo; os movimentos sussurrantes e as coisas que eles murmuravam. A afeição constante de Hester pelo outro mortal entristecia-o. E assustava-o, pois percebia, pelo tremor doente e arrítmico do coração de Tom, que este não iria viver muito tempo. Que faria Hester sem ele? Como podia ela ter investido todas as esperanças em algo tão frágil? No entanto, a sua voz fraca, audível apenas aos ouvidos do Caçador, continuava a subir pela escada, murmurando:

— Amo-te, amo-te, sempre te amei, Tom. Oh, só tu e sempre...

Incomodado, Shrike tentou não a escutar, concentrando-se noutros ruídos à volta. E levemente, muito ao de leve, entre o barulho dos motores, da lona do balão e do vento no cordame, ele detetou um terceiro batimento cardíaco, outro par de pulmões enchendo-se e esvaziando-se; o bater familiar de dentes assustados.

A um canto, ao lado de alguns caixotes vazios entre os suportes da armação do balão, um monte de lonas tremia. Shrike afastou-as e

olhou para o mortal encolhido por baixo.

A voz mecânica e monótona tornava-lhe difícil exprimir o aborrecimento, mas conseguiu.

— ENTÃO, PROFESSOR; ENCONTRAMO-NOS DE NOVO.

— TEMOS UM PASSAGEIRO CLANDESTINO A BORDO —
anunciou

o velho Caçador, descendo a escada com o cativo. Tom e Hester separaram-se de repente, endireitando as roupas e os cabelos desalinhadados. Com relutância, voltaram a atenção para Nimrod Pennyroyal, que Shrike empurrara para o convés de voo.

— Por favor, por favor, perdoem-me! — suplicava o velho, parando para acrescentar: — Oh, olá Natsworthy!

Tom acenou-lhe com a cabeça, incomodado, mas não disse nada. Sabia que não haveria mais tempo para estar sozinho com Hester, porque o planalto em baixo começava a estreitar-se e a elevar-se, e os íngremes contrafortes do Erdene Shan esperavam-nos apenas alguns quilómetros adiante.

— Atira-o escotilha fora! — sugeriu Hester, zangada, atrapalhando-se com os botões da camisa. — Dá-mo cá, eu faço isso! — Achava que lançar Pennyroyal para umas belas rochas pontiagudas milhares de metros abaixo deles a ajudaria a recuperar a dignidade. Mas sabia que Tom não iria aprovar, por isso conteve-se e perguntou: — Como diabo conseguiu entrar a bordo?

— Não podia permitir que me deixassem em Batmunkh Gompa, pois não? — começou Pennyroyal a gaguejar. — Quer dizer, por amor de Poskitt, não ia ficar ali à espera que o Naga me cortasse a cabeça ou coisa parecida. Os escritores perdem todo o encanto para o público se estiverem apenas disponíveis em formato de estojo. Então entrei sorrateiramente no *Jenny* quando aqueles tipos da Green Storm o abasteciam e escondi-me no porão. Se o Senhor Shrike não tivesse ido bisbilhotar, ainda lá estaria, sem vos incomodar. Enfim, para onde vamos? Airhaven? Peripatetiaopolis? Para um lugar agradável e seguro, espero?

— Já não há lugares seguros — respondeu Tom. — Vamos para Erdene Tezh.

— Onde? E, já agora, *porquê?*

— Porque pensamos que a Caçadora Fang está lá.

Os olhos de Pennyroyal esbugalharam-se; ele contorceu-se nas mãos de Shrike.

— Mas ela vai matar-nos! Ela terá dirigíveis, soldados, Caçadores...

— Não me parece — aventou Tom. — Penso que está sozinha. Só assim teria conseguido voltar sem que os serviços secretos de Naga suspeitassem. — Soltou um gemido e agarrou-se ao peito. O seu coração parecia apertar-se com o ar rarefeito das terras altas. Por um instante, sentiu um ódio absoluto a Pennyroyal. Que estava o velhote a fazer ali? Porque os perseguia? Perguntou-se se deveria revelar a Hester o problema que tinha no coração. Quando soubesse que o velho ferimento ia matá-lo, ela daria cabo de Pennyroyal num instante...

Ainda não ia contar a Hester como estava doente. Queria agarrar-se durante tanto tempo quanto possível à falsa ideia de que iria sobreviver, e dormir nos braços dela naquela noite, e continuar a voar com ela na manhã seguinte para novas aventuras noutros céus.

— Amarra-o e fecha-o na cabina da popa — ordenou.

— Mas Tom, sê razoável! — queixou-se Pennyroyal.

— Amarra-o bem. Não podemos arriscar tê-lo aqui à solta.

Shrike arrastou o explorador queixoso para cima; Hester tocou no rosto de Tom com a ponta dos dedos e foi atrás deles, prometendo dar ela própria os nós e deixar Shrike a guardá-lo. Sozinho no convés de voo, Tom conduziu o *Jenny* por entre as torres de neve do Erdene Shan e depois para cima, até começar a ver os cumes mais elevados a passar pelas janelas como dirigíveis cegos e enormes, campos de neve fantasmagóricos sob a luz cinzenta.

Quando Hester voltou para o convés de voo, ele anunciou:

— Devemos chegar ao vale dentro de meia hora, se os velhos mapas de Anna estiverem certos.

— Deviam estar — respondeu Hester, abraçando-o por trás. — Erdene Tezh era a casa dela, não era?

Tom acenou que sim, desejando poder beijá-la de novo, mas demasiado preocupado com os cumes e picos de rocha que contornava para poder sequer olhar para ela.

— A Anna disse-me que planeava vir para aqui quando se reformasse.

Hester abraçou-o com mais força.

— Tom, quando lá chegarmos, e se *for* ela, vamos apenas deixar o Shrike matá-la, está bem? Não vais tentar falar com ela, nem discutir, nem apelar à sua bondade, pois não?

Tom parecia envergonhado. Hester conhecia-o bem demais; já adivinhara os planos que ele estivera a congeminar na cabeça o dia inteiro. Ele respondeu:

— Em Rogues' Roost daquela vez, ela pareceu conhecer-me. Deixou-nos partir.

— Ela não é a Anna — advertiu Hester. — Lembra-te só disso. — Depois beijou-o na cavidade do pescoço por baixo da orelha, sentindo-lhe a pulsação acelerada. — O que te disse naquela noite na *Cloud 9*, sobre seres aborrecido; não era a sério. Não és aborrecido. Ou talvez sejas, mas de uma maneira adorável. Nunca me aborreceste.

O dirigível atravessou um desfiladeiro alto. Do lado oriental, o chão descia a pique; muito a pique, para a abertura de um vale, branco e depois verde, com um rio serpenteando na sua fenda profunda, e um lago ao fundo e, numa ilha, a casa da Flor do Vento. Tom, através dos velhos binóculos de campanha do *Jenny*, viu uma antena parabólica no telhado. Depois o céu encheu-se de asas.

Hester teve apenas tempo de o empurrar para o chão antes de a primeira vaga de pássaros Caçadores estilhaçar as janelas dianteiras do *Jenny*. Dois entraram na cabina, enchendo-a com o bater das asas e o agitar idiota das cabeças de olhos verdes. Hester agarrou na pistola de raios e abateu o primeiro. O outro lançou-se a ela aos gritos, com o bico afiado apontado ao olho. Ela disparou a pistola de raios e ele explodiu, enchendo o convés de voo de porcaria e penas. Ela olhou para Tom.

— Estás bem?

— Sim... — Ele parecia assustado e pálido. Hester endireitou-se, gemendo de dor quando o movimento lhe torceu os músculos tensos. Espreitou pelas janelas. Mais pássaros rodeavam o *Jenny*, e viu dois rasgar a capota do motor de estibordo. Apontou a pistola de raios através da janela lateral e atingiu-os, depois lançou a pistola a Tom e tirou a espingarda do cacifo por cima dela. Começou a correr

para a popa pelo corredor central da barquinha. Pennyroyal gritava na cabina da popa, e, pela porta entreaberta, Hester viu uma agitação de asas e o brilho da armadura de Shrike, que tentava rechaçar os pássaros.

— HESTER! — gritou o Caçador.

— Estou bem — garantiu ela. Ouviu o ruído de asas e garras na pequena enfermaria onde Anna Fang em tempos lhe tratara um ferimento de besta. Abriu a porta a pontapé e voltou a arma contra os pássaros que tinham entrado pelo tejadilho. A espingarda era boa — uma *Weltschmerz 60* a vapor com lança-granadas pendente que ela comprara por tuta e meia em El Houll —, mas fez mais estragos na enfermaria do que nos pássaros, esburacando a parede exterior até esta parecer um naperon de croché. Através dos buracos, ela viu mais pássaros lançando-se à capota do motor, e ouviu o motor engasgar-se e parar, a hélice diminuindo de velocidade. — Ah, que diabo! — praguejou, e lançou uma granada à capota do motor, desfazendo-a juntamente com os pássaros.

De volta ao corredor gritou:

— Tom? Estás bem?

— Claro! Não estejas sempre a perguntar!

— Leva-nos para baixo então.

— *Para baixo* não é problema — respondeu Tom, verificando a fila de manómetros do gás no quadro de instrumentos e vendo os ponteiros a girar para o zero. Desequilibrada pela perda do motor de estibordo, a barquinha inclinava-se a pique para o lado. Vultos assustadores esvoaçavam lá fora, mas Tom tentava ignorá-los, poupando a pistola de raios para os que entrassem. Uma luz brilhante e amarelada infiltrou-se pelas janelas de bombordo. A barquinha ardia.

Hester abriu a porta da cabina da popa com um pontapé. Shrike estava ocupado a dilacerar uma águia ressuscitada. Parecia um espantalho, coberto de muco e penas. Virou o rosto morto para ela e disse:

— ESTE DIRIGÍVEL ESTÁ ACABADO.

— O *Jenny* nunca! — respondeu Hester, fiel ao velho dirigível.

— O Tom consegue aterrá-lo sem problemas. Vai lá para a frente. Protege-o.

Ela afastou-se para o deixar passar. Chegara a ter esperanças de que os pássaros acabassem com Pennyroyal, mas eles tinham tido muito que fazer com Shrike. O explorador estava no chão onde o deixara, atado e amordaçado, fitando-a com olhos esbugalhados e suplicantes. Ainda pensou em abatê-lo, depois meteu a espingarda ao ombro e sacou da faca, agachando-se. Pennyroyal soltou um guincho de pavor, mas ela estava apenas a cortar-lhe as cordas nos pés e nos punhos.

Quando voltou a levantar-se, o que restava da comprida janela da popa desintegrou-se numa cascata de vidro estilhaçado e as grandes asas pretas de um condor Ressuscitado encheram a cabina. As suas garras roçaram a cabeça de Pennyroyal ao precipitar-se para Hester. Ela largou a faca e tentou pegar na espingarda, mas não teve tempo. Ouviu-se gritar; um grito terrível e agudo de menina, e de repente Shrike estava de novo na cabina com ela, afastando-a do bico que se aproximava, agarrando no pássaro e esmagando-o contra o corpo. As lâminas do condor riscaram faíscas na armadura de Shrike.

O *Jenny Haniver* guinou quando outro dos cilindros de gás explodiu; a proa voltou-se para cima e a popa para baixo. Hester foi atirada para cima de Pennyroyal, que se agarrava a uma antepara. Viu Shrike tropeçar para a popa, onde as montanhas além da janela partida brilhavam à luz do crepúsculo. O pássaro era forte; meio esmagado, continuava a bater as asas e a mexer as garras. O batimento convulsivo das asas desequilibrou Shrike. Ele esmagou o beliche e bateu na parede da popa, que começou a ceder com um ruído de madeira a estilhaçar.

— Shrike! — gritou Hester, escorregando pelo convés para o ajudar.

— Hester, não! — berrou Pennyroyal através da mordaça, puxando-a para trás.

A parede desabou. Shrike virou o rosto por um segundo para Hester. Ainda agarrado ao condor, caiu.

— Shrike! — gritou ela de novo, quando a barquinha voltou a endireitar-se. Soltou-se de Pennyroyal aos pontapés e arrastou-se o mais que pôde para a enorme fenda na parede. — Shrike!

Não obteve resposta. Não havia nada no fumo e no vento e na chuva de fragmentos em chamas do dirigível moribundo. Apenas os

ecos do último grito de Shrike subindo do abismo para onde caíra:

— HESTER!

Do muro do jardim da Caçadora, Fishcake viu o dirigível em chamas desenhando um rasto comprido e brilhante em direção às sombras profundas do vale. O vento levava o ruído para longe, ou talvez os dirigíveis a arder não fizessem barulho; em todo o caso, parecia estar tudo a acontecer em silêncio. Era muito bonito. Os cilindros de gás inflamados pareciam fontes cuspidos fragmentos dourados que cintilavam e se extinguíam ao cair. Pássaros em chamas tentavam fugir, e também caíam, e antes de desaparecerem num branco de vapor os seus reflexos brilhantes saltavam das águas do lago.

Um ruído de passos na neve atrás dele fizeram Fishcake voltar-se. A Caçadora observava-o.

— É o *Jenny Haniver* — murmurou, calmamente. — Que amável da parte de alguém trazê-lo para casa...

O dirigível pousou em terreno alagadiço na margem oposta do lago. Quando o fumo do incêndio se espalhou pelos leitos de juncos, Fishcake teve quase a certeza de ver pessoas a fugir dele. *O Senhor Natsworthy*, pensou, e *Hester*. De repente sentiu medo, porque lembrou-se do que jurara fazer a Hester, e não sabia se tinha coragem.

A mão da Caçadora pousou no seu ombro.

— Não são uma ameaça — murmurou ela. — Não lhes faremos mal.

Mas Fishcake apertou a faca dentro do casaco e pensou na última vez que vira o *Jenny Haniver*, levantando voo para os céus de Brighton, sem ele.

Tom chapinhou através da água pouco funda e deixou-se cair na erva molhada, abraçando a preciosa pistola de raios. Hester surgiu logo atrás, lançando Pennyroyal por terra. Os sobreviventes do bando de pássaros Caçadores grasnavam em redor do balão em chamas, tentando ainda despedaçá-lo com as garras. Hester ergueu a espingarda e lançou as últimas granadas para o inferno. A explosão iluminou o lago, as encostas e os penhascos em volta, e a

casa solitária na sua ilha. Os foguetões do *Jenny* também explodiram, com clarões cor de laranja. Depois ficou apenas o fumo rodopiante, e as chamas a dançar na gaiola esmagada que fora o pequeno dirigível; vinte anos de recordações reduzidos a carvão e metal coberto de fuligem.

— Tom? — chamou Hester.

— Sim — respondeu ele. Doía-lhe o peito, mas não muito. Talvez a reunião com Hester tivesse curado o seu coração partido. Ele assim esperava, porque os comprimidos verdes tinham ficado na cabina da popa do *Jenny*.

— O nosso *Jenny Haniver* — queixou-se ela.

— Era apenas uma coisa — lembrou Tom, limpando os olhos com um punho da camisa chamuscado, olhando em volta. — Nós estamos bem; é isso que importa. Onde está o Shrike?

— Foi-se. Caiu. Algures lá em cima... — Ela apontou para o enorme silêncio das montanhas.

— Virá ter connosco?

Hester encolheu os ombros, incerta.

— Ele caiu de muito alto, Tom. Salvou-me e caiu. Pode estar danificado. Pode estar morto, e desta vez não há ninguém para o ressuscitar.

— Somos só nós então — constatou Tom, e tomou Hester de novo nos braços e beijou-a. Ela cheirava como na noite em que deram o primeiro beijo, a cinza e fumo e a suor forte. Ele amava-a demasiado, e sentia-se feliz por estarem de novo sozinhos, em perigo e em lugar ermo, onde nada que ela tivesse feito importava.

Não completamente sozinhos, claro. Ele esquecera-se de Pennyroyal, que se ajoelhou na lama e disse numa voz irritadiça e amordaçada:

— Importam-se?

Hester afastou-se com relutância de Tom e acenou com a cabeça para a casa.

— Deve ser esta a casa.

— Então é melhor despacharmo-nos. — Tom tirou a pistola de raios do ombro e examinou-a, enquanto Hester voltava a atar as mãos e os pés de Pennyroyal, dando novos nós com as pontas das

cordas que cortara antes.

— Não podem deixar-me aqui, atado e indefeso! — queixou-se Pennyroyal, através da mordança.

— Não podemos deixá-lo por aí à solta — retorqui Hester. — Vendia-nos à Caçadora por um punhado de moedas.

— Mas e se não voltarem?

— Reze para que voltemos — sugeriu Hester.

Tom não achava bem deixar ali o velhote, mas sabia que ela tinha razão. Já corriam perigo suficiente sem um Pennyroyal solto atrás deles.

— Como tencionam sair deste lugar? — gritou Pennyroyal, quando eles iam a partir, mas Tom e Hester não tinham resposta, e então ela apertou-lhe mais a mordança.

Era terreno difícil e pedregoso, o vale de Erdene Tezh. Hester gostava disso. Conseguia ouvir a erva a cantar, e cheirar a terra, e essas coisas lembravam-lhe a Ilha dos Carvalhos. Pegou na mão de Tom e caminharam juntos pelo crepúsculo sombrio, olhando de vez em quando por cima do ombro para o braseiro que era o *Jenny Haniver*. Subiram uma encosta verde e íngreme e viram uma plataforma de atracação atrás de uma vedação de pinheiros. As árvores soltavam um suspiro constante, com as agulhas cortando o vento. O mesmo vento ressoava contra o balão de seda de silício de um iate aéreo. Este estava fechado à chave e com ar abandonado, mas a sua existência deixou-os mais esperançosos. Continuaram, voltando a descer para o lago, em direção ao passadiço no meio da água.

Hester tirou a pistola de raios de Tom. Ele respirava com dificuldade, parecendo sem fôlego.

— Fica aqui com o dirigível — sugeriu ela. — Deixa-me ir.

Tom abanou a cabeça. Ela tocou-lhe no rosto com a ponta dos dedos; na boca, quente naquele frio. Começaram a atravessar juntos o passadiço. Tom andava devagar, mas ela não se importava, porque isso significava que poderia pôr-se à sua frente, pronta para encarar o que quer que os esperava naquela casa. Ouviu algo a chiar, mas quando se voltou na direção do ruído viu apenas placas de gelo estalando e rangendo na margem. Mais ao largo, a água límpida cintilava cinzenta e calma. Ela voltou-se novamente para a

frente, para a casa.

Havia alguém no passadiço.

— Tom! — gritou ela, erguendo a pistola de raios. Mas não puxou o gatilho. Não era uma Caçadora que a observava. Apenas uma criança. Um rosto branco e macilento e roupas esfarrapadas e um monte de cabelo sujo. Ela avançou mais uns passos e reconheceu-o. Como viera ali parar? Mas isso não importava. Ela baixou a pistola e voltou-se para Tom. — É o Fishcake!

Depois ouviu pés a correr atrás dela. Ouviu o rapaz gemer e, voltando-se, viu o lampejo da faca que ele lhe dirigia ao pescoço. Hester deixou cair a pistola de raios e agarrou-lhe o punho magro, torcendo-lhe o braço até ele gritar e largar a faca. Apanhou-a no ar e enfiou-a no cinto, como uma professora austera confiscando uma físga. Afastou Fishcake com um empurrão e ele caiu e começou a chorar.

— Tom — disse uma voz sussurrante por cima deles. — Hester. Mas que gentileza a vossa em aparecer!

A Caçadora. Ela estivera a observá-los das sombras na ponta do passadiço, onde dez degraus de pedra gastos conduziam a um portão. Desceu cautelosamente os degraus, coxeando, com a luz cinzenta iluminando-lhe tenuemente o rosto de bronze.

— Ela é a minha Caçadora! — berrou Fishcake. — Fui eu que a encontrei depois de me abandonarem. Ela tem sido boa para mim. Vai ajudar-me a matar-vos!

Hester procurou a pistola de raios, mas esta caíra entre as rochas à beira da água. Começou a descer para a ir buscar, mas umas mãos de aço apanharam-na, levantando-a, arrastando-a, agarrando-lhe a cara; um braço de metal envolveu-lhe o peito, puxando-a para trás com força contra uma armadura.

— Não! — gritou Tom, correndo para a pistola caída.

— Por favor, não sejas desagradável, Tom — sussurrou a Caçadora —, senão quebro-lhe o pescoço. Posso fazê-lo facilmente. Não irias querer isso, pois não?

Tom parou de correr. Não conseguia falar. Parecia que alguém lhe espetara um espeto ferrugento na axila esquerda, enterrando-o até ao fundo do peito. A dor descia-lhe também pelo braço, e subia-lhe pelo pescoço, ao longo do maxilar. Ele caiu de joelhos,

arquejando.

— Pobre Tom — disse a Caçadora. — O teu coração. Coitado.

Agachado aos pés da Caçadora, Fishcake observava-os com uma expressão feroz.

— Mata-os! — gritou, na sua voz fina e zangada. — Ela primeiro, depois ele!

— Eles eram amigos da Anna, Fishcake — respondeu a Caçadora.

— Mas eles abandonaram-me! — soluçou Fishcake. — Ela matou a Mora e o Gargle! Jurei que ia matá-la!

— Eles morrerão ambos em breve.

— Mas eu jurei!

— Não — sussurrou a Caçadora.

Fishcake gritou qualquer coisa e procurou a faca no cinto de Hester, mas a Caçadora afastou-o, com tanta força que ele caiu do passadiço, para o gelo, que estalou e gemeu por baixo dele, mas não cedeu. Berrando de dor e traição, Fishcake voltou a trepar para o passadiço. Soluçando, escorregando nas pedras molhadas, afastou-se a correr da casa.

A Caçadora Fang soltou Hester e inclinou-se sobre Tom. A sua mão de aço tocou-lhe no peito, e os seus olhos cintilaram quando sentiu os batimentos irregulares e vacilantes do coração dele.

— Pobre Tom — murmurou. — Não tens muito tempo.

— O que tem ele? — perguntou Hester.

— Ele vai morrer — respondeu a Caçadora.

— Ele não pode! Oh, não pode! Por favor!

— Não tem importância — sussurrou a Caçadora. — Em breve toda a gente irá morrer.

Depois levantou Tom nos braços e encaminhou-se para o portão. Hester foi atrás dela, subindo os degraus e atravessando o jardim gelado para a casa tumular.

Capítulo 49

Recém-Nascida

Correndo atabalhoadamente pelo Canal Monte Sete, com o ar denso cheio dos espirros de dínamos e do ruído metálico das reparações em curso na subdivisão das máquinas em baixo. Subindo degraus ferrugentos que pareciam não ter fim, tremendo com vibrações quando os motores arrancaram. Wren estava exausta, apavorada, dorida; cada lufada de ar, uma pontada lancinante nos músculos fatigados do peito e das costas, e a única coisa que a impelia era o facto de Theo estar com ela. Ele às vezes estendia a mão para lhe tocar, encorajando-a, mas não podiam falar, porque o ruído era ensurdecedor naquelas escadarias húmidas e frias, naquelas gargantas de ferro que se encheram de bafo quente e rugidos ferozes quando o subúrbio ferido voltou a ganhar vida.

Depressa se perderam. Queriam seguir em frente e para baixo, mas as ruas serpenteavam e viravam cegamente. Por fim, saíram para um passadiço sobre um quadrado aberto no centro da subdivisão das máquinas, olhando além das janelas iluminadas e condutas gigantes para um espaço em baixo onde uma centena de grossos pistões de bronze subiam e desciam em nuvens de vapor, aumentando de velocidade enquanto Theo e Wren se debruçavam sobre o corrimão para os observar.

O corrimão começou a tremer; o subúrbio inteiro avançou com um solavanco.

— Está a andar! — gritou Wren, mas Theo não conseguia ouvida, e não havia necessidade de o repetir porque era evidente que Harrowbarrow se encontrava de novo em movimento. Nem tempo para o repetir, porque, nesse preciso instante, um operário das máquinas de fato-macaco oleoso surgiu de um alçapão no passadiço e ficou a olhar para eles, abrindo muito a boca ao gritar para os colegas em baixo.

Theo e Wren fugiram, e encontraram uma escada estreita que subia através do labirinto afunilado de condutas e tubos que serpenteava por cima das suas cabeças. A condensação caía sobre eles como chuva quente do teto curvo da blindagem do subúrbio.

Ao cimo da escada havia uma escotilha; só com a força de ambos conseguiram girar os manípulos pesados e levantá-la. A luz do sol entrou de jorro, e vento frio e ar puro. Wren olhou para a base da escada e viu o movimento de lanternas no passadiço em baixo; homens juntando-se para olhar para ela e apontar. Depois Theo, que já subira pela escotilha, estendeu a mão para a puxar.

Pelo menos morrerei à luz do dia, pensou Wren, deitada, ofegante, na blindagem suja de Harrowbarrow. Uma passagem estreita percorria o cume do subúrbio, sem proteção. De cada lado, algumas dezenas de metros de blindagem amolgada desciam até às bordas do subúrbio, onde as lagartas rolavam; atravancadas de terra e bocados de metal ferrugento. Além delas, os pináculos e espigões das ruínas de Londres passavam a correr.

Theo fechou a escotilha e começou a arrastar Wren, gritando qualquer coisa sobre os homens de Kobold os seguirem, mas antes que pudessem ir muito longe o metal à sua volta irrompeu em faíscas e pequenos jatos de fumo e poeira, e ela percebeu que estavam a ser metralhados... com pouca precisão, graças a Quirke.

Theo atirou-se para o chão meio por cima dela quando um vulto branco e roliço voou sobre os destroços para bombordo. Através da chuva de ferrugem e terra levantada pelas lagartas de Harrowbarrow, Wren viu que era um dirigível de aspeto bem antigo com as insígnias da Green Storm, girando as torres de metralhadoras para fazer fogo sobre o subúrbio veloz.

— A Storm está aqui! — gritou.

— Somos amigos! — berrou Theo. Wren agarrou-o para o impedir de ser atirado de Harrowbarrow quando ele começou a acenar com os braços e a gritar: — Socorro! Socorro! — Mas para os aviadores daquele dirigível ele era apenas outra figura do tamanho de uma formiga em cima do subúrbio que lhes tinham mandado destruir; voltaram novamente as metralhadoras para eles e Wren ouviu as balas ao puxar Theo para baixo.

A alguns metros de onde estavam deitados, uma tampa de escotilha redonda abriu-se na blindagem do subúrbio e ergueu-se de súbito um canhão. Tinha sido montado sobre a plataforma giratória de um velho carrossel de feira de uma estância balnear que Harrowbarrow devorara havia muito e, ao girar, emitia uma alegre música de órgão a vapor, junto com baforadas de fumo e

serpentinhas de vapor branco. Os quatro canos compridos recuavam ritmicamente para o seu encaixe blindado quando disparavam, rendilhando o céu por cima do subúrbio de tiros de canhão. O dirigível que atirara em Wren e Theo irrompeu em chamas e ficou para trás enquanto o subúrbio avançava. Por cima, dois outros dirigíveis, com os balões e lemes posteriores enchendo-se de buracos, mudaram de rumo e afastaram-se.

Por essa altura, a chegada de Harrowbarrow já se ouvia na Matriz. Enquanto os londrinos subiam para bordo da nova cidade com tudo o que tinham conseguido guardar, o clangor metálico do subúrbio que se aproximava enchia o céu lá fora e ecoava pelo hangar central.

Um mensageiro da Green Storm veio ter com Naga, que aguardava numa extensão aberta de placa de convés na popa de Nova Londres.

— Os nossos dirigíveis não conseguem travá-lo, meu general. O *Peónia Beligerante* acabou de ser abatido. Restam apenas a *Fúria* e o *Véu Protetor*.

— Manda-os regressar — ordenou Naga. — Diz às tropas terrestres que subam a bordo desta... máquina. — Voltou-se quando Lavinia Childermass saiu a correr da escada que subia da subdivisão das máquinas. — Então, londrina?

— Estamos prontos, acho — respondeu a velha Engenheira.

— Ótimo. O subúrbio-ceifeiro está quase a chegar. Vou para o meu dirigível. Tentarei atrasá-lo o máximo que puder, mas ele é forte. É melhor rezarem para que a vossa nova Londres seja rápida.

— É rápida — assegurou a Doutora Childermass. Naga voltou-se para sair, com a sua armadura transportando-o para as escadas de embarque pelas quais subiam apressados pelotões de tropas da Green Storm. Ela correu atrás dele, acotovelada pelos soldados que passavam. — Devia ficar, general! O nascimento de uma cidade é um grande acontecimento!

Naga virou-se, fez uma vénia, e continuou a andar.

— Boa sorte, Engenheira! — ouviu-o berrar, e ficou a vê-lo partir, pensando em como era estranho que ele se revelasse o parteiro de Nova Londres. Depois, lembrando-se da sua posição, regressou a

correr ao seu posto. As placas de convés começavam a tremer à medida que, um a um, os assistentes puxavam as alavancas de ignição dos motores Childermass. Quando ela chegou à sala de comando no centro do convés inferior, o leve gemido dos repulsores já subira para um tom fora do alcance do seu ouvido, e havia um estranho movimento vacilante no chão. Nova Londres estava no ar.

Ela pegou no tubo acústico que a ligava à sala de navegação do Presidente da Câmara, lá em cima na nova Câmara Municipal.

— Olá! Pronto?

— Pronto — respondeu a voz de Garamond, abafada e assustada. Lavinia Childermass pousou o tubo e olhou para os rostos ansiosos, expetantes e sujos dos membros da tripulação. Até ali em baixo conseguia ouvir o ruído de Harrowbarrow a dirigir-se para eles através dos campos de destroços. Ela acenou com a cabeça e o pessoal atirou-se aos instrumentos de comando.

No exterior da Matriz, Naga viu os batedores de Harrowbarrow afastar-se para o lado à medida que o ruído da chegada do subúrbio se tornava mais forte. Disparou a pistola contra alguns, para os apressar. O céu por cima das colinas de ferrugem a oeste de Crouch End enchia-se de poeira e detritos, como se um géiser de sucata de metal tivesse entrado em erupção. De repente, as próprias colinas mexeram-se, deslizaram, incharam e explodiram, e através delas surgiu a proa aguçada e brutal de Harrowbarrow.

A Matriz tremeu e pareceu assentar. Na extremidade norte, os homens de Peabody fizeram detonar as cargas explosivas e, com uma lentidão de sonho, as portas altas e corroídas do hangar tombaram para a frente, esmagando-se sobre a ferrugem e escombros.

Harrowbarrow abria caminho nas ruínas de Crouch End; bocados coloridos de cortinas e tapetes agarrando-se às lagartas denteadas. O cruzador *Véu Protetor* lançou uma salva de foguetões ao subúrbio e subiu para fora de alcance antes que o canhão giratório no dorso de Harrowbarrow pudesse voltar-se para o alvejar. A *Fúria* desceu para a Matriz, e Naga correu e saltou para bordo enquanto a corveta pairava por um momento acima do solo. Quando a sua armadura o meteu pela escotilha e o atirou para o convés de voo, já a *Fúria* subira de novo. Uma aviadora veio a

correr com informações, mas Naga fez-lhe sinal para que se afastasse, nervoso como um pai à espera de ver nascer um filho. Aproximou-se de uma canhoneira e espreitou para a entrada da Matriz.

— Vá lá! — resmungou. — Vá lá!

Agachados sobre a crista de Harrowbarrow, Wren e Theo tentavam proteger-se mutuamente enquanto as colinas de sucata batiam no subúrbio como ondas numa praia. Punhos e dentes de ferro gigantes lançavam-se ruidosamente sobre a blindagem, alguns saltando para o ar, outros escorregando sobre o casco tão próximos deles que Wren lhes sentia o vento quando passavam por ela. Depois cessaram, Crouch End era esmagada sob as lagartas e em frente, no cume do monte estava a Matriz.

— Olha! — gritou ela. — Theo! Olha!

Da entrada aberta do velho hangar, Nova Londres emergia, com os espelhos magnéticos nos flancos brilhando como soberanos de ouro. Pairou à saída da Matriz durante um momento, inclinando-se um pouco, hesitante. *Uma cidade recém-nascida*, pensou Wren, *como algo saído do antigamente*, e desejou ardentemente que o pai pudesse estar ali com ela para a ver.

Endireitando-se, Nova Londres começou a mexer-se, com o brilho da névoa de calor por baixo do casco adensando-se à medida que a cidade tomava velocidade, flutuando para norte através do campo de destroços. E Harrowbarrow virou também para norte, roncando, sacudindo-se e desequilibrando Wren ao aumentar a velocidade e partir em perseguição da nova cidade. Ela estirou-se atabalhoadamente para trás, temendo rebolar pelo flanco para os dentes trituradores das lagartas do subúrbio, mas conseguiu apoio para a mão. Ao rastejar de volta para Theo, viu a tampa da escotilha por onde eles tinham saído levantar-se, e Wolf Kobold a sair.

Ele parecia contente por os ver, mas nada benevolente.

Capítulo 50

A Casa Da Caçadora

Havia quadrados azuis. Um azul-pálido, com um fundo preto. Tom, que não esperara voltar a si, despertou lentamente de sonhos meio lembrados. Os quadrados eram o céu, espreitando pelos buracos no teto degradado. As nuvens tinham desaparecido; havia uma mancha de luz crepuscular que se apagava e acendia na parede bolorenta. Ele estava deitado em algo macio, e cheirava a bafio e humidade à volta. As mãos e os pés pareciam estar a quilómetros de distância; a cabeça demasiado pesada para se levantar; alguém enfiara uma laje grande e quadrada dentro do seu peito. O leve formigueiro nos membros era sinal de que ainda estava vivo.

— Tom? — Um murmúrio. Ele mexeu a cabeça. Hester inclinava-se sobre ele. — Tom, meu querido... Desmaiaste. A Caçadora disse que foi o teu coração. E que estavas a morrer, mas eu sabia que tu não podias...

— A Caçadora... — Tom começou a perceber onde se encontrava. A Caçadora Fang pegara nele e trouxera-o para dentro. Deitara-o numa cama; uma cama velha e carcomida e cheia de ervas daninhas e com as roupas esburacadas pelas traças, mas, ainda assim, uma cama; um lugar onde colocaríamos alguém que pretendêsemos tratar.

— Ela deixou-nos viver — constatou.

Hester acenou que sim com a cabeça.

— Ela atou-me as mãos e os pés, mas não os teus. Não se preocupou em atar-te. Se conseguires chegar à faca no meu cinto...

Ela calou-se quando a Caçadora Fang entrou a coxear no quarto e se sentou na ponta da cama, olhando para Tom com os seus olhos frios e verdes.

— Anna? — perguntou Tom, baixinho.

— Não sou a Anna — murmurou a Caçadora. — Apenas um lote de recordações da Anna. Mas estou contente por estares aqui, Tom. A Anna gostava muito de ti. Foste a sua última recordação. Deitada na neve, e tu a olhares para ela, chamando-a pelo nome.

— Lembro-me — disse Tom, com a voz ainda fraca. — Pensei que ela já estivesse morta.

— Quase — sussurrou a Caçadora. — Não completamente. Vais compreender. Em breve farás a mesma viagem.

— Mas não estou preparado.

— A Anna também não estava. Talvez nunca ninguém esteja.

Por trás dela, através da porta aberta, Tom viu uma sala cheia de máquinas; luzes e ecrãs e instrumentos demasiado complicados para o seu cérebro cansado e abalado conseguir perceber.

— ODIN... — disse ele.

— Comunico com ele a partir daqui.

— Porque o voltaste contra o teu povo?

A Caçadora olhou para ele com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado.

— Foi uma abertura, antes da sinfonia — sussurrou. — Ao atacar os dois lados, levei ambos a pensar que o outro era o culpado; estarão demasiado ocupados para me virem procurar, e isso dar-me-á o tempo de que preciso.

— Para fazer o quê?

— Estou a preparar uma série de ordens; uma sequência longa e complicada. Começarei a transmiti-las em breve, quando ODIN voltar a surgir por trás das montanhas. Irão desviá-lo para novas órbitas, dar-lhe-ão novos alvos para atingir.

— Que alvos?

— Vulcões — respondeu a Caçadora. Estendeu a mão com cuidado e acariciou o cabelo de Tom. — Hoje à noite, ODIN atingirá quarenta pontos ao longo da cordilheira de Tannhäuser. Depois continuará pelo mundo inteiro; o labirinto de vulcões do Decão; as Cem Ilhas...

— Mas porquê? — perguntou Hester. — Porquê vulcões?

— Estou a tornar o mundo novamente verde.

— O quê? — contestou Tom — Mergulhando-o em fumo e cinzas e matando milhares de pessoas...

— Milhões de pessoas. Não te exaltes, Tom; o teu pobre coração pode não aguentar, e eu queria tanto ter alguém sensato com quem conversar.

— E eu? — perguntou Hester, como se temesse que a Caçadora estivesse a tentar roubar-lhe Tom.

— Desde que não tentes fazer disparates nem destruir nada, não corres perigo. Calculo que morrerás à fome numa semana ou mais... já não há comida aqui. Mas até lá apreciarei a vossa companhia. A Anna sempre achou que os nossos destinos estavam ligados, desde aquela primeira noite a bordo de Stayns...

A Caçadora parou de falar e olhou para trás, onde uma luz vermelha começara a piscar entre os emaranhados de cabos no quarto ao lado.

— Os maus não terão descanso — murmurou.

Lá fora, Fishcake caminhava aos soluços pela margem do lago. A sua Caçadora *batera* nele. Podia tê-lo *matado*. Ela expulsara-o. Já não gostava do pequeno Fishcake. Nunca gostara, na verdade. Ele fungava e choramingava, tropeçando em rochas e seixos até pôr o pé em falso e cair na água pouco funda. O choque da água fria calou-o.

Ao longe, do outro lado do lago, a fornalha que fora o *Jenny Haniver* reduzia-se a uma acolhedora fogueira vermelha. Fishcake seguiu a curva da margem para o local dos destroços. Já nada restava do dirigível exceto tirantes e vigas e uma capota de motor retorcida, ainda incandescente, mas a explosão espalhara o conteúdo dos porões pelos juncais, e entre os destroços Fishcake encontrou algumas latas de comida. Os rótulos tinham sido queimados, claro, mas faziam ruídos líquidos encorajantes quando ele as abanava, e uma delas (Trick Dicky seja louvado!) era uma lata de peixe quadrada... sardinhas, talvez... com uma chave. Fishcake abriu-a e comeu avidamente, empurrando o peixe e o molho delicioso e salgado para dentro da boca.

Sentiu-se melhor depois de ter comido, e começou a vasculhar os juncos à procura de mais restos. Passado um bocado, ouviu ruídos queixosos vindos das rochas acima.

— Mmmmm! Mmmmm!

Fishcake aproximou-se devagar, pensando que Tom e Hester deviam ter tido um companheiro a bordo do dirigível que ficara ferido na queda e que eles tinham abandonado (que típico!). Mas quando chegou ao lugar descobriu que era um pobre velhote,

amarrado e amordaçado; outra vítima de Tom e Hester.

— Grande Poskitt! — exclamou o homem, depois de Fishcake lhe tirar a mordaca. — Valente! Obrigado! — acrescentou, quando Fishcake usou a borda afiada da lata de sardinhas para lhe serrar as cordas.

— Eles estão lá dentro — informou Fishcake.

— Quem?

— Hester e o homem dela. A Caçadora levou-os para dentro. Disse que são amigos. Como pode alguém achar que Hester é sua amiga? Aquela cara... chega para nos fazer vomitar o pequeno-almoço. Se o tivermos comido. Eu já não tenho um há semanas. Ajude-me a abrir esta lata, senhor.

Ele estava a pedir ao homem certo, assegurou Pennyroyal, e assim que as cordas se separaram, ele meteu a mão no bolso do casaco e tirou um canivete de explorador; um objeto milagroso que se abriu para revelar um abre-latas, um saca-rolhas, uma tesoura pequena e um instrumento para extrair pedras dos ganchos de atracação de dirigíveis, além de várias lâminas que cortavam sem dificuldade as cordas nos seus pés. Ocorreu a Fishcake perguntar-se porque não mencionara o homem a existência do canivete antes de ele se dar ao trabalho de lhe cortar as cordas nas mãos com uma lata de sardinhas, mas queria gostar do novo amigo, e decidiu que o coitado provavelmente estaria em estado de choque. Tinha arranhões na cabeça, e o sangue escorrera-lhe pela cara como compota sobre um pudim ao vapor. (Fishcake continuava obcecado com comida.)

Abriam três latas. Havia guisado de algas numa, arroz-doce noutra e leite condensado na terceira. Foi a melhor refeição que Fishcake alguma vez comera.

— Olha cá — atreveu-se Pennyroyal, observando-o a comer. — Pareces um moço esperto. Por acaso não conheces uma maneira de sair daqui?

— O iate aéreo do Popjoy — murmurou Fishcake, limpando leite do queixo. — Ali perto da casa. Não sei pilotá-lo.

— Eu sei! Achas que conseguiríamos roubá-lo?

Fishcake lambeu a tampa da lata do arroz-doce e abanou a cabeça.

— Precisariámos de chaves. Não podemos ligar os motores sem chaves e seriam necessários motores para atravessar todas estas montanhas, não?

Pennyroyal acenou que sim.

— Onde estão as chaves? Só por curiosidade.

— Estão com ela. Penduradas ao pescoço. Num fio. Mas não vou voltar lá acima. Não depois do que ela fez! Depois de tudo o que passei por ela!

O rapaz começou a chorar. Pennyroyal não estava habituado a crianças. Deu-lhe uma palmadinha no ombro e disse:

— Pronto, pronto. — E depois: — As mulheres são assim! — Ele pensava em chaves e iates aéreos e olhava ansioso para a casa na rocha escarpada. Uma espécie de antena no telhado estava a girar, cintilando em tons vermelhos aos raios do pôr do Sol.

A quinze quilómetros, no lodo congelado do leito de um lago da montanha, Shrike começou a mexer-se. Os olhos acenderam-se, iluminando constelações de matéria flutuante. Lembrava-se de ter caído, por entre penhascos e despenhadeiros, e perfurara a camada de gelo, deixando um buraco cómico na superfície com a forma de um homem de braços e pernas abertos. Não conseguia ver o buraco, por isso calculou que o lago fosse fundo, e que a noite caía no mundo lá em cima.

Desembarçou-se do lodo e começou a andar. A água tornava-se menos funda à medida que ele se aproximava da margem. Uma grossa camada de gelo constituía o teto enrugado seis metros acima, depois dez. Pouco depois, já conseguia erguer os punhos e abrir uma saída aos socos. Arrastou-se para fora, como uma ave feia saindo de um ovo frio.

A lua nascia. Fragmentos da capota do motor do *Jenny Haniver* brilhavam no cascalho solto da encosta. Ele subiu nessa direção, farejando o rasto de Hester.

Capítulo 51

A Perseguição

Os londrinos sempre se haviam imaginado a abandonar os campos de destroços sem pressa, talvez deslocando-se à velocidade de uma pessoa até se habituarem aos comandos de Nova Londres. Em vez disso, ali estavam, voando para norte através das ruínas da velha Londres tão depressa quanto podiam, contornando velhos suportes de plataformas e pilhas gigantes de lagartas e rodas corroídas. Lá em baixo, nas casas das máquinas, os Engenheiros puxavam desesperadamente as alavancas que faziam virar os repulsores magnéticos, enquanto na sala de navegação no topo da Câmara Municipal, o Senhor Garamond e os navegadores espreitavam pelas janelas panorâmicas sem vidros e inacabadas e gritavam aos homens do leme:

— Um pouco à esquerda! Um pouco à direita! Um pouco à direita! Oh, não, esquerda, esquerda, ESQUERDA!

Harrowbarrow corria atrás deles, a apenas meia milha, lançando vapor da proa embotada enquanto preparava as mandíbulas para o ataque. Não tinha de se desviar e menear como Nova Londres; os montes altos de destroços que a nova cidade tinha de evitar, Harrowbarrow simplesmente atravessava-os. As vibrações e os solavancos constantes dessas colisões ameaçavam sacudir Wren e Theo dos precários apoios a que se agarravam no cume do ceifeiro. Mas Wolf Kobold, habituado aos movimentos do subúrbio, nunca perdeu o equilíbrio, e mal vacilou ao dirigir-se para eles, exceto às vezes para espreitar a vista em frente, e sorrir quando via o intervalo entre Harrowbarrow e a sua nova presa estreitar-se.

— Estás a ver? — gritou. — Não serviu de nada, Wren! Mais dez minutos e aquela tua preciosidade estará nas entranhas de Harrowbarrow. E tu; tu e o teu namorado preto... vou pendurar as vossas entranhas no teto do estaleiro como enfeites de papel, e pregar as carcaças no porão dos escravos para que os vossos amigos londrinos possam ver o que acontece a quem tenta enganar-me!

Ele já estava suficientemente perto para os atingir com a espada. Theo e Wren recuavam. A plataforma giratória do canhão atrás

deles soltou outro rugido gago quando um dirigível branco passou à popa, mas Kobold riu-se apenas.

— Não pensem que os Musguentos podem salvar-vos! Não se atrevem a aproximar-se daquele canhão...

Lançou uma estocada na direção deles e a ponta da espada riscou faíscas da blindagem do subúrbio ao lado do pé de Theo. Theo olhou para Wren. Perto dela, onde um dos rebites enormes que seguravam a blindagem de Harrowbarrow se encontrava ligeiramente levantado, prendera-se um fragmento de ferro dos destroços. Theo deitou-se e soltou-o. Tratava-se de uma velha extensão de tubo com um centímetro de largura, enferrujada e aguçada nas pontas. E era demasiado comprida e pesada para usar como espada, mas Theo não tinha melhor, por isso voltou-se com um grito e lançou-a contra Kobold. Este saltou para trás, erguendo a espada para desviar o golpe. Pareceu surpreendido; agradado até.

— É assim mesmo! — incitou.

A bordo da *Fúria*, Naga disse:

— Temos de silenciar aquele canhão giratório. Só assim conseguiremos alcançá-lo...

— Meu general! — interrompeu um dos aviadores. — Em cima do subúrbio...

Naga voltou o telescópio para a curva da crista do Harrowbarrow. Vinte metros atrás da plataforma do canhão duas figuras pareciam estar a dançar... não, a lutar; ele viu as faíscas quando as espadas chocaram.

— Um dos nossos homens?

— É difícil dizer, meu general. Mas se dispararmos contra o canhão podemos matar quem quer que...

— Isso não pode ser evitado, comandante. Os deuses deles que lhes acudam; nós temos uma tarefa a cumprir.

Uma série de foguetões precipitou-se do dirigível, e Wren baixou-se quando um deles lhe passou a zumbir por cima, perto o suficiente para vislumbrar o rosto feroz do dragão pintado na sua ponta cónica, e os caracteres chineses ao longo do flanco. Explodiu

sobre a blindagem perto da torre do canhão, mas não suficientemente perto para fazer mais do que lançar estilhaços contra a mesma. Os outros foguetões passaram longe do alvo, explodindo sobre os espigões de destroços. Harrowbarrow atravessava rapidamente uma zona onde fragmentos longos e denteados de plataformas superiores de Londres se encontravam empilhados, formando um gradeado através do qual o sol a oeste espetava os débeis raios carmesins. Agarrando-se à blindagem com as duas mãos, Wren via os espinhaços pontiagudos passar a correr, como se atravessassem uma enorme e desarrumada gaveta de talheres. *Se chocarmos com um destes, pensou, será o fim de todos os nossos problemas...*

As lâminas pareciam não afligir Wolf Kobold. Ele acenou com a espada, gritando qualquer coisa para o pessoal do canhão, e este girou com uma volta de música de feira e encheu o ar à popa de baforadas pretas, obrigando o dirigível a desviar-se apressadamente e desaparecer durante algum tempo por trás dos destroços. Depois, Kobold retomou o ataque a Theo, agora mais determinado, como se Wren e o namorado fossem uma distração da qual queria livrar-se antes de voltar para assuntos mais sérios.

Theo fazia o seu melhor, gemendo e gritando de esforço enquanto lançava o tubo ferrugento, tentando esquivar-se das estocadas de Wolf, mas não era um grande esgrimista, e tinha mais dificuldades do que Wolf em manter o equilíbrio sobre a blindagem que se arrastava aos solavancos. Depois de pouco mais de um minuto, durante o qual Theo foi recuando na direção do canhão giratório, Wolf lançou uma estocada simulada, e Theo, saltando para o lado de modo a evitar a lâmina, desequilibrou-se. Caiu atabalhoadamente, batendo com a cabeça na blindagem em baixo. O tubo escorregou-lhe das mãos transpiradas, e Wren apanhou-o quando o viu passar ao lado. Wolf estava já em cima de Theo, de espada erguida para o matar.

Ela atirou-se para a frente, sem saber o que pretendia fazer, apenas decidida a derrotar Wolf. Ouviu alguém gritar, e era ela; um grito duro e rouco de terror, raiva e pânico que pareceu dar-lhe a força de que precisava para lançar o tubo contra a espada de Wolf.

Mais faíscas; um choque que quase lhe arrancou os braços. Durante um instante cómico, Wolf parou espantado, olhando para o punho da espada na mão, para a lâmina partida ao meio. Depois

olhou para Wren. Encolheu os ombros e deitou fora a espada partida. Abriu o casaco e tirou do coldre um revólver novo e brilhante.

Apesar do barulho, da velocidade inexorável, nos últimos momentos, tudo pareceu muito sossegado e silencioso no cume de Harrowbarrow. Até o canhão giratório cessara de disparar. Quando Wren olhou rapidamente em volta, na esperança de encontrar uma fuga milagrosa, viu os artilheiros fitando-a embasbacados da sua pequena janela.

— Adeus, Wren — berrou Wolf.

Ele não reparara no dirigível branco e insistente surgindo de novo sobre a popa do subúrbio. Os foguetões passaram quando Wolf puxou o gatilho, e o tiro que disparou não atingiu o alvo, rasando o cabelo de Wren. A onda de choque da explosão do canhão atirou-o para trás; ele tentou equilibrar-se, escorregou, caiu para a frente, e a ponta aguçada do tubo que Wren ainda tinha nas mãos atingiu-o por baixo do esterno. O impacto deitou-a ao chão, e a outra ponta do tubo cravou-se numa costura da blindagem e trespassou o corpo de Wolf.

— Ah! — gritou ele, olhando para o tubo.

— Desculpa — disse Wren.

Wolf levantou a cabeça e olhou para ela. Tinha os olhos muito azuis e arregalados, e estranhamente inocentes. Parecia prestes a chorar. Quando Wren ia a puxar pelo tubo, com a intenção de o extrair do corpo dele, Wolf desviou-se, caiu e rebolou como um boneco partido pela longa encosta do flanco do subúrbio até atingir as lagartas.

Mais tarde, ela rezaria para que ele já estivesse morto quando as placas deslizantes das lagartas o apanharam. Diria para consigo que não eram os gritos dele que ouvira quando Wolf foi arrebatado, trucidado e enterrado na terra, mas apenas a chiadeira de metal estraçalhado, algum fragmento da velha Londres bramindo quando Harrowbarrow lhe passou por cima.

Mas naquele momento eles já estavam na orla do campo de destroços. Uma vasta planície estendia-se à sua frente, vazia como um oceano, exceto as luzes de Nova Londres, que corria meio quilómetro adiante rumando a norte, atravessando terreno aberto, e deixando para trás, como a uma pele velha, os destroços da sua

cidade natal.

— Moça! — gritava alguém, e no seu estado de choque Wren não percebeu quem era; não era Wolf, com certeza; nem os artilheiros, que tinham desaparecido com a plataforma giratória; nem Theo, que tentava levantar-se, com o rosto manchado de sangue no lugar onde batera com a cabeça. Wren olhou para cima. O dirigível branco da Storm pairava no ar, acompanhando o andamento do subúrbio através de algum milagre de pilotagem que apenas um aviador podia apreciar devidamente. Pendurado de uma escotilha na barquinha, tentando alcançá-la, estava algo que a princípio ela julgou ser um Caçador, até que ele voltou a gritar «Moça!» e a fazer-lhe sinal, irritado, para que lhe agarrasse a mão, e ela reconheceu o General Naga.

A barquinha da *Fúria* cheirava a fumo e combustível. Naga andava de um lado para o outro dando ordens aos aviadores, olhando para Wren apenas o tempo suficiente para perguntar;

— São londrinos? Capturados pelo ceifeiro?

Wren acenou que sim, agarrando-se com força a Theo, e ainda com alguma dificuldade em acreditar que estavam ambos vivos. Não lhe pareceu o momento certo para explicar que ela e o General Naga já se haviam cruzado. Não parava de tremer e de pensar em Kobold. Quando a *Fúria* se afastou de Harrowbarrow e começou a dirigir-se para Nova Londres, ela largou Theo e foi agachar-se a um canto, onde vomitou até esvaziar o estômago.

Pousaram na popa de Nova Londres, onde uma multidão de londrinos e soldados da Green Storm os aguardavam.

— Wren! — gritou Angie, alegre e acenando, esquecendo-se de que Wren tinha sido uma alegada espia.

— Menina Natsworthy! Senhor Ngoni! Graças a Quirke estão bem! — gritou o Senhor Garamond, ajudando-os a descer da barquinha. *Não graças a ti*, apetecia a Wren dizer, mas percebeu que ele já sabia isso, e que o abraço desajeitado era a sua forma de pedir desculpa, e retribuiu o abraço.

A nova cidade causava-lhe uma impressão estranha; não havia os tremores, choques e solavancos meio amortecidos que se sentiam a bordo de uma Cidade de Tração, apenas a sensação de movimento, só um sonho, e de velocidade. Mas talvez não de velocidade

suficiente, porque Harrowbarrow surgia à popa, abrindo as mandíbulas para revelar um brilho quente de fornalhas e máquinas no interior.

— Era de esperar que parassem quando Kobold morresse — comentou Theo.

— Eles não sabem — respondeu Wren. — Ou talvez saibam e não se importem. O Senhor Hausdorfer e os outros são capazes de uma simples perseguição sem o chefe. Harrowbarrow nunca se importou com Wolf como Wolf se importava com Harrowbarrow...

Wren não queria falar de Wolf. A maneira como a olhara quando percebera que ela o matara nunca lhe sairia da mente. Procurava convencer-se de que isso era um bom sinal; sentir-se tão culpada e suja com o que fizera. Era melhor do que ser como a mãe, e não se importar. Mas a sensação não era boa.

Wren pegou na mão de Theo, e foram colocar-se entre os outros londrinos junto ao parapeito da popa. Atrás deles, Naga continuava a dar ordens aos oficiais que lhe restavam, dizendo ao Tenente-general Thien:

— Volta para Batmunkh Gompa com o *Véu Protetor*. A minha esposa acredita que a Caçadora Fang controla a nova arma de terror. Ajuda-a a encontrá-la e a destruí-la.

— Sim, Excelência...

— E Nova Londres terá direito de passagem por todos os nossos territórios...

— Sim, Excelência...

— Ora bem, agora quero toda a gente fora da *Fúria* antes de a levar para cima.

— Mas, Excelência, não pode voar sozinho!

— Porque não? Voei sozinho em Xanne-Sandansky e Khamchatka. Voei sozinho contra Panzerstadt Breslau. Devo ser capaz de enfrentar um suburbiozito bárbaro e nojento como este.

Thien percebeu; fez uma vénia e continência, e começou a berrar ordens. Wren, voltando-se para observar aquela agitação, viu a tripulação da *Fúria* descer para as placas do convés, e Naga subir para bordo. Desviou o olhar. O que estava a acontecer à popa era mais interessante do que tudo o que a Storm pudesse fazer. Ela mal reparou quando a *Fúria* voltou a levantar voo.

Harrowbarrow continuava a persegui-los através de uma chuva de terra molhada. Tinha a couraça esburacada, incêndios nos conveses superiores, e uma das lagartas rangia ao rodar, mas Hausdorfer não se importava. No início da longa viagem a que Kobold os obrigara, ele mostrara-se cético em relação àquela cidade, mas agora que a vira movimentar-se, que a vira *voar*, percebeu a obsessão do jovem chefe.

— Mais potência! — gritou para os tubos acústicos. — Abram as mandíbulas! Eles estão desarmados! São nossos!

Naga virou a *Fúria* na direção do subúrbio que se aproximava e fê-la descer quase ao nível do solo. A corveta era uma nave excelente; ele gostava da forma como respondia ao seu toque nas rodas e nas alavancas, e do ronronar dos motores potentes quando os ligou para a velocidade máxima. Assim que as mandíbulas de Harrowbarrow se abriram, Naga apontou a direito para o clarão vermelho das fornalhas dos estaleiros de desmantelamento.

Quando os harrowbarrovianos perceberam o que ele pretendia fazer, os canhões começaram a disparar do interior das mandíbulas, estilhaçando as janelas da barquinha, provocando vários incêndios. Um projétil de um canhão de mão bateu no colete de proteção de Naga, mas a armadura manteve-o de pé, e as manoplas mecanizadas agarraram o leme, mantendo o rumo do dirigível em chamas. O subúrbio começou a fechar as mandíbulas, mas foi lento demais. Naga disparou os últimos foguetões da *Fúria* e viu-os correr à sua frente para a goela do subúrbio.

— Oenone — murmurou, e o nome e a imagem dela foram com ele para a luz.

A explosão foi breve; um girassol abrindo-se ao crepúsculo, recheado de sementes de estilhaços. Ouviu-se um estrondo surdo e abafado e depois outros ruídos; pancadas e esmagamentos de grandes fragmentos de destroços caindo no Terreno Exterior. A bordo de Nova Londres, ninguém aplaudiu. Até os soldados da Storm, que tinham crescido a cantar canções divertidas sobre a destruição de cidades inteiras, pareciam consternados. Alguns pequenos destroços caíram no convés, tinindo como moedas. Wren

baixou-se para apanhar um. Era uma cabeça de rebite do casco de Harrowbarrow, ainda quente com o calor da explosão. Ela meteu-a no bolso, achando que seria um bom objeto para expor no Museu de Nova Londres.

O que restava de Harrowbarrow — a secção partida da popa, coberta de fogos — assentou na lama do Terreno Exterior. Em breve seria parte integrante da paisagem, como a velha Londres. Os sobreviventes, afastando-se, olhavam em redor, desnorteados. Alguns voltaram-se para os campos de destroços que cobriam o horizonte a sul, interrogando-se que tipo de vida poderiam levar ali. Outros correram atrás de Nova Londres, gritando por ajuda, implorando aos Tracionistas para que não os deixassem ali, desprotegidos em terras da Storm. Mas Nova Londres já não conseguia ouvi-los, afastando-se rapidamente pela planície vasta e sombria, parecendo cada vez mais pequena; até se tornar apenas um ponto; um brilho débil de janelas de âmbar esvanecendo-se naquele enorme crepúsculo.

Capítulo 52

Últimas Palavras

A Caçadora Fang coxeava pelo quarto. O seu rosto de bronze era iluminado pelas luzes faiscantes no monte de máquinas, pelos números verdes que tremeluziam e se contorciam nos monitores. Através da porta aberta, Tom e Hester observavam, e sempre que os olhos dela se desviavam do campo de visão de Tom, este fazia outro pequeno movimento, aproximando-se lentamente de Hester, até conseguir estender a mão e tocar na faca no cinto dela.

— Não falta muito agora — murmurou a Caçadora, satisfeita por ter alguém a quem explicar o trabalho.

Tom pensava em Wren, esperando que Nova Londres não se aproximasse das Tannhäuser nem de nenhuma das outras montanhas que ODIN iria atingir.

— Porquê vulcões? — perguntou. — Ainda não percebo como pode isso tornar o mundo verde...

Os dedos da Caçadora percorriam as teclas de marfim.

— Tens de ver as coisas a longo prazo, Tom. Não são só as Cidades de Tração que poluem o ar e sulcam a terra. Todas as cidades contribuem, estáticas ou móveis. O problema é o ser humano. Tudo o que faz serve para poluir e destruir. A Green Storm nunca teria percebido isso, e é esse o motivo por que não lhes falei dos meus planos para ODIN. Se quisermos proteger a boa terra, primeiro temos de a livrar de seres humanos.

— Isso é uma loucura! — exclamou Tom.

— Desumano, talvez — admitiu a Caçadora. — A cinza dos vulcões encobrirá o céu e envolverá a terra em escuridão. O inverno reinará durante centenas de anos. Os seres humanos perecerão. Mas a vida resistirá. A vida resiste sempre. Quando por fim os céus se desanuviarem, o mundo voltará a ser verde. Líquenes, fetos, ervas, florestas, insetos; animais superiores. Mas pessoas, nunca mais. As pessoas só sabem estragar.

— A Anna não iria querer isso — retorquiu Tom.

— Eu não sou a Anna. Uso apenas as memórias dela para perce-

ber o mundo. E entendo que o género humano é uma praga; um bando de monos espertos que a boa terra não pode sustentar. Todas as civilizações humanas fracassam, Tom, e pela mesma razão; os seres humanos são demasiado gananciosos. Está na hora de acabar com eles para sempre.

Tom tentou levantar-se, perguntando-se se seria capaz de alcançar a máquina, quebrá-la, e desligar todos aqueles fios e tubos complicados. A Caçadora Fang pareceu ler-lhe os pensamentos; as suas lâminas compridas saltaram-lhe das pontas dos dedos.

— Tem juízo, Tom — sussurrou. — Estás muito doente, e eu sou uma Caçadora. Nunca conseguirias, e a Hester quer que vivas o máximo de tempo possível. Ela ama-te muito, sabes?

Ela deslocou-se para trás da pilha de máquinas, fazendo um ajustamento qualquer aos cabos que subiam até à antena no telhado. Tom puxou a faca do cinto de Hester e ela tirou-lha e prendeu-a entre as mãos, começando a serrar desajeitadamente as velhas cordas que a Caçadora usara para lhe atar os punhos.

Ao percorrer lentamente o passadiço, Pennyroyal tentava manter-se calmo, imaginando como descreveria aquelas aventuras aos seus leitores encantados. *A prudência ditava que eu devia afastar-me daquela medonha moradia, mas estava em jogo o destino de cidades inteiras, e os meus pobres companheiros continuavam presos lá dentro. Eu sabia que a fuga mancharia irremediavelmente a honra dos Pennyroyal!* (E preciso daquela chave, que diabo!) *O meu fiel companheiro indígena, Fishcake* (será o seu nome verdadeiro?), *conduziu-me à ponta do fatal passadiço e recusou-se a ir mais longe. De qualquer maneira, não o teria permitido, pois nunca poderia deixar alguém tão novo arriscar a vida em combate mortal com a Caçadora.* (Deuses, espero que não chegue a um combate a sério! Quem me dera que aquele miúdo tivesse coragem de vir no meu lugar; o cobardolas...) *Fado aquilo era um tanto assustador, confesso, mas à medida que avançava sozinho na escuridão crescente, começava a sentir-me estranhamente calmo. Ao longo dos anos, já me encontrei em várias situações perigosas, e aprendi que é sempre melhor permanecer calmo, concentrado e* POR AMOR DE POSKITT, QUE FOI AQUILO?

Apenas uma coruja!

Apenas uma coruja...

Tremendo, Pennyroyal bebeu um gole de *brandy* do cantil secreto e começou à procura da pistola anti-Caçadores de Tom ao longo da margem do lago. O rapaz dissera que Hester a deixara cair por ali. Pennyroyal não tencionava aproximar-se daquela maldita casa sem a arma. Ah! Lá estava ela. Ainda a zumbir. Parecia intacta. *Uma maldita de uma arma bizarra, mas não me chamam Pennyroyal Tiro Certeiro por nada! Encostando firmemente a coronha da estranha arma ao ombro (é aí que deve ir?), retomei o meu avanço felino...*

A Caçadora Fang estava ocupada com as máquinas. De vez em quando, as palavras e os números que atravessavam o ecrã eram substituídos por uma imagem turva e acinzentada. Tom percebeu que via o que nenhum ser humano tinha visto há milénios; o mundo a partir do espaço, através do olho de ODIN. Estranhamente, não era impressionante.

Podia ODIN destruir a humanidade? Podia avariar-se, com certeza, ou ficar sem energia, ou alguma coisa naquele monte absurdo de velhas máquinas que a Caçadora usava para lhe enviar sinais falharia, e isso poria fim aos seus planos. Irritava-o pensar que ele e Hester tinham vindo de tão longe e sacrificado tanto para evitar um esforço tão pobre. Pelo menos a MEDUSA parecera digna de uma luta até à morte; as suas entranhas tinham enchido uma catedral, e o seu capelo elevara-se sobre Londres. Aquela nova arma não passava de lixo espacial, controlado por uma louca e velha Caçadora a partir de um lugar que tinha o aspeto e o cheiro de um quarto de adolescente...

Ao lado dele, Hester soltou um pequeno gemido de triunfo quando a faca lhe cortou a corda nos pulsos. Depois dobrou-se para começar a serrar a corda que lhe prendia os tornozelos.

A Caçadora Fang estava a comunicar de novo com ODIN, martelando nas teclas de marfim, murmurando para si mesma os códigos, dirigindo o seu insignificante apocalipse de garagem. Às vezes

também murmurava qualquer coisa para Tom e Hester: «Imaginem só, meus queridos; toda aquela linda lava...» Anna Fang gostara de ter alguém com quem conversar, e a Caçadora que se havia tornado herdara o gosto. Quando Hester sussurrou: «Agora!» e Tom rebolou para fora da cama e se levantou, ela perguntou:

— Aonde vais?

— Anda! — instou Hester, com o braço à volta dele, apoiando-o, arrastando-o para a janela mais próxima. Ela não tinha a instrução de Tom, não acompanhara as divagações da Caçadora. A única coisa que lhe interessava era salvar Tom. Recusava-se a acreditar que não havia esperança.

Mas Tom sabia que não valia a pena tentar fugir da Caçadora Fang, que se voltou e entrou no quarto quando eles se aproximavam da janela. Ele virou-se para a encarar. Hester continuava a tentar arrastá-lo, mas Tom soltou-se. Fora a Shan Guo para conversar, não para lutar; se Naga o ignorava, talvez aquela Caçadora o ouvisse. *Não sou a Anna*, dissera ela, *apenas um lote de recordações da Anna...* Mas o que era *qualquer* pessoa senão um lote de recordações?

Tom tentou sensibilizá-la.

— Não podemos ficar — disse. — Temos uma filha. Ela vai precisar de nós...

Os olhos da Caçadora tremeluziram.

— Uma filha...

— Chama-se Wren.

— Uma filha... — Ela bateu as mãos, com um ruído metálico. — Tom. Hester... Que maravilha! Quando eu, quando a Anna vos viu juntos pela primeira vez, ela, eu sabia que tinham sido feitos um para o outro! E agora têm uma bebé...

— Já não é uma bebé — corrigiu Hester. — É uma rapariga crescida e rabugenta.

— Nós criámo-la — continuou Tom —, mantivemo-la fora de perigo; ensinámos-lhe coisas; ela aprendeu a pilotar o *Jenny Haniver*... E agora queres matá-la, junto com todos os outros.

A Caçadora encolheu os ombros — um gesto invulgar para uma Caçadora; fazendo ranger a armadura.

— Não se fazem ovos sem omeletas, Tom? Ou será ao contrário? Onde está ela, essa vossa filha?

— Em Londres — respondeu Tom. — Nas ruínas de Londres. Os londrinos estão a construir uma nova cidade, uma cidade flutuante... — Ele desejava agora ter prestado mais atenção às explicações técnicas da Doutora Childermass. — Não revolve o solo, não devora outras cidades, nem sequer gasta muito combustível. Porque não pode ter um lugar no teu mundo verde? Porque não

pode a Wren?

A Caçadora sibilou e afastou-se, voltando para as máquinas.

Tom cambaleou atrás dela, e Hester, que se resignara a ouvir os dois a conversar, foi com ele.

Os dedos da Caçadora martelavam de novo os teclados. A imagem cinzenta no ecrã central mudou; de uma vista da fenda em chamuscas do Zhan Shan para um panorama mais distante do limbo nublado da terra. Depois começou de novo a aproximar-se, com as máquinas atrás do ecrã zumbindo e clicando, e as imagens sucedendo-se rapidamente como um baralho de cartas. Uma mancha cinzento-escura expandiu-se para se tornar as ruínas de Londres, depois preencheu o ecrã. Tom reconheceu Putney Vale e a Matriz quando o olho de ODIN deslizou para leste, depois para norte.

— Não há nada a mexer-se... — murmurou a Caçadora.

— Que são aquelas manchas brilhantes? — perguntou Tom.

— São dirigíveis a arder.

— O quê? ! — Tom viu mais pontos de fogo branco passar no ecrã; depois, perto da margem norte dos destroços, um rasto ardente como um buraco rasgado no ecrã. Que sucedera no campo de destroços desde que ele partira? Que acontecera a Wren? Sentiu o coração fechar-se em punho e começar a martelar-lhe nas costelas.

— Ah! — sibilou a Caçadora. — Isto deve ser a vossa cidade flu-tuante...

Ela era mais rápida a ler as imagens granuladas do que Tom. Ele levou um momento a perceber que estava a olhar para Nova Londres. Já se encontrava bem longe dos campos de destroços, rumando a norte. E as máquinas continuavam a zumbir e a murmurar e a imagem no ecrã piscava, mudando, aproximando cada vez mais a nova cidade até ele distinguir pessoas movimentando-se na popa. Dezenas ao longo do parapeito, olhando para os campos de destroços enquanto Nova Londres os transportava para longe em segurança. Depois conseguiu identificar rostos; os rostos dos amigos; Clytie e o marido, o Senhor Garamond rindo-se, para variar, parecendo contente. E lá estava a Wren; desgrehada, suja com o que parecia fuligem, mas a Wren, sem dúvida; ele soltou um pequeno grito quando o rosto dela passou pelo ecrã, e a Caçadora fez o olho de ODIN concentrar-se nela,

continuando a fazer *zoom* sobre ela.

— É a Wren! Ela está bem!

Tom sentiu as mãos de Hester apertar-lhe o braço quando ela viu o rosto da filha aproximar-se deles a partir do cotão cinzento da imagem.

— Wren — disse, com a voz trémula. — Que fez ela ao cabelo? Está todo torto... E ali, atrás dela, olha! É o Theo!

ODIN continuou a fazer *zoom* até o rosto da filha preencher o ecrã. Tom aproximou-se, contornando a Caçadora Fang, estendendo a mão para tocar no ecrã. Assim tão próxima, a imagem começou a tornar-se menos nítida; o rosto de Wren dividiu-se em linhas e pontos e luzes; aquele sombreado um olho, aquela mancha branca o nariz. Tom percorreu com as mãos a curva da face dela, desejando poder de algum modo atravessar o ecrã e tocar-lhe, falar-lhe. Ela devia ser capaz de o sentir a observá-la, tinha a certeza. Mas Wren sorriu apenas e voltou a cabeça para dizer qualquer coisa ao rapaz atrás de si. Tom sentiu-se como se já fosse um fantasma.

A Caçadora assobiou como uma chaleira aproximando-se lentamente do ponto de fervura.

— Por favor, não lhe faça mal — implorou Tom.

— Ela morrerá — murmurou a Caçadora. — Morrerão todos. Pelo bem da terra. A vossa filha viverá mais alguns anos, se tiver sorte...

— E para que servirão mais alguns anos se for para passar fome e viver com medo, vendo o céu encher-se de cinza? — perguntou Tom. Deu mais um passo na direção da Caçadora, animado pela sensação de que a sua mensagem começava a chegar-lhe, ou a algum resto esquisito e mecanizado de Anna Fang que residia ainda dentro dela. — A Wren merece viver muito tempo, em paz, e ter filhos, e ver os filhos...

— Sentimentalismo! — escarneceu a Caçadora. — A vida de uma única criança não tem qualquer significado, comparada com o futuro de toda a vida.

— Mas ela é o futuro! — exclamou Tom. — Olha para ela! Para ela e para o Theo...

— É pelo bem da terra — repetiu a Caçadora, friamente. — Morrerão todos.

— Não acreditas nisso — insistiu Tom. — A Anna em ti não acredita. A Anna gostava das pessoas. Tu gostaste de mim e da Hester o suficiente para nos salvares. Anna, não uses a máquina. Desliga-a. Quebra-a. Destrói ODIN.

Os joelhos de Tom cederam, e teria caído se Hester não o tivesse apoiado. A Caçadora sibilava, irritada. Hester, julgando que ela estava prestes a atacar, puxou Tom para trás e voltou-se para se colocar entre ele e a Caçadora. Mas a criatura desviara-se para o outro lado, batendo com uma mão no próprio crânio.

— Onde está Popjoy?

— Morto — respondeu Hester, com um tom severo. — Mataste-o. Não se fala noutra coisa em Batmunkh Gompa.

— *Sathy, eu...* — disse a Caçadora. — Eles têm de ser exterminados. É pelo bem da... *Tom, Tom, Hester...*

Aquele ruído seco de novo; dedos de aço sobre teclas de marfim. Letras verdes a piscar.

— Que está ela a fazer? — perguntou Hester, temendo que a Caçadora enlouquecida estivesse a dizer a ODIN para lançar fogo a Nova Londres. Tom abanou a cabeça, tão confuso como ela. A Caçadora parou, examinou uma faixa de luz verde que descia noutro dos seus ecrãs, teclou de novo, bateu numa última tecla e voltou-se para eles. Tremia; uma vibração rápida e mecânica, como um motor em potência máxima. Estendeu as mãos compridas e brilhantes para os convidados.

— Que fizeste? — perguntou Tom.

— *Eu...* Ela... Nós...

Do lado oposto do quarto, através de outra porta, ouviram um ruído de pés pisando e deslizando sobre ladrilhos partidos. A Caçadora voltou-se de repente para os ruídos, com as garras saindo das manoplas, e Pennyroyal soltou um grito de terror quando entrou no quarto e os olhos verdes lhe iluminaram a cara. Ele brandia a pistola de raios à sua frente, e quando a Caçadora se retesou para se lançar a ele, Pennyroyal puxou o gatilho. Uma veia de fogo rasgou o ar, trepidando entre a boca da pistola e o peito da Caçadora. Esta sibilou e abriu as garras e Pennyroyal recuou gemendo: «Aaah! Poskitt! Por favor! Poupe-me! Socorro! Afasta-se!», sem tirar os dedos do gatilho. A túnica da Caçadora começou a arder. Raios de luz cobriram-lhe o calmo rosto de bronze como uma teia, fogo-de-

santelmo derramou-se-lhe das lâminas dos dedos. Ela caiu pesadamente contra as máquinas de ODIN e a luz envolveu-as também. Cérebros de Caçadores e monitores explodiram, teclados partidos espalharam anagramas de teclas de marfim pelo chão, chamas subiram pelos cabos e incendiaram o teto, e Pennyroyal continuava a disparar, e a gritar, e a disparar, até a pistola se engasgar e se calar.

Passado algum tempo, depois de começarem a habituar-se ao silêncio, ele disse:

— Consegui! Matei-a! Eu! Por acaso não têm aí uma máquina fotográfica, pois não?

A Caçadora Fang jazia na pira de maquinaria. Tom afastou o fumo com a mão e aproximou-se, examinando-a com cuidado. Dentro dela havia ainda coisas a arder; ele sentiu o cheiro a podre, e viu a luz do fogo piscar por baixo da armadura. A máscara de bronze soltara-se, revelando o rosto cinzento, enrugado e sorridente. Tom tentou não sentir nojo ao olhar; afinal, em breve, ele iria fazer a mesma viagem.

A boca morta mexeu-se.

— *Tom* — suspirou a Caçadora. — *Tom*. — Nada mais. O brilho verde nos olhos reduziu-se a um ponto, e apagou-se.

Pennyroyal olhava para a pistola gasta nas mãos, como se não soubesse como ela fora ali parar. Deixou-a cair e disse:

— Há um iate aéreo ancorado lá em baixo. As chaves estão no pescoço dessa coisa.

Nem ocorreu a Tom perguntar-lhe como é que ele sabia. Estendeu a mão e pegou nas chaves. Estas saíram facilmente, pois o fio que as segurava ardera quase por completo.

— Desta vez ela está mesmo morta, não está? — perguntou Pennyroyal.

Tom fez que sim.

— Há muito tempo que está morta. Pobre Anna. — E depois a dor voltou-lhe ao peito e ele não conseguia falar; dobrou-se, gemendo, enquanto Hester o agarrava e tentava consolá-lo.

— Então? — perguntou Pennyroyal. — Ele está bem?

— É o coração... — A voz de Hester saía fininha; trémula; ela não se sentia tão impotente e tão assustada desde que era menina e

vira a mãe morrer. — Não morras, Tom. — Arrojou-se ao chão com ele, segurando-o com toda a força. — Não me deixes, não te quero perder outra vez... — Olhou através das lágrimas para Pennyroyal. — Que fazemos?

Pennyroyal parecia tão assustado como ela. Depois sugeriu:

— Um médico. Temos de o levar a um médico.

— Não adianta — disse Tom, baixinho. O pior da dor já tinha passado, deixando-o branco e assustado, brilhando de suor à luz das chamas. Ele abanou a cabeça e acrescentou: — Consultei um médico em Peripatetiaopolis e ele disse que não havia esperança...

— Oh, oh... — chorava Hester.

— Grande Poskitt! — exclamou Pennyroyal. — Se esse teu médico prestasse para alguma coisa, não estaria a trabalhar num lugarejo como Peripatetiaopolis, pois não? Anda daí, vamos arranjar-te os melhores médicos que o dinheiro e a fama podem comprar. Não posso deixar-te morrer, Tom; tu e a Hester são as únicas testemunhas de que acabei de matar a Caçadora Fang! Esperem só até o mundo inteiro saber disto! Voltarei ao topo da lista de *bestsellers* num instante! — Estendeu a mão a Hester. — Dê-me a chave. Ele nunca conseguirá atravessar o passadiço. Eu trago o iate aéreo para o jardim.

Hester fitou-o, desconfiada.

— Pronto, está bem — anuiu Pennyroyal —, vá buscar o iate que eu fico aqui com o Tom.

— Fica, por favor, Het — pediu Tom, com voz fraca.

Hester entregou a chave a Pennyroyal, que disse:

— Aguenta aí, Tom. Volto já. É melhor esperarem lá fora — acrescentou, saindo apressado. — A casa está a arder.

Com cuidado, Hester começou a arrastar Tom para fora do quarto, pelos corredores podres da mansão e para o jardim frio. Ouviram os passos de Pennyroyal percorrendo o passadiço, depois silêncio, interrompido apenas pelo avanço das chamas no interior da casa. A luz do fogo estendia-se aos jardins, refletindo-se na erva branca e nos ramos gelados das árvores sem folhas. Hester deitou Tom junto a uma fonte congelada, tirando o casaco para lhe fazer de almofada.

— Vamos levar-te para Batmunkh Gompa — prometeu. — A

Oenone tratará de ti. Ela é uma cirurgiã brilhante; salvou a vida do Theo; e a minha também, provavelmente. Ela vai pôr-te bom outra vez. — Segurou o rosto de Tom entre as mãos. — Não podes morrer — afirmou. — Nunca mais quero separar-me de ti. Vais ficar bem. Vamos voltar para as Estradas dos Pássaros...

— Olha! — exclamou Tom.

Por cima das montanhas, uma nova estrela aparecera no céu. Era muito brilhante e parecia estar a crescer. Tom conseguiu levantar-se, afastando-se alguns passos da fonte para ver melhor.

— Tom, tem cuidado... O que é?

Ele voltou-se para ela, com os olhos a brilhar.

— É ODIN! Deve ter... explodido! Era isso que ela estava a fazer, antes de Pennyroyal aparecer. Enviava ordens para que ODIN se destruísse a si mesmo...

A nova estrela cintilava como uma decoração do Natal de Quirke, e depois começou a extinguir-se. No mesmo instante, o telhado da casa ruiu com um estrondo e uma explosão de faíscas, e um dardo de dor atravessou o peito de Tom, tão pior do que o anterior que mesmo ao cair ele percebeu que aquilo era o fim.

Hester correu para ele, abraçando-o; e ouviu-a gritar:

— Pennyroyal! Pennyroyal!

Pennyroyal chegou à plataforma de atracação e viu o rapaz sair dos pinheiros, ao seu encontro. Até ali o chão estava iluminado pelo clarão do fogo na ilha; o balão prateado do iate aéreo cintilava com reflexos cor de laranja. Pennyroyal acenou com a chave ao correr para o rapaz.

— Não há nada a temer agora, jovem Fishpaste! Já tratei da tua Caçadora. Só foi preciso uma boa dose de coragem, à antiga.

Ele abriu a barquinha e subiu a bordo, com o rapaz atrás. O iate era um *Serapis Sunbeam*, parecido com o que Pennyroyal tivera em Brighton. Ele sentou-se no lugar do piloto e encontrou rapidamente a ranhura da chave por baixo da roda de comando principal. As luzes começaram a acender-se. Os indicadores dos níveis do gás e do combustível estavam todos a metade, e os motores pegaram após duas tentativas.

— Primeiro tenho de apanhar os meus jovens amigos — anun-

ciou Pennyroyal. Depois do que haviam acabado de suportar juntos, ele sentia que Tom e Hester eram amigos, camaradas. Estava decidido a salvar o jovem Tom.

— Não — disse Fishcake, friamente, mesmo atrás dele.

— Hem? Mas está tudo bem, miúdo; não há perigo agora...

— Vamos embora — ordenou Fishcake, contornando a cadeira do piloto e encostando uma das lâminas do canivete do próprio Pennyroyal à garganta deste. — Eles abandonaram-me!

No jardim, Hester ouviu o roncar dos motores e exclamou:

— Ele vem aí, Tom, o dirigível vem aí!

Tom não estava a ouvir. Reteve apenas a palavra «dirigível». A dor e a sensação começavam a deixá-lo, e ele viu de novo os dirigíveis brilhantes a levantar voo de Salthook na tarde em que Londres a devorou, há muito tempo.

O iate aéreo elevou-se e pairou sobre o jardim. O vento dos motores despenteou o cabelo de Hester e fez a casa em chamas atrás dela rugir como uma fornalha. Olhou para cima. Fishcake fitava-a por uma das janelas da barquinha. Ela reconheceu a expressão, solene e triunfante, e sentiu pena dele, por todas as coisas que devia ter visto e por que passara, e pelos quilómetros que tivera de percorrer para a vingança. Depois, ele voltou-se da janela e gritou qualquer coisa a Pennyroyal, e o iate começou a subir, virando em direção às montanhas, com o roncar dos motores diminuindo na distância.

Desta vez não há saída, concluiu Hester. E depois pensou: *Há sempre uma saída*. Tirou do cinto a faca comprida e fina de Fishcake e pousou-a nas sombras ao lado dela. A lâmina cintilou com reflexos do fogo; uma porta estreita conduzindo para fora do mundo.

Hester beijou o rosto de Tom e, por um momento, ele quase acordou, embora não soubesse onde estava; as recordações e a vida misturavam-se na sua cabeça, e ele pensou que se encontrava deitado na terra, naquele primeiro dia, acabado de cair de Londres. Mas não se importava, porque Hester estava com ele, abraçando-o com força, olhando por ele, e pensou em como tinha sorte em ser amado por uma pessoa tão forte e corajosa, e bela.

E a última coisa que sentiu foi a boca de Hester, quando ela lhe

deu um beijo de despedida, e a última coisa que ouviu foi a sua voz rouca e meiga dizendo:

— Vai ficar tudo bem, Tom. Para onde quer que formos agora, aconteça o que acontecer, estaremos sempre juntos, e vai ficar tudo bem.

Capítulo 53

O Resplendor Crepuscular

Quando foram buscar Oenone, ainda estava escuro, e a brisa que soprava pela pequena janela do quarto onde a mantinham presa cheirava a cinza. Pequenos tremores de terra abanavam o chão. Ela sentira-os toda a noite durante o sono. Nos sonhos, ruídos de alvenaria a cair ecoaram pelo vale a partir de Batmunkh Gompa.

Ela lavara a cara dorida com água fria e dissera as orações, presumindo que fossem executá-la. Mas quando a conduziram pelas escadas encontrou o Tenente-general Thien à espera. Ele parecia abatido e ligeiramente atordoado e tinha o uniforme todo sujo.

— Naga morreu — anunciou.

Oenone viu-o a examinar-lhe o nariz partido e as manchas que se lhe haviam espalhado em torno dos olhos. Se Naga morrera, então Thien era o oficial de posto mais elevado em Batmunkh Gompa, pensou. Tentaria assumir o poder, e não iria querê-la viva para fazer lembrar às pessoas o homem que iria substituir.

— Venha comigo, por favor — pediu ele.

Ela seguiu-o para uma varanda onde o vento frio lhe puxava pelas roupas. O céu a sul era uma parede de sombra, levemente iluminada por trás pelo fulgor vermelho do vulcão. As vozes das freiras cantavam sem cessar algures no interior do edifício, o cântico aumentando de volume por um instante sempre que o chão tremia. No pátio por baixo da varanda, Oenone viu centenas de rostos olhando expectantes para cima; soldados da Green Storm e aviadores; refugiados de Tienjing.

Sentiu-se nervosa diante de um público tão vasto, mas sem medo da morte. Sabia que o pobre Naga estaria à sua espera no Paraíso, e também os pais, e o irmão Eno; todos aqueles que amara e perdera, que tinham partido antes dela.

— Que acha disto? — perguntou Thien. Ele também olhava para cima, e Oenone percebeu que não era para ela que as pessoas olhavam, mas para algo por cima da cabeça dela; sobre os telhados do convento e das montanhas. Através dos poucos trechos de céu que continuavam limpos, passavam centenas de estrelas-cadentes,

brancas, verdes e azuis. — Que acha? — repetiu Thien.

Ele queria a sua opinião de cientista, percebeu Oenone. Lambeu os lábios, que se haviam tornado muito secos.

— Eu diria que alguma coisa... algumas *coisas*... estão a cair para a atmosfera superior.

— Mais armas? — Thien parecia assustado.

Oenone observou durante um momento, pensando.

— Não. Não, penso que é uma coisa boa. Acho que algo grande explodiu em órbita, e aquelas estrelas são alguns dos fragmentos, consumindo-se.

— A arma das cidades? — perguntou Thien. — Acha que foi destruída?

— Não era das cidades — retorquiu Oenone. Ela ia explicar a sua teoria sobre a Caçadora Fang, e dizer-lhe que Shrike devia ter encontrado e destruído a estação terrestre, mas seria melhor manter o segredo; se as cidades soubessem quem voltara ODIN contra elas, haveria mais guerra. — Foi um acidente — disse. — Uma velha arma orbital qualquer que se descontrolou. Rezemos para que tudo tenha acabado.

Thien acenou com a cabeça e desembainhou a espada. Ela dissera-lhe o que ele queria saber, pensou Oenone, e agora já não precisava dela. Não conseguiu evitar espremer muito os olhos feridos. Ouviu o roçar metálico da longa lâmina deslizando da bainha. Ouviu o tinir do metal contra a pedra. Abriu um olho, depois o outro. Thien estava ajoelhado à sua frente, pousando a espada no chão aos pés dela. Lá em baixo no pátio, todos se ajoelhavam. Os soldados baixavam a cabeça, saudando-a, de punho na palma da mão.

— Que estão a fazer? — perguntou, perplexa. — Que está o tenente-general a fazer?

— Os nossos exércitos foram desbaratados — respondeu Thien. — As cidades dos bárbaros foram destruídas. O mundo está em desordem. Precisamos de alguém que nos conduza por novos caminhos. Eu não sou a pessoa indicada para isso.

Levantou-se, tomou Oenone pelo braço e conduziu-a com cuidado para a frente da varanda, para que toda a gente à espera lá em baixo pudesse ver a nova líder.

Os motores do iate aéreo falharam a poucos quilómetros de Batmunkh Gompa, e Fishcake abandonou-o ali mesmo e afastou-se a pé, deixando Pennyroyal para trás. O professor passou algum tempo a tentar pôr o iate de novo em andamento, mas a cinza entupira as grelhas de entrada de ar e a nave recusava-se a funcionar. Com relutância, orientando-se pela luz da chuva de estrelas que riscava o céu a norte, ele partiu a pé através dos montes de cinza para a base da Green Storm mais próxima. Aí procurou render-se, mas a Storm encontrava-se em tal estado de confusão que ninguém queria assumir a responsabilidade de ficar com um prisioneiro cidadão.

— Pelo menos enviem dirigíveis para Erdene Tezh! — implorou ele. — Os meus amigos talvez ainda lá estejam! Era a estação terrestre! A Caçadora Fang controlava a arma a partir de lá...

— Ninguém controlava a arma — retorquiu a comandante da base, acenando-lhe com um comunicado que acabara de receber de Batmunkh Gompa. — A viúva de Naga diz que um dos engenhos orbitais dos Antigos se avariou, destruindo alvos aleatoriamente.

— Mas...

— Está livre, professor, pode partir.

Passaram-se meses até Pennyroyal conseguir regressar a Murnau. Ele usou bem esse tempo, aproveitando as esperas demoradas em docas aéreas de província e caravancerais para escrever a sua maior obra: *Os Exércitos Ignorantes*. Era surpreendentemente fiel, pelos padrões de Pennyroyal. Ele confessou todas as mentiras anteriores no capítulo um, e ateve-se o mais possível aos factos quando descreveu o que tinha visto e feito em Erdene Tezh.

No entanto, quando finalmente chegou ao Terreno de Caça, deu por si num mundo em rápida mudança. Os predadores estavam a tornar-se tão selvagens e as presas tão escassas que até os Darwinistas Municipais mais ferrenhos começavam a interrogar-se se o sistema poderia continuar a funcionar durante muito mais tempo. As pessoas procuravam novas formas de vida, e Murnau chocara toda a gente estacionando no topo de uma colina a oeste das Águas Ferrugentas e tornando-se estática. Refugiados de Zhan Shan dirigiram-se para lá, ajudando os cidadãos a lavrar e a cultivar os campos. O velho Von Kobold conservara alguns dos subúrbios-ceifeiros, e uma frota aérea, chefiada por Orla Twombly, que

circulava pelas fronteiras do seu terreno de cultivo e afugentava quaisquer predadores que se aproximassem demasiado.

Sem nunca se dar por vencido, Pennyroyal procurou os velhos editores, mas Werederobe e Spoor não queriam tocar no seu novo livro. Depois da revelação de Spiney, disseram aqueles cavalheiros, ninguém voltaria a acreditar nas histórias rocambolescas de Nimrod Pennyroyal. E muito menos eles. De qualquer maneira, os Musgientos agora eram amigos; não ouvira falar do tratado de paz que Von Kobold assinara com a Viúva Naga? E, a propósito, que acontecera ao adiantamento pelo livro anterior?

Pennyroyal passou dez meses na prisão de devedores, maçando os reclusos com histórias intermináveis sobre as suas aventuras fantásticas. Quando alguns dos velhos amigos do Moon's se juntaram para lhe pagar as dívidas, ele refugiou-se em Peripatetiapolis, onde vivia uma das antigas namoradas, Minty Bapsnack, que ainda tinha um fraquinho por ele. Viveu os últimos anos em casa dela, e não foram infelizes. Mas nem Minty acreditava na sua história, e nunca lhe emprestou o dinheiro de que precisava para publicar *Os Exércitos Ignorantes*.

Fishcake não viu as estrelas-cadentes. Quando os destroços de ODIN começaram a cruzar o céu, ele já se encontrava sob a tampa de fumo do Zhan Shan. Passou Batmunkh Gompa à noite e continuou a andar durante vários dias, subindo estradas cheias de cinza e refugiados.

Ele era a única pessoa que viajava na direção do vulcão. O flanco leste da montanha fora rasgado, e as pessoas que viviam por baixo fugiam em colunas andrajosas, com histórias de cidades inteiras soterradas ou varridas para longe. Mas as encostas ocidentais, embora abaladas e cobertas de cinza, não tinham sofrido tanto. Quando Fishcake chegou à cumeada sobre o eremitério, viu a pequena casa ainda de pé, o gado no campo de pastagem comendo fardos de feno trazidos das terras baixas, novas bandeirinhas com orações esvoaçando no santuário no topo do desfiladeiro. Ele arrastou-se para a porta com os pés descalços e ensanguentados, e desmaiou no degrau, onde Sathya o encontrou na manhã seguinte quando saía para mungir as vacas. Na mão queimada pelo frio, ele agarrava ainda o pequeno cavalo que a sua Caçadora lhe esculpira.

Fishcake ficaria ali com Sathya durante muitos anos, crescendo e tornando-se um jovem bonito e forte dos reinos das montanhas. Esquecer-se-ia de muitas das coisas terríveis por que passara, mas nunca se esqueceu do que fizera em Erdene Tezh. Esse era o seu segredo, e a princípio deixara-o forte e orgulhoso, porque cumprira a sua promessa aos deuses e enviara Hester Natsworthy e o marido para o País sem Sol. Mas mais tarde, depois de se tornar adulto e de se casar, vendo os filhos brincar com o cavalinho de Anna na terra junto ao eremitério da sua mãe de acolhimento, Fishcake passou a ter menos certezas. Viviam-se os anos em que a Viúva Naga insistia muito na paz, pregando a política de perdão para com velhos inimigos. Às vezes, Fishcake desejava ter demonstrado um pouco mais de perdão, e deixado os Natsworthy subir a bordo daquele iate aéreo. Mas, pelo menos (dizia para consigo), não *matara* Hester e Tom; dera-lhes apenas uma boa lição, abandonando-os como em tempos eles o tinham abandonado. Eram rijos e desembaraçados, e Fishcake não tinha dúvidas de que haviam sobrevivido.

Zagwa

25 de abril de 1027 ET

Querida Angie,

É difícil acreditar que já passaram quatro meses desde que te deixámos naquela aglomeração no Frost Barrens! E que já passou quase um ano desde que Nova Londres nasceu!! Quem me dera que eu e o Theo pudéssemos estar aí contigo para participar nas celebrações do aniversário, mas só daqui a algumas semanas é que estaremos prontos para deixar Zagwa. Espero que os negócios corram bem aí em cima nos Desertos Gelados; que estejas a vender muitos cadeirões levitantes às pessoas das cidades de gelo, e que os motores Childermass vos mantenham bem longe das mandíbulas de predadores!

Estou a escrever esta carta no jardim da casa dos pais do Theo, sentada num terraço encantador com vista para o desfileiro, ao resplendor crepuscular. Isto aqui é muito bonito, e o Senhor e a Senhora Ngoni e a Kaelo e a Miriam são muito queridos e simpáticos, e parece que já se habituaram à ideia de que o seu Theo vai casar-se com uma

rapariga citadina e viver no céu.

O mercador que nos trouxe para Zagwa parou em Airhaven para se reabastecer de gás e combustível. Aproveitei para passar pelo banco e descobri que — adivinha? — estou rica! Tinha-me esquecido dos cinco mil que o Wolf Kobold nos pagara pela viagem a Londres, mas estava lá tudo, na conta do Jenny Haniver. Senti-me um pouco culpada por ficar com o dinheiro, mas acho que o ganhamos honestamente; afinal, levámos o Wolf a Londres como ele pedira, e não é nossa culpa que ele tivesse tentado devorá-la. Enfim, já gastei algum do dinheiro: comprei o meu dirigível, que está a ser vistoriado na doca de Zagwa neste preciso momento. E um Achebe 1000 convertido, e queremos batizá-lo Jenny Haniver II. Assim, quando voltarmos para casa, seremos mercadores por direito próprio; Ngoni & Natsworthy de Nova Londres, fornecedores de mobiliário Lev-Mag... O comércio começa a abrir-se de novo ao Oriente, agora que a Green Storm desapareceu e a nova Liga fez a paz com as cidades. Podemos até atravessar o oceano para a América, e visitar os meus velhos amigos e a minha velha casa em Anchorage-in-Vineland, e contar-lhes tudo o que aconteceu. E, claro, viremos frequentemente a Zagwa.

O Theo recebeu uma carta da Viúva Naga, o que foi muito atencioso da parte dela, quando pensamos no trabalho todo que ela tem com a nova Liga Antitração e com metade dos reinos das montanhas ainda coberta de cinzas. Ela conta que a minha mãe e o Senhor Shrike chegaram a Batmunkh Gompa com ela na noite anterior a Zhan Shan ter sido atingido e que eles salvaram o meu pai e fugiram no Jenny Haniver. Ela parece não saber para onde foram, nem porquê, mas os destroços queimados de um dirigível com motores Jeunet Carot foram encontrados mais tarde num vale no Erdene Shan. Ela diz que, se eu quiser, poderei lá ir, para apresentar os meus respetos no local onde eles morreram.

É amável da parte dela, mas não quero ir. Tenho a certeza de que os meus pais já morreram, mas mesmo que aqueles sejam os destroços do Jenny em Erdene Shan, não é lá que eles se encontram. Eles partiram. Ninguém sabe para onde e ninguém nunca saberá. Mas gosto de pensar que tomaram as Estradas dos Pássaros, a oeste do sol, para o outro lado

da lua, voando juntos para céus selvagens e aventuras maravilhosas. Às vezes, quase sem

querer, dou por mim a olhar para o céu, como se houvesse ainda uma parte de mim que espera ver o Jenny Haniver surgir por trás de uma nuvem ou de uma montanha, trazendo-os para casa...

E agora a luz foi-se, e a Lua esta a nascer, e ali vem o Theo, descendo a correr as escadas da casa para me dizer que o jantar esta pronto. Por isso, termino agora, e espero que esta carta te encontre em breve.

Com cumprimentos a todos em Londres,

Wren

Capítulo 54

Shrike No Mundo Vindouro

Shrike chegara tarde de mais. Correria como um fantasma pelas montanhas e chegara a Erdene Tezh mesmo antes do nascer do Sol, quando o céu por cima do lago parecia riscado com os rastros de estrelas-cadentes.

A casa já se encontrava em ruínas; cinzas e vigas queimadas; alguns fios de fumo branco flutuando pelo jardim. Num quarto cheio de máquinas carbonizadas, encontrou os restos da Caçadora Fang, e ajoelhou-se ao lado dela. A parte menos perfeita do cérebro dela, construída pelos Engenheiros, tinha deixado de funcionar, mas ele percebeu pequenos movimentos elétricos prestes a extinguir-se na outra, na região mais antiga. Desligou um dos fios do seu crânio e ligou-o a um portal no dela. As recordações da Caçadora começaram a murmurar-lhe, e a sua mente absorveu-as.

O Sol nasceu. Shrike voltou a sair para o jardim e, à luz da alvorada, viu Tom e Hester esperando-o junto à fonte. Não reparara neles à noite, porque os corpos estavam tão frios como as pedras onde jaziam.

Shrike ajoelhou-se ao lado deles e, com cuidado, extraiu a faca que Hester espetara no coração. A princípio, pensou que, se fosse rápido, podia ainda levá-la para Batmunkh Gompa e obrigar Oenone Zero a Ressuscitá-la. Mas quando começou a levantá-la viu que ela segurara a mão de Tom ao morrer, e que continuava firmemente agarrada a ela.

Se os Caçadores pudessem chorar, ele teria chorado naquele momento, porque percebeu que aquele era o fim certo para Hester, e que ela não iria querer que a separasse daquele vale tranquilo, nem do mortal que amara.

Então pegou nos dois. Quando percorria o passadiço, os corpos leves que transportava despertaram nele uma vaga recordação. Parou para perceber se era uma das que acabara de absorver de Anna Fang, mas não, era uma das suas. Há muito tempo, antes de ser Caçador, ele tivera filhos, e, quando estes estavam com sono, levava-os ao colo para a cama, e eles abandonavam-se flácidos e

pesados nos seus braços como Tom e Hester naquele momento.

A recordação era um fragmento; uma dádiva; um adiantamento daquele conhecimento do seu passado que Oenone Zero prometera lhe surgiria quando ele morresse. Mas isso iria ainda demorar muito tempo. Ele fora feito para durar.

Encontrou um lugar à entrada do vale onde um rio caía em cataratas brancas por um afloramento rochoso e onde crescia um carvalho enfezado. O sítio fez-lhe lembrar coisas que Hester lhe contara sobre a ilha perdida da sua infância. Aí pousou Hester e Tom, lado a lado, ainda de mãos dadas e com os rostos quase a tocar-se. Abrindo as garras pela última vez, tirou-lhes as roupas encharcadas, os cintos e as botas que eles não voltariam a precisar. Havia uma gruta baixa na base das rochas, e ele foi sentar-se lá dentro, observando e esperando, pensando no que encontraria para fazer num mundo sem Hester.

Naquela noite, dirigíveis desceram zumbindo para aterrar na ruína no meio do lago. Passado algum tempo, voltaram a partir.

Os dias voaram sobre o vale de Erdene Tezh. À inconstante luz do sol, Tom e Hester começaram a inchar e a escurecer sob a sua mortalha de moscas. Vermes e besouros alimentaram-se dos corpos, e pássaros desceram para lhes levar os olhos e as línguas. Depois o cheiro começou a atrair pequenos mamíferos, que tinham passado fome naquele verão sombrio.

Shrike não se mexeu. Desligou os seus sistemas um a um, deixando apenas os olhos e a mente despertos. Observou o surgimento da graciosa arquitetura dos esqueletos de Tom e Hester, com os crânios vazios encostados um ao outro como dois ovos num ninho de cabelos molhados. O inverno cobriu-os de neve; as chuvas da primavera lavaram-nos. A erva do verão seguinte cresceu espessa e verde por baixo deles, um pequeno carvalho brotou do cesto branco das costelas de Hester.

Shrike assistia a tudo enquanto os anos passavam por ele, verdes e brancos, verdes e brancos. Os pequenos ossos das mãos e dos pés dos mortais espalharam-se pela erva como dados; os ossos maiores foram revolvidos e ruídos por raposas; ficaram cinzentos e quebradiços e misturaram-se e tornou-se difícil distinguir a sua origem.

O rebento de carvalho transformou-se numa árvore, estendendo

uma copa de verde-vivo no verão que lançava sombras dançantes sobre Shrike; largava as galhas que se tornavam novos rebentos, que cresciam e envelheciam, envergavam barbas de líquenes, morriam e caíam e apodreciam, oferecendo as suas virtudes às raízes de árvores mais jovens que se espalhavam pela encosta até ao lago.

Shrike embrenhava-se cada vez mais na sua fuga. As estrelas desfocavam-se por cima dele; as estações piscavam-lhe. As árvores tornaram-se um bosque. Os ramos nus inalavam, exalavam folhas verdes, tornavam-se dourados, nus, inalavam.

Por fim, uma figura humana começou a piscar à sua frente, curvando-se repetidamente para lhe colocar qualquer coisa à volta do pescoço. Com um esforço profundo, ele começou a despertar; o piscar do dia e da noite tornando-se menos frenético à medida que o turbilhão de estações e séculos abrandava.

Uma manhã de verão. Luz verde brilhando através das folhas de um antigo bosque de carvalhos. Grinaldas de flores enfeitavam o torso de Shrike, e os restos de grinaldas mais antigas jaziam secos e desfeitos no seu colo musgoso. Os seus ombros estavam cobertos de fetos. Um pássaro fizera um ninho na curva do braço. De Tom e Hester nada restava senão um pouco de pó soprando entre as raízes nodosas das árvores.

Um rebanho de cabras atravessava o bosque. Os guizos que traziam ao pescoço tocavam baixinho. Um pequeno rapaz mortal entrou na gruta e ficou a olhar para Shrike, e uma rapariga, ainda mais pequena, entrou atrás dele. Tinham pele cor de ocre, olhos castanhos e cabelo preto coberto de poeira.

— OLÁ — disse Shrike. A sua voz estava mais ferrugenta e esgançada do que nunca. O rapaz fugiu, mas a rapariga ficou, falando-lhe numa língua que ele desconhecia. Depois, ela saiu e foi apanhar umas pequenas flores azuis no meio dos carvalhos e fez uma grinalda para Shrike. O irmão voltou, cauteloso, de olhos muito abertos. A rapariguinha trouxe um pouco de banha e esfregou-a nas articulações de Shrike. Ele mexeu-se. Levantou-se. Cascalho e excrementos de coruja caíram dele em cascata. Sacudiu-se para se livrar de teias de aranha, ninhos e musgo.

A rapariga deu-lhe a mão, e o irmão conduziu-os vale abaixo entre uma multidão de cabras balindo e tocando os guizos. Pararam

numa aldeia onde mortais adultos vieram olhar para Shrike, e tocar-lhe com paus e cabos de simples ferramentas agrícolas. Escutando as conversas animadas, Shrike começou a decifrar a língua. Eles julgavam que ele não passava de uma velha estátua; ali sentado na sua gruta. Tinham-lhe pendurado flores ao pescoço para dar sorte quando traziam as cabras para pastagens mais altas no verão. Faziam aquilo desde o tempo das mães das suas mães.

Shrike desceu então um caminho para uma estrada empedrada numa carroça, com as crianças ao lado. O Sol era mais vermelho do que ele se lembrava, o ar mais puro, o clima da montanha mais ameno. Havia uma vila ao fundo do vale coberto de árvores. Shrike perguntou-se se os seus novos amigos sabiam que as encostas de metal eram antigas lagartas de uma cidade móvel, que algumas das torres de vigia redondas e cor de ferrugem tinham sido rodas. Pareciam pessoas simples, e ele calculou que não tivessem quaisquer máquinas, mas quando transpôs as portas da vila viu delicadas naves aéreas de madeira e vidro subindo como libelinhas de altas torres de atracação de pedra. Discos prateados, como espelhos baços, giravam em torno de um eixo na base, e o ar por baixo deles ondulava como uma névoa de calor.

Eles levaram-no para um local de reuniões, um grande pavilhão no centro da vila. As pessoas amontoavam-se à sua volta para lhe fazerem perguntas. Que espécie de ser era ele? Quanto tempo estivera adormecido? Era um daqueles homens-máquinas das histórias antigas?

Shrike não tinha respostas. Fez perguntas. Se ainda havia algum lugar no mundo onde as cidades se deslocavam e caçavam e se devoravam. Os mortais riram-se. Claro que não, as cidades só se deslocavam em contos de fadas; quem iria querer viver numa cidade móvel? Era uma ideia de loucos!

— Para que serves? — perguntou um rapaz por fim, abrindo caminho para a frente da multidão. Shrike olhou para ele. Meditou por um momento, pensando em algo que o Doutor Popjoy dissera a Anna.

— SOU UMA MÁQUINA DE RECORDAÇÕES — respondeu.

— Que recordações?

— RECORDAÇÕES DO TEMPO DAS CIDADES DE TRAÇÃO. DE LONDRES E DE ARKANGEL; DE THADDEUS VALENTINE E DE

ANNA FANG. DE HESTER E TOM.

Os seus ouvintes pareciam confusos. Alguém perguntou:

— Quem eram esses?

— VIVERAM HA MUITO TEMPO. MAS, PARA MIM, PARECE QUE FOI ONTEM.

A rapariguinha que encontrara Shrike olhou para ele e pediu:

— Conta-nos! — À sua volta, as pessoas sorriram, e acenaram com a cabeça, sentando-se de pernas cruzadas, esperando para ouvir que histórias ele lhes trouxera do passado perdido. Elas gostavam de histórias. Por um momento, Shrike sentiu-se quase amedrontado. Não sabia por onde começar.

Sentou-se na cadeira que lhe trouxeram. Pôs a menina ao colo. Observou as partículas de pó dançando na antiga luz do sol que se derramava como mel das janelas compridas do pavilhão. Depois, voltou o rosto para os rostos expetantes dos mortais, e começou.

— ERA UM DIA ESCURO E TEMPESTUOSO DE PRIMAVERA — disse. — E A CIDADE DE LONDRES ANDAVA EM PERSEGUIÇÃO DE UMA PEQUENA CIDADE MINEIRA AO LONGO DO LEITO SECO DO ANTIGO MAR DO NORTE...

Agradecimentos

Este livro e os volumes anteriores da série teriam sido obras bastante diferentes não fossem a inspiração, os conselhos e os incentivos que o autor recebeu de Brian Mitchell, Leon Robinson, Liz Cross, Mike Grant e Gavin Wilson. Devo também os melhores agradecimentos às minhas editoras, Kirsten Stansfield, Holly Skeet e Katy Moran, e a todo o pessoal na Scholastic que tanto trabalhou para tornar a tetralogia dos *Engenhos Mortíferos* num êxito. Pela ajuda com alguns pormenores neste volume, agradeço a Alison Janzen e ao meu pai, Michael Reeve, que parece saber *tudo*. E obrigado, finalmente, ao Nick e ao Kjartan, que me permitiram usar os seus nomes.

Philip Reeve

Dartmoor, 2006